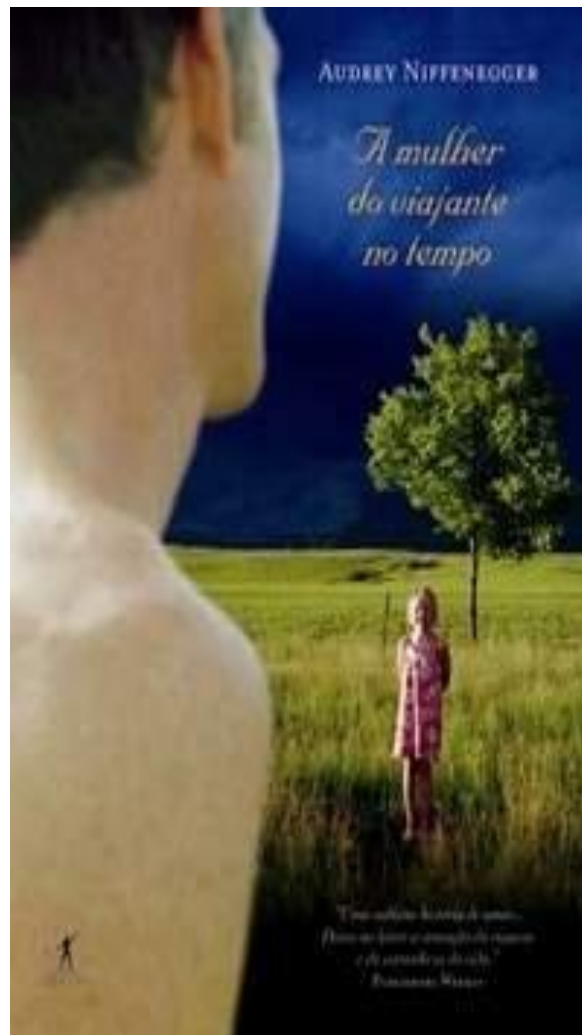


Audrey Niffenegger

A Mulher do Viajante do Tempo





PRÓLOGO

Clare: É duro ficar sempre atrás. Espero ao Henry; não sei onde está e me pergunto se se encontrará bem. É duro ser a que fica.

Mantenho-me ocupada. O tempo transcorre mais depressa desse modo.

Me vou dormir sozinha, e só me acordado. Dou passeios. Trabalho até me esgotar. Observo o vento brincar com os escombros que arrastam o inverno sob a neve.

Tudo parece simples até que pensa nisso. por que a ausência intensifica o amor?

Faz muito tempo os homens saíam ao mar, e as mulheres os esperavam, de pé junto à borda, escrutinando o horizonte para divisar o diminuto navio. Agora eu espero ao Henry. Ele se desvanece sem querer o, de repente. Eu o espero; e cada momento dessa espera o percebo como um ano, como uma eternidade. Cada momento resulta tão lento e transparente como o cristal. Através de cada instante posso ver infinitos instantes alinhados, aguardando. por que se partiu aonde eu não posso segui-lo?

Henry: O que se sente? O que se sente em realidade? Às vezes é como se sua atenção errasse durante tão solo um instante. Logo, com um sobressalto, dá-te conta de que o livro que sustentava, a camisa de algodão a quadros vermelhos com botões brancos, seus texanos negros favoritos e os meias três-quartos marrons que clareiam em um talão, a sala de estar, a bule que está a ponto de assobiar na cozinha... Tudo desapareceu. Está de pé, nu como Deus te trouxe para o mundo, metido até os tornozelos na água geadada de uma sarjeta situada à margem de uma estrada rural desconhecida. Aguarda um minuto com a esperança de voltar de repente para seu livro, a seu piso e a todas suas coisas. Durante uns cinco minutos blasfemas, treme e deseja por todos os demônios poder desaparecer; logo começa a caminhar em qualquer direção, para ir parar finalmente a uma granja, onde não tem outra opção que roubar ou te explicar. O roubo te conduz às vezes a prisão, mas te explicar resulta mais tedioso, e deve investir mais tempo nisso, o qual implica a fim de contas mentir, e em ocasiões também é a causa de que acabe dando com seus ossos no cárcere, assim... que diabos!

Há vezes em que se sente como se te tivesse posto em pé muito depressa apesar de estar jogado na cama, médio dormido. Ouve o sangue que flui e se precipita em sua cabeça, experimenta a sensação vertiginosa de estar caindo. Sente um comichão em mãos e pés, logo as extremidades desaparecem. Já tornaste a te posicionar no lugar errôneo. Solo se demora um minuto; tem-se o tempo suficiente de agüentar e debater-se (com o risco acrescentado de fazer-se danifico ou romper apreciadas posses), até que te desliza pelo corredor enmoquetado em uma cor verde bosque de um certo Motel 6 em Atenas, Ohio, às 4.16 da manhã, uma segunda-feira 6 de agosto de 1981, e te golpeia a cabeça contra a porta de alguém, o qual provoca que essa pessoa, uma tal senhora Tina Schulman, da Filadelfia, abra essa porta e comece a chiar porque há um homem nu e desvanecido a seus pés sobre o carpete queimado. Desperta conmocionado no hospital do condado, e com um policial sentado ao outro lado da porta, escutando o concurso do Phillies em um radiotransmissor que crepita. Por sorte, perde-te de novo na inconsciência e desperta horas depois em sua cama, junto a sua esposa, quem se inclina para ti com o rosto visivelmente preocupado.

Às vezes está eufórico. Tudo é sublime e as coisas revestem uma certa aura, mas, de repente, sente umas náuseas intensas e desaparece de novo. Sai disparado

para uns gerânios situados em um bairro residencial ou sobre as sapatilhas de tênis de seu pai, ou aterrisa no chão de seu quarto de banho três anos atrás, ou em um caminito de madeira do parque do Carvalho, em Illinois, ao redor de 1903, ou em uma pista de tênis em um precioso dia de outono da década de 1950, ou cai sobre seus pés descalços em uma ampla variedade de tempos e espaços.

O que se sente?

sente-se exatamente quão mesmo nesses sonhos nos que de repente nos damos conta de que temos que fazer um exame para o que não estudamos, estamos nus e, em cima, deixamo-nos a carteira em casa.

Quando me encontro aí fora, no tempo, invisto-me, permutado em uma versão se desesperada para mim mesmo. Converto-me em um ladrão, um merodeador, um animal que foge e se oculta. Assusto às anciãs e surpreendo aos meninos. Sou um truque, uma ilusão sofisticadíssima, incrível posto que, em realidade, existo.

Há alguma lógica, uma norma que rixa todas essas idas e vindas, toda essa dissociação? Acaso há um modo de controlá-lo, de abraçar o presente e cada uma das células? Não sei. Existem indícios; ao igual a em qualquer enfermidade há padrões que se repetem, possibilidades. Esgotamento, ruídos retumbantes, pressão, levantar-se de repente, uma luz lhe pisquem... Qualquer desses sintomas pode desencadear um episódio. Entretanto, posso estar lendo o Teme do domingo, com o café na mão e Clare dormitando junto a mim na cama e, de repente, aparecer em 1976, e lombriga com treze anos, enquanto curto a grama de meus avós. Alguns destes episódios só duram uns momentos; é como escutar uma rádio de carro que não consegue sintonizar uma emissora. Descubro-me entre a multidão, o público, a massa. Mas também me encontro freqüentemente solo em um campo, em uma casa, em um carro, uma praia, uma escola primária em metade da noite. Temo me achar na cela de um cárcere, um elevador cheio de gente, em meio de uma auto-estrada. Apareço de um nada, nu. Que explicação posso dar? Nunca fui capaz de me levar nada em minhas aventuras. Nem roupa, nem dinheiro, nem carteira de identidade. Me passado a maior parte da viagem conseguindo roupa e tentando me esconder. Por sorte, não levo óculos.

É irônico, em realidade. Os prazeres que mais eu gosto de são os caseiros: a comodidade da poltrona, a excitação sedativo da vida doméstica. Quão único desejo é desfrutar dos prazeres singelos: ler uma novela de mistério na cama, o aroma da juba avermelhada dourada do Clare, molhada e podada, receber uma postal de um amigo que está de férias, desfrutar com a visão da nata que se desfaz no café, a suavidade da pele sob os peitos do Clare ou a simetria das bolsas da compra dispostas sobre o mármore da cozinha, esperando a que as esvaziem. eu adoro perambular sem rumo fixo entre as estanterias da biblioteca, quando os chefes já se foram a casa, roçando os lombos dos livros. Estas são as coisas que me aguilhoam de saudade quando me vejo afastado delas por culpa dos caprichos do tempo.

E Clare, sempre Clare. Clare pela manhã, sonolenta e com o rosto crispado. Clare com os braços inundados dentro da Cuba para elaborar papel, extraindo o molde e sacudindo-o, uma e outra vez, para que as fibras se fundam. Clare lendo, com o cabelo caindo pelo respaldo da cadeira, aplicando-se nata com uma suave massagem pelas mãos avermelhadas e gretadas antes de ir-se à cama. A suave voz do Clare sempre ressona em meus ouvidos.

Ódio estar onde ela me falta, quando ela me falta. Não obstante, sou eu quem sempre parte, e ela não pode me seguir.

PRIMEIRA PARTE

O homem que escapava ao tempo

OH, não porque a sorte exista,
esse proveito prematuro de uma próxima perda.

Mas sim porque é muito estar aqui, e porque, na aparência, tudo o que é daqui nos necessita, essa fugacidade, que tão extrañamente nos incumbe. A nós, os mais fugazes.

... Ai, à outra condição,
o que se leva um ali? Não o olhar, aprendido-o
aqui com tanta lentidão. Nem nada do ocorrido aqui. Não, nada.
Possivelmente, pois, os dores. E também, sobre tudo, o que oprime,
possivelmente a larga experiência do amor, possivelmente
tão solo o inexprimível.

Rainer María Rilke,
"Escolhia novena", de Elegia do Duino;
tradução do Jenaro Talens

Primeira entrevista, um

Sábado 26 de outubro de 1991

Henry tem 28 anos, e Clare 20

Clare: Faz afresco na biblioteca, e cheira a limpador de carpetes, apesar de que observo que o estou acostumado a é de mármore. Assino no listrado de visitantes:
"Clare Abshire, 11.15, 26/10/91, Antologias especiais". Nunca tinha estado na biblioteca Newberry, e agora que transpassei a escura e assustadora entrada, estou nervosa. A biblioteca me inspira a mesma sensação que a de uma manhã de Natal, como se se tratasse de uma enorme caixa cheia de preciosos livros. O elevador está pouco iluminado, e resulta surpreendentemente silencioso. Detenho-me no terceiro piso e cheio um formulário para solicitar o carteira de sócia, logo subo ao departamento de Antologias Especiais. Os saltos de minhas botas repicam no chão de madeira. A sala está em silêncio e abarrotada de gente, repleta de sólidas e robustas mesas com montões de livros em cima e leitores em torno delas. A luz matutina e outonal de Chicago brilha e penetra pelos altos ventanales. Aproximo-me do mostrador e coxo uns quantos papelitos de solicitude. Estou escrevendo um trabalho para a classe de História da Arte. Meu tema de investigação é o Chaucer do Kelmscott Press. vou procurar o livro e cheio um papelito para pedi-lo; mas também quero consultar textos sobre a confecção do papel no Kelmscott. O catálogo é confuso. Retorno ao escritório para pedir ajuda. Enquanto lhe explico à mulher que me atende o que intento localizar, ela joga uma olhada por cima de meu ombro e adverte a alguém que acontece mim.

-Possivelmente o senhor DeTamble possa me ajudá-la diz.

Dou-me a volta, disposta a repetir minha explicação, e me encontro cara a cara com o Henry.

Fico sem fala. Frente a mim tenho ao Henry, tranqüilo, vestido e mais jovem que nunca. Henry trabalha na biblioteca Newberry, e está de pé, diante de mim, nesse momento. No presente. Sinto-me mais feliz que umas páscoas. Henry me olhe com paciência, com expressão desconcertada, mas conserva a compostura.

-Posso ajudá-la em algo?

-Henry! -Logo que posso conter o impulso de lhe lançar os braços ao pescoço. É óbvio que não me viu em toda sua vida.

-Conhecemo-nos? Sinto muito, eu não... -Henry olhe a seu redor, preocupa-lhe que os leitores e seus colegas se fixem em nós. Rebusca em sua memória e se precave de que uma parte futura de si mesmo conheceu a esta garota feliz e radiante que segue em pé ante ele. A última vez que o vi foi no prado, quando estava me chupando os dedos dos pés.

Intento lhe explicar a situação.

-Meu nome é Clare Abshire. Conheci-te quando era uma menina...

Não sei como reagir, porque estou apaixonada por um homem que está diante de mim e entretanto ele não guarda nenhuma lembrança de minha pessoa. No que a ele respeita, tudo se convoca no futuro. Entram-me vontades de rir pelo estranho da situação. Tudo o que sei do Henry há anos me transborda, enquanto ele me olhe perplexo e temeroso: Henry, com as calças velhas de pescar de meu pai me perguntando com paciência as pranchas de multiplicar, os verbos em francês e as capitais dos estados; Henry rendo por alguma comida estranha que a meus sete anos considerei idônea para levar-lhe ao prado; Henry com smoking, desabotoando-os gêmeos da camisa com mãos trementes o dia que fiz dezoito anos. Esse Henry está aqui mesmo, nesse preciso momento!

-Vêem tomar um café comigo, para jantar O... o que queira.

Não fica outra opção que responder que sim, esse Henry que me ama no passado, deverá me amar agora e no futuro por reverberação, como o chiado de um morcego procedente de outros tempos. Para meu imenso alívio, responde afirmativamente, e ficamos de nos encontrar de noite em um restaurante tailandês das imediações, tudo sob o olhar incrédulo da mulher que segue depois do mostrador. Logo me parto; esqueci ao Kelmscott e Chaucer. Baixo como se flutuasse pelas escadas de mármore que dão ao vestíbulo para sair ao sol de outubro de Chicago e me afasto correndo pelo parque, espantando perritos e esquilos, gritando de felicidade.

Henry: É um dia de outubro como outro qualquer, ensolarado e frio, tonificante. Estou trabalhando na habitação sem janelas, em uma atmosfera sem umidade, que há no quarto piso do Newberry, catalogando uma coleção de papéis marmolados que doaram recentemente. Os papéis são preciosos, mas a catalogação resulta muito pesada, aborreço-me e compadeço minha sorte. De fato, sinto-me velho, velho como solo um tipo de vinte e oito anos pode sentir-se depois de haver-se passado acordado quase toda a noite bebendo um vodca mau e caro e tentando, sem êxito algum, combinar como antes com o Ingrid Carmichel. Passamo-nos toda a noite brigando, e agora nem sequer recordo o porquê. A cabeça me martillea. Preciso tomar um café. Sotaque os papéis marmolados em um estado de caos controlado e passo pelo despacho e junto ao mostrador do bedel que há na sala de leitura. Detenho-me, não obstante, para ouvir a voz do Isabelle que diz:

-Possivelmente o senhor DeTamble possa ajudá-la. -O que significa: "Henry, rato asqueroso, para onde crie que te escorre?". Essa garota alta e magra, com o cabelo cor âmbar e assombrosamente formosa se volta e me olhe como se eu fora seu redentor pessoal. Dá-me um tombo o coração. É óbvio que me conhece, apesar de que eu não a conheço de nada. Só Deus sabe o que devo haver dito, feito ou prometido a essa luminosa criatura. portanto, vejo-me obrigado a dizer em minha melhor língua do país dos bibliotecários:

-Posso ajudá-la em algo?

A garota pronuncia meu nome quase sem fôlego, desse modo tão evocador que me convence de que em algum momento vivemos uma história surpreendente. O qual não contribui absolutamente a mitigar o fato de que o desconheça tudo dela, inclusive seu nome.

-Conhecemo-nos? -aventuro-me a lhe perguntar.

Isabelle me dedica um olhar que significa "Imbecil!", mas a garota me diz que se chama Clare Abshire, e que me conheceu quando era pequena. Logo me convida para jantar. Eu aceito, conmovido. Sorri-me de brinca a orelha, embora vá barbear, tenho ressaca e não me encontro em um de meus melhores momentos. ficamos para ir jantar essa mesma noite no Beau Thai, e Clare, depois de assegurar-se de que irei à entrevista, sai da sala de leitura como uma exalação.

Enquanto estou no elevador, sinto uma ligeira vertigem e me dou conta de que uma boa parte de minha vida futura em chave de bilhete de loteria ganhador me encontrou de algum modo aqui, no presente, e começo a rir. Atravesso o vestibulo, e enquanto baixo correndo as escadas que conduzem à rua, vejo o Clare que se apressa por Washington Square saltando e chiando, e eu estou a ponto de chorar e não sei por que.

Essa mesma noite, algo mais tarde

Henry: Às seis da tarde saio do trabalho e roda de pessoas para casa para tentar parecer um pouco mais atrativo. Meu lar nessa época é um minúsculo estudo cujo aluguel é exagerado, situado no North Dearborn, e no que não cesso de me golpear contra paredes, superfícies e móveis inoportunos. Passo número um: abro as mil e uma fechaduras da porta do apartamento, entro como uma bala na sala de estar, que faz as vezes de dormitório, e me Quito a roupa. Passo número dois: ducha e barbeado. Passo número três: contemplo sem esperança alguma o fundo de meu armário, e vou dando conta de que não tenho nenhuma sozinho objeto completamente limpa. Descubro entretanto uma camisa branca que ainda guardo na bolsa da tinturaria. Dito então me pôr o traje negro, os sapatos de ponteira e a gravata azul pálido. Passo número quatro: com o conjunto posto, precavo-me de que pareço um agente do FBI. Passo número cinco: jogo uma olhada a meu redor e advirto que o estudo é um caos. Dito que evitarei trazer para o Clare a meu apartamento esta noite, se tal coisa fora possível. Passo número seis: me Miro no espelho de corpo inteiro do banho e contemplo a um indivíduo anguloso, com o olhar extraviado, de um metro e oitenta e cinco centímetros de estatura, com o aspecto de um Egon Schiele de dez anos, com camisa limpa e traje de diretor de funerária. Pergunto-me com que classe de indumentária me terá visto esta mulher, dado que é evidente que não venho do futuro e apareço em seu passado levando roupa própria. Disse acaso que era uma menina? Um sem-fim de perguntas sem resposta aflora em meu pensamento. Detenho-me e tomo fôlego durante um minuto. Muito bem. Coxo a carteira e as chaves, e à rua: fecho os centenaes de fechaduras, desço no pequeno e extravagante elevador, compro- rosas ao Clare na

loja do vestibulo e caminho as duas maçãs que há até o restaurante em um tempo recorde, embora não consigo evitar chegar com cinco minutos de atraso. Clare já está sentada no reservado e parece aliviada quando me vê. Saúda-me com a mão, como se estivesse em um desfile.

-Olá -lhe digo.

Clare leva um vestido de veludo cor veio e umas pérolas. Parece um Botticelli ao estilo do John Graham: enormes olhos cinzas, nariz largo e boquilha delicada de gueixa. Tem o cabelo avermelhado e comprido, desce-lhe pelos ombros e lhe chega até meia costas. Clare é tão pálida que parece uma figura de cera à luz das velas.

-São para ti -lhe digo lhe dando as rosas.

-Obrigado -responde Clare, agradada de um modo absurdo. Me olhe e adverte que me sinto confuso por sua reação-. Nunca me tinha agradável flores.

Deslizo-me no reservado, e me sinto frente a ela. Estou fascinado. Esta mulher me conhece, a mim; e não em qualidade de conhecida ocasional de minhas futuras hégras. A garçonete aparece e nos entrega as cartas.

-me conte -lhe exijo.

-O que?

-Tudo. Quero dizer, compreende por que não te conheço? Sinto muitíssimo o de antes...

-OH, não. Não deveria lamentá-lo. Refiro-me a que sei... Já conheço as razões. -Clare baixa o tom de voz-. É porque para ti nada disto aconteceu ainda, mas para mim, bom..., eu faz muito tempo que te conheço.

-Quanto?

-Uns quatorze anos. A primeira vez que te vi eu tinha seis anos.

-Caray! Vê-me muito freqüentemente ou só de vez em quando?

-A última vez me disse que trouxesse isto ao jantar, em nossa próxima entrevista. -Clare me mostra um jornal infantil de cor azul clara-. Toma-o, pode ficar o Lo abro por la página marcada con un trozo de papel de periódico. Esa página, en la que aparecen dos cachorros de cocker spaniel acechando desde el extremo superior derecho, es una lista de fechas. Empieza el 23 de septiembre de 1977 y termina unas dieciséis páginas después, pequeñas, azules y con ilustraciones de cachorros, el 24 de mayo de 1989. Las cuento. Hay ciento cincuenta y dos fechas, escritas con gran esmero en el largo y abierto método Palmer y con un bolígrafo de tinta azul propios de una niña de seis años.

Abro-o pela página marcada com uma parte de papel de periódico. Essa página, em que aparecem dois cachorrinhos de cocker spaniel espreitando do extremo superior direito, é uma lista de datas. Começa em 23 de setembro de 1977 e termina umas dezesseis páginas depois, pequenas, azuis e com ilustrações de cachorrinhos, em 24 de maio de 1989. As conto. Há cento e cinquenta e duas datas, escritas com grande esmero no comprido e aberto método Palmer e com uma caneta de tinta azul próprios de uma menina de seis anos.

-Escreveu você a lista? São exatas as datas?

-Em realidade foi você quem me ditou isso. Disse-me faz uns anos que tinha memorizado as datas a partir desta lista. Por conseguinte, não adivinho a razão precisa de sua existência; quero dizer que parece uma espécie de cinta do Möbius. Agora bem, são precisas. Eu as utilizava para saber quando baixar ao prado para me encontrar contigo. En aquele momento retorna a garçonete e pedimos Tom Kha Kai para mim e Gang Mussaman para o Clare. Um garçom nos traz chá e eu o sirvo nas taças.

-O que é o prado? -Quase dou saltos da excitação. Nunca tinha conhecido a ninguém que formasse parte de meu futuro, e muito menos um Botticelli que se reuniu comigo cento e cinquenta e duas vezes.

-O prado forma parte da propriedade que meus pais têm em Michigan. Em um de seus extremos há um bosque, e a casa se encontra no lado oposto. No centro, mais ou menos, há uma clareira de uns três metros de diâmetro com uma grande rocha, e se estiver nesse claro, ninguém pode verte da casa porque o terreno se eleva para afundar-se logo. Eu estava acostumado a ir ali porque eu gostava de jogar sozinha, e pensava que todos ignoravam onde me encontrava. Um dia, quando estava em primeiro, cheguei da escola e fui ao claro. Aí é onde te conheci.

-Nu como Deus me trouxe para o mundo, e certamente vomitando.

-De fato, parecia controlar muito bem a situação. Lembrança que sabia meu nome, e que te desvaneceu de um modo muito espetacular. Entretanto, se o considerarmos de forma retrospectiva era evidente que já tinha estado ali antes. Acredito que a primeira vez que apareceu no prado foi em 1981. Eu tinha dez anos, e você não parava de dizer: "OH, Meu deus!", sem deixar de me olhar fixamente. Além disso, te via aterrorizado por sua nudez, claro que naquela época eu dava virtualmente por descontado que esse homem maior e nu apareceria como por arte de magia procedente do futuro e me pediria roupa. -Clare sorri-. E também comida.

-O que é o que te diverte tanto?

-Durante todos esses anos te preparei umas comidas muito estranhos. Sanduíches de manteiga de amendoim e anchovas. Crackers Ritz com patê e beterraba. Acredito que em parte pretendia comprovar se foi capaz de comer algo do que eu te trazia, mas também tentava te impressionar com minha sabedoria culinária.

-Que idade tinha eu?

-Acredito que te terei visto com quarenta e pico. Como mínimo... Não estou tão segura; uns trinta possivelmente? Quantos anos tem agora?

-Vinte e oito.

-Parece muito jovem. Durante os últimos anos tiveste pouco mais de quarenta, e parecia que sua vida era bastante dura... É difícil dizê-lo. Quando é pequena, todos os adultos lhe parecem grandes, e velhos.

-me diga, o que fazíamos no prado? É muitíssimo tempo para passá-lo em um só lugar.

Clare sorri.

-Fazíamos muitas coisas. Variavam em função de minha idade, e do clima também. Passava muito momento me ajudando com os deveres. Jogávamos; mas sobre tudo falávamos de coisas. Quando era muito pequena, acreditava que foi um anjo e lhe fazia muitas perguntas sobre Deus. Já de adolescente, tentei que me fizesse o amor, e você nunca quis, o qual é obvio me voltou muito resolutiva respeito ao tema. Acredito que, de algum modo, pensava que foste envilecer me sexualmente. Em certo sentido foi muito paternal.

-Ah, já. É possível que isso fora o mais indicado mas, em qualquer caso, nestes momentos não quero que pense em mim de um modo paternal.

Nossos olhos se encontram. Ambos sorrimos e selamos nossa cumplicidade.

-O que me diz do inverno? Os invernos em Michigan são muito duros.

-Estava acostumado a te esconder no porão; a casa possui um enorme com várias habitações, uma das quais faz as funções de trastero, e a caldeira está ao outro

lado da parede. Chamamo-la a sala de leitura, porque aí guardamos todas as revistas e os livros velhos que já não servem. Em uma ocasião em que te encontrava abaixo, desencadeou-se uma grande tormenta de neve e ninguém foi à escola nem ao trabalho; pensei que me voltaria louca tentando te levar comida, porque não havia muitos mantimentos em casa. Etta devia ir ao loja de comestíveis o dia que caiu a tormenta. portanto, ficou encerrado lendo velhos exemplares do Reader's Digest durante três dias e comendo sardinhas e macarrão.

-Uma dieta um pouco salgada, que seguro que a desfrutei enormemente. -Nesse momento chega nossa comida-. Aprendeu a cozinhar?

-Não, não acredito que possa presumir de saber cozinhar. Nell e Etta enlouqueciam quando me metia na cozinha para fazer algo que não fora agarrar uma Coca-cola, e desde que transladei a Chicago não tenho a ninguém que cozinhe para mim; vamos, que me faltou o estímulo para me pôr a isso. A verdade é que estou muito ocupada com a faculdade, assim que fico comendo ali. -Clare prova seu curry-. Está muito bom.

-Quais são Nell e Etta?

-Nell é nossa cozinheira -explica Clare sorrindo-. Nell é como o cordon bleu de Detroit; é como Aretha Franklin se se convertesse na Julia Child. Etta é nossa governanta e a que cuida de todos os detalhes da casa. Em realidade, é uma espécie de mãe; quero dizer que a minha é..., bom..., Etta sempre está aí quando a necessita, é alemã e muito estrita, mas muito cálida, e minha mãe é como se sempre tivesse a cabeça nas nuvens, entende?

Assento com a boca cheia de sopa.

-Ah!, também está Peter -acrescenta Clare-. É o jardineiro.

-Vá! Sua família dispõe de serviço, algo ao que eu não estou precisamente acostumado. Quanto a mim... conheci a alguém de sua família?

-Conheceu a avó Meagram antes de que morrera. Foi a única pessoa a quem lhe falei de ti. naquela época já estava bastante cega. Compreendeu que nos casaríamos e quis te conhecer.

Deixo de comer e Miro ao Clare. Ela sustenta o olhar, serena, Angélica, cômoda consigo mesma.

-Casaremo-nos?

-Suponho que sim. Faz anos que me conta que na época da que vem está casado comigo.

É muito. Isto é muito. Fecho os olhos e obrigo a não pensar em nada; quão último desejo é desaparecer neste momento.

-Henry? Henry, está bem? -Noto que Clare se desliza no assento do lado. Abro os olhos e vejo que agarra minha mão com força entre as suas. Se as Miro e advirto que são as mãos de uma trabalhadora, duras e gretadas-. Henry, sinto muito. É que não consigo me acostumar. É tão diferente... Quero dizer que durante toda minha vida você foste o único que sabia tudo, e eu, de algum modo, esqueci que esta noite possivelmente deveria ter ido mais devagar. -Clare sorri-. Em realidade, o último que me disse antes de partir foi: "Tenha piedade, Clare". O disse como se pronunciasse uma entrevista, e agora que penso nisso acredito adivinhar que me citava .

Minhas mãos seguem entre as suas, e me olhe com desejo, com amor. Sinto-me profundamente humilde.

-Clare.

-me diga.

-Poderíamos retroceder? Poderíamos fingir que estamos vivendo nossa primeira entrevista como se fôssemos duas pessoas normais?

-De acordo. -Clare se levanta e volta a ocupar seu lugar na mesa. sinta-se reta e tenta não sorrir.

-Humm, muito bem. Vejamos... Sim... Ah... Clare, me conte algo de ti. Tem afeições?, animais domésticos?, tendências sexuais pouco correntes?

-Descobre-o você mesmo.

-Bem. Vejamos... A que faculdade vai? O que está estudando?

-Estudo na faculdade de Belas artes; estudei escultura e agora começo com a elaboração de papel.

-Fantástico. Como é seu trabalho?

Pela primeira vez Clare parece incômoda.

-É um pouco... Como te diria..., grande; e tem que ver com os pássaros... -Desvia o olhar para a mesa e tomada um sorvo de chá.

-Com os pássaros?

-Bom, em realidade eu diria que mas bem se trata da saudade.

Segue sem me olhar, assim mudança de tema.

-me conte mais coisas de sua família.

-De acordo. -Clare se relaxa e sorri-. Bem. Minha família vive em Michigan, perto de um pueblecito que se chama South Haven e que está junto a um lago. Nossa casa se encontra em uma zona que não está integrada no povo. Em sua origem pertenceu aos pais de minha mãe, os avós Meagram. Meu avô morreu antes de que eu nascesse, e minha avó viveu conosco até sua morte. Eu tinha dezessete anos. Meu avô era advogado e meu pai também o é; conheceu minha mãe quando começou a trabalhar para o avô.

-Quer dizer, que se casou com a filha do chefe.

-Sim; embora às vezes me pergunto se no fundo não se casaria com a casa do chefe. Minha mãe é filha única, e a casa é incrível; aparece em um montão de livros sobre o movimento Arts and Crafts.

-Tem algum nome? Quem a construiu?

-chama-se Casa Cotovia do Prado, e a construiu Peter Wyns em 1896.

-Caray! Vi fotografias da casa. Fez-a construir um membro da família Henderson, verdade?

-Sim. Foi um presente de bodas que fizeram a Mary Henderson e Dieter Bascombe. divorciaram-se dois anos depois de haver-se instalado; então venderam a casa.

-Uma casa de pijos.

-Minha família é pija e também muito excêntrica.

-Tem irmãos?

-Mark tem vinte e dois anos e está terminando direito no Harvard. Alicia tem dezessete e acaba o instituto este ano. Touca o violoncelo. -Percebo um tom de afeto quando fala de sua irmã, e uma certa monotonia em sua voz quando, em troca, refere-se ao irmão.

-Não te leva bem com seu irmão?

-Mark é igual a papai. Aos dois gosta de ganhar, dizer a última palavra.

-Sabe? Eu sempre invejo às pessoas que tem irmãos, embora não se levem muito bem.

-É filho único?

-Sim; mas não foi você quem sabia tudo de mim?

-Para falar a verdade, sei tudo, e não sei nada. Sei qual é seu aspecto sem roupa, mas até esta tarde desconhecia seu nome completo. Sabia que vivia em Chicago, mas não sei nada de sua família, salvo que sua mãe morreu em um acidente de carro quando tinha seis anos. Sei que poses muitos conhecimentos de arte e que falas francesa e alemã com soltura, mas não tinha nem idéia de que fosse bibliotecário. Fez o impossível para que eu não te encontrasse no presente; disse que aconteceria no momeno indicado, e agora estamos aqui.

-Aqui estamos, sim. Enfim, minha família não é pija; são músicos. Meu pai é Richard DeTamble e minha mãe era Annette Lyn Robinson.

-Ah, a cantor!

-Exato. Ele é violinista; toca na Orquestra Sinfônica de Chicago, mas não conseguiu chegar tão alto como ela. É uma pena, porque meu pai é um violinista maravilhoso. depois de que minha mãe morrera, não lhe chegava a camisa ao corpo.

Trazem-nos a nota. Nenhum dos dois comeu grande coisa, mas ao menos não me interessa a comida nesse preciso instante. Clare agarra o moedeiro, e eu se o límpido com um gesto de negação. Pagamento; partimo-nos do restaurante e nos detemos no Clark Street, sob a preciosa noite outonal. Clare leva uma espécie de jaqueta de ponto azul, muito elaborada, e um cachecol de pele; eu esqueci o sobretudo, e estou tiritando.

-Onde vive? -pergunta-me Clare.

Vá, problema à vista.

-Vivo a duas maçãs daqui, mas meu estudo é diminuto e o deixei feito uma leonera. E você?

-No Roscoe Village, no Hoyne; mas tenho uma companheira de piso.

-Se vier a minha casa, terá que fechar os olhos e contar até mil. Ao melhor sua companheira de piso é surda e nada inquisitiva.

-Não tenho essa sorte. Nunca levo a ninguém a casa; Charisse saltaria sobre ti e te cravaria lascas de bambu sob as unhas até te fazer cantar.

-Seria fantástico que me torturasse alguém chamado Charisse, mas já vejo que não compartilha meus gostos. Sobe a meus aposentos.

Caminhamos em direção norte seguindo a rua. Ao chegar à adega da rua Clark, mudança de rumo para entrar em comprar uma garrafa de vinho. Quando retorno, Clare está surpreendida.

-Acreditava que lhe tinham proibido beber.

-Ah, sim?

-O doutor Kendrick era muito estrito no tema.

-Quem é?

Caminhamos devagar, porque Clare leva uns sapatos que não são nada práticos.

-É seu médico; um grande perito em cronoafecciones.

-Se não te explicar melhor...

-Não sei grande coisa do tema. O doutor David Kendrick é um geneticista molecular que descobriu... que descobrirá por que as pessoas sofrem cronoafecciones.

É algo genético, que ele revelará no ano 2006 -diz Clare, suspirando-. Suponho que ainda é muito logo. Em uma ocasião me contou que haverá muitas mais pessoas cronoafectadas dentro de dez anos.

-Nunca tinha ouvido que alguém, além de mim, padecesse essa... afecção.

-Suponho que embora te encontrasse com o doutor Kendrick neste mesmo instante, não poderia te ajudar. Além disso, se ele tivesse sido capaz de te emprestar sua ajuda, nunca nos teríamos conhecido.

-Não pensemos nisso.

chegamos ao vestíbulo de minha casa. Clare entra primeira no diminuto elevador. Fecho a porta e pressiono o número onze. Ela cheira a roupa velha, sabão, suor e peles. Pausa profundamente. O elevador se detém com um estalo metálico em minha planta, liberamo-nos dele e caminhamos pelo estreito corredor. Empunho o molho de chaves, abro até a enésima fechadura e a porta range levemente ao entreabrir-se.

-As coisas pioraram desde a hora de jantar. Terei que te enfaixar os olhos. -Clare estala em risitas enquanto deixo o vinho e me Quito a gravata. Se a passo pelos olhos e a ato com força, lhe fazendo um nó à altura de sua nuca. Abro a porta, guio-a para o interior do apartamento e a sinto em uma poltrona-. Muito bem, agora começa a contar.

Clare conta. Eu me apresso a recolher a roupa interior e os meias três-quartos do chão, a me levar as colheres e as taças de café que há nos diversos suportes horizontais à cozinha, a atirá-lo tudo à pia. Quando diz "novecentos e sessenta e sete", retiro-lhe a atadura dos olhos. Já converti o sofá cama, que agora se mostra em sua forma diurna, em um sofá propriamente dito, e me sinto em cima.

-Veio, música, velas?

-Sim, por favor.

Levanto-me e acendo as velas. Quando termino, apago a luz do teto e na habitação dançam lucecitas. Tudo tem melhor aspecto. Ponho as rosas em um vaso com água, localizo o saca-rolha, abro a garrafa e sirvo duas taças de vinho. Ao cabo de um instante, ponho o CD do EMI que gravou minha mãe e no que canta Feder do Schubert e sob o volume.

Meu apartamento consta basicamente de um sofá, uma poltrona e uns quatrocentos livros.

-É precioso -diz Clare.

levanta-se e volta a sentar-se no sofá. Eu me acomodo junto a ela. É um momento tranquilo; limitamo-nos a estar sentados e a nos contemplar mutuamente. A luz das velas pisca no cabelo do Clare. Ela aproxima uma mão a minha bochecha.

-eu adoro verte. Começava a me sentir sozinha.

Atraio-a para mim. Beijamo-nos. É um beijo muito... compatível, um beijo produto de uma larga associação, e me pergunto que coisas devemos ter feito nesse prado da casa do Clare, mas aparto a idéia de meu pensamento. Nossos lábios se separam; em geral, e ao chegar a esse ponto, estaria considerando o modo de me abrir caminho entre as distintas fortalezas da indumentária; entretanto, inclino-me para trás e me estiro no sofá, agarro ao Clare por debaixo dos braços e tiro dela, até obrigá-la a tornar-se a meu lado. O vestido de veludo a volta escorregadia, e ela repta no espaço que medeia entre meu corpo e o respaldo do sofá, como uma enguia de veludo. Me olhe de frente, e o braço do sofá sustenta meu peso. Posso notar a longitude de seu corpo pressionado contra o meu através do magro tecido. Uma parte de mim morre por lhe saltar em cima, lambê-la e inundar-se nela, mas me sinto esgotado e sobressaltado.

-Pobre Henry.

-por que "pobre Henry"? A alegria me transborda -lhe digo sinceramente.

-Bom... Lancei-te um montão de surpresas em cima, como se fossem rochas enormes.

Clare balança uma perna sobre mim até que fica sentada exatamente sobre meu sexo, que concentra do todo minha atenção.

-Não te mova -lhe digo.

-De acordo. Acredito que esta noite está resultando do mais divertida. Refiro-me a que é certo aquilo de "saber é poder". Por outro lado, sempre sentei curiosidade por descobrir onde vivia, pela roupa que levava e por saber a que te dedicava para ganhar a vida.

-Voilà -exclamo. Deslizo minhas mãos sob seu vestido e percorro suas coxas. Leva meias e liguero. Minha garota perfeita-.Clare?

-Oui.

-Acredito que é uma pena apurá-lo tudo de um só golpe. Quero dizer que esperar um pouco não lhe fará mal a ninguém.

Clare se sente envergonhada.

-Sinto muito, de verdade; mas é que em meu caso estive esperando durante anos. Além disso, não é como um bolo... que lhe come isso e se acabou.

-Agarra o bolo e comete-o.

-Esse é meu lema. -Sorri, com um sorriso ladino, logo que esboçada, e lança seus quadris para diante e para trás um par de vezes.

Sei que minha ereção é sem dúvida o bastante potente para cavalgar em alguma dos rodeios mais terroríficas da Magnífica a América sem pais à vista.

-Acostuma a te sair com a tua, verdade?

-Sempre. Sou terrível. Salvo que você te mostraste quase sempre imune a minhas artimanhas. Sofri atrozmente sob seu regime de verbos franceses e jogos de damas.

-Suponho que deveria me consolar o fato de que meu eu futuro possuirá ao menos certas armas para te subjugar. Faz isto com todos os meninos?

Clare está ofendida; e posso assegurar que de maneira genuína.

-Nem me ocorreria fazer este tipo de coisas com "meninos". Que idéias mais desagradáveis lhe ocorrem! -Desabotoa-me a camisa-. meu Deus! É tão jovem...

Belisca-me os mamilos com força. A mierda a virtude. Já tenho descoberto o mecanismo de seu vestido.

À manhã seguinte

Clare: Me acordado e não sei onde estou. Vejo um teto desconhecido. Ouço o tráfico distante. Há uma livraria. Uma poltrona azul com meu vestido de veludo atravessado e a gravata de um homem em cima do vestido. Então me lembro. Volto a cabeça e vejo o Henry. É tão singelo, como se o tivesse feito toda minha vida. Dorme descuidado, em uma torção impossível, como se tivesse sido transportado a uma praia, com um braço sobre os olhos para proteger-se da claridade da manhã, e seu largopelo negro esparramado sobre o travesseiro. É tão singelo. Estamos aqui. No momento presente, agora, ao fim.

Saio da cama, que também faz as vezes de sofá, com cuidado. Os moles rangem quando me ponho em pé. Não fica muito espaço entre a cama e a livraria, e tenho que acontecer lado até que consigo chegar ao saguão. O banho é minúsculo. Sinto-me como Alicia no País das Maravilhas, que cresceu até alcançar um tamanho enorme e se vê obrigada a tirar o braço pela janela para poder dá-la volta. O pequeno radiador lavrado deixa escapar uns ruídos metálicos causados pelo calor. Faço um pis, e me lavo as mãos e a cara; então me dou conta de que há duas escovas de dentes no suporte de porcelana branco.

Abro o estojo de primeiro socorros. Cuchillas e nata de barbear, Listerine, Tylenol, loção pós-barba, um gude azul, um palito e desodorante na prateleira superiora. Nata para as mãos, almofadas, um estojo de diafragma, desodorante, pintalábios, um frasco de multivitaminas e um tubo de espermicida na prateleira inferior. O pintalábios

é de um vermelho muito intenso.

Fico de pé, com o pintalábios na mão. Sinto-me um pouco enjoada. Pergunto-me que aspecto terá ela, como se chamará. Não sei quanto tempo levam saindo. Suponho que o suficiente. Devolvo o pintalábios a seu sítio e fecho o estojo de primeiro socorros. Contemplo-me no espelho, o rosto lívido, o cabelo alvoroçado. "Bem, seja quem é, agora sou eu quem está aqui. Possivelmente forme parte do passado do Henry, mas eu sou seu futuro." Sorrio ante minha imagem, e meu reflexo me devolve uma careta. Tomo emprestado o penhoar de toalha branco do Henry que pendura da porta do banho. Tiro do objeto e no mesmo varal aparece uma bata de seda azul claro. Sem saber exatamente por que, levar seu penhoar faz que me sinta melhor.

Retorno à sala e Henry segue dormindo. Alcanço o relógio, que está sobre o suporte da janela, e vejo que solo são seis e meia. Entretanto estou muito inquieta para voltar para a cama. Dirijo-me para a diminuta cozinha em busca de café. Todas as superfícies e os queimadores estão talheres de montões de pratos, revistas e material diverso de leitura. Inclusive há um meia três-quartos na pia. Dou-me conta de que Henry deveu embuti-lo tudo dentro da cozinha ontem de noite, sem ordem nem concerto. Sempre supus que Henry era muito ordenado; mas agora fica claro que é dessas pessoas que podem ser pesadas no que concerne a seu aspecto pessoal e, entretanto, são secretamente descuidadas em todo o resto. Encontro café na geladeira, descubro onde guarda a cafeteira e a ponho em marcha. Enquanto espero que o café saia, examino a livraria do Henry.

Este é o Henry que eu conheço. Escolhia, canções e sonetos, do Donne. Doutor Faustus, do Christopher Marlowe. Almoço ao nu. Anne Bradstreet e Immanuel Kant. Barthes, Foucault, Derrida. Cantos de inocência e Cantos de experiência, do Blake. Winnie the Pooh. Alicia cotada. Heidegger. Rilke. Tristram Shandy. Wisconsin Death Trip. Aristóteles. O bispo Berkeley. Andrew Marvell. Hipotermia, congelamentos e outras feridas provocadas pelo frio.

A cama range e dou um salto. Henry se incorpora, entortando os olhos sob a luz matutina. É tão jovem, tão... anterior a tudo. Ainda não me conhece. Assalta-me o temor repentino de que tenha esquecido quem sou.

-Agarrará frio -me diz-. Volta para a cama, Clare.

-Fiz café.

-Mmmm, já o cheiro; mas primeiro vêm e me dê os bom dia.

Subo à cama com seu penhoar ainda posto. Quando desliza sua mão por debaixo da roupa, detém-se apenas um instante: compreendo que já estabeleceu a associação e que mentalmente está acontecendo revista ao banho enquanto me tem em frente.

-Você molesta?

Duvido ao responder.

-Sim que te incomoda. Você molesta muitíssimo. É normal. -Henry se sinta, e eu também. Volta a cabeça para mim e me olhe-. De todos os modos, já quase tinha terminado.

-Quase?

-ia romper com ela. Solo que o momento foi inoportuno; ou possivelmente não. Não sei. -Tenta ler em meu rosto em busca do perdão, possivelmente. Não é culpa dele. Como ia ou seja o?-. Levamos bastante tempo nos torturando mutuamente. -Fala cada vez mais rápida, e logo se cala-. Quer que lhe explique isso?

-Não.

-Obrigado. -Henry se passa a mão pela cara-. O sinto. Não sabia que viria, se não teria limpo e ordenado um pouco mais. Minha vida, quero dizer, não só o apartamento.

-Vejo uma mancha de pintalábios sob a orelha do Henry, aproximo minha mão a seu rosto e a esfrego. Ele sustenta minha mão entre as suas-. Sou muito distinto? mais do que esperava? -pergunta com apreensão.

-Sim... É mais... -"egoísta", penso, mas digo-: ... jovem.

-Isso é bom ou mau? -pergunta, valorando a questão.

-É distinto. -Percorro com as mãos os ombros do Henry, e também as costas, massageando seus músculos em busca de incisões-. Viu aos quarenta anos?

-Sim, parece que me tenham parecido em um pinchapapeles e me tenham mutilado.

-Sim, mas é menos... Quero dizer que é uma espécie de..., é mais. Refiro-me a que como já me conhece, pois...

-Vamos, está-me dizendo que me falta um certo aprumo.

Nego com a cabeça, apesar de que isso é exatamente o que quero dizer.

-É sozinho que eu vivi todas essas experiências, e em troca você... Não estou acostumada a estar contigo quando não recorda nada do passado.

-Sinto-o -diz Henry com ar sombrio-; mas a pessoa que conhece ainda não existe. Fica junto a mim, e cedo ou tarde aparecerá. Temo-me que é quão único posso fazer.

-Parece-me justo. Entretanto, enquanto isso...

-Enquanto isso, o que? -pergunta-me, voltando-se para sustentar meu olhar.

-Desejo...

-O que é o que desejas?

Ruborizo-me. Henry sorri, e me empurra com suavidade para trás, sobre os travesseiros.

-Já sabe.

-Não sei muito, a verdade; mas posso adivinhar alguma que outra coisa.

Mais tarde nos adormecemos calentitos, recubiertos pelo pálido sol de outubro que luz a meio-dia, pele contra pele, e Henry me diz algo na nuca que eu não entendo.

-O que?

-Pensava que noto uma grande paz a seu lado. É muito agradável estar jogados na cama e saber que o futuro, de algum modo, já está disposto.

-Henry.

-Mmmrn?

-Como é que alguma vez te contou nada sobre mim?

-Ah, porque isso é algo que não faço nunca.

-O que?

-Não estou acostumado a me contar histórias do futuro a menos que se trate de algo monstruoso, que implique perigo para minha vida, sabe? Intento viver como uma pessoa normal. Nem sequer eu gosto de me ter mesmo rondando por aqui, assim intento não tropeçar comigo, a menos que não tenha outra eleição.

Sopeso sua resposta durante uns segundos.

-Eu me contaria isso tudo.

-Não. Traria-te muitos problemas.

-Sempre procurava que me contasse coisas -lhe explico me pondo de costas. Henry apóia a cabeça na mão e me olhe de acima. Nossas caras se encontram a um palmo de distância. Resulta estranho estar falando como estávamos acostumados a fazê-lo no passado, apesar de que a proximidade física me impede de me concentrar como

é devido.

-Contava-te coisas? -pergunta-me Henry.

-Às vezes. Quando gostava, ou quando tinha que fazê-lo.

-Que classe de coisas?

-Vê-o? Sim que quer as saber, mas não lhe vou contar isso -Me está bien empleado. Oye, tengo hambre. Vayamos a preparar el desayuno.

Henry ri.

-Está-me bem empregado. Ouça, tenho fome. vamos preparar o café da manhã.

Fora faz muito frio. Os carros e os ciclistas cruzam pelo Dearborn enquanto algumas casais passeiam pela calçada. Não demoramos para as imitar, sob a luz do sol da manhã, agarrados da mão, juntos ao fim para que nos vejam todos. Sinto um ligeiro comichão de nostalgia, como se tivesse perdido um segredo, e logo uma quebra de onda de exaltação: é o momento em que tudo começa.

Uma primeira vez para todos

Domingo 16 de junho de 1968

Henry: A primeira vez foi mágica. Como podia saber o que significava? Era meu quinto aniversário, e fomos ao Museu de História Natural. Não acredito ter estado antes nesse museu. Meus pais levavam toda a semana me contando as maravilhas que podiam ver-se nesse lugar: os elefantes dissecados do imenso vestíbulo, os esqueletos de dinossauros ou os dioramas dos homens das cavernas. Minha mãe acabava de retornar do Sidney, e havia me trazido uma gigantesca e assustadora mariposa azul, uma *Papilio ulysses*, que ia montada em um marco e protegida com algodão. Eu me estava acostumado a aproximar isso ao rosto, e a sustentava tão perto de mim que não podia ver nada que não fora essa cor azul. Provocava-me uma sensação especial, essa sensação que mais tarde tentei repetir com o álcool e finalmente redescobri com o Clare; a sensação de unidade, esquecimento e abandono, no bom sentido da palavra. Meus pais me haviam descrito as inumeráveis vitrines de mariposas, colibris e escaravelhos. Eu estava tão nervoso que despertei antes do amanhecer. Calcei as sapatilhas esportivas, agarrei meu *Papilio ulysses*, saí ao pátio traseiro e baixei os degraus que conduziam ao rio em pijama. Sentei-me no embarcadero e contemplei a saída do sol. Uma família de patos se aproximou nadando, e um mapache apareceu no embarcadero da outra borda do rio e me olhou com curiosidade antes de lavar seu café da manhã e comer-lhe. Possivelmente dormi. Ouvi que minha mãe me chamava e corri para a escada, que escorregava pelo rocío, procurando que a mariposa não me caísse. Estava zangada comigo porque tinha baixado ao embarcadero sozinho, mas não lhe deu muita importância porque era o dia de meu aniversário.

Meus pais não trabalhavam essa noite, assim que se vestiram com calma para sair. Eu estava preparado muito antes que eles. Sentei-me em sua cama e fingi ler uma partitura. Isso aconteceu na época em que meus pais, até sendo músicos, precaveram-se de que seu único descendente não estava dotado para essa arte. Não porque eu não me esforçasse, mas sim porque não era capaz de ouvir o que fora que ouviam eles em uma composição musical. Eu gostava da música, mas dificilmente podia entoar uma melodia; e apesar de que sabia ler o periódico aos quatro anos, as partituras só eram para mim uns formosos ganchos de ferro negros. Agora bem, meus pais seguiam esperando que eu possuísse algum talento musical oculto, por isso quando agarrei a partitura, minha mãe se sentou junto a mim e tentou me ajudar na tarefa. Em seguida

ficou a cantar, enquanto eu dava tremendos alaridos e chasqueba os dedos. Terminamos rendo, e minha mãe se dedicou a me fazer cócegas. Meu pai saiu do banho com uma toalha enrolada à cintura e se uniu a nós. Durante uns breves e gloriosos minutos meus pais ficaram a cantar ao uníssono. Meu pai então me agarrou em braços, e, me agarrando entre ambos, começaram a dançar pelo dormitório. Naquele momento soou o telefone, e a cena se desvaneceu. Minha mãe foi responder, meu pai me deixou sobre a cama e foi vestir se.

Finalmente terminaram de arrumar-se. Minha mãe levava um vestido vermelho sem mangas e umas sandálias; pintou-se as unhas dos pés e as mãos a jogo com o vestido. Meu pai estava esplêndido com suas calças azul escura e uma camisa branca de manga curta, em tranqüilo contraste com a vistosidad de mamãe. Apertamo-nos no carro, como sempre, tinha todo o assento traseiro para mim sozinho, assim que me tombei e contemplei os altos edifícios do passeio da Ribeira que desfilavam por meu guichê como uma exalação.

-Sente-se, Henry -disse minha mãe-. Já chegamos.

Sentei-me e vi o museu. Até então tinha passado minha infância dando tombos entre as distintas capitais européias, e aquele grande museu satisfiz a idéia que me tinha feito dos museus em geral, embora sua fachada pétrea e abovedada não fora nada excepcional. Dado que era domingo, custou-nos um pouco encontrar estacionamento, mas ao final o obtemos e fomos caminhando pela borda do lago, junto aos botes, as estátuas e alguns meninos travessos. Transpassamos as pesadas colunas e entramos no museu.

Nesse momento percebi um enfeitiço.

Tudo nesse lugar tinha ficado apanhado, etiquetado e disposto segundo uma lógica que parecia tão intemporal como se o mesmo Deus a tivesse disposto; um deus que possivelmente tinha tramitado erroneamente a papelada sobre a Criação, por isso tinha pedido ao pessoal especializado do museu que lhe ajudasse a solucioná-lo e a deixar perseverança disso. Para o menino de cinco anos que era eu nnaquele tempo, naquele tempo, e que se entusiasmava com uma singela mariposa, caminhar pelo museu era como caminhar pelo Paraíso e presenciar tudo o que ali ocorria.

Vimos muitíssimas coisas esse dia: milhares de vitrines repletas de mariposas, procedentes do Brasil e Madagascar; inclusive descobrimos a uma irmã de minha mariposa azul do outro lado do globo. O museu era escuro, frio e antigo; isso acrescentava a sensação de incerteza, de que o tempo e a morte se detiveram no interior de suas paredes. Vimos cristais e pumas, ratos almiscarados e múmias, e inumeráveis fósseis. Na hora de comer fizemos um picnic na grama do museu, e logo voltamos a mergulhamos no edifício em busca de pássaros, águias e neandertales. Ao final do dia, estava tão cansado que apenas me tinha em pé, mas não suportava a idéia de partir. Apareceram os guardas e nos conduziram com amabilidade para as portas; eu me esforçava por não chorar, mas não pude me controlar e chorei de esgotamento e desejo. Meu pai me agarrou em braços e nos dirigimos ao carro. Dormi no assento traseiro; quando despertei já estávamos em casa e era a hora de jantar.

Jantamos na planta baixa, no piso do senhor e a senhora Kim, nossos caseiros. O senhor Kim era um homem brusco e robusto a quem eu parecia lhe gostar de, mas nunca dizia grande coisa; a senhora Kim (Kimy, como eu a chamava) era minha companheiro de jogos, meu amalucada canguru e jogadora de cartas coreana. Grande parte

do tempo que estava acordado o passava com o Kimy. Minha mãe nunca foi uma grande cozinheira, e Kimy sabia elaborar com muito garbo qualquer prato, de um soufflé a um bi bim bop. Essa noite, para celebrar meu aniversário, fez pizza e bolo de chocolate.

Jantamos. Todos me cantaram o "Aniversário feliz", e eu soprei as velas. Não recordo qual foi meu desejo. Deixaram que ficasse levantado até muito depois do acostumado, porque seguia muito nervoso por tudo o que tínhamos visto e porque tinha dormido até bem entrada a tarde. Sentei-me no alpendre traseiro em pijama, com minha mãe, meu pai, e o senhor e a senhora Kim, bebemos limonada e contemplamos o azulado céu noturno, ouvindo os grilos e os sons procedentes dos televisores de outros pisos. Ao final, meu pai disse:

-Hora de ir-se à cama, Henry.

Lavei-me os dentes, disse minhas orações e me meti na cama. Estava esgotado, mas tinha os olhos bem abertos. Meu pai leu para mim durante um momento e logo, ao ver que seguia sem poder dormir, ele e minha mãe apagaram as luzes, deixaram entreaberta a porta de meu dormitório e se foram à sala de estar. O trato era que tocariam para mim todo o momento que eu quisesse, mas a condição de que escutasse o concerto da cama. Assim que minha mãe se sentou ao piano e meu pai tirou seu violino; tocaram e cantaram durante muitíssimo momento. Canções de berço, lieder, noturnos: música para dormir com a qual tranqüilizar ao selvagem muchachito que se achava no dormitório. Ao final, minha mãe deveu ver se já me tinha dormido. Jogado naquela camita devia parecer miúdo e receoso, como um animal noturno em pijama.

-OH, carinho. Ainda está acordado?

Assenti.

-Papai e eu vamos à cama. Está bem?

Disse-lhe que sim e me deu um abraço.

-passamos um dia muito excitante no museu, verdade?

-Podemos voltar amanhã?

-Amanhã, não; mas voltaremos muito em breve, de acordo?

-Vale.

-boa noite -disse minha mãe. Deixou a porta aberta e apagou a luz do corredor-. boa noite, que descanse e que não lhe piquem as percevejos.

Pude ouvir sons imperceptíveis, o correr da água, a cadeia do váter. Logo tudo ficou em silêncio. Saí da cama e me ajoelhei frente à janela. Via as luzes da casa do lado, e mais longe vi passar um carro com a rádio muito alto. Fiquei aí um momento, tentando que me entrasse o sonho, logo me levantei e tudo trocou.

Sábado 2 de janeiro de 1988, 4.03 horas; domingo 16 de junho de 1968, 10.46 horas
Henry tem 24 e 5 anos

Henry: São as 4.03 de uma manhã de janeiro extremamente fria e estou chegando a casa. saí a dançar e não estou muito bebido, mas sim profundamente cansado. Enquanto me debato para encontrar a chave na entrada iluminada, caio de joelhos, enjoado e com náuseas, até que fico às escuras, vomitando sobre o chão de ladrilhos. Levanto a cabeça e vejo um letreiro luminoso de cor vermelha que diz saída, e enquanto enfoco o olhar, vejo tigres, homens das cavernas com largas lanças, mulheres primitivas com modestas peles colocadas estrategicamente e cães lobo. O coração me pulsa com velocidade e durante um comprido momento de confusão alcoólica penso: "Joder! cheguei à Idade de Pedra", até que me dou conta de que o letreiro de saída é próprio do século XX. Levanto-me, tremendo, e me aventuro para a porta; noto

os ladrilhos gelados sob meus pés descalços, tenho a carne de galinha e o cabelo rígido. Tudo está absolutamente silencioso. A atmosfera é pegajosa devido ao ar condicionado. Chego à entrada e Miro na seguinte sala. Está cheia de vitrines de cristal; as luzes brancas dos faróis resplandecem através dos ventanais e me descobrem milhares de escaravelhos. Encontro-me no Museu de História Natural, a Deus obrigado. Ficou imóvel e pausa funda, tentando esclarecer minhas idéias. Algo nessa situação lhe traz vagas lembranças a meu cérebro encadeado e intento desenterrá-los. Acredito que tenho que fazer algo. Sim. É meu quinto aniversário... Havia alguém aí, e vou ser esse alguém..., mas necessito roupa. Sim. Evidentemente.

Jogo uma carreira através da escarabajomania e passo pelo comprido corredor que divide em dois o segundo andar, descendo pela escada da asa oeste e chego ao primeiro piso, agradecido por me achar na era anterior aos sensores de movimento. Os enormes elefantes se abatem sobre mim com ar ameaçador sob a luz da lua, e eu as saudação de caminho a tiendecita de presentes que há à direita da porta principal. Rodeio as baixelas e descubro uns quantos artigos prometedores: um abrecartas de adorno, um ponto de livro metálico com a insígnia do museu e duas camisetas com um desenho de um dinossauro. As fechaduras das vitrines são de piada; faço-as saltar com uma forquilha que encontro junto à caixa registradora e me sirvo. Perfeito. Retorno às escadas e subo à terceiro andar. É a "água-furtada" do museu, onde se encontram os laboratórios; o pessoal tem os despachos aqui acima. Analiso os nomes que há nas portas mas nenhum me sugere nada; ao final, escolho uma ao azar e deslizo o ponto de livro pela fechadura até que o fecho cede e me permite entrar.

O ocupante desse despacho é um tal V M. Williamson, e é um tipo muito desordenado. A habitação está a transbordar de papéis, taças de café e cigarros que transbordam os cinzeiros; há um esqueleto de serpente parcialmente articulado sobre seu escritório. Reconheço o terreno com rapidez em busca de roupa e não encontro nenhuma sozinho objeto. O seguinte escritório pertence a uma mulher, J. E Bettley. Na terceira tenho sorte. D. W. Finch tem um traje completo pendurado do perchero, e vai bastante bem, embora um pouco curto de mangas e pernas, e largo de lapelas. Levo uma dessas camisetas de dinossauros sob a jaqueta. Vou sem sapatos, mas estou decente. D. W. também tem um pacote sem abrir de bolachas Arejo no escritório, gabado seja. Aproprio-me delas e me parto, fechando a porta com cuidado.

"Onde estava, quando me vi?" Fecho os olhos e a fadiga se apodera de meu corpo me acariciando com seus dedos adormecidos. Quase não me tenho em pé, mas me controlo, e então me vem à mente: o perfil de um homem aproximando-se de mim, iluminado de costas pelas luzes procedentes das portas principais do museu. Preciso retornar ao vestíbulo da entrada.

Quando chego, tudo está quieto e em silêncio. Caminho pelo centro da estadia, tentando repetir a imagem das portas, e logo me sinto perto do figurino para entrar em cena pela esquerda. Noto que o sangue me sobe de repente à cabeça, o ronrono do sistema de climatização, os carros zumbindo pelo passeio da Ribeira. Como dez Arejamento, devagar; as saco uma a uma com suavidade, arranho o cheio com os dentes e mordisco as metades de chocolate para as fazer durar. Não tenho nem idéia de que horas são, nem de quanto tempo terei que esperar. Estou quase sóbrio de tudo, e me mantenho razoavelmente alerta. Transcorre o tempo e não ocorre nada. Ao final, entretanto, ouço um impacto amortecido e um grito afogado. Silêncio. Espero. Levanto-me sem fazer ruído, e me deslizo para o vestíbulo, caminhando devagar através

da luz que esquadreja o chão de mármore. Detenho-me em meio das portas e digo em voz alta, sem gritar:

-Henry.

Nada. Bom menino, precavido e silencioso. Volto a tentá-lo.

-Não passa nada, Henry. Sou seu guia. vim para te ensinar o museu. É uma visita especial. Não tema nada, Henry.

Ouçoo uma débil exclamação, como de assombro.

-Trouxe-te uma camiseta, Henry, para que não te esfrie enquanto olha a exposição. -Consigo vislumbrá-lo; está de pé, médio confundido entre as sombras-. Toma, agarra-a.

A lanço, e a camiseta desaparece. Logo o moço sai à luz. A camiseta chega aos joelhos. Sou eu com cinco anos, com o cabelo escuro e em ponta, a cutis pálida como a lua, e uns olhos marrons quase escravos, enxuto e robusto, como um potro. A meus cinco anos sou um menino feliz, agasalhado pela normalidade e o carinho de meus pais. Tudo trocou logo, a partir desse momento. Caminho para ele lentamente, inclino-me e lhe falo com suavidade.

-Olá. Me alegro de verte, Henry. Obrigado por vir esta noite.

-Onde estou? Quem é? -Sua voz é aguda e frouxa, e ressona um pouco contra a fria pedra.

-Está no Museu de História Natural. Enviaram-me para que te ensine coisas que não podem ver-se durante o dia. Eu também me chamo Henry. Que casualidade, né?

Assente.

-Gostam de umas bolachinhas? Sempre eu gosto de comer bolachinhas quando visito os museus. Converte-o em algo mais multisensorial. -Ofereço-lhe o pacote de bolachinhas Arejo. Dúvida, teme que não seja o correto, já que está faminto mas não sabe quantas pode agarrar sem parecer grosseiro-. Come as que queira. Eu já comi dez, assim que te custará me apanhar.

Agarra três.

-O que preferiria ver primeiro?

Henry se encolhe de ombros.

-Olhe, direi-te o que vamos fazer. Subamos ao terceiro piso; é onde guardam todos os cacarecos que não estão à vista, vale?

-Vale.

Caminhamos às escuras e subimos as escadas. Não avança muito rápido, assim subo devagar junto a ele.

-Onde está mamãe?

-Em casa, dormindo. Esta é uma visita especial, com guia, solo para ti, porque é seu aniversário. Por outro lado, os adultos não fazem esta classe de coisas.

-Você não é um adulto?

-Eu sou um adulto do mais estranho. Meu trabalho consiste em viver aventuras. Por isso, quando ouvi que desejava retornar ao museu, meu impulso natural foi me lançar a lhe ensinar isso tudo.

-Não entendo como cheguei até aqui -diz detendo-se no alto das escadas e me olhando presa da confusão.

-Bom, é um segredo. Se lhe disser isso, terá que me prometer que não o repetirá a ninguém.

-por que?

-Porque não lhe acreditariam. Pode dizer-lhe a mamãe, ou ao Kimy, se quiser, mas a ninguém mais. De acordo?

-De acordo...

Ajoelho-me frente a ele, a meu eu inocente, e o Miro aos olhos.

-Jura-o por seu sangue?

-Sim.

-Muito bem. O que ocorreu é o seguinte: viajaste através do tempo. Estava em seu dormitório e, de repente, puf! chegaste aqui, e dado que agora começa a noite, temos muitíssimo tempo para vê-lo tudo antes de que deva retornar a casa.

Henry fica em silêncio, com uma expressão interrogativa grafite no rosto.

-Tem algum isto sentido para ti? -pergunto-lhe.

-Mas... por que?

-Bom, isso é algo que ainda não tenho descoberto. Direi-lhe isso quando o souber. Enquanto isso, deveríamos nos pôr mãos à obra. Outra bolacha?

Agarra uma e caminhamos devagar pelo corredor. Dito fazer um experimento.

-Provemos isto.

Deslizo o ponto de livro por uma porta em que figura o número 306 e a abro. Quando acendo as luzes, vemos umas rochas do tamanho de cabaças disseminadas por todo o chão, há-as inteiras e partidas pela metade, com muitas arestas por fora e veias de metal marcadas no interior.

-Oooh, olhe, Henry. Meteoritos.

-O que são os meteoritos?

-Rochas que caem do espaço exterior.

Me olhe como se fora eu quem aterrissou que espaço exterior.

-Provamos outra porta?

Assente. Fecho a sala dos meteoritos e provo a forçar a porta do outro lado do corredor. Essa sala está cheia de aves. Aves que simulam o vôo, aves que repousam eternamente sobre ramos, cabeças de ave, pelagens de ave. Abro uma das centenas de gavetas que há no lugar; contém uma dúzia de provetas, cada uma com um passarinho dourado e negro que leva o nome envolto em uma pata. Os olhos do Henry são como dois pratos.

-Quer tocar um?

-Sssí...

Saco o plugue de algodão da boca de um dos tubos e o agito até que um pinzón dourado cai sobre minha mão. Conserva a forma do tubo.

-Está dormindo? -pergunta Henry, acariciando seu cabecita com ternura.

-Mais ou menos.

Me olhe com ar de poucos amigos, desconfiado ante meu engano. Devolvo com suavidade o pinzón ao tubo, coloco de novo o algodão, sotaque o tubo em seu lugar e fecho a gaveta. Estou muito cansado. Inclusive a palavra "sonho" é um ardil, uma sedução. Guio-o para o vestibulo e, de repente, recordo o que mais eu gostei dessa noite quando era pequeno.

-Ouça, Henry. Vamos à biblioteca.

encolhe-se de ombros. Caminho, agora já depressa, e ele corre para me seguir o passo. A biblioteca está no terceiro piso, no extremo oriental do edifício. Quando chegamos, fico imóvel durante um minuto, contemplando as fechaduras. Henry me olhe, como dizendo: "Bom, e agora, o que?". Apalpo nos bolsos e encontro o abrecartas. Sacudo o ponteiro de relógio de madeira e te haja aqui que vejo um utensílio de metal alargado e fino que meto no interior. Prego a metade do instrumento na fechadura

e provo para ambos os lados. Ouço saltar as cavilhas, e quando volto para ponto inicial do percurso, cravo a outra metade, utilizo o ponto de livro na outra fechadura e, surpresa!, te abra, sésamo!

Ao menos, meu companheiro se ficou convenientemente impressionado.

-Como tem feito isso?

-Não custa tanto. Ensinarei-lhe isso em outra ocasião. Entrez!

Sustento a porta para que ele entre. Acendo as luzes e a sala de leitura cobra vida: sólidas mesas e cadeiras de madeira, carpete marrom e um enorme mostrador onde se solicitam livros de referência. A biblioteca do Museu de História Natural não está desenhada para cativar aos meninos de cinco anos. É uma biblioteca com estanterias fechadas que utilizam os cientistas e os estudiosos. Há livrarias dispostas em fileiras ao longo da sala, mas em sua maioria contêm publicações periódicas encadernadas em pele da época vitoriana. O livro que procuro preside uma enorme vitrine de cristal e carvalho que há no centro da estadia. Faço saltar a fechadura com minha forquilha e abro a portinhola de cristal. Para falar a verdade, o museu deveria expor-se a sério o tema da segurança. Não é que tenha muitos remorsos por atuar desse modo; a fim de contas, sou um bibliotecário com referências, e freqüentemente me encarrego de trazer livros e falar deles na biblioteca Newberry. Ponho-me depois do mostrador de referências e descubro uma parte de feltro e uns suportes de tecido, que coloco sobre a mesa mais próxima. Logo fecho e levanto o livro com cuidado para extrair o de sua vitrine e depositá-lo sobre o feltro. Aproximo uma cadeira.

-Vêem, suba aí, verá-o melhor.

Henry sobe à cadeira e eu abro o livro. trata-se de Aves da América, do Audubon, o maravilhoso infolio de luxo do tamanho de dois elefantes que é quase tão alto como meu jovem eu. Este exemplar é o mais delicado que existe, e passei muitas tardes chuvosas admirando-o. Abro-o pela primeira lâmina, e Henry sorri e me olhe.

-Mergulhador comum -lê-. Parece um pato.

-Sim. Arrumado a que posso adivinhar qual é sua ave favorita.

Nega com a cabeça e sorri.

-O que te aposta?

Se olhe vestido com a camiseta do dinossauro e se encolhe de ombros. Conheço essa sensação.

-O que te parece isto? Se o adivinhar, come-te uma bolacha, e se não o adivinho, come-te uma bolacha.

Reflete uns instantes e decide que é uma aposta segura. Abro o livro pela página onde põe "Flamenco". Henry ri.

-acertei?

-Sim!

É fácil ser onisciente quando já o viveste tudo antes.

-Muito bem, aqui tem sua bolacha; e eu agarro outra por ter acertado. Agora bem, vamos ter que as guardar até que tenhamos terminado de olhar o livro, porque nós não gostaríamos de encher de miolos as ilustrações dos azulejos, verdade?

-Verdade! -Henry deixa a Arejamento no braço da poltrona e voltamos a começar pelo princípio. Passamos as páginas devagar e desfrutamos com as ilustrações das aves, muito mais viva que aquele outro ser real da proveta que guardam ao fundo do corredor.

-Aqui há uma grande garça azul. É francamente grande, maior que um flamenco. Viu alguma vez um colibri?

-Hoje vi um!

-Aqui no museu?

-Sim.

-Espera a ver um fora... São como helicópteros diminutos, e batem suas asas com tanta rapidez que logo que vê umas sombras...

Voltar as páginas é como fazê-la cama, uma enorme extensão de papel se eleva devagar e cai. Henry segue de pé, atento, esperando que lhe revele uma nova maravilha em cada ocasião, e emitindo ruídos de prazer ante a grou cinza, a focha americana, a grande Alca e o carpinteiro crestado. Quando chegamos à última lâmina, titulada-a "Tomaguín", inclina-se e toca a página, acariciando com delicadeza a gravura. Observo-o, Miro o livro, lembrança, esse livro, esse momento, o primeiro livro que amei, lembrança ter desejado acurrucarme em seu interior e dormir.

-Está cansado?

-Sim...

-Não crie que deveríamos partir ?

-Vale.

Fecho Aves da América e o devolvo a sua vitrine original, abro-o pela página do "Flamenco", fecho a vitrine e jogo a fechadura. Henry salta da cadeira e se come a Arejamento. Devolvo o feltro ao mostrador e empurro a cadeira detrás. Henry apaga a luz, e vamos da biblioteca.

Perambulamos pelo museu, conversando amigavelmente sobre as criaturas que voam e as que reptam, enquanto comemos as Arejamento. Henry me conta coisas de minha mãe, meu pai e a senhora Kim, que lhe está ensinando a cozinhar a lasaña, e da Brenda também, a quem tinha esquecido, meu melhor amigo quando eu era pequeno, até que sua família se mudou a Tampa, na Florida, uns três meses depois do momento que estamos vivendo. Estamos frente ao Morador dos Bosques, o legendário gorila costas chapeada cuja dissecada magnificência nos contempla com fúria desde sua pequena base de mármore, localizada-se em um corredor do primeiro andar, quando Henry começa a gritar e se cambaleia para diante, tende-me os braços com urgência, e eu, apesar de agarrá-lo, não posso impedir sua marcha. A camiseta é tão solo uma parte de roupa quente e vazia entre minhas mãos. Suspiro, e me dirijo ao piso de acima para analisar as múmias durante um momento em solidão. Meu outro eu, o menino, estará agora em casa, metendo-se na cama. Lembro-me bem, lembro-me. Despertei pela manhã e tudo resultou ter sido um sonho maravilhoso. Minha mãe riu, e me disse que viajar através do tempo parecia divertido, que ela também queria tentá-lo.

Essa foi a primeira vez.

Primeira entrevista, dois

Sexta-feira 23 de setembro de 1977

Henry tem 36 anos, e Clare 6

Henry: Estou no prado, esperando. Aguardo tranqüilo à margem da clareira, nu, porque a roupa que Clare reserva para mim e deixa em uma caixa sob uma pedra não está no lugar acostumado; tampouco está a caixa. Assim agradeço que a tarde seja suave, uma tarde de princípios de setembro possivelmente, de algum ano desconhecido.

Agacho-me entre a alta erva. Reflito. O fato de que não haja caixa alguma com roupa dentro significa que cheguei a uma época anterior a que nos conhecemos Clare e eu. Possivelmente ela nem sequer nasceu ainda. Não seria a primeira vez que isso ocorre, e para mim foi uma experiência dolorosa. Sentia falta da o Clare, e me passei todo o tempo escondido no prado, nu, sem me atrever a dar sinais de vida pela vizinhança da família do Clare. Penso com saudade nas macieiras que há no extremo ocidental do prado. Nesta época do ano teria que haver maçãs, pequenas, azeda e mordiscadas pelos alces, mas comestíveis. Ouço a portada da porta mosquiteira e espionagem entre a erva. Uma menina corre em turba, e à medida que se aproxima pelo atalho, entre a erva ondulante, o coração me dá um salto e Clare irrompe no claro.

É muito jovem. A vê despreocupada; está sozinha. Ainda tem posto o uniforme da escola, um pichi cor cáqui escura com uma blusa branca e meias três-quartos até os joelhos com mocasines de vestir, e traz consigo uma bolsa do Marhsall Field e uma toalha deplaya. Clare estende a toalha no chão e vazia o conteúdo da bolsa: todo tipo de utensílios inimagináveis para escrever. Velhas canetas, pequenas pontas de lápis da biblioteca, lápis de cores, cheirosos Magic Markers e uma pluma. Também leva um montão de material de papelaria do escritório de seu pai. Dispõe com cuidado os utensílios e acerta com uma sábia sacudida o montão de papel; logo começa a provar cada um das canetas e lápis, fazendo linhas e ganchos de ferro com esmero e cantarolando entre dentes. depois de escutar com atenção durante um momento, identifico a tonadilla como a canção da série O show do Dick vão Dyke.

Duvido. Clare está alegre, absorta. Deve ter uns seis anos; se estivermos em setembro, é possível que acabe de começar o primeiro curso. É evidente que não me está esperando, que sou um estranho, e estou seguro de que o primeiro que aprende nesse curso é a não ter trato algum com desconhecidos que aparecem nus em seu rincão secreto e favorito, que sabem seu nome e lhe dizem que não lhes conte nada a papai e a mamãe. Pergunto-me se hoje é o dia em que temos que nos conhecer ou se se tratar de outro dia qualquer. Possivelmente deveria guardar silêncio e esperar a que Clare parta para poder ir morder essas maçãs e roubar roupa limpa, ou a cumprir com minha programação estipulada periodicamente.

Acordado de meus ensoñaciones com brutalidade e descubro que Clare me está olhando fixamente. Advirto, muito tarde, que estive cantarolando sua mesma canção.

-Quem anda aí? -vaia Clare. Parece um pato francamente enjoado, com esse pescoço e essas pernas largas. Intento pensar com celeridade.

-Saudações, terrícola -então com amabilidade.

-Mark! É um nimrod! -Clare procura a seu redor para encontrar algo que me lançar e se decide pelos sapatos, que têm uns saltos toscos e pesados. Os tira de uma patada e me atira isso em cima. Não acredito que possa lombriga muito bem, mas tem sorte e um deles me alcança na boca. O lábio começa a me sangrar.

-Por favor, não faça isso -lhe digo. Não tenho nada para deter o sangue e, portanto, pressiono-me a boca com a mão e minha voz sai afogada. Dói-me a mandíbula.

-Quem é? -Agora Clare está assustada, e eu também.

-Henry. Sou Henry, Clare. Não quero te fazer danifico, e eu gostaria que não me lançasse nada mais.

-me devolva meus sapatos. Não te conheço de nada. por que te esconde? -pergunta-me Clare com rabia no olhar.

Lanço-lhe os sapatos à clareira. Ela os recolhe e os sustenta como se fossem pistolas.

-Escondo-me porque perdi a roupa e me sinto um pouco envergonhado. Venho de muito longe e tenho fome. Não conheço ninguém e ainda por cima estou sangrando.

-De onde vem? por que sabe meu nome?

A verdade e nada mais que a verdade.

-Venho do futuro. Sou um viajante do tempo. No futuro somos amigos.

-A gente só viaja através do tempo nos filmes.

-Isso é o que queremos que criam.

-por que?

-Se todos viajassem pelo tempo, haveria atascos. Como quando foste ver a avó Abshire os Natais passados e tiveram que atravessar o aeroporto Ou'Hare, que estava cheio até os batentes. Os viajantes do tempo não queremos que nos compliquem as coisas, assim guardamos silêncio.

Clare rumina minhas palavras durante um minuto.

-Sal daí.

-me empreste sua toalha de praia.

Clare a levanta e todas as canetas, lápis e papéis saem despedidos. Lança-me isso por cima de sua cabeça, eu a agarro e me volto de costas para me pôr em pé e me atar isso ao redor da cintura. É de uma cor rosa luminoso e laranja; tem um desenho geométrico muito marcado. Justo a classe de objeto que alguém desejaria levar o dia que vai conhecer sua futura algema. Dou-me a volta e caminho para a clareira; sinto-me na rocha fazendo provisão de toda minha dignidade. Clare fica em pé, o mais longe que pode de mim, e segue no claro. Ainda se aferra aos sapatos.

-Está sangrando.

-Pois sim. Atiraste-me um sapato.

-Ah.

Silêncio. Intento parecer inofensivo e simpático. Simpático é o término que domina a infância do Clare, dada a grande quantidade de pessoas que não o são.

-Está-te burlando de mim.

-Jamais me burlaria de ti. por que crie que me burlo de ti?

-Porque ninguém viaja através do tempo. -Se algum adjetivo definir ao Clare é o de teimosa-. Está mentindo.

-Papai Noel viaja através do tempo.

-O que?

-Claro. Como crie que consegue entregar todos esses presentes em uma só noite? dedica-se a atrasar o relógio umas quantas horas até que coloca todos e cada um dos presentes pelas chaminés.

-Papai Noel é mágico. Você não é Papai Noel.

-Quer dizer que eu não sou mágico? Vá, María, não te escapa nenhuma.

-Não me chamo María.

-Já sei. Chama-te Clare. Clare Anne Abshire, e nasceu em 24 de maio de 1971. Seus pais são Philip e Lucille Abshire, e vive com eles, com sua avó e seu irmão, Mark, e também com sua irmã, Alicia, naquela casa enorme que há aí detrás.

-Só porque saiba coisas não significa que venha do futuro.

-Fica por aqui um momento e me verá desaparecer. -Acredito que posso confiar em minhas palavras porque em uma ocasião Clare me contou que isso foi o que lhe resultou mais impressionante de nosso primeiro encontro.

Silêncio. Clare se revolve incômoda e aparta um mosquito.

-Conhece papai Noel?

-Pessoalmente? Pois..., pois não. -deixei que sangrar, mas devo ter um aspecto horrível-. Ouça, Clare, não terá por acaso uma tiritã, ou um pouco de comida?

Viajar pelo tempo me provoca uma fome atroz.

Pensa durante um momento, logo introduz a mão no bolso do pichi, saca uma barrita Hershey a que lhe falta uma dentada e me lança isso.

-Obrigado, estas eu adoro.

Me a como com esmero, mas muito depressa. Minha curva de glicemia está muito baixa. Sotaque o pacote dentro da bolsa. Clare está encantada.

-Come como um cão.

-Isso não é verdade! -protesto, profundamente ofendido-. Tenho polegares opostos, muitíssimas obrigado.

-O que são polegares postos?

-Faz isto. -Faço-lhe o signo do OK, e Clare me imita-. Polegares opostos significa que pode fazer isto. Significa que pode abrir potes, te atar os cordões dos sapatos e fazer outras coisas que os animais não podem fazer.

Clare não acaba de estar convencida.

-A irmã carmelita diz que os animais não têm alma.

-Claro que os animais têm alma. De onde tirou essa idéia?

-Disse que isso é o que diz a Batata.

-A Batata é um velho caduco. Os animais têm uma alma -muito melhor que a nossa. Nunca contam mentiras, nem se dão surras.

-Mas se comem os uns aos outros.

-Bom, não fica outra opção; não podem ir à Rainha dos Lácteos e comprar um cartucho grande de baunilha com aparas, a que não? -É a comida que Clare prefere por cima de qualquer outra (de pequena. Já de adulta, seu alimento preferido é o sushi, sobre tudo o sushi do Katsu, da avenida Peterson.)

-Poderiam comer erva.

-Nós também, e tampouco o fazemos. Comemos hambúrgueres.

Clare se sintia na margem do claro.

-Etta diz que não deveria falar com desconhecidos.

-É um bom conselho.

Silêncio.

-Quando desaparecerá?

-Quando me encontrar bem e esteja preparado. Aborreço-te?

Clare põe os olhos em branco.

-O que estava fazendo antes?

-Amigos por correspondência.

-Posso vê-lo?

Clare se levanta com cuidado e agarra parte do material de papelaria enquanto crava em mim um de seus olhares turvos. Inclino-me para diante devagar e tendo a mão como se ela fora um Rottweiler, e Clare entrega os papéis com ímpeto, rápida, e logo retrocede. Contemplo-os com intensidade, como se acabasse de me entregar uma folha de desenhos originais do Bruce Rogers para o Centaur, The Book of Kells ou alguma outra obra parecida. desenhou, uma e mil vezes, em grandes caracteres que vão aumentando de tamanho, as palavras: "Clare Anne Abshire". Todas as linhas ascendentes e descendentes possuem fiorituras formadas redemoinhos, e os contrapunzones

vão ilustrados com caritas sorridentes. É muito bonito.

-É precioso.

Clare se sente satisfeita, como sempre que lhe elogiam seu trabalho.

-Posso fazer um para ti.

-Eu gostaria de muito, mas não me permite me levar nada quando viajo através do tempo. Possivelmente me poderia guardar isso você, e assim o desfrutaria quando vier.

-por que não pode te levar nada?

-Bom, é fácil imaginar a razão. Se os viajantes do tempo começassemos a transladar coisas pelo tempo, o mundo não demoraria para converter-se em um enorme caos.

Digamos, por exemplo, que me levasse dinheiro ao passado. Poderia comprovar os números de loteria e as equipes de futebol ganhadores e amassar uma grande fortuna.

Não seria muito justo que digamos. Ou, postos a atuar com total desonestidade, poderia roubar coisas e me levar isso ao futuro, onde ninguém poderia me encontrar.

-Poderia ser um pirata! -Clare parece tão agradada com a idéia de que eu seja um pirata que esquece que me chamo Desconhecido Perigo-. Poderia enterrar o dinheiro, desenhar um mapa do tesouro e descobri-lo no futuro.

Assim, de fato, é mais ou menos como nos subvencionamos Clare e eu nosso roquero estilo de vida. De adulta, Clare encontra este procedimento bastante imoral, apesar de que, sem dúvida alguma, outorga-nos uma certa vantagem no mercado bursátil.

-É uma idéia fantástica, mas o que necessito de verdade não é dinheiro, a não ser roupa.

Clare me olhe titubeando.

-Seu papai tem roupa que não necessite? Iria muito bem, embora solo fossem umas calças. Quero dizer, e não me interprete mau, que esta toalha eu gosto mas ali de onde eu venho, pelo general, levo calças.

Philip Abshire é um pouco mais baixo que eu, e pesa uns quinze quilogramas mais. Suas calças ficam um tanto cômicos, mas são muito cómodos.

-Não sei...

-Não passa nada, não tem que me trazer isso agora; mas se a próxima vez me traz uns, considerarei-o todo um detalhe.

-A próxima vez?

Encontro uma parte de papel em branco e um lápis e escrevo em letras maiúsculas: quinta-feira 29 de setembro de 1977, depois de jantar. Entrego ao Clare a nota, e ela a aceita com cautela. Me apaga a visão. Ouço a Etta chamando o Clare.

-Será nosso segredo, Clare. De acordo?

-por que?

-Não lhe posso dizer isso Agora tenho que ir. foi um prazer te conhecer. Não permita que tirem o sarro. -Tendo-lhe a mão e Clare aproxima a sua, com valentia. Enquanto nos estreitamos as mãos, desapareço.

Quarta-feira 9 de fevereiro de 2000

Clare tem 28 anos, e Henry 36

Clare: É logo. As seis da manhã, e estou nessa fase do sonho superficial e preguiçoso, característico das seis da manhã, quando Henry desperta de repente e me dou conta de que se partiu a outro tempo. materializa-se virtualmente em cima de mim, e eu grito. Damo-nos um susto de morte, e então ele começa a rir e roda pela cama; e eu também arena, o Miro e me dou conta de que a boca sangra a fervuras. Levanto-me de um salto para agarrar uma toalha e Henry segue sorrindo quando

retorno. Começo a lhe secar o lábio.

-O que te passou?

-Lançou-me um sapato. -Não recordo lhe haver arrojado jamais nenhum objeto ao Henry.

-Não é verdade.

-Você dirá se for verdade! Acabávamo-nos de conhecer, e tão logo pôs os olhos em mim, disse-te: "Esse é o homem com quem me vou casar", e me deixou feito pó.

Sempre hei dito que foi muito bom julgando a personalidade de outros.

Quinta-feira 29 de setembro de 1977

Clare tem 6 anos, e Henry 35

Clare: No calendário que esta manhã havia sobre o escritório de papai punha quão mesmo tinha escrito aquele homem no papel. Nell estava fazendo um ovo passado por água para a Alicia, e Etta reprovava ao Mark o que não fizesse seus deveres em vez de jogar ao Frisbee com o Steve.

-Etta, posso agarrar roupa dos baús? -perguntei-lhe. Referia aos baús que guardamos na água-furtada, onde jogamos a nos disfarçar.

-Para que? -quer saber Etta.

-Quero jogar aos disfarces com o Megan.

-Agora tem que ir à escola -ordena, furiosa-. Já se preocupará dos jogos quando retornar a casa.

Assim que me parti à escola, onde praticamos as somas, estudado os vermes da farinha e dado classe de linguagem; e depois de comer, chegou-lhes o turno às disciplinas de música e religião. Passei-me todo o dia preocupada com as calças desse homem, porque parecia desejá-los de verdade. portanto, ao chegar a casa, fui a perguntar-lhe outra vez a Etta, mas estava no povo, assim Nell me deixou lambendo as duas varinhas bateadeiras da massa pastelera, algo que Etta não nos permite fazer, porque diz que pode agarrar a salmonela. Mamãe estava escrevendo, e já ia partir me sem lhe dizer nada quando ela me perguntou:

-O que acontece, carinho?

Se o conto, e mamãe me dá permissão para ir olhar as bolsas da roupa para dar e agarrar dali o que eu queira. Vou ao quarto da prancha, rebusco entre as bolsas da roupa para dar e descubro três pares de calças de papai, mas a gente tem um enorme buraco de cigarro, assim só coxo dois. Logo encontro uma camisa branca como a que papai leva para trabalhar, uma gravata com pececitos e um pulôver vermelho; e a bata amarela que papai tinha quando eu era pequena e que ainda conserva seu aroma. Coloco a roupa em uma bolsa e a sotaque no armário da roupa suja. Entretanto, quando saio da habitação, Mark me vê:

-O que está fazendo, parva do culo?

-Nada, parvo do culo.

Atira-me do cabelo, e eu lhe piso no pé com todas minhas forças; e então começa a chorar e vai dedurar se. Eu subo a minha habitação para jogar à televisão com o senhor Ouso e Jane. É um jogo no que Jane é uma estrela de cinema e o senhor Ouso lhe pergunta por que se feito atriz, e ela responde que em realidade quer trabalhar de veterinária, mas é tão incrivelmente formosa que tem que ser estrela de cinema, e o senhor Ouso lhe diz que talvez será veterinária quando se fizer maior. Nesse momento Etta bate na porta.

- por que deste um pisão ao Mark?

-Porque Mark me atirou que cabelo sem motivo.

-Estes meninos me tiram de gonzo!

Dito o qual, Etta parte. Não saiu tão mal, depois de tudo. Jantamos sozinho com a Etta, porque papai e mamãe se partiram a uma festa. Havia frango frito com guisantitos e bolo de chocolate, e Mark agarrou a parte maior, mas eu não protestei porque já tinha gasto as varinhas batedeiras. depois de jantar peço permissão a Etta para sair, e ela me pergunta se tiver deveres.

-Ortografia e recolher umas folhas para a classe de arte.

-De acordo, sempre e quando voltar antes de que oscurezca.

vou agarrar o pulôver azul de zebras e a bolsa. Saio ao jardim e me encaminho para o claro. Mas não vejo aquele homem. Sinto-me na rocha durante um momento, e então caio na conta de que seria melhor recolher umas folhas. Retorno ao jardim e encontro umas folhas que têm cansado do arbolito de mamãe, quem depois me contou que eram de ginkgo, e outras de arce e carvalho. Logo volta à clareira, mas o homem seguia sem aparecer. "Bom, suponho que deveu inventar-se isso de que viria e que, no fundo, não deve necessitar tanto as calças."

Possivelmente Ruth tinha razão, porque eu lhe contei o do indivíduo, e ela me disse que me inventava isso, que a gente não desaparece na vida real, a não ser solo na televisão. Possivelmente se tratasse de um sonho, como o dia em que Buster morreu e eu sonhei que o bichinho estava bem e se encontrava em sua jaula, mas quando despertei, não estava, e mamãe me disse:

-Os sonhos não se parecem com a realidade, mas também são importantes.

Começo a sentir frio; me ocorre que possivelmente poderia deixar a bolsa, e se o homem vem, encontrará suas calças. Quando começo a enfiar o atalho de volta a casa, ouço um ruído estranho e a um homem que exclama:

-Ayyy! Caray, como dói!

Miúdo susto.

Henry: Apareço encravado contra a rocha e com uns arranhões nos joelhos. Estou no claro, e há um pôr-do-sol precioso depois das árvores, de um esfumado laranja e vermelho espetacular, ao J. M. W. Turner. A clareira está vazia, salvo por uma bolsa cheia de roupa, e deduzo rapidamente que Clare me deixou isso e que é provável que estejamos em um dia situado certo tempo depois de nosso primeiro encontro. Ao Clare não a vê por nenhuma parte, e a chamo sem levantar muito a voz. Ninguém responde. Rebusco na bolsa da roupa. Há uns chineses e umas calças preciosas de lã marrom, uma gravata horrenda com trutas por toda parte, um pulôver do Harvard, uma camisa branca própria da indumentária de Oxford, com a sianinha no pescoço, e manchada de suor nas axilas, e aquela deliciosa bata de seda com o monograma do Philip que tem um grande rasgão sob o bolso. Esses objetos são velhas amigas minhas, salvo a gravata, e me alegro das ver. Ponho-me os chineses e o pulôver, e benzo ao Clare por seu suposto bom gosto e melhor tino hereditários.

Sinto-me muito bem; à margem do fato de que não tenho sapatos, vou bem equipado em minha situação espaciotemporal presente.

-Obrigado, Clare. Tem-no feito de maravilha -digo em voz alta, com cautela.

Surpreende-me sua aparição na entrada da clareira. Está obscurecendo rapidamente, e Clare parece diminuta e assustada nessa penumbra.

-Olá.

-Olá, Clare. Obrigado pela roupa. É perfeita, e esta noite me permitirá estar apresentável e me manter quente.

-Tenho que voltar.

-Não passa nada; é quase de noite. Estamos em um dia entre semana?

-Sim...

-Que data é hoje?

-Quinta-feira 29 de setembro de 1977.

-Serviste-me que grande ajuda. Obrigado.

-Como é que não sabe?

-Bom, acabo de chegar. Faz uns minutos estávamos a segunda-feira 27 de março de 2000. A manhã era chuvosa, e estava preparando umas torradas.

-Mas você mesmo me escreveu o dia -diz Clare, tirando uma parte de papel de carta com o cabeçalho do despacho de advogados de seu pai e me tendendo isso Me acerco a ella y lo cojo. Me interesa ver la fecha escrita con mis cuidadosas mayúsculas. Permanezco en silencio y doy palos de ciego tratando de hallar un modo de explicar los caprichos del viaje temporal a la niña pequeña que ahora es Clare.

Aproximo-me dela e o agarro. Interessa-me ver a data escrita com minhas cuidadosas maiúsculas. Permaneço em silêncio e dou paus de cego tratando de achar um modo de explicar os caprichos da viagem temporária à menina pequena que agora é Clare.

-Vejam; é um pouco parecido a isto. Sabe como funciona um toca-fitas?

-Sim.

-Muito bem. Põe uma cinta e a passas de princípio a fim, não?

-Sim...

-Assim é sua vida. Levanta-te pela manhã, tomadas o café da manhã, escova-te os dentes e vai à escola, verdade? Não te levanta e, de repente, encontra-te na escola almoçando com a Helen e Ruth para depois, de um modo inesperado, estar em casa te vestindo, a que não?

-Não -diz Clare entre risadas.

-Bem, pois para mim é distinto. Como sou um viajante do tempo, salto muito de uma época a outra. É como se pusesse a cinta para que soasse um momento e logo dissesse: "Olhe, agora quero voltar a escutar essa canção". Volta a pôr a canção e retorna ao ponto onde o deixou, mas adianta tanto a cinta que volta a rebobiná-la de novo. O mau é que ainda está muito adiante. Compreende-o?

-Mais ou menos.

-Bom, não é a melhor das analogias, a verdade. A grandes rasgos, ocorre que às vezes me perco no tempo e não sei em que momento me encontro.

-O que é analogia?

-É quando tenta explicar algo dizendo que é como outra coisa. Por exemplo, agora estou na glória com este pulôver fantástico, e você está de postal, e Etta vai se pôr como uma fúria se não retornar em seguida.

-vais dormir aqui? Poderia vir a casa. Temos um dormitório para os convidados.

-Caray, que amável! Por desgraça, não me permite conhecer sua família até 1991.

Clare está absolutamente perplexa. Acredito que parte do problema reside no fato de que não pode imaginar nenhuma data que supere os setenta. Lembrança que quando tinha sua idade me ocorria o mesmo com os sessenta.

-por que não?

-Forma parte das normas. As pessoas que viajamos pelo tempo não devemos ir por aí falando com a gente normal enquanto visitam sua época, porque poderíamos atá-lo tudo. -Em realidade, não acredito; as coisas acontecem como aconteceram, uma única vez. Não estou a favor de ir truncando universos.

-Mas está falando comigo.

-Porque você é especial. É valente, lista e muito boa guardando segretos.

-O contei a Ruth -confessa Clare envergonhada-. Não me acreditou.

-Bom, não se preocupe. Tampouco há muitas pessoas que me tenham acreditado , sobre tudo os médicos. Os médicos não acreditam nada que não lhes possa demonstrar.

-Eu te acredito.

Clare está a um metro e meio de distância. Sua pálida carita capta os últimos raios de luz laranja do oeste. Leva o cabelo penteado para trás, bem sujeito em uma rabo-de-cavalo, e uns texanos azuis e um pulôver escuro com umas zebras que lhe atravessam o peito. Tem as mãos crispadas e seu aspecto é feroz e decidido. "Nossa filha se teria parecido a ela", penso com tristeza.

-Obrigado, Clare.

-Tenho que retornar a casa.

-Boa idéia.

-Voltará?

Consulto a lista de cor.

-Voltarei em 16 de outubro. É sexta-feira. Vêem o claro justo depois da escola. Traz esse pequeno jornal azul que Megan te deu de presente o dia de seu aniversário e uma caneta de tinta azul.

Repito a data olhando ao Clare para me assegurar de que se lembrará.

-Au revoir, Clare.

-Au revoir...

-Henry.

-Au revoir, Henri.

Seu acento já é melhor que o meu. Clare se volta e corre pelo atalho para refugiar-se nos braços de sua casa iluminada e acolhedora, e eu me confundo entre as sombras e começo a caminhar pelo prado. Mais tarde, tiro a gravata no contêiner que há detrás da Dina's Fish'n Fry.

Lições de sobrevivência

Quinta-feira 7 de junho de 1973

Henry tem 27 e 9 anos

Henry: Encontro-me na calçada de em frente do Instituto de Arte de Chicago, um ensolarado dia de junho de 1973, em companhia de meu outro eu de nove anos de idade. Ele viajou desde quarta-feira passada; eu, em troca, venho de 1990. Temos uma larga tarde por diante, e parte da noite, para aproveitá-la como queremos. Por isso fomos a um dos museus de arte maiores do mundo, para aprender uma lição sobre carterismo.

-Não podemos nos limitar a contemplar as obras de arte? -suplica Henry. Está nervoso. Nunca se dedicou a isto.

-De maneira nenhuma. Precisa aprender a técnica. Como vais sobreviver se não saber roubar nada?

-Mendigando.

-Mendigar é uma lata, e sempre te detém a polícia. Vejamos, me escute bem: quando entrarmos aí, quero que te separe de mim e finja que não me conhece. Agora bem, fique o bastante perto para observar o que faço. Se te entregar alguma coisa, não a deixe cair, guarda-a no bolso o mais rápido que possa. De acordo?

-Suponho que sim. Podemos ir ver são Jorge?

-Claro.

Atravessamos a avenida Michigan e caminhamos entre estudantes e amas de casa que tomam o sol na escalinata do museu. Henry dá uns golpecitos a um dos leões de bronze ao passar.

Sinto-me algo incômodo por tudo este assunto. Por um lado, estou me proporcionando a mim mesmo umas técnicas de sobrevivência claramente necessárias. As lições deste curso incluem: Furto nas Lojas, Moer a pauladas, Forçar Fechaduras, Subir aos Masteire, Conduzir, Invasão de moradia, Mergulho em Contêineres de Escombros e Como Empregar Objetos Descabelados como Persianas de Lamas e Tampas de Cubos de Lixo como Armas. Por outro lado, estou corrompendo a meu pobre, jovem e inocente eu. Enfim, alguém tem que fazê-lo.

Hoje o museu é gratuito, e há um enxame de pessoas. Pomo-nos na cauda, atravessamos a entrada e subimos devagar pela grandiosa escalinata central. Entramos nas salas de arte européia e retrocedemos da arte flamenca do século XVII até chegar à a Espanha do século XV. São Jorge posa de pé, como sempre, preparado para transpassar ao dragão com sua delicada lança, enquanto a princesa rosa e verde espera com recato no plano central. A meu eu e nos tem o dragão encantados de ventre amarelado, e sempre nos alivia descobrir que seu trágico final ainda não se produziu.

Henry e eu ficamos de pé frente à pintura do Bernat Martorell durante cinco minutos, e logo ele se volta para mim. Nesse momento temos a sala a nossa disposição.

-Não custa tanto -lhe digo-. Disposta atenção. Procura a alguém distraído. Imagina onde pode ter a carteira. A maioria dos homens utilizam o bolso traseiro ou o interior da jaqueta do traje. Quanto às mulheres, é melhor que levem a bolsa à costas. Se estiver na rua, pode agarrá-lo e atirar dele, mas então tem que te assegurar de que correrá mais que qualquer que dita te perseguir. É muito mais silencioso agarrá-lo sem que se inteirem.

-Vi um filme em que praticavam com um traje que tinha costuradas umas campanitas à roupa, e se ao agarrar a carteira o tipo movia o traje, as campanitas soavam.

-Sim, lembrança esse filme. Pode provar em casa. Agora me siga.

Levo-me ao Henry da sala do século XV a do XIX; aterrissamos em pleno impressionismo francês. O Instituto de Arte é famosa por sua coleção de impressionismo. Posso escolher, mas estas salas estão sempre abarrotadas de gente que se retorce o cangote para jogar uma olhada a Grande Jatte ou a algum palheiro do Monet. Henry não alcança a ver por cima das cabeças dos adultos e se perde as pinturas, mas de todos os modos está muito nervoso para as contemplar. Examino a sala. Há uma mulher inclinada sobre um bebê que se contorsiona e muge. Deve ser a hora de sua sesta. Faço um gesto de assentimento ao Henry e me dirijo para ela. Sua bolsa possui um simples fechamento a pressão, e o tem pendurado em bandoleira. Está absolutamente concentrada em obter que seu filho deixe de chiar. encontra-se frente à obra No Moulin Rouge, do Toulouse-Lautrec. Finjo que o Miro enquanto caminho, tropeço com ela e lhe faço perder o equilíbrio enquanto a coxo pelo braço.

-Sinto-o muitíssimo, me perdoe. Não estava olhando. Está bem? Há tanta gente aqui...

Minha mão está em sua bolsa. Ela se sufocou, tem os olhos escuros, o cabelo comprido e uns peitos grandes. Ainda está tentando perder os quilogramas de mais que ganhou com o embaraço. Cruzo-me com seu olhar quando encontro o moedeiro, e sigo me desculpando. O moedeiro sobe pela manga de minha jaqueta, a Miro de cima abaixo e sorrio, retrocedendo, volto-me, caminho, e a observo por cima do ombro. Ela agarrou a seu filho em braços e me olhe fixamente, algo triste. Sorrio e me afasto caminhando. Henry me segue quando desço pelas escadas para o museu infantil. Encontramo-nos perto do lavabo de cavalheiros.

-foi muito estranho -comenta Henry-. por que te olhava desse modo?

-sente-se sozinha -lhe digo em um tom eufemístico-. Possivelmente seu marido não passa muito tempo com ela.

Metemo-nos em um lavabo e abro o moedeiro. chama-se Denise Radke. Vive em Vila Park, em Illinois. É membro dos Amigos do Museu e ex-aluna da Universidade Roosevelt. Leva vinte e dois dólares em efetivo e umas moedas. O ensino todo ao Henry, em silêncio, sotaque o moedeiro como estava e o entrego. Saímos do lavabo e do serviço de cavalheiros e voltamos para a entrada do museu.

-Dá-lo a vigilante. lhe diga que lhe encontraste isso no chão.

-por que?

-Não o necessitamos; solo estava te ensinando.

Henry corre para a vigilante, uma mulher negra e entrada em anos que sorri e lhe dá ao menino uma espécie de médio abraço. Henry retorna devagar, caminhamos separados, a uns três metros de distância, eu encabeço a marcha pelo comprido e escuro corredor que algum dia albergará a sala de Artes Decorativas e que conduz a ainda inconcebível asa Frise, que na atualidade está cheia de pôsteres. Ando procurando objetivos fáceis, e justo diante de mim me encontro o exemplo perfeito do sonho de todo ladrão de carteira. Baixinho, corpulento, bronzeado e desconjurado, parece saído do estádio Wrigley Field, com sua boina de beisebol, calças de poliéster e camisa azul claro de manga curta, abotoada até acima. Está instruindo a sua mirrada noiva sobre o Vincent vão Gogh.

-E então se curta a orelha e a dá de presente a sua garota... Né, ouça. O que te pareceria como presente? Uma orelha, nada menos! Uau! Por isso o meteram em um manicômio...

Não sinto o menor escrúpulo para esse indivíduo. Caminha dando pernadas, cacarejando, muito tranqüilo, com a carteira no bolso traseiro esquerdos. Tem um ventre enorme, mas quase não tem culo, e sua carteira está pedindo que a agarrem. Perambulo depois do casal. Henry goza de uma boa visão quando inserido com destreza o polegar e o índice no bolso do objetivo e Libero a carteira. Jogo-me para trás e eles seguem caminhando, o passado a carteira ao Henry e a coloca rapidíssimo nas calças enquanto eu me adianto.

Ensino-lhe outras técnicas: como agarrar uma carteira do bolso interior de um traje, como ocultar a mão quando a introduzimos na bolsa de uma mulher, seis modos distintos de distrair a unapersona enquanto arrebatamos a carteira, como tirar uma carteira de uma mochila e o modo de conseguir que alguém, sem adverti-lo, mostre-te onde leva o dinheiro. Agora está mais depravado, inclusive começa a divertir-se. Ao final, digo-lhe:

-Muito bem, agora toca a ti.
fica petrificado.

-Não posso.

-Claro que pode. Observa a seu redor. Procura a alguém.

Encontramo-nos na sala de gravuras japonesas. Há um montão de anciãs.

-Aqui não.

-De acordo. me diga onde.

Henry pensa uns segundos.

-No restaurante?

Dirigimo-nos lentamente para o restaurante. A lembrança disso instante é muito nítido. Eu estava absolutamente aterrorizado. Jogo uma olhada a meu álter ego e o constato: empalideceu que medo. Sorrio, porque sei o que ocorrerá a seguir. Situamo-nos ao final da cauda para acessar ao restaurante ao ar livre. Henry observa a seu redor, pensando.

Frente a nós há um homem amadurecido e muito alto que leva um traje marrom ligeiro e de bom corte; é impossível adivinhar onde guarda a carteira. Henry se aproxima dele; tende a mão e lhe mostra uma das carteiras que roubei antes.

-Senhor, ouça... É sua a carteira? -pergunta Henry baixinho-. Estava no chão.

-Como?... Ah, mmm, não. -O homem comprova o bolso direito de sua calça, descobre sua carteira sã e salva, inclina-se para o Henry para lhe ouvir melhor, agarra a carteira que o moço lhe mostra e a abre-. Uff, vá... Deveria levar-lhe aos vigilantes de segurança. Sim, há bastante dinheiro em efetivo.

O homem leva uns óculos grosas e observa ao Henry através dos cristais enquanto fala. Henry, por sua parte, alarga o braço sob a jaqueta do homem e lhe rouba a carteira. Como o menino leva uma camiseta de manga curta, ponho-me atrás dele e me passa a carteira. O homem alto e magro do traje marrom assinala para as escadas e explica ao Henry o modo de devolver seu achado.

Meu outro eu se afasta titubeando na direção que o homem lhe indicou e eu o sigo, adianto-o e o conduzo através do museu até a saída; passamos diante dos vigilantes e nos metemos na avenida Michigan, para o sul, até que terminamos, sonriendo como fantasias de diabo, no Café dos Artistas, onde nos damos o capricho de pedir batidos e batatas fritas, que abonamos com parte dos benefícios que conseguimos com nossas más artes. Logo atiramos todas as carteiras em uma rolha, sem dinheiro, e peço uma habitação em Casa Palmer.

-E bem? -pergunto-lhe, sentado no bordo da banheira enquanto contemplo ao Henry lavando-dentes.

-O que? -diz-me Henry com a boca cheia de dentifício.

-O que te parece?

-O que?

-O carterismo.

-Muito bem -me responde, me olhando através do espelho. Logo se volta e me olhe aos olhos-. O tenho feito! -exclama, sonriendo de orelha a orelha.

-Esteve fantástico!

-Sim! -Lhe apaga o sorriso-. Henry, eu não gosto de viajar pelo tempo sozinho. É mais divertido quando está você. Não poderia vir sempre comigo?

Está de pé, me dando as costas, e nos olhamos pelo espelho. Meu pobre e jovem eu: a essa idade minhas costas é magra e minhas escápulas se sobressaem como asas incipientes. volta-se, esperando uma resposta, e eu sei o que tenho que lhe dizer... a ele, a mim. Ponho-lhe uma mão sobre o ombro e lhe obrigo a voltar-se com suavidade,

para que fique a meu lado e fiquemos frente ao espelho, o um junto ao outro, com a cabeça ao mesmo nível.

-Olhe.

Estudamos nossos reflexos, entrelaçados no recarregado esplendor do banho dourado de Casa Palmer. Nosso cabelo é do mesmo tom castanho escuro, os olhos são amendoados e negros, e apresentam as mesmas rugas de cansaço; luzimos réplicas exatas das orelhas do outro. Eu sou mais alto e musculoso, e me barbeio. Ele é mais magricela e desajeitado, e lhe marcam os joelhos e os cotovelos. Aparto-me o cabelo da cara e lhe ensino a cicatriz do acidente. De maneira inconsciente, Henry imita meu gesto, e se toca a mesma cicatriz da frente.

-É igual à minha -me diz, surpreso-. Como lhe fez isso?

-Igual a você. É a mesma. Somos o mesmo.

É um momento translúcido. Eu não o compreendia mas, de repente, compreendi-o tudo, assim. Vi como acontecia. Desejo ser os dois de uma vez, sentir de novo a sensação de perder os limites de mim mesmo, ver a soma de futuro e presente pela primeira vez. Não obstante, estou muito acostumado, sinto-me muito cômodo no papel, e termino ficando fora, recordando o maravilhoso que é ter nove anos e de súbito ver, saber, que meu amigo, guia e irmão sou eu precisamente. Eu, e só eu. Sentir a solidão da experiência.

-Você é eu.

-De maior.

-Mas... E os outros?

-Refere aos outros viajantes do tempo?

Henry assente.

-Não acredito que haja mais. Quero dizer que jamais me cruzei com nenhum.

Uma lágrima aparece pela extremidade do olho esquerdo. Quando eu era pequeno, imaginava toda uma sociedade de viajantes do tempo, da qual Henry, meu professor, era o emissário, enviado para me instruir sobre minha inclusão final nessa vasta camaradagem.

Ainda me sinto um ser marginal, o último membro de uma espécie outrora numerosa. Era como se Robinson Crusoe descobrisse um rastro reveladora na praia e então se desse conta de que se tratava da própria. Meu eu, tremendo como uma folha, transparente como a água, começa a chorar. Abraço-o, abraço-me, durante muito momento.

Mais tarde pedimos chocolate desfeito ao serviço de habitações e vemos o Johnny Carson. Henry dorme com a luz acesa. Quando termina o programa, jogo uma olhada e me dou conta de que se partiu, desvaneceu-se e se encontra já em meu antigo dormitório do piso de meu pai, de pé e confundido pelo sonho, junto a minha antiga cama, sobre a que se desaba agradecido. Apago o televisor e o abajur da mesita de noite. Os ruídos do tráfico de 1973 penetram pela janela aberta.

Desejo ir a casa. Estou jogado nessa cama dura de hotel, desamparado, sozinho. Sigo sem compreender nada.

Domingo 10 de dezembro de 1978;

Henry tem 15 e 15 anos

Henry: Estou em meu dormitório com meu outro eu. Vem do próximo mês de março. Estamos fazendo o que estamos acostumados a fazer quando temos um pouco de intimidade, quando fora faz frio, nessa época em que os dois já passamos a puberdade e ainda não começamos a sair com garotas. Acredito que a maioria faria isso, se tivesse a aula de oportunidades que eu tenho. Quero dizer que não é que seja gay, nem nada pelo estilo.

É domingo, bem entrada a manhã. Ouço como dobram os sinos de São José. Meu pai chegou a casa muito tarde ontem de noite; acredito que foi ao Exchequer depois do concerto, porque estava tão bêbado que caiu pelas escadas e tubo que entrá-lo nas costas em casa e deitá-lo. Tosse e ouço que dá voltas pela cozinha.

Meu outro eu parece distraído; não deixa de olhar para a porta.

-O que? -pergunto-lhe.

-Nada.

Levanto-me e comprovo a fechadura.

-Não -me diz. Parece estar fazendo um grande esforço para poder falar.

-Vêem.

Ouçó os passos lentos de meu pai ao outro lado da porta.

-Henry?

O pomo da porta gira devagar e então me dou conta de que inadvertidamente desbloqueei a fechadura. Henry se precipita para a porta, mas já é muito tarde: meu pai aparece a cabeça pela fresta e vá aos dois em flagrante delito.

-OH! -exclama com os olhos exagerados e uma expressão de profundo desgosto desenhada no rosto-. Pelo amor de Deus, Henry!

Fecha a porta e ouço que retorna a seu dormitório. Furioso, lanço um olhar de recriminação a meu outro eu enquanto ponho uns texanos e uma camiseta. Enfio o corredor para a habitação de meu pai. Tem a porta fechada. Chamo, mas não me responde. Espero.

-Papai? -Silêncio. Abro a porta, e fico de pé na soleira-. Papai?

Está sentado de costas a mim, sobre a cama. Não se move, e eu permaneço imóvel durante um momento, sem conseguir reunir forças suficientes para entrar em seu quarto. Ao final, fecho a porta e volta a meu dormitório.

-Tudo foi por sua culpa -digo a meu eu com severidade. Leva texanos e está sentado na cadeira, tem a cabeça afundada entre as mãos-. Sabia, sabia perfeitamente o que ia acontecer e não disse nenhuma palavra. Onde está seu instinto de conservação? Que demônios te passa? Do que te serve conhecer o futuro se nem sequer pode nos proteger de escenitas humilhantes...?

-te cale -grunhe Henry-. Faz o favor de te calar.

-Não penso me calar -digo a gritos-. Mas se quão único tinha que fazer era dizer...

-Escuta -me diz, levantando o olhar para mim com resignação-. foi como... como esse dia na pista de patinação sobre gelo.

-OH, mierda!

Faz um par de anos vi como uma menina pequena se dava um golpe na cabeça com um disco de hóquei no parque Cabeça a Índia. Foi horrível. Logo soube que morreu no hospital, e comecei a viajar a esse dia sem cessar, porque queria avisar a sua mãe, e não podia. Era como estar entre o público que contempla um filme. Era como ser um fantasma. Eu queria gritar: "Não, leve-lhe a casa, não deixe que se aproxime do gelo, leve-lhe vão ferir a, vai morrer", mas me dava conta de que as palavras não saíam de minha cabeça, e que tudo aconteceria igual a antes.

-Fala de trocar o futuro -diz Henry-, mas para mim isto é o passado, e pelo que vejo, pouco posso fazer para trocá-lo. Quero dizer que o tentei, e pelo fato de tentá-lo, aconteceu. Se não houvesse dito nada, não te teria levantado...

-Então, por que falaste?

-Porque sim. Você também falará, a não ser ao tempo -responde encolhendo-se de ombros-. É como o que aconteceu a mamãe. O acidente. Immer wieder.

De novo sempre, sempre o mesmo.

-livre-arbítrio?

levanta-se, dirige-se para a janela e se detém, olhando para o pátio traseiro dos Tantinger.

-Estava falando precisamente disso com um eu de 1992 que me comentou algo interessante: disse que pensava que solo existe o livre-arbítrio quando te encontra em sua época, no presente. Diz que no passado sozinho podemos fazer o que já fizemos, e que solo podemos estar aí se estivemos antes nesse lugar.

-Mas esteja onde esteja, sempre será minha presente. Não deveria ser eu quem decidisse...?

-Não, parece ser que não.

-O que te disse sobre o futuro?

-Só terá que deduzi-lo. Vai ao futuro, faz algo em concreto e logo retorna à presente. Isso que fez formará parte de seu passado. portanto, também deve ser inevitável.

Sinto uma combinação muito estranho de liberdade e desespero. Estou suando; Henry abre a janela e o ar frio penetra no dormitório.

-Então resulta que não sou responsável por nada do que faça, sempre e quando não me encontrar no presente.

-Graças a Deus -diz sorrindo.

-E tudo já aconteceu em realidade.

-Parece que a coisa funciona assim. -Henry se passa a mão pela cara, e me dou conta de que já poderia utilizar um barbeador elétrico de barbear-. Entretanto, disse que tem que te comportar como se tivesse livre-arbítrio, como se fosse responsável pelo que faz.

-por que? O que importa isso?

-Parece ser que em caso contrário, tudo sairá mau. É deprimente.

-Sabe por experiência própria?

-Sim.

-Então, o que ocorrerá agora?

-Papai te ignorará durante três semanas; e quanto a isto... -diz-me assinalando a cama-. Temos que deixar de nos ver deste modo.

-De acordo. Não há problema -digo com um suspiro-. Algo mais?

-Viviam Teska.

Vivian é essa garota de geometria que acordada meus instintos luxuriosos. Jamais lhe dirigi a palavra.

-Amanhã, depois de classe, te aproxime dela e lhe peça para sair.

-Nem sequer a conheço.

-Confia em mim. -Dedica-me uma careta que me faz pensar por que diabos tenho que confiar nele, mas quero acreditar no que me diz.

-De acordo.

-Teria que partir. me dê dinheiro, por favor.

Saco vinte dólares.

-Mais.

-É tudo o que tenho.

-Vale. -veste-se, com a roupa que agarra de um montão empelotado, e que não me importará perder de vista-. Não terá um casaco?

Dou-lhe um pulôver grosso de lã peruana que sempre odiei. Põe expressão de asco e o coloca em cima. Logo nos dirigimos à porta traseira do piso. Os sinos da igreja tocam as doze do meio-dia.

-Adeus -me diz meu eu.

-Boa sorte -lhe respondo, extrañamente comovido ante a visão de mim mesmo me embarcando para o desconhecido, por volta de uma fria manhã de domingo em Chicago a que ele não pertence. Tropeça ao baixar as escadas de madeira e eu retorno ao silencioso piso.

Quarta-feira 17 de novembro; terça-feira 28 de setembro de 1982

Henry tem 19 anos

Henry: Estou no assento traseiro de um carro de polícia do Zion, em Illinois. Levo umas algemas e pouca coisa mais. O interior do carro patrulha cheira a cigarros, couro, suor e outro aroma que não consigo identificar e que parece endêmico aos carros patrulha. O aroma da otredad monstruosa, possivelmente. Tenho o olho esquerdo fechado pelo inchaço, e a parte dianteira de meu corpo cheia de morados, corte e sujeira por causa de meu enfrentamento com o major dos dois policiais em um terreno ermo cheio de cristais quebrados. Os policiais estão de pé fora do veículo e falam com os vizinhos, entre os quais ao menos há um que é evidente me viu como tentava entrar na casa vitoriana de tons amarelo e branco, frente à qual estamos estacionados. Não sei em que época me encontro. Levo quase uma hora neste lugar, e a caguei em todos os sentidos. Tenho muchísima fome, e me sinto muito cansado. Deveria estar no seminário sobre o Shakespeare do doutor Quarrie, mas não cabe dúvida de que acabo de me perder isso É uma pena. Estudamos O sonho de uma noite do verão.

O que posso ver do interior deste carro patrulha é que faz calor e não estou em Chicago. A força pública desta cidade me odeia porque sempre desapareço enquanto estou sob custódia, e não podem entendê-lo. Por outro lado, nego-me a falar com eles, assim seguem sem saber minha identidade nem minha direção. O dia que as descubram, estou perdido, porque tenho várias ordens de arresto pendentes: invasão de moradia, furto em comércios, resistência à autoridade, violação da detenção, invasão de propriedade privada, exibicionismo, roubo, und sou weiter.

Com todo o dito, a gente poderia deduzir que sou um delinqüente muito inepto, mas, em realidade, o verdadeiro problema estriba no muito que costa passar desapercibido quando vai nu. O sigilo e a velocidade são minhas principais qualidades. Por isso, quando tento violar domicílios alheios a plena luz do dia e completamente nu, às vezes a coisa não funciona. Prenderam-me sete vezes, e até o momento sempre me esfumei antes de que possam tomar os rastros ou me tirar uma fotografia.

Os vizinhos não param de espionar pelos guichês do carro patrulha para me olhar. Não me importa. Não me importa absolutamente. Tudo isto dura muito. Joder, ódio estas situações. Recosto-me para trás e fecho os olhos.

abre-se uma portinhola do carro. Entra o ar fresco durante um segundo (no que abro de repente os olhos) e vejo o ralo metálico que separa a parte dianteira do automóvel da traseira, os assentos de vinil esquartejados, as algemas nas mãos, minhas pernas com a carne de galinha, o céu sereno através do pára-brisa, a boina negra e com viseira sobre o salpicadero, a tabuleta de notas na mão do oficial, seu rosto avermelhado, as sobrelhas cinzentas e espessas e as bochechas quedas como cortinados...

Tudo brilha, iridescente, em cores parecidas com as asas de uma mariposa, e o policial diz:

-Né, está tendo uma espécie de ataque...

Me tocam castanholas os dentes com violência, e ante meus olhos o carro patrulha desaparece e me encontro jogado de costas no pátio traseiro de minha casa.

Sim. Sim! Encho-me os pulmões com o doce ar de uma noite de setembro. Endireito-me e me esfrego as bonecas, que ainda conservam a marca das algemas.

Rio, rio sem cessar. tornei a escapar! Houdini, Próspero, me haja aqui! lhes incline ante mim, porque eu também sou um mago.

Invadem-me as náuseas e vomito bÍlis sobre os crisântemos do Kimy.

Sábado 14 de maio de 1983

Clare tem 11 anos, quase 12

Clare: É o aniversário da Mary Christina Heppworth, e todas as meninas de quinto do colégio de São Basílio ficamos dormindo em sua casa. Darão-nos pizza, Coca-cola e salada de fruta para jantar, e a senhora Heppworth fez um enorme bolo em forma de cabeça de unicórnio com umas letras lustradas em vermelho, onde põe: feliz aniversário, Mary christina!; nós cantamos e Mary Christina sopra as doze velas de uma só vez. Acredito que sei que desejo formulou; não crescer mais. Isso é o que eu desejaria em seu lugar. Mary Christina é a mais alta da classe. Mede metro setenta e cinco. Sua mãe é um pouco mais baixa que ela, mas seu pai é francamente muito alto. Helen o perguntou uma vez a Mary Christina, e lhe disse que media dois metros. É a única menina da família; seus irmãos são maiores que ela, barbeiam-se e são muito altos também. proposto-se nos ignorar e comer muito bolo; Patty e Ruth, em especial, riem muito quando se aproximam onde estamos nós. É muito violento. Mary Christina abre seus presentes. Eu lhe comprei um pulôver verde, igual ao meu azul que tanto gostava, o do pescoço de agulha de crochê da Laura Ashley. depois de jantar vemos Você a Boston e eu a Califórnia em vídeo; a família Heppworth nos vigia por turnos até que todas nos pusemos o pijama no banheiro do segundo piso e nos empelotamos no dormitório da Mary Christina, que está decorado completamente em rosa, inclusive o tapete. Certamente os pais da Mary Christina ficaram muito contentes de que nascesse finalmente uma garota depois de tantos filhos varões. Trouxemo-nos os sacos de dormir, mas os amontoamos contra uma parede e nos sentamos sobre a cama da Mary Christina e no chão. Nancy tem uma garrafa de licor do Peppermint e o provamos. Sabe asqueroso, é como se me tivesse tragado Vicks VapoRub e me queimasse o peito. Jogamos jogo da Verdade ou à Provocação. Ruth desafia ao Wendy a que baixe correndo ao vestibulo sem a jaqueta do pijama. Wendy pergunta ao Francie que talha de prendedor leva Lexi, a irmã de dieciseteaños do Francie. (Resposta: uma cem.) Francie pergunta ao Gayle que fazia na sábado anterior com o Michael Plattner em La Rainha dos Lácteos. (Resposta: comer um sorvete. Sim, já...) Ao cabo de um momento já nos aborrecemos que Jogo da Verdade ou a Provocação, sobre tudo porque é difícil que nos ocorram boas provocações que qualquer de nós possa aceitar, e porque sabemos tudo o que terá que saber das demais, dado que vamos juntas à escola do jardim de infância.

Então Mary Christina diz:

-Juguemos à a Ouija.

A todas parece bem, em parte porque é sua festa de aniversário e também porque o jogo da Ouija é muito bom. Tira-o do armário. A caixa está amassada, e ao triangulito que assinala as letras lhe falta a ventanita de plástico. Henry me contou uma vez que foi a uma sessão de espiritismo e a médium explorou o apêndice ali mesmo, e

tiveram que chamar uma ambulância. A verdade é que para jogar com o tabuleiro só há espaço para duas pessoas de uma vez; portanto, Mary Christina e Helen jogam primeiro.

A regra mais importante é que tem que perguntar em voz alta o que deseja saber, se não a coisa não funciona. As duas põem o dedo sobre o triângulo de plástico.

Helen olhe a Mary Christina, que dúvida, e Nancy diz:

-lhe pergunte sobre o Bobby.

-Gosto ao Bobby Duxler? -pergunta então Mary Christina.

Todas nos rimos. A resposta é "Não", mas o tabuleiro Ouija diz "Sim" com um ligeiro empurrão da Helen. Mary Christina sorri tão abertamente que posso lhe ver

os aparelhos, o de acima e o de abaixo. Helen pergunta logo se gostar a algum menino. A Ouija dá voltas em círculo durante um momento, e logo se detém em D, A, V.

-David Hanley? -diz Patty, e todas rimos. Dave é o único menino negro da classe. É supertímido e pequeno, e muito bom em matemática.

-Ao melhor ajuda com as divisões largas -diz Laura, que também é muito tímida.

-Venha, Clare -ri Helen, que é muito mau em matemática-. Agora tenta-o com a Ruth.

Ocupamos os postos da Helen e Mary Christina. Ruth me olhe e se encolhe de ombros.

-Não sei o que perguntar -lhe digo.

Todas se burlam; quantas perguntas possíveis devem existir? Há tantas coisas que quero saber: "Encontrará-se bem mamãe? por que papai grita a Etta esta manhã?

Acaso Henry é uma pessoa real? Onde escondeu Mark meus deveres de francês?".

-A que meninos gostam de Clare? -pergunta Ruth. Dedico-lhe um olhar atroz, mas ela se limita a sorrir-. Não quer sabê-lo?

-Não -respondo eu, mas ponho os dedos sobre o plástico branco.

Ruth também coloca os seus mas não se move nada. Logo que roçamos o objeto, tentamos fazê-lo bem e não empurrar.

Então começa a mover-se, devagar. Avança em círculos, e logo se detém na H. Nesse momento começa a ir mais depressa: E, N, R, Y.

-Henry -diz Mary Christina-. Quem é Henry? Eu não tenho nem idéia, mas você te está pondo vermelha, Clare. nos diga quem é Henry.

Nego com a cabeça, como se para mim também fora um mistério.

-Agora pergunta você, Ruth.

Ruth formula sua pergunta e pede (como não) a quem gosta dela; o tabuleiro Ouija soletra a palavra R, I, C, K. Noto que está empurrando. Rick é o senhor Malone, nosso professor de ciências, que está enamorado da senhorita Engle, a professora de língua. Todas rimos, à exceção do Patty, que também anda loquiza pelo senhor Malone. Ruth e eu nos levantamos, e Laura e Nancy se sintam. Nancy está de costas a mim, e não posso ver sua cara quando diz:

-Quem é Henry?

Todas me observam e ficam absolutamente silêncio. Eu contemplo o tabuleiro. Nada. Penso que me encontro a salvo, mas a cosita de plástico começa a mover-se.

E, diz primeiro. Ao melhor se equivocou ao soletrar o nome do Henry; a fim de contas, nem Nancy nem Laura sabem nada dele. Nem sequer eu sei grande coisa sobre o Henry. O jogo segue: S, P, O, S, O. Todas me olham.

-Né, que eu não estou casada; que solo tenho onze anos!

-Mas quem é Henry? -pergunta-se Laura.

-Não sei. Possivelmente é alguém a quem ainda não conheci.

Assente. Todas estamos impresionadísimas. Eu também me sinto transbordada. Marido? Um marido, diz?

Quinta-feira 12 de abril de 1984

Henry tem 36 anos, e Clare 12

Henry: Clare e eu estamos jogando xadrez em um claro do bosque. É um precioso dia da primavera e a natureza transborda de vida com o cortejo e a anidación dos pássaros. Seguimos nos ocultando da família do Clare, que essa tarde saiu a dar uma volta. Clare leva um momento entupida em sua jogada; pilhei-lhe a rainha faz três movimentos, e agora está condenada, mas resolvida a sucumbir lutando.

-Henry -diz, levantando a cabeça-, quem é seu Beatle favorito?

-John, claro.

-por que "claro"?

-Bom, Ringo está bem, mas é um tipo muito triste, sabe o que quero dizer?, e George é muito New Age para meu gosto.

-O que é New Age?

-Religiões muito estranhos. Música tonta e aborrecida. Patéticos intentos de convencer-se da superioridade de todo o relacionado com o hindu. A medicina não ocidental.

-Pois você não gosta da medicina convencional.

-Isso é porque os médicos sempre tentam me convencer de que estou louco. Se me tivesse quebrado um braço, seria um grande entusiasta da medicina ocidental.

-O que me diz do Paul?

-Paul é para as garotas.

Clare sorri, com um sorriso tímido.

-A mim o que mais eu gosto de é Paul.

-Claro, é uma garota.

-por que Paul é para as garotas?

"Vê com cuidado", digo-me.

-Mmm... Vá... Paul é algo assim como... como o Beatle bom, sabe?

-E isso é mau?

-Não, não. Claro que não. Agora bem, aos meninos interessa mais ser guay, e John é o Beatle guay.

-Já, mas está morto.

Não posso evitar rir.

-Pode seguir sendo guay depois de morto. De fato, é muito mais fácil, porque não envelhece, não engorda nem te cai o cabelo.

Clare cantarola o começo do When I'm 64. Move sua torre para diante e balance cinco casinhas. Agora posso lhe fazer cheque mate, a aviso e se apressa a desfazer a jogada.

-me diga, por que você gosta de Paul? -Levanto os olhos a tempo de ver como se ruboriza.

-Porque é tão... tão bonito.

Há algo no modo de pronunciar essa frase que faz que me sinta incômodo. Estudo o tabuleiro, e me dou conta de que Clare poderia me fazer cheque mate se comesse o bispo com o cavalo. Pergunto-me se deveria dizer-lhe Se fosse mais pequena, faria-o. Com doze anos, entretanto, já tem idade suficiente para valer-se por si mesmo.

Clare contempla o tabuleiro com ar sonhador. Assalta-me a idéia de que estou ciumento. Será possível! Não posso acreditar que esteja ciumento de uma velha e multimilionária

estrela de rock o bastante major para ser o pai do Clare.

-Mmmm... Já.

Clare procura meus olhos com malícia.

-E a ti, quem você gosta?

"Eu gosto de você", penso, mas não o digo.

-Refere a quando tinha sua idade?

-Mmm, sim. Quando tinha você minha idade?

Sopeso o valor e o potencial deste cartucho antes de lançá-lo.

-Tinha sua idade em 1975. Sou oito anos maior que você.

-Então, tem vinte anos?

-Bom, não. Tenho trinta e seis. -Sou o bastante major para ser seu pai.

Clare franze o cenho. As matemática não são seu forte.

-Mas se em 1975 tinha doze...

-OH, sinto muito. Tem razão. Quero dizer que este eu que vê agora tem trinta e seis anos, mas em algum lugar daí fora tenho vinte -lhe digo assinalando para o sul-. Em tempo real.

Clare se esforça por entendê-lo.

-Quer dizer, que há duas pessoas em realidade.

-Não exatamente. Sempre há um solo eu, mas quando viajo através do tempo, às vezes vou a algum lugar onde já estou, e então sim, então poderíamos dizer que há duas pessoas. Ou mais.

-Como é que eu alguma vez vi a mais de uma?

-Já as verá. Quando você e eu nos conhecermos em minha presente, isso acontecerá com frequência. -Mais freqüentemente do que eu queria, Clare.

-me diga, quem você gostava em 1975?

-Ninguém, em realidade. Aos doze tinha outras coisas em que pensar, mas quando cumpri os treze me apaixonei locamente do Patty Hearst.

-Uma garota que conheceu na escola? -pergunta-me com ar ofendido.

-Não -me rio eu-. Era uma estudante californiana muito rica; seqüestraram-na uns malvados terroristas políticos de extrema esquerda e a obrigaram a atracar bancos. Saiu nos informativos todas as noites durante meses.

-O que lhe ocorreu? por que você gostava?

-Ao final a liberaram, casou-se e teve filhos. Agora é uma senhora riquíssima que vive em Califórnia. por que eu gostava, dices? Ah, pois não sei. É algo irracional, sabe? Suponho que acreditava saber como se sentia, pelo fato de estar seqüestrada e de que a obrigassem a atuar de um modo que ela não desejava, embora ao mesmo tempo parecia que desfrutava com tudo aquilo.

-Faz coisas que não desejaria fazer?

-Sim, continuamente. -Me dormiu a perna e me levanto para sacudi-la até que começo a notar um comichão-. Não sempre acabo são e salvo como contigo, Clare. Muitas vezes apareço em lugares onde solo consigo roupa e comida roubando.

-OH! -Lhe entristece o rosto, mas então vê a jogada e a executa me olhando com ares de triunfo-. Cheque mate!

-Né, bravo! -exclamo lhe fazendo uma zalama-. É a rainha do xadrez du jour.

-É certo -corrobora Clare, vermelha de satisfação. Começa a colocar as fichas de novo em suas posições iniciais-. Outra?

Finjo consultar meu inexistente relógio.

-É obvio -lhe digo, me acomodando outra vez-. Tem fome?

Levamos horas nesse lugar, e nos acabaram as provisões; o único que fica são os restos de uma bolsa do Doritos.

-Estraguem.

Clare oculta os peões atrás de suas costas; dou-lhe uns golpecitos no cotovelo direito e me mostra o peão branco. Abro seguindo o movimento habitual: peão quatro reina. Ela reage como sempre a minha clássica jogada de abertura: peão quatro reina. Executamos as seguintes dez jogadas com bastante rapidez e um moderado derramamento de sangue, e então Clare fica quieta calculando as possibilidades. Sempre está experimentando, procurando o coup d'éclat.

-Quem você gosta agora? -pergunta sem levantar a vista.

-Quer dizer aos vinte anos ou aos trinta e seis?

-Tanto aos vinte como aos trinta e seis.

Intento recordar como era quando tinha vinte anos. Vejo imagens imprecisas de mulheres, peitos, pernas, pele, cabelo. Todas suas histórias se misturaram, e os rostos já não se correspondem com seus nomes. Estava muito ocupado aos vinte, mas me sentia muito desgraçado.

-Aos vinte não havia nenhuma mulher relevante em minha vida. Não recordo a ninguém em especial.

-E aos trinta e seis?

Escrutino o rosto do Clare. Será muito logo dizer-lhe aos doze anos? Estou seguro de que com essa idade é muito jovem. É melhor fantasiar com o muito bonito, inalcançável e seguro Paul McCartney que ter que lutar com o Henry o te Vexe Viajante do Tempo. De todos os modos, por que o perguntará?

-Henry?

-me diga.

-Está casado?

-Sim -admito com reticência.

-Com quem?

-Com uma mulher preciosa, paciente, com muitíssimo talento e muito lista.

Seu rosto se escurece.

-Ah. -Agarra um de meus bispos brancos, que capturou duas jogadas antes, e o volteia como se fora uma peonza-. Me alegro muito.

Parece um pouco decepcionada pela notícia.

-O que acontece?

-Nada. -Clare move sua rainha de Q2 a KN5-. Xeque.

Eu movo o cavalo para proteger ao rei.

-Estou casada eu? -quer saber Clare.

-Hoje está forçando sua sorte -lhe digo, me cruzando com seu olhar.

-por que não? De todos os modos, jamais me conta nada. Venha, Henry, me diga se for me converter em uma velha solteirona.

-É uma monja -a engano.

-Menino, espero que não -diz ela estremecendo-se. come-se um de meus peões com a torre-. Como conheceu sua mulher?

-Sinto muito. Isso é informação altamente confidencial. -Me como sua torre com a rainha. Clare faz uma careta.

-Auuu. Estava viajando através do tempo? Quando a conheceu, quero dizer.

-Ocupava-me de meus assuntos.

Clare suspira. faz-se com outro peão graças a sua outra torre. Começo a ficar corto de peões. Movo o bispo da rainha a KB4.

-Não é justo que você saiba tudo de mim e, em troca, não me conte nunca nada de ti.

-É certo. Não é justo. -Intento fingir que o sinto e me mostro complacente.

-Quero dizer que Ruth, Helen, Megan e Laura me contam isso tudo, e eu se o conto todo a elas.

-Tudo?

-Sim... Bom, tudo não. Não lhes digo nada de ti.

-Ah, não? Mas como, por que?

-Você é meu segredo. De todos os modos, tampouco me acreditariam. -Conquista meu bispo com seu cavalo e esboça um sorriso ladino. Contemplo o tabuleiro, tentando encontrar o modo de matar seu cavalo ou mover meu bispo. As coisas ficam feias para as brancas-. Henry, é uma pessoa de verdade?

Fico um tanto transposto.

-Sim. O que quer que seja se não?

-Não sei. Um espírito, talvez?

-Prometo-te que sou uma pessoa, Clare.

-Demonstra-o.

-Como?

-Não sei.

-Ouça, Clare... Tampouco acredito que você possa demonstrar que é uma pessoa.

-Claro que posso.

-Como?

-Pois te dizendo que sou uma pessoa.

-Bom, pois eu também te digo que sou uma pessoa.

É curioso que Clare traga para colação o tema; em 1999, de onde eu venho, o doutor Kendrick e eu nos encetamos em uma guerra de trincheiras sobre esse mesmo tema. Kendrick está convencido de que sou o precursor de uma nova espécie de raça humana, tão diversa aos indivíduos de hoje em dia como o homem do Cromagnon foi em relação a seus vizinhos neandertales. Eu sustento que solo sou um exemplo de código arresado, e nossa incapacidade para ter filhos demonstra que não me converterei no elo perdido. citamos ao Kierkegaard e ao Heidegger e nos lançamos olhadas furiosas. Agora, entretanto, Clare me olhe com uma sombra de dúvida.

-A gente não aparece e desaparece como você. É como o gato do Cheshire.

-Está dizendo que sou um personagem de ficção?

Finalmente vejo a jogada: torre do rei a QR3. Agora pode comer-se meu bispo, mas perderá a rainha. Clare demora um momento em dar-se conta, e quando isso ocorre me tira a língua, que possui um preocupam-se tom laranja devido a todos os Doritos que se comeu.

-Seu caso faz que me questione os contos de fadas. Quer dizer, se você for real, por que não teriam que ser reais os contos de fadas? -Clare se levanta, calculando ainda as possibilidades do tabuleiro, e executa uma breve dança, saltando a meu redor como se lhe tivesse impregnado fogo às calças-. Acredito que o estou acostumado a está cada vez mais duro. Me dormiu o culo.

-Pode que sejam reais; ou que algo neles seja real e a gente lhes tenha ido acrescentando coisas, explico-me?

-Como se Blancanieves tivesse entrado em vírgula?

-E também a Bela Adormecido.

-E Juan, o das judias mágicas, fora tão solo um jardineiro prodigioso.

-E Noé um velho extraordinário com um arca e um montão de gatos.

-Noé aparece na Bíblia -me diz Clare, sem apartar a vista de meu rosto-. Não é um conto de fadas.

-Ah, é verdade. Sinto muito.

Tenho uma fome atroz. Em qualquer momento Nell tocará o sino para ir jantar e Clare terá que retornar a casa. Volta a sentar-se frente a seu lado do tabuleiro.

Adivinho que perdeu interesse pelo jogo pelo modo em que começa a construir uma pequena pirâmide com as fichas ganhas.

-Ainda não me demonstraste que seja real.

-Você tampouco.

-Pergunta-te alguma vez se for real? -pergunta-me ela, surpreendida.

-Talvez é um sonho. Possivelmente você esteja sonhando comigo; pode que solo existamos nos sonhos do outro e cada manhã, ao despertar, esqueçamo-nos um do outro.

Clare franze o cenho e me faz um gesto com a mão para afastar de si a idéia.

-me belisque -me pede. Inclino-me para diante e lhe belisco ligeiramente no braço-. Mais forte! -Volto-a a beliscar, o bastante forte para lhe deixar uma marca branca e vermelha que perdura uns segundos e logo desaparece-. Não crie que despertaria, se estivesse dormida? Em qualquer caso, não tenho sonho.

-Bom, pois eu não me sinto como um fantasma, ou um personagem de ficção.

-Como sabe? Quer dizer, se for eu quem te está inventando, e não quisesse que você soubesse que é meu invento, não lhe diria isso, verdade?

-Possivelmente é Deus quem nos inventou e não quer dizer nos respondo isso, movendo as sobrancelhas.

-Não deveria falar assim -exclama Clare-. Além disso, você nem sequer crie em Deus, verdade?

Encolho-me de ombros e mudança de tema de conversação.

-Sou mais real que Paul McCartney.

Clare tem uma expressão preocupada. Começa a recolher as peças e as introduz na caixa, separando com tino as brancas das negras.

-Há muita gente que conhece o Paul McCartney... mas eu sou a única que te conhece ti.

-Mas me conheceste de verdade, e em troca a ele não o conheceste nunca.

-Minha mãe foi a um concerto dos Beatles -diz ela; fecha a tampa do jogo de xadrez e se torna logo sobre o chão para ficar contemplando o baldaquino de folhas tenras-. Foi no parque Comiskey, em Chicago, em 8 de agosto de 1965.

Cravo-lhe o estômago com o dedo e ela se dobra como um ouriço, renda-se. Ao cabo de um momento de nos fazer cócegas e nos derrubar, ficamos sobre a erva com as mãos obstinadas ao estômago e Clare me pergunta:

-Sua esposa também é uma viajante do tempo?

-Não, a Deus obrigado.

-por que "a Deus obrigado"? Acredito que seria divertido. Poderiam ir aos mesmos lugares juntos.

-Com um viajante do tempo por família há mais que suficiente. É perigoso, Clare.

-Preocupa-lhe muito?

-Sim -lhe respondo baixinho-. Muito, sim.

Pergunto-me o que estará fazendo agora Clare, em 1999. Possivelmente esteja dormindo ainda. Pode que não saiba que me parti.

-A amas?

-Muitíssimo -sussurro.

Estamos jogados em silêncio, o um ao lado do outro, contemplando as árvores que se balançam, os pássaros, o céu. Ouço um soluço afogado e Miro ao Clare. Surpreende-me ver que as lágrimas lhe sulcam as bochechas até desaparecer sob as orelhas. Incorporo-me e me inclino sobre ela.

-O que te passa, Clare?

Clare move a cabeça para diante, em um estertor, e tem os lábios escuros. Acaricio-lhe o cabelo e a atraio para mim até sentá-la e rodeá-la com meus braços.

É uma menina, embora não de tudo.

-O que acontece?

Diz-o tão baixinho que tenho que lhe pedir que volte a repeti-lo:

-É que pensava que talvez estava casado comigo.

Quarta-feira 21 de junho de 1984

Clare tem 13 anos

Clare: Estou no prado, no fim de junho, a última hora da tarde; dentro de pouco terei que ir lavar me para o jantar. A temperatura descendeu. Faz dez minutos o céu era azul acobreado, e um calor opressivo atendia o prado, tudo parecia curvado, como se estivéssemos sob uma imensa cúpula vitrea, os ruídos mais próximos eram sufocados pelo calor enquanto um coro assustador de insetos zumbia. Fiquei-me sentada na pequena passarela, contemplando as percevejos de água que patinam no lago diminuto e calmo, pensando no Henry. Hoje não me toca vê-lo; e para a próxima vez faltam vinte e dois dias. Agora faz mais frio. Henry me desconcerta. Toda minha vida o aceitei como algo normal e corrente; quer dizer, acreditava que Henry era um segredo e portanto alguém realmente fascinante, mas também uma espécie de milagre, e só recentemente me dei conta de que a maioria das garotas não têm um Henry, e se contarem com um, o têm muito calado. levanta-se o vento; a erva alta se ondula, fecho os olhos e parece que ouço o som do mar (que nunca vi, salvo por televisão). Quando os abro, o céu é amarelo e logo verde. Henry diz que vem do futuro. De pequena, isso não me criava nenhum conflito; claro que não tinha nem idéia do que isso significava. Em troca agora me pergunto se a idéia implica que o futuro é um lugar ou um pouco parecido a um lugar ao que poderia ir; refiro-me a ir de outra maneira que não seja envelhecendo. Pergunto-me se Henry poderia me levar a futuro com ele. O bosque enegrece e as árvores se dobram, fustigados de lado a lado até ficar inclinados. O murmúrio dos insetos desapareceu e o vento o alisa tudo, a erva se aplaina, e as árvores rangem e gemem. Tenho medo do futuro; dá-me a impressão de que é como uma caixa enorme que me espera. Henry diz que me conhece do futuro. Uns nubarrões negros se desagradem e surgem depois das árvores, aparecem tão de repente que me rio, são como marionetes, e tudo gira a meu redor enquanto se ouça um prolongado e grave retumbar de trovões. De repente, adquiro consciência de mim mesma como alguém que está em um prado, magra e ereta, em um lugar onde todo se aplainou. Jogo-me ao chão, esperando que a tormenta, que se forma redemoinhos, não repare em mim, e me tendo de costas, olhando para cima, quando a água começa a cair do céu. Me empapa a roupa em um instante, e nesse mesmo momento noto que Henry está aí, sinto uma incrível necessidade de que ele esteja aí e

ponha suas mãos sobre mim, mesmo que me embarga a sensação de que Henry é a chuva e eu estou sozinha, desejando-o.

Domingo 23 de setembro de 1984

Henry tem 35 anos, e Clare 13

Henry: Estou no claro do prado. É muito em breve, pela manhã, justo antes do amanhecer. Estamos a finais do verão; as flores e a erva me chegam ao peito. Faz frio. Estou sozinho. Abro-me passo entre as novelos e localizo a caixa da roupa, abro-a e encontro uns texanos azuis, uma camisa oxford branca e uns chinelos. Jamais tinha visto esses objetos e portanto não me ocorre em que época devo estar. Clare também me deixou um lanche: um sanduíche de geléia e manteiga de amendoim, envolto cuidadosamente em papel de alumínio, acompanhado de uma maçã e uma bolsa de batatas fritas do Jay. Ao melhor este almoço é o que Clare se leva a escola. Minhas pesquisas se encaminham para finais dos setenta ou princípios dos oitenta. Sinto-me na rocha e como até me sentir melhor. Sai o sol. O prado se volta azul, logo laranja, e rosa, as sombras se alargam, e finalmente se faz de dia. Não há sinais do Clare. Engatinho uns metros e me dentro na vegetação, me acurruco no chão, apesar de que está molhado pelo rocío, e durmo.

Quando me levanto, o sol está mais alto e Clare se encontra sentada junto a mim. Está lendo um livro. Sorri-me e diz:

-Amanhece nos pântanos. Os pássaros cantam e as rãs coaxam. Hora de despertar!

Grunho e me esfrego os olhos.

-Olá, Clare. Que data é hoje?

-Domingo, 23 de setembro de 1984.

Clare tem treze anos. Uma idade difícil e estranha, mas não tão complicada como a que estamos passando em minha presente. Incorporo-me e bocejo.

-Posso te perguntar se seria tão amável de ir a sua casa e escamotear uma taça de café para mim?

-Café? -Clare pronuncia a palavra como se nunca tivesse ouvido falar dessa beberagem. De adulta será tão viciada como eu. Sopesa a logística do tema.

-Faria-me o favor?

-De acordo. Tentarei-o.

levanta-se, devagar. Este é o ano em que Clare pegou de repente um estirão. O ano passado cresceu treze centímetros, e ainda não se acostumou a seu novo corpo.

Os peitos, as pernas e os quadris, tudo recém cunhado. Intento não pensar nisso enquanto a observo afastar-se pelo atalho que conduz à casa. Jogo uma olhada ao livro que estava lendo. É do Dorothy Sayers, um que não tenho lido. Vou pela página trinta e três quando retorna. trouxe um recipiente térmico, taças, uma manta e uns donuts. O sol do verão corou o nariz do Clare, e tenho que resistir o impulso de passar minhas mãos por seu cabelo rubíssimo, que lhe cai pelos ombros quando estende a manta.

-Deus te benza.

Recibo o recipiente térmico como se contivera um sacramento. Instalamos-nos sobre a manta. Tiro-me os chinelos de uma patada, sirvo-me uma taça e tomo um sorbito.

Está incrivelmente forte e amargo.

-Uau! Isto é combustível para foguetes, Clare.

-Está muito forte?

Parece um tanto deprimida, e me apresso a lhe fazer um completo.

-Bom, não é que seja muito forte, mas algo sim. De todos os modos eu gosto. Preparaste-o você?

-Sim. É a primeira vez que faço café, e como entrou Mark e começou a me incomodar, ao melhor por isso o tenho feito mal.

-Não, não. Está muito bem.

Sopro o café e me bebo isso de um sorvo. Em seguida me sinto melhor. Sirvo-me outra xícara. Clare me agarra o recipiente térmico, serve-se um dedito de café e o prova com cautela.

-Puaj! -exclama-. É asqueroso. Tem que saber assim?

-Bom, pelo general não é tão brutal. você gosta com muchísima nata de leite e com açúcar.

Clare joga o resto de seu café ao prado e agarra um donut.

-Está-me convertendo em um fenômeno.

Não me ocorre uma resposta adequada, porque essa idéia jamais tinha cruzado por minha mente.

-Ah... Não, não é verdade.

-Sim o é.

-Não. O que quer dizer com isso de que te estou convertendo em um fenômeno? Eu não te estou convertendo em nada.

-Quando diz coisas como que eu gosto do café com nata de leite e açúcar antes de havê-lo provado sequer. Como vou ou seja discernir se isso é o que eu gosto ou se solo eu gostar porque é você quem diz que eu gosto?

-Mas Clare... Falamos de gostos pessoais. Saberá como você gosta do café à margem do que eu te diga. Por outro lado, é você quem sempre me aponta para que te conte coisas do futuro.

-Conhecer o futuro não tem nada que ver com que lhe digam que coisas você gosta.

-por que? Tudo está relacionado com o livre-arbítrio.

Clare se tira os sapatos e os meias três-quartos. Embute os meias três-quartos nos sapatos e os coloca bem postos junto ao bordo da manta. Logo agarra os chinelos que abandonei e as alinha junto a seu calçado, como se a manta fora um tatami.

-Eu acreditava que o livre-arbítrio tinha que ver com o pecado.

-Não -lhe digo, depois de refletir uns segundos-. por que deveria limitar o livre-arbítrio ao bem ou ao mal? Quero dizer, acaba de decidir, fazendo ornamento de seu livre-arbítrio, te tirar os sapatos. Não importa, a ninguém preocupa que leve sapatos ou não, não é algo pecaminoso ou virtuoso, e não influi no futuro, mas você tem feito uso de sua liberdade de arbítrio.

Clare se encolhe de ombros.

-Mas às vezes você me diz coisas, e sinto como se visse o futuro ante mim, sabe? Como se meu futuro tivesse acontecido no passado e não pudesse fazer nada a respeito.

-A isso lhe chama determinismo. Espreita-me em sonhos.

Clare está intrigada.

-por que?

-Bom, se precisamente você se sente constrangida pela idéia de que seu futuro é inalterável, imagine como me sinto eu. Não deixo de me dar de narizes contra o fato de que não posso trocar nada, apesar de me achar aqui, contemplando-o.

-Mas, Henry, você troca as coisas! Quer dizer, foi você quem escreveu aquela história que se supõe tenho que te entregar em 1991 sobre o bebê com síndrome do

Down. Quanto à lista, se eu não a tivesse, não poderia saber quando me reunir aqui contigo. Pode trocar as coisas sem cessar.

-Só posso fazer aquilo que não entra em contradição com o que já aconteceu -lhe explico sorrindo-. Não posso, por exemplo, evitar o que acaba de fazer: te tirar os sapatos.

-E a ti o que pode te importar se me os Quito ou não? -replica ela renda-se.

-Nada, mas embora me importasse, agora é uma parte inalterável da história do universo e eu não posso fazer nada para evitá-lo.

Coxo um donut. É um Bismarck, meu favorito. O polido se derreteu um pouco ao sol e pega aos dedos. Clare termina o seu, arregaça-se os baixos de seu texano e se sinta com as pernas cruzadas. arranha-se o pescoço e me olhe molesta.

-Agora faz que me entrem complexos. É como se cada vez que me soasse o nariz fora um acontecimento histórico.

-Pois o é.

Clare põe os olhos em branco.

-O que é o contrário ao determinismo?

-O caos.

-Ah. Não acredito que eu goste. Gosta a ti?

Dou uma boa dentada ao Bismarck e reflito sobre o caos.

-Bom... Digamos que sim e que não. O caos implica maior liberdade; de fato, é a liberdade total, mas sem significado algum. Eu, em troca, desejo ser livre para atuar e que minhas ações signifiquem algo.

-Mas, Henry, se esquece de Deus... por que não pode existir um Deus que dê um sentido a todo isso?

Clare franze o cenho, convencida, e dirige seu olhar ao prado enquanto fala. Quanto a mim, coloco-me a última parte do Bismarck na boca e o mastigo devagar para ganhar tempo. Cada vez que Clare menciona a Deus suam as Palmas das mãos e sinto a necessidade de me esconder, correr ou desaparecer.

-Não sei, Clare. Quero dizer que todo me parece muito infeliz e absurdo para pensar que existe um Deus.

Clare se sujeita os joelhos com os braços.

-Acaba de dizer que parece que tudo está planejado de antemão.

-Sim. -Agarro ao Clare pelos tornozelos e lhe ponho os pés sobre meu regaço sem soltá-los. Clare ri e se apóia sobre os cotovelos. Noto o frio de seus pés em minhas mãos; são rosados, e estão limpíssimos-. Vejamos. As alternativas que estamos considerando são um universo em bloco, no que o passado, o presente e o futuro coexistem simultaneamente e tudo aconteceu já; o caos, onde pode acontecer algo e não podemos prever nada porque não conhecemos todas as variáveis; e um universo cristão no que Deus o criou tudo e as coisas existem com um propósito determinado, mas em qualquer caso nós temos liberdade de arbítrio, correto?

-Suponho que sim -responde Clare, movendo os dedos dos pés ante minha cara.

-E você, por que opção vota?

Clare fica em silêncio. Aos treze anos seu pragmatismo e seus sentimentos românticos sobre o Jesus e Maria têm a mesma importância. Faz um ano, entretanto, teria eleito a Deus sem duvidá-lo. dentro de uma década votará pelo determinismo, e dez anos depois Clare acreditará que o universo é arbitrário, que se Deus existe,

não ouça nossas preces, que a causa e o efeito são ineludíveis e brutais, mas sem sentido algum. Depois, já não sei. Entretanto, agora Clare está entrando na soleira da adolescência com a confiança em uma mão e seu crescente cepticismo na outra, e o único que pode fazer é praticar malabarismos com ambas as coisas, ou as espremer até que se fundam em uma sozinha.

-Não sei -diz negando com a cabeça-. Quero a Deus. É isso válido?

Sinto-me como um bode.

-Claro que é válido. É o que você crie.

-Mas eu não desejo acreditá-lo; necessito que seja verdade.

O passado os polegares pelo arco do pé e ela fecha os olhos.

-Você e santo Tiram do Aquino.

-ouvi falar dele -diz Clare, como se falasse desse tio preferido com o que faz tempo perdeu o contato ou do protagonista de um programa de televisão que estava acostumado a ver quando era pequena.

-Procurava a ordem e a razão, e a Deus também. Viveu no século XIII e deu classes na Universidade de Paris. Aquino acreditava no Aristóteles e nos anjos.

-eu adoro os anjos. São preciosos. Oxalá pudesse ter asas para voar e me sentar nas nuvens!

-Ein jeder Engel ist schrecklich.

Clare suspira, um breve e suave suspiro que significa: "Não sei alemão, recorda-o?".

-Né?

-"Todo anjo é terrível." Forma parte de uma antologia de poesias, Elegia-as do Duino, de um poeta chamado Rilke. É um de nossos poetas preferidos.

-Já tornaste a fazê-lo! -exclama Clare risonha.

-O que?

-me dizer o que eu gosto.

Clare enterra os pés em meu regaço. Sem pensá-lo, coloco-os sobre meus ombros, mas então me dou conta de que em certo modo essa postura é muito sexual, e me apresso de novo a lhe agarrar os pés e a sustentá-los com uma mão no ar enquanto ela jaz de costas, inocente e Angélica, com o cabelo estendido como um nimbo sobre a manta. Faço-lhe cócegas nos pés. Clare ri nervosa e se retorce em minhas mãos como um peixe, fica em pé de um salto e faz o carrinho de mão pela clareira, sonriéndome e me desafiando para que a apanhe. Limito-me a sorrir, e ela retorna à manta e se senta junto a mim.

-Henry.

-me diga.

-Está-me trocando.

-Já sei.

Volto-me para olhar ao Clare e por um instante esquecimento que é jovem, e que isto aconteceu faz muito tempo; vejo o Clare, a minha esposa, superpuesta no rosto desta jovencita, e não sei o que lhe dizer a esta Clare que é maior e jovem, e distinta às demais garotas, que sabe que essa diferença pode resultar problemática. Entretanto, Clare não parece esperar uma resposta. recosta-se em meu braço e eu a atraio para mim.

-Clare!

No silêncio do prado se ouça a voz do pai que a chama gritos. Clare se levanta de um salto e agarra os sapatos e os meias três-quartos.

-É hora de ir à igreja -diz, nervosa de repente.

-De acordo. Humm... Adeus.

Me demissão com um gesto da mão, ela sorri e me diz adeus em silêncio. Logo corre pelo atalho e desaparece. Fico jogado tomando o sol durante um momento, me questionando a existência de Deus e lendo ao Dorothy Sayers. Ao cabo de uma hora aproximadamente, eu também me parto, e tão solo ficam uma manta, um livro, umas taças de café e uns objetos de roupa que testemunham nossa presença.

Seu acento já é melhor que o meu. Clare se volta e corre pelo atalho para refugiar-se nos braços de sua casa iluminada e acolhedora, e eu me confundo entre as sombras e começo a caminhar pelo prado. Mais tarde, tiro a gravata no contêiner que há detrás da Dina's Fish'n Fry.

Lições de sobrevivência

Quinta-feira 7 de junho de 1973

Henry tem 27 e 9 anos

Henry: Encontro-me na calçada de em frente do Instituto de Arte de Chicago, um ensolarado dia de junho de 1973, em companhia de meu outro eu de nove anos de idade. Ele viajou desde quarta-feira passada; eu, em troca, venho de 1990. Temos uma larga tarde por diante, e parte da noite, para aproveitá-la como queremos. Por isso fomos a um dos museus de arte maiores do mundo, para aprender uma lição sobre carterismo.

-Não podemos nos limitar a contemplar as obras de arte? -suplica Henry. Está nervoso. Nunca se dedicou a isto.

-De maneira nenhuma. Precisa aprender a técnica. Como vais sobreviver se não saber roubar nada?

-Mendigando.

-Mendigar é uma lata, e sempre te detém a polícia. Vejamos, me escute bem: quando entrarmos aí, quero que te separe de mim e finja que não me conhece. Agora bem, fique o bastante perto para observar o que faço. Se te entregar alguma coisa, não a deixe cair, guarda-a no bolso o mais rápido que possa. De acordo?

-Suponho que sim. Podemos ir ver são Jorge?

-Claro.

Atravessamos a avenida Michigan e caminhamos entre estudantes e amas de casa que tomam o sol na escalinata do museu. Henry dá uns golpecitos a um dos leões de bronze ao passar.

Sinto-me algo incômodo por tudo este assunto. Por um lado, estou me proporcionando a mim mesmo umas técnicas de sobrevivência claramente necessárias. As lições deste curso incluem: Furto nas Lojas, Moer a pauladas, Forçar Fechaduras, Subir aos Mastreie, Conduzir, Invasão de moradia, Mergulho em Contêineres de Escombros e Como Empregar Objetos Descabelados como Persianas de Lamas e Tampas de Cubos de Lixo como Armas. Por outro lado, estou corrompendo a meu pobre, jovem e inocente eu. Enfim, alguém tem que fazê-lo.

Hoje o museu é gratuito, e há um enxame de pessoas. Pomo-nos na cauda, atravessamos a entrada e subimos devagar pela grandiosa escalinata central. Entramos nas salas de arte européia e retrocedemos da arte flamenca do século XVII até chegar à a Espanha do século XV. São Jorge posa de pé, como sempre, preparado para transpassar ao dragão com sua delicada lança, enquanto a princesa rosa e verde espera com recato no plano central. A meu eu e nos tem o dragão encantados de ventre

amarelado, e sempre nos alivia descobrir que seu trágico final ainda não se produziu.

Henry e eu ficamos de pé frente à pintura do Bernat Martorell durante cinco minutos, e logo ele se volta para mim. Nesse momento temos a sala a nossa disposição.

-Não custa tanto -lhe digo-. Disposta atenção. Procura a alguém distraído. Imagina onde pode ter a carteira. A maioria dos homens utilizam o bolso traseiro ou o interior da jaqueta do traje. Quanto às mulheres, é melhor que levem a bolsa à costas. Se estiver na rua, pode agarrá-lo e atirar dele, mas então tem que te assegurar de que correrá mais que qualquer que dita te perseguir. É muito mais silencioso agarrá-lo sem que se inteirem.

-Vi um filme em que praticavam com um traje que tinha costuradas umas campanitas à roupa, e se ao agarrar a carteira o tipo movia o traje, as campanitas soavam.

-Sim, lembrança esse filme. Pode provar em casa. Agora me siga.

Levo-me ao Henry da sala do século xV a do xIX; aterrissamos em pleno impressionismo francês. O Instituto de Arte é famosa por sua coleção de impressionismo.

Posso escolher, mas estas salas estão sempre abarrotadas de gente que se retorce o cangote para jogar uma olhada a Grande Jatte ou a algum palheiro do Monet. Henry não alcança a ver por cima das cabeças dos adultos e se perde as pinturas, mas de todos os modos está muito nervoso para as contemplar. Examino a sala. Há uma mulher inclinada sobre um bebê que se contorsiona e muge. Deve ser a hora de sua sesta. Faço um gesto de assentimento ao Henry e me dirijo para ela. Sua bolsa possui um simples fechamento a pressão, e o tem pendurado em bandoleira. Está absolutamente concentrada em obter que seu filho deixe de chiar. encontra-se frente à obra No Moulin Rouge, do Toulouse-Lautrec. Finjo que o Miro enquanto caminho, tropeço com ela e lhe faço perder o equilíbrio enquanto a coxo pelo braço.

-Sinto-o muitíssimo, me perdoe. Não estava olhando. Está bem? Há tanta gente aqui...

Minha mão está em sua bolsa. Ela se sufocou, tem os olhos escuros, o cabelo comprido e uns peitos grandes. Ainda está tentando perder os quilogramas de mais que ganhou com o embarço. Cruzo-me com seu olhar quando encontro o moedeiro, e sigo me desculpando. O moedeiro sobe pela manga de minha jaqueta, a Miro de cima abaixo e sorrio, retrocedendo, volto-me, caminho, e a observo por cima do ombro. Ela agarrou a seu filho em braços e me olhe fixamente, algo triste. Sorrio e me afasto caminhando. Henry me segue quando desço pelas escadas para o museu infantil. Encontramo-nos perto do lavabo de cavalheiros.

-foi muito estranho -comenta Henry-. por que te olhava desse modo?

-sente-se sozinha -lhe digo em um tom eufemístico-. Possivelmente seu marido não passa muito tempo com ela.

Metemo-nos em um lavabo e abro o moedeiro. chama-se Denise Radke. Vive em Vila Park, em Illinois. É membro dos Amigos do Museu e ex-aluna da Universidade Roosevelt.

Leva vinte e dois dólares em efetivo e umas moedas. O ensino todo ao Henry, em silêncio, sotaque o moedeiro como estava e o entrego. Saímos do lavabo e do serviço de cavalheiros e voltamos para a entrada do museu.

-Dáselo a vigilante. lhe diga que lhe encontre isto no chão.

-por que?

-Não o necessitamos; solo estava te ensinando.

Henry corre para a vigilante, uma mulher negra e entrada em anos que sorri e lhe dá ao menino uma espécie de médio abraço. Henry retorna devagar, caminhamos

separados, a uns três metros de distância, eu encabeço a marcha pelo comprido e escuro corredor que algum dia albergará a sala de Artes Decorativas e que conduz a ainda inconcebível asa Frise, que na atualidade está cheia de pôsteres. Ando procurando objetivos fáceis, e justo diante de mim me encontro o exemplo perfeito do sonho de todo ladrão de carteira. Baixinho, corpulento, bronzeado e desconjurado, parece saído do estádio Wrigley Field, com sua boina de beisebol, calças de poliéster e camisa azul claro de manga curta, abotoada até acima. Está instruindo a sua mirrada noiva sobre o Vincent vão Gogh.

-E então se curta a orelha e a dá de presente a sua garota... Né, ouça. O que te pareceria como presente? Uma orelha, nada menos! Uau! Por isso o meteram em um manicômio...

Não sinto o menor escrúpulo para esse indivíduo. Caminha dando pernadas, cacarejando, muito tranqüilo, com a carteira no bolso traseiro esquerdos. Tem um ventre enorme, mas quase não tem culo, e sua carteira está pedindo que a agarrem. Perambulo depois do casal. Henry goza de uma boa visão quando inserido com destreza o polegar e o índice no bolso do objetivo e Libero a carteira. Jogo-me para trás e eles seguem caminhando, o passado a carteira ao Henry e a coloca rapidíssimo nas calças enquanto eu me adianto.

Ensino-lhe outras técnicas: como agarrar uma carteira do bolso interior de um traje, como ocultar a mão quando a introduzimos na bolsa de uma mulher, seis modos distintos de distrair a unapersona enquanto arrebatamos a carteira, como tirar uma carteira de uma mochila e o modo de conseguir que alguém, sem adverti-lo, mostre-te onde leva o dinheiro. Agora está mais depravado, inclusive começa a divertir-se. Ao final, digo-lhe:

-Muito bem, agora toca a ti.

fica petrificado.

-Não posso.

-Claro que pode. Observa a seu redor. Procura a alguém.

Encontramo-nos na sala de gravuras japonesas. Há um montão de anciãs.

-Aqui não.

-De acordo. me diga onde.

Henry pensa uns segundos.

-No restaurante?

Dirigimo-nos lentamente para o restaurante. A lembrança disso instante é muito nítido. Eu estava absolutamente aterrorizado. Jogo uma olhada a meu álter ego e o constato: empalideceu que medo. Sorrio, porque sei o que ocorrerá a seguir. Situamo-nos ao final da cauda para acessar ao restaurante ao ar livre. Henry observa a seu redor, pensando.

Frente a nós há um homem amadurecido e muito alto que leva um traje marrom ligeiro e de bom corte; é impossível adivinhar onde guarda a carteira. Henry se aproxima dele; tende a mão e lhe mostra uma das carteiras que roubei antes.

-Senhor, ouça... É sua a carteira? -pergunta Henry baixinho-. Estava no chão.

-Como?... Ah, mmm, não. -O homem comprova o bolso direito de sua calça, descobre sua carteira sã e salva, inclina-se para o Henry para lhe ouvir melhor, agarra a carteira que o moço lhe mostra e a abre-. Uff, vá... Deveria levar-lhe aos vigilantes de segurança. Sim, há bastante dinheiro em efetivo.

O homem leva uns óculos grosas e observa ao Henry através dos cristais enquanto fala. Henry, por sua parte, alarga o braço sob a jaqueta do homem e lhe rouba a carteira. Como o menino leva uma camiseta de manga curta, ponho-me atrás dele e me passa a carteira. O homem alto e magro do traje marrom assinala para as escadas e explica ao Henry o modo de devolver seu achado.

Meu outro eu se afasta titubeando na direção que o homem lhe indicou e eu o sigo, adianto-o e o conduzo através do museu até a saída; passamos diante dos vigilantes e nos metemos na avenida Michigan, para o sul, até que terminamos, sorrindo como fantasias de diabo, no Café dos Artistas, onde nos damos o capricho de pedir batidos e batatas fritas, que abonamos com parte dos benefícios que conseguimos com nossas más artes. Logo atiramos todas as carteiras em uma rolha, sem dinheiro, e peço uma habitação em Casa Palmer.

-E bem? -pergunto-lhe, sentado no bordo da banheira enquanto contemplo ao Henry lavando-dentes.

-O que? -diz-me Henry com a boca cheia de dentifrício.

-O que te parece?

-O que?

-O carterismo.

-Muito bem -me responde, me olhando através do espelho. Logo se volta e me olhe aos olhos-. O tenho feito! -exclama, sorrindo de orelha a orelha.

-Esteve fantástico!

-Sim! -Lhe apaga o sorriso-. Henry, eu não gosto de viajar pelo tempo sozinho. É mais divertido quando está você. Não poderia vir sempre comigo?

Está de pé, me dando as costas, e nos olhamos pelo espelho. Meu pobre e jovem eu: a essa idade minhas costas é magra e minhas escápulas se sobressaem como asas incipientes. volta-se, esperando uma resposta, e eu sei o que tenho que lhe dizer... a ele, a mim. Ponho-lhe uma mão sobre o ombro e lhe obrigo a voltar-se com suavidade, para que fique a meu lado e fiquemos frente ao espelho, o um junto ao outro, com a cabeça ao mesmo nível.

-Olhe.

Estudamos nossos reflexos, entrelaçados no recarregado esplendor do banho dourado de Casa Palmer. Nosso cabelo é do mesmo tom castanho escuro, os olhos são amendoados e negros, e apresentam as mesmas rugas de cansaço; luzimos réplicas exatas das orelhas do outro. Eu sou mais alto e musculoso, e me barbeio. Ele é mais magricela e desajeitado, e lhe marcam os joelhos e os cotovelos. Aparto-me o cabelo da cara e lhe ensino a cicatriz do acidente. De maneira inconsciente, Henry imita meu gesto, e se toca a mesma cicatriz da frente.

-É igual à minha -me diz, surpreso-. Como lhe fez isso?

-Igual a você. É a mesma. Somos o mesmo.

É um momento translúcido. Eu não o compreendia mas, de repente, compreendi-o tudo, assim. Vi como acontecia. Desejo ser os dois de uma vez, sentir de novo a sensação de perder os limites de mim mesmo, ver a soma de futuro e presente pela primeira vez. Não obstante, estou muito acostumado, sinto-me muito cômodo no papel, e termino ficando fora, recordando o maravilhoso que é ter nove anos e de súbito ver, saber, que meu amigo, guia e irmão sou eu precisamente. Eu, e só eu. Sentir a solidão da experiência.

-Você é eu.

-De maior.

-Mas... E os outros?

-Refere aos outros viajantes do tempo?

Henry assente.

-Não acredito que haja mais. Quero dizer que jamais me cruzei com nenhum.

Uma lágrima aparece pela extremidade do olho esquerdo. Quando eu era pequeno, imaginava toda uma sociedade de viajantes do tempo, da qual Henry, meu professor, era o emissário, enviado para me instruir sobre minha inclusão final nessa vasta camaradagem.

Ainda me sinto um ser marginal, o último membro de uma espécie outrora numerosa. Era como se Robinson Crusoe descobrisse um rastro reveladora na praia e então se desse conta de que se tratava da própria. Meu eu, tremendo como uma folha, transparente como a água, começa a chorar. Abraço-o, abraço-me, durante muito momento.

Mais tarde pedimos chocolate desfeito ao serviço de habitações e vemos o Johnny Carson. Henry dorme com a luz acesa. Quando termina o programa, jogo uma olhada e me dou conta de que se partiu, desvaneceu-se e se encontra já em meu antigo dormitório do piso de meu pai, de pé e confundido pelo sonho, junto a minha antiga cama, sobre a que se desaba agradecido. Apago o televisor e o abajur da mesita de noite. Os ruídos do tráfico de 1973 penetram pela janela aberta.

Desejo ir a casa. Estou jogado nessa cama dura de hotel, desamparado, sozinho. Sigo sem compreender nada.

Domingo 10 de dezembro de 1978;

Henry tem 15 e 15 anos

Henry: Estou em meu dormitório com meu outro eu. Vem do próximo mês de março. Estamos fazendo o que estamos acostumados a fazer quando temos um pouco de intimidade, quando fora faz frio, nessa época em que os dois já passamos a puberdade e ainda não começamos a sair com garotas. Acredito que a maioria faria isso, se tivesse a aula de oportunidades que eu tenho. Quero dizer que não é que seja gay, nem nada pelo estilo.

É domingo, bem entrada a manhã. Ouço como dobram os sinos de São José. Meu pai chegou a casa muito tarde ontem de noite; acredito que foi ao Exchequer depois do concerto, porque estava tão bêbado que caiu pelas escadas e tubo que entrá-lo nas costas em casa e deitá-lo. Tosse e ouço que dá voltas pela cozinha.

Meu outro eu parece distraído; não deixa de olhar para a porta.

-O que? -pergunto-lhe.

-Nada.

Levanto-me e comprovo a fechadura.

-Não -me diz. Parece estar fazendo um grande esforço para poder falar.

-Vêem.

Ouçó os passos lentos de meu pai ao outro lado da porta.

-Henry?

O pomo da porta gira devagar e então me dou conta de que inadvertidamente desbloqueei a fechadura. Henry se precipita para a porta, mas já é muito tarde: meu pai aparece a cabeça pela fresta e vá aos dois em flagrante delito.

-OH! -exclama com os olhos exagerados e uma expressão de profundo desgosto desenhada no rosto-. Pelo amor de Deus, Henry!

Fecha a porta e ouço que retorna a seu dormitório. Furioso, lanço um olhar de recriminação a meu outro eu enquanto ponho uns texanos e uma camiseta. Enfio o

corredor para a habitação de meu pai. Tem a porta fechada. Chamo, mas não me responde. Espero.

-Papai? -Silêncio. Abro a porta, e fico de pé na soleira-. Papai?

Está sentado de costas a mim, sobre a cama. Não se move, e eu permaneço imóvel durante um momento, sem conseguir reunir forças suficientes para entrar em seu quarto. Ao final, fecho a porta e volta a meu dormitório.

-Tudo foi por sua culpa -digo a meu eu com severidade. Leva texanos e está sentado na cadeira, tem a cabeça afundada entre as mãos-. Sabia, sabia perfeitamente o que ia acontecer e não disse nenhuma palavra. Onde está seu instinto de conservação? Que demônios te passa? Do que te serve conhecer o futuro se nem sequer pode nos proteger de escenitas humilhantes...?

-te cale -grunhe Henry-. Faz o favor de te calar.

-Não penso me calar -digo a gritos-. Mas se quão único tinha que fazer era dizer...

-Escuta -me diz, levantando o olhar para mim com resignação-. foi como... como esse dia na pista de patinação sobre gelo.

-OH, mierda!

Faz um par de anos vi como uma menina pequena se dava um golpe na cabeça com um disco de hóquei no parque Cabeça a Índia. Foi horrível. Logo soube que morreu no hospital, e comecei a viajar a esse dia sem cessar, porque queria avisar a sua mãe, e não podia. Era como estar entre o público que contempla um filme. Era como ser um fantasma. Eu queria gritar: "Não, leve-lhe a casa, não deixe que se aproxime do gelo, leve-lhe vão ferir a, vai morrer", mas me dava conta de que as palavras não saíam de minha cabeça, e que tudo aconteceria igual a antes.

-Fala de trocar o futuro -diz Henry-, mas para mim isto é o passado, e pelo que vejo, pouco posso fazer para trocá-lo. Quero dizer que o tentei, e pelo fato de tentá-lo, aconteceu. Se não houvesse dito nada, não te teria levantado...

-Então, por que falaste?

-Porque sim. Você também falará, a não ser ao tempo -responde encolhendo-se de ombros-. É como o que aconteceu a mamãe. O acidente. Immer wieder.

De novo sempre, sempre o mesmo.

-livre-arbítrio?

levanta-se, dirige-se para a janela e se detém, olhando para o pátio traseiro dos Tantinger.

-Estava falando precisamente disso com um eu de 1992 que me comentou algo interessante: disse que pensava que solo existe o livre-arbítrio quando te encontra em sua época, no presente. Diz que no passado sozinho podemos fazer o que já fizemos, e que solo podemos estar aí se estivemos antes nesse lugar.

-Mas esteja onde esteja, sempre será minha presente. Não deveria ser eu quem decidisse...?

-Não, parece ser que não.

-O que te disse sobre o futuro?

-Só terá que deduzi-lo. Vai ao futuro, faz algo em concreto e logo retorna à presente. Isso que fez formará parte de seu passado. portanto, também deve ser inevitável.

Sinto uma combinação muito estranho de liberdade e desespero. Estou suando; Henry abre a janela e o ar frio penetra no dormitório.

-Então resulta que não sou responsável por nada do que faça, sempre e quando não me encontrar no presente.

-Graças a Deus -diz sorrindo.

-E tudo já aconteceu em realidade.

-Parece que a coisa funciona assim. -Henry se passa a mão pela cara, e me dou conta de que já poderia utilizar um barbeador elétrico de barbear-. Entretanto, disse que tem que te comportar como se tivesse livre-arbítrio, como se fosse responsável pelo que faz.

-por que? O que importa isso?

-Parece ser que em caso contrário, tudo sairá mau. É deprimente.

-Sabe por experiência própria?

-Sim.

-Então, o que ocorrerá agora?

-Papai te ignorará durante três semanas; e quanto a isto... -diz-me assinalando a cama-. Temos que deixar de nos ver deste modo.

-De acordo. Não há problema -digo com um suspiro-. Algo mais?

-Viviam Teska.

Vivian é essa garota de geometria que acordada meus instintos luxuriosos. Jamais lhe dirigi a palavra.

-Amanhã, depois de classe, te aproxime dela e lhe peça para sair.

-Nem sequer a conheço.

-Confia em mim. -Dedica-me uma careta que me faz pensar por que diabos tenho que confiar nele, mas quero acreditar no que me diz.

-De acordo.

-Teria que partir. me dê dinheiro, por favor.

Saco vinte dólares.

-Mais.

-É tudo o que tenho.

-Vale. -veste-se, com a roupa que agarra de um montão empelotado, e que não me importará perder de vista-. Não terá um casaco?

Dou-lhe um pulôver grosso de lã peruana que sempre odiei. Põe expressão de asco e o coloca em cima. Logo nos dirigimos à porta traseira do piso. Os sinos da igreja tocam as doze do meio-dia.

-Adeus -me diz meu eu.

-Boa sorte -lhe respondo, extrañamente comovido ante a visão de mim mesmo me embarcando para o desconhecido, por volta de uma fria manhã de domingo em Chicago a que ele não pertence. Tropeça ao baixar as escadas de madeira e eu retorno ao silencioso piso.

Quarta-feira 17 de novembro; terça-feira 28 de setembro de 1982

Henry tem 19 anos

Henry: Estou no assento traseiro de um carro de polícia do Zion, em Illinois. Levo umas algemas e pouca coisa mais. O interior do carro patrulha cheira a cigarros, couro, suor e outro aroma que não consigo identificar e que parece endêmico aos carros patrulha. O aroma da otredad monstruosa, possivelmente. Tenho o olho esquerdo fechado pelo inchaço, e a parte dianteira de meu corpo cheia de morados, corte e sujeira por causa de meu enfrentamento com o major dos dois policiais em um terreno ermo cheio de cristais quebrados. Os policiais estão de pé fora do veículo e falam com os vizinhos, entre os quais ao menos há um que é evidente me viu como tentava entrar na casa vitoriana de tons amarelo e branco, frente à qual estamos estacionados. Não sei em que época me encontro. Levo quase uma hora neste lugar, e a caguei

em todos os sentidos. Tenho muchísima fome, e me sinto muito cansado. Deveria estar no seminário sobre o Shakespeare do doutor Quarrie, mas não cabe dúvida de que acabo de me perder isso. É uma pena. Estudamos O sonho de uma noite do verão.

O que posso ver do interior deste carro patrulha é que faz calor e não estou em Chicago. A força pública desta cidade me odeia porque sempre desapareço enquanto estou sob custódia, e não podem entendê-lo. Por outro lado, nego-me a falar com eles, assim seguem sem saber minha identidade nem minha direção. O dia que as descubram, estou perdido, porque tenho várias ordens de arresto pendentes: invasão de moradia, furto em comércio, resistência à autoridade, violação da detenção, invasão de propriedade privada, exibicionismo, roubo, und sou weiter.

Com todo o dito, a gente poderia deduzir que sou um delinquente muito inepto, mas, em realidade, o verdadeiro problema estriba no muito que custa passar desapercibido quando vai nu. O sigilo e a velocidade são minhas principais qualidades. Por isso, quando tento violar domicílios alheios a plena luz do dia e completamente nu, às vezes a coisa não funciona. Prenderam-me sete vezes, e até o momento sempre me esfumei antes de que possam tomar os rastros ou me tirar uma fotografia.

Os vizinhos não param de espionar pelos guichês do carro patrulha para me olhar. Não me importa. Não me importa absolutamente. Tudo isto dura muito. Joder, ódio estas situações. Recosto-me para trás e fecho os olhos.

abre-se uma portinhola do carro. Entra o ar fresco durante um segundo (no que abro de repente os olhos) e vejo o ralo metálico que separa a parte dianteira do automóvel da traseira, os assentos de vinil esquartejados, as algemas nas mãos, minhas pernas com a carne de galinha, o céu sereno através do pára-brisa, a boina negra e com viseira sobre o salpicadero, a tabuleta de notas na mão do oficial, seu rosto avermelhado, as sobrelanceiras cinzentas e espessas e as bochechas quedas como cortinados...

Tudo brilha, iridescente, em cores parecidas com as asas de uma mariposa, e o policial diz:

-Né, está tendo uma espécie de ataque...

Me tocam castanholas os dentes com violência, e ante meus olhos o carro patrulha desaparece e me encontro jogado de costas no pátio traseiro de minha casa.

Sim. Sim! Encho-me os pulmões com o doce ar de uma noite de setembro. Endireito-me e me esfrego as bonecas, que ainda conservam a marca das algemas.

Rio, rio sem cessar. tornei a escapar! Houdini, Próspero, me haja aqui! lhes incline ante mim, porque eu também sou um mago.

Invadem-me as náuseas e vomito bílis sobre os crisântemos do Kimy.

Sábado 14 de maio de 1983

Clare tem 11 anos, quase 12

Clare: É o aniversário da Mary Christina Heppworth, e todas as meninas de quinto do colégio de São Basílio ficamos dormindo em sua casa. Darão-nos pizza, Coca-cola e salada de fruta para jantar, e a senhora Heppworth fez um enorme bolo em forma de cabeça de unicórnio com umas letras lustradas em vermelho, onde põe: feliz aniversário, Mary christina!; nós cantamos e Mary Christina sopra as doze velas de uma só vez. Acredito que sei que desejo formulou; não crescer mais. Isso é o que eu desejaria em seu lugar. Mary Christina é a mais alta da classe. Mede metro setenta e cinco. Sua mãe é um pouco mais baixa que ela, mas seu pai é francamente muito alto. Helen o perguntou uma vez a Mary Christina, e lhe disse que media dois metros. É a única menina da família; seus irmãos são maiores que ela, barbeiam-se e são muito altos

também. proposto-se nos ignorar e comer muito bolo; Patty e Ruth, em especial, riem muito quando se aproximam onde estamos nós. É muito violento. Mary Christina abre seus presentes. Eu lhe comprei um pulôver verde, igual ao meu azul que tanto gostava, o do pescoço de agulha de crochê da Laura Ashley. depois de jantar vemos Você a Boston e eu a Califórnia em vídeo; a família Heppworth nos vigia por turnos até que todas nos pusemos o pijama no banheiro do segundo piso e nos empelotamos no dormitório da Mary Christina, que está decorado completamente em rosa, inclusive o carpete. Certamente os pais da Mary Christina ficaram muito contentes de que nascesse finalmente uma garota depois de tantos filhos varões. Trouxemo-nos os sacos de dormir, mas os amontoamos contra uma parede e nos sentamos sobre a cama da Mary Christina e no chão. Nancy tem uma garrafa de licor do Peppermint e o provamos. Sabe asqueroso, é como se me tivesse tragado Vicks VapoRub e me queimasse o peito. Jogamos jogo da Verdade ou à Provocação. Ruth desafia ao Wendy a que baixe correndo ao vestíbulo sem a jaqueta do pijama. Wendy pergunta ao Francie que talha de prendedor leva Lexi, a irmã de diecisieteños do Francie. (Resposta: uma cem.) Francie pergunta ao Gayle que fazia na sábado anterior com o Michael Plattner em La Rainha dos Lácteos. (Resposta: comer um sorvete. Sim, já...) Ao cabo de um momento já nos aborrecemos que Jogo da Verdade ou a Provocação, sobre tudo porque é difícil que nos ocorram boas provocações que qualquer de nós possa aceitar, e porque sabemos tudo o que terá que saber das demais, dado que vamos juntas à escola do jardim de infância.

Então Mary Christina diz:

-Joguem à a Ouija.

A todas parece bem, em parte porque é sua festa de aniversário e também porque o jogo da Ouija é muito bom. Tira-o do armário. A caixa está amassada, e ao triangulito que assinala as letras lhe falta a ventanita de plástico. Henry me contou uma vez que foi a uma sessão de espiritismo e a médium explorou o apêndice ali mesmo, e tiveram que chamar uma ambulância. A verdade é que para jogar com o tabuleiro só há espaço para duas pessoas de uma vez; portanto, Mary Christina e Helen jogam primeiro.

A regra mais importante é que tem que perguntar em voz alta o que deseja saber, se não a coisa não funcionar. As duas põem o dedo sobre o triângulo de plástico.

Helen olhe a Mary Christina, que dúvida, e Nancy diz:

-lhe pergunte sobre o Bobby.

-Gosto ao Bobby Duxler? -pergunta então Mary Christina.

Todas nos rimos. A resposta é "Não", mas o tabuleiro Ouija diz "Sim" com um ligeiro empurrão da Helen. Mary Christina sorri tão abertamente que posso lhe ver os aparelhos, o de acima e o de abaixo. Helen pergunta logo se gostar a algum menino. A Ouija dá voltas em círculo durante um momento, e logo se detém em D, A, V.

-David Hanley? -diz Patty, e todas rimos. Dave é o único menino negro da classe. É supertímido e pequeno, e muito bom em matemática.

-Ao melhor ajuda com as divisões largas -diz Laura, que também é muito tímida.

-Venha, Clare -ri Helen, que é muito mau em matemática-. Agora tenta-o com a Ruth.

Ocupamos os postos da Helen e Mary Christina. Ruth me olhe e se encolhe de ombros.

-Não sei o que perguntar -lhe digo.

Todas se burlam; quantas perguntas possíveis devem existir? Há tantas coisas que quero saber: "Encontrará-se bem mamãe? por que papai grita a Etta esta manhã? Acaso Henry é uma pessoa real? Onde escondeu Mark meus deveres de francês?".

-A que meninos gostam de Clare? -pergunta Ruth. Dedico-lhe um olhar atroz, mas ela se limita a sorrir-. Não quer sabê-lo?

-Não -respondo eu, mas ponho os dedos sobre o plástico branco.

Ruth também coloca os seus mas não se move nada. Logo que roçamos o objeto, tentamos fazê-lo bem e não empurrar.

Então começa a mover-se, devagar. Avança em círculos, e logo se detém na H. Nesse momento começa a ir mais depressa: E, N, R, Y.

-Henry -diz Mary Christina-. Quem é Henry? Eu não tenho nem idéia, mas você te está pondo vermelha, Clare. nos diga quem é Henry.

Nego com a cabeça, como se para mim também fora um mistério.

-Agora pergunta você, Ruth.

Ruth formula sua pergunta e pede (como não) a quem gosta dela; o tabuleiro Ouija soletra a palavra R, I, C, K. Noto que está empurrando. Rick é o senhor Malone, nosso professor de ciências, que está enamorado da senhorita Engle, a professora de língua. Todas rimos, à exceção do Patty, que também anda loquiza pelo senhor Malone. Ruth e eu nos levantamos, e Laura e Nancy se sintam. Nancy está de costas a mim, e não posso ver sua cara quando diz:

-Quem é Henry?

Todas me observam e ficam absolutamente silêncio. Eu contemplo o tabuleiro. Nada. Penso que me encontro a salvo, mas a cosita de plástico começa a mover-se.

E, diz primeiro. Ao melhor se equivocou ao soletrar o nome do Henry; a fim de contas, nem Nancy nem Laura sabem nada dele. Nem sequer eu sei grande coisa sobre o Henry. O jogo segue: S, P, Ou, S, O. Todas me olham.

-Né, que eu não estou casada; que solo tenho onze anos!

-Mas quem é Henry? -pergunta-se Laura.

-Não sei. Possivelmente é alguém a quem ainda não conheci.

Assente. Todas estamos impresionadíssimas. Eu também me sinto transbordada. Marido? Um marido, diz?

Quinta-feira 12 de abril de 1984

Henry tem 36 anos, e Clare 12

Henry: Clare e eu estamos jogando xadrez em um claro do bosque. É um precioso dia da primavera e a natureza transborda de vida com o cortejo e a anidación dos pássaros. Seguimos nos ocultando da família do Clare, que essa tarde saiu a dar uma volta. Clare leva um momento entupida em sua jogada; pilhei-lhe a rainha faz três movimentos, e agora está condenada, mas resolvida a sucumbir lutando.

-Henry -diz, levantando a cabeça-, quem é seu Beatle favorito?

-John, claro.

-por que "claro"?

-Bom, Ringo está bem, mas é um tipo muito triste, sabe o que quero dizer?, e George é muito New Age para meu gosto.

-O que é New Age?

-Religiões muito estranhos. Música tonta e aborrecida. Patéticos intentos de convencer-se da superioridade de todo o relacionado com o hindu. A medicina não ocidental.

-Pois você não gosta da medicina convencional.

-Isso é porque os médicos sempre tentam me convencer de que estou louco. Se me tivesse quebrado um braço, seria um grande entusiasta da medicina ocidental.

-O que me diz do Paul?
-Paul é para as garotas.
Clare sorri, com um sorriso tímido.
-A mim o que mais eu gosto de é Paul.
-Claro, é uma garota.
-por que Paul é para as garotas?
"Vê com cuidado", digo-me.
-Mmm... Vá... Paul é algo assim como... como o Beatle bom, sabe?
-E isso é mau?
-Não, não. Claro que não. Agora bem, aos meninos interessa mais ser guay, e John é o Beatle guay.
-Já, mas está morto.
Não posso evitar rir.
-Pode seguir sendo guay depois de morto. De fato, é muito mais fácil, porque não envelhece, não engorda nem te cai o cabelo.
Clare cantarola o começo do When I'm 64. Move sua torre para diante e balança cinco casinhas. Agora posso lhe fazer cheque mate, a aviso e se apressa a desfazer a jogada.
-me diga, por que você gosta de Paul? -Levanto os olhos a tempo de ver como se ruboriza.
-Porque é tão... tão bonito.
Há algo no modo de pronunciar essa frase que faz que me sinta incômodo. Estudo o tabuleiro, e me dou conta de que Clare poderia me fazer cheque mate se comesse o bispo com o cavalo. Pergunto-me se deveria dizer-lhe Se fosse mais pequena, faria-o. Com doze anos, entretanto, já tem idade suficiente para valer-se por si mesmo.
Clare contempla o tabuleiro com ar sonhador. Assalta-me a idéia de que estou ciumento. Será possível! Não posso acreditar que esteja ciumento de uma velha e multimilionária estrela de rock o bastante major para ser o pai do Clare.
-Mmmm... Já.
Clare procura meus olhos com malícia.
-E a ti, quem você gosta?
"Eu gosto de você", penso, mas não o digo.
-Refere a quando tinha sua idade?
-Mmm, sim. Quando tinha você minha idade?
Sopeso o valor e o potencial deste cartucho antes de lançá-lo.
-Tinha sua idade em 1975. Sou oito anos maior que você.
-Então, tem vinte anos?
-Bom, não. Tenho trinta e seis. -Sou o bastante major para ser seu pai.
Clare franze o cenho. As matemática não são seu forte.
-Mas se em 1975 tinha doze...
-OH, sinto muito. Tem razão. Quero dizer que este eu que vê agora tem trinta e seis anos, mas em algum lugar daí fora tenho vinte -lhe digo assinalando para o sul-. Em tempo real.
Clare se esforça por entendê-lo.
-Quer dizer, que há duas pessoas em realidade.
-Não exatamente. Sempre há um solo eu, mas quando viajo através do tempo, às vezes vou a algum lugar onde já estou, e então sim, então poderíamos dizer que há duas pessoas. Ou mais.

-Como é que eu alguma vez vi a mais de uma?

-Já as verá. Quando você e eu nos conhecermos em minha presente, isso acontecerá com frequência. -Mais frequentemente do que eu queria, Clare.

-me diga, quem você gostava em 1975?

-Ninguém, em realidade. Aos doze tinha outras coisas em que pensar, mas quando cumpri os treze me apaixonei locamente do Patty Hearst.

-Uma garota que conheceu na escola? -pergunta-me com ar ofendido.

-Não -me rio eu-. Era uma estudante californiana muito rica; seqüestraram-na uns malvados terroristas políticos de extrema esquerda e a obrigaram a atracar bancos. Saiu nos informativos todas as noites durante meses.

-O que lhe ocorreu? por que você gostava?

-Ao final a liberaram, casou-se e teve filhos. Agora é uma senhora riquíssima que vive em Califórnia. por que eu gostava, dices? Ah, pois não sei. É algo irracional, sabe? Suponho que acreditava saber como se sentia, pelo fato de estar seqüestrada e de que a obrigassem a atuar de um modo que ela não desejava, embora ao mesmo tempo parecia que desfrutava com tudo aquilo.

-Faz coisas que não desejaria fazer?

-Sim, continuamente. -Me dormiu a perna e me levanto para sacudi-la até que começo a notar um comichão-. Não sempre acabo são e salvo como contigo, Clare. Muitas vezes apareço em lugares onde solo consigo roupa e comida roubando.

-OH! -Lhe entristece o rosto, mas então vê a jogada e a executa me olhando com ares de triunfo-. Cheque mate!

-Né, bravo! -exclamo lhe fazendo uma zalama-. É a rainha do xadrez du jour.

-É certo -corrobora Clare, vermelha de satisfação. Começa a colocar as fichas de novo em suas posições iniciais-. Outra?

Finjo consultar meu inexistente relógio.

-É obvio -lhe digo, me acomodando outra vez-. Tem fome?

Levamos horas nesse lugar, e nos acabaram as provisões; o único que fica são os restos de uma bolsa do Doritos.

-Estraguem.

Clare oculta os peões atrás de suas costas; dou-lhe uns golpecitos no cotovelo direito e me mostra o peão branco. Abro seguindo o movimento habitual: peão quatro reina. Ela reage como sempre a minha clássica jogada de abertura: peão quatro reina. Executamos as seguintes dez jogadas com bastante rapidez e um moderado derramamento de sangue, e então Clare fica quieta calculando as possibilidades. Sempre está experimentando, procurando o coup d'éclat.

-Quem você gosta agora? -pergunta sem levantar a vista.

-Quer dizer aos vinte anos ou aos trinta e seis?

-Tanto aos vinte como aos trinta e seis.

Intento recordar como era quando tinha vinte anos. Vejo imagens imprecisas de mulheres, peitos, pernas, pele, cabelo. Todas suas histórias se misturaram, e os rostos já não se correspondem com seus nomes. Estava muito ocupado aos vinte, mas me sentia muito desgraçado.

-Aos vinte não havia nenhuma mulher relevante em minha vida. Não recordo a ninguém em especial.

-E aos trinta e seis?

Escrutino o rosto do Clare. Será muito logo dizer-lhe aos doze anos? Estou seguro de que com essa idade é muito jovem. É melhor fantasiar com o muito bonito, inalcançável e seguro Paul McCartney que ter que lutar com o Henry o te Vexe Viajante do Tempo. De todos os modos, por que o perguntará?

-Henry?

-me diga.

-Está casado?

-Sim -admito com reticência.

-Com quem?

-Com uma mulher preciosa, paciente, com muitíssimo talento e muito lista.

Seu rosto se escurece.

-Ah. -Agarra um de meus bispos brancos, que capturou duas jogadas antes, e o volveia como se fora uma peonza-. Me alegro muito.

Parece um pouco decepcionada pela notícia.

-O que acontece?

-Nada. -Clare move sua rainha de Q2 a KN5-. Xeque.

Eu movo o cavalo para proteger ao rei.

-Estou casada eu? -quer saber Clare.

-Hoje está forçando sua sorte -lhe digo, me cruzando com seu olhar.

-por que não? De todos os modos, jamais me conta nada. Venha, Henry, me diga se for me converter em uma velha solteirona.

-É uma monja -a engano.

-Menino, espero que não -diz ela estremecendo-se. come-se um de meus peões com a torre-. Como conheceu sua mulher?

-Sinto muito. Isso é informação altamente confidencial. -Me como sua torre com a rainha. Clare faz uma careta.

-Auuu. Estava viajando através do tempo? Quando a conheceu, quero dizer.

-Ocupava-me de meus assuntos.

Clare suspira. faz-se com outro peão graças a sua outra torre. Começo a ficar corto de peões. Movo o bispo da rainha a KB4.

-Não é justo que você saiba tudo de mim e, em troca, não me conte nunca nada de ti.

-É certo. Não é justo. -Intento fingir que o sinto e me mostro complacente.

-Quero dizer que Ruth, Helen, Megan e Laura me contam isso tudo, e eu se o conto todo a elas.

-Tudo?

-Sim... Bom, tudo não. Não lhes digo nada de ti.

-Ah, não? Mas como, por que?

-Você é meu segredo. De todos os modos, tampouco me acreditariam. -Conquista meu bispo com seu cavalo e esboça um sorriso ladino. Contemplo o tabuleiro, tentando encontrar o modo de matar seu cavalo ou mover meu bispo. As coisas ficam feias para as brancas-. Henry, é uma pessoa de verdade?

Fico um tanto transposto.

-Sim. O que quer que seja se não?

-Não sei. Um espírito, talvez?

-Prometo-te que sou uma pessoa, Clare.

-Demonstra-o.

-Como?

-Não sei.

-Ouça, Clare... Tampouco acredito que você possa demonstrar que é uma pessoa.

-Claro que posso.

-Como?

-Pois te dizendo que sou uma pessoa.

-Bom, pois eu também te digo que sou uma pessoa.

É curioso que Clare traga para colação o tema; em 1999, de onde eu venho, o doutor Kendrick e eu nos encetamos em uma guerra de trincheiras sobre esse mesmo tema. Kendrick está convencido de que sou o precursor de uma nova espécie de raça humana, tão diversa aos indivíduos de hoje em dia como o homem do Cromagnon foi em relação a seus vizinhos neandertales. Eu sustento que solo sou um exemplo de código arrevesado, e nossa incapacidade para ter filhos demonstra que não me converterei no elo perdido. citamos ao Kierkegaard e ao Heidegger e nos lançamos olhadas furiosas. Agora, entretanto, Clare me olhe com uma sombra de dúvida.

-A gente não aparece e desaparece como você. É como o gato do Cheshire.

-Está dizendo que sou um personagem de ficção?

Finalmente vejo a jogada: torre do rei a QR3. Agora pode comer-se meu bispo, mas perderá a rainha. Clare demora um momento em dar-se conta, e quando isso ocorre me tira a língua, que possui um preocupam-se tom laranja devido a todos os Doritos que se comeu.

-Seu caso faz que me questione os contos de fadas. Quer dizer, se você for real, por que não teriam que ser reais os contos de fadas? -Clare se levanta, calculando ainda as possibilidades do tabuleiro, e executa uma breve dança, saltando a meu redor como se lhe tivesse impregnado fogo às calças-. Acredito que o estou acostumado a está cada vez mais duro. Me dormiu o culo.

-Pode que sejam reais; ou que algo neles seja real e a gente lhes tenha ido acrescentando coisas, explico-me?

-Como se Blancanieves tivesse entrado em vírgula?

-E também a Bela Adormecido.

-E Juan, o das judias mágicas, fora tão solo um jardineiro prodigioso.

-E Noé um velho extraordinário com um arca e um montão de gatos.

-Noé aparece na Bíblia -me diz Clare, sem apartar a vista de meu rosto-. Não é um conto de fadas.

-Ah, é verdade. Sinto muito.

Tenho uma fome atroz. Em qualquer momento Nell tocará o sino para ir jantar e Clare terá que retornar a casa. Volta a sentar-se frente a seu lado do tabuleiro.

Adivinho que perdeu interesse pelo jogo pelo modo em que começa a construir uma pequena pirâmide com as fichas ganhas.

-Ainda não me demonstraste que seja real.

-Você tampouco.

-Pergunta-te alguma vez se for real? -pergunta-me ela, surpreendida.

-Talvez é um sonho. Possivelmente você esteja sonhando comigo; pode que solo existamos nos sonhos do outro e cada manhã, ao despertar, esqueçamo-nos um do outro.

Clare franze o cenho e me faz um gesto com a mão para afastar de si a idéia.

-me belisque -me pede. Inclino-me para diante e lhe belisco ligeiramente no braço-. Mais forte! -Volto-a a beliscar, o bastante forte para lhe deixar uma marca

branca e vermelha que perdura uns segundos e logo desaparece-. Não crie que despertaria, se estivesse dormida? Em qualquer caso, não tenho sonho.

-Bom, pois eu não me sinto como um fantasma, ou um personagem de ficção.

-Como sabe? Quer dizer, se for eu quem te está inventando, e não quisesse que você soubesse que é meu invento, não lhe diria isso, verdade?

-Possivelmente é Deus quem nos inventou e não quer dizer nos respondo isso, movendo as sobrancelhas.

-Não deveria falar assim -exclama Clare-. Além disso, você nem sequer crie em Deus, verdade?

Encolho-me de ombros e mudança de tema de conversação.

-Sou mais real que Paul McCartney.

Clare tem uma expressão preocupada. Começa a recolher as peças e as introduz na caixa, separando com tino as brancas das negras.

-Há muita gente que conhece o Paul McCartney... mas eu sou a única que te conhece ti.

-Mas me conhecestes de verdade, e em troca a ele não o conhecestes nunca.

-Minha mãe foi a um concerto dos Beatles -diz ela; fecha a tampa do jogo de xadrez e se torna logo sobre o chão para ficar contemplando o baldaquino de folhas tenras-. Foi no parque Comiskey, em Chicago, em 8 de agosto de 1965.

Cravo-lhe o estômago com o dedo e ela se dobra como um ouriço, renda-se. Ao cabo de um momento de nos fazer cócegas e nos derrubar, ficamos sobre a erva com as mãos obstinadas ao estômago e Clare me pergunta:

-Sua esposa também é uma viajante do tempo?

-Não, a Deus obrigado.

-por que "a Deus obrigado"? Acredito que seria divertido. Poderiam ir aos mesmos lugares juntos.

-Com um viajante do tempo por família há mais que suficiente. É perigoso, Clare.

-Preocupa-lhe muito?

-Sim -lhe respondo baixinho-. Muito, sim.

Pergunto-me o que estará fazendo agora Clare, em 1999. Possivelmente esteja dormindo ainda. Pode que não saiba que me parti.

-A amas?

-Muitíssimo -sussurro.

Estamos jogados em silêncio, o um ao lado do outro, contemplando as árvores que se balançam, os pássaros, o céu. Ouço um soluço afogado e Miro ao Clare. Surpreende-me ver que as lágrimas lhe sulcam as bochechas até desaparecer sob as orelhas. Incorporo-me e me inclino sobre ela.

-O que te passa, Clare?

Clare move a cabeça para diante, em um estertor, e tem os lábios escuros. Acaricio-lhe o cabelo e a atraio para mim até sentá-la e rodeá-la com meus braços.

É uma menina, embora não de tudo.

-O que acontece?

Diz-o tão baixinho que tenho que lhe pedir que volte a repeti-lo:

-É que pensava que talvez estava casado comigo.

Quarta-feira 21 de junho de 1984

Clare tem 13 anos

Clare: Estou no prado, no fim de junho, a última hora da tarde; dentro de pouco terei que ir lavar-me para o jantar. A temperatura descendeu. Faz dez minutos

o céu era azul acobreado, e um calor opressivo atendia o prado, tudo parecia curvado, como se estivéssemos sob uma imensa cúpula vitrea, os ruídos mais próximos eram sufocados pelo calor enquanto um coro assustador de insetos zumbia. Fiquei-me sentada na pequena passarela, contemplando as percevejos de água que patinam no lago diminuto e calmo, pensando no Henry. Hoje não me toca vê-lo; e para a próxima vez faltam vinte e dois dias. Agora faz mais frio. Henry me desconcerta. Toda minha vida o aceitei como algo normal e corrente; quer dizer, acreditava que Henry era um segredo e portanto alguém realmente fascinante, mas também uma espécie de milagre, e só recentemente me dei conta de que a maioria das garotas não têm um Henry, e se contarem com um, o têm muito calado. levanta-se o vento; a erva alta se ondula, fecho os olhos e parece que ouço o som do mar (que nunca vi, salvo por televisão). Quando os abro, o céu é amarelo e logo verde. Henry diz que vem do futuro. De pequena, isso não me criava nenhum conflito; claro que não tinha nem idéia do que isso significava. Em troca agora me pergunto se a idéia implica que o futuro é um lugar ou um pouco parecido a um lugar ao que poderia ir; refiro-me a ir de outra maneira que não seja envelhecendo. Pergunto-me se Henry poderia me levar a futuro com ele. O bosque enegrece e as árvores se dobram, fustigados de lado a lado até ficar inclinados. O murmúrio dos insetos desapareceu e o vento o alisa tudo, a erva se aplanar, e as árvores rangem e gemem. Tenho medo do futuro; dá-me a impressão de que é como uma caixa enorme que me espera. Henry diz que me conhece do futuro. Uns nubarrões negros se desagradem e surgem depois das árvores, aparecem tão de repente que me rio, são como marionetes, e tudo gira a meu redor enquanto se ouça um prolongado e grave retumbar de trovões. De repente, adquiro consciência de mim mesma como alguém que está em um prado, magra e ereta, em um lugar onde todo se aplainou. Jogo-me ao chão, esperando que a tormenta, que se forma redemoinhos, não repare em mim, e me tendo de costas, olhando para cima, quando a água começa a cair do céu. Me empapa a roupa em um instante, e nesse mesmo momento noto que Henry está aí, sinto uma incrível necessidade de que ele esteja aí e ponha suas mãos sobre mim, mesmo que me embarga a sensação de que Henry é a chuva e eu estou sozinha, desejando-o.

Domingo 23 de setembro de 1984

Henry tem 35 anos, e Clare 13

Henry: Estou no claro do prado. É muito em breve, pela manhã, justo antes do amanhecer. Estamos a finais do verão; as flores e a erva me chegam ao peito. Faz frio. Estou sozinho. Abro-me passo entre as novelos e localizo a caixa da roupa, abro-a e encontro uns texanos azuis, uma camisa oxford branca e uns chinelos. Jamais tinha visto esses objetos e portanto não me ocorre em que época devo estar. Clare também me deixou um lanche: um sanduíche de geléia e manteiga de amendoim, envolto cuidadosamente em papel de alumínio, acompanhado de uma maçã e uma bolsa de batatas fritas do Jay. Ao melhor este almoço é o que Clare se leva a escola. Minhas pesquisas se encaminham para finais dos setenta ou princípios dos oitenta. Sinto-me na rocha e como até me sentir melhor. Sai o sol. O prado se volta azul, logo laranja, e rosa, as sombras se alargam, e finalmente se faz de dia. Não há sinais do Clare. Engatinho uns metros e me dentro na vegetação, me acurruco no chão, apesar de que está molhado pelo rocío, e durmo.

Quando me levanto, o sol está mais alto e Clare se encontra sentada junto a mim. Está lendo um livro. Sorri-me e diz:

-Amanhece nos pântanos. Os pássaros cantam e as rãs coaxam. Hora de despertar!

Grunho e me esfrego os olhos.

-Olá, Clare. Que data é hoje?

-Domingo, 23 de setembro de 1984.

Clare tem treze anos. Uma idade difícil e estranha, mas não tão complicada como a que estamos passando em minha presente. Incorporo-me e bocejo.

-Posso te perguntar se seria tão amável de ir a sua casa e escamotear uma taça de café para mim?

-Café? -Clare pronuncia a palavra como se nunca tivesse ouvido falar dessa bebida. De adulta será tão viciada como eu. Sopesa a logística do tema.

-Faria-me o favor?

-De acordo. Tentarei-o.

levanta-se, devagar. Este é o ano em que Clare pegou de repente um estirão. O ano passado cresceu treze centímetros, e ainda não se acostumou a seu novo corpo.

Os peitos, as pernas e os quadris, tudo recém cunhado. Intento não pensar nisso enquanto a observo afastar-se pelo atalho que conduz à casa. Jogo uma olhada ao livro

que estava lendo. É do Dorothy Sayers, um que não tenho lido. Vou pela página trinta e três quando retorna. trouxe um recipiente térmico, taças, uma manta e uns donuts. O sol do verão corou o nariz do Clare, e tenho que resistir o impulso de passar minhas mãos por seu cabelo rubíssimo, que lhe cai pelos ombros quando estende a manta.

-Deus te benza.

Recibo o recipiente térmico como se contivera um sacramento. Instalamo-nos sobre a manta. Tiro-me os chinelos de uma patada, sirvo-me uma taça e tomo um sorbito.

Está incrivelmente forte e amargo.

-Uau! Isto é combustível para foguetes, Clare.

-Está muito forte?

Parece um tanto deprimida, e me apresso a lhe fazer um completo.

-Bom, não é que seja muito forte, mas algo sim. De todos os modos eu gosto. Preparaste-o você?

-Sim. É a primeira vez que faço café, e como entrou Mark e começou a me incomodar, ao melhor por isso o tenho feito mal.

-Não, não. Está muito bem.

Sopro o café e me bebo isso de um sorbo. Em seguida me sinto melhor. Sirvo-me outra taça. Clare me agarra o recipiente térmico, serve-se um dedito de café e o prova com cautela.

-Puaj! -exclama-. É asqueroso. Tem que saber assim?

-Bom, pelo general não é tão brutal. você gosta com muchíssima nata de leite e com açúcar.

Clare joga o resto de seu café ao prado e agarra um donut.

-Está-me convertendo em um fenômeno.

Não me ocorre uma resposta adequada, porque essa idéia jamais tinha cruzado por minha mente.

-Ah... Não, não é verdade.

-Sim o é.

-Não. O que quer dizer com isso de que te estou convertendo em um fenômeno? Eu não te estou convertendo em nada.

-Quando diz coisas como que eu gosto do café com nata de leite e açúcar antes de havê-lo provado sequer. Como vou ou seja discernir se isso é o que eu gosto ou se solo eu gostar porque é você quem diz que eu gosto?

-Mas Clare... Falamos de gostos pessoais. Saberá como você gosta do café à margem do que eu te diga. Por outro lado, é você quem sempre me açula para que te conte coisas do futuro.

-Conhecer o futuro não tem nada que ver com que lhe digam que coisas você gosta.

-por que? Tudo está relacionado com o livre-arbítrio.

Clare se tira os sapatos e os meias três-quartos. Embute os meias três-quartos nos sapatos e os coloca bem postos junto ao bordo da manta. Logo agarra os chinelos que abandonei e as alinha junto a seu calçado, como se a manta fora um tatami.

-Eu acreditava que o livre-arbítrio tinha que ver com o pecado.

-Não -lhe digo, depois de refletir uns segundos-. por que deveria limitar o livre-arbítrio ao bem ou ao mal? Quero dizer, acaba de decidir, fazendo ornamento de seu livre-arbítrio, te tirar os sapatos. Não importa, a ninguém preocupa que leve sapatos ou não, não é algo pecaminoso ou virtuoso, e não influi no futuro, mas você tem feito uso de sua liberdade de arbítrio.

Clare se encolhe de ombros.

-Mas às vezes você me diz coisas, e sinto como se visse o futuro ante mim, sabe? Como se meu futuro tivesse acontecido no passado e não pudesse fazer nada a respeito.

-A isso lhe chama determinismo. Espreita-me em sonhos.

Clare está intrigada.

-por que?

-Bom, se precisamente você se sente constrangida pela idéia de que seu futuro é inalterável, imagine como me sinto eu. Não deixo de me dar de narizes contra o fato de que não posso trocar nada, apesar de me achar aqui, contemplando-o.

-Mas, Henry, você troca as coisas! Quer dizer, foi você quem escreveu aquela história que se supõe tenho que te entregar em 1991 sobre o bebê com síndrome do Down. Quanto à lista, se eu não a tivesse, não poderia saber quando me reunir aqui contigo. Pode trocar as coisas sem cessar.

-Só posso fazer aquilo que não entra em contradição com o que já aconteceu -lhe explico sorrindo-. Não posso, por exemplo, evitar o que acaba de fazer: te tirar os sapatos.

-E a ti o que pode te importar se me os Quito ou não? -replica ela renda-se.

-Nada, mas embora me importasse, agora é uma parte inalterável da história do universo e eu não posso fazer nada para evitá-lo.

Coxo um donut. É um Bismarck, meu favorito. O polido se derreteu um pouco ao sol e pega aos dedos. Clare termina o seu, arregança-se os baixos de seu texano e se sinta com as pernas cruzadas. arranha-se o pescoço e me olhe molesta.

-Agora faz que me entrem complexos. É como se cada vez que me soasse o nariz fora um acontecimento histórico.

-Pois o é.

Clare põe os olhos em branco.

-O que é o contrário ao determinismo?

-O caos.

-Ah. Não acredito que eu goste. Gosta a ti?

Dou uma boa dentada ao Bismarck e reflito sobre o caos.

-Bom... Digamos que sim e que não. O caos implica maior liberdade; de fato, é a liberdade total, mas sem significado algum. Eu, em troca, desejo ser livre para atuar e que minhas ações signifiquem algo.

-Mas, Henry, se esquece de Deus... por que não pode existir um Deus que dê um sentido a todo isso?

Clare franze o cenho, convencida, e dirige seu olhar ao prado enquanto fala. Quanto a mim, coloco-me a última parte do Bismarck na boca e o mastigo devagar para ganhar tempo. Cada vez que Clare menciona a Deus suam as Palmas das mãos e sinto a necessidade de me esconder, correr ou desaparecer.

-Não sei, Clare. Quero dizer que todo me parece muito infeliz e absurdo para pensar que existe um Deus.

Clare se sujeita os joelhos com os braços.

-Acaba de dizer que parece que tudo está planejado de antemão.

-Sim. -Agarro ao Clare pelos tornozelos e lhe ponho os pés sobre meu regaço sem soltá-los. Clare ri e se apóia sobre os cotovelos. Noto o frio de seus pés em minhas mãos; são rosados, e estão limpíssimos-. Vejamos. As alternativas que estamos considerando são um universo em bloco, no que o passado, o presente e o futuro coexistem simultaneamente e tudo aconteceu já; o caos, onde pode acontecer algo e não podemos prever nada porque não conhecemos todas as variáveis; e um universo cristão no que Deus o criou tudo e as coisas existem com um propósito determinado, mas em qualquer caso nós temos liberdade de arbítrio, correto?

-Suponho que sim -responde Clare, movendo os dedos dos pés ante minha cara.

-E você, por que opção vota?

Clare fica em silêncio. Aos treze anos seu pragmatismo e seus sentimentos românticos sobre o Jesus e Maria têm a mesma importância. Faz um ano, entretanto, teria eleito a Deus sem duvidá-lo. dentro de uma década votará pelo determinismo, e dez anos depois Clare acreditará que o universo é arbitrário, que se Deus existe, não ouça nossas preces, que a causa e o efeito são ineludíveis e brutais, mas sem sentido algum. Depois, já não sei. Entretanto, agora Clare está entrando na soleira da adolescência com a confiança em uma mão e seu crescente ceticismo na outra, e o único que pode fazer é praticar malabarismos com ambas as coisas, ou as espremer até que se fundam em uma sozinha.

-Não sei -diz negando com a cabeça-. Quero a Deus. É isso válido?

Sinto-me como um bode.

-Claro que é válido. É o que você crie.

-Mas eu não desejo acreditá-lo; necessito que seja verdade.

O passado os polegares pelo arco do pé e ela fecha os olhos.

-Você e santo Tiram do Aquino.

-ouvi falar dele -diz Clare, como se falasse desse tio preferido com o que faz tempo perdeu o contato ou do protagonista de um programa de televisão que estava acostumado a ver quando era pequena.

-Procurava a ordem e a razão, e a Deus também. Viveu no século XIII e deu classes na Universidade de Paris. Aquino acreditava no Aristóteles e nos anjos.

-eu adoro os anjos. São preciosos. Oxalá pudesse ter asas para voar e me sentar nas nuvens!

-Ein jeder Engel ist schrecklich.

Clare suspira, um breve e suave suspiro que significa: "Não sei alemão, recorda-o?".

-Né?

-"Todo anjo é terrível." Forma parte de uma antologia de poesias, Elegia-as do Duino, de um poeta chamado Rilke. É um de nossos poetas preferidos.

-Já tornaste a fazê-lo! -exclama Clare risonha.

-O que?

-me dizer o que eu gosto.

Clare enterra os pés em meu regaço. Sem pensá-lo, coloco-os sobre meus ombros, mas então me dou conta de que em certo modo essa postura é muito sexual, e me apresso de novo a lhe agarrar os pés e a sustentá-los com uma mão no ar enquanto ela jaz de costas, inocente e Angélica, com o cabelo estendido como um nimbo sobre a manta. Faço-lhe cócegas nos pés. Clare ri nervosa e se retorcede em minhas mãos como um peixe, fica em pé de um salto e faz o carrinho de mão pela clareira, sonriêndome e me desafiando para que a apanhe. Limito-me a sorrir, e ela retorna à manta e se senta junto a mim.

-Henry.

-me diga.

-Está-me trocando.

-Já sei.

Volto-me para olhar ao Clare e por um instante esquecimento que é jovem, e que isto aconteceu faz muito tempo; vejo o Clare, a minha esposa, superpuesta no rosto desta jovencita, e não sei o que lhe dizer a esta Clare que é maior e jovem, e distinta às demais garotas, que sabe que essa diferença pode resultar problemática. Entretanto, Clare não parece esperar uma resposta. recosta-se em meu braço e eu a atraio para mim.

-Clare!

No silêncio do prado se ouça a voz do pai que a chama gritos. Clare se levanta de um salto e agarra os sapatos e os meias três-quartos.

-É hora de ir à igreja -diz, nervosa de repente.

-De acordo. Humm... Adeus.

Me demissão com um gesto da mão, ela sorri e me diz adeus em silêncio. Logo corre pelo atalho e desaparece. Fico jogado tomando o sol durante um momento, me questionando a existência de Deus e lendo ao Dorothy Sayers. Ao cabo de uma hora aproximadamente, eu também me parto, e tão solo ficam uma manta, um livro, umas taças de café e uns objetos de roupa que testemunham nossa presença.

Depois do fim

Sábado 21 de outubro de 1984

Clare tem 13 anos, e Henry 43

Clare: Me acordado de repente. ouvi um ruído: alguém pronuncia meu nome. Pareceu-me que era Henry. Incorporo-me na cama, escuto. Ouço o vento e o grasnido dos corvos. E se for Henry? Salto da cama e, sem sapatos, baixo correndo as escadas, saio pela porta traseira e me dirijo ao prado. Faz frio, o vento curta e transpassa minha camisola. Onde está? Detenho-me e Miro; ao fundo, junto à horta, vejo meu pai e ao Mark, com sua indumentária de caça laranja claro, e a um homem a seu lado.

Estão de pé, olhando algo, mas então me ouvem e se voltam; e me dou conta de que esse homem é Henry. O que faz ele com meu pai e Mark? Corro para eles, com os pés rasgados pela erva seca, e meu pai vem a meu encontro.

-Coração, o que faz fora tão cedo?

-Pareceu-me que alguém me chamava.

Sorri-me, com um sorriso que significa: "Que amalucada é esta garota!". Miro ao Henry, para que me explique todo aquilo. "por que me chamaste, Henry?", penso, mas ele faz um gesto de negação e se leva um dedo aos lábios. "Silêncio, Clare. Não fale." Entra no horta, e quero saber o que é o que olham, mas aí não há nada, e meu pai diz:

-Volta para a cama, Clare. Solo foi um sonho.

Rodeia-me com seus braços e começa a caminhar para a casa comigo. Dou-me a volta e Miro ao Henry, quem me saúda, sorrindo. "Não passa nada, Clare. Explicarei-lhe isso logo" (embora, conhecendo o Henry, é provável que não me explique nada. Fará que eu o adivinhe, ou que os fatos falem por si só um destes dias). Saúdo-lhe, e comprovo se Mark o viu, mas meu irmão está de costas, zangado, e espera que vá para que ele e meu pai possam ir-se caçar. Pergunto-me o que faz aí Henry, do que estão falando. Volto-me outra vez para olhá-los, mas não vejo o Henry, e meu pai diz:

-Venha, Clare. À cama.

Dá-me um beijo na frente. Parece triste e ponho-se a correr, corro para a casa, e logo subo as escadas com sigilo, sinto-me na cama, tremendo; sigo sem compreender o que ocorreu, mas sei que é algo mau, muito mau.

Segunda-feira 2 de fevereiro de 1987

Clare tem 15 anos, e Henry 38

Clare: Quando volta da escola a casa, Henry me está esperando na sala de leitura. Arrumei-lhe uma pequena habitação junto ao quarto da caldeira, que está ao outro lado do lugar no que guardamos as bicicletas. Hei dito aos de casa que eu gosto de ler no porão e, de fato, passo muito tempo aqui; assim já não lhes resulta estranho. Henry apoiou uma cadeira sob o pomo da porta. Chamo quatro vezes e me deixa entrar. construiu-se uma espécie de ninho de travesseiros, almofadas e mantas, e estive lendo velhas revistas sob meu abajur de escritório. Leva os texanos velhos de meu pai e uma camisa de flanela a quadros; lhe vê cansado e vai barbear. Esta manhã lhe deixei a porta traseira aberta para que pudesse entrar, e aqui está.

Deixo no chão a bandeja de comida que lhe trouxe.

-Poderia te baixar uns livros.

-A verdade é que isto é fantástico.

estive lendo revistas Mad dos sessenta.

-É indispensável para os viajantes do tempo, que precisam conhecer toda classe de sinopses, que lhe contem as notícias de um momento determinado -me diz com um exemplar do World Almanac de 1968 nas mãos.

Sinto a seu lado sobre as mantas e o Miro para ver se me obrigará a me mover. Dou-me conta de que está considerando-o; portanto, levanto as mãos para que me veja e me sinto sobre elas.

-Ponha cômoda -me diz Henry sorrindo.

-De onde vem?

-Do ano 2001. Do mês de outubro.

-Parece cansado. -Vejo que se debate entre o impulso de me contar a causa de seu cansaço e o de calar. Finalmente, vence o segundo-. No que estamos metidos em 2001?

-Temos grandes projetos. Tarefas entristecedoras. -Henry começa a comer o sanduíche de rosbife que lhe trouxe-. Ouça, que bom...!

-Preparou-o Nell.

Henry ri.

-Nunca entendi como pode criar umas esculturas enormes que suportam os embates de ventos impetuosos, interpretar receitas para tinturas, manufaturar kozo e fazer mil coisas mais e, em troca, não lhe saiba arrumar isso na cozinha -me diz rendo-. É surpreendente.

-É um bloqueio mental. Uma fobia.

-É muito estranho.

-Quando entro na cozinha, ouço uma vocecita o que me diz: "Parte ";e isso é o que faço.

-Come bem? Te vê magra.

Eu, em troca, sinto-me gorda.

-Sim que como. -Então me vem um pensamento inquietante-. Estou muito gorda em 2001? Ao melhor por isso pensa que estou muito magra.

Henry sorri por alguma brincadeira que me escapa.

-Bom, está um pouco relenita na atualidade, em minha presente, mas já passará.

-Ecs.

-Estar relenita é bom. te sinta muito bem.

-Não, obrigado.

Henry me olhe, preocupado.

-Não se preocupe, não sou anoréxica nem nada parecido. Quero dizer, que não faz falta que se preocupe.

-Bom, como sua mãe sempre dava a lata com o tema...

-Dava?

-Dá.

-por que há dito "dava"?

-Por nada em especial. Lucille se encontra bem. Não se preocupe.

Minta. Sinto um espasmo no estômago. Acurruco a cabeça entre os joelhos e cruzo os braços.

Henry: Não posso acreditar que tenha cometido um deslize verbal dessa magnitude. Acaricio o cabelo do Clare, e desejo fervientemente poder retornar à presente durante tão solo um minuto, o suficiente para consultar com o Clare, para descobrir o que devia lhe dizer, aos quinze anos, sobre a morte de sua mãe. Tudo isto me passa porque não consigo dormir. Com umas quantas horas de sonho teria pensado com maior rapidez ou, ao menos, teria dissimulado melhor meu lapsus. Não obstante, Clare, que é a pessoa mais honesta que conheço, é hipersensível inclusive às mentiras mais piedosas, e agora as únicas opções de que disponho são me negar a dizer nada mais, o qual a tirará de gonzo, mentir, algo que ela não aceitará, ou lhe dizer a verdade, que a entristecerá e complicará a relação com sua mãe. Clare fica olhando.

-diga-me isso me exige.

Clare: Henry tem uma expressão sombria.

-Não posso, Clare.

-por que não?

-Não é bom saber as coisas antes de tempo. Chateia-te a vida.

-Sim, mas não pode me deixar assim.

-Não há nada que dizer.

Começo a sentir pânico de verdade.

-Se suicidó -aventuro, embargada pela incerteza. Essa é uma das coisas que mais temo.

-Não, o que vai. Não, não. De maneira nenhuma.

Fico olhando-o fixamente. Henry tem uma expressão compungida. Não consigo adivinhar se me está dizendo a verdade. Oxalá pudesse lhe ler o pensamento! A vida seria tão fácil! Mamãe... OH, mamãe!

Henry: É espantoso. Não posso deixar ao Clare assim.

-Câncer de ovários -lhe digo baixinho.

-Graças a Deus -comenta ela, e fica a chorar.

Sexta-feira 5 de junho de 1987

Clare tem 16 anos, e Henry 32

Clare: Levo todo o dia esperando ao Henry. Estou muito nervoso. Ontem me tirei o carteira de conduzir, e meu pai me disse que podia me levar o Fiat à festa da Ruth esta noite. A minha mãe não gosta de nada a idéia, mas como meu pai já me há dito que sim, não pode fazer nada para impedi-lo. Ouço-os discutir na biblioteca depois de jantar.

-me tivesse podido perguntar isso antes...

-Pareceu-me que não tinha importância, Lucy...

Agarro meu livro e me parto ao prado. Jogo-me sobre a erva. O sol começa a ficar. Faz frio aqui fora, e a erva está infestada de pequenas traças brancas. O céu vira para um rosado laranja depois das árvores que dão para o oeste, e o azul intenso traçado seu arco sobre mim. Estou a ponto de retornar à casa para agarrar um pulôver quando ouço que alguém caminha pela erva. Não há dúvida, tem que ser Henry. Penetra no claro e se sinta sobre a rocha. Espio-o da vegetação. Parece bastante jovem, possivelmente tenha trinta e poucos anos. Leva uma camiseta negra e Lisa, uns texanos e umas sapatilhas esportivas abotinadas. Está sentado em silêncio, aguardando.

Para mim, entretanto, não cabe a espera, e apareço ante ele de um salto, assustando-o.

-Pelo amor de Deus, Clare! Acaso quer que a este velhote dê um ataque ao coração?

-Não é um velhote.

Henry sorri. Sempre diz estupidezes sobre sua idade.

-me dê um beijo -lhe peço, e ele me beija.

-A santo do que?

-Tirei-me o carteira de conduzir!

Henry parece alarmado.

-OH, não! Quero dizer... Felicidades.

Sorrio-lhe; nada do que possa me dizer apagará meu bom humor.

-O que passa é que está ciumento.

-De fato, sim. eu adoro conduzir, mas nunca me ponho ao volante.

-E isso por que?

-É muito perigoso.

-Galinha!

-Para outros, claro. Imagine o que aconteceria se estivesse conduzindo e desaparecesse. O carro seguiria movendo-se e patapuummm! Deixaria um reguero de sangue

e mortes a minhas costas. Não é uma visão muito agradável que digamos.

Sinto-me na rocha junto ao Henry, e ele se afasta de mim. Ignoro seu gesto.

-Esta noite vou a uma festa a casa da Ruth, quer vir?

Arqueia uma sobrancelha. Por isso general significa que vai pronunciar uma entrevista de um libero do qual jamais ouvi falar ou que me instruirá sobre algum tema em concreto. Entretanto se limita a me dizer:

-Mas, Clare... Isso implicaria conhecer uma boa parte de seus amigos.

-E o que? Estou cansada de tantos segretos.

-Vejam. Você tem dezesseis anos e eu trinta e dois. Dobro-te a idade. Estou seguro de que ninguém se daria conta, e que seus pais jamais se inteirariam do assunto.

Suspiro.

-Enfim, eu tenho que assistir à festa. Vêem e fica no carro. Não estarei muito tempo dentro, e logo podemos ir a qualquer outra parte.

Henry: Estacionamos a uma maçã de distância de casa da Ruth. Ouço a música daqui; sonha Onze In Ao Life teme, do Talking Heads. Em realidade gosta de ir com o Clare, mas não seria prudente. Ela sai do carro de um salto, diz-me: "Fique aqui!", como se eu fora um perrazo desobediente, e se afasta cambaleando-se com seus saltos e sua saia curta para o domicílio da Ruth. Me arrellano no assento e espero.

Clare: Tão logo entro pela porta me dou conta de que esta festa é um equívoco. Os pais da Ruth estarão toda a semana em São Francisco; quer dizer, que ao menos meu amiga gozará de certa margem de tempo para arrumá-lo tudo, limpar a casa e dar as oportunas explicações, mas me alegro de que não se trate de minha casa. O irmão maior da Ruth, Jake, também convidou a seus amigos, e em total há aproximadamente umas cem pessoas, todas elas bêbadas. Há mais meninos que garotas, e desejaria ter vindo com calças e sapato plano, mas já é muito tarde para remediá-lo. Quando entro na cozinha a por um refresco, alguém diz a minhas costas:

-Cuidado com a senhorita Olhem Mas Não Toquem! -exclama o sujeito, acompanhando a frase de um som obsceno, como se se lambesse. Volto-me e vejo o menino a quem chamamos Caralagarto (por causa de sua acne) me olhando com lascívia-. Bonito vestido, Clare.

-Obrigado, mas não é para que você o desfrute, Caralagarto.

-Ouça, jovencita, isso que me chamaste não é muito agradável que digamos -protesto, me seguindo até a cozinha-. A fim de contas, o que tenho feito é tentar expressar o muito que valoro seu traje extremamente atrativo, e o único que te ocorre é me insultar...

Não pára de falar. Finalmente escapo; agarro a Helen e a utilizo de escudo humano para sair da cozinha.

-Isto é uma mierda -diz Helen-. Onde está Ruth?

Ruth se escondeu com a Laura acima, em seu dormitório. Estão fumando um néscio às escuras e observando pela janela a um punhado de amigos do Jake que se estão banhando em couros na piscina.

Não demoramos para nos acomodar frente à janela para presenciar a cena com olhos exagerados.

-Mmmm -exclama Helen-. Há alguns que eu gosto.
 -Qual deles? -pergunta-lhe Ruth.
 -O menino do trampolim.
 -Ooooh...
 -Note em Rum -intervém Laura.
 -Esse é Rum? -pergunta Ruth entre risitas.
 -Uauu. Bom, suponho que qualquer estaria mais favorecido sem a camiseta do Metallica e a repugnante jaqueta de couro -comenta Helen-. Ouça, Clare. Está calladíssima.
 -Né? Sim..., suponho que sim -digo com um fio de voz.
 -te olhe. Mas se lhe cega a luxúria! Estou envergonhada de ti. Como pudeste chegar a este estado? -diz-me rendo-. Agora a sério, Clare, por que não acaba com esta situação de uma vez por todas?
 -Não posso -lhe digo, me sentindo muito desgraçada.
 -Claro que pode. Solo tem que baixar e gritar: "Quero follar!", e cinqüenta tios sairão dizendo: "Comigo, comigo!".
 -Não o entende. Não quero... Não se trata disso...
 -Ela quer que seja alguém especial -diz Ruth sem apartar os olhos da piscina.
 -Quem? -pergunta Helen.
 Encolho-me de ombros.
 -Vamos, Clare. Cospe-o já.
 -Deixem tranqüila -terça Laura-. Se Clare não quiser, não tem nenhuma obrigação de nos dizer isso Estoy sentada junto a Laura, y apoyo la cabeza en su hombro.
 Estou sentada junto à Laura, e apoio a cabeça em seu ombro.
 Helen se levanta como sacudida por uma mola.
 -Agora volto.
 -Aonde vai?
 -trouxe champanha e suco de pêra para preparar uns Bellini, mas me deixei isso tudo no carro.
 Sai disparada como uma flecha. Um menino alto com o cabelo pelos ombros salta do trampolim e dá uma cambalhota para trás.
 -OH, a, dizem-na Ruth e Laura ao unísono.

Henry: passou um bom momento, pode que uma hora mais ou menos. Tomo a metade da bolsa de batatas fritas e a Coca-cola quente que Clare me trouxe. Jogo um sueñecito. Faz tanto momento que se foi que gosta de sair a dar um passeio. Além disso, preciso mijar.

Ouçõ uns saltos que se dirigem para mim. Miro pelo guichê, mas não é Clare; é uma loira explosiva que leva um vestido estreito e vermelho. Piscada, e me dou conta de que se trata da amiga do Clare, Helen Powell. Ai, ai, ai.

aproxima-se dando taconazos por meu lado do carro, inclina-se para diante e espiona para o interior. Por seu decote se vê Paris. Sinto-me um pouco enjoado.

-Olá, noivo do Clare. Meu nome é Helen.

-Equivoca-te, Helen; mas prazer em conhecê-lo.

Seu fôlego empresta a álcool.

-Não vais sair do carro para te apresentar como é devido?

-OH, estou muito cómodo instalado aqui, obrigado.

-Bom, pois venho a te fazer companhia. -move-se insegura quando passa por diante do carro, abre a portinhola e se deixa cair no assento do condutor-. Faz muitíssimo

tempo que desejava lhe conhecer -me confia Helen.

-Ah, sim? por que? -Desejo desesperadamente que retorne Clare e me resgate, mas isso daria ao traste com o jogo, verdade?

Helen se inclina para mim e me diz pelo baixo:

-Deduzi sua existência. Meus vastos dotes de observação me levaram a conclusão de que o que fica, uma vez descartaste o impossível, é a verdade, por muito incrível que pareça. portanto... -Helen se cala para arrotar-. Que pouco feminino... Desculpa. portanto, concluí que Clare devia ter um noivo, porque se não, não se negaria a follar com todos esses meninos fantásticos, que estão muito decepcionados com o tema. E finalmente te encontro aqui. Tacham!

Sempre me gostou de Helen, e me entristece ter que enganá-la. De todos os modos, isso sim que explica o que ela me disse em nossas bodas. eu adoro quando das pequenas peças do quebra-cabeças encaixam assim.

-É um raciocínio muito cativante, Helen; mas eu não sou o noivo do Clare.

-Então, por que está sentado em seu carro?

Me cruzam os cabos. Clare me matará por isso.

-Sou amigo dos pais do Clare. A verdade é que estavam preocupados porque ela agarrasse o carro para assistir a uma festa em que talvez correria o álcool, e me pediram que a acompanhe e lhe faça de chofer, se por acaso acaba muito bêbada para conduzir.

-Isso fica absolutamente desconjurado -diz Helen, fazendo uma careta-. Com o que bebe nossa pequena Clare não poderia encher nem um dedal pequeno, pequeno...

-Eu não hei dito que bebê. Solo que seus pais se hão posto paranóicos.

ouça-se o ressonar de uns saltos pela calçada. Nesta ocasião se trata do Clare, que se detém espantada quando vê que tenho companhia. Helen salta do carro e grita:

-Clare! Este homem tão antipático diz que não é seu noivo.

Clare e eu intercambiamos um olhar.

-Não, não o é -diz Clare secamente.

-Já. Parte-te?

-É quase meia-noite, e estou a ponto de me converter em uma cabaça. -Clare dá a volta ao carro e abre a portinhola do condutor-. Venha, Henry, vamos.

Acende o motor e conecta as luzes. Helen está cravada ante os faróis. Logo se situa a meu lado do carro.

-De maneira que não é seu noivo, né, Henry? Quase me acreditei isso durante uns instantes, sim, senhor. Adeus, Clare -diz Helen rendo.

Clare sai do estacionamento com dificuldade e se afasta. Ruth vive no Conger. Quando torcemos para a Broadway, vejo que todas as luzes estão apagadas. Broadway é uma auto-estrada de dois sulcos. Desenharam-na com tiralíneas, mas sem a luz das luzes é como conduzir em um poço negro.

-Vale mais que acenda as largas, Clare.

Clare apaga os faróis do automóvel.

-Clare...!

-Não me diga o que tenho que fazer!

Calo-me. Quão único posso ver são os números iluminados do radiorreloj. São as 23.36. Ouço o ar passando veloz pelo guichê, o motor do carro; noto as rodas

comendo o asfalto, mas por alguma estranha razão parecemos imóveis, apesar de que o mundo se move a nossos redor a oitenta quilômetros por hora. Fecho os olhos.

Não noto a diferença. Abro-os. O coração me pulsa com força.

Uns faróis aparecem na lonjura. Clare acende as luzes e seguimos circulando depressa, perfeitamente alinhados com as raias amarelas do centro do meio-fio e o borda da auto-estrada. São as 23.38.

O rosto do Clare não delata expressão alguma sob as luzes que se refletem no salpicadero.

-por que tem feito isso? -pergunto-lhe com a voz rouca.

-por que não? -A voz do Clare é tranqüila como uma lacuna no verão.

-Porque teríamos podido morrer em um brutal acidente?

Clare diminui a marcha e excursão pela auto-estrada Estrela Azul.

-Mas isso não é o que ocorre. Cresço, conheço-te, casamo-nos, e já está.

-No que a ti respeita, um pouco mais: e nos estrelamos com o carro e passamos um ano indo a reabilitação.

-Não, porque me teria avisado para que não o fizesse.

-Tentei-o, mas me gritou...

-Refiro-me que seu eu major lhe haveria dito a meu eu mais jovem que não me estrelasse com o carro.

-Então é que isso já teria ocorrido.

Chegamos à avenida Meagram e Clare torce até enfiar o atalho. É o caminho particular que conduz a sua casa.

-Para, Clare, quer? Por favor.

Clare se coloca sobre a erva do borda, detém o carro, para o motor e apaga as luzes. Voltamos a estar completamente às escuras, e posso ouvir um milhão de grilos cantando. Atraio ao Clare para mim e a rodeio com meus braços. Está tensa e se mostra inflexível.

-me prometa uma coisa...

-O que?

-me prometa que não voltará a tentar nada parecido. Não me refiro sozinho ao carro, a não ser a tudo o que revista perigo. Nunca se sabe... O futuro é estranho, e não pode ir por aí te comportando como se fosse invencível.

-Mas se me viu no futuro...

-Confia em mim. Você confia em mim.

Clare ri.

-por que teria que fazê-lo?

-Não sei. Possivelmente porque te quero.

Clare volta a cabeça tão depressa que me golpeia na mandíbula.

-Auuu.

-Sinto muito.

Logo que vejo o traçado de seu perfil.

-Ama-me?

-Sim.

-Neste instante?

-Sim.

-Mas não é meu noivo.

Bom, agora entendo que é isso o que lhe incomoda.

-Verá, tecnicamente falando sou seu marido. Suponho que, como ainda não te casaste, deveríamos dizer que é minha noiva.

Clare coloca sua mão em um lugar no que possivelmente não deveria estar.

-Preferiria ser seu amante.

-Tem dezesseis anos, Clare. -Aparto sua mão com suavidade e lhe acaricio a cara.

-Sou o bastante maior. Ecs, tem as mãos úmidas. -Clare acende a luz piloto e me sobressalto quando vejo que sua cara e suas mãos estão manchadas de sangue.

Me Miro as Palmas e as noto pegajosas e avermelhadas-. Henry! O que passou?

-Não sei. -Lambo-me a palma direita e aparecem quatro profundos cortes alinhados em forma de lua crescente. Rio-me-. São as unhas. Tenho-me feito isso quando conduzia sem faróis.

Clare apaga a luz piloto de um tapa e, de novo, ficamos na escuridão. Os grilos cantam a todo trapo.

-Não queria te assustar.

-Pois o conseguiste. Pelo general, vou tranqüilo quando conduz você. É sozinho que...

-O que?

-Sofri um acidente de carro quando era pequeno, e eu não gosto de subir aos automóveis.

-OH..., sinto muito.

-Não passa nada. Ouça, que horas são?

-minha mãe! -Clare acende a luz. O relógio marca as 00.12-. Chego tarde. Como vou entrar com estas manchas de sangue?

A vê tão desconcertada que me entram vontades de rir.

-Vêem -lhe digo, esfregando minha palma esquerda sobre seu lábio superior e sob o nariz-. tiveste uma hemorragia.

-De acordo. -Clare arranca o carro, acende os faróis e volta para o meio-fio-. Etta se levará um susto de morte quando me vir.

-Etta? E seus pais, o que?

-Minha mãe provavelmente estará dormida a estas horas, e é a noite de pôquer de meu pai.

Clare abre a grade e entramos na propriedade.

-Se minha filha saísse de carro o dia depois de tirar o carteira, eu estaria sentado depois da porta principal com um cronômetro na mão.

Clare detém o carro antes de entrar no campo visual da casa.

-Temos filhos?

-Sinto muito. Isso é informação confidencial.

-Apelarei à lei de Liberdade de Informação.

-Adiante. -A beijo com cautela, para não alterar a falsa hemorragia-. Já me dirá o que tem descoberto. -Abro a portinhola do carro-. Boa sorte com a Etta.

-boa noite.

-boa noite.

Saio do carro e fecho a porta o mais silenciosamente que posso. O carro se desliza pelo caminho, toma uma curva e desaparece na noite. Caminho na mesma direção e dirijo a uma cama que improvisei no prado, sob as estrelas.

Domingo 27 de setembro de 1987

Henry tem 32 anos, e Clare 16

Henry: Materializo-me no prado, a mais de quatro metros da clareira. Sinto-me fatal, enjoado e com náuseas; dito me sentar um momento para me recuperar. Faz

frio e o dia é cinza; acho-me submerso entre as ervas altas e pardas, que me cortam a pele. Ao cabo de uns instantes, sinto-me um pouco melhor, e percebo que tudo está em silêncio. Levanto-me e caminho para o claro.

Clare está sentada no chão, recostada junto à rocha. Não diz nada, solo me olhe com o que parece uma expressão de raiva. "Vá! -penso-. O que tenho feito agora?" Está em sua etapa Grace Kelly; leva um casaco de lã azul e uma saia vermelha. Estou tremendo, e rebusco até encontrar a caixa com a roupa. Ponho-me uns texanos negros, um pulôver negro, uns meias três-quartos de lã negros, um casaco negro, umas botas negras e umas luvas de pele negros. Pareço o protagonista de um filme do Wim Wenders. Sinto-me junto ao Clare.

-Olá, Clare. Está bem?

-Olá, Henry. Toma. -Alarga-me um recipiente térmico e dois sanduíches.

-Obrigado. Não me sinto muito bem. Esperarei um pouco. -Sotaque a comida sobre a rocha. O recipiente térmico contém café, que inalo profundamente. Solo percebendo o aroma parece que me sinto melhor-. Te encontra bem?

Clare não me olhe. Escrutino seu rosto e me dou conta de que chorou.

-Henry, daria uma surra a alguém por mim?

-O que?

-Quero fazer machuco a uma pessoa, e não sou o bastante forte nem sei como lutar. Faria-o você por mim?

-Uauuu! Do que me está falando? A quem? por que?

Clare não levanta a vista de sua saia.

-Não quero falar disso. Não poderia aceitar minha palavra se te disser que o tem bem castigo?

Acredito que sei o que ocorre: parece-me que já ouvi antes essa história. Suspiro, e me aproximo do Clare até rodeá-la com meus braços. Ela apóia a cabeça em meu ombro.

-trata-se de um moço com quem saiu um dia, verdade?

-Sim.

-comportou-se como um gilipollas, e agora quer que o pulverize, não?

-Sim.

-Clare, há muitíssimos tios que são gilipollas. Eu mesmo fui um gilipollas quando...

Clare ri com ironia.

-Duvido que fosse um gilipollas de campeonato como Jason Everleigh.

-É jogador de futebol ou algo pelo estilo, verdade?

-Sim.

-Clare, o que te faz pensar que posso abordar a um atleta que é como um armário e ao que lhe dobro a idade? Como te ocorreu sair com alguém assim?

Clare se encolhe de ombros.

-Na escola não param de me chatear porque nunca saio com ninguém. Ruth, Meg e Nancy... Bom, circulam rumores que dizem que sou lésbica. Inclusive minha mãe me pergunta por que não saio com meninos. Quando me pedem para sair, digo sempre que não; além disso, Beatrice Dildford, que sim é ninfomaniaca, perguntou-me se eu também o sou. Hei-lhe dito que não, e ela me respondeu que não lhe surpreende, mas que isso é o que comenta todo mundo. Assim pensei que seria melhor sair com alguns meninos. O primeiro que me pediu foi isso Jason. É, como te diria, uma espécie de atleta, e muito atrativo, a verdade. Pensei que se saía com ele, todos saberiam e possivelmente deixariam de fazer comentários sobre mim.

-Quer dizer, que foi sua primeira entrevista.

-Sim. Fomos a um restaurante italiano e nos encontramos com a Laura e Mike, e com um montão de gente da classe de teatro. Ofereci-lhe pagar a decote, mas ele se negou, contou-me que era algo que jamais aceitava; e o passamos bem, quero dizer que falamos da escola e de nossas coisas, de futebol... Logo fomos ver Sexta-feira 13, VII parte. Um filme francamente estúpido, se por acaso pensa ir ver a.

-Já a vi.

-Ah, sim? Mas como? Não parece ser dos filmes que você gosta.

-Pelo mesmo motivo que você; a garota com quem saía queria ir vê-la.

-Quem era essa garota?

-Uma mulher que se chama Alex.

-Como é?

-Era cajera em um banco, tinha umas tetas enormes e gostava que lhe aplaudissem o traseiro.

No preciso instante em que essas palavras escapam de minha boca, dou-me conta de que estou falando com o Clare, a adolescente, e não com o Clare, minha esposa, e me atijo mentalmente um golpe na cabeça.

-Que lhe aplaudissem o traseiro? -pergunta Clare me olhando e sorrindo, com as sobrancelhas tão arqueadas que quase lhe alcançam o nascimento do cabelo.

-Não importa. Quer dizer, que foste ver um filme, e logo... o que aconteceu?

-OH, bom... Logo quis ir ao Traver.

-O que é Traver?

-É uma granja que está para o norte. -Ao Clare se o quebra a voz, e apenas a ouço-. É onde a gente vai A... a pegar o lote. -Permaneço em silêncio-. Lhe disse que estava cansada e que queria retornar a casa, mas ele ficou como louco. -Clare se cala; durante uns segundos ficamos sentados, escutando os pássaros, os aviões, o vento. De repente, Clare diz-: Se comportava como um louco de atar.

-O que aconteceu?

-Não queria me levar a casa. Eu não estava segura de onde nos encontrávamos; em algum lugar ao que se chega pela estrada doze; ele seguia conduzindo por diversos caminhos da zona, eu o que sei... Logo agarrou uma estrada asquerosa, e chegamos a uma cabana. Havia um lago perto, podia ouvir o som da água; e ele tinha a chave da casita.

Estou-me pondo nervoso. Clare jamais me contou esta história, solo me disse que em uma ocasião passou uma velada terrorífica com alguém chamado Jason, que era jogador de futebol. Clare volta a guardar silêncio.

-Clare, me diga se te violou.

-Não. Disse que não era o bastante boa... Disse-me que... Não, não me violou. Solo me feriu. Fez-me...

Clare não pode falar. Espero. desabotoa-se o casaco e o tira. Logo lhe segue a blusa, e vejo que tem as costas coberta de morados. Uns moretones escuros e púrpura que contrastam com sua branca pele. Clare se volta e lhe vejo uma queimadura de cigarro no peito direito, infectada e que tem um aspecto atroz. Em uma ocasião lhe perguntei como se feito essa cicatriz, mas ela não me quis dizer isso vou matar a esse tio. vou desmembrar o. Clare está sentada frente a mim, aguardando com os ombros cansados e a carne de galinha. O passado a camisa e a põe.

-De acordo -lhe digo em um tom tranqüilo-. Onde posso encontrar a esse tipojo?

-Levarei-te de carro.

Clare me recolhe com o Fiat ao final do caminito de entrada, fora já do campo visual da casa. Leva óculos de sol, apesar de que a luz da tarde é tênue, pintalábios e o cabelo recolhido na nuca. Parece muito maior dos dezesseis anos que tem. É como se acabasse de sair da janela indiscreta, apesar de que o parecido seria mais perfeito se fosse loira. Corremos velozes entre as árvores outonais, embora não acredito que nenhum dos dois aprecie a variedade de tonalidades. A parte da cinta que registra o que aconteceu ao Clare nessa cabana não deixa de soar incessantemente em minha cabeça.

-É muito alto?

Clare reflete uns segundos.

-Uns cinco centímetros mais que você, e pesa mais. Pode que uns vinte e três quilogramas mais.

-Jesus.

-trouxe isto. -Clare rebusca na bolsa e saca uma pistola.

-Clare!

-É a de meu pai.

Intento pensar depressa.

-Clare, não é uma boa idéia. Quero dizer que estou o bastante louco para utilizá-la de verdade, e isso seria uma estupidez. Ah, espera... -Agarro-lhe a arma, abro o tambor, saco as balas e as meto em sua bolsa-. Vale. Assim está melhor. É uma idéia brilhante, Clare.

Me olhe com ar interrogativo. Embuto a pistola no bolso do casaco.

-Quer que o faça de um modo anônimo ou prefere que saiba que vou de sua parte?

-Quero estar presente.

-Ah...

introduz-se por um caminho particular e detém o automóvel.

-me quero levar isso a algum lugar e que você lhe faça muitíssimo danifico enquanto eu Miro. Quero que se cague de medo.

Suspiro.

-Clare, não estou acostumado a fazer esta classe de coisas. Pelo general, brigo em defesa própria.

-Por favor -profere Clare com um hilillo de voz.

-claro que sim.

Enfiamos o caminho e nos detemos frente a uma enorme casa de falso estilo colonial. Não há carros à vista. Vão Puxem se filtra de uma janela do segundo piso.

Dirigimo-nos à porta principal e eu ponho a um lado enquanto Clare chama o timbre. Ao cabo de um momento, a música se para em seco e se ouvem fortes pisadas que procedem do piso de acima. abre-se a porta e, depois de uma pausa, ouço uma voz que diz:

-Vá! Volta porque não tiveste suficiente?

Não preciso ouvir nada mais. Saco a arma e me situo ao lado do Clare. Aponto a arma ao peito do menino.

-Olá, Jason -diz Clare-. pensei que possivelmente você gostaria de vir conosco.

Jason atua igual ao teria feito eu em seu lugar, deixa-se cair e roda fora de nosso alcance, mas não o bastante depressa. Como estou situado na porta, aterrisso

de um salto sobre seu peito e o golpeio até deixá-lo sem respiração. Levanto-me, ponho minha bota sobre seu peito e lhe aponto à cabeça com a pistola. C'est magnifique mais c n'est ps a guerre. É um estilo Tom Cruise, muito bonito, muito americano.

-Em que posição joga? -pergunto ao Clare.

-Meio campo.

-Já. Nunca o haveria dito. te levante, com as mãos acima, onde possa as ver -lhe digo em tom jovial.

O tipo obedece e lhe faço sair pela porta. Os três ficamos no caminito de entrada, e então me ocorre uma idéia. Digo ao Clare que vá à casa e traga uma corda, e ela sai ao cabo de uns minutos com umas tesouras e um cilindro de cinta isolante.

-Onde quer fazê-lo?

-No bosque.

Jason ofega enquanto se vê obrigado a caminhar ao passo para o bosque. Andamos durante uns cinco minutos, e então vejo um pequeno claro com um olmo jovem e muito prático que se ergue nos limites.

-O que te parece aqui, Clare?

-Sim, muito bem.

A Miro. mostra-se absolutamente impassível, fria como uma assassina do Raymond Chandler.

-Você dirá, Clare.

-Ata-o à árvore.

Entrego-lhe a arma, tiro das mãos do Jason para as pôr em posição ao redor do tronco e se as um com cinta isolante. Há quase um cilindro inteiro, e pretendo usá-lo tudo. Jason respira com grande esforço, e fôlega. Dou uns passos a seu redor e Miro ao Clare. Ela contempla ao Jason como se o tipo fora uma má peça de arte conceptual.

-É asmático?

Jason assente. As pupilas lhe contraíram em diminutos pontos negros.

-irei procurar seu inalador -se oferece Clare.

Devolve-me a arma e atravessa o bosque para retroceder o mesmo atalho que tomamos. Jason procura respirar devagar e com cuidado. Tenta falar.

-Quem... é você? -pergunta com voz rouca.

-Sou o noivo do Clare. vim a te ensinar maneiras, posto que já demonstraste que não sabe o que é isso.

Abandono o tom zombador e me aproximo dele para lhe dizer em voz baixa:

-Como pudeste lhe fazer isso? É muito jovem. Não sabe nada, e você vieste a joderlo todo...

-É... alguém esquentá... braguilhas.

-Ela não tem nem a mais remota idéia. É como torturar a um gatinho porque te mordeu.

Jason não responde. Sua respiração se converteu em um fôlego prolongado e tremente. Quando já começo a me preocupar, chega Clare com o inalador na mão e me olhe.

-Carinho, sabe como se utiliza esta coisa?

-Acredito que tem que agitá-la, ficar a logo na boca e pressionar de acima.

Clare segue minhas instruções e lhe pergunta se quiser mais. Jason assente. Depois de quatro inalações, ficamos observando até perceber que, lentamente, o menino vai recuperando a respiração normal.

-Lista? -pergunto ao Clare.

Ela levanta as tesouras e faz uns cortes ao ar. Jason se sobressalta. Clare se aproxima dele, ajoelha-se, e começa a lhe cortar a roupa.

-Né! -grita Jason.

-Faz o favor de lhe calar -lhe digo-. Ninguém te tem feito mal, ao menos de momento.

Clare termina de lhe cortar os texanos e começa com a camiseta. me toca até-lo com a cinta isolante à árvore. Começo pelos tornozelos, e vou dando voltas à cinta com grande esmero, subindo por suas pantorrilhas e suas coxas.

-Detenha aí -me pede Clare, que me indica um ponto justo debaixo da entrepierna do Jason. Corta-lhe a roupa interior, e eu começo a até-lo pela cintura.

Jason tem a pele pegajosa e está muito bronzeado por todo o corpo, salvo por debaixo do tenro perfil de um traje de banho. Sua a mares. Ato-o com a cinta isolante até os ombros e me detenho, não quero impedir que respire. Clare e eu nos retiramos uns passos e contemplamos nossa obra. Jason se converteu em uma múmia de cinta isolante com uma larga ereção. Clare começa a rir, e sua risada soa fantasmagórica, ao propagar-se seu eco pelo bosque. A Miro com dureza. Há algo sabedor e cruel na risada do Clare, e a meu entender este momento marca um limite, uma espécie de terra de ninguém entre a infância do Clare e sua vida de adulta.

-E agora, o que? -pergunto-lhe. Uma parte de mim deseja converter ao Jason em picadinho, mas a outra não quer moer a pauladas a alguém pacote a uma árvore com cinta adesiva.

Jason está vermelho como um tomate, e o tom de sua tez contrasta vivamente com a cinta adesiva de cor cinza.

-Ah, bom... Acredito que já é suficiente -diz Clare.

Sinto um profundo alívio, e por isso digo:

-Está segura? Quero dizer que poderia fazer muitíssimas coisas. Lhe romper os tímpanos, o nariz... Ah, não. Isso não. Já a tem quebrado; mas poderíamos lhe cortar os tendões do Aquiles. Nunca mais poderia jogar a futebol.

-Não! -exclama Jason, retorcendo-se sob a cinta.

-Então, lhe desculpe -lhe peço.

Jason titubeia.

-Sinto muito.

-Tudo isto resulta patético.

-Já sei -diz Clare.

Rebusca na bolsa e encontra um rotulador fluorescente. aproxima-se do Jason como se este fora um animal perigoso encerrado em um zoológico e começa a escrever na cinta que lhe cobre o peito. Quando termina, torna-se atrás e tampa o rotulador. O que tem escrito é um resumo da entrevista de ambos. mete-se o rotulador na bolsa e diz:

-Partamos.

-Mulher, não podemos deixá-lo aqui. Pode ter outro ataque de asma.

-Mmmm. Vale, sim, entendo-o. Farei umas quantas chamadas.

-Espera um momento -diz Jason.

-O que?

-A quem vais chamar? Chama o Rob.

-Vá, vá... -diz Clare rendo-. Não, bonito. vou chamar a todas as garotas que conheço.

Aproximo-me do Jason e lhe coloco a boca da pistola sob o queixo.

-Se mencionar minha existência, embora seja a uma só pessoa, e o descubro, voltarei e te destroçarei. Não poderá caminhar, nem pensar, nem comer, nem sequer follar, quando tiver acabado contigo. Quanto ao Clare, quão único sabe dela é que se trata de uma garota encantadora que, por alguma inexplicável razão, não sai com ninguém. De acordo?

-De acordo -replica Jason me olhando com ódio.

-fomos muito benévolos contigo nesta ocasião. Agora bem, se voltar a submeter ao Clare a algum tipo de perseguição, lamentará-o.

-Bem.

-Perfeito -digo, me colocando a pistola no bolso-. foi divertido.

-Escuta, caraculo...

Que diabos! Agarro impulso para trás e lhe dou uma patada no flanco, justo nos rins. Jason grita. Volto-me e Miro ao Clare, que está lívida sob a maquiagem.

Ao Jason lhe saltam as lágrimas. Pergunto-me se se deprimirá.

-vamos -digo ao Clare, e ela assente.

Dirigimo-nos ao carro, cabisbaixos. Ouço o Jason nos gritando. Subimos ao automóvel, Clare acende o contato, dá a volta e sai disparada pelo caminito até enlaçar com a rua.

Observo-a enquanto conduz. Está começando a chover. Um sorriso de satisfação aparece pelas comissuras dos lábios.

-É isso o que queria? -pergunto-lhe.

-Sim. foi perfeito. Obrigado.

-foi um prazer. -Estou-me enjoando-. Acredito que vou.

Clare se mete em uma ruela lateral. A chuva tamborila sobre o carro. É como circular por um túnel de lavagem.

-me beije -me exige.

A beijo, e logo desapareço.

Segunda-feira 28 de setembro de 1987

Clare tem 16 anos

Clare: na segunda-feira na escola todos me olham, mas ninguém me dirige a palavra. Sinto-me como Harriet, a Espiã, depois de que suas companheiras de classe descobrissem sua caderneta de notas secretas. Caminhar pelo vestíbulo é como se se apartassem as águas do mar Vermelho. Quando entro na classe de língua a primeira hora, todos se calam. Sinto-me junto à Ruth, a qual sorri com expressão preocupada. Eu tampouco falo, mas sob a mesa noto sua mão sobre a minha, quente e miúda.

Ruth sustenta minha mão durante uns instantes e logo, quando o senhor Partaki entra, me a solta. O senhor Partaki se dá conta de que todos estamos inusualmente calados.

-passastes um bom fim de semana? -pergunta gentilmente.

-Sim, é claro que sim! -responde Sue Wong, e se ouça um estertor de risadas nervosas pelo sala-de-aula.

Partaki está desconcertado, e se produz uma pausa incomodíssima.

-Bem, fantástico -diz finalmente-. vamos embarcar nos no Billy Budd. Em 1851 Hermán Melville publicou Moby Dick ou a baleia branca, que foi acolhida com manifesta indiferença pelo público dos Estados Unidos...

Evado-me sem esforço. Apesar da camiseta de algodão que levo debaixo, o pulôver me provoca uma queimação, e me doem as costelas. Meus companheiros de classe

as arrumam como podem, não sem grandes esforços, para debater o tema do Billy Budd. Ao final, o timbre soa, e todos fogem. Eu também os sigo, devagar, e Ruth caminha junto a mim.

-Está bem? -pergunta-me.

-Mais ou menos.

-Fiz o que me disse.

-A que hora?

-Por volta das seis. Temia que seus pais retornassem a casa e o descobrissem. Custou muito liberá-lo. A cinta lhe arrancou todo o pêlo do peito.

-Perfeito. Viu-o muita gente?

-Sim, todo mundo. Bom, todas as garotas. Os meninos não, por isso me hão dito.

Os corredores estão virtualmente vazios. Encontro-me diante do sala-de-aula de francês.

-Clare, compreendo por que o fez, mas o que não entendo é como o fez.

-Ajudaram-me.

O sino soa e Ruth dá um salto.

-Mierda! É a quinta vez consecutiva que chego tarde ao ginásio! -afasta-se como repelida por um enorme campo magnético-. Conta-me o à hora do almoço -grita quando já me volto para entrar na classe de madame Simone.

-Ah, Mademoiselle Abshire, asseyez-vous, s'IL vous plait.

Sinto-me entre a Laura e Helen. Esta me escreve uma nota: "Felicitó-te". A classe está traduzindo ao Montaigne. Trabalhamos em silêncio, e madame Simone caminha pelo sala-de-aula, corrigindo. Custa-me muito me concentrar. O olhar do Henry depois de dar uma patada ao Jason era de absoluta indiferença, como se acabasse de estreitar uma mão, como se nenhum pensamento ocupasse sua mente, e logo lhe via preocupado porque não sabia como reagiria eu; e me dou conta de que Henry desfrutou golpeando ao Jason. Acaso não é quão mesmo sentiu este enquanto se divertia hiriéndome a mim? Não, não, porque Henry é bom. É isso o que faz aceitável sua atitude? Fiz o correto quando lhe pedi que me ajudasse?

-Clare, attendez -diz madame Simone me agarrando pelo cotovelo.

depois de soar o sino de novo todos saem correndo. Caminho junto à Helen. Laura abraça a modo de desculpa e se apressa para a classe de música, que se reparte no outro extremo do edifício. Helen e eu coincidimos em ginástica durante a terceira classe.

-Vá follón, reina. Não me podia acreditar isso Como conseguiu até-lo a essa árvore?

Ao final acabarei me cansando de ouvir essa pergunta.

-Tenho um amigo que faz este tipo de coisas. Foi ele quem me ajudou.

-Quem é?

-Um cliente de meu pai -minto.

-Memore fatal -me responde Helen, negando com a cabeça.

Eu sorrio, e não digo nada.

-trata-se do Henry, verdade?

Nego em silêncio e me levo um dedo aos lábios. chegamos ao ginásio de garotas. Entramos no vestuário Y... abracadabra! Todas as garotas deixam de falar. Logo se ouça um suave murmúrio de bate-papos que vence ao silêncio. Helen e eu temos as bilheterias na mesma zona. Abro a meu e saco a equipe de ginástica e as sapatilhas de esporte. Já pensei no que vou fazer. Me Quito os sapatos e as médias, e me nu até ficar em camiseta e braguitas. Não levo prendedor porque me dói muito.

-Olhe, Helen -digo. Me Quito a camiseta e Helen se dá a volta.

-Pelo amor de Deus, Clare!

Morado-los têm pior aspecto que ontem. Alguns se estão pondo verduscos. Tenho vergões nas coxas por culpa do cinturão do Jason.

-OH, Clare! -Helen se aproxima de mim e me abraça com cuidado.

Os vestuários se ficaram em silêncio. Miro por cima do ombro da Helen e vejo que todas as garotas se congregaram a nosso redor, e que todas nos olham. Helen se endireita, volta-se para elas e lhes diz:

-O que lhes parece?

Alguém do fundo começa a aplaudir, e logo todas aplaudem, e riem, conversam e brincam. Sinto-me ligeira, ligeira como uma pluma.

Quarta-feira 12 de julho de 1995

Clare tem 24 anos, e Henry 32

Clare: Estou arremesso na cama, quase dormida, quando noto a mão do Henry me roçando o estômago e me dou conta de que já retornou. Abro os olhos, ele se inclina para mim e me beija a pequena cicatriz da queimadura de cigarro. Sob a penumbrosa luz da noite lhe toco o rosto.

-Obrigado -lhe digo.

-Foi todo um prazer -me responde ele, e essas são todas as palavras que chegamos a cruzar sobre o tema.

Domingo 11 de setembro de 1988

Henry tem 36 anos, e Clare 17

Henry: Clare e eu estamos no horta uma cálida tarde de setembro. Os insetos zumbem no prado sob um sol dourado. Tudo está em calma. Sotaque vagar o olhar entre a erva seca, e noto o ar, vibrante pelo calor. Cobrimo-nos sob uma macieira. Clare se apóia no tronco, com uma almofada debaixo para suavizar a pressão das raízes da árvore. Eu estou jogado, com a cabeça sobre seu regaço. comemos, e os restos do almoço estão dispersados a nosso redor, intercalados entre as maçãs quedas. Sinto-me sonolento e satisfeito. É janeiro em minha presente, e Clare e eu estamos brigados. Este interlúdio veraniego é idílio.

-Eu gostaria de te desenhar tal como está agora -me diz Clare.

-Cabeça abaixo e dormido?

-Depravado. Te vê tão tranquilo...

por que não?

-Adiante.

Achamo-nos aqui fora porque Clare tinha que desenhar árvores para a classe de arte. Agarra seu caderno de desenho, que mantém em equilíbrio sobre um joelho, e escolhe um lápis-carvão.

-Quer que me mova? -pergunto-lhe.

-Não, trocaria muitíssimo a composição. Tal como estava, por favor.

Recuperação a postura anterior e Miro ocioso os desenhos que os ramos riscam contra o céu.

A imobilidade é uma disciplina. Posso estar muito quieto durante compridos períodos de tempo quando leio, mas posar para o Clare sempre é surpreendentemente difícil. Inclusive uma postura que em um princípio resulta do mais cômoda acaba convertendo-se em uma tortura ao cabo de uns quinze minutos. Sem mover nada, salvo os olhos, Miro ao Clare. Está absorta em seu desenho. Quando Clare desenha, olhe como se o mundo tivesse desaparecido, e os únicos vestígios de civilização fossem

ela e o objeto de seu estudo. Por essa razão eu adoro que Clare me desenhe: quando me olhe com essa atenção, sinto que o sou tudo para ela. É o mesmo olhar que me brinda quando fazemos o amor. Neste momento me olhe aos olhos e sorri.

-esqueci te perguntar de que época vem.

-De janeiro de 2000.

-De verdade? -exclama com expressão sombria-. Pensava que era mais adiante.

-por que? Tão major te pareço?

Clare me acaricia o nariz. Seus dedos percorrem minha ponte até chegar às sobrancelhas.

-Não, claro que não; mas te vê feliz e tranquilo. Pelo general, quando vem de 1998, 1999 ou de 2000, está triste, ou assustado, e não quer me dizer por que.

Logo, em 2001, volta a estar bem.

-Parece uma lançadora de cartas -te digo rendo-. Nunca fui consciente de que captasse minhas mudanças de humor com tanta precisão.

-Acaso tenho mais dados nos que me apoiar?

-Recorda que é o esgotamento o que está acostumado a me enviar para ti. Quer dizer, que não deveria interpretar que todos esses anos são horríveis e que sou infeliz. Nessa época também há muitíssimas coisas agradáveis.

Clare volta para seu desenho. deixou que me fazer perguntas sobre nosso futuro.

-Henry, do que tem medo? -pergunta-me, em troca.

Surpreende-me a pergunta, e tenho que pensá-la.

-Do frio. Tenho medo do frio. Tenho medo da polícia. Tenho medo de viajar a um lugar e a um tempo equivocados, e que me atropelem ou me dêem uma surra. Ou de ficar apanhado no tempo e não ser capaz de retornar. Tenho medo de te perder.

Clare sorri.

-Como poderia me perder? Eu não irei a nenhuma parte.

-Preocupa-me que não suporte o fato de que eu não seja digno de confiança e me abandone.

Clare deixa a um lado seu caderno de desenho, e eu me levanto.

-Não te abandonarei jamais -me diz-. Embora você sempre esteja me abandonando.

-Esquece que eu nunca quero partir.

Clare me mostra seu desenho. Já o vi antes; está pendurado junto à mesa de desenho do Clare no estudo que tem em casa. É certo que tenho um aspecto tranquilo na composição. Clare a assina e começa a escrever a data.

-Não. Não está datado.

-Ah, não?

-Já o vi antes, e não leva nenhuma data.

-De acordo -diz Clare enquanto apaga a data e escreve "Casa Cotovia do Prado" em seu lugar-. Já está. -Me olhe surpreendida-. Te aconteceu alguma vez retornar à presente e encontrar um pouco trocado? Quero dizer, o que ocorreria se escrevesse a data neste desenho agora mesmo? O que aconteceria?

-Não sei. lhe tente digo com curiosidade.

Clare apaga "Casa Cotovia do Prado" e escreve: "11 de setembro de 1988".

-Já está. Já vê que fácil. -Olhamo-nos, desconcertados. Clare ri-. Se tivermos violado o contínuo espaço-temporal, de momento não se nota muito.

-Já te direi se tiver provocado a terceira guerra mundial. -Começo a notar tremores-. Acredito que vou, Clare.

Ela me beija, e desapareço.

Quinta-feira 13 de janeiro de 2000

Henry tem 36 anos, e Clare 28

Henry: depois de jantar sigo pensando no desenho do Clare, assim que vou a seu estudo para lhe jogar uma olhada. Clare está criando uma enorme escultura com diminutas aparas de papel púrpura; parece um cruzamento entre um teleñeco e o ninho de um pássaro. Rodeio a obra de arte com cuidado e me situo frente a sua mesa.

O desenho não está em seu lugar.

Clare entra com uma braçada de fibra de abacá.

-Né! -exclama, lançando a carga ao chão e aproximando-se de mim-. O que acontece?

-Onde foi a parar o desenho que tinha pendurado aqui mesmo? Refiro a aquele que me fez.

-Como? Ah, sim... Não sei. Ao melhor se cansado ao chão. -Clare se mete sob a mesa e diz:-

Não o vejo. Ah, sim. Espera, já o tenho. -Sai de seu esconderijo

agarrando o desenho com dois dedos-. Ecs, está cheio de telarañas.

Passa-lhe um trapo e me entrega isso. Examino-o. Segue sem haver nenhuma data no desenho.

-O que lhe aconteceu à data?

-Que data?

-A que escreveu ao pé, aqui, sob seu nome. Parece como se a tivessem arranhado.

-De acordo -diz Clare rendo-. O confesso. Arranhei-a.

-por que?

-Assustei-me muito com seu comentário sobre a terceira guerra mundial. Comecei a pensar que ao melhor não conheceríamos no futuro por culpa de minha insistência em provar este experimento.

-Me alegro de que o fizesse.

-por que?

-Não sei. É o que sinto.

Olhamo-nos e logo Clare sorri, e eu me encolho de ombros. Aí termina tudo. por que me parece, entretanto, que algo impossível esteve a ponto de acontecer? por que me sinto tão aliviado?

Véspera de natal, um

(sempre me estrelando com o mesmo carro)

Sábado 24 de dezembro de 1988

Henry tem 40 anos, e Clare 11

Henry: É uma escura tarde de inverno. Estou no porão de Casa Cotovia do Prado, na sala de leitura. Clare me deixou comida: rosbife e queijo com pão integral e mostarda, uma maçã, um litro de leite e um tubo inteiro de plástico com bolachas de Natal, uma sobremesa a base de sorvete, pérolas de canela e nozes, e biscoitinhos de amendoim com o Hershey's Kisses incrustados. Levo meus texanos favoritos e uma camiseta dos Sex Pistols. Teria que me sentir como um campista feliz, mas nada mais afastado da realidade. Clare também me deixou o South Haven Daily de hoje; leva data de 24 de dezembro de 1988. Véspera de natal. Esta noite, na sala Colocón, de Chicago, meu eu de vinte e cinco anos beberá até deslizar-se em silêncio do tamborete do bar e cair, para terminar logo com uma lavagem de estômago no hospital da Caridade. É o décimo nono aniversário da morte de minha mãe.

Sinto-me em silêncio e penso nela. É curioso como se deteriora a memória. Se dispusera unicamente de lembranças infantis, o que saberia de minha mãe se reduziria a detalhes vagos e difusos, nos que destacariam alguns momentos lacerantes. Aos cinco anos a ouvi cantar Lula na Ópera Poesia lírica. Recordo a meu pai, sentado

junto a mim, sorrindo a mamãe ao final do primeiro ato com um profundo júbilo. Lembrança deste modo estar sentada junto a ela no Palácio de Concertos, contemplando como meu pai tocava Beethoven sob a direção do Boulez. Lembrança que me permitiram ficar na sala de estar durante uma festa que davam meus pais para recitar "Tigre, tigre que brilhante arde" aos convidados, com uma completa posta em cena a base de grunhidos; tinha quatro anos, e quando terminei, minha mãe me agarrou em volandas e me beijou, e todos aplaudiram. Levava um pintalábios escuro, e eu me empenhei em ir à cama com a marca de seus lábios na bochecha. A lembrança sentada em um banco do parque Warren enquanto meu pai me empurrava no balanço e ela oscilava: aproximava-se e se afastava sem parar.

Uma das coisas mais extraordinárias, embora também mais dolorosas, de viajar através do tempo foi ter a oportunidade de ver minha mãe viva. Inclusive falei com ela alguma vez; intercambiamos algum comentário do tipo "Que tempo mais horrível, verdade?". Cedo-lhe meu assento no metro, sigo-a ao supermercado, observo-a cantar. Perambulo pelas imediações do apartamento no qual ainda vive meu pai, e os contemplo aos dois, às vezes comigo de pequeno, enquanto passeiam, comem em restaurantes ou entram no cinema. Estamos nos sessenta, e ambos formam um casal de músicos elegantes, jovens e brilhantes, com o mundo a seus pés. Lhes vê muito felizes, e despedem essa luz que brindam a sorte e a alegria. Quando nos cruzamos na rua, saúdam-me; acreditam que sou alguém que vive na vizinhança, alguém que dá muitos passeios, que leva o cabelo talhado de um modo estranho e parece oscilar misteriosamente de idade. Em uma ocasião ouvi que meu pai sei perguntava se eu não estaria doente de câncer. Ainda me resulta incrível que meu pai nunca se precaveu de que esse homem que os espreita durante os primeiros anos de seu matrimônio seja seu filho.

Vejo minha mãe junto a mim. Agora está grávida, logo meus pais saem do hospital e me levam a casa; mais tarde ela me tira o parque em meu cochecito e se sinta a memorizar partituras, canta baixinho e faz breves gestos com as mãos, caretas com a cara e me ensina juguetitos. Mais adiante caminhamos da mão e admiramos os esquilos, os carros, as pombas, algo que se mova. Ela leva casacos de pano e mocasines com calças pirata. Tem o cabelo escuro e um rosto teatral, a boca grande, os olhos amendoados, o cabelo curto; parece italiana, mas em realidade é judia. Minha mãe fica pintalábios, perfilador de olhos, máscara para as pestanas, ruge e lápis de sobrancelhas para ir à tinturaria. Meu pai é muito parecido a como é agora: alto, enxuto, austero em sua indumentária e amigo de levar chapéu. A diferença está em seu semblante. Nessa época se sente profundamente satisfeito. Os dois se tocam freqüentemente, dão-se a mão, caminham ao unísono. Na praia os três levamos óculos de sol a jogo, e me puseram um ridículo chapéu azul. Tomamos o sol lubrificados com azeite de bebê. Bebemos rum com a Coca-cola e um ponche havaiano.

A estrela de minha mãe começa a resplandecer. Estuda com o Jehan Meck e com a Mary Delacroix, quem a guia com tino pelos atalhos da fama; canta interpretando uma série de papéis curtos embora de grande preciosismo, e atrai a atenção do Louis Behaire, da Ópera Poesia lírica. aprende-se o papel de suplente da Aida de Delineia Waverleigh; e logo a escolhem para cantar Carmen. Outras companhias se fixam nela, e ao cabo de pouco tempo viajamos por todo mundo. Grava Schubert para a Decca, Verdi e Weill para o EMI, e vamos a Londres, Paris, Berlim e Nova Iorque. Lembrança tão solo uma inacabável série de habitações de hotel e aviões. A representação

que dá no Lincoln Center é retransmitida por televisão; vejo o programa com os abuelitos no Muncie. Tenho seis anos e me custa acreditar que essa mulher em branco e negro que aparece na pequena tela seja minha mãe. Canta Madame Butterfly.

Fazem planos para mudar-se a Viena a finais da temporada 1969-1970 da Ópera Poesia lírica. Meu pai dá audições na Filarmônica. Sempre que sonha o telefone se trata do tio Ish, o representante de minha mãe, ou de alguém pertencente a algum selo discográfico.

Ouçõ abrir-se e fechar-se de repente a porta que há no alto das escadas, e uns passos que descendem devagar. Clare chama quedamente quatro vezes, e Quito a cadeira de respaldo reto de debaixo do pomo. Ainda ficam restos de neve em seu cabelo, e suas bochechas estão avermelhadas. Tem dezessete anos. Clare se lança para mim com os braços abertos e me abraça nervosa.

-Feliz Natal, Henry! eu adoro que tenha vindo!

A beijo na bochecha; sua alegria e o bulício que criou dissipam meus pensamentos, mas a sensação de tristeza e perda perduram. O passado as mãos pelo cabelo e me levo um pequeno punhado de neve que se funde em seguida.

-O que acontece? -Clare se fixa na comida que não provei e em minha expressão lúgubre-. Está deprimido porque não há maionese?

-Não, não. Silêncio. -Sinto-me na velha poltrona rota da loja A-z-boy e Clare se aperta a meu lado. O passado o braço pelos ombros, e ela coloca sua mão na parte interna de minha coxa. A aparto sem soltar-lhe Tem a mão fria-. Te contei alguma vez a história de minha mãe?

-Não.

Clare é toda ouvidos; sempre se mostra ansiosa por apanhar qualquer fragmento de autobiografia que sotaque cair. À medida que as datas do listrado diminuem e que se aproxima o momento em que deixarei de vê-la drante dois larguísimos anos, Clare está secretamente convencida de que pode me encontrar no tempo real se eu lhe proporcionar uns quantos dados. É obvio, não o conseguirá, porque eu não lhe direi nada, e ela não me encontrará.

Comemo-nos uma bolacha.

-Muito bem. Vejamos; havia uma vez uma mãe que tinha um filho, e o filho também tinha um pai. A mãe e o pai estavam enamoradíssimos, e me tiveram . Eramos muito felizes. Meus pais eram incrivelmente bons em seu trabalho, e minha mãe, sobre tudo, era extraordinária em sua profissão. Estávamos acostumados a viajar por toda parte, vivendo em habitações de hotel de todo o mundo. Uma vez, quando quase era Natal...

-De que ano?

-Quando eu tinha seis anos. Era o dia de Véspera de natal pela manhã, e meu pai se encontrava em Viena porque logo íamos mudar nos ali e terei que procurar um piso. Esse dia meu pai chegava em avião e minha mãe e eu íamos buscá-lo em carro para nos dirigir logo a casa da avó, onde passaríamos as férias.

"Nevava, e a manhã era cinza -sigo contando-. As ruas estavam cobertas de placas de gelo, às que ainda não tinham jogado sal. Minha mãe era uma condutora muito nervosa. Odiava as rodovias, odiava ir de carro ao aeroporto, e só acessou a isso por uma questão de sentido comum. Levantamo-nos cedo e ela carregou as malas no

carro. Eu levava um casaco de inverno, um gorro de ponto, umas botas, uns texanos, um pulôver de pescoço de pico, roupa interior, uns meias três-quartos de lã muito apertados e umas luvas. Ela ia vestida tudo de negro, que então era bastante menos habitual que agora.

Clare bebe o leite diretamente da vasilha de cartão. Deixa uma marca de pintalábios cor canela.

-Que marca de carro tinham?

-Era um Ford Fairlane branco, do sessenta e dois.

-Como era?

-Olha-o na revista. Construíram-no como se fora um tanque. Tinha alerones. A meus pais adoravam... Trazia-lhes muitíssimas lembranças.

"Entramos no carro -digo ao Clare, reatando meu relato-. Eu ia sentado no assento do co-piloto, e os dois tínhamos pacote o cinturão. Arrancamos. Fazia um tempo espantoso. A visibilidade era muito má, e o sistema anticogelante desse carro deixava muito que desejar. Atravessamos um montão de ruas de bairros residenciais, e finalmente entramos na rodovia. Já não era hora ponta, mas a circulação era complicadíssima a causa do tempo e as férias. portanto, avançávamos a vinte ou trinta por hora. Minha mãe não se movia do sulco da direita, provavelmente porque não queria trocar sem ter boa visibilidade, e também porque logo deixaríamos a rodovia para tomar a saída do aeroporto.

"Íamos detrás de uma caminhonete, muito atrás, guardando muchíssima distancia -explico ao Clare-. Ao passar por um dos acessos da rodovia um carro pequeno, um Corvette vermelho, nos pegou detrás. O Corvette, conduzido por um dentista que já ia algo ébrio às 10.30 da manhã, avançava a uma velocidade muito rápida e não pôde reduzir a marcha a tempo a causa do gelo da estrada, assim chocou com nosso carro. Em condições atmosféricas normais o Corvette teria ficado destroçado, ao indestrutível Ford Fairlane lhe teria amolgado o pára-lama, e aqui paz e depois glorifica.

"Entretanto, fazia muito mau tempo -o conto-. As estradas estavam escorregadias, e o impacto do Corvette nos propulsou para diante, acelerando nossa marcha em um momento em que o tráfico enlentecia. A caminhonete de diante apenas, movia-se. Minha mãe pisou no freio sem resultado algum.

"Chocamo-nos com a caminhonete virtualmente a câmara lenta ou, ao menos, isso me pareceu -lhe confesso-. Em realidade, íamos a sessenta por hora. A caixa da caminhonete ia carregada de sucata. Com o impacto, uma prancha muito larga de metal voou da parte traseira da caminhonete, atravessou nosso pára-brisa e decapitou a minha mãe.

-Não! -exclama Clare fechando os olhos.

-É certo.

-Mas você estava aí... Foi muito baixinho, claro!

-Não foi por isso, porque o aço se incrustou em meu assento justo onde devia estar minha frente. Tenho uma cicatriz no ponto onde começou a me cortar -digo ao Clare enquanto a ensino-. Tinha posto o gorrito. A polícia não podia explicar-lhe Toda minha roupa estava no carro, sobre o assento e no chão, e me encontraram completamente nu a um lado da estrada.

-Viajou através do tempo.

-Sim. Viajei através do tempo. -Ficamos em silencio durante uns instantes-. Era a segunda vez que me ocorria, assim não tinha nem idéia do que tinha acontecido.

Primeiro vi como nos estrelávamos contra essa caminhonete, e ato seguido me encontrei no hospital. De fato, estava completamente ileso, só comocionado.

-Como... por que crie que aconteceu assim?

-Por ansiedade... Puro medo. Acredito que meu corpo utilizou o único truque que conhecia.

Clare volta seu rosto para mim, triste e excitada.

-Quer dizer que...

-Sim. Quer dizer que minha mãe morreu e eu não. A parte dianteira do Ford se esmagou, o eixo do volante atravessou o peito de minha mãe, a cabeça lhe saiu disparada pelo pára-brisa já inexistente e foi parar depois da caminhonete. Havia uma quantidade de sangue incrível. O tipo do Corvette saiu ileso. O condutor da caminhonete abandonou seu veículo para averiguar o que lhe tinha golpeado, viu minha mãe, deprimiu-se no meio-fio e o atropelo um condutor de um ônibus infantil, que não o viu porque estava assombrado contemplando o acidente. O condutor da caminhonete se fraturou as duas pernas. Enquanto isso eu estive ausente da cena durante dez minutos e quarenta e sete segundos. Não recordo aonde fui; possivelmente aquilo solo representasse um par de segundos para mim. A circulação se deteve. As ambulâncias tentavam chegar desde três direções distintas e não conseguiram aproximar-se até meia hora depois. Os carregadores de maca vieram correndo. Eu apareci na borda. A única pessoa que viu como me materializava foi uma menina pequena, que ia no assento traseiro de uma ranchera Chevrolet de cor verde. ficou com a boca aberta, e não podia apartar seu olhar de mim.

-Mas... Henry, se você foi... Disse que não te lembrava. Como é possível que conheça tantos detalhes? Dez minutos e quarenta e sete segundos! Exatamente?

Permaneço em silêncio durante uns instantes; intento encontrar a explicação idônea.

-Já sabe como funciona a gravidade, não? quanto mais grande é um objeto, mais massa possui e maior força gravitacional exerce. Com essa força atraí as coisas mais pequenas, que entram em sua órbita e não cessam de dar voltas a seu redor.

-Sim...

-A morte de minha mãe... é o eixo... o fato ao redor do qual excursão todo... Sonho com esse momento, e além disso... viajo através do tempo. Vou a essa cena uma e outra vez. Se pudesse estar aí, e fosse capaz de te manter imóvel no ar para presenciar o acidente, e conseguisse apreciar todos e cada um dos detalhes: as pessoas, os carros, as árvores, os ventisqueros..., se no fundo dispusera do tempo suficiente para contemplá-lo tudo de verdade, então me veria. Estou no interior dos automóveis, depois dos arbustos, na ponte, dentro de uma árvore. Vi-o desde todos os ângulos, inclusive intervenho nos momentos posteriores à catástrofe: chamei o aeroporto de um posto de gasolina próximo para que avisassem por megafonia a meu pai e lhe dessem a mensagem de que acudisse imediatamente ao hospital. Estive na sala de espera do hospital e observei a meu pai caminhando pelos corredores até me encontrar. Tinha o rosto cinzento e decomposto. Andei pelo bordo da estrada, esperando que aparecesse meu jovem eu para lhe jogar uma manta sobre seus magros ombros infantis. Olhei meu carita que nada compreendia, e pensei..., pensei...

Estou chorando. Clare me envolve com seus braços e eu choro em silêncio contra seu peito de mãe.

-O que? O que pensou, Henry?

-Pensei: "Eu também tivesse devido morrer".

Abraçamo-nos. Pouco a pouco recupero o controle. deixei o pulôver do Clare feito uma porcaria. Ela parte ao quarto da prancha e retorna com uma das camisetas brancas de poliéster que Alicia leva para tocar música de câmara. Alicia só tem quatorze anos, mas já é mais alta e forte que Clare. Me fico olhando, de pé, ante mim, e lamento me encontrar nesse lugar, lamento lhe danificar os Natais.

-Sinto muito, Clare. Não pretendia falar de um pouco tão triste. É que os Natais me resultam... muito difíceis.

-OH, Henry! Estou tão contente de que tenha vindo... Por outro lado, prefiro saber... Quero dizer que te passa a vida saindo de um nada e desaparecendo, e se souber coisas sobre ti, sobre sua vida, parece-me mais... real. Embora seja terrível o que me explique... Preciso saber tudo o que possa me contar.

Alicia chama o Clare do alto das escadas. chegou o momento de reunir-se com a família para celebrar o Natal. Levanto-me e nos beijamos com prudência; Clare diz:

-Já vou!

Dedica-me um sorriso e logo parte correndo escada acima. Volto a trancar a cadeira contra a porta e me instalo para passar uma larga noite.

Véspera de natal, dois

Sábado 24 de dezembro de 1988

Henry tem 25 anos

Henry: Chamo a meu pai e lhe pergunto se gosta que vá casa para jantar depois do concerto matutino de Natal. Faz um esforço por me convidar mas, para seu alívio, joga-me atrás. O Dia Oficial de Luto dos DeTamble se representará em diversas convocações este ano. A senhora Kim se partiu a Coréia a visitar suas irmãs, e eu lhe reguei as novelo e recolhido o correio. Chamo o Ingrid Carmichel para lhe perguntar se quer sair comigo e me recorda, em um tom áspero, que estamos em Véspera de natal e que há pessoas que têm uma família a quem lhe render homenagem. Repasse a agenda. Todos estão fora da cidade, ou seguem nela mas têm compromissos familiares. Deveria ter ido visitar os avós. Entretanto, lembrança que vivem na Florida. São 14.53 e as lojas já fecham. Compro uma garrafa de schnapps na loja do e a escondo no bolso do casaco. Logo me subo de um salto ao metro na parada do Belmont e me dirijo ao centro. É um dia cinza e gélido. O trem não vai cheio de tudo. A maior parte dos passageiros são adultos que baixam ao centro com os meninos para ver as cristaleiras natalinas do Marshall Field e fazer as últimas compras no Water Tower Agrada. Apeio-me no Randolph e caminho neste direção para o parque Grant. Fico um momento no passo elevado da ferrovia central de Illinois, bebendo, e logo me dirijo à pista de patinação. Há umas quantas casais e alguns crios patinando. Os meninos se perseguem e patinam para trás, fazendo ochos. Alugo um par de patins que mais ou menos são de minha talha, ato-me isso e me dirijo para a pista de gelo. Deslizo-me seguindo o perímetro da pista, com suavidade, sem pensar muito. Repetição, movimento, equilíbrio, ar gelado. É agradável. está-se pondo o sol. Patino durante uma hora aproximadamente, logo devolvo os patins, calço as botas e me parto caminhando.

Dirijo-me para o oeste, pelo Randolph, e logo para o sul, pela avenida Michigan, e passo frente ao Instituto de Arte. engalanaram os leões com grinaldas natalinas. Sigo pelo passeio do Colombo. O parque Grant está vazio, salvo pela presença dos corvos, que se pavoneiam em círculos sobre a neve azul do anoitecer. As luzes tingem

o céu de laranja; um azul intenso e cerúleo preside o lago. Detenho-me na fonte do Buckingham até que o frio se volta insuportável, e contemplo como as gaivotas revoam e se lançam em picado para lutar por uma barra de pão que alguém lhes deixou. Um policial a cavalo dá a volta devagar à fonte e logo segue para o sul com parcimônia.

Sigo andando. Minhas botas não são impermeáveis, e apesar de que levo vários jerséis, meu casaco é muito fino para suportar uma temperatura tão baixa. Não tenho suficiente graxa corporal; de novembro a abril sempre passo frio. Caminho pelo Harrison até chegar à rua do Estado. Passo pela Missão do Jardim Pacífico, onde os sintonizados se reúnem para compartilhar albergue e jantar. Pergunto-me no que consistirá esse jantar; pergunto-me se celebrarão algo nesse albergue. Há uns quantos carros. Não levo relógio, mas imagino que devem ser sete. Ultimamente me dei conta de que minha noção do tempo está distinta; parece transcorrer com mais lentidão para mim. Percebo uma só tarde como se fora um dia inteiro; uma viagem no metro pode supor uma travessia épica. Hoje é interminável. passei quase todo o dia sem pensar em minha mãe, ou ao menos sem pensar muito nela, no acidente e em tudo o que aconteceu..., mas agora, de noite, enquanto passeio, a lembrança é mais forte que eu. Dou-me conta de que tenho fome. Está me passando o efeito do álcool. Quase cheguei ao Adams, repasse mentalmente o dinheiro em efetivo que levo em cima e dito esbanjá-lo em um jantar no Berghoff, um venerável restaurante alemão, famoso por sua cervejaria.

O Berghoff é quente e ruidoso. Há bastante gente; comem, movem-se de um lado a outro. Os legendários garçons do Berghoff vão e vêm afanosamente, dando-se ares de importância da cozinha às mesas. Guardo cauda, enquanto entro em calor em meio das famílias e os casais que conversam. Ao final, conduzem a uma mesa pequenita situada no comilão principal, para o fundo. Peço uma cerveja negra e um prato de wursts de pato com spaetzle. Quando chega a comida, como devagar. Escondo-me todo o pão também, e me dou conta de que não recordo ter comido. Bom sinal. Significa que não sou idiota e me cuido; acordei-me que jantar. Recosto-me na cadeira e examino o comilão. Sob os altos tetos, entre o panelado escuro e os murais de navios, jantam os casais amadurecidos. aconteceram-se a tarde comprando, ou na Sinfônica, e falam animadamente dos presentes que adquiriram, dos netos, dos bilhetes de avião e os horários de chegada, também do Mozart. Sinto a necessidade de ir à Sinfônica, neste momento, mas não há concerto vespertino. Seguro que meu pai já saiu que Palácio de Concertos e se dirige a casa. Agora me sentaria nos degraus mais elevados do camarote mais alto (o melhor lugar onde acomodar-se pela acústica) e escutaria Dá Leia von der Erde, ou Beethoven ou alguma outra peça tão pouco natalina como esta última. Enfim... Possivelmente o ano que vem. Assalta-me uma visão repentina de tudo os Natais de minha vida postas uma ao lado de outra, esperando que as supere, e o desespero me embarga. Não. Desejo por um instante que o tempo me leve longe e não tenha que viver este dia, a não ser outro mais benévolo. Logo, entretanto, sinto-me culpado por querer evitar a tristeza; os mortos nos necessitam para que os recordemos, embora isso nos consuma, embora solo possamos dizer: "Sinto muito", até que a frase perca seu sentido e se desvaneça no ar. Não desejo transpassar a este quente e festivo restaurante o peso de uma dor que terei que rememorar a próxima vez que venha com os avós. Em consequência, pagamento e me parto.

Já na rua fico uns instantes imóvel, calibrando a situação. Não quero ir a casa. Desejo estar rodeado de gente, que me distraiam. De repente recorro a sala Colocón, um lugar onde tudo é possível, o refúgio da extravagância. Dirijo ao Water Tower Agrada e coxo o ônibus número sessenta e seis na avenida de Chicago, apeio-me no Damen e logo coxo outro, o número cinqüenta, para o norte. O veículo cheira a vômitos, e sou o único passageiro. O condutor canta "Noite de paz" com uma suave voz de tenor, desejo-lhe "Feliz Natal" e me desço na Wabansia. Ao passar frente a uma loja de bricolagem, começa a nevar, e capturo os flocos úmidos e enormes com as pontas dos dedos. Ouço a música que se filtra do local. As vias abandonadas do trem fantasma se abatem sobre a rua envoltas em um resplendor de vapor de sódio, e quando abro a porta, alguém começa a tocar a trompetista e o hot jazz me gorjeta um tapa no peito. Penetro no local como um homem que se afoga, porque é a isso ao que vim.

Há umas dez pessoas, contando a Minha, encarregada-a da barra. Três músicos (um trompetista, um baixista de pé e um clarinete) ocupam o diminuto cenário, e os clientes estão sentados à barra. Os músicos tocam com fúria, balançam-se a todo volume como uns dervixes sônicos. Sinto-me e escuto, e reconheço o estribilho da melodia Natais brancos. Minha se aproxima, me olhe fixamente e eu grito a pleno pulmão:

-Um uísque com água!

-Da casa? -vocifera ela.

-Perfeito! -respondo eu chiando.

Minha se volta para mesclar a bebida. Então a música se detém bruscamente. Sonha o telefone, Minha o desprende lhe dando um puxão e responde:

-Colocoooón?

Põe ante mim a bebida e sotaque um bilhete de vinte sobre o mostrador.

-Não -diz ela ao telefone-. Fantástico, pois vete ao carajo. Vale, jódete você também.

Pendura o auricular com um estalo, como se estivesse encestando no aro uma bola de basquete. O encho o saco lhe dura uns segundos, logo acende um Pall Mall e exala uma enorme baforada de fumaça frente a mim.

-Ai, sinto muito.

Os músicos vão em turba à barra e ela lhes serve umas cervejas. A porta do serviço está no cenário, e aproveito o descanso dos músicos para ir mijar. Quando retorno à barra, Minha pôs outro copo diante de meu tamborete.

-É vidente -lhe digo.

-Você é predecible. -Vazia com um golpe seco o cinzeiro e se apóia contra a superfície interior da barra, me estudando-. O que faz tão tarde pela rua?

Considero as distintas alternativas. Sei que fui a casa com Minha um par de vezes, e que ela resulta ser muito divertida, mas a verdade é que não estou de humor para frivolidades espontâneas neste momento. Por outro lado, a calidez de um corpo não é precisamente desagradável quando se sente deprimido.

-Penso me embebedar até perder o sentido. Tem alguma idéia melhor?

-Bom... Se não acabar muito bêbado, poderia vir a minha casa, e se não estar morto ao despertar, poderia me fazer um enorme favor e vir ao jantar de Natal que celebramos em casa de meus pais, no Glencoe, e te fazer passar por um tal Rafe.

-Por favor, Minha! Entram-me vontades de suicidarme só de pensá-lo. Sinto muito, mas não.

-Venha, Henry -me diz em um tom veemente, apoiando-se na barra-. me Ajude por esta vez. Você é uma pessoa do sexo masculino muito apresentável. Se for bibliotecário,

caray! Além disso, não ficará aterrorizado quando meus pais perguntem a que se dedicam os tua e em que faculdade estudou.

-Pois em realidade te equivoca. Fugirei para o penteadeira e me racharei a garganta. Por outro lado, não tem nenhum sentido. No caso de que lhes caia fenomenal, torturarão-lhe durante anos te dizendo: "O que aconteceu a aquele bibliotecário tão jovem e agradável com quem saía?", por não mencionar o que ocorrerá quando conhecerem ao Rafe real.

-Esse é um tema que não me preocupa. Venha, homem. Farei-te uns numeritos sexuais classificados X dos que jamais ouviste falar.

Levo meses me negando a conhecer os pais do Ingrid; tampouco aceitei ir ao jantar de Natal que celebram amanhã em sua casa. Não vou trocar minhas colocações por Minha, a quem logo que conheço.

-Minha... Qualquer outra noite do ano... Olhe, meu objetivo esta noite é alcançar um grau de embriaguez que não me permita me ter em pé, e ainda menos me levantar. Chama a seus pais e lhes diga que estão operando o Rafe das amídalas ou um pouco parecido.

Minha parte ao outro extremo da barra para ocupar-se de três indivíduos que quadram sospeçosamente com a imagem de jovens estudantes. Logo se correia a escolher garrafas durante um momento para preparar um pouco sofisticado. Finalmente situa um copo comprido frente a mim.

-Toma, obséquio da casa.

A bebida tem a cor do Kool-Aid de morango.

-O que é? -pergunto, e dou um sorvo. Tem sabor do Seven-Up.

Minha me dedica uma sorrisita ladina.

-É algo que inventei. Se quer acabar nocauteado, este é o expresso que tem que tomar.

-Vá! Obrigado -lhe digo, brindo por ela e dou um sorvo à mescla. Embarga-me uma sensação de calor e completo bem-estar-. Céus! Minha, teria que patentear isto. Poderia pôr bancas de limonada por todo Chicago e vendê-lo em tacitas com o emblema do sul. Faria-te milionária.

-Outro?

-Claro.

Como jovem promessa associada ao DeTamble & DeTamble, Alcoólicos em grandes quantidades, ainda não tenho descoberto em que momento me extralimito consumindo licores. Umas taças depois, Minha me observa do outro lado da barra com a preocupação desenhada no rosto.

-Henry?

-me diga.

-Já não vou servir te mais.

Provavelmente é uma boa idéia. Intento assentir para mostrar que estou de acordo com ela, mas o gesto representa muito esforço para mim, e em troca me deslizo devagar, quase com graça, até o chão.

Muito depois me acordado no Hospital da Caridade. Minha está sentada junto a minha cama. Lhe correu o rímel e tem toda a cara melada. Levo um gota a gota intravenoso e me encontro mau. Muito mal. De fato, não poderia me encontrar pior. Volto a cabeça e vomito em uma bacia. Minha se aproxima de mim e me limpa a boca.

-Henry... -sussurra Minha.

-Ouça, deixa-o. Que mais dá!

-Henry, sinto-o muitíssimo...

-Não foi por sua culpa. O que passou?

-Perdeu o conhecimento e joguei o cálculo... Quanto pesos?

-Setenta e nove quilogramas.

-Jesus! jantaste?

Intento recordar durante uns segundos.

-Sim.

-Já, bom, de todos os modos o que estava bebendo tinha mais de quarenta graus; e além te tinha tomado já dois whis-kies... É curioso porque te via muito bem e, de repente, seu aspecto trocou e dava medo. Quando te desvaneceu, fiz memória e me dava conta de que levava já muitíssimas taças. portanto, chamei o 061, e aqui está.

-Obrigado, acredito.

-Henry, quer pedir um desejo antes de morrer?

Considero sua proposta.

-Sim -lhe respondo, volto-me para a parede e finjo dormir.

Sábado 8 de abril de 1989

Clare tem 17 anos, e Henry 40

Clare: Estou sentada no dormitório da avó Meagram, fazendo o palavra cruzada do New York Teme com ela. É uma manhã limpa e fria de abril, e vejo os tulipas vermelhos do jardim fustigados pelo vento. Minha mãe baixou a plantar algo pequeno e branco perto das forsythias. O vento lhe leva o chapéu da cabeça, e ela o apanha uma e outra vez com a mão até que ao final o tira e o coloca sob o cesto de tarefa.

Faz quase dois meses que não vejo o Henry; a próxima data da lista é dentro de três semanas. Aproximamo-nos do período em que não o verei durante mais de dois anos. De pequena estava acostumada me mostrar muito natural em todo o relacionado com o Henry; para mim vê-lo não implicava nada extraordinário. Entretanto, na atualidade cada vez que vem significa que ficam menos entrevistas. As coisas, por outro lado, trocaram entre nós. Eu desejo algo mais... Quero que Henry diga algo, faça algo que demonstre que tudo isto não foi uma espécie de brincadeira muito bem pensada. Desejo-o. Isso é tudo. Desejo-o já.

A avó Meagram está sentada no brinca-lhão azul que há perto da janela. Eu também estou sentada no assento que há debaixo, com o periódico sobre o regaço. Já temos feito meio palavra cruzada, e estou perdendo a concentração.

-Volta a ler esse, menina -diz a avó.

-Vinte e dois. "Bonito monge." Nove letras, a segunda letra é a, a última, o n.

-Capuchino -apostila a avó sorrindo, e seus olhos invidentes se voltam para mim. Para a avó sou uma escura sombra recortada contra um fundo ligeiramente mais claro-. Não está nada mal, né?

-Certamente que não. É fantástico. Caray, a ver o que acontece este: dezenove horizontal. "Não tire tanto o cotovelo." Treze letras, a segunda, o f.

-Barbeado Burma. É de antes de que você nascesse.

-Arrgh... Jamais a teria adivinhado. -Levanto-me e me estiro. Necesito desesperadamente sair a dar um passeio. O dormitório de minha avó é cômodo, mas claustrofóbico.

O teto é baixo, o papel pintado representa umas delicadas flores azuis, a colcha é de chintz azul, o carpete é branco e cheira a pós; dentadura postiça e pele murcha.

A avó Meagram se sinte reta, em uma elegante postura. Tem um cabelo precioso, branco, embora ainda conserva algum reflexo avermelhado, cor que herdei que ela, e

o luz muito bem enrolado em um coque. Os olhos da avó são como nuvens azuis. É cega há nove anos, e se adaptou bem; na casa não tem problemas para deslocar-se. tentou me ensinar a arte de resolver palavras cruzadas, mas me custa muito tomar os o bastante a sério para terminar algum. A avó estava acostumada fazê-los diretamente com tinta. Ao Henry adora os palavras cruzadas.

-Que dia mais bonito! -exclama a avó, se recostando na cadeira e esfregando-os nódulos.

Assento, e logo digo:

-Sim, mas faz um pouco de vento. Mamãe está trabalhando no jardim, e tudo o que faça o leva o ar.

-É típico do Lucille. Sabe, menina? Eu gostaria de ir dar um passeio.

-Estava pensando o mesmo.

A avó sorri, tende-me as mãos e a ajudo a levantar-se da poltrona, atirando dela com suavidade. vou recolher nossos casacos, e lhe ato um lenço à cabeça para que o vento não lhe enrede o cabelo. Logo baixamos as escadas devagar e saímos pela porta principal. Ficamos de pé no caminito de entrada, volto-me para a avó e lhe proponho:

-Onde gosta de ir?

-Vamos à horta.

-Isso está muito longe. Olhe, mamãe nos saúda; lhe diga adeus com a mão.

Saudamos minha mãe, que se encontra mais abaixo da fonte. Peter, nosso jardineiro, está com ela. deixou que falar e nos olhe, esperando que sigamos caminhando para que ele e minha mãe possam terminar a discussão que mantêm, certamente sobre narcisistas, ou peonias. Ao Peter adora discutir com mamãe, mas ao final ela sempre se sai com a sua.

-Há um quilômetro até o horta, avó.

-Parece-me bem, Clare. A minhas pernas não passa nada mau.

-De acordo, vamos à horta então. -A coxo do braço e começamos a caminhar. Quando chegamos ao limite do prado, pergunto-lhe-: Pela sombra ou pelo sol?

-Pelo sol, certamente. -E nos dirigimos ao atalho que curta por meio do prado e conduz à clareira.

Enquanto avançamos lhe descrevo a paisagem.

-Agora passamos junto aos faz de lenha para a fogueira. Há uma multidão de pássaros posados aí... OH, vá! Já se vão.

-Corvos, estorninos e também pombas.

-Sim... Já chegamos à grade. Vigia, o caminito está um pouco enlameado. Vejo rastros de cão, um cão bastante grande, possivelmente se trate do Joey, o dos Allingham.

Tudo floresce a bom ritmo. Aqui temos essa roseira silvestre.

-Está muito alta a erva do prado?

-Só uns trinta centímetros. Está muito verde, de um verde realmente tenro. Mais à frente vejo os pequenos carvalhos.

A avó se volta para mim, sorrindo.

-vamos saudar os.

Guio-a para os carvalhos que crescem a um metro escasso do atalho. Meu avô plantou esses carvalhos nos anos quarenta como comemoração a meu tio avô Teddy, o irmão da avó que morreu na Segunda guerra mundial. Os carvalhos não cresceram muito, tão solo uns cinco metros mais ou menos. A avó repousa a mão sobre o tronco da árvore central e diz:

-Olá.

Não sei se se dirige à árvore ou a seu irmão.

Seguimos caminhando. Ao subir pela costa, vejo o prado, que se estende ante nós, e ao Henry, que espera na clareira. Detenho-me.

-O que acontece? -pergunta a avó.

-Nada -lhe respondo, e a levou pelo atalho.

-O que viu?

-Há um falcão voando em círculos sobre o bosque.

-Que horas são?

-Quase é meio-dia.

Penetramos no claro. Henry está de pé, muito quieto. Sorri-me. Parece cansado. Tem o cabelo grisalho. Leva um casaco negro que contrasta com a cor clara do prado.

-Onde está a rocha? -pergunta a avó-. Quero me sentar.

Guio-a para a rocha e a ajudo a tomar assento. Então volta a cabeça em direção ao Henry e fica rígida.

-Quem anda aí? -pergunta-me em tom de alarme.

-Ninguém -minto eu.

-Aí há um homem -diz ela, assinalando ao Henry com um gesto da cabeça.

Henry me olhe com uma expressão que parece dizer: "Adiante. Diga-lhe Um cão ladra no bosque. Hesitação.

-Clare -diz minha avó com medo na voz.

-nos apresente -intervém Henry em um sussurro.

A avó está tensa, esperando. O passado um braço pelos ombros.

-Não passa nada, avó. É meu amigo Henry. É a pessoa de quem te falei.

Henry se aproxima de nós e lhe tende a mão. Ajudo à avó para que possa estreitar-lhe - Elizabeth Meagram -le digo a Henry.

-Elizabeth Meagram -digo ao Henry.

-Assim é você -comenta a avó.

-Sim -murmura Henry, e esse "sim" soa em meus ouvidos como um bálsamo. Sim.

-Permite-me...? -pergunta a avó, assinalando com as mãos ao Henry.

-Sinto a seu lado? -pergunta Henry, acomodando-se na rocha.

Guio as mãos da avó para seu rosto. Ele contempla minha expressão enquanto lhe toca a cara.

-Faz-me cócegas -se queixa Henry.

-É como o papel de lixa -diz a avó, enquanto lhe percorre com as pontas dos dedos o queixo sem barbear-. Não é um moço que digamos.

-Não.

-Quantos anos tem?

-Tenho oito anos mais que Clare.

-Vinte e cinco? -diz a avó, surpreendida.

Contemplo o cabelo grisalho do Henry, as rugas que rodeiam seus olhos. Parece que tenha uns quarenta, pode que mais.

-Vinte e cinco -diz ele em tom firme. Em algum lugar do mundo exterior, isso é certo.

-Clare me há dito que se casará contigo.

Henry me sorri.

-Sim, casaremos-nos. dentro de uns anos, quando Clare tenha terminado a universidade.

-Em meus tempos os cavalheiros deviam jantar e a conhecer a família.

-Nossa situação é... pouco ortodoxa; e isso não foi possível.

-Não vejo por que. Se for pular pelos prados com minha neta, também pode te deixar ver pela casa e permitir que seus pais lhe passem revista.

-eu adoraria -diz Henry levantando-se-, mas me temo que agora mesmo passa um trem que devo agarrar.

-Espera um momento, jovencito... -começa a dizer a avó.

-Adeus, senhora Meagram. foi um prazer poder conhecê-la. Clare, sinto muito. Não posso ficar mais momento...

Levanto as mãos para tocar ao Henry mas ouço um ruído como se se escaparam todos os sons do mundo, e me dou conta de que se partiu. Volto-me para minha avó.

Segue sentada na rocha com as mãos tendidas, e uma expressão de profundo assombro no rosto.

-O que aconteceu? -pergunta-me, e começo a explicá-lo. Quando termino, inclina a cabeça e se retorce os dedos artríticos em posturas muito estranhos. Ao final, levanta a cabeça e me olhe.

-Mas Clare... Deve ser um demônio. -Diz-o com naturalidade, como se me estivesse advertindo de que me grampeei mal o casaco ou que é hora de almoçar.

O que posso lhe dizer?

-Alguma vez o pensei -lhe digo, agarrando suas mãos para que deixe de esfregar-lhe e não fiquem vermelhas-. Entretanto Henry é bom. Não parece precisamente um demônio.

-Falas como se tivesse conhecido a um montão de seres maléficos -me responde a avó sorrindo.

-Não crie que um autêntico demônio seria... bastante mais demoníaco?

-Acredito que seria melhor que o pão se quisesse.

Escolho as palavras com cuidado.

-Henry me contou em uma ocasião que seu médico considera que pertence a uma nova classe de humanos. Como se formasse parte de um novo estágio evolutivo.

A avó faz um gesto de incredulidade.

-Isso é tão mau como ser um demônio. Pelo amor de Deus, Clare, que necessidade tem de te casar com uma pessoa assim? Pensa nos filhos que poderiam ter! Aparecendo a semana que vem e voltando antes do café da manhã!

Rio-me ante sua ocorrência.

-Seria do mais excitante! Como Mary Poppins ou Peter Pão.

-Pensa nisso um instante, carinho -me diz a avó me agarrando as mãos-. Nos contos de fadas sempre são os meninos os que vivem fantásticas aventuras. Às mães os touca ficar em casa, esperando que seus filhos retornem voando pela janela.

Miro a roupa amontoada no chão de qualquer maneira, no mesmo lugar onde Henry a abandonou. Recolho-a e a dobro.

-Espera um minuto -lhe digo. vou procurar a caixa da roupa e deposito em seu interior os objetos do Henry-. Voltemos para casa. Chegamos tarde a almoçar.

Ajudoo-a a levantar-se da rocha. O vento ruga sobre a erva, inclinamo-nos para vencer sua resistência e começamos a caminhar para a casa. Ao chegar ao pendente, volto-me e Miro à clareira. Está vazio.

Algumas noites depois me encontro sentada na cama da avó lhe lendo A senhora Dalloway. Está anoitecendo. Levanto o olhar e me dou conta de que a avó parece estar dormida. Deixo de ler e fecho o livro. Ela abre os olhos.

-Olá -lhe digo.

-Lhe sente falta de?

-Cada dia. A cada minuto.

-A cada minuto -repete a avó-. Sim. É assim como acontece, verdade?
volta-se de flanco e afunda a cabeça no travesseiro.

-boa noite -lhe digo, e apago o abajur.

De pé, na escuridão, observo à avó em sua cama e me vence a autocompensão, como se me tivessem injetado esse sentimento. "É assim como acontece, verdade?" Certamente que sim.

Come ou será comido

Sábado 30 de novembro de 1991

Henry tem 28 anos, e Clare 20

Henry: Clare me convidou para jantar a sua casa. Charisse, sua companheira de piso, e Gómez, o noivo desta, também jantarão conosco. Às 18.59, horário do centro do país, encontro-me, com minha melhor roupa de domingo, ante o vestíbulo do edifício onde vive Clare; pulso o timbre com um dedo, enquanto no outro braço sustento umas fragrantes fresias amarelas e um cabernet australiano. Tenho o coração em um punho. Nunca estive em casa do Clare, e tampouco conheço nenhum de seus amigos. Não tenho nem idéia do que me espera.

O timbre produz um som horrível e abro a porta.

-Todo reto, vamos! -tábua delgada uma voz grave de homem.

Subo com passo lento os quatro lances de escadas. A pessoa a quem pertence essa voz é alta e loira, luz um topete impoluto, sustenta um cigarro entre os lábios e leva uma camiseta do Solidarnosc. Resulta-me familiar, mas não consigo situá-lo. Para ser alguém que se chama Gómez, parece muito... polonês. Mais tarde descubro que seu nome autêntico é Jan Gomolinski.

-Bem-vindo, bibliotecário! -espeta-me Gómez.

-Camarada! -respondo-lhe, e lhe entrego as flores e o vinho. Olhamo-nos de cima abaixo, conseguimos nos distender e com uma saudação florida Gómez me insiste a entrar no piso. trata-se de um desses maravilhosos e inumeráveis apartamentos dos anos vinte que há junto às vias do trem; desses que têm um comprido corredor que comunica com diversas habitações pensadas quase sobre a marcha. A moradia respira duas classes de estética: funky e vitoriana. O qual se conjuga com o espetáculo que oferecem umas poltronas antigas de petit point, com umas patas sólidas e esculpidas, combinadas com umas pinturas aveludadas que representam ao Elvis. Ouço a melodia do Duke Ellington I Got It Bad and That Ain't Good ao final do corredor, enquanto Gómez me guia nessa direção.

Clare e Charisse estão na cozinha.

-minhas Gatitas, trouxe-lhes um novo brinquedo -cantarola Gómez-. Responde no nome do Henry, mas podem chamá-lo Bibliotecário.

Meu olhar se cruza com a do Clare. Ela se encolhe de ombros e me oferece seu rosto para que a beije; cumpro com um casto besito e me dou a volta para estreitar a mão do Charisse, cujo aspecto cheio e miúdo resulta do mais agradável, com essa abundância de curvas e larga juba negra. Possui um rosto tão afável que sinto o impulso de lhe confiar algo, algo, simplesmente para observar sua reação. É uma pequena virgem de Filipino que, com uma doce voz que deve significar "Não me jodas", diz:

-Ora, Gómez!, faz o favor de te calar. Olá, Henry. Sou Charisse Bonavant. Por favor, não faça caso do Gómez. Solo lhe permito entrar para que transporte com os objetos pesados.

-E pelo sexo. Não se esqueça do sexo -lhe recorda Gómez-. Uma cerveja? -pergunta-me me olhando.

-Sim, muito bem.

Rebusca na geladeira e me tende uma Blatz. Quito o plugue com o abridor e jogo um comprido trago. Na cozinha parece que tivesse explorado uma fábrica Pillsbury de massas preparadas e lustrados. Clare adverte meu olhar e, de repente, lembrança que não sabe cozinhar.

-É uma obra inacabada -diz Clare.

-É uma montagem artística -sugere Charisse.

-De verdade que nos vamos comer isso pergunta Gómez.

Percorro com o olhar aos três, e os quatro começamos a rir a gargalhadas.

-Algum de vós sabe cozinhar? -pergunto-lhes.

-Não.

-Gómez sabe preparar o arroz.

-Só o Arroz-Ao Roni.

-Clare sabe encarregar uma pizza.

-E comida tailandesa... Também sei encarregar comida tailandesa.

-O que sabe Charisse é comer.

-te cale já, Gómez! -exclamam Charisse e Clare ao unísono.

-Já, sim... Enfim, o que íeis preparar? -pergunto, assinalando o desastre que montou sobre o mármore da cozinha.

Clare me passa um recorte de revista. É uma receita para preparar frango e risotto com shiitake, acompanhado de cabaça de inverno e enfeitado com pinhões. Tirou-o que a revista Gourmand, e consta de uns vinte ingredientes.

-Tem todas estas coisas?

Clare assente.

-O tema da compra o domino. É a mescla de ingredientes o que me transborda.

Examino o caos com maior parada.

-Poderia preparar algo com todas estas coisas.

-Sabe cozinhar?

Assento.

-O bibliotecário cozinha! Estamos salvos! Vamos jantar! Toma outra cerveja, anda! -exclama Gómez.

Charisse se sente aliviada e me sorri com carinho. Clare, que se tinha retirado quase atemorizada, aproxima-se e me sussurra:

-Quer dizer que não está louco?

A beijo, com um beijo algo mais comprido do que em realidade é correto diante de terceiros. Endireito-me, me Quito a jaqueta e me arregaço.

-me dê um avental. A ver, Gómez... abre o vinho. Clare, poda toda essa massa esparramada, se não se converterá em cimento. Charisse, importa-te pôr a mesa?

Uma hora e quarenta e três minutos depois nos sentamos à mesa do comilão para comer guisado de frango e risotto enfeitado com purê de cabaça. Tudo leva muchísima manteiga. Estamos mais bêbados que uma Cuba.

Clare: Enquanto Henry prepara o jantar, Gómez se passeia pela cozinha contando piadas, fumando e bebendo cerveja, e quando ninguém olhe, faz-me caretas asquerosas. Ao final, Charisse o safada, faz ameaça de cortar o pescoço e consegue que pare. Conversamos de coisas banais: o trabalho, a faculdade, a cidade onde crescemos, quão típico a gente comenta quando acaba de conhecer-se pela primeira vez. Gómez conta ao Henry como vai com seu trabalho de advogado e defensor de meninos maltratados e violados que vivem sob a tutela do Estado. Charisse nos obsequia com histórias de suas façanhas no *Lusus Naturae*, uma pequena companhia de programas informáticos que tenta que os ordenadores compreendam às pessoas que lhes falam, e sobre sua arte, que consiste em criar fotografias que pode consultar em um ordenador. Henry nos relata anedotas sobre a biblioteca Newberry e a gente tão estranha que vai consultar livros.

-É certo que a Newberry tem um livro feito com pele humana? -pergunta-lhe Charisse.

-claro que sim. As crônicas do Nawat Wuzeer Huderabed. encontrou-se no palácio do rei do Delhi em 1857. Vêem algum dia e o tirarei para que o veja.

Charisse se estremece e faz uma careta de desgosto. Henry remove o guisado. Quando diz: "Hora de tomar o Chow", nos formamos redemoinhos todos em torno da mesa.

Gómez e Henry estiveram bebendo cerveja, e Charisse e eu dando sorbitos de vinho. O problema é que Gómez nos encheu sem cessar as taças até o bordo, e não comemos quase nada. Entretanto, não me dou conta de quão bêbados estamos todos até que quase me caio da cadeira que Henry aparta para mim ao me sentar, e Gómez quase se prende fogo ao cabelo ao acender os candelabros.

Gómez levanta a taça.

-Pela revolução!

Charisse e eu levantamos nossas taças, e Henry também.

-Pela revolução!

Começamos a comer com entusiasmo. O risotto está untuoso e suave, a cabaça, doce, e o frango nada em manteiga. Entram-me vontades de chorar. Está muito bom.

Henry toma um bocado, e logo assinala ao Gómez com o garfo.

-Que revolução?

-Como diz?

-por que revolução estamos brindando?

Charisse e eu nos olhamos alarmadas, mas já é muito tarde. Gómez sorri e me temo o pior.

-Pela próxima.

-Aquele em que o proletariado se levanta em armas, come-se aos ricos e o capitalismo é derrotado em favor de uma sociedade sem classes?

-A mesma.

Henry me pisca os olhos o olho.

-Parece-me muito duro para o Clare. O que tem pensado fazer com os intelectuais?

-OH, certamente também nos comeremos isso; mas lhe conservaremos, de cozinheiro. Esta come está de medo.

Charisse toca o braço ao Henry em tom confidencial.

-Em realidade, não comeremos a ninguém. Solo redistribuiremos suas aptidões.

-Miúdo alívio... -responde Henry-. Eu não gostaria de nada ter que cozinhar ao Clare.

-Pois é uma pena -intervém Gómez-. Estou seguro de que Clare seria muito saborosa.

-Pergunto-me como será a cozinha Canibal -digo eu-. Existe algum livro de cozinha para canibais?

-O cru e o cozido -aponta Charisse.

-Isso não é exatamente um manual de instruções. Não acredito que Lévi-Strauss proponha receita alguma -objeta Henry.

-Poderíamos adaptar uma receita -propõe Gómez, servindo-se outra porção de frango-. Já me entende, Clare com niscalos e molho napolitano com guarnição de lingüini; ou peito do Clare à laranja O...

-Ouça, e o que passa se não gosta que me devorem?

-Sinto muito, Clare -diz Gómez em tom de circunstâncias-. Me temo que teremos que te comer pelo bem de todos.

Henry me joga um olhar cúmplice e sorri.

-Não se preocupe, Clare; quando chegar a revolução, esconderei-te na Newberry. Poderá viver nas estanterias, e te alimentarei com o Snickers e Doritos que roubarei na sala do pessoal. Jamais lhe encontrarão.

Nego com a cabeça.

-E onde fica aquilo de "primeiro terá que acabar com os advogados"?

-Não. Não pode fazer-se nada sem advogados de por meio -esclarece Gómez-. A revolução a cagaria aos dez minutos se os advogados não estivessem aí para mantê-la a raia.

-Mas meu pai é advogado -lhe digo-. portanto, é impossível que possam nos comer.

-É um advogado dos maus. ocupa-se do patrimônio dos ricos. Em troca, eu represento aos meninos pobres e oprimidos...

-Ora, te cale já, Gómez! -admoesta-lhe Charisse-. Está hiriendo os sentimentos do Clare.

-Não é verdade! Clare deseja que nos comamos isso à saúde da revolução. A que sim, Clare?

-Não.

-Ah.

-O que me diz do imperativo categórico? -pergunta-lhe Henry.

-Do que me fala?

-Disso, da Lei de Ouro: "Não coma a outros, a menos que deseje que outros comam a ti".

Gómez se está limpando as unhas com os dentes do garfo.

-Não crie que o que move ao mundo é mas bem a norma "Come ou será comido"?

-Basicamente, sim; mas acaso não oferece você um bom exemplo de altruísmo?

-Claro, mas dizem por toda parte que sou um osso duro de roer.

Gómez fala com fingida indiferença, mas eu me dou conta de que Henry o desconcerta.

-Clare, e a sobremesa?

-minha mãe! Quase me esquecia... -digo; levanto-me muito depressa e devo me agarrar à mesa para me apoiar em algo-. Irei buscá-lo.

-Ajudo-te -diz Gómez, me seguindo à cozinha. Levo saltos altos e ao entrar na cozinha, agarro-me ao marco da porta e me cambaleio para diante, mas Gómez me apanha ao vôo. Durante uns segundos ficamos abraçados, e noto suas mãos em minha cintura, mas logo me solta.

-Está bêbada, Clare -me diz Gómez.

-Já sei. Você também.

Apuro o botão da cafeteira e o café começa a gotejar na jarra. Apóio-me sobre o mármore e saco com cuidado o celofane da bandeja de bolachas de chocolate. Gómez está justo detrás de mim, e me diz com voz fica, inclinando-se até que seu fôlego me faz cócegas no ouvido:

-É o mesmo tipo.

-A que te refere?

-É o tipo contra o qual te acautelei. Henry, ele é o tipo que...

Charisse entra na cozinha e Gómez tem o tempo justo para apartar-se de mim de um salto e abrir a geladeira.

-Olá, posso lhes ajudar?

-Toma, agarra as taças de café...

Reunimos taças, platitos, pratos de sobremesa e bolachas, e conseguimos chegar sãos e salvos à mesa. Henry nos espera como se estivesse no dentista, com um olhar de paciente temor. Rio-me, é o mesmo olhar que punha quando lhe trazia comida ao prado... Solo que ele não se lembra porque ainda não esteve aí.

-lhe acalme -digo-. Sozinho som bolachas de chocolate. Inclusive eu sei as fazer.

Todos nos rimos e tomamos assento. As bolachas estão pouco cozidas.

-Bolo de bolachas de chocolate -diz Charisse.

-Cheio chocolateado de salmonela -aponta Gómez.

-Sempre me gostou da massa crua -comenta Henry chupando-os dedos.

Gómez correia um cigarro, acende-o e lhe dá uma profunda imersão.

Henry: Gómez acende um cigarro e se recosta na cadeira. Há algo nesse menino que me inquieta. Possivelmente seja seu instinto natural de mostrar-se possessivo com o Clare, ou pode que se trate de sua curiosa forma de enfocar o marxismo. Estou seguro de que não é a primeira vez que o vejo. No passado ou no futuro? Agora o descobriremos.

-Soa-me muito sua cara -lhe digo.

-Ah, sim? Sim..., acredito que nos vimos antes.

Então caio na conta.

-No concerto do Iggy Pop no teatro Revisse?

-Sim... -Parece surpresa-. Foi com aquela loira, Ingrid Carmichel, com a que sempre estava acostumado a verte.

Gómez e eu olhamos ao Clare. Esta clava os olhos no Gómez, e lhe sorri. Clare desvia o olhar, mas foge a minha.

Charisse vai ao resgate.

-foste ver o Iggy sem mim?

-Estava fora da cidade -responde Gómez.

-Perco-me isso todo -se queixa Charisse fazendo panelas-. Perdi ao Patti Smith e agora se retirou. Tampouco pude ver os Talking Heads a última vez que vieram de excursão.

-Patti Smith voltará a dar outra excursão -lhe digo.

-Ah, sim? Como sabe? -pergunta Charisse. Clare e eu intercambiamos um olhar.

-Suponho-o -lhe confesso.

Começamos a explorar os gostos musicais dos quatro e descobrimos que a todos nós adoramos o punk. Gómez nos conta que viu as New York Dolls na Florida, justo antes de que Johnny Thunders abandonasse o grupo. Por minha parte, descrevo o concerto do Lene Lovich, ao que assisti durante uma de minhas viagens através do tempo.

Charisse e Clare estão excitadas porque Violent Femmes atuarão na sala de baile Aragón dentro de umas semanas, e Charisse conseguiu entradas grátis. A velada discorre

sem mais preâmbulos, e ao partir, Clare me acompanha abaixo. Ficamos de pé na entrada, entre a porta exterior e a interior.

-Sinto-o -me diz.

-Ora, não se preocupe. Diverti-me muito; além disso, não me importa cozinhar.

-Não -me corta Clare, contemplando-os sapatos-. Refiro ao Gómez.

Faz frio na entrada. Estreito ao Clare entre meus braços e ela se recosta em mim.

-O que acontece Gómez?

Sei que algo lhe preocupa, mas Clare se encolhe de ombros.

-Não passa nada, em realidade -me responde, e eu não insisto.

Beijamo-nos. Enquanto abro a porta exterior, Clare agüenta a interior. Afasto-me pela calçada e Miro para trás. Clare segue em pé com a porta entreaberta, me contemplando. Detenho-me; desejo retornar sobre meus passos e abraçá-la, desejo subir com ela ao piso. Clare então se dá a volta e começa a subir as escadas, e eu a observo até que desaparece de minha vista.

Sábado 14 de dezembro de 1991; Terça-feira 9 de maio de 2000

Henry tem 36 anos

Henry: Estou chutando a imundície viva de um tipo bêbado, grande e burguês que teve a ousadia de me chamar bicha e logo tentou propinar-me uma surra para demonstrar sua teoria. Encontramo-nos no beco que há junto ao teatro Vic. Ouço como se filtra pela saída lateral do teatro o desço do Smoking Popes, enquanto esmago sistematicamente o nariz deste idiota e o remato lhe golpeando nas costelas. Tenho uma má noite, e este imbecil pagará por toda minha frustração.

-Né, bibliotecário!

Desvio a atenção de meu yuppie queixoso e homofóbico e descubro que Gómez está apoiado em um contêiner, com expressão preocupada.

-Camarada... -digo-lhe, me apartando do tipo ao que estive amassando, o qual se desliza agradecido pela calçada, dobrado em dois-. Como vai tudo?

Estou aliviadíssimo de ver o Gómez: de fato, encantado; mas ele não parece compartilhar minha satisfação.

-Caray... Enfim, não queria interromper o que te traz entre mãos, mas esse indivíduo ao que está desmembrando é meu amigo.

Não é possível.

-Bom, a verdade é que o pedia a gritos. apareceu de repente e me há dito: "Senhor, necessito que me macerem com contundência".

-Ah, já... Bom trabalho, então. Jodidamente artístico, em realidade.

-Obrigado.

-Importa-te se recolher com uma pá ao velho Nick e me levo isso a hospital?

-Encantado. -Maldita seja. Pensava me apropriar da roupa do Nick, sobre tudo de seus sapatos: uns Doc Martens novos de marca, cor vermelha intensa e pouco usadas-. Gómez.

-me diga. -inclina-se para levantar seu amigo, que cospe um dente em seu próprio regaço.

-Que dia é hoje?

-14 de dezembro.

-De que ano?

Me olhe como se tivesse coisas melhores que fazer que entreter a lunáticos e levanta o Nick por um ombro em um gesto que deve ser terrivelmente doloroso. Este começa a choramingar.

-1991. Deve estar mais bêbado do que parece.

vai pelo beco e desaparece em direção à entrada do teatro. Avalio a situação com rapidez. Hoje não faz muito que Clare e eu começamos a sair, assim Gómez e eu apenas nos conhecemos. Não sente saudades que me tenha desafiado com esse olhar horripilante.

-Hei- dito ao Trent que se dele encarregue -me diz ao retornar, nada arrasado-. Nick é seu irmão. Não lhe sentou muito bem.

Começamos a caminhar pelo beco, para o este.

-Perdoa que lhe pergunte isso, bibliotecário, mas por que diabos vai vestido assim?

Levo uns texanos azuis, um pulôver azul bebê, com uns patitos amarelos estampados, e um colete vermelho fluorescente com umas sapatilhas de tênis de cor de rosa. A verdade é que não me surpreende que alguém sentisse a necessidade de me pegar.

-É o único que pude encontrar. -Espero que o tipo a quem lhe tirei essa indumentária estivesse perto de sua casa. Aqui fora o termômetro deve marcar uns seis graus abaixo de zero-. por que confraterniza com tipos das associações estudantis?

-Ah, porque fomos juntos à faculdade de direito.

Passamos frente à porta traseira do armazém, onde vendem excedentes do exército de terra e da marinha, e sinto o profundo desejo de levar roupa normal. Dito me arriscar a escandalizar ao Gómez; sei que o superará.

-Camarada -lhe digo, me detendo-. Solo me levará um minuto, mas preciso me ocupar de um assunto. Poderia me esperar ao final do beco?

-O que vais fazer?

-Nada. Invasão de moradia. Não faça caso do homem que verá depois das cortinas.

-Importa-te se te acompanho?

-Sim.

Lhe vê abatido.

-De acordo. Se quiser, vêm.

Coloco-me sob o nicho que protege a porta traseira. É a terceira vez que saque este lugar, embora as duas ocasiões anteriores acontecerão no futuro. Fiz dessa arte toda uma ciência. Primeiro abro a insignificante combinação da fechadura que protege o ralo de segurança, deslizo o ralo, forço a fechadura Yale com a mina de uma velha caneta e um alfinete de segurança que encontrei antes na avenida Belmont, e uso uma parte de alumínio que introduzo entre a porta de duas folhas para levantar o fecho interior. Voilà. Em total, a operação me leva uns três minutos. Gómez me observa com uma devoção quase religiosa.

-Onde diabos aprendeste a fazer isso?

-É um dom -respondo com modéstia.

Entramos no edifício. Há um painel de parpadeantes luz vermelhas que pretende emular um sistema de alarme anti-roubo, mas não me enganam. Dentro está muito escuro. Reviso mentalmente a forma da habitação e o gênero.

-Não toque nada, Gómez.

Quero me mostrar afetuoso e passar despercebido. Caminho com cautela entre os passadiços até que meus olhos se acostumam à escuridão. Começo com as calças: uns Levi's negros. Escolho uma camisa de flanela azul escuro, um grosso casaco de lã negro com um forro de resistência industrial, uns meias três-quartos de lã, umas cueca, umas luvas de escalada muito grossos e um chapéu com brincalhonas. Na sapataria encontro, para grande satisfação pessoal, uns Doc exatamente iguais aos

que meu colega Nick levava postos. Já estou preparado para a ação.

Gómez, enquanto isso, saca a cabeça depois do mostrador.

-Não vale a pena que o tente -lhe aconselho-. Neste lugar não deixam efetivo na caixa registradora pelas noites. vamos.

Partimo-nos pelo mesmo lugar por onde entramos. Fecho a porta com suavidade e passado o ralo. Levo minha anterior indumentária em uma bolsa. Já tentarei encontrar logo um coletor do Exército de Salvação. Gómez me olhe com cara espectador, como um perrazo que aguarda para ver se fica mais carne que lhe dar. Isso me recorda algo.

-Tenho uma fome canina. Vamos a Ann Sather'S.

-A Ann Sather's? Esperava que me propor atracar um banco ou esfaquear a alguém, como mínimo. Estas em veia, tio. Não pares!

-Tenho que fazer um alto em meu caminho para me encher de combustível. Vamos.

Atravessamos o beco em direção ao estacionamento do restaurante sueco Ann Sather'S. O encarregado nos observa silencioso enquanto atravessamos seu reino. Cortamos pelo Belmont. Solo são nove em ponto, e na rua se apinha a sabida mescla de prófugos, vagabundos demenciados, assíduos de clubes e habitantes de bairros altos ávidos de emoções. Ann Sather's destaca como uma ilha de normalidade entre os salões de tatuagens e as lojas de camisinhas. Entramos e esperamos perto da padaria a que nos dêem sítio. O estômago me ruge. A decoração sueca é acolhedora, panelada em madeira e com veteados vermelhos dispostos como redemoinhos. Sintam-nos na seção de fumantes, justo diante da chaminé. Isto se anima. Tiramo-nos os casacos, acomodamo-nos à mesa e lemos a carta, apesar de que, como residentes em Chicago de toda a vida, certamente poderíamos cantá-la de cor e a dois tons. Gómez deixa toda sua parafernália de fumante junto a seus talheres.

-Importa-te?

-Sim, mas adiante.

O preço de desfrutar da companhia do Gómez é macerar-se no constante fluxo da fumaça de cigarro que lhe sai do nariz. Tem os dedos de uma cor ocre intensa; e lhe revoam delicados sobre o papel de fumar enquanto enrola tabaco Drum em um cilindro compacto, lambe o papel, dobra-o, encaixa-o entre os lábios e o acende.

-Ahhh.

Para o Gómez, meia hora sem fumaça resulta impensável. Sempre me diverte observar às pessoas satisfazer seus apetites, mesmo que eu não os compartilhe.

-Não fuma? Nada de nada?

-Eu me dedico a correr.

-Ah, sim, claro. Joder, você sim que está em forma. Acreditava que estava a ponto de matar ao Nick, e nem sequer te faltou o fôlego.

-Ele estava muito bêbado para brigar. Era tão solo um enorme saco de boxe empapado em álcool.

-por que lhe saltaste ao pescoço desse modo?

-Por pura estupidez.

Chega o garçom, diz-nos que se chama Lance e que os pratos do dia são salmão e ervilhas com nata de leite. Toma nota das bebidas e parte apressado. Brinco com o dispensador de nata líquida.

-fixou-se em como ia eu vestido, tirou a conclusão de que me vencer seria pão comido, ficou repelente e quis me dar uma surra. Não se conformou com minha negativa

e, em troca, levou-se uma boa surpresa. Eu sozinho ia ao meu, de verdade.

-E isso o que significa exatamente? -pergunta Gómez com ar pensativo.

-Como diz?

-Henry, igual te pareço um gilipollas mas, de fato, seu velho tio Gómez não anda avoado de tudo. Estive-me fixando em ti faz tempo que: antes de que nossa querida Clare convidasse a casa, de fato. Quero dizer que não sei se for consciente disso, mas é bastante famoso em certos círculos. Conheço muita gente que te conhece. Gente... bom, mulheres mas bem. Mulheres que lhe conhecem. -Gómez me olhe entre piscadas a través de a neblina da fumaça-. Mulheres que contam coisas muito estranhas de ti.

Lance chega com meu café e o leite do Gómez. Pedimos um hambúrguer de queijo e batatas fritas para o Gómez e sopa de ervilhas atalho com nata, batatas doces e salada de frutas para mim. Sinto que me desabarei neste mesmo instante se não ingerir um montão de calorias a toda velocidade. Lance se apressa. Custa-me tomar a sério as pifias de meu anterior eu, e ainda mais justificar-lhe ao Gómez. A fim de contas, não é assunto dele. Entretanto, espera uma resposta. Verto nata de leite no café, e contemplo como a ligeira espuma branca da superfície se dilui em um torvelinho. Lanço pela amurada todo intento de cautela por minha parte. Que mais dá!

-O que quereria saber, camarada?

-Tudo. Quero saber por que um suposto bibliotecário de andar dóceis pega uma surra a um indivíduo até deixá-lo em coma por um pouco tão insignificante como ir vestido com roupa de professor de maternal. Quero saber por que Ingrid Carmichel tentou suicidarse faz oito dias. Quero saber por que neste instante parece dez anos maior que a última vez que te vi. Tem o cabelo grisalho. Quero saber por que sabe forçar uma fechadura Yale. Quero saber por que Clare guarda tua fotografia de antes de te conhecer.

Clare tem uma fotografia meu anterior a 1991? Não sabia. Buuffff.

-Que aspecto tenho eu na foto?

-Mais parecido ao de agora -responde Gómez, sustentando meu olhar-. Distinto ao que tinha faz um par de semanas, quando deveste jantou.

Isso foi faz duas semanas? Esta sim que é boa... Tão solo é a segunda vez que Gómez e eu coincidimos.

-Está tomada ao ar livre. Te vê sonriendo. A data do reverso é junho de 1988.

Chega a comida, e deixamos de falar para dispô-lo tudo sobre nossa mesita. Começo a comer como se o manhã não existisse.

Gómez se sinte e me olhe comer, sem tocar seu prato. Vi ao Gómez ensaiar essa atitude ante testemunhas hostis, quão mesma agora emprega comigo. Simplesmente lhes deixa que coloquem a pata. Por minha parte, não me importa contar-lhe tudo, solo quero comer primeiro. De fato, necessito que Gómez saiba a verdade, porque nos anos vindouros será ele quem me salve o culo em diversas ocasiões.

Estou a metade do prato de salmão e ele ainda não começou.

-Come, come -lhe digo, imitando à perfeição à senhora Kim. Ele molha uma batata frita no ketchup e a mastiga-. Não se preocupe. Confessarei-o tudo. Tão solo te peço que me deixe tomar meu último jantar em paz.

Gómez capitula e começa a comê-la hambúrguer. Não meia palavra entre os dois até que termino de comer a fruta. Lance me traz mais café. Adultero-o e o removo. Gómez me olhe como se queria me sacudir. Dito me divertir a sua costa.

-Muito bem. Tudo se resume em uma única questão: a viagem através do tempo.

Gómez põe os olhos em branco e me dedica uma careta, mas não diz nada.

-Sou um viajante do tempo. Na atualidade tenho trinta e seis anos. Esta tarde era 9 de maio do ano 2000. Era terça-feira. Eu estava trabalhando; acabava de terminar uma exposição para um grupo de membros do Clube Caxton e tinha voltado para as estanterias para guardar os livros mostrados quando, de repente, encontro-me na rua da Faculdade em 1991. Com o sabido problema de que devo encontrar algo que me põe em cima. Oculto-me sob o alpendre de uma casa durante um momento. Faz frio, e não vem ninguém; mas finalmente aparece esse jovem vestido... bom, já sabe como ia eu vestido. Atraco-o, o Quito o efetivo e tudo o que tem posto, salvo a roupa interior. Dou-lhe um susto de morte. Acredito que pensava que ia violar o ou um pouco parecido. Enfim, consigo a roupa. Perfeito; mas neste bairro não pode vestir assim sem provocar certos mal-entendidos. Passo toda a tarde escutando guarradas de várias pessoas, e seu amigo resulta ser a última gota que enche o copo. Sinto lhe haver deixado tão ferido gravemente. Tinha muitíssimas vontades de conseguir sua roupa, sobre tudo os sapatos.

Gómez joga uma olhada sob a mesa para me olhar os pés.

-Encontro-me continuamente em situações como esta. Não pretendo fazer jogos de palavras. Algo me passa, e me deslocalizo no tempo, sem razão aparente. Não posso controlá-lo, e nunca sei quando vai acontecer, onde nem quando terminarei a viagem. portanto, para sair do passo forço fechaduras, roubo de mala tenda, roubo carteiras, ataque às pessoas, peço esmola, dedico-me à invasão de moradia, roubo carros, minto, dobro, ferrão e rompo. Algo que te ocorra, seguro que já a tenho feito.

-Assassinato.

-Homem... Não que eu saiba. Tampouco violei jamais a ninguém.

O Miro enquanto falo. Põe cara de pôquer.

-Quanto ao Ingrid... Conhece o Ingrid de verdade?

-Conheço a Celia Attley

-Deus! A verdade é que tem amizades muito estranhas... Como tentou matar-se Ingrid?

-Com uma overdose do Valium.

-Em 1991? Já... Sim. Esse deve ser o quarto intento de suicídio do Ingrid.

-O que?

-Ah, mas... Não sabia? Celia seleciona muitíssimo a informação. Ingrid se suicidou com êxito em 2 de janeiro de 1994. disparou-se no peito.

-Henry...

-Bom, isso aconteceu faz seis anos, e ainda não o perdoei. Que desperdício! Claro que tinha uma depressão severo, levava muito tempo assim; e o único que ocorreu foi que se afundou. Não pude fazer nada por ela. Essa era uma das razões pelas que estávamos acostumados a discutir.

-Parece-me uma brincadeira de muito mal gosto, bibliotecário.

-Quer provas, claro.

Gómez sorri.

-O que me diz da fotografia, a que diz que tem Clare?

-De acordo -responde enquanto lhe apaga o sorriso do rosto-. Admito que tudo isto me aturde um pouco.

-Conheci o Clare pela primeira vez em 1991 e, entretanto, ela me conheceu em setembro de 1977. Clare tinha seis anos, e eu terei trinta e oito quando isso aconteça.

Conhece-me sempre. Em 1991, entretanto, eu estou começando a conhecê-la. A propósito, deveria lhe perguntar ao Clare por tudo este embrulho. Contará-lhe isso.

-Já o fiz, e me contou isso.

-Então, que diabo...? Gómez! Está-me fazendo perder um tempo muito valioso me obrigando a que te conte o mesmo uma e outra vez. Acaso não a acreditaste?

-Não. Acreditaria- você?

-Claro. Clare é muito sincera. E isso se deve à educação católica que recebeu.

Lance vem a nossa mesa com mais café. Já levo uma boa dose de cafeína, mas um pouco mais não me fará nenhum dano.

-Vejam, que classe de prova anda procurando?

-Clare me disse que desaparecia.

-Sim, é um de meus truques de salão mais teatrais. Você te pegue a mim como a cauda e cedo ou tarde me desvanecerei. Possivelmente me leve uns minutos, umas horas ou uns dias, mas nisso sim que não falho.

-Conhecemo-nos no ano 2000?

-Sim -lhe preciso com um sorriso de orelha a orelha-. Somos bons amigos.

-me fale de meu futuro.

Nem pensar. Isso sim que é uma má idéia.

-Não.

-por que não?

-Gómez. As coisas ocorrem. as saber de antemão as converte em... algo estranho. Em qualquer caso, não se pode trocar nada.

-por que?

-A casualidade só funciona para diante. As coisas só ocorrem uma vez, nada mais. Se souber o que vai acontecer... A maioria das vezes eu me sinto apanhado.

Se estiver em sua presente, sem saber nada..., é livre. Confia em mim.

Parece frustrado.

-Será o padrinho de nossas bodas; e eu o da tua. Tem uma vida fantástica por diante, Gómez. Agora bem, advirto-te que não vou entrar em detalhes.

-Algum prognóstico bursátil?

Sim, por que não? No ano 2000 o mercado bursátil está louco, mas podem fazer-se fortunas incríveis, e Gómez será um dos afortunados.

-ouviste falar alguma vez de internet?

-Não.

-É uma história de ordenadores. Uma rede imensa de alcance mundial com gente que sempre está conectando-se, comunicando-se via Telefónica com distintos ordenadores.

Vale a pena que compre ações em tecnologia: Netscape, America OnLine, Sun Microsystems, Yahoo!, Microsoft, Amazon.com.

Gómez toma notas.

-Puntocom?

-Não se preocupe. Você compra no mercado de Oferta Pública de Ações -lhe aconselho sonriando-. Já pode bater de Palmas se crie nas fadas.

-Acreditava que esta noite te dedicava a nocautear a qualquer que ousasse fazer insinuações sobre fadas.

-Isso é do Peter Pão, sou analfabeto. -De repente, entram-me náuseas. Não quero montar uma cena neste lugar nem neste momento. Assim que me levanto de um salto-.

me Siga -lhe ameaço, correndo para o serviço de cavalheiros com o Gómez pego aos talões.

Entro como uma tromba no váter, milagrosamente vazio. O suor me goteja pelo rosto. Vomito no lavabo.

-Joder, tio! -exclama Gómez- Maldita seja, bibliotecário...

Não ouço o resto da frase que ia pronunciar, porque estou jogado no chão, de flanco, nu, sobre um frio chão de linóleo, sumido em uma escuridão absoluta. Estou enjoado; fico imóvel durante um momento. Logo alargo o braço e monte os lombos dos livros. Acho-me junto às estanterias da biblioteca Newberry. Levanto-me, caminho dando tombos até o extremo do corredor e acendo o interruptor; a luz alaga a fileira em que me encontro, me cegando. Minha roupa e o carro de livros que estava classificando se encontram no seguinte corredor. Visto-me, guardo os livros e abro alegremente a porta de segurança que comunica com as estanterias. Não sei que horas são; os alarmes poderiam estar conectadas. Entretanto tenho sorte. Tudo está igual a antes. Isabelle está lhe explicando a um novo membro do patronato como funciona o serviço da sala de leitura; Matt passa junto a mim e me saúda com a mão. O sol entra em torrentes pelas janelas, e os ponteiros de relógio do relógio da sala de leitura assinalam as 16.15. estive fora menos de quinze minutos. Amelia me vê e assinala para a porta.

-Vou ao Starbucks. Gosta de um Java?

-Né... Não, parece-me que não. Obrigado de todos os modos.

Tenho uma dor de cabeça espantosa. Saco a cabeça pelo despacho do Roberto e lhe digo que não me encontro bem. Assente, fazendo-se carregado, e assinala o telefone, que lhe cospe ao ouvido um italiano mais veloz que o raio. Agarro minhas coisas e me parto.

Uma rotineira jornada trabalhista mais para o jovem bibliotecário.

Domingo 15 de dezembro de 1991

Clare tem 20 anos

Clare: É uma preciosa manhã ensolarada de domingo. saí que piso do Henry e me parto para casa. As ruas estão geladas, e há uns cinco centímetros de neve recente. Tudo refulge de brancura e limpeza. Canto com a Aretha Franklin "R-E-S-P-E-C-T!" enquanto giro pelo Addison, meto-me no Hoyne e, olhe você por onde, encontro uma praça de estacionamento justo em frente. É meu dia de sorte. Estaciono, intento manter o equilíbrio sobre a escorregadia calçada e consigo entrar no vestibulo, ainda cantarolando. Noto uma sensação sonolenta e gomosa na coluna vertebral que associo com o sexo, despertando na cama do Henry e chegar a casa a qualquer hora da manhã. Subo as escadas flutuando. Charisse terá ido a missa. Estou desejando me dar um bom banho e ler o New York Teme. logo que abro a porta, sei que não me encontro sozinha. Gómez está sentado na sala de estar, envolto em uma nuvem de fumaça e com as venezianas fechadas. Nesse contexto, com o vermelho e aveludado papel pintado, o mobiliário de veludo avermelhado e toda essa fumaça, Gómez parece um Satã polonês e loiro ao Elvis. Gómez segue sentado e sem mover-se, e eu me dirijo para meu dormitório sem lhe dizer uma palavra. Ainda estou furiosa com ele.

-Clare.

-O que? -espeto-lhe me voltando.

-Sinto muito. Tinha-me equivocado.

Jamais tinha ouvido o Gómez admitir nada que não fora a infalibilidade papal. Sua voz, em troca, sonha como um profundo lamento.

Entro na sala de estar e abro as venezianas. A luz do sol não consegue penetrar no interior dada a resistência da fumaça, e me dito a entreabrir uma janela.

-Não entendo como pode fumar tanto sem que se dispare o detector de fumaças.

Gómez me mostra uma pilha de nove volts.

-Voltarei a colocá-la antes de partir.

Sinto-me no Chesterfield, e espero que Gómez me conte por que trocou que idéia. Está atando outro cigarro. Ao final o acende, e então me olhe.

-Ontem à noite estive com seu amigo Henry.

-Eu também.

-Já. O que fizeram vós?

-Fomos ao Facets, vimos um filme do Peter Greenaway, comemos em um marroquino e logo partimos a sua casa.

-E agora acaba de chegar.

-Exato.

-Bem. Minha velada foi menos cultural, mas mais acidentada. Encontrei-me com seu radiante noivo no beco que há ao lado do Vic, fazendo picadinho ao Nick. Trent me há dito esta manhã que seu irmão tem o nariz e três costelas rotas, cinco ossos da mão fraturados, danos nas malhas brandas... e que lhe tiveram que dar quarenta e seis pontos. Além disso, vai necessitar um novo dente.

Seu relato não me comove. Nick é um perseguidor de tomo e lombo.

-Deveria havê-lo visto, Clare. Seu noivo se enfrentou ao Nick como se fora um objeto inanimado. Como se Nick fora uma escultura que ele estivesse esculpindo.

Uma surra como muito científica. Inclusive calibrava onde lhe dar para conseguir o máximo efeito, plaf. Teria contado com minha admiração mais rendida se não tivesse sido porque se tratava do Nick.

-por que lhe estava pegando?

Gómez parece incômodo.

-Parece-me que foi mas bem culpa do Nick. adora meter-se com... com os gays, e Henry ia vestido como a Pitufina.

Compreendo-o. Pobre Henry.

-O que ocorreu logo?

-Logo assaltamos o armazém de excedentes que têm o exército e a marinha.

Até aqui, tudo normal.

-E que mais?

-Depois fomos a Ann Sather's para jantar.

Estalo em gargalhadas. Gómez sorri.

-E me contou a mesma história absurda que me contou você.

-Mas o creíste.

-Bom, porque toma tudo com uma tranqüilidade pasmosa. Juraria que me conhece muito bem, a fundo. Tinha-me muito bordado, mas lhe dava igual. Logo ele... desvaneceu-se, e eu fiquei aí de pé Y... não tive mais remedeio que lhe acreditar.

Assento; compreendo seu estado de ânimo.

-O desaparecimento impressiona muito. Lembrança muita bem a primeira vez que o presenciei, de pequena. Estava-me estreitando a mão e, de repente, puf, foi-se. Ouça, de que época vinha?

-Do ano 2000. Parecia muito major.

-Está-o acontecendo muito mal.

É agradável estar sentada falando do Henry com alguém que sabe tudo. Invade-me uma quebra de onda de gratidão para o Gómez, que se evapora quando se inclina para diante e me diz, em um tom muito sério:

-Não te case com ele, Clare.

-Ainda não me pediu isso.

-Já sabe o que quero dizer.

Fico imóvel, contemplando minhas mãos agarradas silenciosamente sobre meu regaço. Tenho frio e estou furiosa. Levanto a vista. Gómez me olhe com angústia.

-Amo-o. É-o tudo para mim. Levo toda a vida esperando-o, e agora está aqui. -Não sei como explicar-lhe Com o Henry posso vê-lo tudo ante mim, estendido como um mapa, o passado e o futuro, tudo de uma vez, como se fora um anjo. -Movo a cabeça em um gesto de impotência. Custa-me expressá-lo com palavras-. Quando o toco, estou tocando o tempo... Ele me ama. Estamos casados porque... porque formamos parte um do outro. -Noto que balbuceio-. É algo que já aconteceu, de repente. -Jogo uma olhada ao Gómez para comprovar se me expliquei com clareza.

-Clare. eu gosto de muito Henry, de verdade. É uma pessoa fascinante, mas também perigosa. Todas as mulheres com quem estive terminei mal. Não quero que voe alegremente aos braços desse sociópata encantador.

-Não compreende que já é muito tarde? Está falando de alguém que conheci os seis anos. Conheço-o muitíssimo. Você, em troca, estiveste um par de vezes com ele e te permite me dizer que salte do trem em marcha. Bom, pois não posso. Vi meu futuro; e não posso trocá-lo. Se pudesse, tampouco o trocava.

Gómez parece pensativo.

-Não quis me contar nada de meu futuro.

-Porque ao Henry importa muito; jamais te faria algo assim.

-Lhe fez isso.

-Não pôde evitá-lo; nossas vidas estão unidas. Toda minha infância foi diferente por causa de sua presença, e ele não pôde fazer nada por impedi-lo; e se esforçou ao máximo.

Ouçõ a chave do Charisse dar a volta à fechadura.

-Clare, não seja louca... Só intento te ajudar.

-Pode nos ajudar aos dois -digo sorrindo-. Já o verá..

Charisse entra tossindo.

-Olá, carinho! Leva muito momento esperando?

-estive conversando com o Clare, sobre o Henry.

-Seguro que lhe contaste o muito que o adora -diz Charisse com uma nota de advertência na voz.

-Hei-lhe dito que fuja o mais rápido que possa em direção contrária.

-OH, Gómez! Clare, não faça conta. Tem um gosto espantoso no relativo aos homens.

Charisse se senta com remilgo a um par de palmos do Gómez, mas ele a atrai para si e a senta sobre seu regaço. Charisse o olha contrariada.

-Sempre está assim quando sai de missa.

-Quero tomar o café da manhã.

-claro que sim, minha pipoca.

levantam-se e partem brincando de correr pelo corredor para a cozinha. Charisse não demora para emitir risitas agudas enquanto Gómez tenta surrá-la no traseiro com o Teme Magazine. Suspiro e vou a meu dormitório. Ainda luz o sol. Meto-me no banheiro, sotaque correr a água quente na enorme e velha banheira e me Quito a roupa de ontem à noite. Ao entrar, vejo-me de soslaio no espelho. Poderia dizer-se que estou rellena. A idéia me diverte profundamente, e me afundo na água me sentindo

uma odalisca do Ingres. "Henry me ama. Henry está aqui, ao fim, aqui e agora, finalmente. E eu o amo." Acaricio-me os peitos e uma fina capa de saliva se acuifica na água e se dispersa. "por que tem que ser tudo tão complicado? Acaso já vivemos o mais complicado?" Inundo meu cabelo, e observo como frota a meu redor, escuro e entretecido em uma rede. "Eu jamais escolhi ao Henry, e ele nunca me escolheu. Como podia tratar-se de um engano?" Volto a me enfrentar ao feito de que não há modo se soubesse. Fico arremesso na banheira, contemplando os ladrilhos que há no alto, até que a água quase se esfria. Charisse bate na porta, pergunta-me se me morri e se não me importar que entre a escová-los dentes. Envolver-me o cabelo em uma toalha e vejo meu reflexo impreciso no espelho a causa do bafo. O tempo parece replegar-se em si mesmo, e me vejo como um conglomerado no que se fundem meus dias e meus anos passados, e todo o tempo que virá e, de repente, sinto como se houvesse me tornado invisível. Logo, entretanto, a sensação desaparece tão rapidamente como veio. Fico imóvel durante um minuto e logo me ponho o penhoar, abro a porta e saio.

Sábado 22 de dezembro de 1991

Henry tem 28 e 33 anos

Henry: Às 5.25 sonha o timbre da porta, o qual sempre é um mau presságio. Dirijo-me cambaleando ao interfone e apuro o botão.

-Sim?

-Né, me deixe entrar.

Volto a apertar o botão e o horrível zumbido que significa "Bem-vindo a meu lar, doce lar" percorre a linha. Quarenta e cinco segundos depois o elevador produz um estrondo metálico e começa a ascender mancando. Ponho-me a bata, saio fora e fico no vestíbulo, contemplando os cabos do elevador mover-se através do ventanuco de segurança. A caixa planeja ante meus olhos e se detém. Não me cabe a menor dúvida: sou eu.

Henry abre a porta do elevador e sai ao corredor, nu, sem barbear, e luzindo um cabelo francamente curto. Atravessamos rapidamente o vestíbulo vazio e nos metemos no apartamento. Fecho a porta e ficamos uns instantes nos contemplando mutuamente.

-Bom... -digo, por dizer algo-. Que tal vai tudo?

-Daquela maneira. Que data é hoje?

-22 de dezembro de 1991. Sábado.

-Ah... Hoje atuam Violent Femmes no Aragón?

-Sim.

-Joder! -exclama rendo-. Aquela sim que foi uma noite abismal!

vai para a cama (minha cama), mete-se entre os lençóis e se tampa com a colcha até a cabeça. Deixo-me cair a seu lado.

-Ouça.

Não me responde.

-De que época vem?

-De 13 de novembro de 1996. Estava a ponto de me deitar. portanto, mais vale que me deixe dormir ou o lamentará muitíssimo dentro de cinco anos.

Parece-me muito razoável. Me Quito a bata e volta à cama. Agora estou deitado no outro extremo, no lado do Clare (assim o considero ultimamente), porque meu doppelgänger me tirou o sítio.

Tudo se vê vagamente distinto desde este lado da cama. É como quando fecha um olho e miras algo atentamente durante um momento, e logo o contempla com o outro

olho. Fico jogado, praticando o exercício, olhando a poltrona com minha roupa pulverizada em cima, um osso de pêssego no fundo de uma taça de vinho que há no batente da janela e o anverso de minha mão direita. Não me viria nada mal me cortar as unhas, e o piso certamente poderia optar por uma subvenção do Fundo Federal de Ajudas às Zonas Catastróficas. Possivelmente meu outro eu se mostraria disposto a aproximar o ombro, a me ajudar a arrumar um pouco a casa, a ganhar o sustento. Repasse mentalmente o conteúdo da geladeira e a despensa e concluo que estamos bem providos. Tenho pensado trazer para o Clare a casa esta noite, e não estou seguro do que devo fazer com meu corpo supérfluo. Me ocorre que Clare possivelmente preferiria estar com esta edição posterior de minha pessoa, já que, a fim de contas, eles dois se conhecem bastante melhor. Por alguma estranha razão, a idéia me deixa morto de medo. Intento recordar que o que se subtrai à presente, acrescenta-se ao futuro, mas ainda sinto temor e desejaria que algum dos dois partisse.

Estudo a meu dobro. Está acurrucado, como um ouriço, de costas a mim, dormido. Invejo-o. Ele é eu, mas eu ainda não sou ele. viveu cinco anos de uma vida que segue sendo um mistério para mim, uma existência ainda replegada e tensa, esperando saltar como um mole e disposta a morder. É óbvio, todos os prazeres que sentirei, ele já os viveu; embora para mim aguardem como uma caixa de bombons sem abrir.

Intento julgá-lo com os olhos do Clare. por que leva o cabelo curto? Eu sempre estive orgulhoso de meu cabelo negro, ondulado e comprido até os ombros; levo-o assim do instituto. Entretanto, cedo ou tarde, raparei-me. Penso que possivelmente o cabelo é uma de tantas coisas que devem recordar ao Clare o fato de que eu não sou exatamente esse homem que conhece desde sua tenra infância. Sou uma ajustada aproximação ao original, que ela guia subrepticamente para um eu que existe em sua memória visual. O que seria de mim sem ela?

Não seria, certamente, o homem que respira devagar, de maneira profunda, do outro lado da cama. As vértebras e as costelas lhe ondulam o pescoço e as costas. Tem a pele suave, sem apenas pêlo, cravada firmemente aos músculos e os ossos. Está esgotado e, entretanto, dorme como se em qualquer momento fora a levantar-se de um salto e sair correndo. Irradio eu tanta tensão? Suponho que sim. Clare se queixa de que não me relaxo se não estar morto de cansaço, mas em realidade estou acostumada me sentir tranqüilo quando estou com ela. Este eu major parece mais fraco e cansado, mais sólido e seguro. Claro que comigo pode permitir o luxo de presumir: tem-me tão impregnado que solo posso consentir-lhe tudo, por meu próprio bem.

São as 7.14, e é óbvio que não voltarei a dormir. Saio da cama e me lanço para o café. Ponho-me roupa interior e umas calças de esporte e me desperezo. Ultimamente me doem os joelhos, assim dito me pôr amparos. Ponho-me uns meias três-quartos e me ato os cordões dessas sapatilhas de atletismo que bateram todos os recordes, e que certamente são a causa de que tenha uns joelhos tão originais, e prometo que irei comprar me umas novas sapatilhas amanhã. Devia haver perguntado a meu convidado se fazia mau tempo. Enfim, já se sabe: em dezembro em Chicago faz um tempo espantoso. Ponho-me minha antiquada camiseta do Festival de Cinema de Chicago, uma sudadera negra e outra laranja, mais grossa e com capuz, que tem uns x enormes diante e cinta refletivo costurada à costas. Coxo as luvas e as chaves e saio fora, a que me dê a luz da manhã.

Não faz mau dia, tendo em conta que estamos a princípios de inverno. Há muito pouca neve no chão, e o vento brinca com ela, empurrando-a em todas direções.

A caravana de carros se estende até o Dearborn provocando um concerto de motores; o céu é cinza.

Ato-me os cordões das sapatilhas e dito correr pelo bordo do lago. Roda de pessoas devagar para o este por Delaware até chegar à avenida Michigan, cruzo o passo elevado e começo a fazer footing pelo sulco bicicleta, enquanto me dirijo ao norte pela praia da rua do Carvalho. Hoje solo saíram os corredores e os ciclistas mais curtidos. O lago Michigan é de cor piçarra intenso; uma banda de areia marrom escuro revela que há maré baixa. As gaivotas giram por cima de minha cabeça e sobre as águas. Movo-me com rigidez; o frio é ingrato com as articulações, e começo a me dar conta de que faz muitíssimo frio junto ao lago, de que devemos rondar os seis graus abaixo de zero. Assim roda de pessoas um pouco mais devagar do habitual, para me esquentar; recordo a meus pobres joelhos e tornozelos que a tarefa mais importante de sua vida é me levar longe e a toda velocidade se eu o exijo. Noto o ar frio que penetra em meus pulmões, o coração pulsa sereno, e quando chego à avenida Norte, já me encontro melhor e começo a acelerar a marcha. Correr representa muitas coisas para mim: a sobrevivência, a calma, a euforia, a solidão. É a prova de minha existência corporal, de minha capacidade para controlar o próprio movimento através do espaço, já que não do tempo, e a sujeição, embora temporário, de meu corpo a minha vontade. Enquanto corro desagrado o ar, os objetos vêm a meu encontro e passam junto a mim, e o atalho se move como um filme sob meus pés. Lembrança que de menino, muito antes de que existissem os jogos de vídeo e as Web, enroscava filmes em um projetor de má morte da biblioteca da escola e as olhava, girando o pivô que avançava o fotograma ao som de um bip. Já não recordo como eram, nem do que tratavam, mas sim recordo o aroma da biblioteca, e o modo em que o bip me fazia saltar invariavelmente. Agora vôo, sinto essa sensação áurea, como se pudesse correr e me lançar ao ar, e sou invencível, nada pode me deter, não há nada que possa me deter, nada, nada, nada absolutamente...

De noite, o mesmo dia

Henry tem 28 e 33 anos, e Clare 20

Clare: Nos dirigimos ao concerto do Violent Femmes que dão na sala de baile Aragón. Depois de uma certa reticência por parte do Henry, que não compreendo porque lhe encanta esse grupo, atravessamos os bairros burgueses à busca de um estacionamento. Dou voltas e mais voltas, passo pelo Moinho Verde, os bares, os edifícios de apartamentos pouco iluminados e as lavanderias, que parecem decorados teatrais. Finalmente estaciono no Argyle e caminhamos tremendo pelas calçadas cristalinas e fragmentadas. Henry caminha rápido, sempre fico sem fôlego quando andamos juntos. Entretanto, dou-me conta de que nesse momento se esforça por acomodar-se a meu passo. Me Quito uma luva e coloco a mão no bolso de seu casaco, e ele passa seu braço sobre meu ombro. Estou nervosa porque Henry e eu nunca fomos a dançar; eu adoro a sala Aragón, com todo seu falso e decadente esplendor espanhol. A avó Meagram estava acostumado a me contar que ia dançar ali ao som das grandes orquestra nos anos trinta, quando tudo estava recém estreado e era precioso, não havia gente subindo aos camarotes nem lagos de pipí no serviço de cavalheiros. Mas c'est a sex, os tempos trocam, e agora nos toca vivê-los .

Guardamos cauda durante uns minutos. Henry parece tenso, em guarda. Agarra-me da mão, mas olhe por cima da multidão. Aproveito para observá-lo. É muito bonito.

Leva o cabelo à altura dos ombros, penteado para trás, e seu cabelo é negro e fino. É felino, magro, exsuda inquietação e presença física. Parece que vá morder.

Leva um casaco negro e uma camisa de algodão branca, com os punhos abertos e sem grampear pendurando sob as mangas do casaco, uma gravata de seda verde ácido maravilhosa, que se afrouxou o suficiente para que possa lhe ver os músculos do pescoço, uns texanos negros e umas sapatilhas negras de cano alta. Henry me agarra o cabelo com a mão e o enrola na boneca. Durante uns segundos sou seu prisioneira, mas então a cauda avança e me deixa ir.

Pedem-nos a entrada e penetramos no edifício seguindo à maré humana. A sala Aragón possui muitíssimos corredores largos, reservados e camarotes dispostos ao redor da pista principal, que são ideais para perder-se e esconder-se. Henry e eu subimos a um camarote que há perto do cenário e sentamos a uma mesa diminuta. Tiramo-nos os casacos. Henry me olhe fixamente.

-Está preciosa. Este vestido é magnífico; mas me custa acreditar que possa dançar com ele.

Meu vestido é ajustadíssimo, de seda azul lilosa, mas o bastante flexível para me mover a minhas largas. Provei-me isso esta tarde diante do espelho e ficava muito bem. O que me preocupa é o cabelo; a causa do ar seco do inverno parece que tenha o dobro de volume do acostumado. Começo a me recolher isso em uma trança, mas Henry me detém.

-Não, por favor... Quero poder te olhar com o cabelo solto.

O primeiro ato começa com uma série de canções. Escutamos tranqüilos. A gente não pára de dar voltas, de conversar e fumar. Não ficam assentos na pista principal. Há um ruído fenomenal.

Henry se inclina para diante e me grita ao ouvido.

-Quer tomar algo?

-Uma Coca-cola.

parte ao bar. Coloco os braços sobre o corrimão do camarote e observo a multidão: garotas com vestidos vintage, com vestimenta própria do exército, meninos com crista, com camisas de flanela. Pessoas de ambos os sexos com camisetas e texanos. Crios de instituto e de veintipico, e algum que outro tipo maior.

Faz já muito momento que se foi Henry. O grupo termina de esquentar motores, levantando algum que outro aplauso, e os da montagem começam a levar a equipe musical para trazer outro novo, com uns instrumentos mais ou menos idênticos. Ao final, canso-me de esperar e abandono a mesa e os casacos, abro-me passo entre a marabunta que invade o proscênio, sob as escadas e me dentro no comprido e penumbroso vestíbulo, onde está o bar. Não vejo o Henry. Caminho devagar pelas salas e os reservados; Miro e intento que não pareça que estou observando.

Distingo-o ao final do corredor. Está de pé, e tão perto de uma mulher que ao princípio penso que se estão beijando: ela se encontra de costas à parede, Henry se inclina para diante e apóia sua mão contra a parede, por cima do ombro da mulher. A intimidade da postura me deixa sem fôlego. É loira e bonita ao estilo alemão, alta e teatral.

À medida que me aproximo, dou-me conta de que não se estão beijando; discutem. Henry utiliza sua mão livre para recalcar a gritos umas palavras que não entendo. De repente, o rosto impassível dela se crispa de raiva: está a ponto de chorar. Grita-lhe algo. Henry dá um passo atrás e levanta as mãos em um arranque de impotência. Ouço suas últimas palavras quando já se afasta:

-Não posso, Ingrid. Não posso, de verdade! Sinto-o muitíssimo...

-Henry! -exclama ela correndo atrás dele; então me vêem os dois, quieta e imóvel no meio do corredor.

Henry tem uma expressão séria quando me agarra do braço e nos apressamos para a escada. Subo três degraus, volto-me e a vejo de pé, nos observando, com os braços inermes, indefesa e reconcentrada. Henry joga uma olhada para trás, voltamo-nos e seguimos subindo as escadas.

Chegamos a nossa mesa, que milagrosamente segue livre e ainda nos guarda os casacos. As luzes baixam e Henry levanta a voz para fazer-se ouvir entre a gritaria.

-Sinto muito. Não consegui chegar ao bar porque antes me encontrei com o Ingrid...

"Quem é Ingrid?", penso para meus adentros recordando a cena no banheiro do Henry, com o pintalábios na mão; preciso saber mais, mas tudo fica às escuras e os Violent Femmes sobem ao cenário.

Gordon Grisalho está ante o microfone vociferando ao público e pulsando acordes ameaçadores; inclina-se para diante, entoa as primeiras notas do Blister in the Sun e começa a marcha. Henry e eu seguimos sentados, escutando, e então ele se aproxima e me grita:

-Quer que vamos?

A pista de baile é uma massa excitada de humanidade que se agita sem cessar.

-Quero dançar!

Henry parece aliviado.

-Fantástico! Sim, vamos!

tira-se a gravata e a mete no bolso do casaco. Baixamos e entramos na pista principal. Vejo o Charisse e ao Gómez dançando mais ou menos juntos. Charisse prescinde do entorno e dança com frenesi; Gómez, em troca, apenas se move, e sustenta um cigarro perfeitamente equilibrado entre os lábios. Vê-me e me saúda com a mão. Mover-se entre a multidão é como vadear o lago Michigan; engole-nos e avançamos pela superfície, flutuando para o cenário. A multidão ruge: "lhe dê cano! lhe dê cano!", e os Violent Femmes reagem atacando seus instrumentos com um vigor demencial.

Henry se move ao som das vibrações dos baixos. Encontramo-nos justo frente ao bordo do fosso da orquestra; a um lado os que dançam chocam entre si a grande velocidade, e ao outro o público move os quadris, agita os braços e segue com os pés o ritmo da música.

Dançamos. A música me penetra, quebras de onda de sons que me agarram pela coluna, movem meus pés e quadris, e os ombros também, sem consultar com meu cérebro. (Beautiful girl, love your dress, high school smile, OH yes, where she is now, I can only guess.) Abro os olhos e vejo que Henry me observa enquanto dança. Quando levanto os braços, colhe-me com força pela cintura e eu salto. Obsequia-me com uma vista panorâmica da pista de baile durante uma poderosa eternidade. Alguém me faz gestos com a mão, mas antes de poder ver de quem se trata Henry me deixa no chão. Dançamos nos tocando, dançamos separados. (How can I explain personal pain?) O suor me baixa a jorros. Henry sacode a cabeça, seu cabelo se agita em negra distorção e me salpica com seu suor. A música é incitadora, burlesca (I ain't had much to live for, I ain't had much to live for, I ain't had much to live for). Embarcamos nela. Noto meu corpo elástico, as pernas adormecidas, e uma sensação de calor ao vermelho vivo sobe por meu corpo da entrepierna ao cocuruto. Meu cabelo se converteu em úmidas cordas que se aderem aos braços, o pescoço, a cara e as costas.

A música se estrela contra uma parede e se detém. O coração me pulsa a toda pressa. Coloco a mão sobre o peito do Henry e me surpreende comprovar que o seu apenas se acelerou.

Pouco depois entro no serviço de senhoras e vejo o Ingrid sentada, chorando. Uma mulher negra e baixa, com preciosas e largas rastas, está de pé frente a ela, lhe falando com doçura e lhe acariciando o cabelo. O som dos soluços do Ingrid reverbera como um eco nos imundos ladrilhos amarelos. Faço o gesto de retroceder mas meu movimento atrai a atenção das mulheres. ficam me olhando. Ingrid parece um asco. Toda sua frieza teutónica desapareceu, tem a cara vermelha e torcida, e a maquiagem deslocada. Me olhe fixamente, abatida e esgotada. A mulher de cor vem para mim. É deliciosa e delicada, escura e triste. pega-se para mim e fala com voz fica.

-Ouça, tia, como te chama?

Vacilo.

-Clare -respondo finalmente.

A mulher se volta para olhar ao Ingrid.

-Clare. Uma palavra a ter em conta. Está-te colocando onde não lhe chamam. Henry é um pássaro de mau agouro, mas é o pássaro do Ingrid, e é uma louca se te atar com ele. Ouve o que te estou dizendo?

Não quero saber nada, mas não posso me controlar.

-Do que está falando?

-foram casar se, mas então Henry rompeu o compromisso, disse ao Ingrid que o sentia, que não importava nada, que o esquecesse tudo. Eu lhe hei dito que está muito melhor sem ele, mas ela não me escuta. Trata-a mau, bebe como se já não fossem destilar mais álcool, desaparece durante dias, logo vem por surpresa como se nada tivesse acontecido e dorme com algo que se esteja o bastante quieta. Sim, senhora. Esse é Henry. Quando te fizer chorar a pleno pulmão, não diga que ninguém te advertiu. -A mulher se gira em redondo e volta para onde está Ingrid, que segue me olhando com um desespero incondicional.

Devo estar as contemplando boquiaberta.

-Sinto-o -lhes digo, e escapo.

Perambulo entre as salas e finalmente encontro um reservado que está vazio, salvo pela presença de uma jovencita gótica, desvanecida sobre um sofá de vinil e com um cigarro aceso entre os dedos. Agarro-o e o apago em um ladrilho sujo. Sinto-me no braço do sofá e a música vibra e penetra por minha rabada até alcançar o espinho dorsal. Noto-a nos dentes. Ainda tenho que fazer pis, e me dói a cabeça. Quero chorar. Não compreendo o que acaba de ocorrer. Quer dizer, sim o

compreendo, mas não sei o que deveria fazer a respeito. Não sei se deveria esquecê-lo, simplesmente, ou me zangar com o Henry e lhe exigir uma explicação... Esperava algo distinto possivelmente? Oxalá pudesse enviar uma postal ao passado, a esse velhaco do Henry a quem não conheço: "Não faça nada. me espere. Oxalá estivesse aqui"!

Henry tira a cabeça pela esquina.

-Ao fim te encontro. Acreditava que te tinha perdido.

Tem o cabelo curto. Ou Henry se cortou o cabelo durante a última meia hora, ou estou olhando a minha pessoa favorita e cronodesplazada. Levanto-me de um salto e me lanço em seus braços.

-Ufff... Né, eu também estou contente de verte.

-Joguei-te tanto de menos... -digo-lhe chorando.

-Leva várias semanas comigo de forma quase ininterrupta.

-Já sei mas... Você ainda não é você... Quero dizer que é diferente. Maldita seja.

Apóio-me contra a parede e Henry se aperta contra mim. Beijamo-nos, e então começa a me lambe a cara como mamãe gata. Intento ronronar e me ponho a rir.

-Será bode... Está tentando me despistar para que não te pergunte por seu comportamento canalha.

-Que comportamento? Eu não sabia que existia, e saía com o Ingrid a meu pesar. Rompi com ela quando nem sequer fazia vinte e quatro horas que te conhecia. Vá, suponho que a infidelidade não é retroativa, verdade?

-Ela me há dito que...

-Quem?

-A mulher negra. -Imito com um gesto seu cabelo comprido-. Baixa, com olhos grandes e tranças ao rasta...

-Acabássemos! É Celia Attley. Despreza-me. Está apaixonada pelo Ingrid.

-Há-me dito que foste casar te com o Ingrid, que bebe sem parar, que follas por toda parte e basicamente que é uma má pessoa. Aconselhou-me que saia correndo.

Isso é o que me há dito.

Henry se encontra dividido entre a mofa e a incredulidade.

-Bom, há algo de certo em todo isso. É verdade que follo onde posso, e muito; e sem dúvida tenho fama de beber quantidades incomensuráveis de álcool. Agora bem, não estávamos comprometidos. Nunca estive tão louco para me casar com o Ingrid. Nossa convivência era mais desgraçada que a da realeza.

-Então não entendo por que...

-Clare, há muito poucas pessoas que encontrem a sua meia laranja aos seis anos. portanto, terá que passar o momento de algum jeito. Ingrid era muito... paciente, extremamente paciente; e com vontade suficiente para suportar minha conduta estranha, com a esperança de que algum dia eu me retrataria e me casaria com seu martirizado curo. Quando alguém tem tanta paciência contigo, terá que mostrar-se agradecido, mas a verdade é que então lhe entram vontades de feri-lo. Tem isto algum sentido para ti?

-Suponho que sim. Bom, em realidade, não, para mim não; eu não penso assim.

Henry suspira.

-É um detalhe por sua parte manifestar sua ignorância ante a retorcida lógica da maioria das relações. Confia em mim. Quando nos conhecemos, eu estava destroçado, feito pó e condenado; e agora começo a me recuperar porque vejo que é um ser humano e sei que também eu gostaria de sê-lo. Intento fazê-lo sem que te dê conta, porque ainda não entendi que é inútil fingir ante o outro. Entretanto, dista um comprido caminho entre o eu com o que te relaciona em 1991 e o meu, que te fala agora. mesmo e que procede de 1996. Tem que te esforçar em me ajudar; eu sozinho não poderei consegui-lo.

-Sim, mas custa muito. Não estou acostumada a ser a professora.

-Bom, sempre que se sinta desanimada pensa em todas as horas que passei, que estou passando, com seu eu infantil. Matemática moderna e botânica, ortografia e história da América. Quer dizer, se sabe me insultar em francês é porque me sentei contigo e te ensinei.

-Não lhe negarei isso: IL aos défauts de é qualités. Entretanto, arrumado o que seja a que é mais fácil ensinar todo isso que ensinar como ser... feliz.

-Pensa que você me faz feliz. Tratar de viver sendo feliz é o mais difícil do assunto. -Henry brinca com meu cabelo, retorcendo-o como se formasse pequenos nós-. Escuta, Clare. vou devolver te a esse pobre imbecil com o que vieste. Estou sentado acima, sinto-me deprimido e não deixo de me perguntar onde te colocaste.

Dou-me conta de que esqueci a meu Henry atual pela alegria de voltar a ver meu Henry passado e futuro, e me envergonho por isso. Sinto um desejo quase maternal de ir consolar a esse menino estranho que se está convertendo no homem que tenho ante mim, que me beija e me deixa, não sem me aconselhar antes que me leve bem. Quando subo pelas escadas, vejo o Henry de meu futuro lançar-se para a turfa de bailarinos, e me desagrado como em um sonho para me encontrar com o Henry que é o homem de meu momento presente.

Véspera de natal, três

Terça-feira 24, quarta-feira 25, quinta-feira 26 de dezembro de 1991
Clare tem 20 anos, e Henry 28

Clare: São as 8.32 de 24 de dezembro, e Henry e eu vamos de caminho a Casa Cotovia do Prado a passar os Natais. É um dia espaçoso e precioso, e aqui em Chicago não neva, mas no South Haven há quinze centímetros de neve. antes de partir Henry passa um bom momento repassando a bagagem do carro, comprovando os pneumáticos e olhando sob o capô. Não acredito que tenha a mais remota idéia do que está procurando. Meu carro é um Funda Civic muito bonito de 1990, branco, e eu adoro, mas Henry odeia profundamente viajar de automóvel, sobre tudo em carros pequenos. É um co-piloto terrível, agarra-se ao braço da porta e se passa o momento freando quando circulamos. Certamente não teria tanto medo se pudesse ser o condutor, mas por razões óbvias Henry não tem carteira de conduzir. Finalmente nos metemos na auto-estrada de pedágio que leva a Indiana este muito formoso dia de inverno; estou tranqüila, e tenho muitas vontades de ver minha família, mas Henry me está tocando os narizes. Por desgracia, e para piorar a situação, não foi a correr esta manhã. Dei-me conta de que Henry necessita umas dose incríveis de atividade física e continuada para ser feliz. É como sair a passear com um galgo. Resulta distinto viver com o Henry em tempo real. passou-se toda minha infância indo e vindo, e nossos encontros eram concentrados, dramáticos e desconcertantes.

Henry sabia muitíssimas coisas que não queria me contar, e a maior parte do tempo não me permitia que me aproximasse dele. portanto, sempre me embargava a sensação de estar profundamente insatisfeita. Quando, ao final, encontrei-o no presente, pensei que seria como antes; mas, de fato, em certo sentido foi muitíssimo melhor. Em primeiro lugar, e sobre tudo, já não se nega a me tocar, ao contrário, Henry me acaricia, beija-me e me faz o amor constantemente. Sinto-me como se me tivesse convertido em uma pessoa diferente, em alguém que se sumerje em um quente lago de prazer. Além disso, conta-me coisas! Tudo o que lhe pergunto sobre ele, sua vida e sua família... conta-me isso, com nomes, lugares e datas. Sucessos que me pareciam de tudo misteriosos de pequena me revelam como perfeitamente lógicos. Não obstante, o melhor de tudo é que o vejo durante compridos períodos de tempo: horas e dias. Sei onde encontrá-lo. vai trabalhar e retorna a casa. Às vezes abro minha agenda só para olhar a entrada onde diz: Henry DeTamble, Dearborn, 714, 11°, Chicago, Illinois-60610, 312-431-8313. Um sobrenome, uma direção, um número de telefone. Posso

chamá-lo por telefone! É um milagre. Sinto-me como Dorothy o dia que sua casa aterrissou em Oz e o mundo passou de ser em branco e negro a converter-se em um mundo em cor. deixamos atrás Kansas.

De fato, estamos a ponto de atravessar Michigan quando aparece uma estação de serviço. Entro no estacionamento e saímos do carro a estirar as pernas. Entramos no edifício, vemos mapas e folhetos para os turistas e uma imensa fileira de máquinas vendedoras.

-Uauuu -exclama Henry, quem se aproxima das máquinas para inspecionar toda a comida lixo que vendem; logo começa a ler os folhetos-. "Né, vamos ao Frankenmuth! O Natal duro os trezentos e sessenta e cinco dias do ano!" Que espanto! Faria-me o haraquiri ao cabo de uma hora. Tem mudança?

Encontro um punhado de moedas no fundo do moedeiro e as gastamos com alegria em dois Coza-colas, uma caixa do Good & Plenty e uma barrita Hershey. Saímos de novo ao ar frio e seco, agarrados do braço. Já no carro, abrimos as Coza-colas e consumimos açúcar. Henry me olhe o relógio.

-É patético. Solo são as 9.15.

-Bom, dentro de um par de minutos serão já as 10.15.

-Se você o disser... Michigan está a uma hora de caminho. É do mais surrealista.

-Tudo é surrealista -lhe digo, com o olhar fixo nele-. Não posso acreditar que vás conhecer realmente a minha família. passei tanto tempo te escondendo deles...

-aceitei porque te amo com loucura. Aqui onde me tem, passei-me a vida evitando viajar por rodovia, conhecer as famílias de minhas noivas e celebrar o Natal.

O fato de que me em frente às três coisas de uma vez demonstra que te quero.

-Henry... -Volto-me para ele e nos beijamos. O beijo começa a converter-se em algo mais quando, pela extremidade do olho, vejo três meninos adolescentes com um grande cão, plantados a uns metros de nós e nos observando com interesse. Henry se volta para ver o que é o que estou olhando, e os moços sorriem e levantam o polegar antes de encaminhar-se com tranquilidade para o reboque de seus pais...

-Por certo... Como solucionaram em sua casa o tema das camas?

-Ufff, fatal. Etta me chamou ontem para me falar disso. Eu dormirei em minha habitação e você no dormitório azul. Separa-nos o corredor inteiro; meus pais e Alicia dormem nas duas habitações do meio.

-Devemos respeitar o acordo com convicção?

Acendo o motor do carro e voltamos para a auto-estrada.

-Não sei porque nunca o vivi antes. Mark se leva a sua noiva ao piso de abaixo, à sala das visitas, tornam-se no sofá e se ouvem suas gargalhadas de madrugada, enquanto todos fingimos não nos dar conta. Se as coisas se complicarem, sempre podemos baixar à sala de leitura; eu estava acostumado a te esconder ali.

-Mmmm. Já, bem. -Henry olhe pela janela durante um momento-. Sabe? Não é tão mau, depois de tudo.

-O que?

-Ir por rodovia. Em automóvel. Pela auto-estrada.

-Caray! O próximo que me dirá é que quer ir em avião.

-Isso jamais.

-Paris, Cairo, Londres, Kioto...

-De maneira nenhuma. Estou convencido de que viajaria através do tempo e sabe Deus se seria capaz de retornar a um objeto que voa a cinco mil e seiscentos quilômetros

por hora. Poderia terminar me precipitando do firmamento, como Icaro.

-De verdade?

-Não penso averiguá-lo, isso seguro.

-Não poderia chegar viajando através do tempo?

-Bom, tenho uma teoria. Claro que solo se trata da Teoria Especial sobre Viagens através do Tempo segundo Henry DeTamble, e não pode considerar uma Teoria Geral sobre a Viagem através do Tempo.

-Compreendo-o.

-Em primeiro lugar, considero que é assunto que compete ao cérebro. Acredito que é um fenômeno muito parecido ao da epilepsia, porque tende a ocorrer quando me sinto exausto e se dão certas condições físicas, como, por exemplo, a presença de luzes parpadeantes, que podem desencadeá-lo. Por outro lado, atividades como o correr, o sexo e a meditação me ajudam a me manter ancorado no presente. Em segundo lugar, não exerço nenhuma classe de controle consciente sobre o lugar e o momento aonde vou, a duração de minha viagem ou minha volta. portanto, programar uma viagem através do tempo para ir a Revisse teria poucas probabilidades de êxito. Dito o qual, devo acrescentar que meu subconsciente parece exercer um controle extraordinário, porque passo muitíssimo tempo no passado, presenciando acontecimentos que são interessantes ou importantes para mim; e é evidente que acontecerei mais tempo, se couber, te visitando ti, algo que desejo com todo meu coração. Pelo general, vou a lugares nos que já estive em tempo real, apesar de que é certo que também vou parar a outros tempos e espaços mais infelizes. Entretanto, estou acostumado a ir ao passado em vez do futuro.

-foste ao futuro? Não sabia que pudesse fazer isso.

Henry parece satisfeito de si mesmo.

-No momento minha cota é de cinquenta anos nas duas direções. Agora bem, é muito estranho que vá ao futuro, e a verdade é que não acredito ter visto muitas coisas que me resultem úteis. Sempre é uma viagem muito breve; e pode que além disso seja incapaz de compreender o que estou vendo. É o passado o que exerce uma profunda atração sobre mim. No passado me sinto muito mais seguro. Possivelmente porque o futuro em si mesmo é menos substancial... Não sei. Sempre noto como se respirasse um ar rarefeito quando estou no futuro. É uma das razões pelas quais deduzo que me encontro no futuro: noto-me distinto. Custa-me muito mais correr. -Henry lança o comentário com ar pensativo, e, de repente, sinto um indício de terror ao imaginar em um tempo e um lugar estranhos, sem roupa, sem amigos...

-Por essa razão, seus pés...

-São como o couro.

As novelos dos pés do Henry possuem grosas calosidades, como se pretendessem converter-se em sapatos.

-Sou um animal unglado. Se alguma vez ocorre algo a meus pés, mais vale que me remate de um disparo.

Circulamos em silêncio durante um momento. A estrada se eleva e descende, campos murchos de espigas de milho salpicam a paisagem. Umas granjas se erguem caídas sob o sol do inverno, mostrando suas caminhonetes, reboque para cavalos e carros americanos, estacionados em fila nos largos caminhos de entrada. Suspiro. Voltar para casa é uma experiência do mais complexa. Morro por ver a Alicia e Etta, preocupa-me minha mãe e não gosta de muito ter que tratar com meu pai e Mark. Agora

bem, sinto curiosidade por ver como as arrumam com o Henry, e ele com eles. Orgulha-me o fato de ter mantido ao Henry em segredo durante tanto tempo. Quatorze anos. Quando é uma menina, quatorze anos equivalem a toda uma vida.

Passamos diante de um Wal-Mart, Reina-a dos Lácteos e um McDonald'S. Mais campos de milho. Um horta. Um Você Sirva-se Mesmo de morangos, e outro de arândanos. No verão esta estrada é um comprido passadiço no que se concentra a fruta, o grão e o capitalismo. Não obstante, agora os campos estão mortos e secos, e os carros aceleram pela ensolarada e fria rodovia, fazendo caso omissos dos estacionamentos que lhes fazem gestos.

Não pensei no South Haven até que mudei a Chicago. Nossa casa sempre me pareceu uma ilha, cravada em uma zona segregada do sul, rodeada pelo prado, os hortas, os bosques e as granjas; e South Haven era simplesmente "a cidade", como quando dizíamos: "baixemos à cidade a tomar um sorvete". A cidade eram as lojas de comestíveis, as lojas de informática, a padaria Mackenzie e as partituras e os discos do Empório da Música, a loja preferida da Alicia. Estávamos acostumados a ficar frente ao Estudo de Fotografia Appleyard para nos inventar histórias sobre as noivas, os bebês e as famílias que sorriam com essas horríveis caretas da cristaleira. Não acreditávamos que a biblioteca tivesse um aspecto estranho baixo esse esplendor grego de oropel, e tampouco considerávamos que a cozinha fora limitada e insípida ou que os filmes que jogavam no Teatro Michigan fossem invariavelmente história intrascendentes. Foi mais tarde quando troquei de opinião, depois de me converter em uma habitante da cidade, uma expatriada ansiosa de distanciar do estilo paletó de sua juventude. De repente, consome-me a nostalgia por essa menina que fui, que amava os campos e acreditava em Deus, que passava muitos dias de inverno doente em casa, sem assistir à escola, lendo ao Nancy Drew e chupando pastilhas de hortelã para a tosse, que sabia, enfim, guardar um segredo. Jogo uma olhada ao Henry e vejo que se ficou dormido.

South Haven, oitenta quilômetros; quarenta e dois, dezenove, cinco, um; estrada do Phoenix, rodovia Estrela Azul e, finalmente, avenida Meagram. Toco ao Henry para despertá-lo, mas descubro que já está acordado. Sorri nervoso e olhe pela janela o inacabável túnel de árvores inverniais e nuas, mientras circulamos a toda velocidade. Quando a grade aparece ante nossa vista, rebusco no porta-luvas para agarrar o mando, as grades se abrem e penetramos na propriedade.

A casa aparece ante nós como o cunhado de um conto. Henry deixa escapar um assobio de admiração, e começa a rir.

-O que? -digo-lhe à defensiva.

-Não me tinha dado conta de que fora tão enorme. Quantos dormitórios tem este monstro?

-Vinte e quatro.

Etta nos saúda da janela do vestibulo, enquanto percorro o atalho curvo da entrada principal e me detenho. Tem o cabelo mais cinza que a última vez que estive em casa, mas a alegria avermelha suas bochechas. Enquanto saímos do automóvel, Etta começa a baixar com cautela os sorvetes de graus centrais sem o casaco posto e luzindo seu melhor vestido, o azul marinho com o pescoço em forma de laço, tentando manter o equilíbrio de seu rechoncha figura sobre uns sapatos muito formais.

Adianto-me para agarrá-la do braço, mas ela me despede com dramalhões até que chega abaixo, e então me dá um abraço e um beijo (respiro com imenso prazer o aroma a Noxzema e pós que despede Etta) enquanto Henry permanece junto a mim, esperando.

-O que temos aqui? -pergunta Etta, como se Henry fora um menino a quem houvesse trazido comigo sem avisar.

-Etta Milbauer, Henry DeTamble.

Vejo um dissimulado "ah!" no rosto do Henry e me pergunto quem acreditava que era. Etta sorri ao Henry enquanto subimos a escalinata e nos abre a porta principal.

Henry baixa a voz e me pergunta:

-E nossas coisas?

-Peter se encarregará das malas. Por certo, onde está todo mundo?

Etta nos diz que o almoço estará preparado em quinze minutos e que nos dá tempo a que nos tiremos os casacos e nos arrumemos antes de comer. Deixa-nos no vestíbulo e se retira à cozinha. Volto-me, me Quito o casaco e o penduro no armário do saguão. Quando me dou a volta de novo, vejo que Henry está saudando alguém com a mão. Fixo-me bem e vejo o Nell, que aparece sua cara larga e de nariz arrebitado pela porta do comilão, sorrindo, e atravesso o vestíbulo correndo para lhe dar um besazo bem úmido. Ela ri pelo gesto e me diz:

-Que homem mais bonito, minha payasita! -E logo se escapule para a outra sala, antes de que Henry possa unir-se a nós.

-É Nell? -conjetura ele.

-Não é que seja tímida -lhe confirmo com um gesto de assentimento-, mas sim anda muito atarefada.

Subimos as escadas de atrás até o segundo piso.

-Você dormirá aqui -lhe digo, abrindo a porta do dormitório azul. Henry joga uma olhada ao interior e me segue por Esta corredor é minha habitação -lhe digo com apreensão, e Henry se desliza a meu lado e se situa em meio do tapete para observar, e quando se volta para mim, vejo que não reconhece nada: nenhum objeto de meu dormitório significa nada para ele, e a falta da certeza se crava até o fundo: todos os pequenos obséquios e lembranças deste museu de nosso passado são como cartas de amor para um analfabeto. Henry escolhe o ninho de um chochín (que resulta ser o primeiro dos numerosos ninhos de pássaro que me deu de presente ao longo de todos esses anos) e diz:

-É bonito.

Assento, e já abro a boca para dizer-lhe quando, deixando o ninho na estanteria, pergunta-me:

-Essa porta fecha?

Fecho com chave e chegamos tarde a comer.

Henry: Sinto-me bastante tranqüilo quando sob as escadas detrás o Clare, atravesso o escuro e frio vestíbulo e entro no comilão. Estão todos comendo. A habitação é de teto baixo e muito cômoda, de um estilo ao William Morris; a atmosfera resulta cálida pelo fogo que crepita na pequena chaminé, e os ventanales estão tão congelados que não se vê nada através deles. Clare se aproxima de uma mulher magra, com o cabelo de um tom avermelhado claro, que deve ser sua mãe. Inclina a cabeça para receber o beijo do Clare e apenas se levanta para estreitar minha mão. Clare me apresenta isso como "minha mãe", e eu a chamo "senhora Abshire", ao qual ela responde imediatamente: "Não, não, deve me chamar Lucille, como todo mundo". Sorri esgotada, embora com calidez, como se fora um brilhante sol de alguma remota galáxia. Sentamo-nos à mesa,

o um fronte ao outro. Clare se senta entre o Mark e uma senhora maior, que resulta ser a tia avó Dulcie; eu o faço entre a Alicia e uma preciosa loira relenita que nos apresentam como Sharon, e que parece ter vindo com o Mark. O pai do Clare se senta à cabeceira da mesa, e minha primeira impressão é que lhe causei uma profunda inquietação. O muito bonito e retorcido Mark parece também chateado. Não é a primeira vez que me vêem. Pergunto-me o que devi fazer para que advertissem minha presença, recordem-me e dêem um ligeiro coice de aversão quando Clare me apresenta isso. Entretanto, Philip Abshire, como bom advogado, domina suas expressões faciais, e em seguida se mostra afável e sorridente, o anfitrião, o pai de minha noiva, um homem de média idade que se está ficando calvo, com óculos de aviador e um corpo atlético que perdeu tom e começa a voltar-se fondón, mas que ainda conserva umas mãos fortes, mãos de jogador de tênis, e uns olhos cinzas que seguem me olhando com receio, apesar de sua expressão de confiança. Ao Mark custa bastante mais dissimular seu desgosto, e cada vez que cruza o olhar com ele, desvia os olhos para o prato. Alicia não é como me imaginava; é direta e agradável, mas um pouco estranha, está como ausente. Tem o cabelo escuro do Philip, ao igual a Mark, e os rasgos do Lucille, mais ou menos; diria-se por seu aspecto que Alicia é uma combinação desafortunada entre o Clare e Mark, como se alguém, ao ver o resultado final, tivesse jogado mão de uma espécie da Eleanor Roosevelt para preencher os ocos. Philip faz um comentário e Alicia ri, e nesse preciso instante se revela encantadora, e me volto para ela surpresa, enquanto se levanta da mesa.

-Tenho que partir a São Basílio -informa-. Tenho ensaio. Virá à igreja?

Aventuro um olhar para o Clare, que assente fracamente, e confirmo minha assistência a Alicia. Todos suspiram com um pouco parecido ao alívio, possivelmente. Lembro-me então que os Natais, depois de tudo, são umas festas cristãs, além de ser meu dia de expiação pessoal. Alicia parte. Imagino a minha mãe rendendo-se de mim, arqueando suas bem depiladas sobrelanceiras ante a visão de seu filho meio judeu abandonado em pleno Natal em terra de gentis, e mentalmente levanto o dedo para admoestá-la. "Olhe quem foi falar-lhe digo-. Você se casou com um episcopaliano." Fixo-me em meu prato e me dou conta de que é presunto com ervilhas e uma ensaladita decadente. Não como toucinho, e além disso odeio as ervilhas.

-Clare nos contou que é bibliotecário -diz Philip, iniciando um esforço de conversação.

Confirmo-lhe que é certo, e conversamos alegremente sobre a Newberry e os membros do patronato, que também são clientes da escrivania do Philip, o qual parece ser que tem sua sede em Chicago, por isso não fica muito claro por que a família do Clare vive tão longe, em Michigan.

-Residências veraniegas -me diz, e lembro-me que Clare me explicou que seu pai estava especializado em sucessões e recursos de investimentos. Imagino a ricos maduritos jogados em suas praias privadas, lubrificando-se com protetor solar, enquanto decidem que vão deserdar a seu filho maior e agarram o móvel para chamar o Philip. Lembro-me que AVI, que é primeiro violino junto com meu pai, que é segundo da Orquestra Sinfônica de Chicago, tem uma casa pelos arredores. Quando menciono o tema, todos me emprestam atenção.

-Conhece-o? -pergunta Lucille.

-Claro. Ele e meu pai se sentam juntos.

-sentam-se juntos?

-Pois, sim... Como primeiro e segundo violino.

-Seu pai é violinista?

-Sim -Miro ao Clare, que não deixa de acribillar a sua mãe com uma expressão de "não me ponha em ridículo" desenhada no rosto.

-Toca para a Orquestra Sinfônica de Chicago?

-Sim.

O rosto do Lucille se tingiu de rosa; agora já sei de onde provém o rubor do Clare.

-Crie que quereria ouvir como toca Alicia? Podemos lhe entregar uma cinta?

Espero com denodo que Alicia seja boa, que seja muito bom. A gente não pára de lhe enviar cintas a meu pai. Entretanto, me ocorre uma idéia melhor.

-Alicia é violoncelista, não?

-Sim.

-Está procurando professor?

-Estuda com o Frank Wainwright no Kalamazoo -intervém Philip.

-Digo-o porque poderia dar a cinta ao Yoshi Akawa. Um de seus alunos acaba de partir porque lhe ofereceram um emprego em Paris.

Yoshi é um tipo fantástico e primeiro chelo da orquestra. Sei que ao menos ele sim escutará a cinta; meu pai, em troca, que não dá classes, limitará-se a jogá-la ao cubo do lixo. Lucille se mostra efusiva; inclusive Philip parece agradado. Ao Clare a vê aliviada. Mark come. A tia avó Dulcie, diminuta com seu cabelo rosa, faz caso omisso ao intercâmbio de palavras que se produz ante ela. Talvez é surda. Jogo uma olhada a Sharon, que segue sentada a minha esquerda e não há dito nenhuma só palavra. A vê desgraçada. Philip e Lucille estão discutindo que cinta deveriam me dar ou se possivelmente Alicia teria que gravar uma nova. Pergunto a Sharon se for a primeira vez que vem, e a moça assente. Quando começo a falar com ela, Philip pergunta a que se dedica minha mãe, e piscada de incredulidade; lanço um olhar ao Clare que significa: "Mas não lhes contaste nada?".

-Minha mãe era cantante, mas morreu faz tempo.

-A mãe do Henry era Annette Lyn Robinson -diz Clare com voz fica.

É como se lhes houvesse dito que era a Virgem María; o rosto do Philip se ilumina. Lucille não pode evitar fazer dramalhões com as mãos.

-Incrível... É fantástico! Temos todos seus discos... -Und sou wiete.

-Conheci-a quando eu era jovencita -diz então Lucille-. Meu pai me levou a ver seu Madame Butterfly, e como ele conhecia alguém de dentro, fizeram-nos passar entre decorações. Fomos a seu camarim, e aí estava ela, rodeada de tantíssimas floresça! Estava com seu filho pequeno... Claro, foi você!

Assento, tentando recuperar a voz.

-Que aspecto tinha ela? -pergunta Clare.

-vamos esquiar esta tarde? -pergunta Mark, ao qual Philip assente.

Lucille sorri, perdida em seus ensoñaciones.

-Era tão bonita... Ainda levava posta a peruca, essa larguíssima juba negra, e brincava com o menino, lhe fazendo cócegas com o cabelo, enquanto a criatura dançava pelo camarim. Tinha umas mãos preciosas, e era de minha mesma estatura, muito esbelta. Era judia, claro, mas pensei que parecia mas bem italiana... -Lucille se exclama e se leva uma mão aos lábios. Seus olhos se equilibram sobre meu prato, que está limpo, salvo pela presença de uns quantos ervilhas.

-É judeu? -pergunta Mark com afabilidade.

-Suponho que poderia sê-lo, se quisesse, mas ninguém o propôs em realidade. Minha mãe morreu quando eu tinha seis anos, e meu pai é um episcopaliano renegado.

-Parece-te muitíssimo a ela -opina Lucille, e lhe agradeço o comentário.

Etta se leva nossos pratos e pergunta a Sharon e a mim se tomarmos café. Ambos dizemos que sim de uma vez, com tanta veemência que toda a família do Clare fica a rir. Etta nos dedica um sorriso maternal e uns minutos depois coloca umas fumegantes taças de café diante de nós. Penso que não foi uma experiência tão negativa, depois de tudo. Falam de ir-se esquiar, e do tempo. Levantamo-nos e Philip e Mark saem ao vestíbulo; eu pergunto ao Clare se partir a esquiar com eles, ela se encolhe de ombros e me pergunta se gosta de ir. Digo-lhe que não sei esquiar, e que tampouco tenho nenhum interesse em aprender. Entretanto, Clare decide ir de todos os modos quando Lucille comenta que necessitará que alguém a ajude com as fixações. Ao subir pelas escadas, ouço que Mark diz: "... um parecido incrível. ..", e sorrio para meus adentros.

Mais tarde, quando já se partiram todos e a casa está em silêncio, aventuro-me a descer de meu sorvete dormitório em busca de calor e mais café. Atravesso o comilão, entro na cozinha e vejo ante meus olhos uma surpreendente exposição de cristaleria, faqueiro, bolos, verduras cortadas e frigideiras ao fogo, que fazem que a cozinha se assemelhe aos fogões de um restaurante de três garfos. No meio do cenário vejo o Nell, de costas a mim, cantando Rudolph, a rena do nariz vermelho, arqueando seus enormes quadris e brincando com o rociador de sucos ante uma garotinha negra que me assinala em silêncio. Nell se gira em redondo e me dedica uma desdentada e sincero sorriso.

-O que está fazendo em minha cozinha, senhor noivo?

-Queria lhe perguntar se tiver demasiado café.

-Se tiver demasiado? Acaso crie que sotaque repousar o café todo o dia para que se estrague? Venha, venha, menino, sal de minha cozinha e vá sentar te na sala de estar. Tira da campainha, que eu te prepararei café recém feito. Não te disse sua mãe que o café alguma vez deve guardar-se?

-A verdade é que minha mãe não era muito boa cozinheira -lhe digo, me aventurando para o centro do vórtice. Um aroma delicioso impregna a cozinha-. O que está preparando?

-O que está cheirando é um peru Thompson -diz Nell, abrindo o forno para me mostrar um peru monstruoso que parece uma vítima do grande incêndio de Chicago. Está completamente negro-. Não o olhe com tanta desconfiança, menino. Baixo essa crosta está o melhor peru que possa comer no planeta terra.

Acredito- com convicção, porque o aroma é incrível.

-O que é um peru Thompson?

Nell me dá uma conferência sobre as propriedades milagrosas do peru Thompson, inventado pelo Morton Thompson, um vendedor de periódicos, nos anos trinta. Parece ser que é necessário preencher, orvalhar com seu suco e voltear muitíssimas vezes esta criatura maravilhosa para conseguir um resultado espetacular. Nell me permite que fique em sua cozinha enquanto me prepara o café, briga com o peru para tirá-lo do forno, luta com ele para pô-lo de costas e finalmente, com muita arte, verte molho de cidra por todo o animal antes de embuti-lo de novo em seu receptáculo. Doze lagostas se arrastam por um enorme contêiner de plástico cheio de água que há perto da pia.

-São os mascotes? -digo-lhe brincando.

-Esse é seu jantar de Natal, moço; quer escolher uma? Suponho que não será vegetariano, verdade?

Asseguro-lhe que não, que sou um menino bom que sempre se come tudo o que lhe põem no prato.

-Quem o diria! Está tão magro... Já me encarregarei eu de te alimentar bem.

-Por isso me trouxe Clare a sua casa.

-Mmmm... já vejo -comenta Nell, encantada-. Muito bem, pois. E agora, comprido, que tenho que seguir trabalhando.

Coxo uma grande taça de um cheiroso café e me encaminho à sala de estar, para a proteção que me proporcionará a imensa árvore de Natal e o fogo da chaminé.

Parece um anúncio da loja Pottery Barn. Instalo-me em um brinca-lhão laranja que há junto ao fogo e começo a folhear um montão de periódicos, quando alguém diz:

-Onde conseguiste o café?

Levanto os olhos e vejo que Sharon se senta diante de mim, em uma poltrona azul que faz jogo com seu pulôver, que é do mesmo tom.

-Olá, sinto muito...

-Não passa nada.

-Eu fui para buscá-lo à cozinha, mas ao parecer terá que atirar de uma campainha que não sei onde está.

Examinamos a habitação e não falta: encontramos a campainha em uma esquina.

-É tão estranho tudo isto... -comenta-me Sharon-. Chegamos ontem, e me passei o dia me movendo com sigilo por todos lados, sabe?, temendo usar o talher equivocado ou um pouco parecido.

-De onde é?

-Da Florida -diz rendo-. Nunca soube o que eram uns Natais brancos até que entrei no Harvard. Meu pai é o proprietário de um posto de gasolina do Jacksonville.

Pensei que quando acabasse a faculdade retornaria ali, porque eu não gosto do frio, mas agora suponho que não fica mais remédio que ficar.

-Mas como, por que?

-Não lhe há isso dito? -exclama Sharon com um olhar de surpresa-. Mark e eu vamos casar nos.

Pergunto-me se Clare sabe; de fato, acredito que se soubesse, me teria comentado isso. Advirto então o diamante que leva Sharon no dedo.

-Felicidades.

-Suponho que sim. Quero dizer, obrigado.

-Vá! Não está segura? De te casar, quero dizer.

Em realidade, diria-se que Sharon esteve chorando, porque tem os olhos inchados.

-Bom, é que estou grávida. Assim...

-Isso não quer dizer necessariamente que...

-Isso é precisamente o que implica, se for católica.

Sharon suspira, e se arrellana na poltrona. A verdade é que conheço várias garotas católicas que se submeteram a abortos e não as partiu nenhum raio divino, mas pelo que vejo Sharon é partidária de uma fé menos acomodaticia.

-Enfim, felicidades. Por certo, quando...?

-Em 11 de janeiro. -Ao ver minha surpresa, não obstante, retifica-. Ah, refere-te ao bebê? Em abril -precisa, fazendo uma careta-. Espero que seja depois das

férias da primavera, de outro modo não sei como me arrumarei isso para... Claro que isso agora não é que importância muito...

-No que vais especializar te?

-Em medicina. Meus pais estão furiosos. Pressionam-me para que dê à criatura em adoção.

-Não gostam de Mark?

-Nem sequer conhecem o Mark. Não se trata disso; têm medo de que não vá à faculdade de medicina e seus sacrifícios tenham sido em vão.

A porta principal se abre e por ela aparecem os esquiadores que vêm de volta. Uma corrente de ar frio se abre passo pela sala de estar e sopra sobre nós. É agradável; dou-me conta de que sentado tão perto do fogo me estou rustiando como o peru do Nell.

-A que hora é o jantar? -pergunto a Sharon.

-Às sete, mas ontem à noite tomamos primeiro um aperitivo na sala. Mark acabava de contar-lhe a seus pais, e a verdade, não me receberam precisamente com os braços abertos. O certo é que foram muito corretos; mas é curioso constatar como as pessoas podem ser agradáveis e mesquinhas ao mesmo tempo. É como se me tivesse ficado grávida por minha conta e risco e Mark não tivesse nada que ver com o tema...

Sinto-me aliviado quando retorna Clare. Leva uma estranha boina verde e bicuda com uma enorme borla pendurando e um horrível pulôver de esqui amarelo sobre uns nos cubra azuis. Está ruborizada pelo frio e entra sorrindo. Tem o cabelo molhado. Quando a vejo caminhar pletórica pela enorme atapeta persa em meias três-quartos e aproximar-se de mim compreendo, que pertence a este lugar, que não é uma aberração, mas simplesmente escolheu outra classe de vida, e isso me alegra. Levanto-me e ela me abraça; e então se volta rapidamente para a Sharon e exclama:

-Acabo de me inteirar! Felicidades!

Clare beija a Sharon, quem me olhe por cima de seu ombro, surpreendida mas sorridente. Mais tarde Sharon me diz:

-Acredito que você te leva a quão única vale a pena.

Nego com a cabeça, mas já sei ao que se refere.

Clare: Falta uma hora para jantar e ninguém se dará conta se nos partirmos.

-Vêem -digo ao Henry-. Saíamos fora.

-É necessário? -queixa-se Henry.

-Quero te ensinar uma coisa.

Pomo-nos os casacos, as botas, os chapéus e as luvas e atravessamos a pisões a casa até sair pela porta traseira. O céu é de um azul ultramarino e está espaçoso.

A neve do prado lhe devolve um reflexo mais pálido, e os dois tons de azul se fundem na escura linha de árvores que marca o início do bosque. É muito logo para ver as estrelas, mas um avião pisca em sua rota pelo espaço. Imagino que a casa deve ver-se como um diminuto ponto de luz do ar, como se fora uma estrela.

-por aqui.

O atalho que conduz ao claro está talher por quinze centímetros de neve. Penso em todas as vezes que pisei a neve sobre rastros de pés nus para que ninguém pudesse ver o rastro que partia do atalho e morria na casa. Agora pisou que alces, e as marcas que deixou um cão enorme.

Os restolhos das novelos mortas sob a neve, o vento, o som de nossas botas. A clareira é um suave cálice de neve azulada; a rocha é uma ilha coroada por um montículo em forma de cogumelo.

-É isto.

Henry se detém, com as mãos nos bolsos do casaco. Gira sobre seus talões para observar o enclave.

-Assim é isto -repete Henry.

Escrutino-lhe o rosto à busca de alguma sinal de reconhecimento. Nada.

-Não tem uma sensação de déjà vu? Henry suspira.

-Minha vida inteira é um larguíssimo déjà vu.

Voltamo-nos e retornamos à casa caminhando sobre nossos próprios rastros.

Mais tarde

adverti ao Henry de que em Véspera de natal nos arrumamos para jantar, e quando me encontro isso no corredor está resplandecente: com o traje negro, a camisa branca e a gravata marrom, pinzada com uma agulha de madrepérola.

-minha mãe! Mas se lhes tiraste brilho aos sapatos!

-Certo. Patético, verdade?

-Está muito bonito; tem todo o aspecto de um jovem arrumado e elegante.

-Quando, de fato, sou o Bibliotecário Punk Deluxe. Pais: alerta vermelha.

-Adorarão-lhe.

-Sou eu quem te adora. Vêem aqui.

Henry e eu ficamos de pé ante o espelho de corpo inteiro que há no alto das escadas, admirando nossas figuras. Eu levo um vestido sem suspensórios de seda cor verde pálida que pertenceu a minha avó. Tenho uma fotografia em que aparece ela vestindo esse vestido durante a Véspera de natal de 1941. Está rendo. Seus lábios são escuros pelo carmim, e sustenta um cigarro na mão. O homem que aparece na fotografia é seu irmão Teddy, ao que mataram na França. Também ri. Henry me passa a mão pela cintura e se mostra surpreso pelas baleias e o espartilho que apalpa sob a seda. Falo-lhe da avó.

-Ela era mais miúda que eu. Solo me dói quando me sinto; os extremos das varinhas de aço me cravam nos quadris.

Henry me beija o pescoço e então alguém tosse e nos separamos de um salto. Mark e Sharon estão de pé na porta do dormitório do Mark, posto que meus pais coincidiram a seu pesar em que não tem nenhum sentido que não o compartilhem.

-Já basta, moços -diz Mark com voz de maestrilla ofendida-. Acaso não aprendestes nada do penoso exemplo de seus maiores?

-Sim -responde Henry-. Vê preparado.

Esgrimindo um sorriso, dá-se uns golpecillos no bolso das calças (que, em realidade, está vazio) e baixamos correndo pelas escadas enquanto Sharon estala em risitas nervosas.

Todos levam já umas quantas taças quando chegamos à sala de estar. Alicia me faz nosso sinal particular com a mão que significa: "Vigia a mamãe. Está fatal".

Minha mãe está sentada no sofá e parece inofensiva, com o cabelo recolhido em um coque alto, suas pérolas e o vestido de veludo pêssego com as mangas de a-citos.

Parece agradada de que Mark lhe aproxime e se sente junto a ela, ri quando lhe dedica uma piada e, por um instante, pergunto-me se Alicia não se equivocou. Então

vejo o modo em que meu pai a está olhando, e me dou conta de que deve haver dito algo horrível justo antes de entrar nós. Meu pai está de pé junto ao carrinho das bebidas e se volta para mim, aliviado, para me servir uma Coca-cola e lhe dar ao Mark uma cerveja e um copo. Pergunta a Sharon e ao Henry o que vão tomar. Sharon pede A Croix e Henry, depois de pensar-lhe uns segundos, pede um uísque com água. Meu pai mescla as bebidas com emano mão direita, e não pode evitar surpreender-se quando Henry joga o escocês pescoço abaixo sem aparente esforço.

-Outro?

-Não, obrigado.

A estas alturas já sei que ao Henry gostaria de agarrar a garrafa e um copo e enroscar-se na cama com um livro, e que se nega a beber outro uísque porque então não teria nenhum reparo em pedir um terceiro e um quarto. Sharon se move ao redor do Henry, e eu os abandono e cruzo a sala para ir sentar me junto à tia Dulcie, sob a janela.

-minha menina, que bonita está!... Não tinha visto este vestido desde que Elizabeth o levou na festa que os Licht deram no Planetário.

Alicia se une a nós; leva um pulôver azul marinho de pescoço alto, com um diminuto buraco no ponto onde a manga se une ao corpo, e uma velha saia escocesa desfiada, com umas médias de lã que lhe fazem bolsas nos tornozelos, como as de uma anciã. Sei que o faz para incomodar a meu pai, mas mesmo assim...

-O que acontece a mamãe? -pergunto-lhe.

Alicia se encolhe de ombros.

-Está cheia o saco com a Sharon.

-O que acontece Sharon? -pergunta Dulcie, lendo nossos lábios-. Me parece uma garota muito agradável. Mais agradável que Mark, se querem saber minha opinião.

-Está grávida -digo ao Dulcie-. vão casar se. Mamãe pensa que é escória branca porque é a primeira pessoa de sua família que pisa em uma universidade.

Dulcie me lança um olhar áspero; ela sabe que eu também sei.

-Lucille, mais que ninguém no mundo, deveria ser um pouco pormenorizada com essa garota.

Alicia está a ponto de lhe perguntar ao Dulcie a que se refere quando soa a campainha que anuncia o jantar e nos levantamos, pavlovianas, para nos dirigir em fila para o comilão. Dá-me tempo a lhe sussurrar a Alicia:

-Está bêbada?

-Acredito que estive bebendo em seu dormitório antes de baixar para jantar -me responde baixinho Alicia.

Aperto-lhe a mão e Henry se aproxima de nós. Entramos no comilão e ocupamos nossos lugares: meus pais sentados a cada um dos extremos da mesa; Dulcie, Sharon e Mark a um lado, com o Mark junto a minha mãe; Alicia, Henry e eu no outro, com a Alicia ao lado de meu pai. A sala está cheia de velas e florecillas que flutuam em terrinas de cristal esculpido. Etta vestiu a mesa com a toalha bordado da avó que costuraram as monjas da Provenza e pôs o serviço de prata e porcelana. Em definitiva, estamos em Véspera de natal, e esta Véspera de natal é exata a todas as que lembrança, salvo pelo fato de que Henry se encontra junto a mim, inclinando obediente a cabeça enquanto meu pai benze a mesa.

-Nosso pai, que está nos céus: em esta noite sagrada lhe damos as obrigado por sua misericórdia e sua generosidade, por que nos procure outro ano de saúde e

felicidade, pelo consolo da família e pelos novos amigos. Agradecemos-lhe que enviasse a seu Filho para que nos guiasse e redimisse sob a forma de um menino indefeso, e lhe damos as obrigado também pelo bebê que Mark e Sharon trarão para a família. Rogamos-lhe que nos ilumine para que amemos mais a outros e sejamos mais pacientes com eles. Amém.

"OH, não -penso-. Agora sim que a tem feito boa." Jogo uma olhada a minha mãe e vejo que lhe ferve o sangue. É impossível adivinhá-lo, se não a conhece: está muito quieta e contempla fixamente seu prato. Nesse momento se abre a porta da cozinha, entra Etta com a sopa e coloca uma pequena terrina diante de cada um de nós.

Meu olhar se cruza com a do Mark; ele inclina ligeiramente a cabeça em direção a nossa mãe arqueando as sobrancelhas, e eu assento quase de modo imperceptível. Mark lhe pergunta algo sobre a colheita de maçãs desse ano e lhe responde. Alicia e eu nos relaxamos um pouco. Sharon me está olhando e eu lhe pisco os olhos um olho.

A sopa é de castanhas e nabos, o qual parece um disparate até que provas a do Nell.

-Uauuu -exclama Henry, e todos rimos e nos terminamos a sopa.

Etta se leva logo as terrinas e Nell traz o peru. É dourado, fumegante, enorme, e todos aplaudimos com entusiasmo, como fazemos cada ano. Nell sorri de brincadeira a orelha e diz, como cada ano:

-Muito bem, pois.

-OH, Nell. É absolutamente perfeito -intervém minha mãe com lágrimas nos olhos.

Nell lhe dirige um olhar áspero e logo olhe a meu pai.

-Obrigado, senhorita Lucille.

Etta nos serve o cheio: cenouras lustradas, purê de batatas e nata de limão; passamos-lhe os pratos a meu pai, que os alaga com uma montanha de peru. Observo ao Henry enquanto dá a primeira dentada ao peru do Nell: acusa a surpresa que se transforma em adoração.

-Acabo de ter uma visão de meu futuro -anuncia, e eu não posso evitar me pôr rígida-. vou abandonar meu ofício de bibliotecário e deverei viver a sua cozinha para render homenagem ao Nell; ou igual me caso com ela.

-chegaste muito tarde -diz Mark-. Nell já está casada.

-Bom, pois então terei que me decantar por lhe render homenagem. Como é que não pesam todos cento e trinta quilogramas?

-Eu estou nisso -intervém meu pai, dando-se golpecitos na pança.

-Eu pesarei cento e trinta quilogramas quando for velha e não tenha que arrastar meu chelo a todas partes -diz Alicia ao Henry-. Viverei em Paris e não comerei nada que não seja chocolate; além disso fumarei puros, injetarei-me heroína e só escutarei ao Jimi Hendrix e The Doors. Verdade que sim, mamãe?

-Eu irei contigo -diz sua mãe com grandilocuência-; mas preferiria escutar ao Johnny Mathis.

-Se te injetar heroína, não terá muito apetite -informa Henry a Alicia, quem o contempla com uma expressão especulativo-. Vale mais que prove com a maconha.

Meu pai franze o cenho. Mark troca de tema.

-ouvi na rádio que vão cair vinte centímetros de neve esta noite.

-Vinte! -exclamamos todos a coro.

-I'm dreaming of a white Christmas... -aventura-se a cantar Sharon sem convicção.

-Espero que não nos caia em cima enquanto estamos na igreja -diz Alicia de mau humor-. Tenho tanto sonho depois de missa...

Conversamos sobre os temporais de neve que vivemos. Dulcie nos conta que ficou apanhada na grande nevada de 1967, em Chicago.

-Tive que abandonar o carro no passeio da Ribeira do Lago e fazer todo o caminho a pé desde o Adams até o Belmont.

-Eu também fiquei apanhado nessa tempestade -diz Henry-. Quase me congelo; mas terminei na reitoria da Quarta Igreja Presbiteriana que há na avenida Michigan.

-Quantos anos tinha? -pergunta meu pai.

Henry titubeia e responde:

-Três. -Me olhe e me dou conta de que se refere a uma experiência que teve viajando através do tempo; e então acrescenta-: Ia com meu pai.

Resulta tão evidente que está mentindo..., mas ninguém parece dar-se conta. Etta entra, retira os pratos e põe o serviço de sobremesa. Depois de um ligeiro atraso, Nell retorna com um pudim de ameixa flambeándose.

-Caray! -exclama Henry.

Nell deixa o pudim diante de minha mãe e as chamas voltam seu pálido cabelo de uma tonalidade vermelho acobreado, como o meu, durante uns instantes, antes de extinguir-se. Meu pai desarrolha o champanha (com um trapo, para que o plugue não tire um olho a ninguém.) Passamo-lhe as taças para que ele as encha e vamos devolvendo a seu dono. Minha mãe curta finas rodela de pudim de ameixa e Etta serve a todos. Há duas taças extra: uma para a Etta e a outra para o Nell, e todos nos levantamos para o brinde.

Meu pai começa:

-Pela família.

-Pelo Nell e Etta, que são como da família, trabalham muitíssimo para tirar adiante nosso lar e têm um enorme talento -diz minha mãe, sem fôlego e com voz fica.

-Pela paz e a justiça-diz Dulcie.

-Pela família -intervém Etta.

-Pelos começos -diz Mark, brindando com a Sharon.

-Por que tenhamos sorte -responde ela.

Toca-me . Miro ao Henry.

-Pela felicidade. No momento presente.

Henry responde com gravidade.

-Por um mundo suficiente, e o tempo.

Meu coração dá um salto, e me pergunto como o soube, mas então me dou conta de que Marvell é um de seus poetas preferidos e que tão solo se está refirindo ao futuro.

-Pela neve, pelo Jesus, por mamãe, por papai, pela tripa, o açúcar e minhas novas sapatilhas Converse vermelhas de cano alta -diz Alicia, e todos rimos.

-Pelo amor -intervém Nell, me olhando fixamente e sorrindo com seu enorme sorriso-, e pelo Morton Thompson, inventor do melhor peru que possa comer-se sobre a face da Terra.

Henry: Durante tudo o jantar Lucille esteve escorando perigosamente da tristeza ao desespero, passando pela euforia. Toda sua família esteve navegando a favor de seu estado de ânimo, com cautela, conduzindo-a a território neutro uma e outra vez, fazendo de barreira, protegendo-a. Entretanto, quando nos sentamos e começamos

a comer a sobremesa, irrompe em soluços silenciosos; tremem-lhe os ombros e aparta a cabeça como se fora a escondê-la sob a asa, como um pássaro sonolento. Ao princípio, sou o único em dar-se conta, e fico sentado, horrorizado, sem saber o que fazer. Logo Philip se fixa nela, e ato seguido a mesa fica em silêncio. levanta-se e se aproxima de sua esposa.

-Lucy... -murmura-. O que acontece, Lucy?

Clare se apressa para ela, lhe dizendo:

-Venha, mamãe. Não passa nada, mamãe...

Lucille nega com a cabeça.

-Não, não, não... -exclama, esfregando-as mãos.

Philip se retira. Clare a consola para que se cale; Lucille não deixa de falar em um tom premente, mas confuso. Ouço um compêndio de palavras ininteligíveis.

-É um grande equívoco... Estragará sua vida... Ninguém me considera nesta família... Hipócrita... -diz Lucille enquanto soluça.

Para minha surpresa é a tia avó Dulcie quem rompe a quietude, produto da comoção.

-minha filha, se alguém for hipócrita nesta casa, essa pessoa é você. Você fez exatamente o mesmo, e não vejo que isso arruinasse a vida do Philip no mais mínimo.

Ao contrário, melhorou, se quer saber minha opinião.

Lucille deixa de chorar e olhe a sua tia, aturdida e silenciosa. Mark dirige um olhar a seu pai, quem assente uma só vez, e logo a Sharon, que está sorrindo como se lhe houvesse meio doido um bingo. Miro ao Clare, que não parece especialmente surpreendida, e me pergunto como sabia ela se Mark o ignorava, e então me assalta a idéia de que Clare sabe tudo: nosso futuro, nosso passado, tudo, e tremo na cálida estadia. Etta traz o café. Não nos alargamos muito.

Clare: Etta e eu deitamos a minha mãe, quem não cessa de desculpar-se, como é habitual nela, e de tentar nos convencer de que se encontra o bastante bem para ir a missa, mas ao final conseguimos que se torne na cama e, em seguida dorme. Etta diz que ficará em casa se por acaso minha mãe se acordada, e eu lhe digo que não seja tola, que ficarei eu, mas Etta é obstinada, assim que a sotaque sentada junto à cama, lendo a são Mateo. Atravesso o corredor e espionagem no dormitório do Henry, mas está escuro. Quando abro minha porta encontro ao Henry decúbito supino em minha cama, lendo Uma ruga no tempo. Fecho a porta com chave e deito a seu lado.

-O que acontece com sua mãe? -pergunta enquanto me situo junto a ele com cuidado, tentando não morrer apunhalada pelo vestido.

-É maniaco-depressiva.

-Foi-o sempre?

-Estava melhor quando eu era pequena. Teve um bebê que morreu, quando eu tinha sete anos, e não pôde suportá-lo. Tentou suicidar-se. Eu fui quem a encontrou.

Lembrança o sangue, por toda parte, a banheira cheia de água sanguinolenta, as toalhas empapadas de sangue. Eu chiava pedindo ajuda, mas não havia ninguém em casa. Henry não diz nada, recosto a cabeça contra ele e vejo que está olhando o teto.

-Clare...

-O que?

-por que não me havia isso dito? Há muitas coisas de sua família que tivesse preferido saber.

-Mas se você já sabia... -Calo-me de repente. Não sabia. Como ia ou seja o?-. Sinto muito. É que... contei-lhe isso quando aconteceu, mas me esquecimento de que o presente é anterior a todo aquilo, e penso que você já sabe tudo...

Henry fica calado uns instantes.

-Bom, eu te contei todo o relacionado com minha família; tenho aberto todos os armários para te mostrar os esqueletos e que você pudesse examiná-los, e me surpreende muito... Enfim, não sei.

-Entretanto, você ainda não me apresentaste isso.

Estou desejando conhecer pai do Henry, mas até hoje me dava reparo tirar o tema.

-Não. Não lhe apresentei isso.

-Fará-o?

-Algum dia lhe apresentarei isso.

-Quando?

Suponho que agora Henry me dirá que estou tentando à sorte, como sempre estava acostumado a fazê-lo quando lhe expor muitas perguntas, mas em lugar disso se incorpora e fica sentado junto à cama, balançando as pernas. Sua camisa está arrugadíssima pelas costas.

-Não sei, Clare. Quando puder suportá-lo, suponho.

Ouçõ pisadas ao outro lado da porta e alguém que se detém. O pomo oscila acima e abaixo.

-Clare? -É a voz de meu pai-. por que fechaste a porta?

Levanto-me e abro. Meu pai vai dizer algo, mas então vá ao Henry e me faz um gesto para que saia ao corredor.

-Clare, sabe que sua mãe e eu não aprovamos que leve a seu amigo ao dormitório -diz com voz tranqüila-. Há muitíssimas habitações nesta casa para...

-Só estávamos falando.

-Podem falar na sala de estar.

-Estava-lhe contando o de mamãe e não queria fazê-lo na sala de estar, vale?

-Carinho, não vejo a necessidade de ter que lhe contar coisas de sua mãe que...

-Depois do numerito que acaba de mostrar, o que se supõe que devo fazer? Henry se dá perfeita conta de que está endoidecida, não é tão estúpido... -Levanto a voz e Alicia abre a porta de seu dormitório e se leva um dedo aos lábios.

-Sua mãe não é uma "endoidecida" -diz meu pai com voz severo.

-Sim que o é -afirma Alicia, entrando na refrega.

-Você não te coloque onde não lhe chamam.

-E uma mierda.

-Alicia! -exclama meu pai com a cara vermelha, os olhos saídos e elevando o tom de voz até gritar.

Etta abre a porta do dormitório de minha mãe e nos olhe aos três com expressão furiosa.

-Façam o favor de ir abaixo se querem gritar -sussurra, e logo fecha a porta.

Olhamo-nos, envergonhados.

-Depois -digo a meu pai-. Se quer me fazer sofrer, faz-o depois.

Henry permaneceu sentado em minha cama todo esse momento, fingindo que não se achava presente.

-Vamos, Henry. vamos sentar nos em qualquer outra parte.

Henry, dócil como um menino rechaçado, levanta-se e me segue escada abaixo. Alicia nos segue com a graça de um elefante. Ao chegar ao pé das escadas Miro para

cima e vejo meu pai que nos observa com ar desconsolado. Excursão então sobre seus talões e chama com os nódulos à porta de minha mãe.

-Né, por que não vemos Que belo é viver!? -pergunta Alicia consultando seu relógio-. A põem no canal sessenta dentro de cinco minutos.

-Outra vez? Acaso não a viu, digamos, umas duzentas vezes?

Alicia sente debilidade pelo Jimmy Stewart.

-Eu não a vi nunca -intervém Henry.

-Alguma vez? -exclama Alicia mostrando-se muito surpreendida-. Como é possível?

-Não tenho televisor.

Agora Alicia está francamente surpreendida.

-avariou-se?

-Não -responde Henry com uma gargalhada-. O que ocorre é que os ódio. Produzem-me dor de cabeça.

Em realidade são um dos desencadenantes de suas viagens através do tempo. A causa está na qualidade lhe pisquem da imagem.

-E não quer vê-la? -aventura Alicia, decepcionada.

Henry me olhar de esguelha; não me importa.

-Muito bem -digo-. A vemos um ratito, mas não poderemos terminá-la. Temos que nos arrumar para ir a missa.

Dirigimo-nos em turba por volta do quarto da televisão, que não está na sala de estar. Alicia acende o aparelho. Um coro está cantando It Came Upon the Midnight Clear.

-Puaj -exclama zombadora-. Olhem esses trajes amarelos de plástico mau. Parecem ponchos para a chuva.

deixa-se cair no chão e Henry se senta no sofá. Eu me acomodo junto a ele. Desde que chegamos me preocupa como devo me comportar com o Henry diante dos distintos membros de minha família. até que ponto posso me sentar perto dele? Se Alicia não estivesse presente, jogaria-me sobre o sofá e apoiaria a cabeça sobre o regaço do Henry. Entretanto, é ele quem reage em seguida, aproxima-se de mim e me passa o braço pelas costas. É um abraço em certo modo premeditado: jamais nos sentaríamos deste modo em nenhum outro contexto. Claro que nunca vemos a televisão os dois juntos. Possivelmente assim é como nos sentaríamos se a víssemos alguma vez. O coro desaparece e começa um turno de anúncios. McDonald's, um concessionário local do Buick, Pillsbury, Lagosta Vermelha: todos nos desejam Feliz Natal. Miro ao Henry, que tem uma expressão de surpresa absoluta desenhada no rosto.

-O que acontece? -pergunto-lhe baixinho.

-É a velocidade. Saltam de um plano a outro cada par de segundos; vou pôr-me doente. -Henry se esfrega os olhos com os dedos-. Acredito que irei ler um momento.

levanta-se e parte da sala. Ao cabo de um minuto, ouço seus passos nas escadas. Eu elevo ao céu uma rápida pregação: "Por favor, Senhor, faz que Henry não viaje através do tempo, sobre tudo agora, que estamos a ponto de ir à igreja e não saberei que desculpa dar". Alicia se tende sobre o sofá quando os créditos iniciais aparecem na tela.

-Não agüentou muito -observa.

-Dão-lhe umas cefaléias terríveis, dessas que tem que te deitar às escuras e não te mover; e se alguém te causa um sobressalto, é como se o crânio te explorasse.

-Ah.

James Stewart agita um montão de folhetos de viagem, mas o compromisso de ter que assistir a um baile impede de partir.

-A verdade é que é muito bonito.

-Refere ao Jimmy Stewart?

-O também. Referia a seu noivo, ao Henry.

Sorrio. Estou tão orgulhosa..., como se eu o tivesse criado.

-Sim -respondo.

Donna Reed sorri radiante ao Jimmy Stewart do outro lado de uma sala abarrotada. ficam a dançar, e o rival do Jimmy Stewart dá a volta ao interruptor que abre a pista de baile e revela que há uma piscina debaixo.

-A mamãe gosta muitíssimo.

-Aleluia.

Donna e Jimmy dançam para trás e caem à piscina; outros convidados, vestidos com trajes de noite, não demoram para mergulhar-se atrás deles enquanto a banda segue tocando.

-Nell e Etta também o passam.

-Fantástico. Agora solo fica acontecer as seguintes trinta e seis horas sem nos carregar essa primeira boa impressão.

-Não te custará muito... A menos que... Não, não seria tão tola... -Alicia me olhe com ar de suspeita-. Acaso está...?

-Claro que não.

-Claro que não -repete ela como um eco-. Deus santo, não posso acreditar o do Mark. Será estúpido o bode...

Jimmy e Donna cantam Garotas do Buffalo, por que não saem esta noite?, enquanto caminham pelas ruas do Bedford Falls resplandcentes, ele vestido com um uniforme de futebol e ela com um penhoar.

-Teria que ter estado aqui ontem. Acreditei que a papai ia dar um enfarte justo diante da árvore de Natal. Imaginei que se precipitaria contra a árvore, que este lhe cairia em cima e que os carregadores de maca teriam que tirar primeiro todos os adornos e os presentes que o teriam sepultado antes de poder lhe praticar os primeiros auxílios.

Jimmy, enquanto isso, oferece- a lua a Donna, e ela aceita.

-Acreditei que tinha aprendido a administrar os primeiros auxílios na escola.

-Teria estado muito ocupada tentando fazer voltar em si a mamãe. Foi uma cena espantosa, Clare. Todo mundo gritava.

-Sharon estava presente?

-Não o dirá a sério! -exclama Alicia com ironia-. Sharon e eu estávamos aqui dentro tentando manter uma conversa educada, claro, enquanto Mark e nossos progenitores se reuniram na sala de estar e não paravam de gritar-se uns aos outros. Não demoramos muito em ficar sentadas em silêncio, escutando.

Alicia e eu intercambiamos um olhar que significa: "Nada novo sob o sol". Nos passamos a vida escutando os gritos de nossos pais, brigando entre eles, brigando conosco. Às vezes penso que se vejo chorar a minha mãe uma só vez mais, partirei-me para sempre e nunca retornarei. Agora mesmo tenho vontades de agarrar ao Henry, agarrar o carro e não parar até chegar a Chicago, onde ninguém grita, ninguém finge que tudo funciona perfeitamente e que nada trocou. Um homem iracundo e barrigão,

que vai vestido com uma camiseta, grita ao James Stewart que deixe de matar de aborrecimento a Donna Reed e a beije de uma vez. Não posso estar mais de acordo com ele, mas Jimmy não é da mesma opinião. Ao contrário, pisa-lhe no penhoar, e como ela segue caminhando, perde-o sem querer. Então se oculta nua no interior de um enorme arbusto de hortênsias.

Aparece um anúncio de Pizza Hut e Alicia tira o som.

-Ouça, Clare...

-me diga.

-Henry esteve alguma vez em casa?

Problemas à vista.

-Não, não acredito. por que?

Alicia se revolve incômoda e aparta o olhar durante uns segundos.

-vais acreditar que me tornei louca.

-O que?

-Verá, ocorreu-me uma coisa muito estranho. Faz muito tempo... Eu devia ter uns dez anos e estava ensaiando quando me lembrei de que não tinha nenhuma camisa limpa para a audição ou o concerto de volta, e Etta e todo mundo se partiram. Mark, que devia fazer de canguru, em realidade estava em seu quarto fazendo bongs ou o que seja... Enfim, a questão é que baixei ao porão, ao quarto da prancha, para ir procurar minha camisa, e então ouvi um ruído, sabe?, como se se abrisse a porta do fundo do porão, a que leva a quarto das bicicletas; uma espécie de ruído como de alguém que passa a toda velocidade. Pensei que se trataria do Peter. Fiquei na porta do quarto da prancha, escutando, e então se abriu a porta do quarto das bicicletas e, Clare, sei que não lhe vais acreditar isso, mas vi um tipo completamente nu que era igualito ao Henry.

Minha risada soa falsa.

-OH, vamos, Alicia.

-Vê-o? -diz Alicia sonriando com tristeza-. Sabia que pensaria que estou louca; mas, juro-lhe isso, aconteceu tal como lhe digo isso. Esse indivíduo parecia um tanto surpreso, refiro-me à lombriga plantada frente a ele, com a boca aberta e me perguntando se esse tio nu ia A... não sei... a me violar, a me matar... Então me olhou e me disse: "Ah, olá, Alicia", logo partiu à sala de leitura e fechou a porta atrás dele.

-Vá!

-Subi correndo as escadas e me pus a esmurrar a porta do Mark, quem me disse que me perdesse, mas ao final consegui que abrisse. ficou tão de pedra que lhe levou um bom momento compreender o que lhe tinha contado. Não me acreditou, claro, mas ao final obtive que baixasse comigo e me acompanhasse à sala de leitura. Estávamos muito assustados quando batemos na porta; foi como em um livro do Nancy Drew, quando pensa que essas garotas são bobas e o que deveriam fazer é chamar à polícia. Entretanto ninguém respondeu. Mark abriu a porta e na sala não havia ninguém. ficou histérico, e começou a dizer que me tinha inventado isso tudo, mas então nos ocorreu que ao melhor o homem tinha subido ao piso de acima, e fomos refugiar nos à cozinha, junto ao telefone, com a enorme faca de trincar do Nell sobre a mesa.

-por que não me contou isso?

-Bom, quando chegaram todos a casa, sentia-me bastante estúpida, e sabia que sobre tudo papai pensaria que era uma artimanha das minhas para ficar com vós,

e que nada de todo aquilo tinha acontecido... A verdade, entretanto, é que não foi nada divertido, e não tive vontades de insistir no tema. -Alicia ri de seus comentários-. Em uma ocasião lhe perguntei à avó se havia fantasmas na casa, mas ela me respondeu que a seu entender, não.

-E esse indivíduo, ou fantasma, parecia-se com o Henry?

-Sim! Juro-lhe isso, Clare. Quase morro quando entraram em casa e o vi. A ele, a esse tipo. Inclusive sua voz soava igual. Bom, que vi no porão tinha o cabelo mais curto, e era maior, pode que tivesse uns quarenta anos...

-Mas se esse tipo tinha quarenta anos e diz que isso aconteceu faz cinco anos... Henry só tem vinte e oito; portanto, nessa época devia ter vinte e três, Alicia.

-Ah, sim; mas é tão estranho, Clare... Tem algum irmão?

-Não; e seu pai não se parece muito a ele.

-Talvez foi alguma espécie de projeção astral ou um pouco parecido.

-Viaje através do tempo -aponto eu, sonriendo.

-Sim, já... Enfim, não deixa de ser muito estranho.

A tela do televisor fica às escuras durante um instante, e logo voltamos a ver a Donna no arbusto de hortênsias e ao Jimmy Stewart que dá voltas com o penhoar dela envolto em um braço. Tira o sarro, e lhe diz que venderá entradas em quem quer vê-la. "Será canalha", penso, e me ruborizo ao recordar todas as coisas desagradáveis que tenho feito ou dito ao Henry a propósito de seu problema com a nudez. Nesse momento, entretanto, aparece um carro em cena e Jimmy Stewart lança a Donna seu penhoar.

-Seu pai sofreu um ataque! -diz-lhe o condutor do carro, e ele parte sem logo que jogar uma olhada a suas costas, enquanto Donna Reed fica desamparada entre a folhagem. Me umedecem os olhos.

-Caray, Clare! Não passa nada. Voltará -me recorda Alicia.

Sorrio, e nos dispomos a ver o senhor Potter perseguindo ao pobre Jimmy Stewart para que abandone a faculdade e fique a dirigir uma casa de empréstimos condenada ao fracasso.

-Bode -diz Alicia.

-Bode -coincido eu.

Henry: Refugiamo-nos na calidez e a luz da igreja do gélido ar noturno e me revolvem as tripas. Nunca assisti a uma missa católica. A última vez que presenciei um serviço religioso foi no funeral de minha mãe. Agarrei-me ao braço do Clare como se fora um cego, e é ela quem me conduz pelo corredor central até chegar a um banco vazio, no que nos acomodamos em fila. Clare e sua família se ajoelham sobre os almofadões do genuflexório, e eu me sinto como Clare me explicou que devo fazer. chegamos cedo. Alicia desapareceu, e Nell está sentada detrás de nós com seu marido e seu filho, a quem a Marinha lhe concedeu uma permissão. Dulcie se senta com uma coetânea. Clare, Mark, Sharon e Philip se ajoelham em fila, guardando atitudes distintas: Clare se mostra coibida; Mark, superficial; Sharon, tranqüila e absorta, e Philip, esgotado. A igreja está cheia de poinsettias. Cheira a cera e a casacos molhados. Um elaborado pesebre com a María, José e sua circunstância preside o extremo direito do altar. A gente vai entrando em fila; escolhem assento e se saúdam entre si. Clare se desliza e se senta junto a mim, Mark e Philip imitam seu

exemplo; Sharon segue de joelhos durante uns minutos mais, e logo terminamos todos sentados em silêncio e em fila, esperando. Um homem vestido com traje sobe ao cenário (altar ou como se chamo) e comprova que os microfones funcionam; estão conectados a uns pequenos suportes de livro. Finalmente desaparece pela parte de atrás. chegou muchíssima gente, a igreja está abarrotada. Alicia, outras duas mulheres e um homem aparecem pela esquerda do cenário, com seus instrumentos nas costas. A loira é violinista e a do cabelo castanho, com um aspecto insignificante, toca a viola; quanto ao homem, que é tão ancião que anda curvado e arrasta os pés, também é violinista. Todos vestem de negro. sentam-se em cadeiras de tesoura, acendem as luzes dos suportes de livro, removem suas partituras, esticam diversas cordas e se olham os uns aos outros para ficar de acordo. De repente, a gente cala, e no silêncio se arranja uma nota larga e muito lento que alaga o espaço, que não remete a nenhuma peça musical conhecida, mas sim se limita a existir, a permanecer. Alicia se inclina tanto como lhe resulta possível a um ser humano, e o som que arranca a seu instrumento parece surgir de um nada, parece originar-se em meus ouvidos, ressonar em meu crânio, como se uns dedos me acariciassem o cérebro. Logo se detém. O silêncio que segue é breve, mas absoluto. Nesse momento os quatro músicos entram em ação. Depois da simplicidade dessa única nota sua música é dissonante, moderna e discordante, e penso se não se tratará de uma peça do Bartok. Mas então identifico o que estou ouvindo; tocam "Noite de paz". Não posso entender por que sonha de um modo tão estranho até que vejo que a violinista loira lhe pega uma patada à cadeira da Alicia e, depois de trocar o ritmo, a peça se centra. Clare me olhe e sorri. Todos na igreja se relaxam. "Noite de paz" cede o passo a um hino que desconheço. Todos se levantam. voltam-se para a parte posterior da igreja e o sacerdote entra pelo corredor central com um comprido séquito formado por meninos e alguns homens vestidos com traje. Desfilam com solenidade para a parte dianteira da igreja e se colocam em seus lugares. A música se detém em seco. "OH, não -penso-, e agora, o que?" Clare me agarra a mão e nos levantamos juntos, entre a multidão, e se existir um Deus, peço-lhe, então, "Deus, permita ficar aqui mesmo, calado e sem chamar a atenção, neste momento presente, aqui e agora".

Clare: Henry tem todo o aspecto de estar a ponto de deprimir-se. nosso pai, por favor, não deixe que desapareça agora. O pai Compton nos dá a bem-vinda com sua voz de anúncio da rádio. Coloco a mão no bolso do casaco do Henry, introduzo os dedos pelo buraco que há ao fundo, encontro seu sexo e o aperto. Henry salta como se lhe tivesse administrado uma descarga elétrica.

-Que o Senhor lhes ilumine -diz o pai Compton.

-Amém -respondemos nós com voz serena.

O mesmo, sempre é o mesmo. Entretanto, aqui estamos os dois, ao fim, para que qualquer possa nos ver. Noto os olhos da Helen em minhas costas, aborrecendo-se. Ruth se sinta cinco fileiras por detrás da nossa, com seu irmão e seus pais. Nancy, Laura, Mary Christina, Patty, Dave e Chris, e inclusive Jason Everleigh; parece que todos aqueles com quem fui à escola se encontram pressentem esta noite. Jogo uma olhada em direção ao Henry, que ignora todo isso. Está suando. Me olhe então, e arqueia uma sobrancelha. A missa segue seu curso. As leituras, o Kirieleisón, "A paz seja com vós: e com seu espírito". Nos pomos em pé para ouvir a leitura do

Evangelho segundo são Lucas, segundo capítulo. Todos os habitantes do império romano viajavam a seus lugares de origem para recensear-se, José e María, "sua esposa, que estava grávida", o nascimento, milagroso, humilde. Os fraldas, o estábulo. A lógica da situação sempre me escapou, mas a maravilha do evento é inegável. Os pastores morando nos campos. O anjo: "Não temam, pois vos anúncio uma grande alegria". Henry sacode a perna de um modo que me desconcentra. Tem os olhos fechados e se remói os lábios. Uma legião de anjos. O pai Compton entoia:

-María, por sua parte, guardava todas essas coisas, e as meditava em seu coração.

-Amém -dizemos os paroquianos, e nos sentamos a escutar o sermão.

Henry se inclina para diante e me sussurra:

-Onde estão os serviços?

-Depois dessa porta -lhe digo, lhe assinalando a porta pela que entraram antes Alicia, Frank e as demais concertistas.

-Como se chega até aí?

-Vê para o fundo da igreja e logo desce pela nave lateral.

-Se não retornar...

-Tem que retornar.

Quando o pai Compton diz: "Em esta noite gloriosa entre todas as noites...", Henry se levanta e parte depressa. Meu pai o segue com o olhar pelos corredores, até que Henry se detém frente à porta. Observo então como desaparece atrás dela e a porta se fecha a causa do impacto.

Henry: Encontro-me no que parece ser o corredor de uma escola de primário. "Não te desespere -me digo-. Ninguém pode verte. te esconda em alguma parte." Miro a meu redor, angustiado, e vejo uma porta onde diz: meninos. Abro-a e entro em um serviço de cavalheiros em miniatura, com os ladrilhos marrons, os sanitários de porcelana diminutos e pegos ao chão e um radiador que queima, intensificando o aroma de sabão de instituição pública. Abro a janela uns centímetros e pego a cara à fresta. Há árvores de folha perene que obstaculizam a vista, se é que há alguma, e por isso o ar frio que inalo tem sabor de pinheiro. Ao cabo de uns minutos me sinto menos leve. Tombo-me sobre os ladrilhos e me enrosco até que os joelhos me tocam o queixo. Aqui estou. Sólido. Agora. Sobre este chão de ladrilhos marrons. Parece uma minúcia pedir algo assim: continuidade. Por descontado, se existir um Deus, quererá que sejamos bons, e seria muito pouco razoável esperar que alguém seja bondoso sem lhe dar nenhuma classe de incentivos, e Clare é muito, muito boa, e inclusive acredita em Deus. por que ia decidir Ele deixá-la mal diante de toda essa gente...?

Abro os olhos. Os sanitários de porcelana estão circundados por auras iridescentes, azul celeste, verde e púrpura, e me resigno a partir, não posso me deter agora, e tremo quando grito: "Não!", mas já me desvaneci.

Clare: O padre termina o sermão, que tráfico da paz mundial, e meu pai se inclina sobre a Sharon e Mark e sussurra:

-encontra-se mal seu amigo?

-Sim -lhe respondo baixinho-. Tem dor de cabeça e às vezes lhe entram náuseas.

-Crie que deveria ir ajudar o?

-Não! Já lhe passará.

Meu pai não parece convencido, mas fica sentado. O padre benze a hóstia. Intento controlar o impulso de sair correndo para ir procurar ao Henry. Os primeiros bancos aguardam turno para receber a comunhão. Alicia toca a suíte número dois para chelo do Bach. É triste e preciosa. Volta, Henry. Volta.

Henry: Estou em meu apartamento, em Chicago. Está escuro, e me encontro de joelhos na sala de estar. Levanto-me dando tropeções, e golpeio a livraria com o cotovelo.

-Joder!

Não me posso acreditar isso. Nem sequer passei um dia inteiro com a família do Clare e já fui sugado e cuspidos em meu jodido apartamento como um maldito flipper...

-Né.

Volto-me e me vejo mesmo, incorporado e sonolento sobre o sofá cama.

-Que data é hoje? -pergunto-lhe nervoso.

-28 de dezembro de 1991.

Quatro dias depois.

-Não posso suportá-lo mais -comento me sentando na cama.

-te relaxe. Retornará dentro de uns minutos. Ninguém se dará conta, e tudo irá bem durante o resto da visita.

-Ah, sim?

-Sim, deixa de choramingar -diz meu eu, imitando a meu pai à perfeição. Quero golpeá-lo, mas não serviria de nada. Ouço música de fundo, longínqua.

-Isso é do Bach?

-Como? Ah, sim. Está em sua cabeça. É Alicia.

-Que estranho... OH!

Corro para o lavabo, e quase consigo chegar.

Clare: Os últimos paroquianos estão recebendo a comunhão quando Henry aparece pela porta, um pouco pálido, mas andando por seu próprio pé. Retrocede e sobe pelo corredor lateral até apertar-se a meu lado.

-Damos por concluída a missa. Irmãos, parte em paz -diz o pai Compton.

-Amém.

As coroinhas se juntam ao redor do pai como um banco de peixes e começam a desfilar com garbo pelo corredor. O resto da congregação os seguimos em fila. Ouço que Sharon pergunta ao Henry se se encontrar bem, mas não alcanço para ouvir sua resposta porque Helen e Ruth nos interceptam e me vejo obrigada a lhes apresentar ao Henry.

Helen sorri como uma boba.

-Mas se já nos conhecemos!

Henry me olhe, alarmado. Nego categoricamente com a cabeça e Helen força um novo sorriso.

-Bom, pode que não. Prazer em conhecê-lo, Henry.

Ruth tende uma mão tímida ao Henry e, para minha surpresa, é ele quem a sustenta durante um minuto e logo lhe diz:

-Olá, Ruth.

Ainda não a apresentei mas, por isso vejo, ela não o reconheceu. Laura se une a nós no instante preciso em que Alicia aparece golpeando a capa de seu chelo entre a multidão.

-Venham amanhã a casa -convida Laura-. Meus pais partem às Bahamas às quatro.

Acessamos entusiasmados; cada ano os pais da Laura partem a algum país tropical detrás ter aberto todos os presentes, e cada ano nós voamos em bando por volta de sua casa tão logo o carro desaparece pelo caminito de entrada. Despedimo-nos recitando a coro: "Feliz Natal!", e saímos pela porta lateral da igreja que dá ao estacionamento.

-Ora... Sabia! -exclama Alicia.

A neve é abundante e recente, e o cobre tudo, como se o mundo tivesse sido criado de novo em branco. Fico quieta contemplando as árvores e os carros do outro lado da calle, hacia o lago, que se estrela, invisível, contra a praia que jaz distante, aos pés da igreja que se ergue sobre o penhasco. Henry fica junto a mim, aguardando. Mark diz:

-Vamos, Clare. -E eu faço conta.

Henry: É quase a 1.30 da madrugada quando entramos pela porta de Casa Cotovia do Prado. Philip se aconteceu todo o caminho de volta a casa repreendendo a Alicia por seu "equivoco" ao interpretar "Noite de paz", e ela agüentou o toró em silêncio, olhando pela janela para as casas e as árvores sumidas na escuridão. Agora, entretanto, todos sobem as escadas e partem a seus dormitórios detrás desejar-se "Feliz Natal" umas cinquenta vezes mais, salvo Alicia e Clare, que desaparecem por uma porta que há ao final do vestíbulo do primeiro piso. Não sei muito bem o que fazer e, seguindo um impulso repentino, sigo-as.

-... um gilipollas rematado -está dizendo Alicia quando tiro a cabeça pela porta. O quarto está presidido por uma enorme mesa de bilhar, banhada pelo brilhante resplendor de um abajur suspenso no alto. Clare põe as bolas no triângulo enquanto Alicia passeia acima e abaixo entre as sombras, ao bordo do atoleiro de luz.

-Bom, se tenta amassá-lo deliberadamente e ele se deixa fazer, não compreendo por que te incomoda tanto -diz Clare.

-É tão petulante... -replica Alicia, golpeando o ar com os punhos.

Tusso. As duas se voltam de um salto e Clare diz:

-OH, Henry, menos mal. Pensei que seria meu pai.

-Quer jogar? -pergunta-me Alicia.

-Não, mas lhes olharei.

Há um tamborete alto junto à mesa e me sinto nele. Clare acontece um taco a Alicia. Esta lhe dá giz e logo sai, com força. Duas das bolas raiadas caem nas frestas das esquinas. Alicia coloca dois mais antes de falhar, pelos cabelos, um golpe a várias bandas.

-Caray, vou ter problemas -diz Clare.

Esta, por sua parte, coloca uma bola fácil, a número dois, que estava colocada ao bordo de uma fresta da esquina. Na seguinte jogada manda a bola branca ao buraco depois da três, e Alicia recuperação ambas as bolas e põe em fila sua jogada. Sem mais preâmbulos dá às bolas raiadas.

-Bola oito, fresta lateral -canta Alicia, e dito e feito.

-Ayyy -suspira Clare-. Seguro que não quer jogar? -pergunta-me, me oferecendo o taco.

-Venha, Henry -diz Alicia-. Né, a algum dos dois gosta de tomar algo?

-Não -responde Clare.

-O que me oferece? -pergunto-lhe eu.

Alicia acende um interruptor da luz e aparece um antigo e precioso móvel bar ao outro extremo da sala. Alicia e eu nos apinhamos detrás, e ante nossa vista aparece tudo o que alguém possa imaginar-se no compartimento de bebidas alcoólicas. Alicia se prepara um rum com a Coca-cola. Eu duvido ante tanta profusão de riqueza, mas ao final me sirvo um uísque sozinho. Clare troca de idéia e decide tomar algo, e enquanto rompe a bandeja em miniatura de cubitos de gelo para colocá-los em um copo e servir-se seu licor de café Kahlua, a porta se abre e todos ficamos gelados.

É Mark.

-Onde está Sharon? -pergunta-lhe Clare.

-Fecha -lhe ordena Alicia.

Mark dá a volta à chave da fechadura e se aproxima do bar.

-Sharon está dormindo -diz, tirando uma Heineken do pequeno frigorífico. Tira-lhe a chapa e se aproxima da mesa-. Quem joga?

-Alicia e Henry -lhe informa Clare.

-Mmmm. Já o avisaste?

-te cale, Mark -lhe corta Alicia.

-É Jackie Gleason disfarçada -me assegura Mark.

Volto-me para a Alicia.

-Comecemos a jogar.

Clare volta a colocar as bolas no triângulo. Alicia ganha o direito a sair. O uísque macerou todas meus sinapsis e o vejo tudo distinto e claro. As bolas explodem como foguetes e florescem em uma nova forma. A treze se cambaleia ao bordo de uma fresta da esquina e logo cai.

-Raiadas outra vez -anuncia Alicia.

Coloca a quinze, a doze e a nove antes de que uma má saída a obrigue a tentar um golpe a duas bandas impossível de executar.

Clare está de pé justo no limite que projeta a luz e, portanto, seu rosto permanece na sombra, enquanto que seu corpo surge da escuridão como se flutuasse, com os braços cruzados à altura do peito. Centro minha atenção na mesa. passaram uns segundos. Coloco a duas, a três e a seis com facilidade, e então procuro alguma outra possível jogada. A um está justo diante da fresta da esquina, situada no outro extremo da mesa, e envio a bola branca contra a sete, a qual se encarrega de colocar a um. Mando a quatro à fresta lateral com um golpe à banda e consigo introduzir a cinco na fresta do fundo com uma afortunada carambola. É uma má jogada, mas Alicia assobia de todos os modos. A sete baixa sem mais contratempos.

-Oito à esquina -indico com a bola branca, e se mete direta. Arranco um suspiro de admiração na mesa.

-OH, que bonito... -diz Alicia-. Volta a fazê-lo.

Clare sorri na escuridão.

-Não está à altura -diz Mark a Alicia.

-Estou muito cansada para me concentrar; e muito cheia o saco também.

-Por culpa de papai?

-Sim.

-Bom, se lhe buscar as cócegas, ele também lhe buscará isso a ti.
-Todos podemos nos equivocar de boa fé -particulariza Alicia fazendo panelas.
-Durante uns instantes acreditei que se tratava de um pouco do Terry Riley -digo a Alicia.
-É que em realidade era Terry Riley -responde Alicia sorrindo-. Era do Salomé dança pela paz.

Clare ri.

-Como te ocorreu colocar ao Salomé em "Noite de paz"?

-Muito fácil; pelo João Batista. Pensei que entroncaban os dois temas, e se transpuser essa primeira parte de violino e a baixas uma oitava, sonha muito bem, sabem? À, a...

-Não pode lhe culpar de que tenha perdido os nervos -intervém Mark-. Quero dizer que ele sabe que você nunca cometeria uma falha desse tipo.

Sirvo-me outra taça.

-O que há dito Frank? -pergunta Clare.

-Ah, entendeu-o. Tentava imaginar-se como inventar outra peça a partir de todo esse material; como se Stravinsky ficasse a revisar Noite de paz. Frank tem oitenta e sete anos, e lhe importa um cominho se me dedicar a chatear ao pessoal, com tal de que lhe procure diversão. Agora bem, Arabella e Ashley estavam cabreadíssimas.

-Homem, não é muito profissional por sua parte -sentencia Mark.

-E que mais dá? Estamos falando da igreja de São Basílio, por favor! A ti que te parece? -pergunta-me Alicia.

Hesitação.

-A verdade é que me dá igual -digo ao final-, mas se meu pai te ouvisse fazer isso, zangaria-se muitíssimo.

-Ah, sim? por que?

-Ele é partidário de que qualquer composição musical deve tratar-se com respeito, embora seja uma peça que não goste de muito. Por exemplo, não gosta de Tchaikovsky nem Strauss, mas quando os toca, toma muito a sério. Por isso é tão bom: touca qualquer obra como se estivesse apaixonado por ela.

-OH -exclama Alicia, pensativa; afasta-se para o bar e se prepara outra bebida-. É muito afortunado por ter um pai a quem não lhe interessa sozinho o dinheiro.

Estou de pé detrás do Clare, percorrendo sua coluna vertebral com os dedos, amparado pela escuridão. Ela se leva a mão à costas e eu a aferrou.

-Não acredito que dissesse o mesmo se conhecesse minha família. Além disso, seu pai parece preocupar-se muito por ti.

-Não -nega Alicia categoricamente-. Solo quer que seja perfeita para me luzir ante suas amizades. Não lhe importo absolutamente. -Põe as bolas no triângulo e as excursão até as deixar em posição-. Quem quer jogar?

-Eu -se oferece Mark-. Gosta, Henry?

-É obvio.

Mark e eu damos giz aos tacos e nos pomos frente a frente diante da mesa.

Saio eu. A quatro e a quinze vão dentro.

-A bolas de cor -anuncio.

Vejo a duas perto da esquina. Coloco-a, e então falha a três no mesmo golpe. Estou-me cansando, e minha coordenação já não é a mesma com os whiskies. Mark joga decidido, mas sem estilo, e coloca a dez e a onze. Seguimos na brecha, e não demoro para colocar todas as bolas de cor. Mark tem a treze estacionada no bordo de

uma fresta da esquina.

-Bola oito -digo, assinalando-a.

-Suponho que já sabe que não pode colocar a bola do Mark, se não quiser perder -intervém Alicia.

-Não passa nada -lhe digo.

Lanço a bola branca com suavidade através do toalha de mesa, a qual beija a bola oito com carinho e a envia gentilmente e sem pressas por volta da treze. Quando parece que quase está a ponto de dar um rodeio frente à treze, como se fora a passar à banda, mergulha-se decorosamente no buraco e Clare ri, mas então a treze se move e cai também.

-Enfim, o que lhe vamos fazer... -digo eu-. Caprichos da fortuna.

-Boa partida -diz Mark.

-Céus, onde aprendeste a jogar assim? -pergunta Alicia.

-Foi uma das coisas que me ensinaram na universidade -lhe respondo-, além da bebida, a poesia inglesa e alemã e as drogas.

Guardamos os tacos e recolhemos os copos e as garrafas.

-No que te especializou? -pergunta Mark, abrindo a porta fechada com chave. Atravessamos o vestíbulo e nos dirigimos à cozinha.

-Em literatura inglesa.

-E como não escolheu música? -Alicia mantém em equilíbrio seu copo e o do Clare em uma mão para abrir a porta do comilão de um empurrão.

-Se te dissesse que não tenho musical ouvido, não me acreditaria -lhe digo rendo-. Meus pais estavam convencidos de que lhes deram a criatura equivocada quando partiram do hospital.

-Deve ter sido uma lata -aponta Mark, e então diz a Alicia-: Ao menos a ti papai não pressiona para que seja advogada.

Entramos na cozinha e Clare acende o interruptor da luz.

-Tampouco pressiona a ti -replica Alicia-. E você adora o direito.

-Pois a isso refiro. Ele não nos obriga a nos dedicar a algo que nós não gostemos.

-Era uma lata? -pergunta-me Alicia-. Me teria encantado.

-Bom, antes de que minha mãe morrera, tudo era fantástico. Logo as coisas foram terríveis. Se eu tivesse sido um prodígio do violino, possivelmente... Não sei.

-Miro ao Clare e me encolho de ombros-. Enfim, a questão é que meu pai e eu não nos levamos nada bem.

-E isso por que?

-Hora de deitar-se -anuncia Clare, querendo dizer que por hoje já basta. Alicia, entretanto, espera uma resposta.

-Viu alguma vez um retrato de minha mãe? -pergunto a Alicia, olhando-a aos olhos. Ela assente-. Eu me pareço com ela.

-E o que?

Alicia limpa os copos na pia. Clare se encarrega de secá-los.

-Porque não pode suportar o fato de me olhar. Bom, essa é uma das múltiplos raciocine.

-Mas...

-Alicia... -Clare tenta que sua irmã desista, mas esta não se detém ante ninguém.

-Mas se se trata de seu pai!

Sorrio.

-O que faz a seu pai para tirar o de suas casinhas é insignificante comparado com as coisas que meu pai e eu nos temos feito o um ao outro.

-Por exemplo?

-Por exemplo, as inumeráveis vezes que me jogou que nosso apartamento e fechou a porta com chave, fizesse o tempo que fizesse. Ou, por exemplo, a vez que atirei suas chaves ao rio. Essa classe de coisas.

-por que fez algo assim?

-Não queria que se estrelasse com o carro, e estava bêbado.

Alicia, Mark e Clare me olham e assentem. Compreendem-no perfeitamente.

-Hora de deitar-se -diz Alicia, e saímos todos da cozinha e subimos a nossos dormitórios sem pronunciar palavra, salvo para nos desejar as boa noite.

Clare: São as 3.14 da manhã segundo meu despertador, e começo a me sentir calentita dentro da cama quando a porta se abre e entra Henry com muito sigilo. Retiro as mantas e ele se mete dentro de um salto. A cama range enquanto nos acomodamos.

-Olá -sussurro.

-Olá -sussurra a sua vez Henry.

-Não foi uma boa idéia.

-Fazia muito frio em meu dormitório.

-Ai!

Henry me toca a bochecha, e tenho que afogar um grito. Tem os dedos gelados. Os esfrego entre as Palmas da mão. Henry se acurruca sob a manta e eu me aperto contra ele, tentando entrar de novo em calor.

-Leva meias três-quartos? -pergunta-me em voz fica.

-Sim.

Coloca a cabeça sob as mantas e me tira isso. Ao cabo de uns minutos, muitos chiados e múltiplos chitones, acabamos os dois nus.

-Aonde foi quando te partiu da igreja?

-A meu apartamento. Estive aí uns cinco minutos, e era quatro dias mais tarde.

-por que?

-Estava cansado, tenso, suponho.

-Não, refiro a por que foi precisamente aí.

-Não sei. Por uma espécie de mecanismo defeituoso. Possivelmente os controladores aéreos das viagens através do tempo pensaram que me sentaria bem ir aí. -Henry enterra sua mão em meu cabelo.

Fora se está fazendo de dia.

-Feliz Natal -lhe digo em um suspiro.

Henry não responde, e eu sigo acurruçada e acordada entre seus braços, pensando em legiões de anjos, escutando sua respiração controlada e entesourando-o tudo em meu coração.

Henry: A primeira hora da manhã me levanto para ir mijar e enquanto estou urinando no banheiro do Clare, sonolento à luz da lamparita de orientação noturna Tinkerbelle, ouço a voz de uma garota que diz: "Clare?". antes de averiguar de onde provém essa voz, a porta do que eu tinha confundido com um armário se abre, e

me encontro completamente nu diante da Alicia.

-OH! -exclama ela em um sussurro, enquanto eu demoro para reagir e agarro uma toalha para me tampar.

-Ah, olá, Alicia! -digo baixinho, e os dois sorrimos. Alicia desaparece depois da porta de seu dormitório com a mesma celeridade com que apareceu.

Clare: Estou dormitada, e ouço os ruídos da casa ao despertar. Nell está na cozinha; canta e faz soar as caçarolas. Alguém caminha pelo corredor e passa

por diante de minha porta. Abro os olhos e vejo que Henry segue profundamente dormido; e, de repente, dou-me conta de que tenho que tirar o de meu quarto sem que ninguém nos veja.

Escapo dos braços do Henry e das mantas e saio da cama com cautela. Recolho a camisola do chão e ainda não acabei que me pôr isso quando Etta diz:

-Clare, vamos, acima e a espabilar-se! É Natal!

Etta aparece à porta. Ouço que Alicia chama a Etta e enquanto tiro a cabeça da camisola, Etta se volta para responder a Alicia. Volto-me para a cama e vejo que Henry já não está. A calça de seu pijama se encontra sobre o tapete, e o coloco sob a cama de uma patada. Etta entra em meu dormitório vestida com a bata amarela e com as tranças lhe pendurando sobre os ombros.

-Feliz Natal! -digo-lhe, e ela me conta algo sobre minha mãe; mas me custa seguir seu discurso porque imagino ao Henry materializando-se diante da Etta.

-Ouve-me, Clare? -pergunta Etta, me olhando com ar preocupado.

-Né? Ai, sinto muito. Ainda estou algo dormida, acredito.

-Abaixo o café está preparado. -Etta começa a me fazer a cama. A vê surpreendida.

-Eu a farei, Etta. Você vê abaixo.

Etta passa ao outro lado da cama no momento preciso em que minha mãe tira a cabeça pela porta. Está preciosa, serena depois da tormenta de ontem à noite.

-Feliz Natal, carinho.

Aproximo-me dela e lhe dou um leve beijo na bochecha.

-Feliz Natal, mamãe. -Costa muitíssimo zangar-se com ela quando se comporta como minha encantadora e tenra mãe.

-Etta, baixas comigo? -pergunta minha mãe.

Etta aplaude os travesseiros e os rastros geme as de nossas cabeças se desvanecem. Me olhe e arqueia as sobrancelhas, mas não faz nenhum comentário.

-Etta?

-Vou... -Etta se trabalha em excesso atrás de minha mãe.

Fecho a porta quando partem e me apóio contra ela, bem a tempo de ver o Henry retorcer-se para sair de debaixo da cama. Enquanto Henry se levanta e começa a ficar o pijama, eu fecho a porta com chave.

-Onde estava? -pergunto-lhe em um sussurro.

-Sob a cama -responde Henry baixinho, como se fora algo tão óbvio.

-Todo o momento?

-Sim.

Por alguma razão, a cena me resulta divertida, e começo a rir. Henry me tampa a boca com a mão, e ao cabo de uns segundos os dois trememos de risada, em silêncio.

Henry: O dia de Natal se apresenta extrañamente tranqüilo depois da tormenta do dia anterior. Reunimo-nos ao redor da árvore, tímidos em bata e sapatilhas, abrimos os presentes e soltamos exclamações de admiração. Depois de nos dar todos as obrigado efusivamente, tomamos o café da manhã. Ao café da manhã segue um período de calma, e depois celebramos o jantar de Natal, elogiando por todo o alto ao Nell e suas lagostas. Todos sorrimos, mostramos nossas melhores maneiras e estamos muito bonitos. Somos o modelo da família feliz, o anúncio destinado à burguesia. Somos todo aquilo que eu sempre desejei ser quando por Natal nos sentávamos à mesa do restaurante O Wok da Fortuna com meu pai e o senhor e a senhora Kim, e eu fingia que me estava passando isso em grande, enquanto os adultos me observavam com angústia. Entretanto, adverte-se uma tensão evidente enquanto vadiamos, com o apetite satisfeito, na sala de estar depois do jantar, para ver o jogo de futebol que dão em televisão, ler os livros que nos demos de presente ou pôr em marcha os presentes que vão com pilhas ou que devem montar-se. É como se em algum lugar, em uma das habitações mais afastadas da casa, assinou-se um alto o fogo, e agora as partes implicadas se propor acatá-lo com todas suas conseqüências, ao menos até manhã, ao menos até que chegue uma nova partida de munições. Todos estamos atuando, fingimos nos sentir relaxados, encarnamos à mãe, ao pai, as irmãs, o irmão, o noivo e a prometida ideais. É um alívio, por conseguinte, quando Clare consulta o relógio, levanta-se do sofá e diz:

-Vamos. É hora de ir a casa da Laura.

Clare: A festa da Laura está muito animada quando chegamos. Henry está tenso e pálido, e se vai de cabeça aos licores tão logo tiramos os casacos. Ainda me sinto adormecida pelo vinho do jantar, assim que lhe faço um gesto de negação quando me pergunta o que quero tomar; traz-me uma Coca-cola. Ele se agarra a sua cerveja como se fora um contrapeso.

-Sob nenhuma circunstância, e ouça o que te digo: sob nenhuma circunstância me abandone e permita que me arrume isso sozinho -me exige Henry, olhando por cima de meu ombro; e antes de que volte a cabeça, já temos a Helen a nosso lado. faz-se um silêncio momentâneo, violento.

-Bom, Henry -diz Helen-. Nos hão dito que é bibliotecário, mas a verdade é que não parece absolutamente um bibliotecário.

-Em realidade sou modelo de roupa interior do Calvin Klein. o de bibliotecário é sozinho uma coberta.

Nunca tinha visto a Helen tão desarmada. Oxalá houvesse trazido uma câmara. Não obstante, em seguida recupera a compostura, contempla ao Henry de cima abaixo e sorri.

-Muito bem, Clare, pode ficar o -Menudo alivio -le digo yo-. Había perdido la receta.

-Miúdo alívio -lhe digo eu-. Tinha perdido a receita.

Laura, Ruth e Nancy se apresentam ante nós, com olhar decidido, e nos interrogam: como nos conhecemos, como ganha a vida Henry, em que universidade estudou, bla, bla, bla. Nunca imaginei que quando Henry e eu nos deixássemos ver juntos em público finalmente a situação seria tão lhe crispem, de uma vez que aborrecida. Volto a captar a onda quando Nancy diz:

-É curioso que te chame Henry.

-Ah, sim? -surpreende-se Henry-. E isso, por que?

Nancy lhe conta a festa noturna que celebramos em casa da Mary Christina, aquela em que o tabuleiro Ouija disse que eu me casaria com alguém chamado Henry.

Este parece impressionado.

-Isso é verdade? -pergunta-me.

-Mmmm, sim. -De repente me entram umas vontades tremendas de fazer pis-. Perdoem -lhes digo, me separando do grupo e ignorando a expressão de súplica do Henry.

Helen me pisa nos talões enquanto me dirijo ao piso de acima; vejo-me obrigada a lhe fechar a porta do banho nos narizes para impedir que entre detrás de mim.

-Abre, Clare -diz sacudindo o pomo da porta.

Me tomo com calma: faço pis, lavo-me as mãos e me retoco o pintalábios.

-Clare -ruge Helen-, irei abaixo a lhe contar a seu noivo todas e cada uma das coisas horríveis que tem feito em sua vida se não abrir esta porta imediat...

-Abro a porta de repente e Helen quase se precipita contra o chão do quarto de banho-. Muito bem, Clare Abshire. -diz Helen com ar ameaçador enquanto fecha a porta.

Sinto-me no bordo da banheira e ela se apóia contra o lavabo, erguendo-se ante mim com seus sapatos de salão.

-Confessa já e me diga o que acontece em realidade entre você e esse tipo que se chama Henry. Já sei que tudo o que há dito antes é uma fileira de mentiras.

Você não conheceu esse tio faz três meses, faz anos que o conhece. me conte o segredo.

A verdade é que não sei como começar. Deveria lhe contar a Helen a verdade? Não. por que não? Por isso eu sei, Helen só viu ao Henry em uma ocasião, e seu aspecto não era tão diferente de que tem agora. Quero muito a Helen. É forte, amalucada, dura de roer; mas sei que não me acreditaria se lhe dissesse: "É por culpa das viagens através do tempo, Helen. Ver para acreditar".

-De acordo -lhe digo, ordenando minhas idéias-. Sim, faz muito tempo que o conheço.

-Quanto?

-Desde que tinha seis anos.

Helen abre uns olhos como limões. Parece um personagem de desenhos animados. Não posso evitar rir.

-por que... como é que... enfim, quanto tempo leva saindo com ele?

-Não sei. Quero dizer que houve um período de tempo no que as coisas estavam bastante ao limite, mas em realidade não aconteceu nada; quer dizer, Henry se mostrou absolutamente inflexível na hora de atar-se com uma menina pequena, e eu, é obvio, estava loquita por ele, sem esperança alguma...

-Mas como é que alguma vez soubemos nada dele? Não entendo por que tiveram que mantê-lo tudo tão em segredo. me tivesse podido dizer isso Helen se lo toma mal.

-Bom, você mais ou menos sabia. -É uma desculpa muito pobre, e sou consciente disso.

Helen toma mau.

-Isso não tem nada que ver com o fato de que não me dissesse isso.

-Sei. Sinto muito, Helen.

-Já. E qual era o inconveniente?

-Bom, ele tem oito anos mais que eu.

-E o que?

-Porque quando eu tinha doze e ele vinte, isso representava um problema. -Por não falar de quando eu tinha seis e ele quarenta.

-Sigo sem compreendê-lo. Refiro-me a que entendo que não quisesse que seus pais, sem ir mais longe, inteirassem-se de que interpretava o papel da Lolita com este Humbert Humbert, mas não vejo por que não nos podia dizer isso ; lhe teríamos dado todo o apoio do mundo. Quero dizer que estivemos tanto tempo te compadecendo, nos preocupando com ti e nos perguntando por que te comportava como uma monja rematada... - Helen move a cabeça em um gesto de incredulidade-; e resulta que você te passava o tempo lhe montando isso com o Mario o bibliotecário...

Não posso evitar me ruborizar.

-Eu não me passava o tempo me montando isso com ele, se por acaso te interessa sabê-lo.

-Venha já!

-De verdade! Esperamos a que eu fizesse dezoito anos. Fizemo-lo o dia de meu aniversário.

-Mesmo assim, Clare... -começa a dizer Helen.

De repente, ouvimos que alguém golpeia com força a porta do banho e uma voz grave e masculina pergunta:

-Né, garotas! Morreste-lhes aí dentro ou o que?

-Continuará... -sussurra-me Helen, e saímos do banho para receber os aplausos dos cinco meninos que guardam fila no corredor.

Encontro ao Henry na cozinha, escutando com paciência os falatórios futebolísticos de um dos inexplicáveis amigos atletas da Laura. Capto o olhar de sua noiva, uma garota loira, de naricita chata, quem o leva a rastros para que lhe vá procurar outra taça.

-Olhe, Clare... -diz Henry-. Criaturitas punk!

Miro para onde me assinala e vejo que se trata do Jodie, a irmã da Laura, que tem quatorze anos, e seu noivo, Bobby Hardgrove. Ele leva uma crista verde e uma camiseta completamente rota com imperdíveis, e Jodie tenta parecer-se com a Lydia Lunch, embora a verdade é que mas bem semelha um mapache ao que esse dia o cabelo lhe ficou mau. Em realidade, dá a impressão de que se embelezaram para assistir a uma festa do Halloween e não de Natal. Lhes vê a margem da reunião e à defensiva; mas Henry está entusiasmado.

-Uauuu. Quantos anos têm? Doze?

-Quatorze.

-Vejam, quatorze no noventa e um, isso faz... Diabos! Nasceram em 1977. Sinto-me velho. Necessito outra taça.

Laura atravessa a cozinha nesse momento sustentando uma bandeja de chupitos do Jell-Ou. Henry agarra duas e se as traga um após o outro, logo faz uma careta.

-Ecs. Isto é asqueroso.

Não posso evitar rir.

-Que tipo de música crie que escutam? -pergunta-me.

-Nem idéia. por que não o pergunta?

Henry parece alarmado.

-OH, não poderia. Assustaria-os.

-Acredito que mas bem são eles os que assustam a ti.

-Bom, pode que tenha razão. Parecem tão tenros e jovens, tão verdes, como capullitos em flor.

-Vestiste-te assim alguma vez?

Henry ri com dissimulação.

-Por quem me tomaste? Claro que não! Esses crios estão imitando aos punk britânicos, e eu sou um punk americano. Não, eu estava acostumado a ir vestido mas bem como Richard Hell.

-por que não te aproxima deles e cerca conversação? Parecem sentir-se sozinhos.

-Se você vier a nos apresentar e me agarra da mão.

Aventuramo-nos pela cozinha com soma prudência, como Lévi-Strauss aproximando-se de um par de canibais. Jodie e Bobby possuem esse olhar em que se mescla a vontade de lutar e o medo que se aprecia nos alces do Canal Natureza.

-Olá, Jodie. Tudo bem, Bobby?

-O que há, Clare? -responde-me Jodie.

Conheço o Jodie de toda a vida mas, de repente, mostra-se tímida, e concluo que a parafernália neopunk deve ser idéia do Bobby.

-Lhes vê um tanto... digamos, um tanto aborrecidos, e lhes trouxe para o Henry para que o conheçam. Gosta de seu... sua indumentária.

-Olá -intervém Henry, profundamente envergonhado-. Tinha curiosidade... Quer dizer, perguntava-me o que vocês gostam de escutar.

-Que o que nós gostamos de escutar? -repete Bobby.

-Sim... No campo da música. Que classe de música vocês gostam?

Bobby se anima.

-Bom, os Sex Pistols -diz, e logo faz uma pausa.

-Claro -diz Henry, assentindo-. E os Clash?

-Sim; Y... também Nirvana.

-Os Nirvana são bons -diz Henry.

-Blondie? -intervém Jodie, temerosa de equivocar-se na resposta.

-Eu gosto de Blondie -digo eu-, e ao Henry gosta de Deborah Harry.

-Ramones? -pergunta Henry.

Jodie e Bobby assentem ao unísono.

-E Patti Smith?

Jodie e Bobby põem cara de não saber quem é.

-Iggy Pop?

Bob nega com a cabeça.

-Pearl Jam mas bem.

Nesse momento intervenho na conversação.

-A verdade é que no povo não contamos com uma emissora de rádio muito importante - explico ao Henry-; e resulta quase impossível conhecer todos esses grupos.

-Ah, já. -Henry cala uns segundos-. Vejamos, querem que vos escreva uns quantos nomes? Para ter mais informação musical.

Jodie se encolhe de ombros, mas Bobby assente com um olhar grave e excitado. Revolvo a bolsa em busca de lápis e papel. Henry se senta à mesa da cozinha e Bobby se instala frente a ele.

-Muito bem -diz Henry-. Têm que retroceder até os sessenta, vale? Começam pelo Velvet Underground, de Nova Iorque; e logo, passam a Detroit, onde têm MC5, Iggy Pop e os Stooges. A seguir podem voltar para Nova Iorque, e escutar ao The New York Dolls e The Heartbreakers...

-Ao Tom Petty também? -aponta Jodie-. ouvimos falar dele.

-Mmmm, não... Esse grupo era muito distinto. Quase todos morreram nos oitenta.

-Em um acidente aéreo? -pergunta Bobby.

-Por culpa da heroína -lhe corrige Henry-. Enfim, temos a Televisão, Richard Hell e os Voidoids, e Patti Smith.

-Também aos Talking Heads -acrescento eu.

-Sim... Não sei... Considera-os autênticos punk?
-Homem, estiveram no movimento.
-De acordo. -Henry os acrescenta à lista-. Os Talking Heads. Digamos que então trasladamos a Inglaterra...
-Eu acreditava que o punk tinha começado em Londres -particulariza Bobby.
-Não, claro que não -precisa Henry, retirando sua cadeira-. Alguns, entre os que eu me conto, acreditam que o punk é a manifestação mais novidadeira de uma espécie de espírito, um sentimento, como te diria..., a sensação de que as coisas não partem bem e de que, de fato, tudo funciona tão mal que quão único podemos fazer quer dizer: "Jódete", uma e outra vez, sem parar, gritando-o a pleno pulmão, até que alguém nos detenha.
-Exato -diz Bobby em voz fica, com o rosto iluminado por um ardor quase religioso sob o cabelo cravo-. Exato.
-Está corrompendo a um menor -digo ao Henry.
-Ora, ele chegaria à mesma conclusão sem minha ajuda. A que sim?
-Isso intento, mas aqui não é muito fácil.
-Já o vejo.
Henry segue acrescentando nomes de grupos à lista. Miro por cima de seu ombro e vejo o que tem escrito: Sex Pistols, The Clash, Gang of Four, Buzzcocks, Dead Kennedys, X, The Mekons, The Raincoats, The Dead Boys, New Order, The Smiths, Lora Logic, The Au Pairs, Big Black, PiL, The Pixies, The Breeders, Sonic Youth...
-Henry, não poderão conseguir nada de tudo isto no povo.
Henry assente, e aponta o número de telefone e a direção do Vintage Vinyl ao pé da folha.
-Suponho que terão um toca-discos, não?
-Meus pais têm um -diz Bobby.
Henry faz uma careta.
-O que é o que gosta a ti em realidade? -pergunto- eu ao Jodie. Noto como se se apartou da conversação durante o ritual de hermanamiento masculino que Henry e Bobby levam a cabo.
-Prince -admite ela.
Henry e eu deixamos escapar um grito e eu começo a cantar 1999 a pleno pulmão, enquanto Henry fica a meu lado de um salto e começamos a chocar e dar voltas pela cozinha. Laura nos ouça e corre a pôr o disco; e desse modo tão simples a festa se converte em baile.

Henry: Saímos da festa da Laura e retornamos a casa do Clare em carro.
-Está terrivelmente calado -diz Clare.
-Pensava nesses moços. As criaturas punk.
-Ah, sim. O que lhes passa?
-Tentava imaginar as causas pelas que esse menino...
-Bobby.
-... Bobby, retrocede por volta do passado e desfruta com a música que soava o ano em que ele nasceu.
-Bom, eu era uma fã incondicional dos Beatles, e romperam um ano antes de que eu nascesse.
-Pois por isso mesmo o digo. Do que vai tudo isto? O que quero dizer é que você deveria te entusiasmar com o Depeche Mode, Sting ou algum outro grupo da época.

Bobby e sua noiva teriam que estar escutando ao The Cure se querem disfarçar-se, e, em troca, foram a tropeçar com essa coisa, o punk, da que não sabem nada absolutamente...

-Estou segura de que o fazem sobre tudo para incomodar a seus pais. Laura me contou que seu pai não permite que Jodie saia de casa vestida desse modo. O que faz ela? Coloca toda sua roupa na mochila e se troca nos lavabos de garotas da escola.

-Mas isso era o que faziam todos naqueles tempos. Quero dizer que se trata de afirmar sua individualidade, isso o compreendo, mas por que defendem o individualismo de 1977? Teriam que vestir com flanela de quadros.

-E a ti que mais te dá?

-Deprime-me. É um aviso que me diz que a época a que pertenço morreu, e não só morto, mas sim já está esquecida. Estas histórias jamais as passam pela rádio, e não consigo imaginar a razão. É como se nunca tivessem acontecido. Por isso me entusiasmo quando vejo meninos que fingem ser punk, porque não quero que todo isso desapareça.

-Bom, sempre pode voltar. A maioria de pessoas estão unidas à presente; você, em troca, pode retornar uma e outra vez.

-É triste, Clare -lhe digo detrás refletir uns segundos-. Inclusive quando consigo fazer algo que me diverte, como por exemplo, ir a um concerto que me perdi a primeira vez, com um grupo que possivelmente já se quebrado ou no que algum componente morreu, resulta-me triste vê-lo porque sei o que vai ocorrer.

-Não vejo por que isso tem que ser distinto de tudo o que ocorre em sua vida.

-Não o é.

Chegamos ao caminho privado que conduz à casa do Clare, e ela gira para agarrar a separação.

-Henry.

-me diga.

-Se agora pudesse detê-lo tudo... Se pudesse evitar seguir viajando através do tempo, sem que isso te reportasse maiores consequências, faria-o?

-Se pudesse me deter agora e já te conhecesse?

-Já me conhece.

-Sim. Deteria-me. -Jogo uma olhada ao Clare, cujo rosto logo que percebo na escuridão do interior do automóvel.

-Seria estranho. Ficariam todas essas lembranças que você jamais teria. Seria como se..., bom, é como se vivesse com alguém que sofre de amnésia. É a sensação que tenho desde que chegamos a casa.

-Digamos então que no futuro poderá lombriga rondar por todas essas lembranças até que consiga reunir a série completa, que poderá colecionar -lhe digo rendo.

-Suponho que sim. -Clare me sorri e entra no caminito circular que há diante da casa-. Lar, doce lar.

Mais tarde, depois de ter subido a nossos dormitórios separados e me haver posto o pijama e escovado os dentes, escapulo-me para a habitação do Clare e lembrança fechar a porta com chave. Metemo-nos em sua estreita cama, calentitos, e ela sussurra:

-Não queria que lhe perdesse isso.

-O que?

-Tudo o que aconteceu. Quando era uma menina. Quer dizer, até agora solo ocorreu pela metade, porque ainda não está aí; por conseguinte, quando isso aconteça a tí, converterá-se em real.

-A isso vou -digo, lhe passando a mão pelo ventre e baixando até seu entrepierna.

Clare tábua delgada.

-Silêncio.

-Tem a mão heladíssima.

-Sinto muito.

Fazemos o amor com cuidado e em silêncio. Quando ao final me corro, faço-o com tanta intensidade que me vem uma dor de cabeça insuportável, e durante um minuto temo que vou desaparecer, mas isso não ocorre. Ao contrário, sigo convexo entre os braços do Clare, transido de dor. Clare rouca, com uns roncos silenciosos e animais que parecem uns bulldozers que me perfurassem o crânio. Quero estar em minha cama, em meu apartamento. Lar, doce lar. Em nenhum lugar se está como em casa. me levem a casa, caminhos do mundo. Nosso lar é onde temos o coração, mas meu coração se encontra aqui; assim devo estar em casa. Clare suspira, volta a cabeça e fica em silêncio. Olá, meu amor, estou em casa. Em casa, sim, estou em casa.

Clare: É uma manhã fria e limpa. Já tomamos o café da manhã. As malas estão no carro. Mark e Sharon já se partiram com meu pai ao aeroporto do Kalamazoo. Henry está no vestibulo despedindo-se da Alicia; e eu corro escada acima, para o dormitório de minha mãe.

-OH, tão tarde é? -pergunta-me ela quando me vê com o casaco e as botas postas-. Acreditava que ficariam almoçando.

Minha mãe se senta ao escritório, que sempre está talher de papéis manuscritos com seu extravagante escritura.

-No que trabalha?

Seja o que seja, as páginas estão cheias de palavras tachadas e ganchos de ferro. Minha mãe volta os papéis do reverso. Guarda muito em segredo seus escritos.

-Em nada. É um poema sobre o jardim oculto sob a neve. Não me está saindo nada bem. - levanta-se e se dirige à janela-. É curioso como os poemas jamais alcançam a beleza do jardim mesmo. Ao menos, meus.

Não posso lhe dedicar nenhum comentário a respeito porque nunca me deixou ler nenhum só de seus poemas, portanto lhe digo:

-Bom, a verdade é que o jardim está precioso.

Minha mãe, não obstante, despreza meu completo com um imperceptível movimento das mãos. As adulações não significam nada para ela, não acredita neles. Solo as críticas arrancam um rubor a suas bochechas e atraem sua atenção. Se eu lhe dissesse algo depreciativo, ela sempre o recordaria. produz-se um silêncio incômodo.

Dou-me conta de que está esperando que me parta para poder seguir escrevendo.

-Adeus, mamãe -lhe digo. Beijo seu frio rosto e escapo.

Henry: Levamos quase uma hora conduzindo. A auto-estrada está flanqueada por pinheiros há quilômetros; agora, entretanto, avançamos por um terreno plano e semeado de alambradas de espinheiro. Faz momento que não falamos. Tão logo me dou conta disso, resulta-me estranho esse silêncio, e por isso começo a falar.

-Não foi tão mal, depois de tudo -digo com uma voz muito alegre, em um tom muito alto para estar viajando em um carro de tão reduzidas dimensões.

Clare não responde, e a Miro. Está chorando; baixam-lhe as lágrimas pelas bochechas enquanto conduz, mas finge que não chora. Nunca tinha visto chorar antes ao Clare, e há algo em suas lágrimas estóicas e silenciosas que me irrita.

-Clare, Clare... Possivelmente seja melhor... Poderia estacionar na sarjeta um minuto?

Sem me olhar diminui a velocidade e entra no borda, onde se detém. Encontramo-nos em algum lugar de Indiana. vêem-se muitíssimos corvos recortados contra o azul do céu no campo que borda a estrada. Clare apóia a frente contra o volante e inspira profundamente, mas sua respiração é entrecortada.

-Clare -lhe digo, lhe falando na nuca-. Clare, sinto muito. Acaso hei... hei-a jodido de algum modo? O que acontece? Eu não...

-Não se trata de ti -me responde sob a cortina de seu cabelo. Seguimos sentados durante uns minutos.

-Então, me diga o que acontece.

Clare nega com a cabeça e eu fico contemplando-a. Ao final, reúno a coragem suficiente para tocá-la. Acaricio-lhe o cabelo; noto os ossos de seu pescoço e sua coluna entre as espessas e brilhantes cheire. Ela se volta, e eu a abraço, tentando salvar a distância que medeia entre os dois assentos separados. Agora Clare soluça e treme.

Ao final, se calma, e então diz:

-Maldita seja, mamãe.

Um momento depois nos encontramos em um engarrafamento na rodovia Dão Ryan, escutando a Irma Thomas.

-Ouça, Henry. Resultou-te... importou-te muito?

-me importar o que? -pergunto, recordando os soluços do Clare.

-Minha família -diz ela-. São..., pareceram-lhe...?

-São fantásticos, Clare. Me gostaram de muito, de verdade. Sobre tudo Alicia.

-Às vezes quereria empurrá-los a todos ao lago Michigan e contemplar como se afundam nele.

-Mmmm, conheço essa sensação. Ouça, acredito que seu pai e seu irmão me tinham visto antes; e Alicia me há dito um pouco francamente estranho quando nos partíamos.

-Vi-te com meu pai e Mark em uma ocasião; e não há dúvida de que Alicia te viu no porão quando tinha doze anos.

-E isso nos causará problemas?

-Não, porque a explicação é muito fantasiosa para acreditá-la.

Os dois rimos, e a tensão que nos atendeu durante toda a viagem até chegar a Chicago se esfuma. O tráfico começa a acelerar-se. Ao cabo de pouco tempo, Clare se detém frente ao edifício onde vivo. Coxo a bolsa do porta-malas e observo afastar-se ao Clare, deslizando-se pelo Dearborn, com o coração em um punho. Umas horas mais tarde identifico o que sinto como uma sensação de solidão, e o Natal volta a enclausurar-se oficialmente outro ano mais.

Seu lar está onde pendura o chapéu

Sábado 9 de maio de 1992

Henry tem 28 anos

Henry: decidi que a melhor estratégia é pedir-lhe diretamente; dirá-me que sim, ou me dirá que não. Coxo o ônibus do Ravenswood até o piso de meu pai, meu lar de juventude. Faz bastante tempo que não vou por aí; meu pai me convida muito poucas vezes, e eu não estou acostumado a aparecer sem avisar, como pretendo fazer

agora. Entretanto, se ele não responder ao telefone, que espera que eu faça? Apeio-me no Western e caminho pelo Lawrence para o oeste. A casa de dois novelo está na Virginia; e o alpendre traseiro tem vistas ao rio Chicago. Enquanto estou na em-tradita rebuscando a chave, a senhora Kim espiona desde sua janela e me faz gestos furtivos para que entre em sua casa. Alarmo-me; pelo general, Kimy é muito visceral e fala gritando, por não mencionar quão carinhosa é; e apesar de que sabe tudo o que terá que saber sobre nós, jamais interfere. Bom, quase nunca. Em realidade, mete-se muito em nossas vidas, mas nós gostamos. Nesta ocasião percebo que está francamente triste.

-Gosta de uma Coca-cola? -pergunta-me, e se vai à cozinha.

-Muito bem.

Sotaque a mochila junto à porta principal e a sigo. Na cozinha faz estalar a alavanca de metal de uma bandeja de cubitos de gelo passada de moda. Sempre me maravilha a força do Kimy. Deve ter uns setenta anos e para mim está exatamente igual a quando eu era pequeno. Eu passava muitíssimo tempo aqui embaixo, ajudando-a a preparar o jantar para o senhor Kim (quem morreu faz cinco anos); lia, fazia os deveres e via a televisão. Sinto-me à mesa da cozinha e ela coloca ante mim um copo transbordante da Coca-cola com muito gelo. Ao Kimy ainda ficam uns sorvos de café instantâneo em uma das taças que formam parte do jogo de porcelana fina que leva uns colibris pintados ao redor do bordo. Lembrança a primeira vez que me permitiu tomar café em uma dessas taças; tinha treze anos. Senti-me um adulto.

-Faz muito que não nos vemos, companheiro.

Bufff.

-Sei. Sinto muito... O tempo aconteceu muito depressa para mim ultimamente.

Examina-me. Kimy tem uns olhos negros e escrutinadores que parecem vislumbrar o fundo mais recôndito de meu pensamento. Seu rosto plano e coreano esconde qualquer traçado de emoção, que jamais revela, a menos que seja por vontade própria. É uma jogadora de bridge fantástica.

-estiveste viajando através do tempo?

-Não. De fato, faz meses que não vou a nenhuma parte. É fantástico.

-Tem noiva?

Sorriso.

-Vá, vá. Vale, faço-me cargo. Como se chama? Como é que não a trouxeste por aqui?

-chama-se Clare. Hei-lhe dito várias vezes que eu gostaria de trazê-la a casa, mas ele sempre evita o tema.

-Não me há isso dito nunca. Você vêem, e Richard virá também. Comeremos pato com amêndoas.

Como é habitual, impressiona-me quão obtuso posso chegar a ser. A senhora Kim sabe qual é o melhor modo de limar as complicações sociais. Meu pai não tem nenhum reparo em mostrar-se como um cabrito comigo, mas sempre fará um esforço pela senhora Kim, tão certo quanto ela foi quem virtualmente educou a seu filho, e além disso é provável que não lhe cobre pelo piso o que se cota no mercado.

-É um gênio -lhe digo.

-Sim que o sou. O que não entendo é por que não me concedem uma beca MacArthur. Sabe você?

-Não, o que vai; embora possivelmente é porque não sai o bastante de casa, e não acredito que os que concedem a MacArthur se passem pelo Bingo World.

-Não, eles já têm dinheiro a cestas. me diga, Henry, quando te casará?

A Coca-cola me sobe pelo nariz, de tão forte que me rio. Kimy fica em pé de um salto e começa a me dar golpecitos nas costas. Acalmo-me, e ela volta a sentar-se, de mau humor.

-O que é o que te diverte tanto? Solo era uma pergunta. Suponho que posso fazer perguntas, não?

-Claro, não é nada... Quero dizer que não me rio porque seja uma burrada, mas sim porque me tem lido o pensamento. vim a lhe perguntar a papai se queria me emprestar algum dos anéis de minha mãe.

-Ohhh. Menino, não sei. Vá, assim que te casa! Bom! É fantástico! Dirá-te que sim?

-Isso acredito. Vejamos, estou seguro em um noventa e nove por cento.

-Pois não está nada mal. Não sei nada dos anéis de sua mãe, de todos os modos. Verá, o que queria te dizer... -Olhe para o teto-. Se refere a seu pai; não se encontra nada bem. Grita muito e tira costure. Além disso não pratica.

-Já, bom... Não me surpreende muito, a verdade. De todos os modos, é um mau sinal. subiste ultimamente?

Pelo general, Kimy vai muitas vezes ao piso de meu pai. Acredito inclusive que o limpa em segredo. Vi-a engomar com ar desafiante as camisas do smoking de meu pai para sossegar qualquer comentário por minha parte.

-Não me deixa entrar! -Está a ponto de ficar a chorar; o qual pinta francamente mal. Não há dúvida de que meu pai tem seus próprios problemas, mas que permita que afetem ao Kimy, isso é uma desconsideração por sua parte.

-E quando não está em casa?

Pelo general finjo ignorar que Kimy entra e sai do piso de meu pai sem seu consentimento; ela, por sua parte, faz ver que jamais faria algo assim. Entretanto, em realidade lhe estou agradecido, agora que já não vivo aqui. Alguém tem que vigiá-lo de vez em quando.

Kimy, não obstante, finge um ar culpado, picaro, e um pouco alarmado também pelo fato de que esteja mencionando suas incursões.

-De acordo. É certo: entrei uma só vez; porque me preocupo com ele. Há lixo por toda parte; logo teremos percevejos se seguir assim. Não guarda nada na geladeira, salvo cerveja e limões. Tem tanta roupa sobre a cama que duvido que durma nela. Não sei o que se traz entre mãos. Jamais o vi tão mal desde que sua mãe morreu.

-Maldita seja... O que crie que está passando, Kim?

Nesse momento se ouça um estrondo enorme no alto, o que significa que meu pai deixou cair algo ao chão da cozinha. Certamente tentava levantar-se.

-Acredito que será melhor que subida.

-Sim. -Kimy fica nostálgica-. É um homem tão agradável, seu pai... Não sei por que se abandona tanto.

-Porque é alcoólico; e isso é o que fazem os alcoólicos. Forma parte de suas responsabilidades trabalhistas: destruir-se e seguir destruindo-se.

Kimy me crava seus devastadores olhos.

-Falando de responsabilidades...

-me diga. -OH, mierda.

-Acredito que não está trabalhando.

-Bom, porque a temporada já se terminou. Ele não trabalha em maio.

-Seu grupo está de gira pela Europa, e ele está aqui. Além disso, faz dois meses que não me paga o aluguel.

Maldita seja, maldita seja e maldita seja.

-Kimy, por que não me chamaste? É horrível. Mierda! -Ponho-me de pé e retrocedo o corredor; coxo a mochila e volto para a cozinha. Rebusco no interior e encontro o talonário de cheques-. Quanto te deve?

A senhora Kim está muito violenta.

-Não, Henry, Rio... Já o pagará ele.

-Já me dará isso, em todo caso. Venha, companheira, não passa nada. Dispara e me diga o que te deve.

-Mil e duzentos dólares -diz em voz fica e sem me olhar.

-Nada mais? Mas a que te dedica, colega? A dirigir a Sociedade Filantrópica de Ajuda aos Rebeldes DeTamble? -Anoto a quantidade no talão e o coloco sob o platito de sua taça-. Vale mais que o ingresse, porque se não virei a te buscar.

-Bom, pois se essa é a maneira de que venha para ver-me, então não irei cobrar o.

-Virei a verte igualmente -lhe digo, presa da culpabilidade-. Além disso trarei para o Clare comigo.

Kimy me sorri de brinca a orelha.

-Isso espero. Eu serei sua dama de honra, vale?

-Se meu pai não se reformar, poderia me acompanhar você. Em realidade, é uma idéia fantástica: poderia ir comigo do braço pelo corredor da igreja, e Clare nos estaria esperando com seu smoking, e o organista tocaria Lohengrin...

-Será melhor que me compre um vestido.

-Uy, uy, uy... Não te compre nenhum vestido até que te diga que está todo maço e bem pacote. -Suspiro-. Acredito que será melhor que subida e fale com ele.

Levanto-me. De repente me sinto enorme na cozinha da senhora Kim, como se tivesse ido visita minha escola primária e agora me maravilhasse o tamanho das carteiras.

Kimy se levanta devagar e me segue até a porta de entrada. Dou-lhe um abraço. Durante um momento me parece frágil e perdida, e me pergunto o que será dela, de seus dias telescópicos de limpeza, jardinagem e torneios de bridge, mas então minhas próprias preocupações me sacodem de plano. Voltarei logo; não posso me passar a vida me ocultando na cama com o Clare. Kimy me olhe enquanto abro a porta do piso de meu pai.

-Né, papai! Está em casa?

Depois de uns segundos de silêncio, ouça-se:

-te largue!

Subo as escadas e a senhora Kim fecha a porta.

O primeiro que me ofende é o aroma: há algo que se apodrece aí dentro. A sala de estar é um desastre total. Onde foram a parar os livros? Meus pais possuíam toneladas de livros: de música, de história, novelas, em francês, em alemão, em italiano... Onde estão? Inclusive a coleção de discos e discos compactos parece mais reduzida. Há papéis por toda parte: propaganda, periódicos e partituras que tapizam o chão. O piano de minha mãe tem dois dedos de pó, e vejo um vaso de gladiólos que faz muito se murcharam, mumificando-se no batente da janela. Caminho pelo corredor, e jogo uma olhada aos dormitórios. É o caos mais abjeto: roupa, lixo e mais periódicos. No banheiro uma garrafa do Michelob tem cansado sob o lavabo e uma reluzente capa seca de cerveja enverniza o ladrilhado.

Meu pai está sentado à mesa da cozinha, de costas a mim, olhando pela janela, para o rio. Não se volta quando entro na estadia. Não me olhe quando me sinto; mas tampouco se levanta e parte, o qual interpreto como um sinal de que podemos cercar uma conversa.

-Olá, papai.

Silêncio.

-Acabo de ver a senhora Kim. Diz que não vão muito bem as coisas.

Silêncio.

-Hão-me dito que não trabalha.

-Estamos em maio.

-E por que não te partiste que gira?Al final se digna me olhar. Sob seu tozudez advirto o medo.

-Estou de desce por enfermidade.

-Desde quando?

-Desde março.

-A baixa é retribuída?

Silêncio.

-Está doente? O que ocorre, papai?

Penso que fará caso omisso a minhas perguntas, mas me tende as mãos a modo de resposta. Tremem como se padecessem os efeitos de um ligeiro terremoto de natureza própria. Finalmente o conseguiu. Vinte e três anos bebendo empecinadamente bastaram para destruir sua capacidade para tocar o violino.

-OH, papai. Pelo amor de Deus... O que diz Stan?

-Diz que se acabou. Os nervos se dispararam, e não voltarão a ser como antes.

-Que horror.

Olhamo-nos durante um insuportável minuto. Seu rosto não consegue ocultar a angústia, e eu começo a compreender: não possui nada. Nada fica ao que aferrar-se, ao que sustentar-se, ao que dedicar sua vida. Primeiro, minha mãe, e logo sua música, que desapareceu para sempre. Eu nunca importei muito, e portanto meus esforços tardios não terão grandes conseqüências.

-E agora, o que? -pergunto-lhe.

Silêncio. Ninguém diz nada.

-Não pode ficar aqui e te passar os seguintes vinte anos bebendo.

Meu pai desvia o olhar para a mesa.

-O que ocorre com sua pensão, com os complementos do trabalho, a assistência médica, Alcoólicos Anônimos?

Não tem feito nada, limitou-se a passar de tudo. Onde estive eu todo este tempo?

-paguei o aluguel.

-Ah... -Parece turbado-. Não o tinha pago já?

-Não. Devia dois meses. A senhora Kim se sentia muito violenta e não me queria dizer isso Além disso, tampouco queria que lhe entregasse o dinheiro, mas não tem nenhum sentido que porque você tenha problemas, também deva os ter ela.

-Pobre senhora Kim.

As lágrimas começam a lhe sulcar as bochechas. feito-se velho. Não há outra palavra para descrevê-lo. Tem cinquenta e sete anos e já é um ancião. Entretanto, não estou zangado. Lamento-o muito, e tenho medo por ele.

-Papai.

Me olhe de novo.

-Ouça, terá que me deixar fazer algo por ti, de acordo?

Desvia o olhar e seus olhos se perdem depois da janela, para as imensamente mais interessantes árvores do outro lado da borda.

-Tem que me deixar ver os documentos de sua pensão e os extratos de suas contas bancárias. Terá que permitir que a senhora Kim e eu limpemos sua casa; e além disso, deve deixar de beber.

-Não.

-Não a que? Não a tudo ou só a uma parte do que te proponho?

Silêncio. Começo a perder a paciência, assim dito trocar de tema.

-Papai, vou casar me.

Agora sim que chamei sua atenção.

-Com quem? Quem quereria casar-se contigo?

Acredito que pronuncia essas palavras sem malícia. Sente uma genuína curiosidade. Saco a carteira e extraio uma fotografia do Clare de uma capa de plástico.

No retrato Clare olhe para o longe, com olhar sereno, da praia do Farol. O cabelo lhe flutua ao vento como um estandarte agitado pela brisa, e a temprana luz da manhã parece brilhar contra o fundo de penumbrosos árvores. Meu pai agarra a fotografia e a estuda com atenção.

-chama-se Clare Abshire. É artista.

-Bem. É bonita -diz em tom anti-social. É o mais parecido a uma bênção paterna que vou receber por sua parte.

-Eu gostaria... Eu gostaria muitíssimo lhe dar de presente o aliança de casamento de mamãe, e o de compromisso também. Acredito que lhe teria gostado.

-Mas como, como sabe? Se apenas a recordar...

Não quero entrar em discussões mas, de repente, sinto-me absolutamente decidido a me sair com a minha.

-Vejo-a periodicamente. Vi-a centenas de vezes desde que morreu. Vejo-a passeando pela vizinhança, contigo, comigo. Vai ao parque e memoriza as partituras, vai às compras, toma café com o Mará em Ti'S. A vejo com o tio Ish. Vejo-a no Juilliard. Inclusive a ouço cantar!

Meu pai me observa boquiaberto. Estou destruindo-o, mas é como se nada pudesse me deter.

-Uma vez falei com ela. Uma vez estive de pé, a seu lado, em um trem abarrotado de gente, e a toquei.

Meu pai está chorando.

-Não sempre é uma maldição, entende? Às vezes viajar através do tempo está formidável. Necessitava ardentemente vê-la, e em ocasiões o consigo. Lhe teria encantado Clare, teria querido que eu fora feliz, e aborreceria o modo em que você o há jodido todo pelo simples feito de que ela morreu.

Meu pai se senta à mesa da cozinha e chora. Chora sem tampar o rosto, a não ser baixando simplesmente a cabeça e deixando que as lágrimas fluam de seus olhos.

Observo-o durante um momento, e sinto que é o preço que devo pagar por ter perdido os estribos. Logo me dirijo ao banho e volta com o cilindro de papel de váter.

Meu pai curta umas folhas, às cegas, e se soa o nariz. Permanecemos sentados durante uns minutos.

-por que não me disse isso?

-O que quer dizer?

-por que não me disse que podia vê-la? Me teria gostado... Pois isso, sabê-lo.

por que não o disse? Porque qualquer pai normal já teria adivinhado a essas alturas que o estranho que os espreitava durante seus primeiros anos de casados em realidade era esse filho seu anormal, o viajante do tempo; porque eu estava assustado, porque me odiava pelo fato de ter sobrevivido; porque podia me sentir secretamente superior a ele graças a um dom que meu pai considerava um defeito. Por razões tão horrendas como essas.

-Porque pensei que poderia lhe ferir -lhe digo, em troca.

-OH, não. Não é algo que... Não me sinto ferido, não. Eu... eu gosto de saber que está ali, em algum lugar. Quero dizer... O pior de tudo é que tenha desaparecido; e é bom saber que segue aí, em algum lugar. Embora eu não possa vê-la.

-Quase sempre parece contente.

-Sim, era muito alegre... Eramos muito felizes.

-Sim. Você foi uma pessoa distinta. Sempre me perguntei como teria sido crescer junto a ti, se tivesse sido como então.

levanta-se, devagar, enquanto eu permaneço sentado; e com passo inseguro enfia o corredor, para o dormitório. Ouço-o revolver entre suas coisas e, ao final, retorna devagar com uma bolsita de cetim. Introduce a mão e saca um joalheiro azul escuro. Abre-o e extrai de dentro os dois delicados anéis, que se alojam como sementes em sua mão larga e tremente. Meu pai coloca a mão esquerda sobre a direita, que sustenta os anéis, e se senta durante um momento, como se aquelas jóias fossem vaga-lumes apanhadas entre suas mãos. Fecha os olhos, logo os abre e alarga a mão direita. Eu junto as minhas, formando um receptáculo, e ele derruba os anéis em minha Palmas a modo de oferenda.

O anel de compromisso é uma esmeralda, e a tênue luz procedente da janela se refrata nele, verde e branca. Os anéis são de prata, e terá que polí-los. Terá que levá-los também, e conheço a garota ideal para luzi-los.

Aniversário

Domingo 24 de maio de 1992

Clare tem 21 anos, e Henry 28

Clare: Hoje faço vinte e um anos. É uma maravilhosa tarde do verão. Estou no apartamento do Henry, em sua cama, lendo A pedra lunar. Henry está na diminuta cozinha preparando o jantar. Enquanto me ponho sua bata e me dirijo ao banho, ouço-o proferir impropérios contra o liquidificador. Me tomo com calma, lavo-me o cabelo e cubro de bafo os espelhos. Penso que poderia me cortar o cabelo. Seria agradabilíssimo lavá-lo, lhe passar um pente rápido Y... preparados! Arrumada e disposta a correr em qualquer direção. Suspiro. Henry ama meu cabelo quase como se fora um ente em si mesmo, como se tivesse uma alma que pudesse reclamar como própria, como se minha juba também fora capaz de corresponder a seu amor. Sei que ama meu cabelo porque forma parte de minha pessoa, e também sei que lhe entristeceria muito se me cortasse isso. Além disso, eu também o sentiria falta de... O que ocorre é que requer tanto esforço que às vezes me quereria tirar isso como se fora uma peruca e deixá-lo a um lado para sair a jogar. Penteio-o com cuidado, desfazendo os enredos. Quando está molhado meu cabelo pesa e me atira do crânio. Entreabro a porta do banho para dissipar o vapor. Henry está cantando alguma peça da Carmina Burana que sonha estranha e desafinada. Saio do banho quando começa a pôr a mesa.

-Fantástica cronometración; o jantar está servido.
-Espera um minuto. vou vestir me.
-Está perfeita assim. De verdade. -Henry dá a volta à mesa, abre-me a bata e roça meus peitos com suas mãos.
-Mmmm. O jantar se esfriará.
-O jantar está frio, de fato. Enfim, supõe-se que é um jantar frio.
-Ah... Bom, comamos então. -De repente me sinto esgotada e de mau humor.
-De acordo -diz Henry, e me solta sem fazer nenhuma classe de comentário.
Segue com o que estava fazendo e põe os talheres na mesa. Observo-o durante um minuto, e logo recolho a roupa dispersada pelo chão e me ponho isso. Sinto-me à mesa; Henry traz duas terrinas de sopa, uma sopa pálida e espessa.
-Vichyssoise. É a receita de minha avó.
Tomo um sorvo. É perfeita, gordurosa e fresca. O segundo prato é salmão com uns aspargos larguíssimos alinhados com uma marinada de azeite de oliva e romeiro.
Abro a boca para comentar algo agradável da comida, mas em vez disso digo:
-Henry... Outros praticam tanto o sexo como nós?
Henry reflete uns segundos.
-A maioria, não... Suponho que não. Solo a gente que não faz muito tempo que se conhece e ainda não pode acreditar a sorte que teve, diria eu. Fazemo-lo muito?
-Não sei. Possivelmente sim. -Falo olhando ao prato. Não posso acreditar que esteja pronunciando essas palavras; passei-me toda a adolescência suplicando ao Henry que me fizesse o amor, e agora estou lhe dizendo que é muito.
Henry está sentado, muito rígido e quieto.
-Clare, sinto-o muitíssimo. Não me dava conta; sai-me sem pensar.
Levanto os olhos; Henry parece aflito. Estalo em gargalhadas. Henry sorri, um pouco culpado, mas os olhos lhe faíscam.
-É sozinho que... Olhe, há dias em que não posso me sentar.
-Bom... Solo tem que me dizer isso Você me diz: "Esta noite, não, carinho, hoje já o temos feito vinte e três vezes e preferiria ler Casa desolada".
-E você desistirá e abandonará com docilidade?
-Já o tenho feito antes, não? Fui muito dócil no passado.
-Sim, mas então eu me sentia culpado.
Henry ri.
-Aqui sim que não esperará que te ajude. Possivelmente essa seja minha única esperança: dia detrás dia, semana detrás semana, adoecerei desejando o alimento de seus beijos, me murchando por desejar uma mamada, e ao cabo de um momento, você levantará os olhos do livro e te dará conta de que em realidade vou morrer a seus pés se não follas comigo imediatamente, mas eu não direi nenhuma só palavra. Talvez emitirei alguns gemidos.
-Mas... Não sei. Quero dizer que estou esgotada, e você, em troca, parece... estar perfeitamente bem. Acaso sou anormal ou um pouco parecido?
Henry se inclina para mim e me tende as mãos. Coloco a minha entre sua Palmas.
-Clare.
-me diga.
-Pode que não seja muito delicado mencionar isto, mas se me perdoa te direi que seu impulso sexual ultrapassa em muito ao de quase todas as mulheres com quem

saí. A maioria teria pedido auxílio a seu pai e conectado a secretária eletrônica faz muitos meses. Agora bem, deveria haver-me imaginado... Como parecia sempre tão entregue... Mas se for muito, ou não gosta, tem que me dizer isso porque se não, passarei-me o dia me aproximando de ti nas pontas dos pés, me perguntando se te curvar com minhas monstruosas exigências.

-Mas quando sabemos que já temos bastante sexo?

-Em meu caso? Boa pergunta! Minha idéia de uma vida perfeita seria ficar na cama todo o tempo. Fariamos o amor com uma certa continuidade, e só nos levantaríamos para ir procurar provisões: água fresca e fruta para acautelar o escorbuto; e também faria algum que outro viajecito ao banho para me barbear, antes de me mergulhar de novo na cama. de vez em quando poderíamos trocar os lençóis; e ir ao cinema para evitar nos ulcerar, e correr. Teria que seguir correndo todas as manhãs.

Correr é uma religião para o Henry.

-por que teria que correr? A verdade é que já estaria fazendo muitíssimo exercício.

De repente Henry fica sério.

-Porque freqüentemente minha vida depende de ser capaz de correr mais rápido que o que me persegue.

-Ah... -Agora me toca me sentir envergonhada, porque isso eu já sabia-. Entretanto... há algo que não compreendo. O fato é que não parece ir a nenhum lado.

Quer dizer, desde que te conheço no presente, logo que viajaste através do tempo, ou não?

-Bom, em Natal, já o viu; e quando faltavam poucos dias para o dia de Ação de Obrigado, também. Você estava em Michigan, e não o mencionei porque foi deprimente.

-Esteve contemplando o acidente?

Henry me olhe fixamente.

-A verdade é que sim. Como o soubeste?

-Faz uns anos apareceu uma Véspera de natal em Casa Cotovia do Prado e me contou isso. Estava muito alterado.

-Sim. Lembrança que me senti muito desgraçado com tão solo ver a data na lista, e pensei: "Mierda, outro Natal mais que terei que suportar!". Além disso, esse Natal foi muito mau em seu momento; terminei com uma intoxicação etílica e tiveram que me fazer uma lavagem de estômago. Espero não ter arruinado a tua.

-Não... Pu-me muito contente ao verte; e me contou algo muito importante, pessoal, apesar de que pôs um grande empenho em não deixar escapar nem nomeie, nem lugares. De todos os modos, tratava-se de sua autêntica vida, e eu estava se desesperada por saber algo de ti, que me ajudasse a me convencer de que foi alguém real e não uma espécie de psicose pessoal. Por isso sempre estava lhe tocando -lhe confesso me rendo-. Nunca me dava conta de que isso deveu te complicar muito as coisas.

Quero decirque apesar de desdobrar todos meus encantos, você estava mais frio que um tímpano. Devia sentir morrer.

-Não me diga!

-O que tem que sobremesa?

Henry se levanta obediente e traz a sobremesa. É sorvete de manga com framboesas; e uma velita que se sobressai de um ângulo. Henry canta Aniversário feliz, e me rio com vontades porque desafina muitíssimo. Formulo um desejo e sopro a vela. O sorvete está muito bom; sinto-me muito animada, e rebusco em minha memória em busca de algum episódio especialmente atroz do Henry mordendo o anzol.

-Bem. Ainda lembrança algo pior. Estava-te esperando uma noite; eu tinha dezesseis anos. Era muito tarde, quase as onze, e havia lua nova, assim reinava a escuridão mais absoluta na clareira. Além disso, eu estava molesta contigo porque não deixava de me tratar como se... como se fora uma menina, um colega ou um pouco parecido..., e eu andava como louca por perder a virgindade. De repente, me ocorreu esconder sua roupa...

-OH, não.

-Sim. Transladei a roupa a um lugar distinto... -Estou um pouco envergonhada dessa história, mas já é muito tarde.

-E o que passou?

-Apareceu você, e, resumindo, estive te provocando até que já não pôde suportá-lo mais.

-E logo?

-Logo te equilibrou sobre mim e me imobilizou, e durante uns trinta segundos ambos pensamos: "Já está". Vamos, que não se tratava de uma violação, porque eu lhe estava pedindo isso a gritos; mas pôs aquela cara e me disse: "Não", levantou-te e te partiu. Foi direto às árvores, atravessando todo o claro, e não voltei a verte durante três semanas.

-O que te parece isso!... Esse homem sim que vale a pena.

-Senti-me tão mortificada por aquele sucesso que fiz um esforço enorme por me comportar durante os dois anos seguintes.

-Graças a Deus. Não posso imaginar desdobrando semelhante força de vontade tão freqüentemente...

-claro que sim, isso é o mais surpreendente de tudo. Durante muito tempo pensei que não te atraía. Claro que se formos nos passar toda a vida metidos na cama, suponho que poderá fazer ornamento de um certo comedimento em suas excursões a meu passado.

-Bom, em realidade não brinco quando digo que gosta de muitíssimo do sexo. Dou-me conta de que não é prático; mas quero que saiba que me sinto diferente. É como se... como se me sentisse muito conectado contigo; e acredito que isso me retém no presente. Ao viver fisicamente conectados desse modo, é como se meu cérebro se reprogramasse. -Henry me acaricia a mão com as pontas dos dedos e levanta os olhos-. Tenho algo para ti. Vêm e sente-se aí.

Levanto-me e vou atrás dele para a sala de estar. converteu a cama em sofá, e é aí onde tomo assento. O sol fica e uma luz rosa e tangerina banha a habitação. Henry abre seu escritório, introduz a mão em um fichário e saca uma bolsita de cetim. sinto-se um pouco separado de mim, mas nossos joelhos se tocam. "Deve ouvir como me pulsa o coração -penso-. Já chegou o momento." Henry me agarra ambas as mãos e me olhe com seriedade. Levo tanto tempo esperando isto, que agora que o estou vivendo, sinto-me assustada.

-Clare.

-O que? -pergunto com uma vocecita trêmula.

-Sabe que te quero. Quer te casar comigo?

-Sim... Henry. -Embarga-me uma vivida sensação de déjà vu-. Mas sabe?... Eu já estou casada contigo.

Domingo 31 de maio de 1992

Clare tem 21 anos, e Henry 28

Clare: Henry e eu estamos no vestíbulo do edifício de apartamentos no que cresceu. Apesar de que chegamos um pouco tarde, não temos nenhuma pressa e ficamos

quietos, de pé; Henry se apóia contra as rolhas e respira pausadamente com os olhos fechados.

-Não se preocupe -lhe digo-. Não pode ser pior que quando conheceu minha mãe.

-Seus pais foram muito agradáveis comigo.

-Mas minha mãe é... imprevisível.

-Também o é meu pai.

Henry introduz a chave na fechadura da porta principal e subimos um lance de escadas. Henry bate na porta de um dos pisos. Imediatamente nos abre uma anciã coreana e de corpo miúdo: Kimy. Leva um vestido de seda azul e um pintalábios vermelho intenso, e se retocou as sobrancelhas, lhes dando uma forma um pouco pronunciada.

Tem o cabelo de uma cor cinza grisalha; e o tem trancado e recolhido em dois coques à altura das orelhas. Por alguma razão recorda a Ruth Gordon. Chega-me ao ombro, e para me olhar inclina a cabeça para trás e exclama:

-Ohhhh, Henry... é ple-ciooo-seja!

Noto que me ponho vermelha.

-Kimy, onde estão suas maneiras?

-Olá, senhorita Clare Abshire! -exclama ela rendo.

-Olá, senhora Kim.

Sorrindo-nos, e então ela me confessa:

-OH, tem que me chamar Kimy. Todos me chamam Kimy.

Assento e a sigo para a sala de estar, onde vejo o pai do Henry, sentado em uma poltrona.

Não pronuncia nenhuma só palavra, tão solo me olhe. O pai do Henry é magro, alto, anguloso, e está cansado. Não se parece muito ao Henry. Tem o cabelo curto e cinza, o nariz largo e uma boca fina com as comissuras algo quedas. sinta-se curvado em sua poltrona, e advirto que suas mãos, largas e elegantes, repousam em seu regaço como um gato que dormitasse.

Henry tosse.

-Papai, apresento ao Clare Abshire. Clare, este é meu pai, Richard DeTamble.

O senhor DeTamble alarga uma mão lentamente, e eu dou um passo para estreitar-lhe. É fria como o gelo.

-Olá, senhor DeTamble. Encantada de lhe conhecer.

-De verdade? Então Henry não deve te haver contado muitas coisas sobre mim. -Sua voz é rouca e zombadora-. Terei que tirar partido de seu otimismo. Vêm e sente-se a meu lado. Kimy, pode nos oferecer algo de beber?

-Agora mesmo lhes ia perguntar isso... Clare, o que gosta de tomar? Fiz sangria, você gosta? Henry, quer um pouco de sangria? Muito bem; e você, Richard, gosta de uma cerveja?

Todos parecem deter-se durante uns segundos. Então o senhor DeTamble diz:

-Não, Kimy, acredito que tomarei chá, se não te importa prepará-lo.

Kimy sorri e desaparece na cozinha, e o senhor DeTamble se volta para mim e me comenta:

-Estou um pouco acatarrado. tomei esse remédio para os resfriados, mas me temo que o único que me provoca é modorra.

Henry está sentado no sofá, nos observando. Os móveis são brancos e parece que os tivessem adquirido em uma loja JCPenney por volta de 1945. A tapeçaria está recubierta com um plástico transparente, e há uns caminhos de vinil sobre o carpete branco. A chaminé tem o aspecto de não haver-se utilizado jamais; e no parapeito há uma preciosa tinta de uns bambus balançados pelo vento.

-Esse quadro é maravilhoso -comento, porque vejo que ninguém abre a boca.

O senhor DeTamble parece satisfeito.

-Você gosta? Anette e eu o trouxemos do Japão em 1962. Compramo-lo no Kioto, mas o original procede da China. Pensamos que ao Kimy e ao Dong gostaria. É uma cópia de uma pintura muito mais antiga, do século XVII.

-o conte ao Clare o do poema -intervém Henry.

-Sim; o poema diz algo assim: "Bambu sem pensamento, sulca entretanto as nuvens com suas idéias. Erguido na solitária montanha, silencioso, digno, exemplifica a vontade do cavalheiro. Pintado e escrito com o coração alegre, Wu Chen".

-É precioso.

Kimy entra com as bebidas dispostas em uma bandeja, e Henry e eu agarramos sendos copos de sangria, enquanto o senhor DeTamble agarra com cuidado seu chá com ambas as mãos; a taça tamborila contra o platito quando a deixa na mesita que tem ao lado. Kimy se senta em uma poltrona junto à chaminé e dá uns sorbitos a sua sangria. Eu provo a minha, e me dou conta de que é muito forte. Henry joga uma olhada em minha direção e arqueia as sobrancelhas.

-Você gosta dos jardins, Clare? -pergunta-me Kimy.

-Mmmm, sim. Minha mãe é jardineira.

-antes de jantar tem que sair a ver o pátio traseiro. Todas meus peonías estão florescendo, e temos que te ensinar o rio.

-Parece-me perfeito.

Dirigimo-nos em grupo ao pátio. Admiro o rio Chicago, que discorre plácidamente aos pés de uma escada precária; admiro deste modo as peonías.

-Que classe de jardim tem sua mãe? -pergunta-me Kimy-. Cultiva rosas?

Kimy possui uma pequena rosaleda, mas bem ordenada, que consta de rosas de chá híbridas, por isso posso ver.

-Sim, tem uma rosaleda. Mas a verdadeira paixão de minha mãe são as íris.

-OH, eu tenho íris; estão por aí. -Kimy assinala para um grupito de flores-. Terei que dividi-los; crie que a sua mãe gostaria que lhe desse de presente alguns?

-Não sei. O perguntarei. -Minha mãe tem mais de duzentas variedades de íris. Capto o sorriso do Henry a costas do Kimy e franzo o cenho-. Poderia lhe perguntar se pode lhe mandar algumas de suas variedades; ela cultiva umas quantas, que logo gosta de dar de presente a suas amizades.

-Sua mãe cultiva íris? -pergunta o senhor DeTamble.

-Sim, também tulipas, mas as íris são suas flores preferidas.

-É jardineira profissional?

-Não, solo aficionada. Tem um jardineiro que faz quase todo o trabalho, e um montão de gente que deve segar, tirar as más ervas e cuidar as novelos.

-Deve ser um pátio enorme -comenta Kimy.

Nossa anfitriã nos faz entrar de novo no piso; nesse momento um avisador se dispara na cozinha.

-Muito bem. Hora de jantar.

Pergunto-lhe se quiser que a ajude, mas Kimy me faz um gesto com a mão me indicando que vá sentar-me. Acomodo-me diante do Henry. Seu pai está a minha direita e a cadeira vazia do Kimy a minha esquerda. Dou-me conta de que o senhor DeTamble leva pulôver, apesar de que o ambiente está esquentado. Kimy tem uma porcelana maravilhosa, com uns colibris desenhados. Frente a cada um de nós há um copo embaciado e cheio de água fria. Kimy nos serve vinho branco. Titubeia ao chegar à taça

do pai do Henry, mas se salta o turno quando ele nega com a cabeça. Depois de pôr as saladas na mesa, sintam-se conosco. O senhor DeTamble levanta o copo de água.

-Pelo feliz casal.

-Pelo feliz casal -repete Kimy, e todos brindamos e bebemos-. me Diga, Clare. Henry me contou que é artista. Que classe de artista?

-Elaboro papel. Faço esculturas de papel.

-Ahhh. Terá que me ensinar isso algum dia, porque eu não sei nada de todo isso. É como o origami?.

-Não, não.

-Suas esculturas são como as do artista alemão que vimos no Instituto de Arte, sabe? Aquele que se chamava Anselm Kiefer -intervém Henry-. São umas esculturas de papel enormes, escuras e terroríficas.

Kimmy parece surpreendida.

-por que uma garota tão bonita como você faz coisas tão horríveis como essas?

-Isso é arte, Kimy -responde Henry, rendo-. Por outra parte, são preciosas.

-Utilizo muitas flores -digo ao Kimy-. Se me der de presente suas rosas murchas, colocarei-as em uma obra em que estou trabalhando agora.

-Muito bem. Do que se trata?

-É um corvo gigante feito de rosas, cabelo e fibra de hostas.

-Ufff. E como te ocorreu representar um corvo? Os corvos trazem má sorte.

-Ah, sim? Pois eu adoro.

O senhor DeTamble arqueia uma sobrancelha e durante um segundo sim que se parece com o Henry.

-Tem umas idéias muito peculiares sobre a beleza.

Kimy se levanta e poda os pratos de salada. Logo traz uma terrina de feijões verdes e uma bandeja fumegante de "Pato assado com molho de framboesa e grãos de pimenta rosa". É celestial. Então me dou conta de quem aprendeu a cozinhar Henry.

-O que lhes parece? -pergunta Kimy, exigindo uma resposta.

-É delicioso, Kimy -diz o senhor DeTamble, e eu me uma a suas adulações.

-Possivelmente deveria lhe haver posto menos açúcar-Opina Henry.

-Sim, também me parece isso.

-De todos os modos, está realmente tenro.

Kimy sorri. Coxo a taça de vinho e o senhor DeTamble me faz um gesto.

-O anel do Anette fica muito bem.

-É muito bonito. Obrigado por deixar que o leve.

-Esse anel tem muchísima história, e também a aliança que o acompanha. Fizeram-no em Paris em 1823 para a mãe de meu tatarabuela, que se chamava Jeanne. Chegou aos Estados Unidos em 1920 com minha avó, Yvette, e esteve em uma gaveta desde 1969, o ano em que morreu Anette. Eu gosto de muito voltar a vê-lo a luz do dia.

Miro o anel e penso: "A mãe do Henry o levava o dia que morreu". Jogo uma olhada ao Henry, que parece estar pensando quão mesmo eu, e ao senhor DeTamble, que segue comendo seu pato.

-me conte coisas do Anette.

O senhor DeTamble deixa o garfo sobre a mesa e apóia os cotovelos, descansando a frente entre as mãos. Observa-me através dos dedos.

-Bom, estou seguro de que Henry já deve te haver contado algo.

-Sim, um pouco sim. Eu cresci escutando seus discos; meus pais são grandes admiradores deles.

O senhor DeTamble sorri.

-Ah, então já saberá que Anette tinha a voz mais maravilhosa. .. rica e pura, uma voz com uma gama tão variada de registros que podia expressar o que sentia sua alma, e eu sempre que a escutava pensava que minha vida tinha um sentido mais profundo que o que lhe outorgava a mera biologia... Ela sabia ouvir de verdade, compreendia a estrutura e podia analisar exatamente o conteúdo de uma peça musical ao apresentá-la em sua forma genuína... Annette era uma pessoa muito emotiva; sabia transmitir essa sensação a outros. depois de sua morte, já não voltei a sentir nada mais.

Cala durante uns segundos. Não me atrevo a olhar ao senhor DeTamble e desvio o olhar para o Henry, quem contempla a seu pai com uma expressão de enorme tristeza; sob os olhos e me concentro em meu prato.

-De todos os modos, perguntaste-me pelo Anette -diz o senhor DeTamble, rompendo o silêncio-, e não por mim. Era muito agradável, e isso apesar de ser uma grande artista; ambas as qualidades não revistam ir casais. Anette fazia feliz às pessoas; ela era feliz. Desfrutava da vida. Solo a vi chorar em duas ocasiões: uma, quando lhe dei de presente esse anel, e a outra, quando teve ao Henry.

Depois de uma nova pausa, intervenho de novo:

-Foi você muito afortunado.

Sorri, sem deixar de cobrir o rosto com as mãos.

-Bom, durante um tempo sim. Um dia tínhamos tudo o que tínhamos sonhado e ao seguinte ela estava destrocada em uma rodovia.

Ao Henry lhe escapa uma careta.

-Mas acaso não acredita que é melhor ser extremamente feliz durante um tempo, embora seja breve, embora termine por perdê-lo tudo, que levar uma vida medíocre?

-insisto eu.

O senhor DeTamble me observa. Aparta as mãos de sua cara e me contempla atentamente.

-Pois me perguntei isso muitas vezes. Isso é o que você crie?

Penso em minha infância, nas esperas, as dúvidas e a alegria de ver o Henry caminhando pelo prado, depois de uma ausência de semanas ou meses, e lembrança também o que experimentei ao não vê-lo durante dois anos e, de repente, encontrá-lo na sala de leitura da biblioteca Newberry: a alegria de poder tocá-lo, o luxo de saber onde estava, e ter a certeza de que me amava.

-Sim, isso é o que acredito. -Miro ao Henry e ele me sorri.

O senhor DeTamble assente.

-Henry escolheu bem.

Kimy se levanta para nos trazer o café e enquanto está na cozinha o senhor DeTamble segue falando.

-Henry não está preparado para fazer da vida de outros um remanso de paz. De fato, em muitos sentidos é absolutamente distinto a sua mãe: pouco de confiar, volúvel e não especialmente interessado em ninguém que não seja sua própria pessoa. me diga, Clare: por que diabo uma garota tão encantada como você quereria casar-se com o Henry?

A sala inteira parece agüentar a respiração. Henry fica tenso, mas não diz nada. Inclino-me para diante e sorrio ao senhor DeTamble. Como se me tivesse perguntado que classe de sorvete eu gosto mais, digo-lhe com entusiasmo:

-Porque é muito, mas que muito bom na cama.

Na cozinha se ouça o estrondo de uma gargalhada. O senhor DeTamble joga uma olhada ao Henry, quem arqueia as sobrancelhas e sorri; e ao final incluso o senhor DeTamble termina sorrindo.

-Touché, querida.

Mais tarde, depois de tomar o café e provar o delicioso bolo de amêndoas do Kimy, depois de que esta me tenha ensinado fotografias do Henry de bebê, de menino, ao graduar do bacharelado (para sua vergonha), depois de me tenha tirado mais informação a respeito de minha família ("Quantos dormitórios? Tantos? Né, companheiro, por que não me havia dito que além de bonita é rica?"), dirigimo-nos à porta de entrada, agradeço ao Kimy o jantar com que nos obsequiou e me demissão do senhor DeTamble.

-foi um grande prazer, Clare, mas tem que me chamar Richard.

-Obrigado..., Richard.

Retém minha mão durante uns segundos, e nesse momento o vejo como deveu vê-lo Annette faz muitos anos; mas logo essa sensação desaparece e Richard dirige uma saudação forçada ao Henry com um gesto da cabeça. Henry, por sua parte, beija ao Kimy e baixamos as escadas que nos conduzem para a noite estival. Parece como se tivessem transcorrido anos desde que entramos.

-Buuufff-exclama Henry-. foi uma morte lenta o que vivi aí dentro.

-estive bem?

-Que se tiver estado bem? estiveste brilhante! Encantaste-lhe!

Baixamos a pé pela rua, com as mãos agarradas. Há um parque infantil ao final da maçã, corro para ele e subo a um balanço. Henry se instala no de ao lado, de cara a mim, e nos balançamos muito alto, nos cruzando no ar, às vezes sincronizados e às vezes sulcando o céu com tanta velocidade que parece que vamos chocar. Rimos, não paramos de rir; não existe a tristeza, ninguém desaparecerá, nem morrerá, nem se afastará: vivemos o momento presente. Nada pode alterar nossa felicidade, nem nos roubar a alegria desse instante perfeito.

Quarta-feira 10 de junho de 1992

Clare tem 21 anos

Clare: Sentei-me sozinha a uma mesa que há frente ao cristal do Café Peregolisi, um venerável e reduzido ninho de ratos onde servem um café excelente. Teria que estar fazendo um trabalho sobre a Alicia no País das Maravilhas para a classe de História de quão grotesco vou cursar este verão, mas em lugar disso abandono a meus ensonações e contemplo ociosa aos habitantes do lugar, que se apressam pela rua Halsted ao cair a tarde. Não estou acostumado a me aproximar da Cidade dos Moços, mas imagino que avançarei mais no artigo se for a um lugar onde a meus conhecidos jamais lhes ocorreria me buscar. Henry desapareceu. Não está em casa e hoje não foi ao trabalho. Intento não me preocupar. Procuro adotar uma atitude acalmada e despreocupada. Henry sabe cuidar de si mesmo. Solo porque eu ignore onde está nestes momentos não significa que vá ter problemas. Quem sabe? Talvez está comigo.

Ao outro lado da rua alguém me saúda com a mão. Entrecierro os olhos, centro a vista e me dou conta de que se trata da mulher negra e baixa que estava com o Ingrid aquela noite no Aragón: Celia. Devolvo-lhe a saudação, e ela cruza a rua. De repente se planta diante de mim. É tão miúda que nossas caras coincidem em altura apesar de que eu estou sentada e ela de pé.

-Olá, Clare -me diz com voz de geléia, uma voz em que quereria me fundir e logo dormir.

-Olá, Celia. Sente-se.

sinta-se diante de mim, e advirto que a razão de sua curta estatura reside em suas pernas; sentada tem um aspecto muito mais normal.

-ouvi dizer que te prometeste.

Levanto a mão esquerda e lhe mostro o anel. O garçom se encurva e Celia pede um café turco. Me olhe e me dedica um sorriso ladino. Tem os dentes brancos, compridos e curvos, os olhos grandes e as pálpebras ao meio fechar, imóveis, como se se estivesse ficando dormida. recolheu-se os cachos rastafari em um coque alto, que adornou com uns palitos rosa a jogo com seu brilhante vestido, também rosa.

-Ou é muito valente ou está louca.

-É o que me diz a gente.

-Bom, a estas alturas já deveria sabê-lo.

Sorrio, encolho-me de ombros e dou um sorbito ao café, que está morno e muito doce.

-Sabe onde está Henry agora mesmo? -pergunta-me Celia.

-Não. Sabe você onde está Ingrid agora mesmo?

-Sim. Está sentada em um tamborete do bar Berlim, me esperando; e além disso chego tarde - acrescenta consultando seu relógio de pulso.

A luz procedente da rua dota a sua pele sombria e queimada de uns reflexos azuis que sucedem púrpura. Parece uma marciana glamurosa.

-Henry vai correndo pela Broadway, tal como Deus o trouxe para o mundo, com um montão de skinheads lhe pisando os talões -me informa sorrindo.

OH, não.

O garçom traz o café da Celia e eu lhe assinalo minha taça; volta a enchê-la. Meço com precisão uma colheradita de açúcar, jogo-a na taça e removo. Celia coloca uma colherada de sobremesa na tacita de seu café turco. É negro e denso como o melaço. "Era uma vez três hermanitas... que viviam no fundo de um poço... Perguntarão-lhes por que viviam no fundo de um poço... Pois verão, porque aquele poço era um poço de melaço."

Celia está esperando a que eu diga algo. "Faz uma reverência enquanto pensa o que dirá. Servirá-te para ganhar tempo."

-De verdade? -digo. Uma saída muito, mas que muito brilhante, Clare.

-Não parece muito preocupada. Se meu homem estivesse correndo em Pelotas e desse modo, eu me inquietaria um pouco.

-Já, bom... Henry não é exatamente um homem normal e corrente.

-E que o diga, tia! -exclama Celia, rendo.

Pergunto-me quanto saberá. Acaso Ingrid sabe algo? Celia se aproxima de mim, dá um sorbito ao café, abre muito os olhos, arqueia as sobrancelhas e franzido os lábios.

-De verdade vais casar te com ele?

-Se não lhe crie isso, vêm comprová-lo. Convido-te à bodas -digo em um arrebatamento.

Celia nega com a cabeça.

-Quem, eu? Mas se souber que não gosta de nada ao Henry, nem o mais mínimo.

-Bom, você tampouco sente grande devoção por ele.

-Agora sim a sinto -responde Celia sorrindo-. Plantou à senhorita Ingrid Carmichel em plano besta, e eu me dediquei a recolher os pedaços. -Volta a consultar seu relógio-. Dito o qual, chego tarde a minha entrevista. por que não vem comigo? -propõe-me levantando-se.

-Não, não, obrigado.

-Venha, garota. Ingrid e você deveriam lhes conhecer. Têm muitíssimo em comum. Venha, celebraremos uma fiestecita de solteiras.

-No Berlim?

-Não me refiro à cidade -responde Celia rendo-, a não ser ao bar.

Suas gargalhadas são de caramelo; parecem emanar do corpo de alguém muito mais alto. Não quero que parta, mas...

-Não, não acredito que seja uma boa idéia -digo a Celia, olhando-a fixamente-. Me parece mesquinho.

Celia sustenta meu olhar, e me evoca uma imagem de serpentes e gatos. "Os gatos comem sapos?... Os sapos comem gatos?"

-Além disso, tenho que terminar isto.

Celia aventura um olhar a meu caderno.

-Vá, assim temos deveres... OH, será uma velada escolar! Agora faz o favor de escutar a Celia, sua irmã maior, que sabe o que convém às estudantes... Ouça, já tem idade suficiente para beber álcool?

-Sim -lhe digo com orgulho-. Há três semanas.

Celia se aproxima de meu ouvido. Cheira a canela.

-Venha, te anime, Clare. Tem que viver um pouco antes de sentar a cabeça com o senhor bibliotecário. Vengaaaa..., Clare. Se não, não te dará conta e estará até as orelhas de bebês bibliotecários, que cagarão o sistema de classificação decimal Dewey em suas fraldas descartáveis.

-De verdade que não acredito que...

-Pois não diga nada, você tão solo vêem.

Celia amontoa meus livros e se as acerta para derrubar a jarrita de leite. Começo a secar o desastre, mas então Celia sai do café dando pernadas, com meus livros sob o braço. Solo me ocorre sair correndo atrás dela.

-Celia, faz o favor.... Necessito esses...

Para ser alguém que tem as pernas curtas e meia uns saltos de treze centímetros, Celia se move muito rápido.

-Nem pensar. Não lhe devolverei isso até que me prometa que virá comigo.

-Ao Ingrid não vai gostar.

Ajustamos o passo e nos dirigimos ao sul pelo Halstead para o Belmont. Não tenho vontades de ver o Ingrid. A primeira e última vez que a vi foi no concerto dos Violent Femmes, e no que respeita para mim, com uma vez é suficiente.

-Claro que gostará. Ingrid sente muita curiosidade por ti.

Giramos pelo Belmont e passamos frente a diversos salões de tatuagens, restaurantes hindus, lojas de artigos de pele e Igrejas congregadas em estabelecimentos comerciais. Cruzamos por debaixo dos trilhos elevados do metro e chegamos ao Berlim. O local por fora não parece muito atrativo. As janelas estão pintadas de negro e ouço a música disco vibrando da escuridão que se adivinha depois de um tipo magricela e sardento, quem estende um carteira só para mim, sem reparar na Celia, marca-nos as mãos com uma almofada e nos permite nos introduzir no abismo.

Quando minha visão se adapta à escuridão, dou-me conta de que o local está cheio de mulheres. Mulheres empelotadas sob um diminuto cenário que observam a uma bailarina de striptease rebolar, com um tanga e umas pezoneras de lentejoulas vermelho. Mulheres rendo e paquerando no bar. É a Noite das Damas. Celia atira de mim

para que vá para uma mesa, onde Ingrid está sentada sozinha, com um copo comprido cheio de um líquido azul céu diante. Levanta os olhos; juraria que não está muito contente de lombriga. Celia beija ao Ingrid e me faz um gesto para que me sente com elas. Entretanto eu permaneço de pé.

-Olá, muito bonito -diz Celia ao Ingrid.

-O que isto, uma brincadeira? Para que a trouxe?

Ambas me ignoram. Celia segue sustentando meus livros sob o braço.

-Não passa nada, Ingrid. A garota vale a pena. pensei que vocês gostariam de lhes conhecer melhor, isso é tudo. -Celia fala em tom de desculpa, mas inclusive eu me dou conta de que desfruto vendo o Ingrid tão incômoda.

-por que está aqui? -pergunta-me Ingrid, me fulminando com o olhar-. vieste a fanfarronear? recosta-se na cadeira e levanta o queixo desafiante.

Ingrid parece um vampiro loiro, com sua jaqueta de veludo negro e o pintalábios vermelho sangue. Está deslumbrante. Eu, em troca, sinto-me como uma colegiala de províncias. Tendo as mãos para a Celia e ela me devolve os livros.

-vim obrigada, mas me parto agora mesmo.

Quando faço o gesto de me voltar, Ingrid alarga a mão e me agarra pelo braço.

-Espera um minuto...

Ingrid me dobra a mão esquerda e a aproxima para si, eu tropeço e meus livros saem disparados. Quando consigo me largar dela, diz-me:

-Estão prometidos?

Dou-me conta de que está olhando o anel do Henry. Evito lhe responder. Ingrid se dirige a Celia.

-Você sabia, verdade?

Celia baixa os olhos e não as desapega da mesa; não abre a boca.

-Trouxeste-a para me esfregar isso à cara, bruxa, mais que bruxa -diz com voz tranqüila. Logo que posso ouvi-la com o ruído da música.

-Não, Ing, eu sozinho...

-Que lhe jodan, Celia.

Ingrid se levanta e seu rosto fica perto do meu. Durante uns segundos imagino ao Henry beijando esses lábios vermelhos. Ingrid me olhe fixamente.

-lhe diga ao Henry que se vá ao inferno -me diz-, e lhe diga também que nos veremos ali.

parte muito ofendida. Celia fica sentada com o rosto fundo entre as mãos. Eu começo a recolher os livros, e quando me volto para partir, Celia me diz:

-Espera.

Detenho-me.

-Sinto muito, Clare.

Encolho-me de ombros. Vou para a porta, e quando me volto, vejo que Celia segue sentada só à mesa, sorvendo a bebida azul do Ingrid e reclinando o rosto em sua mão, sem me olhar.

Já na rua caminho cada vez mais depressa para chegar ao carro; logo arranco, vou a casa e me meto no dormitório. Deito-me e marco o número do Henry, mas ele não está em casa. Apago a luz, mas não consigo dormir.

Mais vale viver sob os efeitos da química

Domingo 5 de setembro de 1993

Clare tem 22 anos, e Henry 30

Clare: Henry está folheando seu manido exemplar do Manual de consulta da profissão médica. Mau sinal.

-Nunca me tinha dado conta de que é um fanático das drogas.

-Não sou um fanático, sou um alcoólico.

-Não é alcoólico.

-Claro que o sou.

Estou arremesso em seu sofá e cruzo as pernas sobre seu regaço. Henry põe o livro sobre minhas coxas e segue acontecendo páginas.

-Não bebe tanto como diz.

-Antes sim. Afrouxei um pouco depois de quase perder a vida. Além disso, o exemplo de meu pai me serve de triste lição.

-Que buscas?

-Algo para tomar o dia das bodas. Não quero te deixar plantada no altar diante de quatrocentas pessoas.

-Sim, mais vale. -Imagino a cena e me estremeço-. nos Fugamos.

-De acordo -responde Henry, sustentando meu olhar-. Eu voto a favor.

-Meus pais me deserdariam.

-Nem pensar.

-Não acaba de entendê-lo, por isso vejo. As bodas é uma produção muito caro da Broadway. Nós sozinho somos uma desculpa para que meu pai entretenha com esplendidez a todos seus colegas de profissão e os impressione. Se nos largarmos, meus pais terão que contratar a uns atores para que representem nossos papéis.

-Vamos à prefeitura e nos casemos antes. Desse modo, se ocorrer algo, ao menos já estaremos casados.

-OH, mas... A mim isso não gosta. Seria como mentir... Sentiria-me incômoda. por que não o fazemos logo, se as bodas autêntica se complicar?

-De acordo. Será o plano B.

Henry me tende a mão e eu se a estreito.

-me diga se tiver encontrado alguma substância.

-Bom, o ideal seria que tomasse um neuroléptico chamado Risperdal, mas não sairá ao mercado até 1998. Em segundo lugar, poderia optar pelo Clozaril, ou pelo Haldol.

-Têm nomes de antitússigenos de última geração.

-São antipsicóticos.

-De verdade?

-Sim.

-Mas você não é um psicótico.

Henry me olhe e logo faz uma horrível careta e clava suas garras ao ar, como se fora um homem lobo de filme muda.

-Se me fizerem um eletroencefalograma, sai um cérebro de esquizofrênico. São muitos quão médicos insistem em que esta ilusão das viagens através do tempo se deve a esquizofrenia. Por isso me receitam esses medicamentos, que bloqueiam os receptores de dopamina.

-Quais são os efeitos secundários?

-Bom... distonia, akathisia, pseudoparkinson. Quer dizer, contrações musculares involuntárias, inquietação, instabilidade aguda, deambulación nervosa, insônia,

imobilidade e perda de expressão facial. Logo aparecem a dyskinesia tardia, o descontrol crônico dos músculos faciais e a agranulocitosis, a destruição da capacidade que possui o corpo de fabricar glóbulos brancos. Finalmente, perde-se a função sexual, por não falar do tremendo efeito sedativo que têm tudo esses remédios que podem conseguir-se na atualidade.

-Suponho que não estará pensando a sério em tomar alguma dessas substâncias, verdade?

-Bom, no passado tomei Haldol e Thorazine.

-E o que ocorreu?

-Foi francamente horrível. Ia pela vida como um zombi. Notava como se tivesse cola branca Elmer's Glue no cérebro.

-Não existe nada mais?

-Valium, Librium e Xanax.

-É o que toma minha mãe. Xanax e Valium.

-Sim, isso é mais coerente. -Henry faz uma careta de desgosto e aparta o Manual de consulta da profissão médica-. te Mova.

Encaixamos nossos corpos no sofá até que ficamos jogados de flanco. É muito íntimo.

-Não tome nada.

-por que não?

-Porque não está doente.

-São estes detalhes os que fazem que te queira tanto -diz Henry rendo-. Sobre tudo, sua incapacidade de perceber meus defeitos mais monstruosos.

Henry começa a me desabotoar a blusa e eu retenho sua mão. Me olhe, espectador. Sinto uma ligeira irritação.

-Não compreendo por que falas desse modo. Sempre diz coisas horríveis de ti. Você não é assim. É bom.

Henry contempla minha mão e libera a sua para me atrair para ele.

-Não sou bom -diz baixinho ao ouvido-. Mas ao melhor o serei mais adiante, né?

-Mais vale que lhe proponha isso.

-Contigo me Porto muito bem. -Totalmente certo-. Me ouve, Clare?

-Mmmmm?

-Desperta alguma vez pensando que sou uma espécie de brincadeira que Deus te está gastando?

-Não. Me acordado pensando que poderia desaparecer e não retornar nunca mais. Sigo acordada, amargurada, refletindo sobre algumas das coisas que me há dito pela metade sobre o futuro; mas tenho uma confiança absoluta na idéia de que vamos estar juntos.

-Uma confiança absoluta.

-Você não?

Henry me beija.

-"Tempo, lugar, fortuna ou morte não podem dobrar / meus desejos mais nimios nem um só trecho."

-Está-te acontecendo outra vez.

-Dá-me igual.

-Fanfarrão.

-Já, e agora quem é quão bonita diz coisas tão horríveis de mim?

Segunda-feira 6 de setembro de 1993

Henry tem 30 anos

Henry: Estou sentado no alto dos degraus de entrada de uma casa Branca e deprimente, com as fachadas laterais de alumínio, que se encontra em Parque Humboldt. É segunda-feira pela manhã, são ao redor das dez, e espero que Ben retorne de onde seja que esteja. Eu não gosto de muito a vizinhança; sinto-me bastante exposto sentado frente à porta do Ben, mas é um tipo tão extremamente pontual que sigo aguardando crédulo. Observo a duas hispanas empurrando sendos cochecitos de bebê pela calçada inclinada e rota. Enquanto reflito sobre a desigualdade dos serviços urbanos, ouço um grito ao longe.

-Bibliotecário!

Volto a cabeça para ver de onde sai essa voz e não me cabe a menor dúvida: trata-se do Gómez. Grunho para meus adentros; Gómez tem um talento surpreendente para tropeçar-se comigo quando estou a ponto de cometer algum ato especialmente nefasto. Terei que me liberar dele antes de que Ben apareça. Gómez caminha ligeiro para mim, mais contente que umas páscoas. Leva seu traje de advogado, e também sua maleta. Suspiro.

-Ça vai, camarada.

-Ça vai. O que está fazendo aqui?

Boa pergunta.

-Espero, a um amigo. Que horas são?

-As dez e quinze de 6 de setembro de 1993 -acrescenta com espírito serviçal.

-Já sei, Gómez; mas obrigado de todos os modos. vais visitar um cliente?

-Sim. A uma menina de dez anos. O noivo de sua mãe a obrigou a beber Drano, que é um limpador de encanamentos. Asseguro-te que a humanidade me tem cada vez mais enojado.

-Sim. Há muitos lunáticos, e muito poucos miguelângelos.

-almoçaste, ou tomado o café da manhã mas bem?

-Sim. O que passa é que preciso ficar aqui para esperar a meu amigo.

-Não sabia que tivesse amigos que vivessem nos subúrbios, neste plano. Todas as pessoas do bairro que conheço têm uma necessidade urgente de conselho legal.

-É um amigo da faculdade de biblioteconomia.

Nesse momento aparece o aludido. Ben chega conduzindo sua Mercedes prateado do sessenta e dois. O interior é um desastre, mas por fora o carro tem bom aspecto.

Gómez assobia baixinho.

-Sinto chegar tarde -diz Ben, apressando o passado-. Uma visita a domicílio.

Gómez me olhe inquisitivamente, mas eu o ignoro. Ben passeia o olhar entre o Gómez e eu.

-Gómez, apresento ao Ben. Ben, este é Gómez. Sinto muito que tenha que partir, camarada.

-Em realidade, disponho de um par de horas...

Ben, entretanto, faz-se com o controle da situação.

-Gómez, olhe, estou prazer em conhecê-lo, mas nos veremos outro dia, de acordo?

Ben é bastante curto de vista e escrutina ao Gómez com ar simpático, através de uns óculos de cristais grossos que engrandecem seus olhos o dobro do normal.

Tilinta as chaves entre os dedos, e me está pondo nervoso. Os dois ficamos em pé e em silêncio, esperando que Gómez parta.

-De acordo. Sim, muito bem. Adeus -diz Gómez.

-Chamarei-te esta tarde -lhe digo.

Gómez se volta sem me olhar e parte por onde veio. Assaltam-me os remorsos, mas há coisas que não quero que Gómez saiba, e esta é uma delas. Ben e eu nos dirigimos

um olhar cúmplice, simples constatação de que ambos conhecemos histórias problemáticas do outro. Ben abre a porta principal. Sempre me entram umas vontades tremendas de entrar pela força em casa do Ben, porque dispõe de uma grande quantidade e variedade de fechaduras e dispositivos de segurança. Penetramos no corredor comprido e escuro. Nesta casa sempre cheira a couve, embora saiba a ciência certa que Ben jamais se dedica a cozinhar, e menos couve. Encaminhamo-nos à escada traseira, que conduz a outro corredor, e atravessamos um dormitório para chegar a outro quarto, no que Ben instalou seu laboratório. Deixa sua bolsa no chão e pendura a jaqueta. Quase espero que se calce umas sapatilhas esportivas, ao estilo do senhor Rogers, mas, em troca, fica a transportar com a cafeteira acima e abaixo. Sinto-me em uma cadeira dobradiça e espero a que termine.

De todas as pessoas que conheço, Ben é a mais parecida com um bibliotecário; e é certo que o conheci no Rosary, embora ele abandonou os estudos antes de terminar o máster em biblioteconomia. emagreceu da última vez que o vi, e perdeu mais cabelo. Ben tem sida, e cada vez que nos encontramos me fixo nele, porque nunca se sabe como evoluirá a enfermidade em seu caso.

-Tem bom aspecto -lhe digo.

-Tomo dose maciças de acidotimidina e vitaminas. Além disso pratico o ioga e a visualização. Por certo, o que posso fazer por ti?

-vou casar me.

Ben se surpreende, e logo se mostra encantado.

-Felicidades. Com quem?

-Com o Clare. Já a conhece. É essa garota ruiva de corte comprido.

-Ah... sim, sim. -Ben adota uma expressão séria-. Já sabe?

-Sim.

-Fantástico, então. -Me olhe como dizendo que todo isso está muito bem, mas que segue sem entender.

-Resulta que seus pais planejaram umas bodas por todo o alto, em Michigan. Igreja, damas de honra e arroz nos nove terrenos colindantes. Mais uma esplêndida recepção no Clube Náutico ao terminar. De etiqueta, é obvio.

Ben serve o café e me passa uma taça com a imagem do Winnie the Pooh. Jogo leite em pó e removo. Faz frio aqui acima, e o café cheira amargo, embora seu aroma é aceitável.

-Preciso estar aí. Preciso superar umas oito horas de um esgotamento incomensurável e alucinante sem desaparecer.

-Já. -Ben tem um modo de compreender os problemas que consiste em aceitá-los, o qual encontro muito reconfortante.

-Necessito algo que nocauteie todos os receptores de dopamina que tenho no corpo.

-Navane, Haldol, Thorazine, Serentil, Mellaril, Stelazine... -enumera Ben limpando-as óculos com o pulôver. Sem os óculos postos parece um enorme camundongo que carecesse de pelagem.

-Esperava que pudesse me preparar isto. -Rebusco nos nos cubra e quando encontro o papel, o entrego. Ben entorta os olhos ao lê-lo.

-3-[2-[4-96-fluoro-1,2-benzisoxazol-3-yl]... dióxido de silício coloidal, metilcelulosa de hidroxipropilo... glicol de propileno... -Levanta os olhos e me olhe, atônito-. O que é tudo isto?

-É um novo antipsicótico chamado risperidona, que no mercado se comercializa como Risperdal. Poderá adquirir-se em 1998, mas eu gostaria de prová-lo agora. Pertence a uma nova classe de medicamentos derivados das benzisoxazolas.

-De onde o tiraste?

-Do Manual de consulta da profissão médica. Da edição do ano 2000.

-Quem a preparou?

-Janssen.

-Henry, sabe perfeitamente que não apresenta uma boa tolerância aos antipsicóticos. A menos, claro está, que isto funcione de um modo radicalmente distinto.

-Não sabem muito bem como funciona. "Antagonista monoaminérgico seletivo com uma grande afinidade pela serotonina tipo 2, a dopamina tipo 2, bla, bla, bla."

-Já, a mesma história de sempre. O que te faz pensar que esta substância é melhor que a do Haldol?

-Porque é uma hipótese apoiada no conhecimento -respondo, sorrindo com paciência-. Em realidade, não sei a ciência certa. me pode preparar isso -¿Cuándo la tendrás lista? Necesitaré un cierto tiempo para que se acumule en mi organismo.

Ben titubeia.

-Bom, poder, sim que posso.

-Quando a terá lista? Necessitarei um certo tempo para que se acumule em meu organismo.

-Já te chamarei. Quando é as bodas?

-Em 23 de outubro.

-Mmmm. Qual é a dose?

-Começa preparando um miligrama e vê subindo.

Ben se levanta e se despereza. Sob a luz tênue desta fria estadia parece velho, ictérico, com a pele de pergaminho. Uma parte do Ben desfruta com o desafio e se diz: "Né, vamos duplicar esta droga vanguardista que ninguém inventou ainda", mas à outra não gosta de nada o risco.

-Henry, nem sequer está seguro de que a dopamina seja seu problema.

-Já viu os eletroencefalogramas.

-Sim, sim; mas por que não te limita a assumi-lo? O remédio poderia ser pior que a enfermidade.

-Ben, o que me diria se no tempo que demoro para estalar os dedos -e me levanto, inclino-me sobre ele e estalo os dedos- te encontrasse de repente plantado no dormitório do Allen em 1986?

-Mataria ao jodido bode...

-Mas não pode, porque não foi isso o que fez.

Ben fecha os olhos e nega com a cabeça.

-Além disso, tampouco pode trocar nada: ele seguirá doente, você seguirá doente, und sou wiete. O que te pareceria ter que vê-lo morrer uma e outra vez?

Ben se senta na cadeira dobradiça. Não me olhe.

-Isto é o que ocorre, Ben. É obvio que às vezes é divertido; mas sobre tudo consiste em perder-se, roubar e tentar tão sozinho...

-Sair adiante -termina Ben a frase, suspirando-. Caray, não sei como te agüento.

-Pela novidade?, por meu aspecto atrativo e infantil?

-Você segue sonhando. Ouça, convidará-me à bodas?

Sua pergunta me surpreende. Jamais me tinha ocorrido que Ben queria assistir.

-Claro! De verdade gosta? Viria?

-É um bom modo de me antecipar aos funerais.

-Fantástico! Meus bancos da igreja se estão enchendo a toda velocidade. Será meu oitavo convidado.

Ben ri.

-Convida a todas seus ex noiva. Será um modo como outro de encher as fileiras.

-Jamais sobreviveria ao evento. A maioria quereria me cortar a cabeça e pendurar a de um pau.

-Mmmm.

Ben se levanta e revolve o interior de uma das gavetas de seu escritório. Saca um frasco de pildoras vazio e coloca três pastilhas dentro. Logo lança ao ar o recipiente para que eu o agarre.

-O que é? -pergunto-lhe, abrindo a botellita e me pondo uma pílula na palma da mão.

-É um lhe estabilizem das endorfinas misturado com um antidepressivo. É... ouça, não!

Para então já me coloquei a pildora na boca, e me trago isso.

-É um derivado da morfina -suspira Ben-. Mostra uma atitude do mais arrogante com as drogas.

-Eu gosto dos opiáceos.

-Já o vejo; mas não cria que deixarei que tome uma tonelada dessas. me diga se te parecer uma boa solução para as bodas. Se por acaso essa outra fórmula não resulta. O efeito dura umas quatro horas, portanto necessitará duas pastilhas. -Ben assinala as duas que ficam-. Não te engula as outras solo para te divertir, de acordo?

-Dou-te minha palavra de boy scout.

Ben me dedica uma gargalhada zombadora. Pago-lhe as pastilhas e me parto. Enquanto vou baixando noto o subidón, e me paro ao pé das escadas para me dar o luxo de desfrutá-lo. Dura um momento. Seja o que seja o que Ben mesclou, tenho que confessar que é fantástico. É como um orgasmo multiplicado por dez e somado ao efeito da cocaína; além disso parece que a coisa vai a mais. Ao sair pela porta principal, quase tropeço com o Gómez; estava-me esperando.

-Importa-te se te levo de carro?

-Claro que não.

Estou francamente comovido por suas cuidados, sua curiosidade ou o que seja. Dirigimos a seu carro, um Chevy Nova com dois faróis amolgados. Subo ao assento do co-piloto. Gómez entra e fecha a portinhola com força. Convince ao cochecito de que fique em marcha e arrancamos.

A cidade é cinza e lúgubre; está começando a chover. Uns goterones golpeiam o pára-brisa, enquanto casa desvencilhadas e estacionamento vazios desfilam a nosso passo. Gómez sintoniza a cadeia NPR. Estão pondo ao Charles Mingus, que é muito lento para meu gosto, mas que mais dá!, vivemos em um país livre. A avenida Ashland está cheia de buracos que repercutem em meu cérebro, mas pelo resto tudo vai perfeito, fantástico, em realidade; minha cabeça é fluída e móvel, como o mercúrio líquido que se escapou de um termômetro quebrado, e faço todo o possível por não me pôr a gemer de prazer enquanto a droga lambe todas minhas terminações nervosas com suas diminutas línguas químicas. Passamos frente a Cartomancia e Videncia de Percepções Extrasensoriales, Pneumáticos em oferta Pedro, Burger King, Pizza Hut... e I am ao Passenger se instala em meu cérebro, alinhavando-se com a melodia do Mingus. Gómez diz algo que não entendo e volta a me repetir isso -La verdad, no lo tengo

muy claro. Supongo que en una especie de experimento científico.

-Henry!

-O que?

-No que anda metido?

-A verdade, não o deixo muito claro. Suponho que em uma espécie de experimento cientista.

-por que?

-Por uma questão estelar. Logo te contarei mais coisas.

Deixamos de falar até que o carro se detém diante do apartamento do Clare e Charisse. Miro ao Gómez confuso.

-Precisa estar com gente -me diz brandamente.

Não penso lhe levar a contrária. Gómez me acompanha até a porta principal e subimos ao piso de acima. Clare abre a porta e quando me vê, parece triste, aliviada e divertida, tudo de uma vez.

Clare: Depois de lhe dizer ao Henry que se meta em minha cama, Gómez e eu vamos à sala de estar a tomar chá e sanduíches de geléia de kiwi e manteiga de amendoim.

-Aprende a cozinhar, mulher -diz Gómez em uma cantinela. Parece Charlton Heston quando entrega os Dez Mandamentos.

-Um dia destes. -Removo o açúcar de meu chá-. Obrigado por ir buscá-lo e trazê-lo para casa.

-Por ti faria algo, gatita. -Gómez começa a atar um cigarro. É a única pessoa que conheço que fuma durante a comida. Abstenho-me de fazer comentários. Ele acende seu cigarro e me olhe enquanto rodeio meu corpo com meus braços-. me Diga, do que vai todo esse numerito, né? A maioria dos que vão a farmacopeia da compaixão são vítimas do sida ou pacientes de câncer.

-Conhece o Ben? -Não sei por que me surpreendo. Gómez conhece todo mundo.

-Sei coisas sobre o Ben. Minha mãe estava acostumada ir visitar o quando lhe administravam quimioterapia.

-Ah. -Valoro a situação sob um novo enfoque, procurando coisas que lhe dizer que não me comprometam muito.

-Fora o que fosse o que Ben lhe deu, asseguro-te que o levou a Dimensão Desconhecida.

-Tentamos encontrar alguma substância para o Henry que lhe permita ficar no presente.

-Pois a julgar pelo resultado, eu não lhe aconselharia que tomasse diariamente. Parece mais morto que vivo.

-Sim. Possivelmente deveria reduzir a dose.

-por que o faz?

-por que faço o que?

-Ajudar e secundar ao senhor Caos, e ainda por cima te casar com ele.

Henry me chama. Levanto-me. Gómez se aproxima de mim e me agarra da mão.

-Clare, por favor...

-Gómez, me solte. -O Miro fixamente para que à parte sua vista de mim. Depois de um doloroso e prolongado momento, baixa os olhos e me solta. Corro pelo corredor, entro em meu dormitório e fecho a porta.

Henry se estirou como um gato sobre a cama, sobre a barriga e cruzado em diagonal. Me Quito os sapatos e me jogo junto a ele.

-Que tal vai? -pergunto-lhe.

Henry se dá a volta e me sorri.

-Estou no céu. -Acaricia meu rosto-. Te importa ficar comigo?

-Não.

Henry suspira.

-É tão boa... Não deveria te corromper.

-Não é que seja boa, é que estou assustada.

Permanecemos jogados em silêncio durante muito momento. O sol brilha e ilumina o interior de meu dormitório com a primeira luz da tarde: a curva do travesseiro de nogueira, o tapete oriental dourado e violeta, a escova do cabelo, o pintalábios e o pote de nata de mãos que há sobre a cômoda. Um exemplar do Art in America com Leão Golub nas tampas descansa sobre o assento de minha velha poltrona dos leilões, parcialmente oculto pelo À Rebours. Henry leva meias três-quartos negros. Os pés ossudos e largos lhe penduram pelo bordo da cama. Dá a impressão de estar muito magro. Tem os olhos fechados; possivelmente note que o estou olhando, porque os abre e me sorri. Aparto-lhe o cabelo da cara. Agarra-me a mão e beija a palma. Desabotoo-lhe os botões e deslizo os dedos por seu sexo, mas Henry detém meu gesto, sem me soltar.

-Sinto muito, Clare -me diz em voz baixa-. Há algo nesta droga que me fundiu os circuitos de toda a equipe. Logo, possivelmente.

-Pois o que divertida vai ser nossa noite de bodas.

-Não posso tomar isto para as bodas -diz com veemência-. É muito divertido. Refiro-me a que Ben é um gênio, mas está acostumado a trabalhar com doentes terminais. Não sei o que colocou nas pildoras, mas te asseguro que induz a experiências vizinhas à morte. - Sussurra e deixa o frasco de pildoras em minha mesinha de noite-. Deveria mandar-lhe ao Ingrid. É a droga perfeita para ela.

Ouçõ abri-la porta principal, que logo se fecha de uma portada; é Gómez, que parte.

-Quer comer algo? -pergunto-lhe.

-Não, obrigado.

-Ben te preparará essa outra droga?

-Tentará-o.

-E o que passa se não funcionar?

-Quer dizer se Ben a caga?

-Sim.

-Aconteça o que acontecer, ambos sabemos que viverei ao menos até os quarenta e três anos. portanto, não se preocupe por nada.

Quarenta e três?

-O que acontece os quarenta e três?

-Não sei, Clare. Talvez descubra o modo de ficar no presente.

Estreita-me entre seus braços e ficamos calados. Quando me acordado ao cabo de um momento, já é escuro e Henry está dormido, a meu lado. O frasquito de pildoras brilha avermelhado sob a luz do alarme do despertador. Quarenta e três?

Segunda-feira 21 de setembro de 1993

Clare tem 22 anos, e Henry 30

Clare: Entro no apartamento do Henry e acendo as luzes. Esta noite vamos à ópera; representam Os fantasmas do Versalles. Na Ópera Poesia lírica não lhe permitem entrar se tiver começado a representação. Por isso estou nervosa e não me dou conta ao princípio de que se não houver luz, significa que Henry não está em casa. Quando

logo caio na conta me zango, porque por sua culpa chegaremos tarde. Pergunto-me se se terá partido. Nesse momento ouço uma respiração.

Fico imóvel. O fôlego vem da cozinha. Corro a acender a luz e vejo o Henry tendido no chão, completamente vestido, em uma atitude estranha e rígida, olhando à frente. Enquanto sigo imóvel, deixa escapar um som grave, como se não fora humano, um grunhido que repica em sua garganta, que escapa rasgando sua apertada dentadura.

-meu deus, Meu deus, Meu deus!

Chamo o 061. A operadora me assegura que chegarão em questão de minutos. Enquanto fico sentada no chão da cozinha contemplando ao Henry, uma quebra de onda de raiva me domina. Descubro então o fichário rotativo Rolodex do Henry em seu escritório e marco o número.

-Diga? -pergunta uma voz frouxa e distante.

-Falo com o Ben Matteson?

-Sim. Quem é?

-Clare Abshire. Escuta, Ben, Henry está tendido no chão completamente rígido e não pode falar. De que cojones vai tudo isto?

-O que? Mierda! Chama o 061!

-Já o tenho feito.

-A droga mimetiza os sintomas do párkinson. Henry necessita dopamina! lhes diga... Mierda, me chame do hospital...

-Já estão aqui.

-Muito bem! me chame...

Penduro e atendo aos de urgências.

Mais tarde, depois de que a ambulância tenha chegado ao Hospital da Caridade e tenham ingressado no Henry, depois de havê-lo injetado, intubado e deitado em uma cama de hospital, sem esquecer conectá-lo a um monitor, já depravado e dormido, levanto os olhos e vejo um homem alto e gasto que aguarda na soleira da habitação.

Lembrança então que esqueci chamar o Ben. Este entra e se situa frente a mim, ao outro lado da cama. A habitação está às escuras, e seu perfil se recorta contra a luz do corredor quando se inclina e diz:

-Sinto-o muito. Sinto-o muitíssimo.

Aproximo minha mão à sua e a agarro.

-Não se preocupe. Recuperará-se. De verdade.

Ben nega com a cabeça.

-Tudo é por minha culpa. Nunca tivesse devido preparar essa fórmula para ele.

-O que ocorreu?

Ben suspira e se senta na cadeira. Eu me sento na cama.

-Pode ter ocorrido várias coisas. Possivelmente se trate de um efeito secundário, que poderia ter acontecido com qualquer. Mas também poderia ser que Henry não tivesse entendido bem a fórmula. Quero dizer que é muito larga para memorizá-la; e eu não tinha maneira de comprovar se era correta.

Ambos guardamos silêncio. O conta-gotas do Henry vai gotejando um fluido que penetra em seu braço. Um carregador de maca passa por diante da porta empurrando uma maca.

-Ben.

-me diga, Clare.

-Poderia me fazer um favor?

-O que queira.

-Não lhe subministre nada mais. Basta de drogas, porque não funcionarão.

Ben me sorri, aliviado.

-"Dava não às drogas."

-Exato.

Os dois rimos. Ben me faz companhia durante um momento. Quando se levanta para partir, agarra-me a mão e me diz:

-Obrigado por ser tão considerada com tudo o que passou. Henry tivesse podido morrer.

-Mas não morreu.

-Não, não morreu.

-Verei-te nas bodas.

-Sim.

Estamos de pé no corredor. Sob a luz descarnada do fluorescente Ben parece cansado e doente. Inclina a cabeça, volta-se e começa a caminhar pelo corredor, enquanto eu retorno à habitação em penumbra, onde Henry segue dormindo.

Ponto de inflexão

Sexta-feira 22 de outubro de 1993

Henry tem 30 anos

Henry: Passeio pela rua Confinem, no South Haven, há pelo menos uma hora, enquanto Clare e sua mãe estão na floricultura fazendo alguma gestão. As bodas é amanhã, mas meu papel de noivo não parece deter muitas responsabilidades. Tão solo estar presente; esse é o ponto principal em minha lista de quehaceres. Ao Clare a levam continuamente para fazer provas, atender consultas e participar de festas de solteira. Os únicos momentos em que a vejo sempre me parece afligida.

É um dia frio e espaçoso, e caminho para me distrair. Oxalá South Haven possuísse uma livraria decente; mas é que até os recursos da biblioteca consistem principalmente em livros da Barbara Cartland e John Grisham. Levo comigo a edição que Penguin tirou que o Kleist, mas não estou de humor para lê-la. Passo frente a uma loja de antiguidades, uma padaria, um banco e outra loja de antiguidades. Ao chegar à barbearia, jogo uma olhada ao interior; um barbeiro calvo, miúdo e elegante está barbeando a um ancião, e de repente me ocorre o que vou fazer.

Sonha um tinido de campanitas quando abro a porta da barbearia. Cheira a sabão, vapor, loção capilar e pele anciã. Tudo é de cor verde pálida. A poltrona é velha e leva adornos cromados, e umas garrafas muito trabalhadas se alinham em prateleiras de madeira escura. Há deste modo umas bandejas que contêm tesouras, penteie e navalhas, que por seu aspecto parecem instrumental médico; é um estilo que recorda ao pintor Norman Rockwell. O barbeiro levanta os olhos.

-Poderia me cortar o cabelo? -pergunto-lhe.

O barbeiro assente e me faz um gesto para que me acomode na fileira de cadeiras vazias de respaldo reto que, em um dos extremos, coroa um revistero repleto de um montão de exemplares perfeitamente amontoados. Na rádio soa Sinatra. Sinto-me e folheio um Reader's Digest. O barbeiro seca os restos de espuma do queixo do velho e lhe aplica loção pós-barba. Terminada o trabalho, o ancião se endireita alegre da poltrona e pagamento o serviço. O barbeiro lhe ajuda a ficar o casaco e finalmente lhe entrega o fortificação.

-Até logo, George -diz o ancião, enquanto sai da barbearia com passo lento.

-Adeus, Ed -lhe responde o barbeiro.
chegou o momento de me emprestar atenção.
-O que será?

Encarapito-me à poltrona de um salto, o barbeiro aperta o pedal para me elevar uns centímetros e me dá a volta para me situar de cara ao espelho. Contemplo sem pressas e por última vez meu cabelo; e levanto então o polegar e o índice a um centímetro escasso do crânio.

-Corte-o tudo.

O barbeiro assente, aprovando minha eleição, e me põe uma capa de plástico ao redor do pescoço. Suas tesouras se convertem em seguida em uns fugazes reflexos metálicos dançando ao redor de meu crânio, ao som de um ruído também metálico, enquanto meu cabelo cai ao chão. Quando o barbeiro termina, passa-me uma escova pelos ombros, tira-me a capa e voilá: converti-me em meu futuro eu.

Faz possível que chegue a tempo à igreja
Sábado 23 de outubro de 1993
Henry tem 30 anos, e Clare 22
6.00 horas

Henry: Me acordado às seis da manhã e está chovendo. Encontro-me em uma habitação em tons verdes, pequena, cômoda e acolhedora, situada sob os beirais de um hotelito muito bonito chamado Blake's, que está justo na ribeira meridional do South Haven. Os pais do Clare escolheram o lugar; meu pai dorme em uma habitação rosa, igualmente acolhedora, que há no piso de abaixo, junto ao precioso dormitório amarelo da senhora Kim; os avós estão na muito bonito suíte azul. Estou deitado em uma cama extrablanda, sob uns lençóis da Laura Ashley, e ouço como o vento fustiga a casa. A chuva cai muito. Pergunto-me se será possível correr baixo esta monção. Ouço como se apressa pelo canelone e tamborila no teto, que está a algo mais do meio metro de minha cara. Este dormitório é como uma água-furtada. Possui um minúsculo e delicado escritório, se por acaso preciso escrever alguma missiva de rapariga o dia de minhas bodas. Há um aguamanil e uma bacia de porcelana sobre a cômoda; se quera utilizá-los, de todos os modos, teria provavelmente que romper primeiro o gelo que deve haver-se formado na água, porque aqui acima faz muito frio. Sinto-me como um verme rosado agasalhado no coração desta habitação verde, como se me tivesse aberto passo a dentadas e agora me subtraísse a tarefa de me converter em uma mariposa ou um pouco parecido. Nestes momentos, em realidade, não estou acordado. Ouço que alguém tosse. Ouço o batimento do coração de meu coração e o som agudo de meu sistema nervoso, aplicando-se à tarefa. Por favor, Meu deus, me conceda a graça de viver um dia normal. Permite que me sinta aturdido, e também nervoso, dentro dos limites da normalidade; faz possível que chegue a tempo à igreja, que seja pontual. Não permita que surpreenda a outros, nem sequer a mim mesmo. Deixa que viva o dia de nossas bodas o melhor que possa, sem efeitos especiais. Mas libra ao Clare de cenas desagradáveis, amém.

7.00 horas

Clare: Me acordado na cama de minha infância. Flutuo entre as brumas do despertar sem conseguir me convocar no tempo; estamos em Natal?, acaso é o dia de Ação de Obrigado?, voltei para terceiro curso?, estou doente?, por que está chovendo? No exterior, depois das cortinas amarelas, o céu tem um aspecto mortiço e o vento

arranca as folhas pardas do enorme olmo. estive sonhando toda a noite. Uns sonhos que agora se fundem. Em um momento dado me encontrava nadando no mar, convertida em sereia. Entretanto, ao ser nova nessa condição, uma de minhas companheiras tentou me ensinar e começou a me dar lições de sereia. me dava reparo respirar sob a água. O líquido me entrava nos pulmões e eu não conseguia entender o funcionamento de minha respiração. Era terrível, tinha que sair constantemente à superfície para respirar, apesar de que a outra sereia não cessava de me repetir: "Não, Clare, não. Tem que fazê-lo assim...". Ao final, dava-me conta de que ela tinha brânquias no pescoço, ao igual a eu; e a partir desse momento as coisas começavam a melhorar. Nadar era como voar, todos os peixes eram pássaros. .. De repente víamos um navio na superfície do oceano, e todas as sereias acudiam nadando para contemplá-lo. Tão solo se tratava de uma barco de pesca em que se encontrava minha mãe, sozinha. Eu subia à superfície e ela se surpreendia muito à lombriga. "Mas Clare...! Pensava que foste casar te hoje", dizia-me. De repente, como está acostumado a ocorrer nos sonhos, dou-me conta de que se for uma sereia não poderei me casar com o Henry, e ponho-se a chorar e me acordado em plena noite. Fico um momento arremesso na escuridão, e então imagino que me converto em uma mulher normal e corrente, como a Sirenita, salvo que não me acontece nada tão absurdo como ter que sofrer uma dor atroz nos pés ou que me cortem a língua. Hans Christian Andersen deveu ser uma pessoa excêntrica e triste. Ao final, tornei a dormir, e agora estou na cama e sei que hoje Henry e eu vamos casar nos.

7.16 horas

Henry: A cerimônia é às duas da tarde, e me levará uma meia hora me vestir e uns vinte minutos chegar de carro à igreja de São Basílio. Agora são as 7.16, o qual significa que ficam cinco horas e quarenta e quatro minutos para matar o tempo. Ponho-me uns nos cubra, uma velha camisa de flanela cutríssima e umas sapatilhas esportivas abotinadas, e descendo as escadas com o máximo sigilo em busca de café. Meu pai, entretanto, me adiantou; encontro-o sentado no comilão, sustentando uma primorosa taça de um fumegante café puro entre as mãos. Sirvo-me e logo me sinto diante dele. Através das cortinas de encaixe, a débil luz que penetra pela janela lhe confere um aspecto fantasmagórico; esta manhã meu pai é a versão colorida de um filme de si mesmo filmada em branco e negro. Tem o cabelo rígido e alvoroçado sem ordem nem concerto, e, sem pensá-lo, aliso-me o meu, como se ele fora um espelho. Ele imita meu gesto, e os dois sorrimos.

8.17 horas

Clare: Alicia se sentou em minha cama, e começa a me atacar.

-Venha, Clare. feito-se de dia nas restingas, os pajarillos cantam -(o qual não é certo)- e as nuvens se levantam. Hora de levantar-se!

Alicia me faz cócegas. Levanta o edredom e lutamos. Justo quando consigo imobilizá-la, Etta aparece a cabeça pela porta e grita furiosa:

-Meninas! A que se deve todo esse alvoroço? Seu pai acreditará que nos tem cansado uma árvore em cima, mas não, já vejo que são vocês fazendo o parvo e tentando acabar a uma com a outra. O café da manhã está quase preparado.

Depois de pronunciar estas palavras, Etta se retira sem contemplações e a ouvimos baixar as escadas com estupidez. Morremos de risada.

8.32 horas

Henry: Segue soprando um vento impetuoso, mas dito partir a correr de todos os modos. Estudo o mapa do South Haven que me deu Clare ("Uma jóia deslumbrante na costa poente do lago Michigan!"). Ontem corri ao longo da ribeira, foi uma experiência muito agradável, mas não vou repetir a esta manhã. Já vejo ondas de quase dois metros que se equilibram para a borda. Meço um quilômetro e meio de ruas e dito que correrei em círculos; se o tempo for francamente horrível, sempre posso tomar um atalho e voltar. Me desperezo. Rangem-me cada uma das articulações. Quase posso ouvir a tensão estalar em meus nervos, como a corrente estática em uma linha Telefónica. Visto-me e saio ao mundo exterior.

A chuva me esbofeteia o rosto e não demoro para ficar empapado. Avanço a passo marcial e lento pela rua do Arce. vai ser uma dura travessia; apesar de lutar contra o vento, não vejo o modo de agarrar velocidade. Passo junto a uma mulher plantada na curva com um bulldog; me olhe atônita. Não se trata de um mero exercício, digo-lhe em silêncio. É mas bem por desespero.

8.54 horas

Clare: Reunimo-nos ao redor da mesa para tomar o café da manhã. O frio penetra pelas janelas e logo que posso discernir a paisagem de fora com tanta chuva como cai. Como vai correr Henry com a que está caindo?

-Um tempo perfeito para celebrar umas bodas -brinca Mark.

-Não fui eu quem o escolheu -comento me encolhendo de ombros.

-Ah, não?

-Foi papai.

-Bom, de todos os modos sou eu quem pagará as bodas -diz meu pai com petulância.

-Certo -replico mastigando a torrada.

Minha mãe observa meu prato com olhar crítica.

-Carinho, por que não toma um pouco de beicon e uns ovos?

O só pensamento de comer algo forte me revolve o estômago.

-Não posso, de verdade. Por favor, não insista.

-Bom, ao menos te ponha um pouco de manteiga de amendoim na torrada. Necessitará proteínas.

Cruzo um olhar de inteligência com a Etta, a mulher parte à cozinha e volta ao cabo de um minuto com um platito de cristal cheio de manteiga de amendoim. Dou-lhe as obrigado e unto com ela a torrada.

-Tenho tempo de fazer uma coisa antes de que apareça Janice?

Janice está citada em casa para fazer algo monstruoso com minha cara e meu cabelo.

-Chegará às onze. por que?

-Preciso ir correndo à cidade a fazer um recado.

-Já irei eu para te buscar o que queira, céu. -Minha mãe parece aliviada ante a idéia de sair de casa.

-Eu gostaria de ir eu.

-Podemos ir as duas.

-Sozinha.

Litigo em silencio com ela, e capto sua surpresa maiúscula, mas finalmente acessa a meus rogos.

-Bom, vale. Pelo amor de Deus!

-Fantástico. Voltarei em seguida. -Levanto-me para partir, mas meu pai pigarreia.

-Dispensam-me? -pergunto-lhes então.

-É obvio.

-Obrigado.

Pés para que lhes quero.

9.35 horas

Henry: Estou de pé dentro de minha imensa banheira vazia, lutando por me desembaraçar dos objetos frite e empapadas. Minhas sapatilhas esportivas recém estreadas adotaram uma forma absolutamente distinta que recorda a de algum animal marinho. fui deixando um reguero de água da porta de entrada até a banheira, mas espero que a senhora Blake não lhe dê muita importância a esse pequeno detalhe.

Nesse momento alguém bate na porta.

-Um momento, por favor! -grito.

Aproximo-me da porta caminhando sobre molhado e a sotaque entreabrida. Para minha surpresa se trata do Clare.

-Qual é a contra-senha? -digo-lhe baixinho.

-Fóllame -responde Clare.

Abro a porta de tudo. Clare entra em meu dormitório, sinta-se na cama e começa a tirá-los sapatos.

-Está de brincadeira?

-OH, venha, quase meu marido. Tenho que retornar às onze. -Clare me olhe de cima abaixo-. Não me diga que foste a correr! Pensava que não o tentaria com esta chuva.

-Em épocas de desespero é necessário tomar medidas desesperadas -lhe digo me tirando a camiseta e lançando-a à banheira. A roupa aterrisa com um ruído aquoso-.

Não se supõe que traz má sorte que o noivo veja a noiva antes das bodas?

-Pois então fecha os olhos.

Clare se vai ao banho com passo decidido e agarra uma toalha. Inclino-me para diante e ela me seca o cabelo. É uma maravilha. Poderia me passar a vida inteira assim. Certamente.

-Aqui acima faz muitíssimo frio -diz Clare.

-Vêem o leito, quase algema minha. É o único lugar quente da estadia.

Metemo-nos na cama.

-Tudo o fazemos a fora de tempo, verdade?

-Resulta-te problemático?

-Não. Eu gosto.

-Perfeito. Encontra-te ante o homem perfeito para solucionar todas suas necessidades extracronológicas.

11.15 horas

Clare: Entro pela porta traseira e sotaque o guarda-chuva no trastero. Ao cruzar o vestíbulo, quase tropeço com a Alicia.

-Onde estava? Janice já chegou.

-Que horas são?

-As onze e quinze. Ouça, leva a camiseta do reverso.

-Acredito que isso dá boa sorte, não?

-Ao melhor sim, mas será melhor que te troque antes de subir a seu dormitório.

Entro às escondidas no trastero e volto do direito a camiseta, antes de correr para o piso de acima. Minha mãe e Janice já estão no corredor, diante da porta

de meu dormitório. A esteticista leva uma bolsa enorme de cosméticos e outros utensílios de tortura.

-Por fim! Já me estava preocupando. -Minha mãe me faz entrar na habitação e Janice fecha a marcha-. Tenho que falar com os do catering. -Quase se retorce as mãos ao partir.

Volto-me para o Janice, que me está examinando com ar crítico.

-Leva o cabelo todo molhado e enredado. por que não lhe penteia isso enquanto eu me instalo? -sugere-me; começa a agarrar um milhão de tubos e garrafas da bolsa e os coloca sobre o penteadeira.

-Janice -lhe digo, lhe entregando uma postal dos Uffizi-, pode me fazer isto?

Sempre me encantou aquela princesita Medici com um cabelo não muito distinto ao meu; embora ela o tem penteado com infinidade de trencitas recolhidas com pérolas, que lhe descendem em uma muito formoso cascata de cabelos âmbar. Ao artista anônimo também devia lhe encantar a modelo. Se não, não me explico isso.

Janice considera minha petição.

-Isso não é o que sua mãe acredita que vamos fazer.

-Já sei, mas se trata de minhas bodas e de meu cabelo. Além disso, darei-te uma gorjeta muito generosa se fizer o que te digo.

-Não terei tempo de me ocupar da cara se complicarmos tanto o penteado; levará-me muito tempo fazer todas essas tranças.

Aleluia.

-Não passa nada. Já me maquiarei eu.

-Bom, de acordo. De todos os modos, terá que te pentear antes de começar.

Começo a separar as mechas. Já estou desfrutando. Enquanto submeto às manobras das mãos moréias e estilizadas do Janice, pergunto-me o que estará fazendo Henry.

1.36 horas

Henry: O smoking e todas as misérias que me aguardam estão pulverizados sobre a cama. Meu mal nutrido traseiro se está gelando nesta habitação tão fria. Saco a roupa molhada e gélida da banheira e a sotaque no lavabo. Surpreendentemente o banho é igual de grande que o dormitório. Está enmoquetado, e é de um estilo pseudovictoriano até a reiteração. A banheira é uma coisa descomunal com patas em forma de garra, disposta entre diversos heléchos e prateleiras de toalhas, uma cômoda e uma reprodução emoldurada e de consideráveis dimensõe do despertar da consciência, do Hunt. O batente da janela está a quinze centímetros do chão, e as cortinas são de uma musselina branca e transparente, assim posso ver a rua do Arce, esplendorosa com seu manto de folhas mortas. Um Lincoln beis modelo Continental segue seu parcimonioso rumo rua acima. Sotaque correr a água quente na banheira, mas é tão grande que me canso de esperar a que se encha e me coloco dentro. Divirto-me jogando com o telefone da ducha de estilo europeu, tirando os plugues da dúzia aproximada de xampus, géis de ducha e aparelhos de ar condicionado de que disponho e cheirando-os um por um; ao chegar ao quinto já tenho dor de cabeça. Canto O submarino amarelo. Tudo o que se encontra em um rádio de aproximadamente um metro fica empapado.

12.35 horas

Clare: Quando fico liberada do Janice, minha mãe e Etta nos unem.

-OH, Clare, está preciosa! -exclama Etta.

-Esse não é o penteado que convimos, Clare -particulariza minha mãe.

Joga uma boa bronca ao Janice, mas ao final lhe paga. Quanto a mim, espero que minha mãe não esteja olhando para lhe entregar a gorjeta prometida. Mais tarde, como tenho que me vestir na igreja, metem-me no carro e me levam a paróquia de São Basílio.

12.55 horas

Henry tem 38 anos

Henry: Caminho pela auto-estrada A-12, a uns três quilômetros ao sul do South Haven. Faz um dia realmente horrível, o qual coincide com o prognóstico do tempo.

Estamos em outono, e a chuva racheada cai a mares. Apesar do frio e do intenso vento, vou vestido com tão pouco que me cubra. Estou descalço e empapado até os ossos.

Não tenho nem ideia da época em que me encontro. Dirijo-me a Casa Cotovia do Prado; espero poder me secar na sala de leitura e possivelmente comer alguma coisa.

Não tenho dinheiro, mas quando vejo o fluorescente rosa que anuncia o letreiro gasolina a tarifas reduzidas, encaminho-me para ali. Entro no posto de gasolina e fico de pé uns segundos, deixando escapar um reguero de água sobre o linóleo e recuperando o fôlego.

-Muito dia para sair à rua -diz o cavalheiro magro e ancião que há depois do mostrador.

-Pois sim.

-Uma avaria?

-Né? Não, não.

Está-me dando um bom repasse, e adverte meus pés descalços e a roupa que não é de temporada. Calo uns segundos e então finjo-me sentir violento.

-Minha noiva me jogou que casa.

O senhor faz algum comentário, mas me escapa porque estou olhando o South Haven Daily. Hoje é sábado 23 de outubro de 1993. O dia de nossas bodas. O relógio que há sobre a estanteria dos cigarros marca as 13.10 horas.

-Tenho que partir voando -lhe digo ao ancião, e dito e feito

13.42 horas

Clare: Estou em minha classe de quarto curso com o vestido de noiva posto. É de uma seda marfileira que faz águas, com muitíssimo encaixe e perlitas. O vestido vai muito ajustado pela parte do sutiã e as mangas, mas a saia é imensa, larga

até os pés, com cauda, confeccionada com quase vinte metros de tecido. Poderia esconder a dez anões debaixo. Sinto-me como uma limusine de desfile, mas minha mãe me elogia entusiasmada; não pára de tagarelar, me fazer fotos e tentar me convencer para que me ponha mais maquiagem. Alicia, Charisse, Helen e Ruth revoam a meu lado com seus trajes de dama de honra de veludo verde salvia. Dado que Charisse e Ruth são baixitas, e Alicia e Helen, altas, assemelham-se a um estranho grupo de garotas exploradoras eleito a bolada. Entretanto, acordamos entre todas que nos levaremos bem quando minha mãe ande perto. Estão comparando o tingido do calçado e discutindo sobre quem deveria agarrar o ramo.

-Charisse, você já está prometida. Nem sequer deveria tentar agarrá-lo-diz Helen.

Charisse se encolhe de ombros.

-É uma garantia mais. Com o Gómez, nunca se sabe.

13.48 horas

Henry: Estou sentado sobre um radiador em um quarto que cheira a mofo e contém caixas de devocionários. Gómez passeia acima e abaixo, fumando. Tem um aspecto fantástico com o smoking posto. Eu, em troca, sinto-me como o concursante de um programa de televisão. Gómez dá uns passos e lança a cinza no interior de uma taça

de chá. Está-me pondo mais nervoso do que já estou.

-Tem o anel? -pergunto-lhe pela milionésima vez.

-Sim. Tenho o anel. -detém-se durante um instante e me olhe.- Quer beber?

-Sim.

Gómez tira uma cigareira e me passa isso. O Quito o plugue e bebo um gole. É um escocês muito suave. Dou outro sorvo e a devolvo. Ouço às pessoas rir e falar no vestíbulo. Estou suando, e me dói a cabeça. No quarto faz muito calor. Levanto-me e abro a janela, indício a cabeça e pausa. Segue chovendo.

De repente, ouço um ruído entre os arbustos. Abro mais a janela, Miro abaixo e aí estou eu, sentado na lama, sob a janela, empapado até o tutano, ofegante.

Meu outro eu me sorri e levanta os polegares em sinal de triunfo.

13.55 horas

Clare: Encontramo-nos todos no vestíbulo da igreja.

-Bom, que comece o espetáculo -diz meu pai, e bate na porta do quarto no que Henry se está vestindo.

Gómez aparece a cabeça e diz:

-lhes dêem um minuto. -Dedica-me um olhar que me provoca um vazio no estômago, retira-se e fecha a porta atrás dele.

Quando dito intervir, Gómez volta a abri-la e aparece Henry, grampeando-os gêmeos. Está molhado, sujo e vai barbear. Parece ter uns quarenta anos; mas está aqui, e me brinda um sorriso de triunfo enquanto cruza o portal da igreja e balança pelo corredor central.

Domingo 13 de junho de 1976

Henry tem 30 anos

Henry: Descubro-me jogado no chão de meu antigo dormitório. Encontro-me sozinho em uma perfeita noite estival de um ano desconhecido. Estou deitado; amaldição e me sinto como um idiota durante um bom momento. Logo me levanto e entro na cozinha para me beber várias cervejas das que guarda meu pai.

Sábado 23 de outubro de 1993

Henry tem 38 e 30 anos, e Clare 22

14.37 horas

Clare: Estamos frente ao altar. Henry se volta para mim e diz:

-Eu, Henry, tomo a ti, Clare, como esposa. Prometo te amar na riqueza e na pobreza, na saúde e na enfermidade, te honrar e te querer toda a vida.

"Recorda estas palavras", penso para meus adentros. Repito logo meus votos. O pai Compton nos sorri e pronuncia:

-O que Deus uniu, que não o separe o homem.

"Esse não é exatamente o problema", penso.

Henry desliza o fino anel de prata por meu dedo e o coloca sobre o anel de compromisso. Quando me chega o turno, coloco-lhe sua aliança de ouro, a única vez que a levará posta. A missa segue seu curso. Não posso evitar pensar que isto é o único importante; que tanto ele como eu estejamos aqui. Não importa o que acontecer, sempre e quando ele esteja comigo.

O pai Compton nos dá sua bênção e diz:

-A missa terminou. Podem ir em paz.

Percorremos o corredor central juntos, agarrados do braço.

18.26 da tarde

Henry: A recepção vai dar começo. Encarregado-los do catering se apressam acima e abaixo empurrando carrinhos de alumínio e transportando bandejas tampadas.

A gente começa a chegar e deixa os casacos em figurino. Finalmente parou que chover. O Clube Náutico do South Haven está na ribeira setentrional, e é um edifício

da década de 1920 panelado em madeira e couro, enmoquetado em vermelho e decorado com pinturas de navios. Fora obscureceu, mas o farol pisca ao longe no espigón.

Estou frente a um ventanal, bebendo Glenlivet e esperando ao Clare; sua mãe a levou a toda pressa por alguma razão que desconheço. Percebo os reflexos do Gómez e

Ben que se dirigem para mim, e me volto.

-Como está? -Ben parece preocupado.

-Muito bem. Podem me fazer um favor os dois?

Gómez e Ben assentem.

-Gómez, volta para a igreja. Encontrará-me ali, esperando no vestíbulo. me recolha e me traga para o clube. me coloque de dissimulação no lavabo de homens da

planta baixa e te assegure de que não me movo daí. Ben, você não me perca de vista -lhe digo, me assinalando o peito-, e quando lhe disser isso, agarra meu smoking

e me traga isso ao serviço de cavalheiros. De acordo?

-De quanto tempo dispomos? -pergunta Ben.

-Desde muito pouco.

Assente, e logo se afasta. Charisse se aproxima de nós, Gómez a beija na frente e segue caminhando. Volto-me para o Ben, que parece cansado.

-Como está? -pergunto-lhe.

-Um pouco fatigado -responde Ben suspirando-. Ouça, Henry.

-Sim?

-De que época vem?

-Do ano 2002.

-Pode...? Olhe, já sei que isto você não gosta, mas...

-O que? Não passa nada, Ben. Como quer. Hoje é uma ocasião especial.

-me diga, ainda estou vivo? -Ben não me olhe; mas sim contempla fixamente a orquestra, que afina os instrumentos no salão de baile.

-Sim. Encontra-te bem. Vi-te faz uns dias; fomos jogar a bilhar.

Ben deixa escapar um fôlego.

-Obrigado.

-Não se preocupe.

Ao Ben lhe umedecem os olhos. Ofereço-lhe meu lenço, que ele aceita, mas logo me devolve isso sem havê-lo utilizado e parte em busca do lavabo de cavalheiros.

19.04 horas

Clare: Todos começam a sentar-se para jantar e ninguém consegue encontrar ao Henry. Pergunto ao Gómez se o viu, e ele me dedica um de seus olhares e me diz

que está seguro de que Henry chegará em qualquer momento. Kimy se aproxima de nós, com um aspecto de marcada fragilidade e a preocupação desenhada no rosto; leva seu vestido de seda rosa.

-Onde está Henry? -pergunta-me.

-Não sei, Kimy.

Kimy me atrai para si e me sussurra ao ouvido:

-Acabo de ver seu jovem amigo Ben com um montão de roupa nos braços saindo do salão.

OH, não. Se Henry se volatilizou para sua presente, me vai custar muitíssimo encontrar uma explicação. Possivelmente poderia dizer que houve uma emergência. Uma emergência na biblioteca que requeria a imediata presença do Henry? Não, porque seus colegas de trabalho se encontram aqui. Claro que possivelmente poderia dizer que Henry sofre de amnésia, e que deve haver-se perdido...

-Aí vem -diz Kimy me estreitando a mão.

Henry está de pé na entrada, espionando entre a multidão, e então nos vê e se aproxima de nós correndo. Dou-lhe um beijo.

-Prazer em conhecê-lo, estrangeiro.

retornou à presente, meu jovem Henry, que pertence a este momento. Agarra-me do braço, e também agarra ao Kimy, e entra conosco ao comilão. Kimy ri e diz algo ao Henry que não consigo entender.

-O que te há dito? -pergunto-lhe quando nos sentamos.

-Perguntou-me se tivérmos considerado a possibilidade de fazer um ménage À trois na noite de bodas.

Ponho-me mais vermelha que uma lagosta. Kimy me pisca os olhos um olho.

19.16 horas

Henry: Passeio pela biblioteca do clube comendo canapés e lendo uma primeira edição suntuosamente encadernada e que provavelmente jamais foi aberta do coração das trevas. Com a extremidade do olho vejo o diretor do clube, que se apressa para mim. Fecho o livro e volto a deixá-lo na estanteria.

-Sinto muito, senhor. Temo-me que terei que lhe pedir que parta.

Sem camisa e sem sapatos, não há quem te atenda.

-De acordo.

Levanto-me e, enquanto o diretor se volta de costas, o sangue me amontoa no cérebro e desapareço. Chego à cozinha um 2 de março de 2002; estou no chão, me renda. Sempre, sempre tinha desejado fazer algo assim.

19.21 horas

Clare: Gómez vai fazer um discurso.

-Querida Clare, e Henry, família e amigos, membros do jurado... Esperem, apaguem isso. Queridos e apreciados amigos todos, reunimo-nos aqui esta noite, à beira da Terra do Celibato, para agitar nossos lenços e se despedir do Clare e ao Henry enquanto embarcam juntos na travessia do Bom Casco de navio do Matrimônio. Apesar de que nos entristece vê-los despedir-se das alegrias da vida de solteiro, confiamos em que seu tão cacarejado estado de Bênção Nupcial será seu novo rumo, pelo resto inmejorable. Inclusive pode que alguns de unamos a eles breve, a menos que consigamos encontrar a maneira de evitá-lo. Por isso me permitam que lhes proponha um brinde: para o Clare Abshire DeTamble, uma preciosa e jovem artista que merece toda a felicidade que possa lhe reportar seu novo mundo; e para o Henry DeTamble, maldito e delicioso companheiro, afortunado filho de cadela: que o Mar da Vida se loja a seus pés, limpo como o cristal, e que os ventos lhes sejam sempre favoráveis. Pelo feliz casal!

Gómez se inclina sobre mim e me beija na boca, e durante uns instantes capto seu olhar, mas logo o momento passa.

20.48 horas

Henry: Depois de cortar e comer o bolo de bodas, Clare lança seu ramo (que Charisse apanha) e eu lanço a liga do Clare (Ben, precisamente, entre todos os convidados,

é quem a consegue). A orquestra toca Take the Train, e a gente começa a dançar. dancei com o Clare, Kimy, Alicia e Charisse; e agora danço com a Helen, que está como um trem. Clare dança com o Gómez. No momento em que, como quem não quer a coisa, faço-lhe fazer uma pirueta a Helen, vejo que Celia Attley rouba o baile ao Gómez, quem a sua vez me rouba isso. Enquanto Gómez se leva em volandas a Helen, me uma à multidão que se forma redemoinhos em torno do bar e contemplo ao Clare dançando com a Celia. Ben vem a meu encontro. Está bebendo soda. Eu peço uma tônica com vodca. Ben leva a liga do Clare ao redor do braço, como se estivesse em um funeral.

-Quem é essa? -pergunta-me.

-Celia Attley, a noiva do Ingrid.

-É estranho.

-Sim.

-O que acontece esse tal Gómez?

-A que te refere?

Ben me olhe fixamente e logo volta a cabeça.

-Não importa.

22.23 horas

Clare: terminou-se. Depois de repartir beijos e abraços saímos do clube e nos partimos em nosso carro, recubierto de espuma de barbear e com latas enganchadas.

Estaciono frente à hospedaria A Gota do Rocio, um motel pequeno e vulgar, situado sobre o Lago de Prata. Henry está dormido. Saio do carro, registro-me em recepção e convenço ao recepcionista para que me ajude a transportar ao Henry; entre os dois conseguimos deixá-lo cair sobre a cama de nosso dormitório. O moço nos traz a bagagem, olhe de cima abaixo meu vestido de noiva e o estado inerte no que se encontra Henry e me dedica uma careta. Dou-lhe uma gorjeta e logo parte. O Quito os sapatos ao Henry e lhe afrouxo o nó da gravata. A seguir me dispo e sotaque o vestido de noiva sobre a poltrona.

Estou de pé no banheiro, tremendo com as braguitas postas e me escovando os dentes. O espelho me traz a imagem do Henry deitado na cama. Está roncando. Cuspo o dentifrício e me esclareço boca. De repente, alaga-me uma sensação de felicidade que se soma à certeza de saber que estamos casados. Bom, em qualquer caso sou eu quem está casada.

Quando apago a luz, dou-lhe um beijo de boa noite ao Henry. Cheira a suor misturado com álcool e ao perfume da Helen. boa noite, que descanse, e que não lhe piquem as percevejos. Finalmente durmo, com um sonho pesado e feliz.

Segunda-feira 25 de outubro de 1993

Henry tem 30 anos, e Clare 22

Henry: É na segunda-feira seguinte a nossas bodas, e Clare e eu estamos na prefeitura de Chicago nos casando ante o juiz. Gómez e Charisse são nossas testemunhas.

Logo vamos todos para jantar ao Charlie Trotter's, um restaurante tão caro que a decoração se assemelha aos compartimentos de primeira classe de um avião ou a uma escultura minimalista. Por fortuna, e apesar de seu aspecto extremamente artístico, a comida está muito bom. Charisse faz fotografias de cada prato à medida que nos vão pondo diante.

-Que tal lhes sinta a vida de casados? -pergunta Charisse.

-Eu me sinto casadíssima -diz Clare.

-Poderiam seguir lhes casando -intervém Gómez-. Poderiam provar distintas cerimônias: budista, nudista...

-Pergunto-me se serei bígama.

Clare está comendo uma entrante cor pistacho que leva vários camarões-rosa grandes dispostos como se fossem anciões míopes lendo o periódico.

-Acredito que alguém pode casar-se com a mesma pessoa as vezes que queira -sentença Charisse.

-E você, é a mesma pessoa? -pergunta-me Gómez.

O que estou comendo vai recubierto de finas lâminas de atum cru que se fundem em minha língua. Tomo uns segundos para as saborear antes de responder:

-Sim, mas muito mais.

Gómez se mostra contrariado e murmura algo sobre os koan zen, mas Clare me sorri e levanta sua taça. Brindo com ela, e uma delicada nota de cristal soa e se desvanece no murmúrio do restaurante.

Finalmente sim, estamos casados.

SEGUNDA PARTE

Uma gota de sangue em uma terrina de leite

-O que ocorre, me diga, meu amor?

-Ah, como poderemos suportá-lo?

-Suportar o que?

-Isto. Durante um tempo tão breve. Como podemos dormir e perder assim esse tempo?

-Podemos permanecer em silêncio, juntos, e (posto que solo é o começo) fingir que dispomos de todo o tempo do mundo.

-E cada dia disporemos de menos; e ao final, não ficará nada.

-Preferiria então que não tivesse existido?

-Não. Aqui é onde sempre estive vindo. Desde o começo de meus dias; e quando me partir, este será o ponto central no que tudo conflua, do passado, e do qual tudo parta. Mas agora, meu amor, encontramos-nos aqui, aqui e agora, e esses outros momentos discorrem em outro lugar.

A. S. Byatt,

Posse

Vida de casados

Março de 1994

Clare tem 22 anos, e Henry 30

Clare: Finalmente sim, estamos casados. Durante os primeiros tempos vivemos em um piso de dois dormitórios, pensado para duas pessoas. É luminoso, com os chãos de madeira nobre, cor manteiga, e uma cozinha cheia de armários antigos e velhos eletrodomésticos. Dedicamo-nos a comprar, passamos as tardes dos domingos no Crate

& Barrel trocando os presentes de bodas; encarregamos um sofá que não passa pelas portas do piso e devemos devolvê-lo. O piso é um laboratório no que realizamos experimentos, levamos a cabo investigações sobre o cônjuge. Descobrimos que Henry odeia que me golpeie com a colher nos dentes quando estou lendo distraída o periódico durante o café da manhã. Coincidimos em que se eu posso escutar ao Joni Mitchell, ele pode fazer o mesmo com o The Shags, sempre e quando a outra pessoa não se encontre presente. Estabelecemos que Henry se encarregará de cozinhar e eu de lavar a roupa, mas nenhum dos dois está disposto a passar a aspiradora; assim contratamos um serviço de limpeza.

Caímos na rotina. Henry trabalha de terça-feira à sábado na biblioteca Newberry. levanta-se às 7.30 e prepara o café, logo fica a roupa de esporte e sai a correr. Quando retorna, se ducha e se veste; eu me levanto cambaleante da cama e converso com ele enquanto me prepara o café da manhã. depois de comer, lava-se os dentes e sai apitando pela porta para agarrar o metro, e eu volto para a cama uma horita mais.

Quando me levanto de novo, o apartamento se encontra sumido no silêncio. Dou-me um banho, penteio-me e me ponho a roupa de trabalho. Sirvo-me outra taça de café, vou à habitação de atrás, que é meu estudo, e fecho a porta.

Durante os primeiros tempos de minha vida de casada o passei muito mal neste estudo diminuto que dispus na habitação de atrás. Esse espaço ao que posso denominar meu, que não está impregnado da presença do Henry, é tão pequeno que minhas idéias também se tornaram insignificantes. Sou como um bicho-da-seda em uma larva de papel; rodeada de montões de esboços para realizar esculturas, dibujitos que parecem traças revoando contra as janelas, batendo as asas para escapar desse espaço minúsculo. Desenho maquetes, esculturas reduzidas que são como provas que servirão para criar umas esculturas imensas. À medida que passam os dias as idéias me assaltam com maior reticência, como se soubessem que lhes farei passar fome e lhes atrofiarei o crescimento. De noite sonho com cores e que inundo os braços em cubas de fibra de papel. Sonho com jardins em miniatura que não posso pisar porque sou uma gigante.

O mais sedutor do processo artístico (ou de qualquer outro processo, suponho) é o momento em que a idéia vaporosa e insustancial se converte em uma presença sólida, em um objeto, em uma substância imersa em um mundo de substâncias. Cerque, Nimbue, Artemisa, Ateneu... as velhas feiticeiras deveram conhecer essa sensação quando transformavam homens ordinários em criaturas fabulosas, roubavam os segredos dos magos ou dispunham aos exércitos: ah, note, aí está, a nova entidade; seja um porco, uma guerra ou um louro, mas é arte. A magia que eu posso criar agora, entretanto, é magia de andar por casa, magia em diferido. Trabalho cada dia, mas nada se materializa. Sinto-me como Penélope, tecendo e destejiendo.

O que poderia dizer do Henry, meu Odiseo? Henry é um artista que pertence a outra categoria, um artista do desaparecimento. As breves ausências do Henry ameaçam nossa vida em comum neste apartamento muito pequeno. Às vezes ele desaparece discretamente; talvez saí que a cozinha, dirijo-me ao vestibulo e descubro um montão de roupa no chão, ou me levanto da cama pela manhã e vejo que sai água da ducha apesar de que não há ninguém nela. Em ocasiões é aterrador. Uma tarde em que estava trabalhando no estudo ouvi alguém gemer ao outro lado da porta; abri-a e encontrei ao Henry de joelhos e com as mãos no chão, nu no corredor, sangrando abundantemente na cabeça. Abriu então os olhos, viu-me e desapareceu. Às vezes me acordado de noite e Henry não está a meu lado. Pela manhã sei que me contará aonde foi, do mesmo

modo que outros maridos contam a suas algebras os sonhos que tiveram: "Estava na biblioteca Selzer às escuras, em 1989". Ou: "Perseguiu-me um pastor alemão pelo pátio de uma casa e tubei que subir a uma árvore". Ou: "Fiquei-me sob a chuva, perto do piso de meus pais, escutando cantar a minha mãe". Espero que Henry me conte algum dia que me viu de menina, mas até o momento ainda não ocorreu. Quando era pequena, sempre desejava ver o Henry. Cada uma de suas visitas supunha todo um acontecimento. Agora, entretanto, suas ausências representam o vazio, uma subtração, uma história que terei que ouvir quando meu aventureiro se materialize a meus pés, sangrando ou assobiando, sorrindo ou tremendo. Agora tenho medo quando parte.

Henry: Quando vive com uma mulher, aprende algo cada dia. até agora aprendi que o cabelo comprido entope o deságüe da ducha antes de que possa pronunciar "Sido!"; que não é aconselhável recortar algo do periódico antes de que sua esposa o tenha lido, embora o periódico em questão seja de faz uma semana; que sou a única pessoa em nosso lar para dois que pode comer o mesmo para jantar três noites seguidas sem que lhe entrem náuseas; e que os cascos para escutar música se inventaram para proteger aos cônjuges dos excessos musicais do outro. (Como é possível que Clare escute ao Cheap Trick? por que gosta de The Eagles? Nunca saberei a razão, porque se fica à defensiva quando o pergunto. Como pode ser que a mulher a quem amo não queira escutar aos Musique du Garrot et da Farraille?) Entretanto a lição mais dura é a solidão do Clare. Às vezes retorno a casa e ela parece irritada; é evidente que interrompi o fio de seus pensamentos, trunqueei o silêncio sonhador de sua jornada. Às vezes vislumbro uma expressão em seu rosto que é como uma porta fechada. Clare se retirou então a esse quarto onde habita sua mente, e fica aí sentada, fazendo ponto ou qualquer outra atividade. Tenho descoberto que ao Clare gosta de estar sozinha. Agora bem, quando volto de uma de minhas viagens pelo tempo, sempre lhe alivia voltar para ver-me.

Quando a mulher com quem convive é uma artista, cada dia te proporciona uma surpresa. Clare converteu o segundo dormitório em um armário de surpresas, e o encheu que esculturas diminutas e de desenhos que pendurou ao longo da parede, sem deixar nem uma fresta livre. Há bobinas de arame e cilindros de papel embutidos em estanterías e gavetas. As esculturas recordam às cometas, ou a maquetes de aeroplanos. Uma noite o comento, de pé, na soleira de seu estudo, vestido com traje e gravata, recém-chegado do trabalho e antes de me pôr a preparar o jantar, e então ela me lança uma de suas criações. Surpreendentemente voa muito bem e, de repente, colocamo-nos em ambos os extremos do corredor e começamos a nos lançar diminutas esculturas para comprovar sua aerodinâmica. Ao dia seguinte, quando chego a casa, descubro que Clare criou um bando de pássaros de papel e arame que penduram do teto da sala de estar. Uma semana depois as janelas de nosso dormitório desaparecem depois de umas formas abstratas, azuis e translúcidas, que o sol catapulta contra as paredes do quarto, que faz as vezes de firmamento para as silhuetas das aves que Clare pintou nessa superfície. É precioso.

A noite seguinte contemplo ao Clare da soleira de seu estudo, observo como termina de desenhar um punhado de linhas negras ao redor de um pajarillo vermelho quando, de súbito, vejo-a, em seu cuartito, cercada por todas suas coisas, e me dou conta de que tenta me dizer algo. Então sei o que devo fazer.

Quarta-feira 13 de abril de 1994

Clare tem 22 anos, e Henry 30

Clare: Ouço a chave do Henry na porta principal e saio do estudo para recebê-lo. Para minha surpresa, leva um televisor. Em casa não vemos a televisão porque Henry não pode e não me interessa perder o tempo vendo-a sozinha. O televisor é um aparelho velho, pequeno e poeirento, que sintoniza as cadeias em branco e negro e tem a antena rota.

-Olá, carinho. Já cheguei a casa -diz Henry, deixando o televisor na mesita da sala de estar.

-Ecs, está asqueroso. Encontre-o no beco?

Henry parece ofendido.

-Comprei-o no Unique. Dez dólares.

-por que?

-Hoje dão um programa que acredito que deveríamos ver.

-Mas... -Não consigo imaginar que classe de espetáculo lhe compensaria o risco de ter que viajar através do tempo.

-Não passa nada, eu não me sentarei a olhá-lo, mas quero que você o veja.

-Ah, o que? -Estou tão desconectada de tudo o que põem pela televisão...

-É uma surpresa. Dão-o às oito.

O televisor fica no chão da sala de estar enquanto jantamos. Henry se nega a responder qualquer pergunta sobre o tema e se empenha em tomar o cabelo me perguntando o que faria se pudesse dispor de um estudo imenso.

-E que mais dá? Já tenho meu armarito. Ao melhor dedico ao origami.

-Venha já, digo-lhe isso a sério.

-Não sei. -Enrolo lingüini com o garfo-. Faria as maquetes cem vezes maiores. Desenharia sobre peças de papel de polpa de algodão de três metros por três. Levaria patins para ir de um extremo a outro do estudo. Instalaria umas cubas enormes, um sistema de secagem japonesa, uma batedeira Reina de cinco quilogramas... -Cativa-me a imagem mental que acabo de me formar desse estudo imaginário, mas então recordo meu estudo atual e me encolho de ombros-. Enfim, deixemo-lo. Ao melhor algum dia...

Saímos adiante com o salário do Henry e os interesses que nos dá meu fundo de investimento, mas para nos custear um estudo de verdade teria que procurar um emprego, e então me faltaria tempo para trabalhar no estudo. É A Armadilha 22. Todos meus amigos artistas morrem por conseguir dinheiro, tempo ou ambas as coisas de uma vez. Charisse se dedica a desenhar programas informáticos durante o dia e a criar sua arte de noite. Ela e Gómez se casarão o mês que vem.

-O que poderíamos comprar aos Gómez como presente de bodas? -pergunto ao Henry.

-Né? Pois não sei... Não poderíamos lhes dar todas essas cafeteiras expresso que nos deram de presente?

-Trocamos-las pelo microondas e a máquina de fazer pão.

-Ah, sim. Ouça, são quase as oito. Agarra o café e vamos sentar nos na sala de estar.

Henry retira sua cadeira e levanta o televisor, e eu agarro as duas taças de café e as levo a salita. Ele coloca o aparelho sobre a mesita de no meio e depois de desenredar um cabo larguíssimo e manipular uns botões, sentamo-nos no sofá e vemos um anúncio sobre uma cama de água que põem no Canal 9. Parece como se estivesse nevando no prato, onde instalaram a cama.

-Maldita seja -diz Henry, espionando para a tela-. No Unique funcionava melhor. -O logotipo da loteria de Illinois pisca na tela. Henry rebusca no bolso de

suas calças e me entrega um papelito branco-. Agüenta isto.

Vejo que é um bilhete de loteria.

-Por Deus! Não haverá...

-Silêncio. Você olhe.

Com grande cerimônia os encarregados da loteria, uns homens muito sérios vestidos com traje e gravata, anunciam os números que aparecem em umas Pelotas do PING-pong, escolhidas ao azar, e que vão saindo uma a uma e se colocam em posição na tela. 43, 2, 26, 51, 10, 11. É obvio, concordam com os números do bilhete que tenho entre as mãos. Encarregado-los da loteria nos felicitam. Acabamos de ganhar oito milhões de dólares.

Henry apaga o televisor e me sorri.

-Boa jogada, né?

-Não sei o que dizer.

Henry se dá conta de que não dou saltos de alegria.

-Dava: "Obrigado, carinho, por conseguir os dólares que necessitamos para comprar uma casa". Com isso já me bastaria.

-Mas... Henry... Não é real.

-Claro que o é. Este bilhete de loteria é autêntico. Se lhe levar isso a Charcutería Katz, Minnie te dará um abraço muito efusivo e o estado de Illinois te estenderá um cheque autêntico.

-Mas você já sabia.

-Claro. É obvio. foi questão de olhá-lo no periódico de amanhã.

-Não podemos... Seria fazer armadilha.

Henry se aplaude a frente com sentido teatral.

-Parvo de mim! Esqueci-me por completo de que se deve comprar o bilhete sem conhecer de antemão os números. Bom, podemos arrumá-lo.

Desaparece pelo corredor e se dirige à cozinha, da que retorna com uma caixa de fósforos. Acende um fósforo e o sustenta frente ao bilhete.

-Não!

Henry apaga o fósforo.

-Não importa, Clare. Poderíamos ganhar a loteria cada semana durante todo um ano se quiséssemos. portanto, se isso te causar conflitos, não há trato. -O bilhete está um pouco chamuscado em uma esquina. Henry se senta no sofá, a meu lado-. Direi o que vamos fazer. por que não lhe fica? Se gosta de cobrá-lo, cobramo-lo, e se decide dar de presente-lhe ao primeiro vagabundo que te encontre, o dá sem nenhum problema.

-Não seria justo.

-O que não seria justo?

-Não pode me deixar toda a responsabilidade .

-Bom, a mim tanto me dá; mas se você crie que estamos extorquindo ao estado de Illinois o dinheiro que obteve enganando com trambiques aos imbecis que se desloman trabalhando, esqueçamo-lo. Estou seguro de que já nos ocorrerá outro modo de adquirir um estudo maior para ti.

OH. Um estudo maior. De repente caio na conta, estúpida de mim, de que ao Henry poderia lhe tocar a loteria quando quisesse; que se jamais se incomodou em apostar é porque não o considerava normal; que decidiu deixar a um lado sua fanática consagração a viver sumido na normalidade para que eu possa desfrutar de um estudo tão

grande que possa atravessar o de ponta a ponta patinando; que me estou comportando como uma ingrata, em definitiva.

-Clare? Controle: base da Terra chamando o Clare...

-Obrigado -digo em um tom repentinamente brusco.

Henry arqueia as sobrancelhas.

-Acaso significa isso que vamos cobrar esse bilhete?

-Não sei. Significa: "Obrigado".

-De nada. -Há um silêncio incômodo-. Ouça, pergunto-me o que devem pôr na televisão.

-Muita neve.

Henry ri, levanta-se e tira de mim.

-Venha, vamos gastar nossos lucros conseguidas com tão más artes.

-Aonde vamos?

-Nem idéia. -Henry abre o armário do corredor e me passa a jaqueta-. Já sei, vamos comprar lhes um carro ao Gómez e Charisse como presente de bodas.

-Acredito que eles deram de presente as taças de vinho.

Baixamos a tropicões pelas escadas e saímos fora, onde luz uma perfeita noite primaveril. Ficamos na calçada, frente ao edifício onde vivemos, e Henry me agarra da mão. O Miro, levanto nossas mãos unidas e Henry me faz dar uma pirueta. Dançamos pela avenida Belle Plaine, sem música, salvo pelo som lhe zumbam dos carros ao passar e nossa própria risada, entre o aroma das flores de cerejeira que caem como a neve sobre a calçada e acompanham nossos passos de baile sob as árvores.

Quarta-feira 18 de maio de 1994

Clare tem 22 anos, e Henry 30

Clare: Queremos comprar uma casa. ir visitar casas em venda é algo incrível. Pessoas que jamais convidariam a seu lar, sob nenhuma circunstância, abrem-lhe as portas de par em par, deixam que espione em seus armários, emita julgamentos de valor sobre o papel pintado e os levantes pergunta comprometidas sobre os encaamentos.

Henry e eu temos modos muito distintos de olhar uma casa. Eu caminho devagar, valoro a marcenaria, os eletrodomésticos, pergunto pelo estado da caldeira, comprovo se houver escapamentos de água no porão. Henry, em troca, limita-se a ir diretamente à parte posterior da casa, olhe pela janela traseira e me faz um sinal negativa. Nosso agente imobiliária, Carol, acredita que é um lunático. Para mitigar sua impressão lhe comento que no fundo é um fanático da jardinagem. Um dia, depois de várias escenitas deste tipo, saímos do despacho da Carol, agarramos o carro para voltar para casa e dito averiguar se a loucura do Henry obedece a algum plano preconcebido.

Fazendo alarde de minha deliciosa educação, pergunto-lhe:

-Que coño está fazendo?

Henry parece um corderito.

-Bom, não estava muito seguro de se quereria sabê-lo, mas a verdade é que já estive em nossa futura casa. Não sei quando, mas estive... Estarei ali um formoso dia de outono, ao cair a tarde. Eu estava de pé, frente a uma janela que havia na parte traseira da casa, junto a essa mesita de sobre de mármore que herdou de sua avó, e olhava ao pátio, para a janela de um edifício de obra vista que me pareceu que era seu estudo. Estava manipulando folhas de papel. Eram azuis. Levava um lenço amarelo que te sujeitava o cabelo para trás, um pulôver verde e o avental de borracha que te põe sempre. Há uma pérgola coberta de parra no pátio. Estive aí durante

um par de minutos; por isso intento rememorar a visão, e quando o conseguir, imagino que essa será nossa casa.

-Caray! por que não me disse isso? Agora me sinto como uma parva.

-Não, não. Pensei que você gostaria de seguir o procedimento habitual. Quero dizer que parece tão entregue, lendo todos esses livros a respeito dos passos que terá que seguir, que pensei que queria, pois isso... ir ver casas, e não lhe expor isso como algo inevitável.

-Homem, algum dos dois tem que perguntar se houver térmites, revestimentos de amianto, putrefação da madeira por cogumelos e bombas na fossa séptica...

-Exatamente. portanto, sigamos como até agora, e tenha por seguro que, por separado, chegaremos à mesma conclusão.

É algo que ao final termina por acontecer, apesar de que se dão um par de momentos prévios de grande tensão. Refiro a quando caio encantada pelo elefante branco que descubro no East Roger's Park, uma vizinhança espantosa, situado no perímetro setentrional da cidade. trata-se de uma mansão, um monstro Vitoriano de proporções aptas para uma família de doze membros, mais o serviço. Sei, inclusive antes de perguntá-lo, que essa não é nossa casa; Henry, por sua parte, fica profundamente impressionado pela moradia, muito antes de entrar pela porta principal. O pátio é um estacionamento digno de figurar ao lado de um centro comercial. O interior possui a estrutura de uma casa francamente preciosa; tetos altos, chaminés com o suporte de mármore, marcenaria esculpida...

-Por favor... -choramingação-. É tão incrível!

-Sim, incrível é a palavra. Violarão-nos e nos atracam uma vez por semana se vivermos aqui dentro. Além disso, necessita uma reabilitação completa, cabeleado, encanamentos, uma caldeira nova, provavelmente um novo telhado... Não. -Sua voz é concludente, a voz de alguém que viu o futuro e não tem intenção de alterá-lo.

Depois da cena passado um par de dias um pouco deprimida, e Henry decide me convidar para jantar sushi.

-Tchotchka, amorta, reina de meu coração, fala comigo.

-Não penso te falar.

-Já sei, mas está deprimida; e eu gostaria não ser a causa de sua tristeza, sobre tudo por dizer as coisas tal como são, com sentido comum.

Chega a garçonete e consultamos as cartas a toda pressa. Não quero discutir no Katsu, meu restaurante preferido de sushi, um lugar ao que vamos frequentemente a comer. Penso que é um detalhe que Henry deve ter tido em conta, além da felicidade intrínseca que me procura o sushi, na hora de organizar uma saída para me acalmar. Pedimos borracha-ae, hígiki, futomaki, kappamaki e uma seleção impressionante de montaditos crus sobre retângulos de arroz. Kiko, a garçonete, desaparece com nosso encargo.

-Não estou zangada contigo -lhe digo, embora solo é verdade pela metade.

Henry arqueia uma sobrancelha.

-De acordo. Muito bem. O que ocorre então?

-Está absolutamente seguro de que esse lugar no que estive é nossa casa? O que ocorreria se te tivesse equivocado e desprezamos algo magnífico solo porque carece da vista apropriada que deve ter o pátio?

-Havia tantos objetos nossos que duvido muito que não seja nossa casa. O que sim te garanto é que ao melhor não é nossa primeira casa... Não me aproximei o

bastante para comprovar sua idade, mas pensei que foi bastante jovem. Claro que talvez é que te conservava muito bem. Juro-te, entretanto, que é francamente bonita.

Não te pareceria maravilhoso ter um estudo na parte traseira da casa?

-Sim -respondo com um suspiro-. O será. minha mãe! Oxalá pudesse gravar em vídeo alguma de suas excursões. eu adoraria ver esse lugar. Não podia te haver fixado na direção enquanto estava de visita?

-Sinto muito, não estive ali o tempo suficiente.

Às vezes daria algo por abrir o cérebro ao Henry e olhar em sua memória, como quem olhe um filme. Lembrança a primeira vez que aprendi a utilizar um ordenador; tinha quatorze anos e Mark tentava me ensinar a desenhar com seu Macintosh. Ao cabo de uns dez minutos, queria estelar as mãos dentro da tela até dar com algo real que pudesse tocar, sem me importar o que fora. Eu gosto de fazer as coisas diretamente, tocar as texturas, ver as cores. ir ver casas com o Henry é uma atividade que me está voltando louca. É como conduzir um desses horríveis carros de brinquedo que funcionam de controle remoto. Eu sempre os estrelo contra as paredes. A propósito.

-Henry, importaria-te se fosse eu sozinha a ver as casas?

-Não, claro que não -me responde um pouco ferido-. Se isso for o que quer...

-Bom, suponho que acabaremos nesse lugar de todos os modos, não? Quero dizer, que não trocará nada.

-É verdade. Sim, não se preocupe por mim; mas tenta não ir parar em mais antros de má morte, vale?

Ao final encontro a casa, ao cabo de um mês e umas vinte casas mais ou menos. Está no Ainslie, no Lincoln Square, e é um bangalô vermelho de obra vista, construído em 1926. Carol abre a cajita das chaves e luta com a fechadura, e ao ceder a porta, tenho a assustadora sensação de que tudo encaixa... Dirijo-me diretamente à janela traseira, Miro para o pátio e ante mim aparece meu futuro estudo e a pérgola de parra. Giro sobre meus talões. Carol não deixou que me olhar inquisitivamente.

-Nos ficamos -digo. Não cabe em si da surpresa.

-Não quer ver antes o resto da casa? E seu marido?, o que pensará?

-OH, ele já a viu; mas sim, claro, vejamos a casa.

Sábado 9 de julho de 1994

Henry tem 31 anos, e Clare 23

Henry: Hoje era a jornada dedicada à mudança. Fez calor todo o dia; encarregado-los do traslado já levavam a camisa pega ao corpo enquanto subiam as escadas de nosso apartamento pela manhã, sonriendo porque se imaginavam que um pisito de dois dormitórios não seria nada do outro mundo e teriam terminado antes da hora do almoço. O sorriso, entretanto, lhes gelou quando se plantaram na sala de estar e viram o pesado mobiliário Vitoriano do Clare e minhas setenta e duas caixas de livros. Agora já é de noite, e Clare e eu vagamos pela casa, tocando as paredes, percorrendo os batentes de madeira de cerejeira com as mãos. Nossos pés descalços ressonam contra o chão de madeira. Deixamos correr a água na banheira, cujas patas têm forma de garra, acendemos os queimadores da pesada cozinha universal e logo os apagamos. As janelas estão nuas; estamos às escuras e a luz procedente da rua entra em torrentes através do poeirento cristal e cai sobre a chaminé vazia. Clare se desagrada de habitação em habitação, acariciando sua casa, nossa casa. Eu a sigo, observando enquanto abre armários, janelas, vitrines. fica nas pontas dos pés

no comilão, e touca com um dedo o spot de luz debruado com cristal. Logo se tira a blusa. Umedeço seus peitos com minha língua. A casa nos envolve, observa-nos, contempla-nos enquanto fazemos o amor pela primeira vez, a primeira das muitas vezes, e depois, quando fazemos esgotados sobre o chão nu, rodeados de caixas, sinto que finalmente encontramos nossa casa.

Domingo 28 de agosto de 1994

Clare tem 23 anos, e Henry 31

Clare: É uma úmida tarde do verão, e o calor é pegajoso. Henry, Gómez e eu perambulamos pelo Evanston. passamos a manhã na praia do Farol, jogando no lago Michigan e nos assando de calor. Gómez queria que o enterrássemos na areia, e Henry e eu cumprimos seu desejo. depois de comer algo, dormimos uma siestecita, e agora vamos caminhando pela calçada em sombra da rua da Igreja, lambendo pólos de laranja e aturdidos pelo sol.

-Clare, tem o cabelo cheio de areia -me diz Henry.

Detenho-me, inclino-me para diante e me sacudo o cabelo como se se tratasse de um tapete. Cai-me areia para encher uma praia inteira.

-Tenho as orelhas infestadas de areia, e os inmencionables -diz Gómez.

-eu adorarei te atíçar na cabeça, mas você terá que te encarregar do resto -lhe digo.

De repente, levanta-se uma suave brisa e esticamos o corpo para recebê-la. Recolho-me o cabelo em um coque alto e a sensação de alívio é imediata.

-O que fazemos agora? -pergunta Gómez.

Henry e eu intercambiamos um olhar.

-Ao Beco do Livreiro -entoamos ao unísono.

-OH, por favor, uma livraria não -grunhe Gómez-. meu Deus, Virgem Santa, tenham piedade de seu humilde servidor...

-Então que não se diga: vamos ao Beco do Livreiro -diz Henry em tom risonho.

-Mas me prometam que não estaremos mais de, digamos, a ver... umas três horas.

-Acredito que fecham às cinco -digo-, e já são dois e meia.

-Poderia ir tomar uma cerveja -sugere Henry.

-Acreditava que no Evanston tinham proibido o álcool.

-Não, acredito que isso trocou. Se pode demonstrar que não é membro de alguma associação juvenil religiosa, poderá tomar sua cerveja.

-Melhor vou com vós. Um para todos e todos para um.

Giramos pelo Sherman, caminhamos frente ao que antigamente foi Marshall Field's e agora é uma loja de restos de série de sapatilhas esportivas, e passamos pelo antigo teatro Varsity, que agora é uma loja Gap. Giramos pelo beco que transcorre entre a floricultura e o remendón, e te haja aqui que nos encontramos ante O Beco do Livreiro. Empurro a porta e avançamos em turba para o interior penumbroso e afresco da loja, como se nos precipitássemos rodando para o passado.

Roger está sentado atrás de seu pequeno e desordenado mostrador e bate-papo com um cavalheiro de cabelo grisalho e gestos toscos sobre algum tema relacionado com a música de câmara. Sorri quando nos vê.

-Clare, tenho algo que você gostará.

Henry se vai direito ao fundo da loja, onde guardam as gravuras e os livros de bibliófilo. Gómez perambula e contempla os estranhos e miúdos objetos que estão embutidos nas distintas seções: uma cadeira de montar no compartimento de novelas do oeste, uma boina de caçador nas estanterías consagradas às novelas de mistério.

Agarra um caramelo de borracha da imensa terrina que há na seção infantil, sem dar-se conta de que essas chuches levam anos aí e a intoxicação pelas ingerir é farto provável. O livro que Roger tem para mim é um catálogo holandês de papéis pintados, com amostras autênticas no interior. Vejo em seguida que se trata de um verdadeiro achado, assim que o deixo sobre a mesa, junto ao escritório, e começo a procurar os livros que necessito. Examino as estanterias com ar sonhador, inalando o intenso aroma a pó do papel, a cauda, os velhos tapetes e a madeira. Vejo o Henry sentado no chão da seção de arte com algo aberto sobre o regaço. queimou-se com o sol, e leva as mechas de cabelo alvoroçadas. Alegro-me que se cortasse o cabelo. Agora, com o cabelo curto, parece-me mais ele mesmo. Enquanto o observo, levanta a mão e retorpe uma das mechas em seu dedo, adverte que o leva muito curto e então se arranha a orelha. Quero tocá-lo, percorrer com meus dedos seu estranho cabelo endireitado, mas em lugar disso me dou a volta e procuro refúgio na seção de viagens.

Henry: Clare está na sala principal junto a um montão de novidades. De fato, ao Roger desagrada que a gente ande toqueteando o gênero que ainda não está marcado, mas me dei conta de que ao Clare permite fazer quase tudo o que deseje em sua loja. Ela tem a cabeça inclinada sobre um pequeno livro vermelho. O cabelo lhe escapa do coque, tem-lhe cansado um tirante do vestido veraniego e lhe vê parte do traje de banho. O efeito é tão penetrante, tão intenso, que me assalta a necessidade de me aproximar dela, tocá-la; e se for possível, se ninguém olhe, mordê-la, mas ao mesmo tempo não desejo que esse momento termine. De repente, vejo o Gómez plantado na seção de novelas de mistério; está olhando ao Clare com uma expressão que reflete com tanta exatidão meus próprios sentimentos que me vejo obrigado a compreender...

Nesse momento Clare levanta os olhos e me diz:

-Henry, olhe, é Pompeya.

Sustenta um livrinho de postais que representam quadros e algo em sua voz me está dizendo: "Vê-o? Escolhi a ti".

Aproximo-me dela, rodeio-lhe os ombros com meu braço e lhe ajusto o tirante cansado. Quando levanto a vista um segundo depois, Gómez já nos dá as costas e está examinando com atenção os livros da Agatha Christie.

Domingo 15 de janeiro de 1995

Clare tem 23 anos e Henry 31

Clare: Estou lavando os pratos e Henry está cortando pimientos verdes. O sol, com umas tonalidades profundamente rosáceas sobre a neve de janeiro, fica no pátio de atrás nesta temprana noite dominical. Estamos preparando chiles e cantando O submarino amarelo: "In the town where I was born, lived a man who sailed to seja..."

As cebolas vão na frigideira que está ao fogo. Entretanto, enquanto cantamos And our friends are all on board, de repente ouço que minha voz flutua sozinha, volto-me e vejo a roupa do Henry amontoadada no chão, junto à faca da cozinha. Meio pimiento se balança ligeiramente sobre a tabela.

Apago o fogo e tampo as cebolas. Sinto-me junto ao montão de roupa, que ainda conserva a temperatura do corpo do Henry, recolho-a com um movimento rápido e me sinto sem soltá-la, até que o calor que desprende provém de meu próprio corpo. Logo me levanto e vou ao dormitório, dobro a roupa com cuidado e a sotaque sobre

a cama. A seguir me esmero em seguir preparando o jantar e como sozinha, aguardando, sem deixar de me perguntar onde está ele.

Sexta-feira 3 de fevereiro de 1995

Clare tem 23 anos, e Henry 31 e 39

Clare: Gómez, Charisse, Henry e eu estamos sentados ao redor da mesa de nosso comilão, jogando à a Jodienda Mental do Capitalismo Moderno. É um jogo que Gómez e Charisse se inventaram. joga-se com o tabuleiro do Monopoly e consiste em responder perguntas, conseguir pontos, acumular dinheiro e explorar a outros jogadores.

Toca- o turno ao Gómez. Move os jogo de dados, saca um seis, aterrissa na Caixa Comunitária e agarra um cartão.

-Muito bem, atentos todos. Que invento tecnológico contemporâneo enterrariam baixo dois metros de terra pelo bem da sociedade?

-A televisão -digo eu.

-O suavizante -diz Charisse.

-Os detectores de movimento -diz Henry com veemência.

-Pois eu digo a pólvora.

-Isso não é precisamente moderno -intervenho eu.

-De acordo. A cadeia de montagem.

-Não vale dar duas respostas -diz Henry.

-Claro que vale. Além disso, que gilipollez é essa de responder "os detectores de movimento"?

-Os detectores de movimento das estanterías do Newberry não param de vibrar quando me percebem. Esta semana terminei duas vezes nas estanterías quando já tinham fechado, e tão logo me materializo, o guarda sobe para comprovar que tudo esteja em ordem. Estou-me voltando louco.

-Não acredito que ao proletariado lhe afete muito a desinvencción dos sensores de movimento. Clare e eu ganhamos dez pontos cada um por dar uma resposta acertada, Charisse consegue cinco em conceito de criatividade, e Henry retrocede três casinhas por valorar as necessidades do indivíduo por cima do bem comum.

-Isso me situa na Saída. me dê duzentos dólares, banquera.

Charisse entrega ao Henry seu dinheiro.

-Uauuu -exclama Gómez.

Sorrio-lhe. Agora me toca . Saco um quatro.

-Park Agrada. Compro. -Para poder comprar, entretanto, tenho que responder corretamente a uma pergunta.

Henry tira um cartão do montão da Sorte.

-Com quem preferiria jantar e por que: Adam Smith, Karl Marx, Rosa Luxemburgo ou Alan Greenspan?

-Com Rosa.

-por que?

-Sua morte foi a mais interessante de todas.

Henry, Charisse e Gómez consultam e logo coincidem em que posso comprar Park Agrada. Entrego ao Charisse o dinheiro e ela me dá a escritura. Henry faz soar os jogo de dados e vai parar a Impostos sobre a Renda, cajita que consta de uns cartões especiais. A apreensão faz que nos ponhamos em guarda, e finalmente Henry lê o cartão.

-Um grande salto para diante.

-Maldita seja.

Todos entregamos ao Charisse nossas propriedades imobiliárias, e ela as guarda na carteira do banco, junto com as suas.

-Bom, acabou-se o de Park Agrada.

-Sinto muito. -Henry avança a metade do tabuleiro, e se situa no Saint James-. Compro.

-Meu pobre Saint James -se lamenta Charisse.

Saco um cartão do montão do Estacionamento Grátis.

-A quanto está a mudança o iene japonês respeito ao dólar no dia de hoje?

-Não tenho nem idéia. A quem lhe devemos essa pergunta?

-A mim -responde Charisse sorrindo.

-Qual é a resposta?

-Um dólar são noventa e nove com oito ienes.

-De acordo. Fico sem o Saint James. Seu turno. -Henry tende os jogo de dados ao Charisse, quem saca um quatro e cai no Cárcere. Escolhe um cartão que lhe diz qual foi seu delito: abuso de informação privilegiada.

Todos rimos a gargalhadas.

-Isso iria mas bem por vós, tios -diz Gómez.

Henry e eu sorrimos com humildade. Ultimamente estamos devastando o mercado de valores. Para sair do Cárcere Charisse tem que responder a três perguntas.

-Primeira pergunta -diz Gómez, escolhendo um cartão do montão da Sorte-. Nomeia dois artistas famosos aos que Trotsky conheceu no México.

-Diego Rivera e Frida Kahlo.

-Bem. Segunda pergunta: quanto pagamento Nike ao dia aos operários vietnamitas para fabricar essas sapatilhas esportivas tão ridiculamente caras?

-Vá! Pois não sei... Três dólares? Dez centavos?

-O que responde?

Nesse momento se ouça um estrondo colossal na cozinha. Todos nos levantamos de um salto, e Henry diz "Sentem-se!" com tanta veemência que todos fazemos conta.

Corre para a cozinha. Charisse e Gómez me olham atônitos. Por minha parte, faço um gesto de negação com a cabeça.

-Não tenho nem idéia. -De fato, sim que a tenho.

ouça-se um murmúrio apagado de vozes e um gemido. Charisse e Gómez se ficaram gelados, e escutam. Levanto-me e sigo ao Henry com acanhamento.

Está ajoelhado no chão, pressionando um trapo de cozinha contra a cabeça do homem nu que jaz no linóleo, quem, é obvio, é Henry. O armarito de madeira que agüenta os pratos está convexo; o cristal se quebrado e todos os pratos se esparramaram e estrelou contra o chão. Henry jaz em meio de todo esse barulho, sangrando e recubierto de cristais. Os dois Henry me olham, um com tristeza e o outro com obrigação. Ajoelho-me ao lado de um, sobre o outro Henry.

-De onde sai tanto sangue? -sussurro.

-Acredito que do couro cabeludo -me responde Henry baixinho.

-Chamemos uma ambulância -proponho, e começo a tirar os cristais do peito ao Henry.

-Não -diz ele, fechando os olhos.

Fico imóvel.

-Por todos os demônios... -Gómez está na porta.

Vejo o Charisse, de pé atrás dele e nas pontas dos pés, tentando espionar por cima de seu ombro.

-Uauuu -exclama, empurrando ao Gómez e aproximando-se de nós.

Henry lança outro trapo sobre os genitálias duplicados de seu decúbito propenso.
-OH, Henry. Não se preocupe, desenhei um trillón de modelos que...
-Intento preservar um pouco minha intimidade -lhe solta Henry.
Charisse retrocede como se lhe houvesse propinado uma bofetada.
-Escuta, Henry... -retumba a voz do Gómez.
Não posso pensar com tudo o que está acontecendo.
-Por favor, lhes cale todos -exijo, irritada. Para minha surpresa, fazem-me caso-. O que passa?
-pergunto- então ao Henry, que segue jogado no chão, fazendo caretas de dor e tentando não mover-se.
Henry abre os olhos e me olhe fixamente durante um momento antes de responder.
-Partirei-me dentro de uns minutos -diz ao final, com a voz fica; então se dirige ao Henry-.
Quero uma taça.
Henry se incorpora de um salto e retorna com um copo de suco cheio do Jack Daniels.
Agüento- a cabeça ao Henry e ele consegue tragar um terço do copo.
-Isso é prudente? -pergunta Gómez.
-Nem sei, nem me importa -lhe assegura Henry disto chão dói a parir. Atrás! -exclama, com um grito afogado-. Feche os olhos...
-por que...? -começa a dizer Gómez.
Henry começa a ter convulsões, como se lhe descarregassem corrente elétrica. Sacode a cabeça com violência e grita:
-Clare!
Fecho os olhos. Ouço um ruído como o de um lençol rasgado, mas muito mais forte, e nesse preciso instante se gera uma cascata de cristal e porcelana que sai despedida em todas direções. Henry desapareceu.
-meu deus! -exclama Charisse.
Henry e eu nos olhamos. "Isso foi distinto, Henry foi violento e asqueroso. O que te está acontecendo?" Seu pálido rosto me indica que ele tampouco sabe. Inspeciona o uísque, se por acaso há algum fragmento de cristal, e logo o bebe de repente.
-O que passou com tudo esse cristal? -exige saber Gómez, sacudindo-lhe de cima com rapidez.
Henry se levanta e me oferece sua mão. Está talher de uma fina vaporização de sangue e de trocitos de louça e cristal. Eu também me levanto e Miro ao Charisse.
Tem um corte profundo na cara; o sangue lhe desce pela bochecha como se fora uma lágrima.
-Tudo o que não forma parte de meu corpo o deixo atrás -explica Henry. Mostra-lhes deste modo o oco onde lhe extraíram um molar porque não parava de perder o empastelamento-. Digamos que ao menos, no lugar aonde retornei, tudo traçado de cristal desapareceu, e não terão que me tirar isso com pinzas.
-Não, isso já o faremos nós -diz Gómez, tirando cristalitos com cuidado ao Charisse do cabelo.
Não lhe falta razão.

Ficção científica na biblioteca

Quarta-feira 8 de março de 1995

Henry tem 31 anos

Henry: Matt e eu estamos jogando esconderijo entre as estanterias de Coleções Seletas. Tenta me apanhar porque temos que dar uma exposição sobre caligrafia a um dos chefes da Newberry e seu Clube Feminino das Letras. Se me oculto é porque intento me pôr tudo os objetos antes de que me encontre.

-Venha já, Henry; estão-nos esperando.

Matt eleva a voz desde algum ponto próximo às Recopilações da Literatura Antiga Norte-americana. Eu, em troca, estou-me pondo as calças no Livres d'Artistes Français do século XX.

-Um minuto; estou procurando uma coisa.

Tomo nota mentalmente de aprender ventrilocuismo para momentos como este. A voz do Matt se aproxima.

-Direi-te que a senhora Connelly está como louca, assim esquece-o e saiamos aí fora. -Matt aparece a cabeça pela fileira onde me encontro, enquanto ainda estou me grampeando a camisa-. O que está fazendo?

-Como diz?

-tornaste a brincar de correr nu pelas estanterias, verdade?

-Hummm, pode. -Intento que meu tom de voz soe despreocupado.

-Pelo amor de Deus, Henry. me dê o carrinho.

Matt agarra o carrinho carregado de livros e começa a empurrá-lo para a sala de leitura. Pesada-a porta metálica se abre e se fecha. Ponho-me os meias três-quartos e os sapatos, ato-me a gravata, sacudo a jaqueta e me ponho isso. Logo me dirijo à sala de leitura e me situo frente a Matt, ao outro lado da larga mesa escolar, ao redor da qual se colocaram umas senhoras ricas e de média idade. Começo meu discurso sobre as diversas letras que aparecem nos livros do gênio das letras Rudolf Koch. Matt desdobra os feltros, abre pastas e vai intercalando comentários inteligentes sobre o Koch; quando já levamos quase uma hora, tenho a sensação de que no momento não vai matar me. As felizes senhoras partem a almoçar com seus andar hesitantes. Matt e eu nos desagradamos pela mesa, devolvendo os livros a suas caixas e pondo-os no carrinho.

-Sinto ter chegado tarde -lhe digo.

-Se não fosse brilhante, lhe teríamos curtido e lhe usaríamos para encadernar *Dá Manifest der Nacktkultur*.

-Esse livro não existe.

-O que te aposta?

-Nada.

Retornamos com o carrinho às estanterias e devolvemos as pastas e os livros a suas prateleiras. Convido ao Matt a almoçar ao Beau Thai e tudo fica perdoado, embora não esquecido.

Terça-feira 11 de abril de 1995

Henry tem 31 anos

Henry: Há uma escada na biblioteca Newberry que me dá medo. localiza-se no extremo oriental do comprido passadiço que percorre cada uma das quatro novelo e bisecciona as salas de leitura das estanterias. Não possui a magnificência da escada principal, com os degraus de mármore e as balaustradas esculpidas. Carece de janelas. Há fluorescentes, paredes de blocos de concreto ligeiro e escadas de cimento armado sinalizadas com umas bandas de segurança amarelas. As portas de cada planta são metálicas, e não têm mira. Entretanto, isso não é o que me assusta. O que eu não gosto desta escada é a jaula.

A jaula mede quatro pisos de altura e ocupa o oco da escada. A primeira vista parece a caixa de um elevador, salvo que não há nenhum elevador, nem nunca o houve. Ninguém no Newberry parece saber para que serve a jaula ou por que razão foi instalada. Imagino que a colocaram para impedir que a gente se atirasse do alto das

escadas e aterrissasse no chão com um quadril rota. A jaula é de cor beis e está construída com aço.

O dia que me incorporei à palmilha da Newberry, Catherine me organizou uma visita guiada por todas as curvas da instituição. Mostrou-me com orgulho as estanterias, o quarto dos artefatos, a habitação que não se utiliza no elo oriental, onde Matt pratica o canto, o chiqueiro surpreendentemente desordenado do McAllister, os cubículos dos colegas e a sala onde almoça o pessoal. Quando Catherine abriu a porta que dá à escada para subir ao departamento de Conservação, senti um arrebatamento de pânico.

Joguei uma olhada ao arame em diagonal da jaula e recusei continuar, como um cavalo assustado.

-O que é isso? -perguntei ao Catherine.

-Ah, isso é a jaula -me respondeu ela com grande naturalidade.

-É um elevador?

-Não, solo uma jaula. Não acredito que sirva para nada.

-Ah. -Aproximei-me e olhei dentro-. Há alguma porta aí abaixo?

-Não. Não se pode acessar ao interior.

-Já.

Subimos as escadas e continuamos a visita guiada. A partir desse momento evitei utilizar esta escada. Intento não pensar na jaula. Não quero me pôr melodramático, mas se algum dia terminasse aí dentro, a verdade é que não poderia sair.

Sexta-feira 9 de junho de 1995

Henry tem 31 anos

Henry: Materializo-me no chão do serviço de cavalheiros do pessoal que há no quarta andar da Newberry. Faz dias que desapareci. Estive perdido pela Indiana rural de 1973, e estou cansado, faminto e vou barbear; pior ainda, tenho um olho arroxado e não consigo encontrar minha roupa. Levanto-me e me fechamento em um váter, sinto-me e penso. Enquanto reflito entra alguém, desabotoa-se a braguilha e se planta frente ao urinário. Ao terminar, volta a grampeá-la braguilha, fica quieto durante uns segundos e justo então espirro.

-Quem anda aí?

Permaneço sentado em silêncio. No espaço que medeia entre a porta e o váter vejo que Roberto se agacha lentamente até descobrir meus pés.

-É você, Henry? Direi ao Matt que te traga a roupa. Por favor, vístete e vêem meu escritório.

Entro com sigilo no despacho do Roberto e me sinto diante dele. Está ao telefone, e enquanto isso Miro às escondidas o calendário. É sexta-feira. O relógio que há sobre seu escritório marca as 14.17. estive fora pouco mais de vinte e dois horas. Roberto pendura com suavidade o telefone e se volta para me olhar.

-Fecha a porta.

É obvio, é uma mera formalidade, porque as paredes dos despachos em realidade não chegam ao teto, mas faço o que me diz.

Roberto Cale é um eminente erudito do Renascimento italiano e o diretor de Coleções Seletas. Pelo general, é um homem muito sangüíneo, loiro, barbudo e corajoso; agora, entretanto, contempla-me com um olhar triste por cima das bifocais.

-Isto não pode continuar assim, suponho que já sabe.

-Sim, sei.

-Posso te perguntar como conseguiu esse impressionante olho a funerala? -diz Roberto em um tom sério.

-Acredito que me estampeei contra uma árvore.

-Claro. Que idiota não havê-lo pensado antes!

Olhamos aos olhos, sentados.

-Ontem adverti por acaso que Matt entrava em seu escritório com um montão de roupa nos braços. Como não é a primeira vez que vejo o Matt dando voltas e transportando roupa, perguntei-lhe de onde tinha tirado esses objetos, e ele me respondeu que as tinha encontrado no serviço de cavalheiros. Perguntei-lhe então por que se sentia obrigado às devolver a seu escritório, e ele me disse que lhe pareceu que era o que levava esse dia, o qual era certo. Como ninguém podia te encontrar, deixamos a roupa sobre seu escritório.

Cala uns segundos, como se eu tivesse que intervir, mas não me ocorre nada apropriado para a ocasião.

-Esta manhã chamou Clare e há dito ao Isabelle que tinha a gripe e não deverias trabalharia.

Reclino a cabeça em minha mão. O olho me dá ferroadas.

-Faz o favor de me dar uma explicação -me exige Roberto.

É tentador lhe dizer: "Roberto, fiquei apanhado em 1973 e não podia sair dali. Passei vários dias no Muncie, em Indiana, vivendo em um estábulo; e me golpeou o proprietário do estábulo porque pensava que tentava me atar com suas ovelhas". Claro que lhe dar uma explicação como essa é do todo impossível; assim que lhe digo:

-A verdade é que não o recordo, Roberto. Sinto muito.

-Ah. Bem, suponho que nesse caso Matt ganha a aposta.

-Que aposta?

Roberto sorri, e então penso que ao melhor não despedirá.

-Matt apostou a que nem sequer te esforçaria em encontrar uma explicação plausível. Amelia pôs dinheiro a favor de que tinha sido abduzido por alienígenas.

Isabelle apostou que estava envolto em um cartel de contrabando de droga e a Máfia te tinha seqüestrado e assassinado.

-E o que pensou Catherine?

-OH, Catherine e eu estamos convencidos de que tudo isto se deve a um inconfessável e estranho vício de aparência sexual, que tem que ver com a nudez e os livros.

Pausa funda.

-É mas bem como uma epilepsia.

Roberto me olhe com cepticismo.

-Epilepsia? Desapareceu ontem pela tarde. Tem um olho arroxado e a cara e as mãos cheias de arranhões. Ontem ordenei a segurança que registrassem o edifício de cima abaixo para te localizar; e me contaram que tem o costume de te tirar a roupa entre as estanterias.

Fico me olhando fixamente as unhas. Quando levanto a vista, Roberto contempla a paisagem através da janela.

-Não sei o que fazer contigo, Henry. Odiaria ter que prescindir de ti; quando está aqui e vai completamente vestido pode ser muito... competente; mas esta não é maneira de fazer as coisas.

Permanecemos sentados, nos olhando durante uns minutos. Ao final Roberto diz:

-me diga que isto não voltará a acontecer.

-Não posso. Oxalá pudesse fazê-lo.

Roberto suspira e assinala a porta com um gesto.

-Parte. vá catalogar a coleção Quigley, isso te manterá afastado dos problemas durante um tempo.

(A coleção Quigley, que foi doada recentemente, é um conjunto de umas duzentas peças de objetos Vitorianos sem valor intrínseco, em sua maioria relacionados com o sabão.) Assento em sinal de obediência e me levanto. Ao abrir a porta, Roberto diz:

-Henry, tão difícil te me resulta contar isso Dudo.

Duvido.

-Sim.

Roberto fica em silêncio. Fecho a porta detrás de mim e dirijo a meu escritório. Matt está sentado a meu escritório, transpassando atividades de seu calendário ao meu. Levanta os olhos quando entro.

-Despediu-te?

-Não.

-por que não?

-Não sei.

-Que estranho! A propósito, dava sua aula aos Encadernadores Artesãos de Chicago.

-Obrigado. Convido-te a comer amanhã?

-Muito bem. -Matt consulta o calendário diante de mim-. Temos uma exposição com uns alunos de Columbia de uma classe de História da Tipografia dentro de quarenta e cinco minutos.

Assento e começo a revolver em meu escritório para consultar a lista de artigos que vamos mostrar lhes.

-Ouça, Henry.

-me diga.

-Onde estava?

-No Muncie, em Indiana, em 1973.

-Sim, já... -Matt põe os olhos em branco e me dedica um sorriso sarcástico-. Deixa-o, que mais dá.

Domingo 17 de dezembro de 1995

Clare tem 24 anos, e Henry 8

Clare: fui a visitar o Kimy. É um domingo pela tarde do mês de dezembro, e está nevando. terminei que comprar os presentes de Natal, e agora estou sentada na cozinha do Kimy, tomando uma taça de chocolate desfeito e me esquentando os pés no radiador do zócalo; o conto historia de ofertas e ornamentações. Kimy joga solitário enquanto falamos; admiro seu modo perito de baralhar as cartas, a eficiente chicotada da carta vermelha sobre a negra. Uma panela de guisado ferve a fogo lento. De repente, ouça-se um ruído no comilão e cai uma cadeira ao chão. Kimy levanta a vista e se volta.

-Kimy -lhe sussurro-. Há um menino pequeno sob a mesa do comilão.

Alguém se está rendo.

-É você, Henry? -chama-o Kimy.

Ninguém responde. Ela se levanta e se detém na entrada.

-Ouça, amigo, disse nada. Faz o favor de te pôr a roupa, senhorito.

Kimy desaparece no comilão. Cochichos. Mais risitas. Silêncio. De repente, um menino pequeno e nu fica olhando fixamente da porta, e do mesmo modo repentino se desvanece. Kimy retorna e se senta à mesa para finalizar a partida.

-Caray! -exclamo.

Kimy sorri.

-Isso não está acostumado a ocorrer com muita frequência ultimamente. Agora quando aparece já é adulto; embora tampouco vem tanto como antes.

-Jamais o tinha visto ir para diante desse modo, viajar para o futuro.

-Bom, ainda não tem tanto futuro com ele.

Leva-me um segundo compreender ao que se refere. Quando me dou conta, pergunto-me que classe de futuro teremos, e então penso em um futuro que se expande e se abre progressivamente para que Henry venha a me visitar do passado. Tomo o chocolate e contemplo o pátio sorvete do Kimy.

-O sente falta de? -pergunto-lhe.

-Sim, o sinto falta de; mas agora já é um homem feito. Quando vem de pequeno, é como um fantasma, sabe?

Assento. Kimy termina a partida, recolhe as cartas, me olhe e sorri.

-Quando ides ter um bebê vós dois, né?

-Não sei, Kimy. Nem sequer sei se podemos ter filhos.

Kimy se levanta, aproxima-se do fogo e remove o guisado.

-Bom, nunca se sabe.

-Certo. -Nunca se sabe.

Umás horas mais tarde estou na cama com o Henry. Não parou que nevar e os radiadores emitem débeis sons metálicos. Volto-me para ele e Henry fica olhando.

-Façamos um bebê -lhe digo.

Segunda-feira 11 de março de 1996

Henry tem 32 anos

Henry: segui a pista do doutor Kendrick, e tenho descoberto que trabalha no Hospital da Universidade de Chicago. Faz um dia muito mau, úmido e frio, e estamos no mês de março. O mês de março em Chicago deveria ser melhor que o mês de fevereiro, mas às vezes isso não ocorre. Subo à Ferrovia Central de Illinois e me sinto de costas. Chicago se estende detrás de nós, e não demoramos para chegar à rua Cinquenta e nove. Desembarque e balanço com dificuldade entre uma chuva que cai em diagonal. São as nove da manhã de uma segunda-feira. A gente se repliega sobre si mesmo, resistindo a voltar para a semana trabalhista. Eu gosto de Hyde Park. Faz-me sentir como se me tivesse cansado de Chicago e tivesse ido parar a qualquer outra cidade, Cambridge, possivelmente. Os cinzas edifícios de pedra têm um aspecto mais escuro por causa da chuva, e das árvores caem geladas e grosas gotas que vão impregnando aos pedestres. Sinto a cega serenidade que se experimenta ante um fato consumado; poderei convencer ao Kendrick, apesar de ter fracassado com muitíssimos outros médicos, porque sei que o convenço. Ele será meu médico porque no futuro o é.

Penetro em um pequeno edifício, imitação Colheita, que se encontra junto ao hospital. Coxo o elevador até o terceiro andar, abro uma porta de cristal que ostenta uma lenda em dourado: Dr. C.P. Sloane e Dr. D.L. Kendrick, anuncio a recepcionista e me sinto em uma cadeira estofada em uma cor lavanda intenso. A sala de espera é rosa e violeta, suponho que para tranqüilizar aos pacientes. O doutor Kendrick é geneticista e, questão nada irrelevante, também filósofo; esta última faceta, suponho, deve lhe ser de bastante utilidade para rebater as duras realidades práticas da primeira. Hoje sou o único paciente que espera na salita. cheguei dez minutos antes. O papel pintado apresenta umas bandas largas da cor exata do Pepto-Bismol, que nada tem que ver com a pintura de um moinho de água que há frente a mim, em

que preponderam os marrons e os verdes. O mobiliário é pseudocolonial, mas há uma esteira bastante bonita, uma espécie de delicado tapete persa, que me produz muita lástima, embutida neste espaço que é a fantasmagórica salita de espera. A recepcionista é uma mulher de média idade; tem um olhar afável e o rosto sulcado de rugas muito profundas devido aos muitos anos de exposição solar; agora também luz um intenso bronzeado, em março e em Chicago.

Às 9.35 ouço vozes no corredor e uma mulher loira entra na sala de espera com um menino que vai em uma cadeira de rodas. O moço parece ter paralisia cerebral ou um pouco parecido. A mulher me sorri, e eu lhe devolvo o sorriso. Quando se volta, vejo que está grávida.

-Pode entrar, senhor DeTamble -diz a recepcionista.

Sorrio ao menino ao passar por seu lado. Seus enormes olhos me captam, mas não me devolve o sorriso. Entro no despacho do doutor Kendrick e vejo que anota algo em um fichário. Sinto-me e ele segue escrevendo. É mais jovem do que eu acreditava; deve ter uns quarenta anos. Sempre espero que os médicos sejam velhos. Não posso evitá-lo, é um legado da infância, transcorrida entre inacabáveis especialistas em medicina. Kendrick é ruivo, de rosto alargado, leva barba e uns óculos de arcos metálica e grossa. parece-se um pouco a D. H. Lawrence. Viu um bonito traje cinza antracita e uma estreita gravata verde escuro, com um passador que representa uma truta arco íris. junto a seu cotovelo há um cinzeiro transbordante de bitucas, e na habitação se condensa a fumaça de cigarro, apesar de que nestes instantes não está fumando. Tudo é muito moderno: aço tubular, sarja beis, madeira clara. Kendrick levanta a vista para mim e raspa sorri.

-bom dia, senhor DeTamble. No que posso ajudá-lo? -Consulta sua agenda-. Acredito que não tenho seus dados, verdade que não? Qual é seu problema?

-Dasein.

Kendrick fica atônito.

-Dasein? O ser? Mas como, por que?

-Sofro de uma doença que me hão dito que se chamará cronoafección. Custa-me muito permanecer no presente.

-Como diz?

-Viajo através do tempo. De forma involuntária.

Kendrick se há posto nervoso, mas controla seu desconcerto. Eu gosto. Tenta me tratar como corresponde a uma pessoa corda, embora esteja seguro de que está valorando a qual de seus amigos psiquiatras me enviará.

-por que necessita a um geneticista? Ou é que veio a me consultar seu problema por minha condição de filósofo?

-É uma enfermidade genética. Apesar de que para mim será um prazer ter a alguém com quem conversar sobre as implicações mais profundas do problema.

-Senhor DeTamble, sem dúvida alguma você é um homem inteligente... me crie se lhe disser que jamais ouvi falar dessa enfermidade. Não posso fazer nada por você.

-Não me crie.

-Exato, não lhe acredito.

Agora sorrio, com arrependimento. Sinto-me fatal, mas tenho que fazê-lo.

-Bom, fui a um bom número de médicos ao longo de minha vida, mas esta é a primeira vez que tenho algo que oferecer a modo de prova. Mesmo assim, garanto-lhe

que ninguém me crie. Verdade que você e sua esposa estão esperando um filho para o mês que vem?

mostra-se cauteloso.

-Sim, como sabe?

-dentro de uns anos verei o certidão de nascimento de seu filho. Logo viajo ao passado de minha esposa, escrevo a informação dentro deste sobre e ela me entrega isso quando nos conhecemos no presente. Agora sou eu quem o dá a você. Abra-o quando seu filho tenha nascido.

-vamos ter uma menina.

-Não, a verdade é que não -lhe digo com amabilidade-, mas não discutamos por minúcias. Guarde-lhe e abra-o quando o menino tenha nascido. Não o atire. depois de havê-lo lido, me chame, se quiser.

Levanto-me para partir.

-Boa sorte -lhe digo, embora na atualidade não acredito na sorte. Sinto-o muitíssimo por ele, mas não há outro modo de fazê-lo.

-Adeus, senhor DeTamble -diz o senhor Kendrick com frieza.

Parto-me. Ao entrar no elevador, deduzo que deve estar abrindo o sobre neste preciso instante. Dentro há uma folha datilografada que diz:

Colin Joseph Kendrick

6 de abril de 1996; 1.18 horas.

2 kg, 951 G.

Varão caucásico.

Síndrome do Down.

Sábado 6 de abril de 1996; 5.32 horas

Henry tem 32 anos, e Clare 24

Henry: Estamos dormindo entrelaçados; passamo-nos a noite despertando a três por quatro, nos movendo de um lado a outro, nos levantando e nos deitando de novo.

O bebê dos Kendrick nasceu hoje de madrugada. O telefone não demorará para soar; e, efetivamente, sonha. Temo-lo instalado no lado do Clare, assim é ela quem o desprende e fica ao aparelho.

-Diga? -pergunta em voz fica, e logo me passa o auricular.

-Como sabia você? Como diabos sabia? -Kendrick fala quase em sussurros.

-Sinto muito. Sinto-o muitíssimo.

Durante um minuto os dois permanecemos em silêncio. Acredito que Kendrick está chorando.

-Venha a meu escritório.

-Quando?

-Amanhã -diz ele, e logo pendura o telefone.

Domingo 7 de abril de 1996

Henry tem 32 e 8 anos, e Clare 24

Henry: Clare e eu dirigimos ao Hyde Park em carro. Levamos quase todo o caminho em silêncio. Chove, e os limpador de pára-brisas contribuem a nota rítmica da água que se esparrama ao estelar se contra o carro e o vento.

Como se retomássemos uma conversação que não estávamos precisamente mantendo, Clare diz:

-Não me parece justo.

-O que? o do Kendrick?

-Sim.

-A natureza não é justa.

-Ah... não. Quero dizer que sim, que é triste o do bebê, mas em realidade referia a nós. Não me parece justo que tiremos partido desta situação.

-Refere-te a que é pouco esportivo?

-Exato.

Suspiro. Aparece o letreiro que anuncia a rua Cinquenta e sete, Clare troca de sulco e se detém no borda.

-Estou de acordo contigo, mas já é muito tarde. Eu tentava...

-Enfim, de todos os modos já é muito tarde.

-Precisamente.

Voltamos a nos sumir no silêncio. Guio ao Clare entre uma massa de ruas de direção única e logo que demoramos uns minutos em nos deter frente ao edifício de escritórios do Kendrick.

-Boa sorte.

-Obrigado. -Estou nervoso.

-te mostre agradável -me diz Clare, e me beija.

Olhamo-nos, todas nossas esperanças se tingem do sentimento de culpabilidade que experimentamos ante o Kendrick. Clare sorri, e desvia o olhar. Saio do carro e observo como se afasta com o carro pela rua Cinquenta e nove e cruzamento o Midway. Tem que fazer um recado na galeria Smart.

A porta principal não está fechada com chave e subo no elevador até o terceiro andar. Não há ninguém na sala de espera do Kendrick, atravesso-a e percorro o corredor. A porta de seu escritório está aberta, as luzes, apagadas. Kendrick está de pé, depois de seu escritório; dá-me as costas, da janela contempla a chuvosa rua a seus pés. Detenho-me na soleira e permaneço calado durante um bom momento. Ao final, entro no despacho.

Kendrick se volta, e a mudança que advirto em seu rosto me deixa estupefato. O incidente não tem feito estragos nele, mas bem é como se o tivesse esvaziado, houvesse-o desposeído de algo com o que antes contava: a segurança, a confiança, a decisão. A verdade é que estou tão acostumado a viver em um trapézio metafísico que esquecimento que outras pessoas tendem a desfrutar de um terreno mais sólido.

-Henry DeTamble -diz Kendrick.

-Olá.

-por que foi para mim?

-Porque já tinha ido a você. Não podia escolher.

-Está-me falando do destino?

-Chame-o como quero. As coisas se voltam muito circulares quando se trata de tudo o que concerne a minha pessoa. A causa e o efeito se confundem.

Kendrick se senta ao escritório e a poltrona range. O único som que se percebe é o da chuva. Rebusca no bolso, encontra os cigarros e me olhe. Encolho-me de ombros. Kendrick acende um, e fuma durante um momento enquanto eu o observo.

-Como soube?

-Já o disse antes. Vi o certidão de nascimento.

-Quando?

-Em 1999.

-Impossível.

-Pois então, explique-me isso você.

Kendrick nega com a cabeça.

-Não posso. tentei encontrar uma explicação, e não posso. Tudo era... correto. A hora, o dia, o peso, a... anormalidade. -Me olhe com desespero-. E se tivéssemos decidido chamar o de outra maneira... Alex, Fred, Sam...?

Imito seu mesmo gesto de negação, mas me detenho o me dar conta disso.

-Mas não o fizeram. Não me arriscarei tanto como para afirmar que não puderam fazê-lo, mas a verdade é que não o fizeram. Quão único fiz foi lhe informar. Não sou vidente.

-Tem filhos?

-Não -Não quero discutir o tema, embora ao final terei que fazê-lo-. Sinto muito o do Colin, mas a verdade é que é um moço formidável.

Kendrick não aparta o olhar de mim.

-Tenho descoberto onde estava o engano. O resultado de nossa análise se traspapeló com o de outro casal chamada Kenwick.

-O que teriam feito vocês se o tivessem sabido?

-Não sei -me diz, apartando o olhar-. Minha esposa e eu somos católicos, portanto imagino que o resultado final teria sido o mesmo. É irônico, não obstante...

-Sim.

Kendrick apaga o cigarro e acende outro. Resigno-me a sofrer um desses dores de cabeça induzidos pela fumaça.

-Como funciona?

-O que?

-Esta suposta história de viajar através do tempo que se supõe ocorre a você -diz em um tom irritado-. Pronuncia palavras mágicas? sobe a uma máquina?

Intento que minha explicação soe plausível.

-Não. Não faço nada. Tão solo acontece. Não posso controlá-lo, eu... Tudo é normal e, de repente, encontro-me em outro lugar, em outra época. Como se tivesse trocado de canal. de repente descubro que me encontro em outro tempo e lugar.

-Já, e o que quer que eu faça?

-Quero que descubra o porquê, e que acabe com meu problema -lhe digo, me inclinando para diante para dar maior ênfase a minhas palavras.

Kendrick sorri, mas seu sorriso não é amigável.

-por que ia você a querer fazer algo assim? me parece que pode lhe ser muito útil saber tantas coisas que outros não sabem.

-É perigoso. cedo ou tarde me matará.

-Lamento lhe dizer que isso não me importa o mais mínimo.

Não tem nenhum sentido continuar. Levanto-me e me dirijo para a porta.

-Adeus, doutor Kendrick.

Retrocedo o corredor devagar, lhe dando a oportunidade de me chamar, mas isso não acontece. Enquanto estou no elevador penso com tristeza que se as coisas não saíram bem é porque assim tinha que ser, e que cedo ou tarde se endireitarão. Quando abro a porta, vejo o Clare me esperando no carro, estacionado ao outro lado da rua. Volta a cabeça e advirto uma expressão tão esperançada em seu rosto que me embarga a tristeza, temo contar-lhe e quando me dito a cruzar a rua para me reunir com ela, os ouvidos começam a me zumbir, perco o equilíbrio e caio, mas em lugar de me golpear contra a calçada, desabo-me sobre um tapete, e fico jogado, até que

ouço uma voz familiar de menino que me pergunta:

-Henry, está bem?

Levanto a vista e me vejo, com oito anos de idade, incorporado na cama e me observando.

-Estou perfeitamente, Henry. -Não parece convencido-. De verdade, estou bem.

-Gosta de uma taça do Ovaltine?

-Claro.

Henry salta da cama, cruzamento a habitação cambaleando-se e sai ao corredor. É meia-noite. Revolve na cozinha durante um momento e, ao final, retorna com duas taças de chocolate desfeito, que bebemos devagar, em silêncio. Quando terminamos, Henry se leva as taças à cozinha e as lava. Resulta mais prudente não deixar pistas.

Uma vez tudo ordenado, o menino volta para dormitório.

-O que ocorre? -pergunto-lhe.

-Nada importante. Hoje fomos a ver outro médico.

-Vá, eu também. A qual?

-esqueci seu nome. Um velho com as orelhas muito peludas.

-Que tal foi?

Henry se encolhe de ombros.

-Não me acreditou.

-Já; seria melhor que o deixassem correr. Nenhum desses médicos te acreditará jamais. Bom, que me visitou hoje me acreditou, suponho, mas não quis me ajudar.

-E isso por que?

-Imagino que não gosta de muito.

-Ah. Ouça, quer umas mantas?

-Hummm, bom, possivelmente solo uma.

Estiro a colcha da cama do Henry e me acurruco no chão.

-boa noite, que durma bem.

Vejo o brilho dos brancos dentes de meu pequeno eu na penumbra azulada do dormitório, antes de que meu álter ego se volte e se faça um novelo como os meninos dormidos, enquanto eu fico olhando fixamente o teto de meu antigo quarto, desejando retornar junto ao Clare.

Clare: Henry sai do edifício com o olhar triste, de repente grita e se desvanece. Salto do carro e roda de pessoas para o lugar onde estava Henry faz tão solo um instante, embora é obvio agora unicamente há um montão de roupa. Recolho tudo seus objetos e me detenho uns segundos em meio da rua para que os batimentos do coração de meu coração retornem à normalidade. É então quando vejo o rosto de um homem me olhando de uma janela do terceiro piso. Logo desaparece. Retorno ao automóvel, entro e fico sentada, com o olhar perdido na camisa azul claro e as calças negras do Henry, me perguntando se tiver algum sentido ficar aí. Levo Retorno ao Brideshead na bolsa, assim dito que ficarei um ratito se por acaso Henry não demora para reaparecer. Quando me volto para procurar o livro, vejo um homem ruivo que corre para o carro. detém-se frente à portinhola do co-piloto e espiona para o interior. Deve ser Kendrick. Abro o seguro e entra no automóvel, mas não sabe muito bem o que me dizer.

-Olá -lhe saúdo eu para romper o gelo-. Você deve ser David Kendrick. Meu nome é Clare DeTamble.

-Sim... -Lhe vê absolutamente acalorado-. Sim, sim. Seu marido...

-Acaba de desaparecer a plena luz do dia.

-Exato!

-Parece surpreso.

-Homem...

-Acaso não o contou? É algo que está acostumado a lhe ocorrer freqüentemente. -até agora não me impressiona muito este tipo, mas persevero-. Sinto muito o de seu bebê, mas Henry diz que é um moço encantador, que desenha francamente bem e possui muchísima imaginação. Além disso, sua filha tem um grande talento, e tudo sairá bem. Já o verá.

Lhe escapa um grito afogado.

-Não temos uma filha. Solo A... Colin.

-Mas a terão. chama-se Ninguéma.

-foi uma comoção terrível. Minha esposa está muito afetada...

-Tudo se arrumará. De verdade.

Para minha surpresa este estranho personagem começa a chorar, sacudindo os ombros e ocultando a cabeça entre as mãos. Ao cabo de uns minutos, mais tranqüilo, incorpora-se. Ofereço-lhe um lenço de papel, e ele se soa o nariz.

-Sinto-o muitíssimo -começa a me dizer.

-Não importa. O que ocorreu aí dentro entre você e Henry? Não foi bem, verdade?

-Como sabe?

-Estava submetido a uma grande pressão, e por isso perdeu pé no presente.

-Onde está? -Kendrick olhe a seu redor, como se eu tivesse escondido ao Henry no assento traseiro.

-Não sei. Aqui não, certamente. Esperávamos que você pudesse nos ajudar, mas suponho que isso não será possível.

-Bom, não sei como poderia eu...

Nesse preciso instante Henry aparece exatamente no mesmo sítio onde se volatilizou. Tem um carro a uns seis metros de distância, o condutor pisa no freio e Henry se lança contra o capô de nosso carro. O homem baixa o cristal do guichê e Henry se incorpora e lhe dedica uma leve reverência, o qual desata os gritos do automobilista, que por fim se calma e se afasta pela estrada. O sangue me subiu à cabeça. Miro ao Kendrick, que está sem fala. Saio do carro em um arrebatamento e Henry baixa do capô.

-Olá, Clare. foi que um cabelo, né?

Rodeio-o com meus braços; está tremendo.

-Tem minha roupa?

-Sim, guardei-lhe isso. Ah... Por certo, Kendrick está aqui.

-O que? Onde?

-No carro.

-por que?

-Viu-te desaparecer e acredito que isso lhe transtornou o julgamento.

Henry coloca a cabeça na portinhola do co-piloto.

-Olá.

Agarra sua roupa e começa a vestir-se. Kendrick sai do automóvel e começa a passear ao redor de nós.

-Onde estava?

-Em 1971. Tomava Ovaltine comigo mesmo aos oito anos, em meu antigo dormitório, à uma da manhã. Estive aí durante uma hora aproximadamente. por que o pergunta?

-Henry olhe ao Kendrick com frieza enquanto se ata a gravata.

-Incrível.

-Pode seguir dizendo o mesmo as vezes que queira, mas por desgraça é certo.

-Quer dizer que se converteu em você mesmo aos oito anos?

-Não. Quero dizer que me encontrava em meu antigo dormitório do piso de meu pai em 1971, com meu aspecto de agora, aos trinta e dois anos, junto a mim mesmo aos oito, bebendo Ovaltine. Estivemos conversando sobre a incredulidade da profissão médica. - Henry dá a volta ao carro e abre a portinhola-. Clare, nos larguemos. Isto é absurdo.

-Adeus, doutor Kendrick -digo enquanto me dirijo ao assento do condutor-. Boa sorte com o Colin.

-Esperem... -Kendrick cala, tenta controlar-se-. É uma enfermidade genética?

-Sim -responde Henry-. É uma enfermidade genética, e estamos tentando ter um filho.

Kendrick sorri com tristeza.

-É algo francamente arriscado.

-Estamos acostumados a correr riscos -lhe respondo com um sorriso-. Adeus.

Henry e eu subimos ao carro, arranco e nos afastamos. Detenho-me mais tarde no borda do passeio da Ribeira do Lago e Miro às escondidas ao Henry, quem, para minha surpresa, está sonriando de orelha a orelha.

-O que é o que te satisfaz tanto?

-Kendrick. mordeu o anzol.

-Você crie?

-Certamente.

-Bem, fantástico; mas me pareceu um tanto duro de entenderas.

-Não o cria.

-Muito bem.

Reiniciamos a marcha em silêncio, em um silêncio de uma natureza absolutamente distinta ao da ida. Kendrick chama o Henry essa mesma noite, e consertam uma entrevista para iniciar a tarefa de descobrir o modo de manter ao Henry no presente.

Sexta-feira 12 de abril de 1996

Henry tem 32 anos

Henry: Kendrick se sintia com a cabeça inclinada. Move os polegares ao redor do perímetro de sua Palmas, como se queriam escapar das mãos. Ao cair a tarde, o despacho se iluminou com uma luz dourada. Kendrick permaneceu todo o momento sentado, imóvel, salvo por esses polegares giratórios, me escutando falar. O tapete vermelho hindu, as patas de aço das poltronas de sarja beis flamejam com a luz; os cigarros do Kendrick, um pacote do Camel, estão intactos desde que comecei a falar.

A luz do sol escolheu posar-se sobre a arrieiros dourada de seus óculos redondos; o perfil da orelha direita do doutor fulgura em vermelho, o cabelo que recorda à pelagem de uma raposa e a pele rosada estão tão brunidos pela luz, como os crisântemos amarelos que há na terrina de latão situado sobre a mesa que nos separa. Kendrick se aconteceu toda a tarde sentado em sua poltrona, me escutando.

Por minha parte, decidi contar-lhe tudo. O princípio, a aprendizagem, o afã de sobreviver e o prazer de saber as coisas de antemão, o terror de conhecer o que

não podemos impedir, a angústia pela perda. Seguimos sentados em silêncio, e finalmente Kendrick levanta a cabeça e me olhe. Em seus olhos claros advirto uma tristeza que desejo mitigar; depois de haver-lhe exposto tudo, quero me levar minhas histórias comigo e partir, lhe evitar que tenha que refletir sobre todas essas coisas.

Kendrick, não obstante, agarra o pacote de cigarros, seleciona um, acende-o, inala e logo exala uma nuvem azulada, que se volta branca quando atravessa o reguero de luz e penetra de novo nas sombras.

-Tem dificuldade em conciliar o sonho? -pergunta-me, com a voz rouca por seu prolongado silêncio.

-Sim.

-Há algum momento do dia em especial no que você loja A... desaparecer?

-Não... Bom, possivelmente a primeira hora da manhã é mais freqüente que em outros momentos.

-Tem cefaléias?

-Sim.

-Enxaquecas?

-Não. Dores de cabeça pela pressão. Com distorção da visão e percepção de auras.

-Hummm.

Kendrick se levanta e os joelhos lhe rangem. Caminha acima e abaixo do despacho, fumando, seguindo o bordo do tapete. Quando suas idas e vindas já começam a me pôr nervoso, detém-se e volta a sentar-se.

-Escute -me diz com o cenho franzido-, existe um pouco chamado gens relógio, que regem os ritmos circadianos, mantêm-nos em sincronia com o sol e toda essa classe de histórias. Temo-los descoberto em diversas variedades de células que temos por todo o corpo, mas fundamentalmente vão ligados à visão, e você parece experimentar muitos dos sintomas através da vista. O núcleo supraquiasmático do hipotálamo, que está se localizado na parte superior direita de sua quiasma óptico, funciona de botão de reinício, como se disséssemos, de sua noção do tempo... portanto, aí é onde quero começar.

-Ah, muito bem -lhe respondo, porque me está olhando como se esperasse uma resposta por minha parte.

Kendrick volta a levantar-se e, de umas quantas pernadas, chega a uma porta que eu não tinha advertido antes, abre-a e desaparece atrás dela durante um minuto.

Quando volta, leva postos umas luvas de látex e sustenta uma seringa na mão.

-Suba-a manga -me exige.

-O que vai fazer? -pergunto-lhe enquanto me subo a manga até o cotovelo. Não me responde, saca a seringa do pacote, passa um algodão por meu braço, ata-me uma borracha e me crava com destreza. Aparto os olhos. O sol se retirou e deixou o escritório em penumbra.

-Tem algum seguro médico? -pergunta-me, tirando a agulha e me desatando o braço. Põe-me um algodão e uma tiritinha sobre a espetada.

-Não. Farei-me cargo das faturas -respondo enquanto aperto os dedos contra a ferida e dobro o cotovelo.

-Não, não -me interrompe Kendrick sorrindo-. Você se converterá em meu experimento científico, e subirá ao carro de minha beca do Instituto Nacional da Saúde.

-Com que fim?

-Não perderemos o tempo fazendo provas e mais prova. -Kendrick se detém uns segundos, com as luvas usadas na mão e o pequeno vial de sangue que acaba de me extrair-. vamos obter a sequência de seu DNA.

-Acreditava que se demoravam anos em consegui-lo.

-É certo, se quer obter o genoma inteiro. Entretanto, nós começaremos observando os enclaves mais prováveis; o cromossomo dezessete, por exemplo.

Kendrick atira o látex e a agulha em um contêiner etiquetado com a palavra biorriesgo, e escreve algo no pequeno vial vermelho que contém meu sangue. Ao cabo de uns segundos, volta a sentar-se diante de mim e coloca o vial em cima da mesa, ao lado dos Camel.

-Mas não tirará o chapéu a sequência do genoma humano até o ano 2000. Com o que vai comparar o?

-Em 2000? Tão logo? Está seguro? Sim, suponho que sim. Não obstante, e para responder a sua pergunta, posso lhe dizer que uma enfermidade que é tão... prejudicial como a sua freqüentemente aparece refletida como uma espécie de gagueira, um fragmento repetido do código que, em essência diz: "Olho, aqui há problemas". A enfermidade do Huntington, por exemplo, tão solo é um punhado extra de tripletes CAG no cromossomo quatro.

Levanto-me e estiro as extremidades. Não iria nada mal um café.

-Isso é tudo então? Posso sair a jogar já?

-Bom, quero lhe fazer um exploratório cerebral, mas hoje não. Consertarei-lhe hora no hospital. Faremos uma ressonância magnética, um TAC e umas radiografias. Também enviarei a meu amigo, Alan Larson; tem uma unidade do sonho aqui mesmo, no campus.

-O que divertido! -exclamo me levantando devagar para que o sangue não me suba de repente ao cérebro.

Kendrick inclina a cabeça para me observar. Não lhe vejo os olhos, seus óculos são uns discos opacos e reluzentes vistos desde este ângulo.

-Mais que divertido, resulta estranho. É um magnífico quebra-cabeças, e finalmente temos as ferramentas para descobrir...

-Para descobrir o que?

-O que seja. O que seja que é você.

Kendrick sorri e me dou conta de que seus dentes são irregulares e amarelados. fica em pé e me tende a mão, que eu lhe estreito em sinal de agradecimento; acontece-se uma pausa incômoda: voltamos a nos comportar como estranhos detrás ter intimado essa tarde. Saio de sua consulta, sob as escadas e saio à rua, onde o sol me esteve esperando. O que seja que sou eu; e o que sou? O que sou eu, em realidade?

Um zapatito diminuto

Primavera de 1996

Clare tem 24 anos, e Henry 32

Clare: Quando Henry e eu tínhamos casados uns dois anos, decidimos comprovar, sem falar muito disso, se podíamos ter um bebê. Sabia que Henry não era muito otimista a respeito de nossas possibilidades de ter descendência, e eu não me perguntava a razão, nem em privado nem ante ele, por temor a me inteirar de que possivelmente Henry nos tinha visto no futuro sem filhos, e essa ideia eu não queria nem me expor isso Além disso, tampouco queria pensar na possibilidade de que os problemas

do Henry com as viagens através do tempo pudessem ser hereditários ou, de algum modo, complicar todo o assunto do bebê, tal como aconteceu. Por conseguinte, limitei a não refletir sobre um montão de implicações importantes porque estava absolutamente obcecada com a idéia do bebê: um bebê que se parecesse bastante ao Henry, com o cabelo negro e os olhos intensos, e possivelmente muito pálido, como eu, e cheirasse a leite e pós talco, a pele, um bebê gordinho, que gorjeasse e riera pelas coisas cotidianas, um fantasia de diabo, um bebê pequeno a quem lhe fazer toda sorte de monerías. Sonhava com bebês. Em meus sonhos subia a uma árvore e descobria um zapatito diminuto em um ninho; de repente, caía na conta de que o gato, o livro, o sanduíche ou o que fora que acreditava que tinha em braços em realidade era um bebê; se nadava no lago, encontrava uma colônia de bebês que crescia no fundo.

de repente, comecei a ver criaturas por todos lados: uma menina ruiva com um gorrito para protegê-la do sol que espirrava no A&P; um garotinho chinês que me contemplava fixamente, filho dos proprietários do Wok Dourado (berço dos maravilhosos rollitos da primavera vegetarianos); um bebê dormido e quase calvo em um filme do Batman. Em uns provadores de um JCPenney uma mulher muito confiada chegou inclusive a deixar sustentar a sua filha de três meses; e de quão único fui capaz foi seguir sentada nessa poltrona de vinil beis rosado, a risco de saltar e me afastar correndo como uma louca, abraçando a esse minúsculo e suave ser contra meus peitos.

Meu corpo desejava um bebê. Sentia-me vazia e queria estar enche. Desejava alguém a quem poder amar e que permanecesse comigo, que ficasse junto a mim e estivesse aí sempre. Além disso, queria que Henry vivesse nesse menino, para que quando desaparecesse, não partisse definitivamente, mas sim uma parte dele seguisse comigo... Uma garantia em caso de incêndio ou inundações, um ato de Deus.

Domingo, 2 de outubro de 1966

Henry tem 33 anos

Henry: Estou sentado, muito cômodo e satisfeito, em uma árvore do Appleton, em Wisconsin, em 1966, comendo um sanduíche de atum e vestido com uma camiseta branca e uns chineses que roubei que uma preciosa penetrada que se secava ao sol. Em algum lugar de Chicago tenho três anos; minha mãe segue viva e esta cronojodienda ainda não começou. Saúdo meu pequeno eu do passado, e o pensar em mim mesmo de menino me leva a rememorar de um modo espontâneo ao Clare e nossos esforços por conceber. Por um lado, estou em brasas; quero dar um filho ao Clare, vê-la maturar como a polpa do melão, Deméter em toda sua glória. Desejo um bebê normal que faça o que revistam fazer os bebês normais e correntes: chupar, agarrar, cagar, dormir, rir; dar voltas sobre si mesmo, incorporar-se, caminhar, falar balbuciando tolices. Quero ver meu pai embalando a um neto pequeno com desconcerto; reporte-lhe tão pouca felicidade... que isso seria a grande emenda, um bálsamo; e também um bálsamo para o Clare. Quando ela se visse privada de minha presença, uma parte de mim ficaria a seu lado.

Agora bem... Agora bem. Sei, sem sabê-lo, que tudo isto é farto improvável. Sei que meu filho ou uma filha se converteriam, com toda segurança, no Mais Propenso a Desaparecer Espontaneamente. Um bebê mágico e evanescente que se evaporaria como se o tivessem levado as fadas. Inclusive quando rezo, ofegando com gritos afogados sobre o Clare no momento supremo do desejo, por que o milagre do sexo de algum modo nos brinde um bebê, uma parte de minha pessoa reza com a mesma veemência para

que nos economize a experiência. Lembrança a história do amuleto fatal, e os três desejos que foram derivando-se mutuamente de um modo tão natural e horrível. Pergunto-me se nosso desejo será de uma ordem similar.

Sou um covarde. Um homem mais honesto que eu agarraria ao Clare pelos ombros e lhe diria: "Meu amor, tudo isto é um engano; aceitemo-lo e sigamos adiante, sejamos felizes". Mas sei que Clare jamais aceitaria essa decisão, e sempre estaria triste. Por isso espero, contra a mesma esperança, contra a razão, e faço o amor com o Clare como se algo bom pudesse sair de todo isso.

Um

Segunda-feira 3 de junho de 1996

Clare tem 25 anos

Clare: A primeira vez que ocorre Henry não está em casa. É a oitava semana de embarço. O bebê tem o tamanho de uma ameixa, carita, mãos e um coração que palpita.

Cai a tarde, balança o verão, e enquanto lavo os pratos vejo umas nuvens de cor magenta e laranja no oeste. Henry desapareceu faz duas horas. Saiu a regar a grama e ao cabo de meia hora, quando me dei conta de que o aspersor ainda não funcionava, aproximei-me da porta traseira e vi um montão de roupa junto à pérgola de parra que delatava sua ausência. saí ao jardim para recolher os nos cubra, a roupa interior e a puída camiseta do Henry com o lema mata seu televisor, dobrei-os e os deixei sobre a cama. Depois de considerar se devia conectar o aspersor, decidi não fazê-lo, pensando que ao Henry não gostaria de aparecer no pátio traseiro e ficar empapado.

preparei uns macarrão com queijo e um pouco de salada, que logo me comi. Também me traguei as vitaminas e um copo enorme de leite desnatado. Cantarolo enquanto lavo os pratos, imagino que o pequeno ser que levo em meu interior ouça meu cantinela, arquiva meus cantos para referência futura em algum nível celular, sutil, e enquanto sigo em pé, lavando a consciência minha terrina de salada, noto um ligeiro retortijón em minhas vísceras, em algum lugar agasalhado perto da pélvis. Dez minutos depois me sinto na sala de estar a minhas largas para ler ao Louis DeBernières e volto a notá-lo, uma breve pontada em meu sistema interno. Faço caso omisso da dor. Não passa nada. Já faz mais de duas horas que Henry se partiu. Preocupo-me durante um par de segundos, mas logo dito ignorar isso também. Não começo a me inquietar de verdade até que transcorre outra meia hora aproximadamente, porque então as sensações estranhas já se parecem com os espasmos menstruais, e inclusive noto a sensação pegajosa do sangue entre as pernas. Levanto-me e me dirijo ao banho, me sob as braguitas e vejo um montão de sangue; OH, Meu deus.

Chamo o Charisse. Gómez responde ao telefone. Intento que minha voz pareça normal e pergunto por ela, que fica ao aparelho e me diz imediatamente:

-O que ocorre?

-Estou sangrando.

-Onde está Henry?

-Não sei.

-Como são as perdas?

-Como as da regra. -A dor se intensifica e me sinto no estou acostumado a-. Pode me levar a Maçônico de Illinois?

-Agora mesmo vou, Clare.

Charisse pendura e eu deixo o auricular com suavidade, como se pudesse ferir seus sentimentos pelo fato de devolvê-lo a seu sítio com excessiva brutalidade. Ponho-me em pé com cuidado, procuro a bolsa. Quero deixar uma nota ao Henry, mas não sei o que escrever. Ao final, anoto: "fui ao Maçônico de Illinois (espasmos). Charisse me levou de carro. 19.20 horas. C". Abro a porta traseira para o Henry. Sotaque a nota junto ao telefone. Uns minutos depois Charisse chega à porta principal. Subimos ao carro, que conduz Gómez. Intercambiamos poucas palavras. Sinto-me diante e Miro pelo guichê. Do Western ao Wellington, passando pelo Belmont e Sheffield. Tudo me resulta improvisadamente distinto e real, como se precisasse recordar, como se tivesse que passar um exame. Gómez entra na zona de carga e descarga para dirigir-se a urgências. Charisse e eu descemos do carro. Volto a cabeça e Miro ao Gómez, que me sorri brevemente e se afasta com um rugido do motor para estacionar. Atravessamos portas que se abrem de maneira automática quando nossos pés pressionam o chão, como em um conto de fadas, como se nos esperassem. A dor se retirou como uma maré baixa, mas agora volta a deslocar-se para a borda, renovado e feroz. Há umas quantas pessoas sentadas, miseráveis e diminutas, na sala intensamente iluminada, esperando seu turno, contendo sua dor com a cabeça inclinada e os braços cruzados, e me acomodo afundada entre elas. Charisse se dirige ao homem que está depois do mostrador de urgências. Não consigo ouvir o que diz, mas quando lhe pergunta: "Um aborto?", dou-me conta de que isso é precisamente o que me está ocorrendo, assim é como se chama, e a palavra se estende por meu cérebro até que enche todas as gretas de minha mente, até que povoa todos e cada um de meus pensamentos. Começo a chorar.

Os médicos têm feito todo o possível, mas acontece de todos os modos. Mais tarde descubro que Henry chegou justo antes do final, mas não lhe deixaram entrar. estive dormindo, e quando me acordado, é tarde, de noite, e Henry se encontra a meu lado. Está pálido e ojeroso, em silêncio.

-OH -balbucio-, onde estava?

Henry se inclina sobre mim e me abraça com cuidado. Noto sua barba incipiente contra minha bochecha, que me raspa, e não falo da pele, mas sim de meu interior. abre-se uma ferida, noto o rosto do Henry umedecido, mas acaso são suas as lágrimas?

Quinta-feira 13 de junho e sexta-feira 14 de junho de 1996

Henry tem 32 anos

Henry: Chego à unidade do sonho esgotado, como me pediu o doutor Kendrick. É a quinta noite que passo neste lugar, e a estas alturas já conheço os preliminares. Sinto-me sobre a cama de um dormitório estranho e falso, que imita ao de uma casa, com a calça do pijama posto, enquanto a técnica de laboratório do doutor Larson, Karen, aplica-me nata na cabeça e o peito e gancha os cabos no lugar que lhes corresponde. Karen é jovem e loira, vietnamita. Leva umas unhas postiças muito largas e exclama: "Uyyy, sinto-o" quando me arranha a bochecha com alguma. As luzes são tênues, a habitação é fria. Não há janelas, salvo por um cristal de um só sentido, que funciona a modo de espelho e depois do qual se acomodou o doutor Larson, ou quem quer que se encarregue de controlar as máquinas esta noite. Karen termina com os cabos, deseja-me boa noite e sai do dormitório. Por minha parte, instalo-me na cama com cuidado, fecho os olhos, e imagino uns traços de pata de aranha sobre compridos cilindros de papel quadriculado gravando graciosamente meus movimentos oculares, a respiração e as ondas cerebrais do outro lado do cristal. Durmo em questão

de minutos.

Sonho que estou correndo. Corro entre bosques de matagais densos e de árvores, mas ao mesmo tempo os atravesso como se fora um fantasma. Saio a um claro, há uma fogueira...

Sonho que pratico o sexo com o Ingrid. Sei que é ela, apesar de que não posso lhe ver a cara, mas é seu corpo, as largas e suaves pernas do Ingrid. Estamos follando em casa de seus pais, na sala de estar, sobre o sofá, com a televisão acesa e sintonizando um documentário sobre natureza, no que uma manada de antílopes se precipita à carreira, e logo se vê um desfile. Clare está sentada em uma limusine pequenita que também desfila, com o olhar triste e rodeado de gente muito alegre. De repente, Ing se levanta de um salto, saca um arco e umas flechas de atrás do sofá e dispara contra Clare. A flecha penetra no televisor e Clare se leva as mãos ao peito, como Wendy em uma versão muda do Peter Pão. Eu me ponho em pé e sufoco ao Ingrid agarrando sua garganta com minhas mãos, lhe chiando...

Me acordado. Tenho frio, estou suado e meu coração pulsa desbocado. Encontro-me na Unidade do Sonho. Durante uns instantes me pergunto se me ocultam algo, se, de algum modo, podem ver meus sonhos, entender meus pensamentos. Volto-me de lado e fecho os olhos.

Sonho que Clare e eu caminhamos por um museu, que é um palácio antigo, no que todas as pinturas estão emolduradas com o Marcos dourados e rococó e os visitantes levam perucas empoeiradas e de consideráveis dimensõe e vestem roupagens colossais, hábitos e calças até os joelhos. Não se alteram quando passamos junto a eles. Clare e eu contemplamos os quadros, mas em realidade não são pinturas, a não ser poemas, uns poemas aos que, em certo sentido, lhes outorgou presença física.

-Note -digo ao Clare-, esse é do Emily Dickinson.

"O coração pede primeiro prazer; e logo que o desculpem da dor..." Ela fica em pé frente ao resplandecente poema amarelo e parece esquentar-se junto a ele.

Vemos poesia de lhe Dêem, Donne, Blake, Neruda, Bishop; entretemo-nos em uma sala cheia do Rilke, passamos rápido entre os Beats e nos detemos no Verlaine e Baudelaire. Nesse preciso instante me dou conta de que perdi ao Clare, e caminho, roda de pessoas, retorno às galerias. De repente, a encontro: em pé ante um poema, um diminuto poema branco metido em uma esquina. Está chorando. Quando me aproximo dela por detrás, vejo o poema: "Agora me deito para dormir, rogo ao Senhor que minha alma guarde por mim, e se tiver que morrer antes de despertar, rogo ao Senhor que de minha alma se possa encarregar".

Derrubo-me na erva, faz frio, e o vento sopra com ferocidade sobre mim, estou nu e transido na escuridão, há neve na terra, finco-me de joelhos, sobre a neve, o sangue goteja na neve, alargo o braço...

-Santo céu, está sangrando...

-Como diabos ocorreu?

-Mierda, arrancou-se todos os eletrodos, me ajude a deitá-lo sobre a cama...

Abro os olhos. Kendrick e o doutor Larson estão agachados sobre mim. O doutor Larson parece triste e preocupado, mas Kendrick esgrime um radiante sorriso no rosto.

-Já o tem? -pergunto.

-foi perfeito -responde ele.

-Fantástico -digo eu, e então me deprimos.

Dois

Domingo 12 de outubro de 1997

Henry tem 34 anos, e Clare 26

Henry: Me acordado e cheiro a ferro. É sangue. Há sangue por toda parte, e Clare está acurrucada no meio, como um gatinho. Sacudo-a, e ela me diz:

-Não.

-Venga Clare acordada está sangrando.

-Estava sonhando...

-Clare, por isso mais queira...

Clare se incorpora. Tem as mãos, o rosto e o cabelo talheres de sangue. Clare me ensina a mão e vejo que sobre ela repousa um pequeno monstro.

-morreu -me diz simplesmente, e fica a chorar.

Sentamo-nos juntos no bordo da cama empapada de sangue, abraçados, e choramos.

Segunda-feira 16 de fevereiro de 1998

Clare tem 26 anos, e Henry 34

Clare: Henry e eu estamos a ponto de sair. Essa tarde neva, e enquanto me estou calçando as botas soa o telefone. Henry atravessa o corredor e se dirige à sala para responder.

-Diga? -ouço que diz-. De verdade...? Pois... É cojonudo! Espere, vou agarrar papel...

Noto um prolongado silêncio, salpicado de vez em quando por algum "espere, me explique isso". Me Quito as botas e o casaco e caminho em sigilo para a sala de estar, com os meias três-quartos postos. Henry está sentado no sofá com o telefone no regaço, como se fora um animalillo doméstico, e vai tomando notas com afã.

Sinto-me junto a ele e me sorri. Miro o caderno; na primeira linha leio: "4 gens: por 4, intemporall, Relógio, novo gen = viajante do tempo? Crom= 17x2, 4, 25, 200+

repete TAG, vinculado ao sexo? não, +muitas receitas de dopamina, e as proteínas...?". É então quando caio na conta: Kendrick o conseguiu! encontrou a solução! Não posso acreditá-lo. Tem-no feito. E agora, o que?

Henry pendura o telefone e se volta para mim. Seu olhar reflete o estupor que sinto eu.

-O que passará agora? -pergunto-lhe.

-Vai a clonar os gens e a introduzi-los em ratos.

-O que?

-vai criar ratos viajantes do tempo, e depois os curará.

Ambos começamos a rir ao mesmo tempo, e logo nos pomos a dançar, nos lançando nos braços do outro e dando voltas pela sala; rimos e dançamos até que caímos outra vez no sofá, ofegando. Miro ao Henry, e me surpreende que de um ponto de vista celular seja tão distinto, tão outro, quando, no fundo, é um homem vestido com uma camisa branca grampeada de cima abaixo e um tabardo, cujas mãos conservam essa sensação de carne e osso que noto entre as minhas, um homem que sorri como um ser humano. Eu sempre soube que ele era diferente, mas que mais dá? Tanto esforço por umas quantas letras de um código? Entretanto, de algum modo deve importar, e por essa mesma razão temos que trocá-lo. Por isso na outra ponta da cidade o doutor Kendrick está sentado em seu escritório, tentando solucionar o problema de criar ratos que desafiem as regras do tempo. Rio-me, mas se trata de uma questão de vida ou morte, e então deixo de rir e me levo a mão à boca.

Intermezzo

Quarta-feira 12 de agosto de 1998

Clare tem 27 anos

Clare: Minha mãe se dormiu, finalmente. Dorme em sua própria cama, em seu dormitório; ao fim escapou que hospital, solo para descobrir que sua habitação, seu refúgio, transformou-se em outra habitação de hospital. Entretanto, agora já perdeu o conhecimento. aconteceu-se toda a noite falando, chorando, rendo, chiando, gritando: "Philip!", "mamãe!" e "Não, não, não...". Toda a noite os grilos e as rãs do Santo Antonio de minha infância pulsaram sua cortina elétrica de som, e a luz noturna lhe tornou a pele como a cera de abelhas, suas mãos ossudas se agitavam a modo de súplica, agarravam o copo de água que eu lhe sustentava frente a seus lábios encrostados. chegou o alvorecer. A janela de minha mãe dá ao este. Estou sentada na poltrona branca, junto à janela, de cara à cama, mas sem olhar, sem olhar a minha mãe, tão diminuta em seu grande leito, sem olhar os frascos de pastilhas, as colheres, os copos, o pau do soro endovenoso com a bolsa que pendura obesa de fluido, o dispositivo LED piscando em vermelho, a cunha, o pequeno receptáculo em forma de riñon para vomitar, a caixa de luvas de látex e o contêiner de lixo com

a etiqueta de advertência biorriesgo, cheia de seringas ensangüentadas. Miro pela janela, para o este. Uns pássaros cantam. Restrição o som das pombas, que vivem nas glicinas, ao despertar. O mundo é cinza. Lentamente a cor se vai filtrando, não com dedos rosados, mas sim como uma mancha de um laranja sangrento que se estende devagar, alargando um minuto no horizonte e logo alagando o jardim, luz dourada, céu azul, até que todas as cores vibram em seus lugares atribuídos, as trepadeiras de campanitas, as rosas, a salvia branca, os malmequeres, brilhando todas elas como o cristal sob o rocío da nova manhã. Os abedules chapeados dos márgenes do bosque se balançam como cordas esbranquiçadas suspensas do céu. Um corvo voa sobre a grama, sua sombra voa por debaixo, e coincidem os dois quando aterrissa sob a janela e grajea, uma só vez. A luz encontra a janela e cria minhas mãos e meu corpo, robusto na poltrona branca de minha mãe. O sol se levanta.

Fecho os olhos. O ar condicionado ronrona. Tenho frio, levanto-me, vou à outra janela e o apago. Agora a habitação está em silêncio. Aproximo-me da cama. Minha mãe está imóvel. Esforçada-a respiração que me espreitava em sonhos se deteve. Tem a boca algo aberta e as sobrancelhas levantadas, como acusando surpresa, embora os olhos permanecem fechados; poderia estar cantando. Ajoelho-me junto à cama, retiro as mantas e apoio a orelha sobre seu coração. Sua pele conserva o calor. Nada. Nem um solo pulsado, nem a circulação do sangue, nem o fôlego sequer infla as velas de seus pulmões. Silêncio.

Levanto meu corpo desfeito e fedorento entre meus braços, e é perfeita, volta a ser minha própria mãe, minha mãe preciosa e perfeita, durante tão solo um momento, mesmo que seus ossos se cravam em meus peitos e a cabeça lhe pende, mesmo que seu ventre infestado pelo câncer mimetiza a fecundidade, ela se ergue em minha lembrança resplandecente, rendo, aliviada: livre.

ouvem-se passos no corredor. A porta se abre e ouço a voz da Etta.

-Clare? OH...

Recosto a minha mãe sobre os travesseiros, aliso sua camisola, aparo-lhe o cabelo.

-foi-se.

Sábado 12 de setembro de 1998

Henry tem 35 anos, e Clare 27

Henry: Lucille era quão única amava o jardim. Quando vínhamos de visita, Clare estava acostumado a atravessar a porta principal de Casa Cotovia do Prado e dirigir-se diretamente à porta traseira em busca do Lucille, que quase sempre estava no jardim, chovesse ou fizesse sol. Quando se encontrava bem, víamo-la ajoelhada nos canteiros, tirando as más ervas, transplantando ou abonando as rosas. Ao ficar doente, Etta e Philip a baixavam envolta em mantas e a instalavam em sua cadeira de vime, às vezes junto à fonte, em ocasiões sob a pereira, onde pudesse ver como Peter trabalhava, cavava, podava e enxertava. Quando Lucille se encontrava bem, estava acostumado a nos comentar os lucros de seu jardim: os pinzones de cabeça vermelha que finalmente tinham descoberto o novo dispensador de alimento, as dalias, que tinham dado melhor resultado do esperado junto ao relógio de sol, a nova rosa que resultou possuir uma horrível tonalidade lavanda, mas que era tão vigorosa que minha sogra era reacia a desprender-se dela. Um verão Lucille e Alicia realizaram um experimento: Alicia passava várias horas ao dia tocando o violoncelo no jardim, para comprovar se as novelas reagiam ante a música. Lucille jurou que seus tomates jamais tinham estado tão formosos, e nos mostrou uma abobrinha do tamanho de minha coxa. Assim consideraram que o experimento tinha sido um êxito, embora não voltou a se repetir porque foi o último verão que Lucille se encontrou com forças suficientes para ocupar do jardim.

Lucille crescia e minguava com as estações, como uma planta. No verão, quando aparecíamos todos, Lucille se recuperava e a casa trovejava com os felizes gritos e golpes dos filhos do Mark e Sharon, quem se derrubava como marionetes dentro da fonte e pulavam pegajosos e cheios de vida sobre a grama. Lucille freqüentemente ia suja, mas sempre elegante. levantava-se para nos saudar, com o cabelo branco e acobreado recolhido em um grosso coque, salvo por umas mechas gordurentas que lhe caíam de qualquer modo sobre a cara, as luvas de jardineiro de pelica e umas ferramentas do Smith & Hawken que lançava ao chão para receber nossos abraços. Lucille e eu sempre nos beijávamos com muita formalidade, em ambas as bochechas, como se fôssemos umas condessas francesas muito anciãs que levassem tempo sem ver-se. Foi deliciosa em seu trato comigo, embora era capaz de devastar a sua filha com um sozinho olhar. A sinto falta de. Quanto ao Clare... bom, dizer que Clare "a sinto falta de" seria uma expressão inadequada. Clare se sente privada de sua presença. Entra na sala e esquece o que tinha ido procurar. Clare se sintia com um livro e o olhe fixamente sem voltar a página durante uma hora; mas não chora. Clare sorri se o conto uma piada. Clare come o que lhe ponho diante. Quando lhe faço o amor, tenta me seguir com todo seu empenho... e eu não demoro para deixá-la tranqüila, temeroso do rosto dócil e carente de lágrimas que parece achar-se a quilômetros de distância. Sinto falta da o Lucille, mas é da presença do Clare de quem me sinto privado; Clare, que se partiu longe e me deixou com essa estranha que só guarda um grande parecido com ela.

Quarta-feira 26 de novembro de 1998

Clare tem 27 anos, e Henry 35

Clare: O dormitório de minha mãe é branco e tem muito poucos móveis. Toda a parafernália médica desapareceu. A cama nua deixa à vista o colchão, que está manchado

e apresenta um aspecto asqueroso em meio desta habitação tão limpa. Estou de pé diante do escritório de minha mãe, um móvel de fórmica branco, moderno e estranho, em um quarto por outro lado feminino e delicado, cheio de móveis franceses antigos. Seu escritório se encontra situado em um pequeno saliente, as janelas o abraçam, a luz matutina limpa sua superfície vazia. Está fechado com chave. passei uma hora procurando, sem sorte alguma, a chave que lhe corresponde. Apoio os cotovelos no respaldo dela cadeira giratória de minha mãe e fico contemplando o móvel. Ao final, vou abaixo. A sala de estar e o comilão estão vazios. Ouço risadas na cozinha, e empurro a porta para entrar. Henry e Nell se apinham sobre um montão de terrinas, uma porção de massa estendida e um pau de macarrão.

-Tranquilo, moço, tranquilo! vais endurecer os se lhes der desse modo. Tem que tocá-los com mais suavidade, Henry, ou terão a textura do chiclete.

-Sinto muito, sinto muito, de verdade que o sinto. Serei cuidadoso, mas não me envenene. - Henry se volta sorrindo e vejo que está talher de farinha.

-O que está fazendo?

-Cruasanes. jurei dominar a arte de modelar a massa pastelera ou perecer no intento.

-Descansa em paz, filho -arremeda Nell com uma careta de alegria.

-O que acontece? -pergunta Henry enquanto Nell enrola com eficiência uma bola de massa, dobra-a, a curta e a envolve em papel de cera.

-Necessito que me Prestes ao Henry um par de minutos, Nell.

Nell assente e diz ao Henry, assinalando-o com o pau de macarrão de amassar:

-Retorna dentro de quinze minutos e começaremos a maceração.

-Sim, senhora.

Henry sobe as escadas detrás de mim e entra no dormitório de minha mãe, onde está o escritório.

-Quero abri-lo e não consigo encontrar as chaves.

-Ah. -Lança-me um olhar tão rápido que não consigo interpretá-la-. Bom, isso é singelo.

Henry parte do quarto e retorna ao cabo de uns minutos. sinta-se no chão diante do escritório e endireita dois cliques grandes. Começa a pinçar na gaveta inferior esquerda, explorando com cuidado e dando a volta a um dos cliques, e a seguir clava o outro.

-Voilà -diz, atirando da gaveta, que transborda de papéis.

Henry abre sem esforço as quatro gavetas que faltam, e em poucos minutos estão todos com a boca aberta e o conteúdo ao descoberto: cadernos, papéis soltos, catálogos de jardinagem, bolsitas de sementes, canetas e lápis curtos, um talonário de cheques, uma barrita de caramelo Hershey's e numerosos objetos diminutos que agora parecem abandonados e tímidos à luz do dia. Henry não há meio doido nada das gavetas. Me olhe; desvio os olhos para a porta quase de um modo involuntário e ele capta a indireta. Logo me situo frente ao escritório de minha mãe.

Os papéis não seguem nenhuma ordem preestabelecida. Sinto-me no chão e amontôo o conteúdo de uma gaveta diante de mim. Aliso e empilho tudo o que leva sua letra manuscrita a minha esquerda. Há listas, e notas dirigidas a ela mesma: "Não pergunte a P sobre S"; ou: "Recorda a Etta janta de B sexta-feira". Há páginas e mais páginas de ganchos de ferro, espirais e rayotes, círculos negros, marcas como rastros de passarinhos. Algumas contêm uma frase ou um grupo de palavras. "lhe riscar a raia com uma faca. Não pude fazê-lo. Se ficar em silêncio, passará de lado." Algumas folhas são poemas tão marcados e tachados que fica bem pouco deles, como os fragmentos do Safo:

Como carne anciã, relaxada e tenra
sem ire XXXXXXXX ela disse que sim
disse ela XXXXXXXXXXXXXXXX

Ou:

Sua mão XXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXX de possuir,
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
em extremo XXXXXXXXXXXX

Tinha escrito alguns poemas a máquina:

No presente
toda esperança é débil
e parca.
A música e a beleza
são o sal de meu pesar;
um vazio branco rasga e penetra em meu gelo.
Quem pôde haver dito
que o anjo do sexo
era tão triste?
Ou que o desejo conhecido
fundiria esta vasta
noite invernal em
um caudal de escuridão.

23/01/79

O jardim na primavera:
um navio do verão
nadando entre
minha visão invernal.

06/04/79

1979 foi o ano em que minha mãe perdeu o bebê e tentou suicidar-se. Dói-me o estômago e
tenho a vista imprecisa. Agora sei o que lhe aconteceu então. Recolho
todos esses papéis e os aparto sem ler nenhuma só linha mais. Em outra gaveta encontro poemas
mais recentes; e então descubro um dedicado a mim:

o jardim sob a neve
Para o Clare
Agora o jardim está sepultado pela neve
uma página em branco em que escrevem nossos rastros
Clare, que jamais foi minha
mas sim sempre se pertenceu a si mesmo
Bela Durmienteun manto cristalino
ela espera
esta é sua primavera é seu sueño/despertar
ela espera
tudo está esperando
oun béou
as formas improváveis das tuberosas raízes
Nunca acreditei

minha menina
seu quase rosto
um jardim, aguardando.

Henry: É quase a hora de jantar e começo a estorvar ao Nell, assim quando me insinúa: "Não deveria ir ver o que está fazendo sua mulher?", parece-me uma boa idéia ir averiguar o.

Clare está sentada no chão, diante do escritório de sua mãe, rodeada de papéis brancos e amarelos. O abajur da mesita despede um lago de luz ao redor de sua pessoa, mas seu rosto está oculto pelas sombras; seu cabelo é um aura acobreada que flameja. Levanta os olhos, tende-me um papel e me diz:

-Note, Henry, escreveu-me um poema.

Sinto-me ao lado do Clare e o leio, e então perdôo ao Lucille, um pouco, por seu colossal egoísmo e sua monstruosa morte, e olhou ao Clare aos olhos.

-É precioso -lhe digo, e ela assente, satisfeita, durante uns instantes, porque sua mãe a amava em realidade.

Penso em minha mãe cantando lieder depois de comer uma tarde do verão, sorrindo ante nosso reflexo em uma cristaleira, girando com seu vestido azul e riscando passos de baile pelo vestidor. Amava-me. Jamais questioneei seu amor. Lucille, em troca, era mutável como o vento. O poema que Clare sustenta é uma prova, imutável, inegável, a foto instantânea de uma emoção. Jogo uma olhada ao lago de papéis que há no chão e me sinto aliviado de que, em meio de todo esse caos, algo tenha saído à superfície para converter-se no bote salva-vidas do Clare.

-Escreveu-me um poema -repete Clare, maravilhada.

As lágrimas lhe sulcam as bochechas. A rodeio com meus braços, e constato finalmente que minha esposa tornou, sã e salva, à borda depois do naufrágio, chorando como uma menina pequena, cuja mãe o aviso da coberta do navio que se vai a rivalidade.

Véspera de ano novo, um

Sexta-feira 31 de dezembro de 1999; 23.55 horas

Henry tem 36 anos, e Clare 28

Henry: Clare e eu nos encontramos em um terrado do Wicker Park com uma multidão de robustas almas como nós, esperando a mudança do chamado fim de milênio. A noite é clara, e não faz tão frio como caberia esperar; vejo meu fôlego, e tenho as orelhas e o nariz algo insensíveis. Clare vai embutida em seu enorme cachecol negro, e seu rosto é surpreendentemente branco sob a luz da lua e as luzes. O terrado pertence a um casal de artistas, amigos do Clare. Gómez e Charisse andam perto, dançando um lento com seus parkas e luvas de lã, seguindo uma música que solo eles são capazes de ouvir. A gente que nos rodeia brinca, ébria, sobre os mantimentos enlatados que amontoaram e as medidas heróicas que tomaram para impedir que seus ordenadores se fundam. Sorrio para meus adentros, sabendo de que todas estas tolices sobre o milênio se esquecerão por completo quando as árvores de Natal tenham desaparecido dos meio-fios das ruas por obra e graça do recolhimento do Departamento de Meio ambiente.

Estamos esperando que dêem começo os foguetes. Clare e eu nos apoiamos contra a falsa fachada principal do edifício, que nos chega à cintura, e vigiamos a cidade

de Chicago. Olhamos para o este, em direção ao lago Michigan.

-Olá a todos -diz Clare, saudando com sua luva ao lago, em direção ao South Haven, em Michigan-. É curioso. Quase chegou o Ano Novo e estou segura de que todos estão na cama.

Encontramos a seis pisos de altura, e me surpreende constatar quantas coisas posso ver daqui. Nossa casa, na praça Lincoln, encontra-se em algum ponto situado para o noroeste; nossa vizinhança está escura e em silêncio. O centro, em troca, para o sudeste, está resplandecente. decoraram alguns dos edifícios maiores com motivos natalinos, e engalanaram as janelas com luzes verdes e vermelhas. Sears e Hancock se contemplam mutuamente como robôs gigantes por cima das cabeças dos arranha-céu mais pequenos. Quase posso ver o edifício onde eu vivia quando conheci o Clare, no North Dearborn, embora permaneça oculto atrás daquele outro edifício mais alto e espantoso que lhe colocaram ao lado faz uns anos. Chicago possui uma arquitetura tão formosa, que de vez em quando se sentem obrigados a destruir alguns de seus melhores expoentes arquitetônicos e erigir edifícios terríficos tão solo para que saibamos apreciar quais são os bons. Não há muito tráfico; a gente quer estar em algum lugar concreto a meia-noite, e não na estrada. Ouço explosões isoladas de petardos, amenizadas em ocasiões por disparos desses tarados que parecem esquecer que as pistolas podem causar algo mais que um grande ruído.

-Estou-me congelando -diz Clare, consultando o relógio-. Faltam dois minutos.

Manifestações de alegria no bairro indicam que os relógios de alguns vão adiantados.

Penso em Chicago durante este próximo século. Haverá mais gente, muita mais. Um tráfico ridículo, mas menos antros. Teremos um edifício horrendo que parece uma lata da Coca-cola explorando no parque Grant; o oeste da cidade irá saindo da pobreza lentamente, mas o sul seguirá imerso na decadência. Ao final, derrubarão o estádio Wrigley e construirão um megaestádio muito feio, mas por agora segue em pé, ardendo de luz ao noroeste.

Gómez começa a conta atrás.

-Dez, nove, oito...

Todos nos apontamos.

-Sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um. Feliz ano novo!

Os plugues de champagne saem disparados, os foguetes entram em ignição e sulcam o firmamento, e Clare e eu nos fundimos em um abraço. O tempo permanece imóvel, e espero que o futuro nos proporcione o melhor.

Três

Sábado 13 de março de 1999

Henry tem 35 anos, e Clare 27

Henry: Charisse e Gómez acabam de ter seu terceiro filho; é uma menina, Rosa Evangeline Gomolinski. Deixamos que transcorra uma semana e logo nos apresentamos em sua casa com presentes e comida.

Gómez nos abre a porta. Leva ao Maximilian, seu filho de três anos, pendurado das pernas, e esconde a cara depois do joelho de seu pai quando o saudamos. Joseph, mais extrovertido de entrada, põe-se a correr para o Clare balbuciando: "BA, BA, BA", e arrota estentóreamente quando ela o agarra em braços. Gómez põe os olhos em branco e Clare ri, Joe também ri e inclusive eu tenho que rir ante esse caos tão terminante. Sua casa parece como se uma geleira, com um departamento do Toys

"R" Us instalado em seu interior, tivesse avançado, deixando charcos de Leigos e ositos de peluche abandonados.

-Não olhem -diz Gómez-. Todo isto não é real. Estamos provando um dos jogos de realidade virtual do Charisse. Chamamo-lo "A paternidade".

-Gómez? -diz a voz do Charisse elevando-se do dormitório-. São Clare e Henry?

Encaminhamo-nos em turba pelo corredor e entramos em seu dormitório. Jogo uma olhada à cozinha ao passar por diante. Uma mulher de média idade está de pé, ante a pia, lavando os pratos.

Charisse está deitada na cama com o bebê em braços. A menina está dormida. É pequenita, tem o cabelo negro e um certo ar asteca. Max e Joe, entretanto, têm o cabelo claro. Charisse tem um aspecto horrível (para mim; mais tarde Clare insistirá em que a via "maravilhosa"). aumentou muito de peso e parece esgotada e doente. Praticaram-lhe uma cesárea. Sinto-me na poltrona. Clare e Gómez se acomodam sobre a cama. Max sobe até sua mãe e se acurruca sob seu braço livre. Me olhe fixamente e se leva o polegar à boca. Joe está sentado no regaço do Gómez.

-É preciosa-diz Clare.

Charisse sorri.

-E você está fantástica.

-Encontro-me fatal -diz Charisse-, mas se acabou, temos à menina.

Charisse acaricia a carita da pequena, e Rosa boceja e levanta uma manita. Seus olhos são ranhuras escuras.

-Rosa Evangeline -diz Clare ao bebê, lhe fazendo um mímico-. É precioso.

-Gómez queria chamá-la Quarta-feira, mas lhe hei dito que disso nada -comenta Charisse.

-Bom, a verdade é que nasceu uma quinta-feira -explica Gómez.

-Quer agarrá-la?

Clare assente, e Charisse deposita com cuidado a sua filha em seus braços. Ao ver o Clare com um bebê, a realidade de nossos abortos me agarra por surpresa durante uns instantes e me entram náuseas. Espero não estar a ponto de iniciar uma de minhas viagens através do tempo. Não obstante, a sensação desaparece, mas não consigo mitigar meu desgosto ante a crua realidade que vivemos: dedicamo-nos a perder meninos. Onde estão agora esses meninos perdidos, que vagam, dando voltas, confusos?

-Henry, quer agarrar a Rosa? -pergunta-me Clare.

Embarga-me o pânico.

-Não -respondo com muita veemência-, tenho um pouco de frio.

Levanto-me e vou do dormitório, atravesso a cozinha e saio pela porta traseira ao pátio. Garoa. Detenho-me e pausa funda.

Ouçoo uma portada a minhas costas. Gómez sai ao jardincito e fica detrás de mim.

-Está bem? -pergunta-me.

-Acredito que sim. Estava-me entrando claustrofobia aí dentro.

-Sim, já sei ao que te refere.

Ficamos em silencio durante uns minutos. Estou tentando recordar algum abraço de meu pai quando eu era pequeno. Quão único posso rememorar, entretanto, é que eu jogava com ele, corria, ria, subido a seus ombros. Dou-me conta de que Gómez me está olhando, e que as lágrimas sulcam minhas bochechas. Seco-me a cara com a manga. Algum dos dois teria que dizer algo.

-Não se preocupe por mim.

Gómez faz um gesto de desconforto.

-Agora volto -diz, e desaparece dentro da casa.

Dá-me a sensação de que se foi para não incomodar, mas ao cabo de um momento vejo que volta a sair com um cigarro aceso na mão. Sinto-me na decrepita mesa de picnic, molhada pela chuva e coberta de folhas de pinheiro. Faz frio aqui fora.

-Ainda estão tentando ter um filho?

Surpreende-me sua pergunta, até que me dou conta de que Clare provavelmente o conta todo ao Charisse, e que esta não conta nada ao Gómez.

-Sim.

-Ainda está triste Clare pelo desse aborto?

-Abortos. Em plural. tivemos três.

-Perder um filho, senhor DeTamble, pode considerar uma desgraça; mas perder três me parece um caso de negligência.

-Não lhe vejo o lado divertido, Gómez.

-Sinto muito. -Gómez tem todo o aspecto de sentir-se envergonhado por uma vez na vida.

Não quero falar do tema. Faltam-me palavras, e logo que posso conversar do assunto com o Clare, Kendrick e outros médicos, a cujos pés depositamos nosso triste caso.

-Sinto-o -volta a repetir Gómez.

-Será melhor que entremos -digo eu me levantando.

-Ah, não cria. Elas preferem estar sozinhas, para falar de coisas de garotas.

-Hummm. Bom, pois vale. Que tal os Cubs? -pergunto-lhe, voltando a me sentar.

-Ora, te cale.

Nenhum dos dois segue o beisebol. Gómez passeia acima e abaixo. Eu gostaria que se estivesse quieto ou, melhor ainda, que se metesse dentro de casa.

-Bom, me diga: qual é o problema? -pergunta do modo mais natural.

-Respeito a que? Aos Cubs? Lançam mau, diria eu.

-Não, querido bibliotecário, não refiro aos Cubs. Qual é o problema que impede que você e Clare tenham descendência?

-Francamente, Gómez, isso não é algo que te incumba.

Segue removendo o tema, imutável.

-Sabem acaso qual é o problema?

-Jódete, Gómez.

-Uy, uy, uy... Miúda linguagem. Digo-lhe isso porque conheço uma insigne doutora...

-Gómez.

-... especializada em transtornos cromosómicos fetais.

-De onde diabo tiraste você...?

-Foi uma testemunha que atuou de especialista em um caso.

-Ah.

-chama-se Amit Montague. É um gênio. Essa mulher esteve na televisão e ganhou um montão de prêmios. Os jurados a adoram.

-Ah, nesse caso, se os jurados a adorarem... -replico-lhe com sarcasmo.

-Você vá ver a. Joder, tio, só intento lhes ajudar.

-Muito bem -suspiro-. Hummm, obrigado.-Este obrigado equivale a dizer: "obrigado, sairemos daqui e iremos diretamente a ver a doutora que nos sugeriste, querido camarada", ou "obrigado, e agora anda e que lhe dêem"?

Levanto-me e me sacudo as folhas de pinheiro do traseiro das calças.

-Entremos -lhe digo, e os dois entramos em casa.

Quatro

Quarta-feira 21 de julho de 1999; 8 de setembro de 1998

Henry tem 36 anos, e Clare 28

Henry: Deitamo-nos. Clare parece um novelo, de costas a mim, e eu me hei acurrucado contra ela. São quase as duas da manhã e acabamos de apagar a luz depois de uma larga e absurda discussão sobre nossas desventuras reprodutivas. Agora me encontro na cama, apertado contra Clare, minha mão agarrando seu peito direito, e intento discernir se estivermos juntos nisto ou de algum modo me deixou atrás.

-Clare -digo baixinho contra sua nuca.

-Hummm?

-Adotemos.

Levo pensando nisso há semanas, meses; e me parece uma via de escapamento brilhante: teremos um bebê que gozará de boa saúde. Clare gozará também de boa saúde, e todos seremos felizes. É a melhor saída.

-Mas isso seria fazer armadilha -objeta Clare-. Seria fingir.

Clare se incorpora e se volta para mim, e eu a imito.

-Seria um bebê de verdade, e nosso além disso. A isso o chama fingir?

-Estou farta desta hipocrisia. Fingimos continuamente, e isto quero fazê-lo de verdade.

-Não é certo que finjamos todo o tempo. Do que está falando?

-Fingimos ser gente normal, que vive uma vida normal! Eu finjo que não me importa o fato de que sempre esteja desaparecendo, Deus sabe onde. Você faz ver que tudo vai bem, inclusive quando está a ponto de morrer e Kendrick não sabe que demônios fazer. Eu finjo que não me importa que nossos bebês morram... -Está soluçando, dobrada para diante, e o cabelo lhe cobre o rosto, uma cortina de seda que oculta sua cara.

Estou cansado de chorar. Cansado de ver o Clare chorar. Sinto-me indefeso ante suas lágrimas, não posso fazer nada para trocar as coisas.

-Clare... -Levanto o braço para tocá-la, para consolá-la, para me consolar, e ela me rechaça. Levanto-me da cama, agarro a roupa e me visto no banheiro. Coxo as chaves da bolsa do Clare e calço os sapatos. Clare aparece no saguão.

-Aonde vai?

-Não sei.

-Henry...

Saio de casa dando uma portada. É bom estar fora. Não consigo recordar onde está o carro, mas então o vejo o outro lado da rua. Dirijo-me ao automóvel e subo.

Minha primeira idéia é dormir no carro, mas quando já me sentei ao volante, dito ir a alguma parte. A praia: irei até a praia. Sei que é uma idéia nefasta.

Estou cansado, triste, seria uma loucura conduzir... mas gosta de muitíssimo. As ruas estão vazias. Arranco o carro, que ruge cobrando vida. Ao cabo de um minuto, saio da praça de estacionamento. Vejo o rosto do Clare na janela dianteira. Que se preocupe. Por uma vez não me importa.

Conduzo pelo Ainslie até o Lincoln, curto pelo Western e me dirijo ao norte. Fazia bastante tempo que não saía sozinho em plena noite, e nem sequer recordo a última vez que conduzi um automóvel, apesar de ser perigoso para mim. É agradável. Acelero ao chegar ao cemitério Colina das Rosas e passo junto ao comprido passadiço

de vendedores de automóveis. Acendo a rádio, golpeio as emissoras memorizadas até dar com a WLW; põem ao Coltrane, assim subo a batente o volume e sob o guichê. O ruído, o vento, a suave repetição de semáforos e luzes me acalmam, anestesiaram-me, e ao cabo de um momento quase esquecimento por que saí que casa. Ao chegar aos limites do Evanston, curto pelo Ridge e coxo Dempster para chegar ao lago. Estaciono perto da lacuna, sotaque as chaves no contato, saio e caminho. Faz frio, e tudo está em silêncio. Dirijo-me para o mole e me detenho o chegar ao final para contemplar a linha costeira de Chicago piscando sob o céu laranja e púrpura.

Estou tão cansado... Cansado de pensar na morte, cansado do sexo como um meio para chegar a um fim; e me assusta pensar aonde nos conduzirá todo isso. Não sei quanta pressão resistirá Clare.

O que são esses fetos, esses embriões, essas multidões apinhadas de células que seguimos criando e perdendo? O que têm de importante para que valha a pena arriscar a vida do Clare, tingir de desespero cada um de nossos dias? A natureza nos está dizendo que abandonemos, a natureza me diz: "Henry, é um organismo muito jodido e não queremos criar outros seres como você". Por minha parte, estou disposto a aceitá-lo.

Jamais me vi no futuro com filhos. Apesar de ter acontecido muito tempo com meu jovem eu, apesar de haver dedicado muito tempo ao Clare quando era pequena, não sinto que minha vida seja incompleta pelo fato de que não exista alguém de meu mesmo sangue. Nenhum eu futuro me animou a seguir insistindo desse modo. Em realidade, faz umas semanas perdi os nervos e o perguntei; fui correndo a ver meu eu, nas estanterias da Newberry, um eu de 2004. "Teremos alguma vez um bebê?", perguntei-lhe. Meu eu sorriu e se encolheu de ombros. "Terá que vivê-lo, sinto muito", respondeu-me ele, petulante e compassivo. "Pelo amor de Deus, diga-me isso implorei-lhe chorando, elevando a voz enquanto ele levantava uma mão e desaparecia. "Caraculo", disse em voz alta, e Isabelle apareceu a cabeça pela porta de segurança e me perguntou por que estava gritando entre as estanterias; então me dava conta de que podiam me ouvir da sala de leitura.

Não vejo o modo de sair desta situação. Clare está obcecada. Amit Montague a anima a seguir, conta-lhe histórias de bebês milagrosos, receita-lhe bebidas vitamínicas que me recordam à semente do diabo. Possivelmente poderia me declarar em greve. Claro, isso!, uma greve de sexo. Rio-me sozinho, e o som de minha risada é engolido pelas ondas que brandamente lambem o espigón. Tenho todos os números. dentro de uns dias estarei me arrastando de joelhos.

Dói-me a cabeça. Intento ignorá-lo; sei que a causa é o cansaço. Pergunto-me se poderia dormir na praia sem que ninguém me incomodasse. Faz uma noite preciosa. Entretanto, nesse preciso instante, deixa-me atônito um intenso raio de luz que percorre o espigón e enfoca minha cara... E, de repente, encontro-me na cozinha do Kimy, de costas contra o chão, sob a mesa, rodeado de patas de cadeira. Kimy está sentada em uma delas e me observa de acima. Meu quadril esquerda esmaga seus sapatos.

-Olá, companheira -digo com voz débil. Sinto que vou deprimir me.

-Um dia destes, companheiro, provocará-me um enfarte -protesto Kimy, que me dá pataditas com um pé-. Sal daí debaixo e te ponha um pouco de roupa.

Desabo-me e saio de joelhos de debaixo da mesa. Logo me repliego sobre mim mesmo no linóleo e fico descansando durante uns instantes, tentando me recuperar e controlar as arcadas.

-Henry... está bem? -pergunta-me Kimy, inclinando-se sobre mim-. Quer comer algo? Gosta de um pouco de sopa? Tenho sopa minestrone... Ou prefere um café?

Faço-lhe um gesto negativo com a cabeça.

-Quer te jogar no sofá? Está enjoado?

-Não, Kimy, estou bem; estarei melhor dentro de uns minutos.

Me as acerto para me pôr de primeiro joelhos e me levantar a seguir. Entro no dormitório me cambaleando e abro o armário do senhor Kim, que está virtualmente vazio, salvo por uns quantos pares de nos cubra muito bem engomados de distinto tamanho, que abrangem desde talhas infantis até as de adulto, e diversas camisas brancas recém engomadas; meu montoncito de roupa, preparado e me aguardando. Uma vez vestido, retorno à cozinha, inclino-me sobre o Kimy e lhe belisco a bochecha.

-Que data é hoje?

-8 de setembro de 1998. De onde vem?

-Do próximo julho.

Sentamo-nos à mesa. Kimy está fazendo o palavra cruzada do New York Teme.

-O que passará no próximo julho?

-O verão está resultando muito fresco, e seu jardim tem um aspecto magnífico. Todas as ações tecnológicas vão à alta. Deveria comprar Apple em janeiro.

Kimy toma nota em um trocico de papel de bolsa marrom.

-De acordo. E você? Como vai? Que tal está Clare? Ainda não têm nenhum filho?

-Em realidade, o que tenho é muita fome. O que me diz se tomo a sopa que me oferecia antes?

Kimy se levanta pesadamente da cadeira e abre o frigorífico. Saca uma panela e começa a esquentar a sopa.

-Não respondeste a minha pergunta.

-Não há novidades, Kimy. Não existe nenhum bebê. Clare e eu discutimos por isso continuamente. Por favor, não me crave.

Kimy me dá as costas. Remove a sopa com força. Advirto a tristeza em seus movimentos.

-Não pretendo te curvar. Solo perguntava, vale? Solo perguntava. Olhe que...

Ficamos em silencio durante uns minutos. O ruído da colher arranhando o fundo da panela começa a me alterar. Penso no Clare, me olhando pela janela enquanto me afasto de carro.

-Né, Kimy.

-me diga, Henry.

-Como é que você e o senhor Kim alguma vez tiveram filhos?

produz-se um comprido silencio.

-Sim, tivemos uma filha.

-De verdade?

Kimy verte a fumegante sopa em uma das terrinas do Mickey Mouse que tanto eu gostava quando era pequeno. sinta-se e se passa as mãos pelo cabelo, arrumando-os mechas brancas que lhe escapam do pequeno coque que tem recolhido na nuca. Kimy me olhe.

-Tome a sopa. Agora volto.

levanta-se e sai da cozinha; ouço seus passos afogados sobre o protetor de plástico do carpete do vestíbulo. Tomo a sopa, e estou terminando-a quando ela retorna.

-Olhe. Esta é Min. Minha garotinha.

A fotografia é em branco e negro, e está imprecisa. Nela aparece uma menina pequena, possivelmente de uns cinco ou seis anos, diante do edifício da senhora

Kim, este mesmo edifício, no que eu cresci. Leva um uniforme da escola católica, e está sorrindo, tem um guarda-chuva na mão.

-É seu primeiro dia de escola. É tão feliz, e está tão assustada...

Examino a fotografia. Dá-me reparo lhe fazer perguntas. Levanto os olhos. Kimy está olhando pela janela, para o rio.

-O que aconteceu?

-Ah, morreu. antes de que você nascesse. Tinha leucemia, e morreu.

De repente, lembro-me.

-Estava acostumado a sentar-se em uma rocha do jardincillo traseiro? Com um vestidito vermelho?

A senhora Kim me olhe fixamente, surpreendida.

-Viu-a?

-Sim, acredito que sim. Faz muito tempo. Quando eu tinha uns sete anos. Encontrava-me junto aos degraus que dão ao rio, em couros, e ela me disse que mais me valia não entrar em seu jardim. Eu protestei, e lhe expliquei que aquele jardim era o de minha casa, mas ela não me acreditou. Eu não conseguia o entendê-lo conto, me renda-. Me disse que sua mãe me daria uma surra se não me partia.

Kimy ri tremente.

-Bom, tinha razão, não?

-Sim, solo que ela partiu uns anos antes.

Kimy sorri.

-Sim, Min era uma polvorita. Seu pai a chamava senhorita Bocazas. Amava-a muitíssimo.

Kimy volta a cabeça, e se leva discretamente a mão aos olhos. Recordo ao senhor Kim como um homem taciturno, que se passava a maior parte do tempo sentado em sua poltrona, vendo esportes por televisão.

-Quando nasceu Min?

-Em 1949. Morreu em 1956. É curioso, agora seria uma senhora madurita com filhos próprios. Teria quarenta e nove anos. Ao melhor seus filhos iriam ao instituto, ou possivelmente seriam um pouco maiores. -Kimy me olhe, e eu lhe sustento o olhar.

-Estamos-lo tentando, Kimy. Estamos tentando tudo o que nos ocorre.

-Não hei dito nada.

-Já.

Kimy pisca como se fosse Louise Brooks.

-Ouça, companheiro, estou entupida com este palavra cruzada. Nove vertical, começa com o K...

Clare: Observo aos submarinistas da polícia lançando-se ao lago Michigan. A manhã é nublada, embora o calor já aperta. Estou de pé, no espigón da rua Dempster. contei quatro carros de bombeiros, três ambulâncias e sete carros patrulha estacionados na estrada Sheridan com as luzes piscando e cintilando. Há dezessete bombeiros e seis membros do pessoal sanitário. Mais quatorze policiais e uma mulher polícia, branca, gorda e baixa, a quem parece que a boina lhe tenha partido o crânio, e que não deixa de me dedicar estúpidas perogrulladas em um intento de me consolar, até que me entram vontades de empurrá-la espigón abaixo. agarrei a roupa do Henry. São as cinco da madrugada. Há vinte e um repórteres, alguns dos quais são da televisão e vão com caminhonetes, microfones e câmaras de vídeo, embora também os tem

que a imprensa escrita, acompanhados de sendos fotógrafos. Um casal de anciões ronda pelos limites da ação, discretos mas curiosos. Intento não pensar na descrição que tem feito um policial do Henry lançando-se do final do dique, captado pelo feixe da luz de busca do carro patrulha. Intento não pensar.

Dois policiais distintos se aproximam do espigón. Entram em conciliábulo com alguns dos oficiais que já estavam pressentem e então um deles, o major, separa-se do grupo e se aproxima de mim. Leva um bigode uso Dalí, essa classe de bigode passado de moda que termina em ponta. apresenta-se como o capitão Michels, e me pergunta se me ocorre algum motivo pelo qual meu marido tivesse querido tirá-la vida.

-Bom, a verdade é que não acredito que o fizesse, capitão. Quero dizer que é muito bom nadador, e que provavelmente se foi nadando A... digamos, Wilmette ou qualquer outro lugar. -Assinalo com a mão vagamente em direção norte-. Seguro que volta em qualquer momento.

O capitão parece titubear.

-Tem o costume de nadar em plena noite?

-Sofre de insônia.

-estiveram discutindo? Estava afetado?

-Não -minto eu-. Claro que não. -Miro para a água. Estou segura de que não resulto muito convincente-. Eu estava dormindo. Seguro que decidiu ir nadar e não quis despertar.

-deixou alguma nota?

-Não. -Enquanto me espremo o cérebro em busca de uma explicação mais realista, ouço um chapinho perto da borda. Aleluia. Bem a tempo-. Aí está!

Henry tenta incorporar-se na água, ouça-me gritar, afunda-se de novo e nada para o dique.

-Clare, o que acontece?

Ajoelho-me. Henry parece cansado, e transido de frio. Falo-lhe com tranqüilidade:

-Acreditavam que te tinha afogado. Um deles viu como te lançava do espigón. Levam duas horas procurando seu corpo.

Henry parece preocupado, mas também divertido. Algo com tal de incomodar à polícia. Todos os agentes se apinham a meu redor e contemplam ao Henry em silêncio.

-É você Henry DeTamble? -pergunta o capitão.

-Sim. Importa-lhes se sair da água?

A comitiva segue ao Henry até a borda; este vai nadando e nós caminhando junto a ele pelo espigón. Sai da água e começa a gotejar na praia como um rato molhado.

Tendo-lhe a camisa, que utiliza para secar-se. Logo se veste com o resto dos objetos e aguarda tranqüilo, até que a polícia dita o que quer fazer com ele. Tenho vontades de beijá-lo, e logo matá-lo; ou viceversa. Henry me passa um braço pelos ombros. Noto-lhe pegajoso e úmido. Apóio-me contra ele, entretanto, para me empapar de seu frescor, e ele se inclina sobre mim em busca de calor. A polícia lhe faz perguntas, às que ele responde com muita educação. Os agentes pertencem ao corpo de polícia do Evanston, salvo uns quantos que vêm do Morton Grove e Skokie, e se aproximaram do lugar dos fatos por curiosidade. Se fossem da polícia de Chicago, reconheceriam ao Henry e, em consequência, prenderiam-no.

-por que não reagiu quando o agente lhe pediu que saísse da água?

-Levava plugues nos ouvidos, capitão.

-Plugues nos ouvidos?

-Para impedir que me entre a água. -Henry faz ameaça de rebuscar nos bolsos-. Não sei onde terão ido parar. Sempre levo plugues nos ouvidos quando nado.

-por que estava nadando às três da manhã?

-Não podia dormir.

Etcétera, etcétera. Henry minta à perfeição; contribui com feitos para demonstrar sua tese. Ao final, com reticência, a polícia lhe estende uma citação por nadar quando a praia está oficialmente fechada. É uma multa de quinhentos dólares. Quando a polícia nos deixa partir, os repórteres, os fotógrafos e os câmaras de televisão nos jogam em cima antes de que cheguemos ao carro. Sem comentários. Tinha saído a nadar. Por favor, preferiríamos, se não lhes importar, que nos fizessem isso fotografias. Clique. Ao final, conseguimos nos colocar no carro, que é o único estacionado na estrada Sheridan e com as chaves postas. Ponho-o em marcha e sob o guichê. A polícia, os repórteres e o casal de anciões se ficaram sobre a erva, nos contemplando. Henry e eu não nos olhamos.

-Clare.

-Henry.

-Sinto muito.

-Eu também.

Henry me olhe e touca minha mão, que está ao volante. Conduzimos a casa em silêncio.

Sexta-feira 14 de janeiro de 2000

Clare tem 28 anos, e Henry 36

Clare: Kendrick nos guia através de um labirinto de corredores enmoquetados, paredes de alvenaria sem morteiro e placas de isolamento até uma sala de reuniões.

Na estadia não há janelas, só carpete azul e uma mesa larga, negra e encerada, rodeada de cadeiras estofadas e giratórias. Vejo uma piçarra com seus correspondentes rotuladores, um relógio sobre a porta e uma máquina de café com taças, nata de leite e açúcar disposta ao lado. Kendrick e eu nos sentamos à mesa, mas Henry começa a dar voltas pela habitação. Kendrick se tira os óculos e se massageia a cara interna dos olhos. A porta se abre e um jovem hispano com botas de cano longo cirúrgicos entra na sala um carrinho sobre o que há uma jaula coberta com um pano.

-Onde o quer? -pergunta o jovem.

-Deixe o carrinho, se não lhe importar.

O homem se encolhe de ombros e parte. Kendrick se dirige para a porta, dá a volta a um interruptor e as luzes minguam até deixar a estadia em penumbra. Logo que vejo o Henry, que está de pé junto à jaula. Kendrick se aproxima dele e desliza o pano em silêncio.

Um aroma de cedro se desprende da jaula. Levanto-me e Miro em seu interior. Não vejo nada, salvo o cartão de um cilindro de papel higiênico, umas terrinas de comida, uma garrafa de água, uma roda de exercício e umas aparas de cedro que parecem penugem. Kendrick abre a parte superior da jaula, coloca a mão dentro e recolhe algo pequeno e branco. Henry e eu nos empelotamos junto a ele e ficamos contemplando um ratoncillo, que fica quieto na palma da mão do Kendrick, piscando os olhos os ojitos. Kendrick se tira do bolso uma pequena lanterna em forma de caneta, acende-a e lança rápidos brilhos em direção ao animal, o qual entra em tensão e desaparece.

-Vá... -digo eu.

Kendrick volta a colocar o pano sobre a jaula e acende as luzes.

-Publicarão-o a semana que vem no próximo número do Nature -diz sorridente-. Será o artigo de fundo.

-Felicidades -intervém Henry, olhando o relógio-. Quanto tempo revistam estar fora? Aonde vão, por certo?

Kendrick assinala com um gesto a máquina do café e ambos assentimos.

-Revistam estar fora uns dez minutos mais ou menos -diz; serve três taças de café enquanto fala e nos oferece uma a cada um-. Vão ao laboratório de animais que há no porão, onde nasceram. Não parecem ser capazes de viajar mais de uns poucos minutos em ambos os sentidos.

Henry assente.

-Demorarão mais à medida que cresçam.

-Sim, até agora isso se cumpriu.

-Como o tem feito? -pergunto ao Kendrick. Ainda me custa acreditar que o tenha conseguido realmente.

Kendrick sopra seu café, toma um sorbito e faz uma careta. O café é amargo, e eu acrescento açúcar ao meu.

-Bom, contribuiu muito o que Celera achasse a seqüência completa do genoma do camundongo. Isso nos indicou onde tínhamos que procurar os quatro gens que eram nosso objetivo. Entretanto, tivéssemos podido nos arrumar sem isso. Começamos a clonar seus gens -segue explicando o médico-, e logo empregamos enzimas para cortar as porções danificadas do DNA. Então agarramos esses fragmentos e os penetramos em embriões de camundongo a nível da quarta divisão celular. Isso foi o mais fácil.

-Claro, resulta evidente -diz Henry, arqueando as sobrancelhas-. Clare e eu o fazemos continuamente na cozinha de casa. nos diga então onde radica a complicação.

-sinta-se sobre a mesa e deixa o café a um lado.

Na jaula ouço o chiado da roda de exercícios. Kendrick me olhe de soslaio.

-O difícil foi conseguir que as mães dos ratos cumprissem com os prazos de gestação dos ratos modificados. Não paravam de morrer, sofriam umas hemorragias internas que as levavam a morte.

-As mães morriam? -Henry parece muito alarmado.

-As mães morriam, sim, e as crias também. Não podíamos entendê-lo, assim começamos a observá-lo-las vinte e quatro horas do dia, e então vimos o que ocorria.

Os embriões viajavam fora do útero das mães, e logo voltavam para ele. As mães sangravam por dentro até falecer; ou simplesmente abortavam o feto aos dez dias de gestação. Foi muito lhe frustrem.

Henry e eu intercambiamos um breve olhar de cumplicidade.

-Estamos familiarizados com o tema -digo ao Kendrick.

-Sim... mas nós achamos a solução do problema.

-Como? -pergunta Henry.

-Decidimos que poderia tratar-se de uma reação imune. Existe um corpo estranho nos ratos fetais e o sistema imunológico da mãe tentava combatê-lo, como se se tratasse de um vírus ou um pouco parecido. portanto, anulamos esse sistema imunológico da mãe e tudo começou a funcionar como por arte de magia.

Meus ouvidos captam os batimentos do coração de meu coração. Como por arte de magia...

De repente, Kendrick se agacha e agarra algo que corre pelo chão.

-Já te tenho! -exclama, mostrando o camundongo entre suas mãos.

-Bravo! -Coréia Henry-. E agora, o que?

-Terapia de gens -explica Kendrick-. Medicamentos -acrescenta, encolhendo-se de ombros-. Apesar de que podemos provocá-lo, ainda desconhecemos o porquê e o como acontece. Por isso tentamos compreendê-lo.

Kendrick oferece o camundongo ao Henry, quem põe as mãos em forma de terrina para que Kendrick coloque o bichinho dentro. Henry o inspeciona com curiosidade.

-Leva uma tatuagem -precisa.

-É o único modo de lhes seguir a pista -esclarece Kendrick-. Voltam loucos aos técnicos do laboratório de animais, porque não param de escapar.

Henry ri.

-Essa é a vantagem darwiniana de que desfrutamos: a via de escapamento.

Acaricia o camundongo, que defeca em sua palma.

-Tolerância ao estresse, zero -informa Kendrick devolvendo o ratoncillo a sua jaula, o qual foge para o interior do cilindro de papel higiênico.

O primeiro que faço ao chegar a casa é chamar por telefone à doutora Montague e começar a balbuciar sobre imunossupressores e hemorragias internas. A médica me escuta com atenção e me diz que vá vê-la na próxima semana, porque no ínterim realizará algumas investigações. Penduro o auricular e Henry me observa nervoso por cima da seção de negócios do Teme.

-Vale a pena lhe tentá-lo digo.

-Recorda a quantidade de mães roedoras mortas que houve antes de que resolvessem o problema.

-Mas funcionou! Kendrick obteve que funcionasse!

-Sim -se limita a dizer Henry, e logo reata sua leitura.

Abro a boca, mas logo mudança de idéia e saio de casa para me colocar no estudo, estou muito excitada para discutir. Funcionou como por arte de magia. Como por arte de magia!

Cinco

Quinta-feira 11 de maio de 2000

Henry tem 39 anos, e Clare 28

Henry: Vou caminhando pela rua Clark, entrada já a primavera de 2000. Não há nada estranho em tudo isto. No Andersonville faz uma tarde preciosa e cálida, e toda a juventude que segue a moda está sentada às mesitas do Kopi's, tomando o reputado café frio, ou sentada às mesas tamanho normal de Reza's, comendo cuscus, ou passeando, fazendo caso omisso das lojas de quinquilharias suecas e profiriendo louvores aos cães de outros. Deveria estar no trabalho, em 2002, mas... o que lhe vamos fazer. Matt terá que me substituir em minha exposição desta tarde, suponho. Tomo nota mentalmente de convidá-lo para jantar.

Vou passeando sem rumo fixo quando, de improviso, vejo o Clare ao outro lado da rua. Está frente a George's, a loja de moda com mais soleira, contemplando uma cristaleira de roupa de bebê. A saudade se reflete inclusive em suas costas, inclusive seus ombros suspiram de desejo. Enquanto a observo, ela inclina a frente contra o cristal do aparador e fica quieta, abatida. Cruzo a rua, esquivando uma caminhonete do UPS e um Volto, e me detenho o chegar junto a ela. Clare levanta o olhar, surpreendida, e vê meu reflexo no cristal.

-Ah, é você -me diz, e se volta-. Acreditava que estava no cinema com o Gómez.

Clare parece estar à defensiva, sentir-se algo culpado, como se a tivesse pego fazendo algo ilícito.

-Provavelmente aí estou. supõe-se que em realidade agora eu teria que estar trabalhando. Em 2002.

Clare sorri. Parece cansada, faço um cálculo mental e me dou conta de que nosso quinto aborto foi faz três semanas. Hesitação, e então a rodeio com meus braços.

Para meu alívio, Clare se relaxa no abraço, e apóia a cabeça em meu ombro.

-Como está?

-Fatal -me responde baixinho-. Cansada.

Lembro-me. Esteve em cama durante semanas.

-Henry, vou abandonar -me diz me observando; tenta calibrar minha reação, sopesando o peso de suas palavras com meu conhecimento do tema-. vou deixar o correr.

Não acontecerá, de todos os modos.

Há algo que me impeça de lhe dar o que necessita? Não me ocorre nenhuma só razão para não contar-lhe Permaneço em pé, devanandome os miolos por achar qualquer motivo que límpida que saiba. O único que me vem à mente é sua segurança, que agora estou a ponto de lhe forjar.

-Persevera, Clare.

-O que?

-Segue assim. Em minha presente, temos um bebê.

Clare fecha os olhos e sussurra.

-Obrigado.

Não sei se me diz isso ou a Deus. Tampouco importa muito.

-Obrigado -volta a dizer, me olhando, me falando, e eu me sinto como se fora o anjo de alguma versão demenciada da Anunciação.

Inclino-me sobre ela e a beijo; noto a determinação, a alegria e o propósito abrindo acontecer com través do Clare. Lembrança a cabeça diminuta, coroada de cabelo negro e apontando entre as pernas do Clare, e me maravilho de que este momento tenha criado esse milagre, e viceversa. Obrigado. Obrigado.

-Sabia? -pergunta-me Clare.

-Não.

Parece decepcionada.

-Não só não sabia, mas sim fiz todo o possível para impedir que voltasse a ficar grávida.

-Fantástico -ri Clare-. Quer dizer, que aconteça o que acontecer, solo tenho que ficar calladita e deixar que tudo siga seu curso, não?

-Sim.

Clare me sorri, e eu lhe devolvo o sorriso. Terá que deixar que tudo siga seu curso.

Seis

Sábado 3 de junho de 2000

Clare tem 29 anos, e Henry 36

Clare: Estou sentada à mesa da cozinha, folheando ociosa o Chicago Tribune e observando ao Henry enquanto desempacota a compra. As bolsas de papel marrom se encontram alinhadas perfeitamente sobre o mármore, e Henry vai tirando delas ketchup, frango e queijo gouda, como se fora um mago. Quase espero ver aparecer o coelho e os lenços de seda. Entretanto, ante minha vista desfilam cogumelos, judias pinta, talharins, alface, uma abacaxi, leite desnatado, café, rabanetes, nabos, nabo,

aveia, manteiga, queijo tenro, pão de centeio, maionese, ovos, cuchillas de barbear, desodorante, maçãs Granny Smith, mescla de nata e leite, rosquinhas de pão, camarões-rosa langostineras, queijo para lubrificar, Frosted MiniWheats, molho napolitano, suco de laranja gelado, cenouras, camisinhas, batata-doces... camisinhas?

Levanto-me e me aproximo do mármore, coxo a caixa azul e a sacudo diante do Henry.

-O que? Está tendo uma aventura?

Henry levanta os olhos e me olhe com expressão desafiante enquanto revolve no congelador.

-Não, em realidade, assaltou-me uma revelação. Estava de pé, no corredor da massa dentifrícia, quando me aconteceu. Quer que te conte a história?

-Não.

Henry se levanta e se volta para mim. Sua expressão é de resignação.

-Bom, contarei-lhe isso de todos os modos: não podemos seguir tentando o do bebê.

Traidor.

-Mas estávamos de acordo em que...

-Em seguir tentando-o. Acredito que com cinco abortos há mais que suficiente. Penso que já o tentamos.

-Não! Quero dizer... por que não voltamos a tentá-lo? -Procuró que minha voz não trasluzca nenhum deixo de súplica, que a raiva que me acumula na garganta não se verta em minhas palavras.

Henry se afasta do mármore e se situa frente a mim, mas não me toca, sabe que não pode me tocar.

-Clare, a próxima vez que tenha outro aborto, isso te matará; e não estou disposto a seguir fazendo algo que te levará a morte. Cinco embarços... Sei que quer voltar a tentá-lo, mas eu não posso. Não posso suportá-lo mais, Clare. Sinto muito.

Saio pela porta traseira e fico sob o sol, perto do arbusto de amoras. A nossos filhos, mortos e envoltos em suave papel de seda de fibras naturais de gampi, em seus cajitas de madeira, qual cunitas diminutas, dá-lhes a sombra agora, ao cair a tarde, junto às rosas. Noto o calor do sol na pele e tremo por eles, que jazem no mais profundo do jardim, frios neste temperado dia de junho. "me ajude -digo a nosso futuro filho sem falar-. Ele não sabe nada, assim não posso dizer-lhe Vêm logo."

Sexta-feira 9 de junho de 2000; 19 de novembro de 1986

Henry tem 36 anos, e Clare 15

Henry: São nove e quarenta e cinco da manhã de uma sexta-feira, e estou sentado na sala de espera de um tal doutor Robert González. Clare não sabe que estou aqui. decidi me submeter a uma vasectomia.

A consulta do doutor González se encontra na estrada Sheridan, perto do Diversey, em um centro médico de pijos que há um pouco mais acima do Conservatório do Parque Lincoln. A decoração da sala de espera é em tons marrom e verde caqui, e se prodigaliza em panelados e gravuras emolduradas dos ganhadores do Derby da década de 1880. Muito masculino. Vêm-lhe vontades de levar uma jaqueta de smoking e agarrar um enorme charuto entre os dentes. Necesito um gole.

Uma mulher muito agradável de Planejamento Familiar me assegurou com sua voz doce e perita que apenas me doeria. Há outros cinco tipos sentados a meu lado.

Pergunto-me se terão gonorréia ou se a próstata lhes está dando guerra. Pode que alguns se encontrem em meu caso, sentados nesta sala de espera, aguardando para

finalizar suas trajetórias profissionais como pais em potência. Sinto-me algo solidário com estes desconhecidos, sentados todos juntos nesta sala de couro e madeira marrom, em uma manhã cinza, esperando para entrar na sala de consulta e baixá-los calças. Um homem muito velho está sentado para diante, com as mãos agarradas à fortificação e os olhos fechados sob umas grosas óculos que magnificam suas pálpebras. Não acredito que tenha vindo a que lhe dêem um tesourada. O adolescente, que está folheando um número antigo do Esquire, finge indiferença. Fecho os olhos e imagino que estou em um bar, e que a garçonete me dá as costas enquanto mescla um bom scotch de malte com um dedito de água morna. Possivelmente se trata de um pub inglês. Sim, isso explicaria a decoração. O homem que está sentado a minha esquerda tosse, com uma profunda tosse que arranca dos pulmões e o sacode inteiro. Abro os olhos, e vejo que ainda sigo sentado na sala de espera do médico. Miro furtivamente o relógio do indivíduo que tenho à direita. Leva um desses imensos relógios esportivos que se utilizam para cronometrar os sprints ou anunciar a chegada do casco de navio nodriza. São as 9.58. Minha entrevista é dentro de dois minutos. De todos os modos parece que o doutor leva atraso.

-Senhor Fita de seda -chama a recepcionista.

O adolescente se levanta com brutalidade e cruzamento a porta profusamente panelada que conduz ao despacho do médico. O resto de nos olhamos, às escondidas, como se estivéssemos no metro e alguém tentasse nos vender Streetwise.

A tensão me há posto rígido, e me digo que o que vou fazer é algo bom e necessário. Não sou um traidor. Absolutamente sou um traidor, mas sim estou lhe economizando ao Clare momentos de terror e sofrimento. Ela jamais saberá. Não me doerá. Bom, ao melhor dói um poquinho. De todos os modos, algum dia o contarei e ela se dará conta de que tão solo cumpro com minha obrigação. Tentamo-lo. Não ficava outra alternativa. Não sou um traidor. Mesmo que aduela, haverá valido a pena. Faço isto porque a amo. Penso no Clare e a vejo sentada em nossa cama, coberta de sangue, chorando, e me entram náuseas.

-Senhor DeTamble.

Levanto-me, e agora sim que me sinto enjoado de verdade. Os joelhos me fraquejam. Dá-me voltas a cabeça e me dobro para diante, vomitando. Estou a quatro patas, o estou acostumado a está frio e talher de fibras de erva morta. Não tenho nada no estômago, e cuspo mucosidades. Faz frio. Levanto os olhos. Acho-me no claro do prado. As árvores não têm folhas, e no céu umas nuvens plainas auguram um anoitecer cedo. Estou sozinho.

Levanto-me e encontro a caixa de roupa. Em pouco tempo me visto com uma camiseta do Gang of Four, um pulôver e alguém nos cubra, uns meias três-quartos grossos e umas botas negras de militar, um casaco de lã negro e umas luvas enormes, cor azul céu. Algo conseguiu penetrar dentro da caixa e construiu aí seu ninho. A roupa indica que devemos nos encontrar em meados dos oitenta. Clare terá uns quinze ou dezesseis anos. Pergunto-me se será melhor esperá-la passeando ou partir. Não sei se neste preciso instante poderei me enfrentar à exuberância juvenil do Clare. Volto-me e caminho para o horta.

Parece que estejamos no fim de novembro. O prado é marrom, e emite um som vibrante sob o vento. Uns corvos estão lutando por umas maçãs que o vento tem feito cair ao bordo do horta. Enquanto me aproximo deles ouço que alguém ofega e vem correndo para mim por detrás. Volto-me e vejo o Clare.

-Henry...

Falta-lhe o fôlego, e sua voz soa acatarrada. Sotaque que se recupere; boqueia durante um minuto. Não posso falar com ela. Clare segue plantada ante mim, respirando, e seu fôlego se condensa ante seu rosto e forma nuvens brancas; seu cabelo, de um vermelho vivo, contrasta com o cinza e o marrom, e sua pele é rosada e pálida.

Volto-me e caminho para o horta.

-Henry... -Clare me segue, agarra-me pelo braço-. O que? me diga o que tenho feito. por que não quer falar comigo?

Pelo amor de Deus.

-Estava tentando fazer algo por ti, algo importante, e não saiu bem. Pu-me nervoso, e terminei vindo aqui.

-O que era?

-Não lhe posso dizer isso Nem sequer lhe ia contar isso no presente. Você não gostaria.

-Então, por que queria fazê-lo? -Clare treme contra o vento.

-Era o único modo. Não conseguia que me escutasse. Acreditei que deixaríamos de brigar se o fazia -lhe confesso suspirando. Voltarei a tentá-lo e, se for necessário, uma e outra vez.

-por que brigamos? -pergunta-me Clare, me olhando aos olhos, tensa e angustiada. Destila-lhe o nariz.

-Está resfriada?

-Sim. por que brigamos?

-Tudo começou quando a esposa de seu embaixador esbofetou a amante de meu primeiro-ministro em uma velada que se celebrava na embaixada, incidente que influiu na tarifa da aveia, o qual provocou um alto índice de desemprego e os consequentes tumultos...

-Henry!

-O que?

-Só por uma vez, peço-te que solo por uma só vez deixe de te burlar de mim e responda a minha pergunta.

-Não posso.

Sem premeditação Clare me gorjeta uma boa bofetada. Dou um passo atrás, surpreso, contente.

-Volta a me golpear.

Clare está confundida, e faz um gesto de negação.

-Por favor, Clare.

-Não. por que quer que te pegue? Eu queria te ferir.

-Desejo que me fira. Por favor -lhe suplico, baixando a cabeça.

-Mas que demônios te ocorre?

-Tudo isto é horrível; é como se eu fora insensível.

-O que é horrível? O que acontece?

-Não me pergunte isso.

Clare se aproxima de mim, muitíssimo, e me agarra a mão. Tira-me as ridículas luvas azuis, leva-se minha palma a sua boca e a remói. A dor é insuportável. Logo se detém, e eu me Miro a mão. O sangue aflora devagar, em diminutas gotas, pelo sinal da dentada. Certamente me infectará, mas de momento não me importa.

-Conta-me o -Eso no ha sido demasiado bonito -se queja con un hilo de voz.

Seu rosto está a uns centímetros do meu. A beijo de maneira violenta. resiste. A sotaque ir, e ela se volta de costas.

-Isso não foi muito bonito -se queixa com um fio de voz.

O que me está passando? Clare, aos quinze anos, não é a mesma pessoa que faz meses que me tortura, que se nega a abandonar o tema dos filhos, que arrisca sua vida e seu equilíbrio mental, convertendo o sexo em um campo de batalha, onde vão ficando disseminados cadáveres de meninos. Descanso minhas mãos em cima de seus ombros.

-Sinto muito. Sinto-o muitíssimo, Clare. Não se tratava de ti. Por favor.

Ela se volta. Está chorando, e tem um aspecto terrível. Encontro de milagre um lenço de papel no bolso do casaco. Seco-lhe a cara, e ela agarra o lenço de minha mão e se soa o nariz.

-Nunca me tinha beijado.

OH, não. Devo ter uma expressão cômica, porque Clare ri. Não posso acreditá-lo. Que idiota sou!

-OH, Clare. Tenta... Esquece-o, quer? Apaga o de sua mente. É algo que não aconteceu nunca. Vêm aqui. Quer outro? De verdade, Clare?

Clare se aproxima de mim com ar dubio. A rodeio com meus braços, olhando-a. Tem os olhos avermelhados, o nariz torcida e, sem dúvida, um resfriado de ordago. Coloco as mãos sobre suas orelhas e lhe inclino a cabeça para trás. A beijo, e intento pôr meu coração nisso, por meu bem, se por acaso volto a perdê-lo.

Sexta-feira 9 de junho de 2000

Clare tem 29 anos, e Henry 36

Clare: Henry esteve terrivelmente calado, distraído e pensativo toda a noite. Durante o jantar parecia estar rebuscando mentalmente em estanterias imaginárias algum exemplar que devia ter lido pelo menos em 1942. Além disso, leva a mão direita enfaixada. depois de jantar se foi ao dormitório e se jogou na cama, de bruces, com a cabeça pendurando dos pés do leito e os pés sobre meu travesseiro. Eu me fui ao estudo a arranhar moldes, barbas de papel e tomar o café, mas não desfrutei, porque não conseguia imaginar qual poderia ser o problema do Henry. Ao final, entro na casa. Ele segue jogado na mesma posição. Às escuras.

Tombo-me no chão. As costas me range ruidosamente quando me estiro.

-Clare.

-O que?

-Recorda a primeira vez que te beijei?

-De um modo muito vivido.

-Sinto-o -se desculpa, e se dá a volta.

Pica-me muitíssimo a curiosidade.

-O que é o que te alterava tanto? Tentava fazer algo que não saiu bem, e disse que eu não gostaria. O que era?

-Como consegue recordar todas essas coisas?

-Porque sou a genuína menina elefante. Me vais contar isso agora?

-Não.

-Se o adivinhar, dirá-me se tiver razão?

-Provavelmente não.

-por que não?

-Porque estou esgotado, e não quero brigar esta noite.

Eu tampouco quero brigar. Eu gosto de estar arremesso no chão. Está algo frio, mas é muito sólido.

-Foi a que lhe praticassem uma vasectomia.

Henry fica em silêncio. fica tão calado durante tanto tempo que me entram vontades de lhe aproximar um espelho à boca para comprovar se ainda respira. Ao final, diz-me:

-Como o soubeste?

-Em realidade não sabia, mas temia que se tratasse disso. Além disso, vi a nota que escreveu, em que apontava a entrevista que tinha com o médico esta manhã.

-Mas se queimei essa nota!

-Vi a impressão que deixou sobre a página de debaixo.

Henry grunhe.

-Muito bem, Sherlock. Apanhaste-me.

Seguimos jogados tranqüilamente na escuridão.

-Adiante.

-O que?

-Pois vê a que lhe pratiquem a vasectomia, se crie que deve fazê-lo.

Henry volta a dá-la volta e me olhe. Quão único vejo é sua cabeça escura recortada contra o teto em sombras.

-Não me está gritando.

-Não. Eu tampouco posso mais. Rendo-me. Você ganha, deixaremos de tentar ter um bebê.

-Eu não descreveria exatamente a situação como que eu ganho; mas me parece... necessário.

-Como quer.

Henry salta da cama e se recosta sobre o chão, a meu lado.

-Obrigado.

-De nada.

Beija-me. Imagino o cinza e deprimente dia de novembro de 1986, do que Henry acaba de retornar, o vento, a calidez de seu corpo no frio horta. Ao cabo de uns instantes, pela primeira vez em muitos meses, fazemos o amor sem nos preocupar das conseqüências. Henry se contagiou que resfriado que tive faz dezesseis anos. Quatro semanas depois Henry se submete a uma vasectomia e eu descubro que estou grávida pela sexta vez.

Sonhos de bebês

Setembro de 2000

Clare tem 29 anos

Clare: Sonho que estou baixando as escadas do porão da casa da avó Abshire. O largo rastro de fuligem do dia que caiu um corvo pela chaminé ainda segue na parede esquerda; os degraus estão poeirentos e o corrimão me deixa marcas cinzas na mão ao me afiançar nela; baixo e entro no quarto que sempre me assustou de pequena.

Há prateleiras fundas com fileiras e mais fileiras de latas, tomates e pepinos japoneses, guarnição de milho e beterraba. Parecem embalsamados. Em um dos potes vejo o pequeno feto de um pato. Abro-o com cuidado e verto o canetón e o fluido sobre minha mão. O animalillo boqueia e faz arcadas.

-por que me deixou? -pergunta, quando consegue falar-. Te estive esperando.

Sonho que minha mãe e eu estamos passeando por uma tranqüila rua residencial do South Haven. Eu levo um bebê em braços. Mas à medida que caminhamos a criatura se volta mais pesada, até que logo que posso sustentá-la. Volto-me para minha mãe e lhe digo que não posso levar mais ao bebê em braços; ela o agarra sem problemas

e seguimos andando. Chegamos a uma casa e percorremos o caminito de entrada até alcançar o jardincillo traseiro, onde instalaram duas telas e um projetor de diapositivas.

A gente está sentada em cadeiras de linón, admirando diapositivas de árvores. Cada tela reflete a metade de uma árvore. Em uma delas é verão e na outra inverno;

representam a mesma árvore em distintas estações do ano. O bebê ri e tábua delgada de alegria.

Sonho que estou de pé na plataforma do metro, no Sedgewick, esperando o da linha marrom. Levo duas bolsas da compra, que detrás as inspecionar resulta que contêm caixas de biscoitinhos rangentes salgados e um bebê diminuto, ainda por nascer, com o cabelo avermelhado, envolto em papel transparente.

Sonho que me encontro em casa, em meu antigo dormitório. É de noite, tarde, e a habitação está iluminada pela tênue luz do aquário. De repente me dou conta, horrorizada, de que há um animalillo nadando e dando voltas pelo tanque; Quito a tampa com urgência e pesco ao animal, que resulta ser um jerbo com brânquias.

-Sinto-o muitíssimo -lhe digo-. Me esqueci de ti. -O jerbo se limita a me olhar com ar de recriminação.

Sonho que estou subindo as escadas de Casa Cotovia do Prado. Os móveis desapareceram, as habitações estão vazias e o pó flutua sob a luz do sol, que cria lagos dourados sobre os chãos de carvalho polidos. Percorro o comprido corredor, jogando uma olhada aos dormitórios, até que chego a meu quarto, onde tão solo há uma cunita de madeira. Não se ouça som algum. Dá-me medo olhar dentro do berço. No dormitório de minha mãe há uns lençóis brancos tendidos no chão. junto a meus pés vejo uma gotita de sangue, que touca a ponta de um lençol e se propaga sob meu olhar até que todo o estou acostumado a fica talher de sangue.

Sábado 23 de setembro de 2000

Clare tem 29 anos, e Henry 37

Clare: Vivo sob a água. Tudo parece lento e distante. Sei que aí acima há outro mundo, um mundo rápido e iluminado pelo sol, onde o tempo corre como a areia seca dentro de um relógio, mas aqui embaixo, onde me encontro, o ar, o som, o tempo e as sensações são espessos e densos. Estou em um sino de imersão com este bebê, os dois sozinhos, tentando sobreviver nesta atmosfera estranha, mas me sinto muito sozinha.

-Olá, está aí? -Não recebo nenhuma resposta-. Está morto -digo ao Amit.

-Não -me responde ela, sonriente angustiada-. Não, Clare, vê-o? Aí está seu coração.

Não me consigo explicar isso Henry dá voltas a meu redor tentando me alimentar, me massagear, me animar, até que lhe dou um bofetão. Cruzo o pátio e me meto no estudo. É como um museu, um mausoléu, tão quieto, sem nada que viva nem respire, não há idéias, solo costure, objetos que me contemplam fixamente com ire acusador.

-Sinto-o -digo a minha mesa de desenho, inexpressiva e vazia, a meus cubas e moldes secos, às esculturas ao meio fazer.

"Não nascido", penso, olhando o armação envolto em papel azul íris que tão prometedora parecia em junho. Minhas mãos estão podas, suaves e rosadas. As ódio.

Ódio esta vacuidade. Ódio este bebê. Não! Não o odeio. É sozinho que não consigo encontrá-lo.

Sinto-me frente ao tabuleiro de desenho com um lápis na mão e uma folha de papel branco. Não me sai nada. Fecho os olhos e em quão único consigo pensar é no vermelho. portanto, coxo um tubo de aquarela, um vermelho cádmio escuro, e um pincel grande, de abundantes cerdas, cheio uma jarra com água e começo a cobrir o papel de vermelho. Um vermelho que brilha. O papel se enrugua pela umidade, e se obscurece à medida que se seca. Observo a secagem. Cheira a borracha arábica. No meio do

papel, muito pequeno, em tinta negra, desenho um coração, não um estúpido coração do dia de São Valentín, a não ser um coração anatomicamente correto, pequeno, como de boneca, e logo veias, delicados mapas de rotas venosas, que sobem até os borde do papel, o qual sustenta o corazoncito, enredado como uma mosca em um tecido de aranha. "Vê-o? Aí está seu coração."

feito-se de noite. Vazio a jarra de água e lavo o pincel. Fecho com chave a porta do estudo, cruzo o jardincillo e entro pela porta traseira. Henry está preparando o molho dos espaguetes. Levanta os olhos quando entro.

-Melhor? -pergunta-me.

-Melhor -asseguro a ele e a mim mesma.

Quarta-feira 21 de setembro de 2000

Clare tem 29 anos

Clare: Está jogado na cama. Há um pouco de sangue, mas não muita. Está de costas, tentando respirar, seu diminuto costillar treme, mas é muito logo, convulsiona-se, e o sangue flui do cordão ao mesmo ritmo que os batimentos do coração de seu coração. Ajoelho-me junto à cama e o recolho, recolho a meu menino pequeno, que se sacode como um pececito recém pescado, que se afoga no ar. Sustento-o, com suavidade, mas ele não sabe que estou aqui, agarrando-o; é escorregadio, e sua pele, quase imaginária. Tem os olhos fechados e penso se desesperada em lhe fazer a respiração boca a boca, no 061 e no Henry, "OH, não vá antes de que Henry possa verte!", mas seu fôlego borbulha com fluídos, essa pequena criatura marinha que respira água, e logo abre a boca, e posso ver através dela. Minhas mãos estão vazias, foi-se, partiu-se.

Não sei quanto, mas passa muito tempo. Estou ajoelhada. Reza ajoelhada:

-meu deus querido. meu deus querido. meu deus querido.

O bebê se move em meu útero. "Cala. te esconda."

Me acordado no hospital. Henry está comigo. O bebê morreu.

Sete

Quinta-feira 28 de dezembro de 2000

Henry tem 33 e 37 anos, e Clare 29

Henry: Estou de pé em nosso dormitório, no futuro. É de noite, mas a luz da lua confere à estadia uma nitidez monocromática, surreal. Noto como um timbre nos ouvidos, como está acostumado a me ocorrer no futuro. Sob o olhar e vejo o Clare e me vejo, dormidos. percebe-se a morte. Eu estou dormindo como uma bola encerrada em si mesmo, com os joelhos no peito, retorcido sob as mantas, com a boca ligeiramente aberta. Quero tocar a meu outro eu. Quero sustentá-lo em meus braços, lhe olhar aos olhos. Entretanto, isso não acontecerá; sigo em pé durante muito momento, contemplando fixamente a meu futuro eu dormido. Ao final, caminho com sigilo para o lado do Clare e me ajoelho. A cena tem reflexos de uma tremenda atualidade. Forço-me a esquecer o outro corpo que jaz na cama, a me concentrar no Clare.

Ela se move e abre os olhos. Não está segura de onde estamos. Eu tampouco.

Embarga-me o desejo, o desejo de me sentir unido de tudo ao Clare, de desfrutar de do presente. A beijo com doçura, me demorando, sem pensar em nada. Está bêbada de sonho, aproxima sua mão a meu rosto e se acordada um pouco ao sentir a solidez de minha pessoa. Agora é ela quem retorna à presente; percorre meu braço com sua mão, uma carícia. Aparto o lençol com cuidado, para não incomodar a meu outro eu, de quem Clare ainda não é consciente. Pergunto-me se este outro eu é imune ao despertar,

mas dito não averiguá-lo. Jogo-me sobre o Clare, cobrindo-a de tudo com meu corpo. Eu gostaria de impedir que voltasse a cabeça, mas o fará em qualquer momento.

Enquanto penetro ao Clare, ela me olhe, e então penso que não existo, e um segundo depois volta a cabeça e me vê. Profere um grito, afogado, e volta a me olhar a mim, em cima dela, dentro dela. Então recorda, aceita-o, "tudo isto é muito estranho, mas não passa nada", e nesse momento a amo mais que a nada em minha vida.

Segunda-feira 12 de fevereiro de 2001

Henry tem 37 anos, e Clare 29

Henry: Clare está muito estranha há uma semana. Noto-a distraída. É como se algo que solo ela pode ouvir tivesse captado sua atenção, como se fora a destinatária de certas revelações de Deus em suas vísceras ou tentasse decodificar mentalmente transmissões via satélite de criptologia russa. Quando lhe pergunto o que lhe passa, limita-se a sorrir e encolher-se de ombros. É tão pouco típico do Clare que me alarmo, e desisto imediatamente.

Uma noite em que retorno a casa do trabalho sinto sozinho olhando-a que algo horrível aconteceu. Sua expressão é de temor e súplica. aproxima-se de mim e se detém, sem dizer nada. Penso que alguém deve ter morrido. Quem há falecido? Meu pai? Kimy? Philip?

-Dava algo -lhe peço-. O que ocorreu?

-Estou grávida.

-Como é possível...? -No mesmo momento em que pronuncio estas palavras, sei exatamente como-. Não importa, já me lembro.

Para mim essa noite transcorreu faz anos, mas para o Clare tão solo faz umas semanas. Eu vinha de 1996, quando tentávamos conceber desesperadamente, e Clare logo que estava acordada. Culpo-me por ter atuado como um louco insensato. Clare está esperando minhas palavras. Obrigo-me a sorrir.

-Surpresa!

-Sim. -Parece algo lacrimosa. A coxo entre meus braços e ela me abraça com força.

-Assustada? -murmuro entre seu cabelo.

-Sim.

-Antes não tinha medo.

-Antes estava louca. Agora já sei...

-O que é.

-O que pode ocorrer.

Permanecemos na mesma posição, pensando no que poderia acontecer. Hesitação.

-Poderíamos...-sotaque cair.

-Não. Não posso.

É certo. Clare não pode. Alguém nasce e morre católica.

-Possivelmente tudo vá bem. Será um feliz acidente.

Clare sorri, e me dou conta de que o deseja, que em realidade espera que o sete seja nosso número da sorte. Sinto um nó na garganta, e tenho que me voltar.

Terça-feira 20 de fevereiro de 2001

Clare tem 29 anos, e Henry 37

Clare: A rádio despertador soa às 7.46 e a Rádio Pública Nacional me conta com tristeza que houve um acidente aéreo em algum lugar e que oitenta e seis pessoas morreram. Estou muito seguro de que sou uma delas. O espaço do Henry na cama está vazio. Fecho os olhos e sinto que estou em um pequeno beliche de um camarote, em

um cruzeiro, sulcando mares enfurecidos. Suspiro e salto alegremente da cama e me dirijo ao banho. Ao cabo de dez minutos, quando Henry aparece a cabeça pela porta e me pergunta se me encontro bem, ainda estou vomitando.

-Fantástica. Melhor que nunca.

sinta-se no bordo da banheira. De todos os modos, preferiria não ter público em momentos como este.

-Há motivo de alarme? Antes jamais vomitava.

-Amit diz que é bom sinal; supõe-se que tenho que vomitar.

A vomitona tem que ver com o fato de que meu corpo reconhece ao bebê como parte de mim mesma, em lugar de considerá-lo um corpo estranho. Amit me receitou um medicamento que dão aos que acabam de sofrer um transplante de órgãos.

-Possivelmente seria boa idéia que hoje fora ao banco de sangue a fazer uma doação para ti.

Henry e eu somos do tipo O. Assento, e logo vomito. Somos ávidos doadores de sangue; ele necessitou transfusões duas vezes, e eu três, em uma delas fez falta bastante quantidade. Sinto-me durante um minuto e logo me levanto me cambaleando. Henry me ajuda a manter o equilíbrio. Seco-me os lábios e me lavo os dentes. Henry baixa a preparar o café da manhã. De repente me embarga um desejo irrefreável de tomar aveia.

-Aveia! -grito de acima.

-De acordo!

Começo a me escovar o cabelo. O reflexo no espelho me devolve uma imagem de mim mesma rosada e torcida. Eu acreditava que as grávidas resplandeciam; mas eu não resplandeço absolutamente. Enfim, ainda sigo grávida, e isso é o que conta.

Quinta-feira 19 de abril de 2001

Henry tem 31 anos, e Clare 29

Henry: Encontramo-nos na consulta do Amit Montague para realizar uma ecografia. Clare e eu estamos ansiosos, ao mesmo tempo que reticentes, por nos submeter a esta prova. Negamo-nos a realizar uma amniocentesis, porque estamos seguros de que perderemos ao bebê se o cravarmos com uma larga agulha. Clare está na décima oitava semana de gestação. A metade de caminho; sim pudéssemos dobrar o tempo agora mesmo como em um test do Rorschach, estaríamos na ruga do meio. Vivemos agüentando a respiração, temerosos de exalar por medo a expulsar o bebê muito logo.

Sentamo-nos na sala de espera com outros casais que esperam e mães com cochecitos e meninos pequenos que correm por aí, golpeando-se contra os objetos. A consulta da doutora Montague sempre me deprime, porque passamos muito tempo neste lugar, angustiados e recebendo más notícias. Entretanto hoje é distinto. Hoje tudo sairá bem.

Uma enfermeira pronuncia nossos nomes. Entramos em uma sala de consulta. Clare se nua e sobe à maca para que lhe estendam uma gelatina e lhe façam uma ecografia.

O técnico olhe o monitor. Amit Montague, que é alta, majestosa e marroquino francófona, observa o monitor. Clare e eu nos damos a mão. Também observamos o monitor.

Pouco a pouco a imagem se vai formando, a pedacinhos.

Sobre a tela aparece um mapa-múndi do tempo, ou uma galáxia, um torvelinho de estrelas. Possivelmente seja um bebê.

-Bem joué, une fille -exclama a doutora Montague-. Se está chupando o polegar. É muito bonita e muito grande.

Clare e eu suspiramos. Sobre a tela uma galáxia muito formoso se está chupando o polegar. Enquanto seguimos olhando-a, ela se tira a mão da boca.

-Está sorrindo -precisa a doutora Montague.

Nós também.

Segunda-feira 20 de agosto de 2001

Clare tem 30 anos, e Henry 38

Clare: O bebê tem que chegar dentro de duas semanas e ainda não decidimos seu nome. De fato, apenas o falamos; evitamos o tema por pura superstição, como se encontrar um nome para o bebê pudesse chamar a atenção das Fúrias e provocar que viessem a atormentá-lo. Ao final, Henry traz para casa um livro titulado Dicionário de nomes próprios.

Estamos na cama. Solo são oito e meia e já estou para o arrasto. Joguei-me que flanco, porque meu ventre é uma península, de cara ao Henry, quem também jaz na mesma posição, frente a mim, com a cabeça apoiada no braço e o livro sobre a cama, entre os dois. Olhamo-nos e sorrimos nervosos.

-Alguma idéia? -pergunta, folheando o livro.

-Jane.

-Jane? -exclama, fazendo uma careta de desgosto.

-Sempre chamava Jane a todas minhas bonecas e animais de peluche. A todos eles sem exceção.

-Significa "presente de Deus" -esclarece Henry levantando os olhos.

-Isso já vale para mim.

-lhe ponhamos um pouco mais original. O que te parece Irette? E Jodotha? -propõe passando Este página é bom: Loololululah. Significa "pérola" em árabe.

-E Pérola, tudo bem? -Imagino ao bebê como uma bolinha branca, suave e iridescente.

Henry percorre com o dedo as colunas.

-Vejam: "(latim) Uma provável variante de perula, em referência à forma mais valiosa deste produto de uma enfermidade".

-Puajjj... O que pretendem com este livro? -O arrebatado e, para me divertir, procuro "Henry": "(teutónico) Governante do lar: chefe da morada".

Henry ri.

-Procuremos "Clare".

-É outra forma de "Clara: (latim) Ilustre, brilhante".

-Isso está bem.

Passado as páginas do livro ao azar.

-Filomele?

-Eu gosto, mas o que me diz dos horripilantes diminutivos que se desprendem? Fio? Mel?

- "Pyrene: (grego) Ruiva."

-E se não o é? -Henry agarra o livro, empunha meu cabelo e se mete as pontas na boca. Estiro para ficar livre dele e me aparto o cabelo para trás.

-Acreditava que já sabíamos tudo o que terá que saber desta criatura. Suponho que Kendrick fez a prova de se era ruiva.

Henry me agarra o livro de novo.

-Isolda? Zoe? Eu gosto de Zoe. Zoe tem possibilidades.

-O que significa?

-Vida.

-Sim, está muito bem. Anota-o.

-Eliza -propõe Henry.

-Elizabeth.

Henry me olhe e vacila.

-Annette.

-Lucy.

-Não -responde Henry com firmeza.

-Tem razão, não.

-O que precisamos é começar de zero. Fazer borrão e conta nova. Chamemo-la Tabula Rasa.

-Chamemo-la Branco Titânio.

-Blanche, Branca, Bianca...

-Alvorada -sugiro eu.

-Como a duquesa de...?

-Alvorada DeTamble -pronuncio me desfrutando.

-Sonha bem, com todos esses jambos encadeados... -Henry vai acontecendo as folhas do livro-
."Alvorada: (latim) Branco; (provençal) Alvorada do dia." Hummm.

Baixa da cama com esforço. Ouço-o revolver na sala de estar; retorna ao cabo de uns minutos com o primeiro volume do Dicionário de Inglês de Oxford, o Grande Dicionário Random House e minha velha e decrépita Enciclopédia Americana, vol. I, A - Anuários.

-"Canção da alvorada dos poetas provençais... em honra a seus amantes. Réveillés, Á l'aurore, par o cri du guetteur, deux amants qui viennent de passer a nuit ensemble se séparent em maudissant le jour qui vient trop tôt; tel est o thème, non moins invariável que celui da pastourelle, d'un gente dont o nom est emprunté au mot alvorada, qui figure parfois au estréia da pièce. Et régulièrement a fim de chaque couplet, où il forme refrain." Que triste! Provemos com o Random House.

Parece que melhora a coisa. "Uma cidade branca situada em uma colina. Fortaleza." -Atira fora da cama o dicionário e abre a enciclopédia-. Alarcón, capataz, Alaska... vale, sim, aqui vem Alvorada. -Lê em diagonal a entrada-. "Grupo de cidades desaparecidas da antiga Itália / Duque de Alvorada."

Suspiro e me volto de costas. O bebê se move. Devia estar dormido. Henry segue com o tema e agora folheia o Dicionário de Inglês de Oxford.

-Albaire. Albana. Aquitano. Arambel. Jesus, a de coisas que publicam estes dias nos manuais de consulta.

Henry desliza a mão sob minha camisola e acaricia devagar meu estômago esticado. O bebê dá patadas, com força, justo onde nota a mão, e ele se surpreende e me olhe, assombrado. Suas mãos avançam errantes, procurando seu caminho em terrenos conhecidos e ignotos.

-Quanto DeTambles lhe cabem aí dentro?

-OH, sempre há espaço para um mais.

-Alvorada -diz ele baixinho.

-Uma cidade branca. Uma fortaleza inexpugnável sobre uma colina branca.

-Gostará.

Henry me baixa as braguitas e me tira isso pelos tornozelos. Logo as lança fora da cama e me olhe.

-Com cuidado... -digo-lhe.

-Com muitíssimo cuidado -acessa ele, enquanto se tira a roupa.

Sinto-me imensa, como um continente em muito travesseiros e mantas. Henry se dobra sobre mim desde atrás, move-se em cima de meu corpo, como um explorador que desenhasse o mapa de minha pele com a língua.

-Devagar, devagar...-Tenho medo.

-Uma canção que entoam os trovadores de madrugada... -sussurra Henry a meu ouvido enquanto penetra.

-... a seus amantes -respondo eu. Tenho os olhos fechados e ouço o Henry como se estivesse na habitação contígua.

-Assim... Sim. Sim!

Alvorada, introdução

Quarta-feira 16 de novembro de 2011

Henry tem 38 anos, e Clare 40

Henry: Encontro-me na sala dos surrealistas do Instituto de Arte de Chicago, no futuro. Não vou precisamente bem vestido; o melhor que pude conseguir é um comprido abrigo negro de inverno do figurino e umas calças da bilheteria de um dos vigilantes. É certo que consegui me fazer com uns sapatos, que sempre é o mais difícil de encontrar. Por conseguinte, imagino que roubarei alguma carteira, comprarei-me uma camiseta na loja do museu, comerei, verei a exposição e logo sairei apitando do edifício para entrar em um mundo povoado por lojas e habitações de hotel. Não tenho nem idéia de em que momento me encontro. Suponho que não devo me achar em uma época muito distante da minha, porque a roupa e os penteados não são muito diferentes dos de 2001. Sinto-me excitado ao mesmo tempo que molesto por esta breve estadia, dado que em minha presente Clare está a ponto de ter a Alvorada em qualquer momento, e se houver algo que decididamente desejo é estar aí; por outro lado, entretanto, este viaje através do tempo futuro é um presente de insuspeitada qualidade. Sinto-me forte, e encravado no presente, encontro-me muito bem. Nestes momentos estou de pé e em silêncio em uma sala escura, cheia de pajareras do Joseph Cornell iluminadas com focos, contemplando um grupo escolar que segue a um guia e arrasta as sillitas sobre as que se acomodam os alunos obedientes quando a professora o indica.

Observo o grupo. A guia se ajusta ao sabido padrão: uma mulher arrumada, de uns cinquenta anos, com um cabelo de um loiro impossível e o rosto tenso. A professora, uma jovem de aspecto risonho que leva pintalábios azul claro, está de pé depois do grupo de estudantes, lista para controlar a qualquer que possa armar alvoroço. São os estudantes, entretanto, os que me interessam. Têm uns dez anos aproximadamente, e cursam quinto, suponho. A escola é católica, porque todos os alunos vão vestidos de modo idêntico, as moças a quadros verdes e os meninos de azul marinho. Empréstam atenção e som educados, mas não se mostram inquietos. É uma pena; eu diria que Cornell é perfeito para os meninos. A guia parece tomá-los por mais jovens do que são, e os fala como se fossem pequenos. Há uma menina na última fila que parece mais interessada que o resto. Não posso lhe ver a cara. Tem o cabelo comprido, negro e encaracolado, e leva um vestido azul pavão que a distingue de seus companheiros. Cada vez que a guia formula uma pergunta, a menina levanta a mão, mas a mulher nunca lhe concede a palavra. Advirto que se está fartando.

A conferência é sobre as pajareras do Cornell. Cada uma delas é lóbrega, e possui um interior pintado de branco com os mesmos paus e buracos que teria uma jaula; algumas inclusive têm pássaros desenhados dentro. São as peças mais inóspitas e austeras do autor, desprovidas do capricho do Conjunto de Borbulhas de Sabão ou o romantismo das Pajareras de Hotel.

-por que criem que o senhor Cornell ideou estas pajareras? -pergunta a guia; observa com vivacidade aos meninos para que lhe respondam, mas entretanto ignoram à menina de azul pavão, que move a mão como se fora presa do baile de São Veto. Um menino sentado diante intervém com acanhamento; diz que ao artista deveram lhe gostar de muito os pássaros. Isso é muito para a muchachita, que se levanta com a mão ainda elevada até que a guia se vê obrigada a lhe pedir sua opinião.

-Acredito que construiu as pajareras porque se sentia sozinho. Não tinha a ninguém a quem amar, e construiu as pajareras para que pudessem amá-lo, desse modo a gente saberia de sua existência, e também porque os pássaros são livres e as pajareras são esconderijos para que as aves se sintam seguras, e ele queria sentir-se livre e a salvo. As pajareras são para ele, para que ele possa ser um pássaro.

Depois de seu discurso a menina se senta. Sua resposta me deixou assombrado. Ante mim tenho a uma muchachita de dez anos capaz de sintonizar com o Joseph Cornell. Nem a guia, nem a classe sabem exatamente que interpretação dar a suas palavras, mas a professora, que sem dúvida alguma está acostumada a lhe dizer:

-Obrigado, Alvorada. É um comentário muito perspicaz.

A menina se volta e sorri agradecida à professora, e então lhe vejo a cara, e me dou conta de que estou olhando a minha filha. Dou uns passos da galeria contígua para vê-la melhor, para admirá-la, e ela se precave de minha presença e lhe ilumina o rosto. Sai disparada de seu sítio, derruba seu sillita dobradiça e quase antes de que me dê conta tenho a Alvorada em braços, estou abraçando-a com todas minhas forças, ajoelhado ante ela e apertando-a contra meu peito, enquanto ela não pára de me chamar "papai".

Todos nos observam com a boca aberta. A professora corre para nós.

-Alvorada, o que significa isto? Faça o favor de me dizer quem é você, senhor.

-Sou Henry DeTamble, o pai de Alvorada.

-Ele é meu papai!

A professora virtualmente se retorce as mãos.

-Olhe... O pai de Alvorada está morto.

Fico sem fala, mas Alvorada, digna filha de seu pai, sabe controlar a situação.

-Está morto, mas sua morte não é contínua.

-É algo difícil de explicar... -começo a lhe contar, me recuperando do impacto.

-É uma PCD -informa Alvorada-, igual a eu.

A explicação parece satisfazer plenamente à professora, embora para mim não signifique nada. A jovem está algo pálida sob a maquiagem, mas seu olhar é compassivo.

Alvorada me estreita a mão com força. Dava algo, quer dizer com seu gesto.

-Ah, senhora...

-Cooper.

-Senhora Cooper, haveria alguma possibilidade de que Alvorada e eu pudséssemos dispor de uns minutos para falar? Não nos vemos muito...

-Bom... A verdade é que eu... É uma visita da classe e o grupo... Não posso lhe permitir que separe à menina do grupo, e a verdade é que não sei a ciência certa se você for o senhor DeTamble.

-Chamemos mamãe -propõe Alvorada, quem corre para sua mochila e saca de seu interior um telefone móvel. Pressiona uma tecla e ouço que o telefone está marcando.

Advirto rapidamente que este artefato me oferece um montão de possibilidades.

Alguém agarra o telefone ao outro extremo e Alvorada pergunta:

-Mamãe? Estou no Instituto de Arte de Chicago... Não, estou bem. Ouça, mamãe, papai está aqui! Lhe diga à senhora Cooper que se trata dele, quer? Sim, vale, adeus.

Alvorada me tende o telefone. Hesitação, mas recuperação a compostura.

-Clare? -Ouço que se ficou sem fôlego- Me ouve, Clare?

-Henry! meu deus, não posso acreditá-lo! Vêem casa!

-Tentarei-o...

-De que época vem?

-Do ano 2001. Justo antes de que nascesse Alvorada -lhe explico, sonriando a minha filha, quem se recosta contra mim, me agarrando a mão.

-Possivelmente seja melhor que me eu aproxime.

-Ganharíamos tempo. Escuta, pode lhe dizer a sua professora que sou quem digo ser?

-Claro... onde estará?

-Nos leões. Vêem o mais rápido que possa, Clare. Isto não durará muito.

-Quero-te.

-Quero-te, Clare. -Duvido, e então tendo o telefone à senhora Cooper, quem mantém uma breve conversação com o Clare, até que esta última de algum modo a convence para que me permita me levar a Alvorada até a entrada do museu, onde nos encontraremos com ela.

Dou-lhe as graças à senhora Cooper, que resultou ser alguém que sabe resolver com tato situações francamente delicadas, e Alvorada e eu vamos da mão, passamos pela asa Morton, baixamos a escada de caracol e entramos nas cerâmicas chinesas. Minha mente funciona veloz. O que pergunto primeiro?

-Obrigado pelos vídeos -me diz Alvorada-. Mamãe me deu de presente isso por meu aniversário.

Que vídeos?

-Sei fazer o Yale e o Master, e agora estou trabalhando o Walters.

Fechaduras. Está aprendendo a abrir fechaduras.

-Fantástico. Segue assim. Escuta, Alvorada.

-me diga, papai.

-O que é uma PCD?

-Uma pessoa cronodesplazada.

Sentamo-nos em um banco que há diante do dragão de porcelana da dinastia Tang. Alvorada se senta frente a mim, com as mãos no regaço. Tem o mesmo aspecto que tinha eu aos dez anos. Custa-me muito acreditar o que estou vendo. Alvorada ainda não nasceu e a tenho frente a mim, Ateneu surta em toda a extensão da palavra.

Situo a sua altura.

-Sabe? É a primeira vez que te vejo.

Alvorada sorri.

-Encantada.

É a menina mais proprietária de si mesmo que tenha conhecido jamais. Examino-a com atenção: onde está Clare nesta muchachita?

-Vemo-nos freqüentemente?

-Não muito -responde detrás valorá-lo durante uns segundos-. Faz um ano, mais ou menos. Vi-te várias vezes quando tinha oito anos.

-Que idade tinha quando faleci? -pergunto-lhe sem fôlego.

-Cinco anos.

Santo Deus. Não poderei superá-lo.

-Sinto muito! OH, não teria que havê-lo dito, verdade? -Alvorada está angustiada e eu a abraço, atraio-a para mim.

-Não passa nada. fui eu quem lhe perguntou isso, não? -Suspiro fundo-. Como está Clare?

-De acordo. Triste.

Seus comentários me ferem, e me dou conta de que não quero saber nada mais.

-O que me conta de ti? Que tal vai na escola? O que está aprendendo?

Alvorada sorri.

-Na escola não aprendo o que se diz grande coisa, mas estou lendo muitos livros sobre instrumentos antigos, e sobre o Egito; e mamãe e eu estamos lendo O senhor dos anéis, e também estou aprendendo um tango do Astor Piazzolla.

Aos dez anos? Caray.

-Com o violino? Quem é seu professor?

-O avô.

Durante uns instantes penso que se refere a meu avô, e então me dou conta de que fala de meu pai. Isto é fantástico. Se meu pai dedicar seu tempo a Alvorada, deve ser muito boa.

-É boa? -Vá pergunta mais grosseira.

-Sim, sou muito bom.

Graças a Deus.

-Eu nunca fui bom em música.

-Isso é o que diz o avô -diz Alvorada rindo-. Mas você gosta da música.

-eu adoro a música. Solo que não posso tocá-la.

-Ouvi cantar à avó Annette! Foi algo precioso!

-Em que disco?

-Vi-a de verdade. Na Ópera Poesia lírica. Estava cantando Aida.

É uma PCD, igual a eu! OH, mierda.

-Assim viaja através do tempo.

-Claro. -Alvorada sorri feliz-. Mamãe sempre diz que você e eu somos exatamente iguais. O doutor Kendrick diz que sou um prodígio.

-Mas como, por que?

-Porque às vezes posso ir aonde quero. -Alvorada parece satisfeita de si mesmo; invejo-a tanto.

-E se o deseja, pode ficar o tempo que queira?

-Bom, isso não -confessa com ar aflito-, mas eu gosto. Quero dizer que às vezes não é do mais conveniente, diria eu, mas... é interessante, sabe?

Sim, sim sei.

-Vêem ver-me, se pode escolher a época que queira.

-Tentei-o. Uma vez te vi na rua; foi com uma mulher loira; mas me pareceu que possivelmente estaria muito ocupado.

Alvorada se ruboriza e, de repente, é Clare quem me espiona desde seus olhos durante uma fração infinitesimal de segundo.

-Era Ingrid. Saí com ela antes de conhecer sua mãe. -Pergunto-me o que devíamos estar fazendo, Ing e eu, naquela época, para que Alvorada se ficou tão desconcertada; sinto uma pontada de remorso pelo fato de lhe haver causado tão má impressão a esta sóbria e encantadora menina-. Falando de sua mamãe, deveríamos ir à porta principal a esperá-la.

O zumbido agudo se instalou em meus ouvidos, e só espero que Clare chegue antes de que me tenha ido. Alvorada e eu nos levantamos e nos apressamos para a escalinata dianteira. Estamos a finais de outono, e Alvorada não leva casaco, assim que nos envolvemos com o meu. Apóio-me no saliente de granito que sustenta a um dos leões, de cara ao sul, e Alvorada se recosta contra mim, embutida dentro de meu casaco, pressionada contra meu torso nu, com solo seu carita saindo à altura de meu peito. É um dia de chuva. O tráfico flui pela avenida Michigan. Estou ébrio do amor assustador que sinto por esta menina surpreendente, que se incrusta contra mim como se me pertencesse, como se jamais fossem separar nos, como se dispuséramos de todo o tempo do mundo. Aferrou a este momento, lutando contra a fadiga e o puxão de minha própria época. "Deixa que fique", imploro a meu corpo, a Deus, ao Pai Tempo, a Papai Noel, a qualquer que possa estar escutando. Deixa que veja o Clare, e retornarei em paz.

-Aí vem mamãe -diz Alvorada.

Um carro branco, desconhecido para mim, dirige-se veloz para nós. detém-se no cruzamento e Clare salta fora do automóvel, deixando-o onde está, interrompendo o tráfico.

-Henry!

Intento emulá-la e correr a seu encontro, mas me desabo na escalinata e levanto os braços para ela. Alvorada me agarra e grita algo, Clare está sozinho a uns metros de mim, e emprego minha última reserva de vontade para olhá-la. Parece-me vê-la tão longe que lhe digo o mais claramente possível: "Quero-te", e desapareço. Maldita seja. Maldita seja!

19.20 horas, sexta-feira 24 de agosto de 2001

Clare tem 30 anos, e Henry 38

Clare: Estou arremesso na tumbona do pátio rodeada de livros e revistas e com um copo ao meio beber de limonada, colocado à altura de meu cotovelo, no que já se diluíram os cubitos. Começa a refrescar um pouco. Antes estávamos a vinte e nove graus, mas agora sopra a brisa e as cigarras cantam sua canção de finais do verão. Quinze aviões sobrevoaram o jardincillo com destino a Ou'Hare, desde orígenes desconhecidos. Meu ventre se ergue frente a mim, me andando a este lugar. Henry partiu ontem às oito da manhã e começo a sentir medo. O que acontecerá se me ponho de parto e ele não está aqui? O que acontecerá tenho o bebê e ainda não tornou? E se está ferido? E se estiver morto? O que ocorrerá se morrer eu? Os pensamentos se acontecem mordendo-a cauda, como essas peles muito estranhos que as senhoras velhas estavam acostumadas levar ao redor do pescoço, com o rabo metido entre os dentes do animal, e dão voltas e mais voltas até que já não suporte esse pensamento nem um só minuto mais. Pelo general, eu gosto de me mergulhar em um torvelinho de atividade; preocupo-me com o Henry enquanto esfrego o estudo, faço nove penetradas, ou estiro três grosas de papel. Entretanto, agora estou arremesso aqui, turma de trabalhadores por meu ventre sob o sol da tarde de nosso pátio traseiro, enquanto Henry anda por aí... dedicado você vá ou seja a que. OH, Meu deus. Faz que retorne. Agora.

Entretanto nada acontece. O senhor Panetta aparece pelo beco com o carro, e a porta de sua garagem se abre com um chiado para fechar-se a seguir. Uma caminhonete do Good Humor passa por diante. As vaga-lumes dão começo a suas festividades noturnas, mas não há nem rastro do Henry.

Está-me entrando fome. vou morrer de inanição no jardincillo porque Henry não está em casa para preparar o jantar. Alvorada se retorce em meu ventre e me proponho me levantar e ir à cozinha para me preparar algo de comer. Entretanto, dito fazer o que sempre faço quando Henry não está em casa para me alimentar. Levanto-me, devagar, por etapas, e entro na casa com passo repousado. Coxo a bolsa, acendo alguma luz, saio pela porta dianteira e a fecho com chave. Sinta-me bem me mover. De novo fico surpreendida, é algo que me deixa bastante atônita, da enormidade que tão solo acusa uma parte de meu corpo, como alguém a quem lhe deu mal resultado a cirurgia plástica, como uma dessas mulheres de uma tribo africana cuja idéia da beleza exige luzir um pescoço, uns lábios ou uns lóbulos das orelhas extremamente alargados. Equilibro meu peso com o de Alvorada, e executando esta dança siamesa nos dirigimos ao restaurante tailandês Opart.

O restaurante está fresquito e cheio de gente. Acompanham-me até uma mesa que há frente à lua central. Encargo uns rollitos da primavera e macarrão Pad Thai com tofu, uma dieta simples e fácil de digerir. Bebo um copo inteiro de água. Alvorada pressiona minha bexiga e tenho que ir ao lavabo. Quando retorno, a comida já está na mesa. Enquanto como, imagino a conversação que manteria com o Henry se ele estivesse aqui. Pergunto-me por onde andar. Repasse mentalmente minhas lembranças; tentando associar ao Henry que se esfumou ontem, enquanto ficava as calças, com qualquer outro Henry que vi durante minha infância. Enfim, isto é uma perda de tempo; terei que esperar a que ele seja mesmo quem me conte a história. Ao melhor já tornou. Tenho que me controlar para não sair disparada do restaurante e ir casa a comprová-lo. Chega o entrante. Espremo lima sobre os macarrão e me levo isso a boca. Visualizo a Alvorada, diminuta e sonrosadita, acurrucada dentro de mim, comendo Pad Thai com uns pequenos e muito finos palitos. Imagino com o cabelo negro e comprido, e os olhos verdes. Sorri-me e diz: "Obrigado, mamãe". Eu também lhe sorrio, e lhe respondo: "De nada, é um verdadeiro prazer". Leva um bichinho de peluche que se chama Alfonso, ao qual obsequia com tofu. Termino de comer e fico uns minutos sentada para descansar. Alguém da mesa do lado acende um cigarro. Pagamento e me parto.

Balanço cambaleante pela avenida do oeste. Um carro de adolescentes puertorriqueños me grita algo que não entendo. Já de volta a casa, e enquanto rebusco em minha bolsa para encontrar as chaves, Henry abre a porta de par em par e, me jogando os braços ao pescoço, exclama:

-Graças a Deus.

Beijamo-nos. Estou tão aliviada de vê-lo que demoro uns minutos em me dar conta de que ele também está tremendamente contente de lombriga.

-Onde estava? -inquire Henry.

-No Opart. E você?

-Não me deixou nenhuma nota, cheguei a casa e não estava, e pensei que teria ido ao hospital. Chamei-os, mas me disseram que não...

Ponho-se a rir, não posso parar. Henry parece perplexo. Quando consigo articular umas palavras é para lhe dizer:

-Agora já sabe o que se sente.

-Sinto-o -repõe Henry sonriendo-, mas é que... Não sabia onde estava, e senti pânico. Pensei que me perderia o de Alvorada.

-Não me contaste onde estava você.

Henry sorri.

-Não vais acreditar te o que vou contar te. me conceda um minuto. nos sentemos.

-nos joguemos melhor. Estou moída.

-O que tem feito durante o dia?

-me tombar por aí.

-Pobre Clare, não sente saudades que esteja cansada.

Entro no dormitório, acendo o ar condicionado e sob as persianas. Henry se desvia para a cozinha e reaparece ao cabo de uns minutos com refrescos. Acomodo-me sobre a cama e aceito meu ginger ale; Henry se tira os sapatos de um chute e se instala a meu lado com uma cerveja na mão.

-Conta-me o tudo.

-Muito bem. -Levanta uma sobrancelha e abre a boca, mas a fecha sem pronunciar palavra-. Não sei como começar.

-Vomita-o tudo.

-Tenho que começar dizendo que posso te assegurar que isto é o mais estranho que me aconteceu jamais.

-Mais estranho que nossa história?

-Sim. Quero dizer que isso ao menos parecia natural: menino conhece garota...

-Mais estranho que ver morrer a sua mãe uma e outra vez?

-Bom, a estas alturas isso já forma parte de uma rotina terrível. É um pesadelo que tenho de vez em quando. Não, isto era surrealista -comenta Henry, me passando a mão pelo ventre-. Fui para o futuro, e a verdade é que estive aí, sabe?, entrei com bom pé, e me encontrei com nossa filhinha, a que agora vive dentro de ti.

-OH, Meu deus... Que ciúmes que me dá! É... Uauuu.

-Sim. Tinha uns dez anos. Clare, é tão incrível... É preparada, tem dotes musicais Y... muchíssima confiança em si mesmo, não se altera por nada...

-Que aspecto tem?

-É como eu. É uma versão de mim mesmo em garota. Quer dizer, é bonita e tem seus olhos, mas em geral se parece muitíssimo a mim: cabelo negro, pálida, com ricitos... embora sua boca é mais pequena que a minha, e não tem as orelhas saídas. Levava o cabelo comprido e encaracolado, e tinha minhas mãos, os dedos largos, é alta... Era como uma gatita.

Perfeito. Perfeito.

-Temo-me, entretanto, que meus gens puderam com ela... De todos os modos, tinha sua personalidade. Um saber estar surpreendente... Vi-a com um grupo de alunos no Instituto de Arte enquanto falava das pajareras do Joseph Cornell, e disse algo tão estremeceador sobre ele... que, de algum modo, soube quem era; e ela me reconheceu.

-Bom, isso era de esperar. -Sei que tenho que perguntar-lhe Acaso ela...? Ela é...?

Henry titubeia.

-Sim -me diz ao final-. O é.

Ficamos os dois em silêncio.

-Já sei. -Henry me acaricia o rosto.

Tenho vontades de chorar.

-Clare, parecia muito feliz. O perguntei... e me disse que gostava de -confessa Henry sorrindo-. Me disse que era muito interessante.

Os dois nos rimos, um pouco forçados ao princípio, mas logo, para minha surpresa, rimos a gargalhadas, até que nos dói a cara, até que as lágrimas nos sulcam as bochechas. Porque, sem dúvida alguma, é interessante, muito mas que muito interessante.

Aniversário

Quarta-feira 5 de setembro e quinta-feira 6 de setembro de 2001

Henry tem 38 anos, e Clare 30

Henry: Clare esteve indo acima e abaixo da casa todo o dia como um tigre enjaulado. As contrações são a cada vinte minutos mais ou menos.

-Tenta dormir um pouco -lhe digo, e ela se torna na cama uns minutos e logo volta a levantar-se.

Às duas da manhã dorme finalmente. Deito-me junto a ela, acordado; observo como respira, escuto os ruídos queixosos que emite, brinco com seu cabelo. Estou preocupado, apesar do que sei, embora haja visto com meus próprios olhos que tudo irá bem, e Alvorada nascerá sem problemas. Clare se acordada às três e meia da madrugada.

-Quero ir ao hospital -me diz.

-Possivelmente deveríamos chamar um táxi -proponho-. É uma hora inoportuna.

-Gómez disse que lhe chamássemos sem nos importar a hora que fora.

-De acordo.

Marco o número do Gómez e Charisse. O telefone soa dezesseis vezes, e então Gómez desprende e fica ao aparelho; é como se uma voz proviesse do fundo do mar.

-Meh?

-Né, camarada. Já chegou o momento. Farfulla algo que sonha como "ovos com mostarda" e Charisse fica ao telefone para me dizer que já saem. Penduro, chamo à doutora Montague e lhe deixo uma mensagem na secretária eletrônica. Clare está ajoelhada a quatro patas, e se balança adiante e atrás. Tombo-me no chão junto a ela.

-Clare, ouça.

Levanta os olhos, sem deixar de balançar-se.

-Henry... por que decidimos voltar a tentá-lo?

-supõe-se que quando tudo terminou, dão-lhe um bebê e deixam que lhe fique.

-Ah, claro.

Quinze minutos depois subimos ao Volto do Gómez, quem boceja enquanto me ajuda a manobrar para introduzir ao Clare no assento traseiro.

-Nem te ocorra me empapar o carro de líquido amniótico -lhe diz em um tom amigável ao Clare.

Charisse se apressa e entra em casa para recolher umas bolsas de lixo com as que cobrir os assentos. Saltamos dentro e nos pomos em marcha. Clare se recosta contra mim e me obriga a aferrar suas mãos.

-Não me deixe.

-Claro que não. -Capto o olhar do Gómez pelo retrovisor.

-Dói. OH, Deus!, como dói!

-Pensa em outra coisa, em algo agradável.

Vamos zumbindo pela avenida do oeste em direção sul. Logo que há tráfego.

-me diga no que...

Intento encontrar alguma lembrança, e me vem à memória meu recente visita a infância do Clare.

-Recorda o dia que fomos ao lago, quando tinha doze anos? fomos nadar, e me contou que te tinha vindo a regra.

Clare está agarrando minhas mãos com uma força capaz de me destroçar os ossos.

-Ah, sim?

-Sim, sentia-se algo violenta, mas absolutamente orgulhosa de ti mesma... Levava um biquini rosa e verde, e uns óculos de sol amarelas com a arrebios de corações.

-Já me lembro... Ayyy! OH, Henry, dói, dói muitíssimo...

Charisse se volta e intervém na conversaço.

-Vamos, Clare, solo é o bebê que se apóia em sua coluna vertebral; tem que te voltar, de acordo?

Clare tenta trocar de posição.

-Já chegamos -anuncia Gómez, girando para a zona de carga e descarga das urgências do Hospital da Caridade.

-Tenho perdas -nos informa Clare.

Gómez detém o carro, salta e me ajuda a tirar o Clare do automóvel com suavidade. Ela dá dois passos e rompe águas.

-Bem a tempo, gatita -exclama Gómez.

Charisse se adianta e corre para o hospital com nossos papéis, Gómez e eu a seguimos devagar, ajudando ao Clare a entrar por urgências e caminhar por compridos corredores até chegar à asa de obstetrícia. Clare fica de pé, apoiada contra o mostrador das enfermeiras, enquanto elas lhe preparam a habitação com toda tranqüilidade.

-Não me deixe -me sussurra Clare.

-Não se preocupe -lhe repito.

Oxalá pudesse estar seguro de minhas palavras. Tenho frio e um pouco de náuseas. Clare se volta e se apóia em mim. A rodeio com meus braços. O bebê é uma redondez dura colocada entre os dois. "Sal, sal de onde esteja." Clare ofega. Uma enfermeira gorda e loira vem e nos diz que a habitação já está preparada. Dirigimo-nos ao quarto em turba. Clare se agacha em seguida no chão e fica engatinhando. Charisse começa a colocar as coisas: a roupa no armário, os artigos de asseio no banheiro. Gómez e eu seguimos de pé, observando ao Clare com impotência. Esta se queixa. Gómez e eu nos olhamos, e ele se encolhe de ombros.

-Ouça, Clare, não gostaria de um banho? Encontrará-te melhor inundada em água quente.

Clare assente. Charisse dedica uns dramalhões ao Gómez, jogando o da habitação.

-Acredito que irei fumar me um cigarro -aventura este último, e parte.

-Quer que fique? -pergunto ao Clare.

-Sim! Não vá... Fique onde possa verte.

-De acordo.

Entro no banheiro para deixar correr a água da banheira. Os banhos dos hospitais me põem os cabelos de ponta. Sempre cheiram a sabão barato e carne doente.

Abro o grifo e espero que a água se quente.

-Henry! Está aí? -grita Clare.

Indício a cabeça para o dormitório.

-Estou aqui.

-Entra -ordena Clare, e Charisse ocupa meu lugar no banheiro.

Clare profere um som que jamais lhe tinha ouvido nenhum ser humano, um grunhido profundo e desesperado de agonia. O que lhe tenho feito? Penso nessa Clare de doze anos que ri, empanada de areia molhada sobre uma toalha, com seu primeiro biquini, na praia. OH, Clare, sinto muito, sinto-o muito. Uma enfermeira maior, de raça negra, entra e lhe comprova o pescoço do útero.

-Boa garota -diz ao Clare, mimando-a-. Seis centímetros.

Clare assente, sorri e logo faz uma careta. agarra-se o ventre e se dobra em dois, queixando com maior intensidade. A enfermeira e eu a sujeitamos. Clare boqueia para agarrar ar, e logo começa a gritar. Amit Montague entra e corre para ela.

-Menina, menina, menina, tranqüila...

A enfermeira começa a dar à doutora Montague uma grande quantidade de informação que carece de significado para mim. Clare soluça. Esclareço-me garganta e me sai como um grasnido:

-E se lhe pomos a epidural?

-O que opina, Clare?

Clare assente. Várias pessoas se amontoam na habitação com tubos, agulhas e máquinas. Sigo agarrando a mão ao Clare, y observo o rosto. Está arremesso de flanco, choramingando, com a cara molhada pelo suor e as lágrimas, enquanto o anestesista pendura um soro e inserida uma agulha em seu espinho dorsal. A doutora Montague a examina, e franzido o cenho ante o monitor fetal.

-O que acontece? -pergunta-lhe Clare-. Algo vai mau.

-Os batimentos do coração do coração são muito rápidos. Sua filhinha está assustada. Tem que te acalmar, Clare, e assim o bebê se acalmará, de acordo?

-É que dói tanto...

-Isso é porque a menina é grande.

A voz do Amit Montague é fica, balsâmica. O musculoso anestesista de bigode de morsa me olhe, aborrecido, do outro lado do corpo do Clare.

-Bom, agora vamos administrar te um pequeno coquetel, né? -informa a médica-. um pouco de narcótico, algo de analgésico, e não demorará para te relaxar, e a menina também se tranqüilizará, de acordo?

Clare assente; e a doutora Montague sorri.

-E você, Henry, como está?

-Não muito depravado -aponto, tentando sorrir. Viria-me muito bem algo do que lhe estão pondo ao Clare. Começo a acusar uma ligeira dobro visão; pausa funda e o efeito desaparece.

-Bom, isto vai melhorando, nota-o? -diz a doutora Montague-. É como um nubarrón que passa, a dor desaparece, levamo-nos isso e o deixamos a um lado da sarjeta, inteiro, e você e a pequenita ficam aqui, vale? vai ser muito bonito, faremo-lo passo a passo, não há nenhuma pressa...

A tensão abandona o rosto do Clare, que tem os olhos fixos na doutora. As máquinas apitam. O quarto está em penumbra. Fora o sol se levanta. A doutora Montague está observando o monitor fetal.

-lhe diga que te encontra bem, e ela se encontrará bem. lhe cante uma canção, quer?

-Alvorada, não passa nada -diz Clare em voz baixa. Então me olhe-. Recita o poema dos amantes sobre o tapete.

Fico em branco, e logo lembrança. Sinto-me um pouco coibido por ter que recitar ao Rilke diante de toda essa gente, mas começo:

-"Engel!: É wáre ein Platz, dêem wir nicht wissen..."

-Diga-o em nossa língua -me interrompe Clare.

-Sinto muito.

Mudança de postura, sinto-me junto ao ventre do Clare, dando as costas ao Charisse, a enfermeira e a médica, e deslizo a mão sob sua camisa abotoada e tirante. Posso notar o perfil de Alvorada através da pele quente de sua mãe.

-Anjo! -digo ao Clare, como se estivéssemos em nosso leito, como se tivéssemos estado levantados toda a noite por culpa de alguma missão menos transcendental,
"Anjo: se houvesse uma praça que não conhecemos,
e ali, sobre um tapete inefável mostrassem os amantes
o que aqui nunca chegaram a poder: suas audazes
e altas figuras de coração impetuoso,
suas atalaias de prazer, suas escalas
que faz já muito tão solo se apoiavam entre si, tremendo,
onde nunca houve chão e pudessem fazê-lo, ante um corro
de espectadores, de inumeráveis mortos sem som:
Arrojariam estes suas últimas moedas,
as sempre economizadas e ocultas, que não conhecemos,
as eternamente válidas da felicidade, ante aquele casal
que por fim sorri de verdade sobre a apaziguado tapete?

-Já está -diz a doutora Montague, apagando o monitor-. Já nos serenamos.

Sorri a todos, e cruzamento a porta com sigilo, seguida da enfermeira. Sem querer, capto o olhar do anestesista, cuja expressão diz sem rodeios: "Que classe de coelhinho é você, a ver?".

Clare: Está saindo o sol e sigo arremesso e atordoado sobre esta cama alheia, neste dormitório rosa, e em algum lugar desse país estrangeiro que é meu útero, Alvorada engatinha para casa, ou escapa dela. A dor minguou, mas sei que não se foi muito longe, que espreita em algum lugar, em alguma esquina ou sob a cama, e que saltará em cima de mim quando menos o espere. As contrações vão e vêm, remotas, afogadas como o tanger dos sinos entre a névoa. Henry está jogado junto a mim. A gente entra e sai. Tenho vontades de vomitar, mas não o faço. Charisse me oferece um sorvete em um copo de papel; sabe a rançoso. Observo os tubos e as luzes vermelhas e parpadeantes e penso em minha mãe. Pausa. Henry me contempla. Parece muito tenso e desgraçado. Começo a me preocupar de novo se por acaso se desvanece.

-Não passa nada -lhe digo.

Henry assente e me acaricia o ventre. Estou suando. Faz tanto calor aqui dentro! A enfermeira entra e comprova meu estado. Amit vem a me examinar. Entretanto, em certo modo estou sozinha com Alvorada entre toda essa gente. "Não passa nada -lhe digo-. O está fazendo muito bem, não me faz mal." Henry se levanta e começa a caminhar acima e abaixo até que lhe digo que se detenha. Sinto como se todos meus órgãos cobrassem vida, e cada qual tivesse seus próprios objetivos, e um trem que tomar. Alvorada vai escavando um túnel em meu interior, de cabeça; uma escavadora de carne e osso que fende minha carne e meu osso, me escavando as vísceras. Imagino nadando em meu interior, imagino caindo na quietude de um lago matutino, e a água abrindo-se sob o efeito da velocidade. Imagino seu rosto. Quero lhe ver a cara. Digo-lhe ao anestesista que quero sentir algo. Progressivamente a sonolência cede e a dor retorna, mas agora se trata de uma dor distinta. É uma dor suportável. O tempo transcorre.

O tempo transcorre e a dor começa a desdobrar-se, como uma mulher de pé, frente a uma tabela de engomar, que passasse a prancha de direita a esquerda e de esquerda

a direita, sobre uma toalha branca. Amit entra na habitação e diz que já chegou o momento, a hora de ir à sala de partos. Raspam-me e lavou, transladam a uma maca e me levam pelos passadiços. Observo como se deslizam os tetos, e Alvorada e eu também avançamos a nosso mútuo encontro acompanhadas do Henry. Na sala de partos todo é verde e branco. Cheiro a detergente, e me lembro da Etta, e quero que esteja comigo, mas ela se encontra em Casa Cotovia do Prado. Levanto os olhos para o Henry, que leva botas de cano longo cirúrgicos, e me surpreendo de que estejamos aqui em lugar de estar em casa, e então noto como se Alvorada surgisse de mim, precipitando-se para o exterior, e empurro sem pensar, uma e outra vez, como em um jogo, como em uma canção.

-Né! Aonde foi o pai?

Miro ao redor mas Henry desapareceu. Não está na sala de partos e penso: "Maldita seja sua imagem!", embora não, não o digo a sério. Alvorada já vem, e no momento que chega vejo o Henry, que tropeça em meu campo visual, desorientado e nu, mas presente. veio!

-Sacre Dieu! -exclama Amit-. Ah, já aparece a cabecita.

Empurro, e a cabeça de Alvorada se sobressai. Sob a mão para tocá-la, essa cabecita delicada e escorregadia, de um veludo úmido. Empurro sem parar, e Alvorada sai despedida para as mãos do Henry, que a aguardam.

-OH! -exclama alguém.

Estou liberada, vazia já, e ouço um ruído como o de um disco de vinil quando põe a agulha no sulco equivocado, e então Alvorada grita e de repente está aqui, alguém a coloca sobre meu ventre e eu contemplo seu carita, a cara de Alvorada, tão rosada e enrugada, e o cabelo tão negro, com esses olhos que procuram às cegas e essas mãos tendidas. Alvorada se derruba para meu peito e fica imóvel, esgotada pelo esforço, pela crua realidade dos fatos.

Henry se inclina sobre mim e touca sua frente.

-Alvorada -lhe diz.

Mais tarde

Clare: Cai a tarde, a primeira que Alvorada passou sobre a face da Terra. Estou deitada na cama do hospital rodeada de globos, ositos e flores, com Alvorada nos braços. Henry está sentado com as pernas cruzadas aos pés da cama, nos fazendo fotos. Alvorada terminou que tomar o peito, arrota borbulhas de colostro de seus pequenos lábios e logo fica dormida, um paquetito quente e suave de pele e fluidos contra minha camisola. Henry termina o cilindro de fotografia e o tira da câmara.

-Ouça -lhe digo, me lembrando de repente-. Aonde foi? Refiro a quando estávamos na sala de partos.

-Vá, esperava que não te tivesse dado conta -responde Henry rendo-. Acreditei que talvez estaria tão preocupada que...

-Onde estava?

-Dando voltas por minha escola de primário em plena noite.

-Durante quanto tempo?

-Ufff. Durante horas. Começava a fazer-se de dia quando me parti. Era inverno, e a calefação estava apagada. Quanto tempo estive fora?

-Não estou segura. Pode que cinco minutos.

-Estava desesperado -diz Henry, sacudindo a cabeça-. Acabava de te abandonar e aí estava eu, me passeando acima e abaixo como um inútil pelos corredores do

Francis Parker... Foi tão... Senti-me... Enfim -conclui Henry, sorrindo-, ao final todo saiu bem, verdade?

-Bem está o que bem acaba -replico eu, soltando uma gargalhada.

-Fala com mais tino do que adverte.

Alguém chama quedamente à porta.

-Entre! -diz Henry.

Richard entra no dormitório e se detém, vacilando. Henry se volta.

-Papai... -Cala, salta da cama e lhe diz-: Entra e sente-se.

Richard me trouxe floresça e um osito, que Henry acrescenta ao montão que colocamos no parapeito da janela.

-Clare... Eu... Felicidades. -Richard se afunda lentamente na poltrona que há junto à cama.

-Humm, você gostaria de agarrá-la? -pergunta Henry com suavidade.

Richard assente; me olhe procurando minha aprovação. Tem o aspecto de não ter dormido há dias. A sua camisa convém um engomado, e empresta a suor e ao aroma de iodo da cerveja passada. Sorrio-lhe, embora duvide que seja uma boa idéia. Entrego a Alvorada ao Henry, quem a deposita com cuidado nos braços de um Richard estupefato.

Alvorada volta seu carita rosada para o rosto alargado e sem barbear de seu avô, volta-se para seu peito e busca o mamilo. Ao cabo de um momento, desiste e boceja, e fica dormida. Richard sorri. Tinha esquecido como troca o rosto ao Richard quando sorri.

-É preciosa -me diz-. Se parece com sua mãe -diz ao Henry.

Henry assente.

-Aí tem a seu violinista, papai -diz Henry sorrindo-. Vem com uma geração de atraso.

-Uma violinista? -pergunta Richard, contemplando ao bebê adormecido, o cabelo negro, as mãos diminutas, profundamente dormido. Não há ninguém que possua um aspecto menos parecido ao de um concertista de violino que Alvorada nestes momentos-. Uma violinista, nada menos; mas como o há...? Não, deixa-o. Bom, assim é violinista, né, pequena?

Alvorada saca a ponta da língua e nos rimos todos.

-Necessitará um professor, quando tiver idade suficiente -sugiro.

-Um professor? Sim... Suponho que não a porão em mãos desses imbecis do Suzuki, verdade? -pergunta Richard em um tom veemente.

-Ah, bom... -intervém Henry, tossindo-. Em realidade esperávamos que se não tinha nada melhor que fazer...

Richard entende a indireta. É um prazer ver que compreendeu, que se dá conta de que alguém o necessita, que solo ele pode dar a sua neta a formação que a menina necessitará.

-Para mim será um prazer.

O futuro de Alvorada se desdobra ante ela como um tapete vermelho que alcançasse até onde a vista se perde.

Terça-feira 11 de setembro de 2001

Clare tem 30 anos, e Henry 38

Clare: Me acordado às 6.43 e Henry não está na cama. Alvorada tampouco está em seu berço. Doem-me os peitos. Doem-me os genitálias. Dói-me tudo. Saio da cama com muito cuidado e vou ao banho. Logo caminho pelo corredor, e passo frente ao comilão, devagar. Na sala de estar vejo o Henry sentado no sofá com Alvorada em braços; não olhe a pequena televisão em branco e negro que transmite sem volume. Alvorada está dormida. Sinto-me junto ao Henry e ele me passa o braço pelo ombro.

-Como é que está levantado? -pergunto-lhe-. Acreditei que havia dito que ainda faltavam um par de horas.

O homem do tempo sorri por televisão e assinala uma fotografia via satélite do Meio Oeste.

-Não podia dormir. Queria escutar as coisas que acontecem normalmente no mundo durante um ratito mais.

-Ah.

Apoio a cabeça no ombro do Henry e fecho os olhos. Quando volto a abri-los, termina um anúncio de uma empresa de telefones móveis e começa outro de água engarrafada.

Henry dá a Alvorada e se levanta. Ao cabo de um minuto, ouço-o preparar o café da manhã. Alvorada se acordada, desabotô-me a camisola e a amamentação. Doem-me os mamilos.

Miro a televisão. Um apresentador loiro me conta algo, sorridente. Sua companheira, uma asiática, solta uma gargalhada e me sorri. Na prefeitura o prefeito Daley

responde a umas perguntas. Sacudida de cabeça. Alvorada vai sugando meus peitos. Henry traz uma bandeja de ovos, torradas e suco de na-ranja. Quero café. Ele se

bebeu o sua na cozinha, fazendo ornamento de um grande tato, mas posso cheirá-lo em seu fôlego. Deixa a bandeja sobre a mesita de centro e me põe o prato sobre o

regação. Tomo os ovos enquanto Alvorada mama. Henry rebaña a torrada na gema do ovo. Na televisão um grupo de moços escorregam na erva com a intenção de demonstrar

a eficácia de um detergente para a roupa. Terminamos de comer; Alvorada também. Ajudo-a a arrotar e Henry se leva os pratos à cozinha. Quando retorna, acontecer

com a menina e vou ao banho. Me experiente. A água está tão quente que quase não posso suportá-lo, mas lhe sinto divinamente a meu corpo macilento. Pausa o vapor

do ar, seco-me a pele com fruição, aplico-me nata nos lábios, os peitos e o estômago. O espelho está embaciado, melhor; não terei que lombriga. Penteio-me a juba.

Visto-me com umas calças de moletom e um pulôver. Sinto-me deformada, desinflada. Henry segue sentado na sala de estar com os olhos fechados, e Alvorada lhe chupa

o polegar. Quando me sinto de novo, Alvorada abre os olhos e emite um miado. Escorrega-lhe o polegar da boca e parece confusa. Um Jipe circula por uma paisagem desértica.

Henry apagou o som e se massageia os olhos com os dedos. Volto a ficar dormida.

-Acordada, Clare.

Abro os olhos. A imagem da televisão se move em um varrido. Uma rua urbana. O céu. Um arranha-céu branco incendiado. Um avião, como de brinquedo, voa lento por volta da segunda torre branca. Chamas silenciosas se elevam ao firmamento. Henry sobe o volume.

-OH, Meu deus! -diz uma voz por televisão-. OH, Meu deus!

Terça-feira 11 de junho de 2002

Clare tem 31 anos

Clare: Estou fazendo um desenho de Alvorada. Na atualidade minha filha tem nove meses e cinco dias. Dorme de costas, sobre uma mantita de flanela azul muito

ligeira, que deixei em cima do tapete a China magenta e amarelo ocre da sala de estar. Acaba de mamar. Tenho os peitos leves, quase vazios. Alvorada está tão dormida que me parece correto sair pela porta traseira, cruzar o pátio e entrar no estudo.

Durante um minuto fico na soleira, inalando o aroma um pouco viciado do estudo abandonado. Logo revolvo no arquivo plano, encontro uns papéis tintos de caqui

que parecem couro, coxo uns bolos e outros utensílios, um tabuleiro de desenho e saio pela porta (com tão solo um débil comichão de nostalgia) para me colocar de novo em casa.

Tudo está muito tranqüilo. Henry foi a trabalhar (isso espero, ao menos), e ouço a máquina de lavar roupa dando voltas no porão. O ar condicionado geme. ouça-se o ruído surdo e fraco do tráfico na avenida Lincoln. Sinto-me no tapete, junto a Alvorada. O reflexo trapezoidal do sol está a uns centímetros de seus piecечitos rechonchos. dentro de meia hora, iluminará-a por completo.

Engancho o papel ao tabuleiro e disponho os bolos a meu lado, sobre o tapete. Lápis em mão, observo a minha filha.

Alvorada está profundamente dormida. Seu costillar se eleva e descende devagar, e é perceptível o fraco grunhido que faz a cada exalação. Pergunto-me se se estará resfriando. Aqui dentro faz calor, esta tarde de finais do verão, e Alvorada tem posto tão solo o fralda, nada mais. Está um pouco sufocada. Tensiona e relaxa a mão esquerda ritmicamente. Talvez está sonhando com a música.

Começo a realizar um esboço da cabeça da menina, que está volta para mim. Não tenho nenhuma idéia determinada, em realidade. Minha mão se move pelo papel como a agulha de um sismógrafo, registrando a forma de Alvorada enquanto a absorvo com os olhos. Advirto o modo em que seu pescoço desaparece sob as gordezuelas enrugada de bebê que a menina tem sob o queixo, como se alteram apenas as suaves entradas que possui sobre os joelhos quando dá uma patada, uma só vez, e volta a ficar imóvel. Meu lápis descreve a convexidade do ventre cheio de Alvorada, que se inunda na parte superior de sua fralda, uma linha abrupta e angulosa que curta seus redondeces. Estudo o papel, ajusto o ângulo das pernas de Alvorada e volto a desenhar a ruga que une seu braço direito ao torso.

Começo a aplicar o bolo. Começo esboçando a grandes traços em branco sob seu naricita, o perfil esquerdo de seu corpo, os nódulos, o fralda, o bordo do pé esquerdo. Logo desenho grosseiramente as sombras, em verde escuro e ultramar. Uma sombra pronunciada se abate sobre o flanco direito de Alvorada, ali onde seu corpo limita com a manta. É como um atoleiro de água, e o resigo com solidez. Nesse momento a Alvorada do desenho se volta tridimensional, de repente, e salta da página.

Emprego duas tonalidades de rosa bolo: uma mais clara, do tom do interior de uma concha, e uma mais escura que me recorda ao atum cru. Com rápidos traços lhe desenho a pele. É como se a pele de Alvorada tivesse estado oculta no papel e agora me dedicasse a tirar a substância invisível que a escondia. Sobre esta pele bolo uso um violeta frio para riscar as orelhas, o nariz e a boca de Alvorada (sua boca está ligeiramente aberta em uma Ou diminuta). O cabelo negro e abundante se converte em uma mescla de azul escuro, negro e vermelho sobre o papel. Esboço com infinito cuidado suas sobrancelhas, que se parecem muitíssimo a umas larvas peluditas que tivessem aninhado em seu rosto.

A luz do sol lhe dá totalmente agora. A menina se move, leva-se a manita aos olhos e sussurra. Escrevo seu nome e o meu, e a data ao pé do papel.

O desenho está terminado. Servirá de testemunho: eu te quis, fiz-te e elaborei isto para ti; muito depois de que me tenha ido, e Henry se foi, e inclusive Alvorada se foi. Dirá: "nós lhe fizemos, e agora está aqui, no presente".

Alvorada abre os olhos e sorri.

Secreto

Domingo 12 de outubro de 2003

Clare tem 32 anos, e Henry 40

Clare: Lhes vou contar um segredo: às vezes me alegra que Henry desapareça. Às vezes me diverte estar sozinha. Em ocasiões perambulo pela casa bem entrada a noite, e me estremeço de agradar por não ter que falar, nem tocar, a não ser solo caminhar, me sentar ou me dar um banho. Às vezes me joga no chão do salão e escuto ao Fleetwood MAC, os Bangles, B-52's, os Eagles, grupos que Henry não suporta. de vez em quando dou largos passeios com Alvorada sem lhe deixar uma nota que o relatório de meu paradeiro. Em ocasiões fico com a Celia e vamos tomar um café, e falamos do Henry, do Ingrid e da pessoa com quem Celia está saindo essa semana. Às vezes saio a dar uma volta com o Charisse e Gómez, sem mencionar ao Henry, e acabamos passando-o muito bem. Uma vez fui a Michigan e quando retornei, Henry ainda não tinha aparecido. Jamais lhe disse que tinha saído de casa. Às vezes chamo uma canguru e vou ao cinema ou a dar uma volta em bicicleta quando já é de noite, seguindo o atalho de bicicletas que há junto à praia Montrose sem faróis; é como voar.

de vez em quando me alegra que Henry parta, mas sempre estou contente quando retorna.

Passando por certas dificuldades técnicas

Sexta-feira 7 de maio de 2004

Henry tem 40 anos, e Clare 32

Henry: Clare inaugura hoje sua exposição no Centro Cultural de Chicago. Leva um ano trabalhando sem parar, construindo enormes e etéreos esqueletos de aves com arame e envolvendo-os com tiras de papel translúcido, lhes aplicando laqueia até voltá-los permeáveis à luz. Agora as esculturas penduram do alto teto, e se acucillan sobre o chão. Algumas som cinéticas, motorizadas: umas quantas batem as asas, e dois esqueletos de galos se destroem mutuamente e sem pressas em uma esquina. Uma pomba de quase dois metros e meio de altura domina a entrada. Clare está esgotada, e em êxtase. Leva um singelo vestido negro de seda, e se recolheu o cabelo em um coque alto. A gente lhe trouxe floresça, e por isso sustenta um ramo de rosas brancas nos braços. Junto ao livro de agradecimentos há um montão do Ramos envoltos em plástico. Há muchísima gente, que avança em círculos, profere exclamações ante cada peça e joga a cabeça para trás para contemplar as aves voadoras. Todos felicitam ao Clare. Esta manhã o Tribune publicou uma resenha gloriosa. Todos nossos amigos se deram entrevista na sala de exposições, e inclusive a família do Clare veio de carro de Michigan: Philip, Alicia, Mark e Sharon com seus filhos, Nell e Etta, toda a família está junto a ela. Charisse lhes faz umas fotos, e os Abshire posam com o sorriso desenhado no rosto. dentro de umas semanas, quando ela nos entregue as cópias das fotos, ficarei aniquilado pelos sombrios círculos que aparecem sob os olhos do Clare, e pelo magra que a vê.

Tenho junto a mim a Alvorada, agarrada da mão. Estamos de pé, na parede do fundo, afastados da multidão. Alvorada não vê nada, porque todos são muito mais altos que ela; por isso a subo a meus ombros. A. menina dá um saltito.

A família do Clare se dispersou e agora Leah Jacobs, seu comerciante, está-lhe apresentando a um casal maior, muito bem vestida.

-Quero ir com mamãe -diz Alvorada.

-Mamãe está ocupada agora, Alvorada. -Sinto náuseas. Agacho-me e sotaque a Alvorada no chão.

-Não! Quero ir com mamãe! -grita, levantando os bracitos.

Sinto-me no chão e apoio a cabeça entre os joelhos. Preciso encontrar um lugar onde ninguém possa lombriga. Alvorada me atira da orelha.

-Não faça isso, Alvorada. -Levanto os olhos. Meu pai se dirige para nós, abrindo-se passo entre a multidão-. Vê -digo a Alvorada, lhe dando um empurrãozinho-.
vá ver o avô.

-Não vejo o avô -replica Alvorada choramingando-. Quero ir com mamãe.

Engatinho para meu pai, mas tropeço contra as pernas de alguém. Ouço que Alvorada grita:

-Mamãe!

E desapareço.

Clare: Há um montão de gente, e todos se apertam para chegar até mim, sorridentes. Eu lhes devolvo o sorriso. A exposição é magnífica, e está terminada, já acabou tudo! Estou tão contente, e tão cansada também... Dói-me a cara de tanto sorrir. Todos meus conhecidos foram à entrevista. Estou falando com a Celia quando ouço um alvoroço ao fundo da galeria e a voz de Alvorada que grita meu nome. Onde está Henry? Intento atravessar a multidão para chegar até onde se encontra Alvorada; e então a vejo: Richard a levantou em braços. A gente se aparta para me deixar passar. Richard entrega a Alvorada, quem cruzamento as pernas em volta de minha cintura, enterra o rosto em meu ombro e me passa as mãos pelo pescoço.

-Onde está papai? -pergunto-lhe com doçura.

-foi-se -responde Alvorada.

Natureza morta

Domingo 11 de julho de 2004

Clare tem 33 anos, e Henry 41

Clare: Henry dorme, arroxeadado e recubierto de sangue seca, sobre o chão da cozinha. Não quero movê-lo nem despertá-lo. Sinto-me junto a ele sobre o frio linóleo durante um momento. Ao final, levanto-me e preparo café. Enquanto o líquido começa a fluir da cafeteira e o sedimento vai borbulhando até explodir, Henry geme e se cobre os olhos com as mãos. É evidente que lhe deram uma surra. Tem um olho fechado pelo inchaço. O sangue parece provir do nariz. Não lhe vejo feridas, tão solo uns brilhantes morados púrpura do tamanho de um punho por todo o corpo. Está muito magro; posso lhe ver todas as vértebras e as costelas. Sobressai-lhe a pélvis, e tem as bochechas afundadas. O cabelo lhe cresceu quase até os ombros, e lhe saiu alguma cã. Tem cortes nas mãos e os pés, e picadas de insetos por todo o corpo. Está muito bronceado, e sujo, tem sujeira sob as unhas, e a sujeira mesclada com o suor lhe pegou entre as rugas da pele. Cheira a erva, sangue e sal. Depois de observá-lo sentada junto a ele durante uns minutos, dito despertá-lo.

-Henry -lhe digo muito baixinho-. Acordada, agora, já está em casa...

Acaricio-lhe a cara, com cuidado, e abre um só olho. Juraria que não está de tudo acordado.

-Clare -balbucia-, Clare.

As lágrimas começam a emanar de seu olho são, e treme pelos soluços. Tiro dele até colocá-lo sobre meu regaço. Estou chorando. Henry se acurruca em mim e, tombados no chão, trememos abraçados, nos balançando sem cessar, chorando de alívio e angústia.

Quinta-feira 23 de dezembro de 2004

Clare tem 33 anos, e Henry 41

CLARE: Falta um dia para Véspera de natal e Henry se levou a Alvorada ao Water Tower Agrada para ver papai Noel, que está no Marshall Field's, enquanto eu termino de fazer as compras. Agora estou sentada na cafeteria da livraria Border's, bebendo um capuchino em uma mesa que há frente à cristaleira, descansando os pés e com um montão de bolsas de compra transbordantes que apoiei contra a cadeira. Ao outro lado do ventanal o dia se apaga e umas lucecúlas brancas descrevem o perfil das árvores. Os compradores se apressam pela avenida Michigan, e me resulta audível o tangido silencioso do sino de Papai Noel do Exército de Salvação, uns metros mais abaixo. Retorno à loja, escrutinando o interior se por acaso vejo o Henry e Alvorada, quando ouço que alguém me chama. É Kendrick, que se aproxima com sua esposa, Nancy, seguidos do Colín e Ninguéma.

De uma olhada advirto que acabam de sair do FAO Schwarz; possuem o olhar de neurose de guerra dos pais recém escapados do inferno das lojas de brinquedos. Ninguéma vem correndo para mim, gritando:

-Tia Clare! Tia Clare! Onde está Alvorada?

Colin sorri com acanhamento e me tende a mão para me mostrar que tem uma pequena grua amarela. Felicito-o e digo a Ninguéma que Alvorada foi a ver papai Noel. A menina me responde que ela já foi a semana passada.

-O que lhe pediste?

-Um noivo.

Ninguéma tem três anos. Não consigo reprimir um sorriso. Kendrick diz algo sotto voce ao Nancy, e ela se dirige então aos meninos:

-Venha, tropa, temos que encontrar um livro para a tia Silvie.

Os três saem disparados para as mesas de ofertas. Kendrick me indica com um gesto da mão a cadeira que tenho diante.

-Posso?

-É obvio.

sinta-se e sussurra profundamente.

-Ódio os Natais.

-Você e Henry, ambos.

-Ah, sim? Não sabia. -Kendrick se apóia contra a janela e fecha os olhos. Quando começo a acreditar que se dormiu, abre-os e me diz-: Henry segue a pauta de medicamentos?

-Hummm, suponho que sim. Quero dizer, na medida do possível, se tivermos em conta que ultimamente estive viajando freqüentemente através do tempo.

Kendrick tamborila com os dedos sobre a mesa.

-Quanto é freqüentemente?

-Dia sim, dia não.

-por que diabos não me conta essas coisas? -exclama Kendrick furioso.

-Acredito que tem medo de que te zangue com ele e abandone.

-Ele é o único sujeito experimental com o que conto que sabe falar, e jamais me explica nada!

-Bem-vindo ao clube -o solto com uma gargalhada.

-Intento fazer ciência -replica Kendrick-. Por isso necessito que me diga quando algo não funciona. De outro modo, quão único conseguimos é dar paus de cego.

Assento. Fora começou a nevar.

-Clare.

-Né?

-por que não me deixa estudar o DNA de Alvorada?
mantive esta conversa um milhão de vezes com o Henry.
-Porque primeiro queria localizar todos os marcadores em seus gens, o qual me parece perfeito; mas então você e Henry começariam a me dar a lata para que lhes permitisse provar certos medicamentos com ela, e por aí não passado. Essa é a razão.
-Mas ainda é muito jovem; tem muitíssimas mais probabilidades de responder positivamente à medicação.
-Hei dito que não, e é não. Quando Alvorada faça dezoito anos, poderá decidi-lo por si mesmo. Até o momento tudo o que receitaste ao Henry resultou ser um autêntico pesadelo. -Não me atrevo a lhe sustentar o olhar, e lhe falo me contemplando as mãos, que mantenho cruzadas com firmeza sobre a mesa.
-Mas poderíamos desenvolver uma terapia genética para ela...
-Há gente que morreu devido à terapia genética.
Kendrick fica em silêncio. O ruído da loja alcança uns níveis assustadores. Nesse momento, entre o bulício, ouço que Alvorada me chama. Levanto o olhar e a vejo ascensão aos ombros do Henry, agarrando a cabeça de seu pai com ambas as mãos. Os dois levam postos um gorro de pele de mapache. Henry vá ao Kendrick e durante uns breves instantes o olhe com apreensão. Pergunto-me que segredos ocultos se trarão entre estes mãos dois homens. Henry sorri e balança para nós a grandes pernadas, com Alvorada balançando-se feliz sobre a multidão. Quando Kendrick se levanta para saudá-lo, aparto esse pensamento de minha mente.

Aniversário

Quarta-feira 24 de maio de 1989

Henry tem 41 anos, e Clare 18

Henry: Chego com um estampido e patinando, de flanco, sobre a dolorosa grama que aponta no claro, para aterrissar sujo e sangrando aos pés do Clare. Ela está sentada na rocha, fresca e imaculada com um vestido de seda branco, meias e sapatos também brancos, e umas luvas curtas da mesma cor.

-Olá, Henry -me saúda ela, como se eu acabasse de chegar para tomar o chá.

-O que acontece? Parece lista para ir tomar a primeira comunhão.

Clare se sinta muito reta e me anuncia:

-Hoje é 24 de maio de 1989.

Penso a toda velocidade.

-feliz aniversário. Por acaso não terá guardado a boa cobrança um traje do Bee Gs para mim?

Sem dignar-se a responder a minha pergunta, Clare se levanta com suavidade da rocha e saca de detrás uma bolsa com minha indumentária. Abre a cremalheira com um gesto florido e me mostra uma jaqueta de smoking, umas calças e uma dessas horríveis camisas formais que precisam de gêmeos. Logo saca uma mala com roupa interior, a bandagem do smoking, a passarinha, os gêmeos e uma gardênia. Começo a me alarmar de verdade, posto que me agarrou despreparado. Analiso os dados de que disponho.

-Clare. Suponho que hoje não vamos casar nos ou a fazer alguma loucura do estilo, não? Digo-lhe isso porque sei a ciência certa que nosso aniversário é em outono. No fim de outubro.

Clare se volta enquanto me visto.

-Está-me dizendo que não pode recordar o dia de nosso aniversário? Muito próprio dos homens.

-Carinho -lhe digo com um suspiro-, já sabe que não é isso. É que agora mesmo não consigo recordá-lo. De todos os modos, feliz aniversário.

-Cumpro dezoito.

-Caray! Quem o diria!... Parece que foi ontem quando tinha seis.

Clare se sente intrigada, como é habitual nela, ante a idéia de que tenha visitado recentemente a alguma outra Clare, maior ou mais jovem que ela.

-Viu aos seis anos ultimamente?

-Bom, agora mesmo estava na cama contigo, lendo Emma. Você tinha trinta e três anos. Eu tenho quarenta e um na atualidade, e sou consciente disso a cada minuto.

-Penteio-me com os dedos e me acaricio a barba incipiente-. O sinto, Clare. Temo-me que minha imagem deixa muito que desejar o dia de seu aniversário. -Fixo a gardênia na casa do smoking e começo a me grampear os gêmeos-. Te vi os seis anos faz duas semanas. Fez-me um desenho de um pato.

Clare se ruboriza, e o rubor se estende como umas gotas de sangue em uma terrina de leite.

-Tem fome? preparei um festim para os dois!

-Claro que tenho fome. Estou faminto, esfomeado, e me expondo o canibalismo.

-Isso não será necessário ainda.

Um certo matiz no tom de sua voz me retrai. Aqui passa algo que desconheço, e Clare espera que o adivinhe. Quase poderia dizer-se que cantarola de nervos. Contemplo as vantagens relativas que me contribuiria uma simples confissão de ignorância ante a alternativa de seguir fingindo. Dito, ao fim, lhe seguir a corrente durante um momento. Clare estende uma manta que no futuro terminará sobre nosso leito. Sinto-me em cima com cuidado, e sua familiaridade verde pálido me consola. Clare desembulha sanduíches, tira vasitos de papel, o faqueiro, umas bolachas rangentes, um tarrito negro de caviar de supermercado, biscoitinhos de hortelã e chocolate Girl Scout, morangos, uma garrafa de cabernet com uma curiosa etiqueta, uma porção de queijo brie que parece um tanto derretida e pratos de papel.

-Clare... Veio, caviar? -Estou impressionado, mas por alguma razão isso não me diverte absolutamente. Ela me oferece o cabernet e o saca-rolha-. Vá, não acredito que lhe tenha mencionado isso nunca mas se supõe que não devo beber. Ordens do médico.

Clare parece abatida.

-Agora bem, com a comida não há problema... Também posso fingir que bebo. Enfim, se isso servir de algo. -Não posso me tirar de cima a sensação de que estamos jogando às casitas-. Não sabia que bebia. Álcool. Quero dizer que nunca te vi tomá-lo.

-Bom, a verdade é que eu não gosto, mas como esta ocasião é muito especial, pensei que seria bonito tomar vinho. O champanha certamente teria sido mais adequado, mas encontrei esta garrafa na despensa, assim que a trouxe comigo.

Abro o vinho e sirvo uma copita a ambos. Brindamos em silêncio. Finjo dar um sorvo à minha. Clare dá um sorvo maior, o traga com ar formal e diz:

-Bom, não está tão mal.

-Homem... É uma garrafa de uns veintipico dólares.

-Ah, bom, então é formidável.

Clare desembulha uns sanduíches escuros de centeio que parecem transbordar de pepino japonês.

-Clare, ódio ser tão obtuso... Enfim, é evidente que hoje é seu aniversário...

-Meu décimo oitavo aniversário -puntaliza.

-Já... bom... Para começar, sinto-me fatal por não ter um presente para ti.

Clare levanta os olhos, surpreendida, e me dou conta de que começo a acertar, de que me aproximo da questão.

-Já sabe que nunca sei quando virei, e que não posso trazer nada comigo...

-Todo isso já sei; mas acaso não te lembra? Planejamo-lo a última vez que veio, porque na lista o dia de hoje consta como o último que fica, à margem de que seja meu aniversário. Não o recorda? -Clare me olhe insistentemente, como se à força de concentrar-se fora capaz de transladar suas lembranças a meus.

-Ah, é que isso ainda não ocorreu. Refiro-me a que essa conversação se encontra em meu futuro. Não sei por que não lhe diria isso então. A mim ainda ficam muitas datas na lista que cumprir. De verdade que hoje é o último dia? Bom, como resulta que nos conheceremos dentro de um par de anos, já nos veremos então.

-Mas falta muito... ao menos, para mim.

produz-se uma pausa incômoda. É estranho pensar que agora mesmo estou em Chicago, tenho vinte e cinco anos e vou à minha, completamente alheio à existência do Clare, e pela mesma razão, alheio a minha própria presença aqui, neste precioso prado de Michigan, um maravilhoso dia da primavera, que é o décimo oitavo aniversário de seu nascimento. Lubrificamos de caviar os biscoitinhos Ritz com umas facas de plástico. Durante um momento só se ouça o ansioso ranger do pão e o furioso consumo de sanduíches. Parece que a conversação se diluiu. Nesse momento me pergunto, pela primeira vez, se Clare não terá sido de tudo sincera comigo, sabendo como sabe que no que se refere a afirmações do tipo "eu nunca", piso terreno escorregadio, dado que não possuo um inventário completo de meu passado, preparado para consultá-lo em qualquer momento, em tanto meu passado se imbrica de um modo muito inconveniente com meu futuro. Chega, entretanto, o momento dos morangos.

-Clare.

Ela me sorri com inocência.

-O que decidimos exatamente a última vez que me viu? O que planejamos fazer o dia de seu aniversário?

Clare volta a ruborizar-se.

-Bom, pois... Isto -diz ela, assinalando nosso picnic.

-Nada mais? Não é que não me pareça fantástico, claro...

-Bom, sim.

Sou todo ouvidos, porque acredito que sei o que vai dizer me.

-me diga.

Clare está muito ruborizada, mas se as acerta para adotar um ar de dignidade quando diz:

-Decidimos que faríamos o amor.

-Ah. -De fato, sempre me perguntei quais deviam ser as experiências sexuais do Clare antes de 26 de outubro de 1991, quando nos conhecemos pela primeira vez no presente. Apesar de certas provocações muito surpreendentes por parte do Clare, neguei-me a lhe fazer o amor e passei muitas horas de diversão, conversando com ela sobre isto e o outro, enquanto tentava ignorar a dor de minhas ereções. Entretanto, no dia de hoje Clare é adulta, se não emocionalmente, ao menos sim de um ponto de vista legal, e é óbvio que não vou transtornar lhe muito a vida... Refiro-me a que já lhe obsequiei com uma infância do mais estranha pelo fato de aparecer em sua vida. Quantas meninas têm ante seus olhos ao que terminará por ser seu marido, aparecendo a intervalos regulares completamente nu? Clare me observa enquanto

reflito. Penso na primeira vez que fiz o amor com ela, e me pergunto se também foi a primeira vez que ela me fez isso. Dito que o perguntarei quando retornar à presente. Enquanto isso Clare está guardando as coisas na cesta de picnic.

-O que decidiste?

-Que sim.

Clare está nervosa, e também assustada.

-Henry. Você me tem feito o amor muitas vezes...

-Muitas, muitíssimas vezes.

Custa-lhe me falar disto.

-Sempre é precioso -lhe digo-. É o mais bonito que me passou na vida. Farei-o com muchísima suavidade. -Quando pronuncio estas palavras, de repente me ponho nervoso. Sinto-me responsável e um pouco Humbert Humbert, além disso me dá a sensação que me observa muchísima gente, e que todas essas pessoas são Clare. Nunca me hei sentido menos sexual. Enfim. Respira fundo-. Te quero.

Pomo-nos em pé, um pouco inclinados pela superfície irregular da manta. Abro os braços e Clare vem para mim. Ficamos quietos, nos abraçando na clareira como os noivos de um bolo de bodas. A fim de contas, trata-se do Clare, enfrentada a meu eu de quarenta e um anos, quase com o mesmo aspecto da primeira vez que nos conhecemos. Sem medo. Inclina a cabeça para trás. Eu me inclino sobre ela e a beijo.

-Clare.

-Mmmm?

-Está absolutamente segura de que estamos sozinhos?

-Todos se foram ao Kalamazoo, salvo Etta e Nell.

-Digo-o porque noto como se fora a formar parte de uma exposição de fotos tomada com uma candid camera.

-Que paranóico. Muito triste, a verdade.

-Dá igual.

-Poderíamos ir a meu dormitório.

-É muito perigoso. Senhor, é como estar no instituto.

-O que?

-Nada.

Clare se retira um pouco e se baixa a cremalheira do vestido. O tira pela cabeça e o deixa cair sobre a manta com uma despreocupação admirável. Se descalça e se tira logo as médias. desabotoa-se o prendedor, aparta-o a um lado e se baixa as braguitas. Clare está agora ante mim, completamente nua. É como um milagre: todas as pequenas marcas às que tanto afeto lhes tinha se desvaneceram; seu estômago é plano, sem rastro dos embaraços que nos trarão tanto dor, tanta felicidade.

Esta Clare é algo mais magra, e muito mais radiante que a Clare que amo na atualidade. Sou de novo consciente da grande tristeza que se deu procuração de nós. Entretanto, hoje todo isso desapareceu como por arte de magia; hoje a possibilidade de desfrutar é iminente. Ajoelho-me e Clare se aproxima de mim. Aperto meu rosto contra seu estômago durante uns instantes, e logo levanto o olhar; Clare se ergue ante mim, e coloca suas mãos em meu cabelo, envolta no céu azul e espaçoso.

Me Quito a jaqueta com um movimento dos ombros e me desabotoo a gravata. Clare se ajoelha e me ajuda habilmente com os gêmeos; os dois estamos concentrados como se fôssemos uma brigada de artífices. Me sob as calças e as cueca. Não há modo algum de fazê-lo com graça. Pergunto-me como as arrumam os bailarinos de striptease.

Ao melhor, limitam-se a saltar pelo cenário, perna dentro, perna fora. Clare ri a gargalhadas.

-Jamais te tinha visto te despir. Não é um espetáculo muito recomendável.

-Esse comentário me feriu no mais fundo. Vêem aqui e deixa que te lamba até te apagar essa careta de ironia da cara.

-Ai.

Ao cabo de quinze minutos me orgulha dizer que, sem dúvida alguma, apaguei todo rastro de superioridade da cara do Clare. Por desgraça, está-se pondo cada vez mais tensa, mais... à defensiva. Apesar dos quatorze anos e só Deus sabe quantas horas e dias transcorridos lhe fazendo o amor com alegria, angústia, urgência e frouxidão, devo confessar que isto é absolutamente novo para mim. Desejo, se for possível, que ela experimente a mesma sensação de achar-se no paraíso que eu senti quando a conheci e fizemos o amor por primeira vez, ou ao menos isso era o que eu pensei, ingênuo de mim. Incorporo-me, ofegando. Clare imita meu gesto e se abraça os joelhos, em gesto protetor.

-Está bem?

-Tenho medo.

-Não passa nada. -Não deixo de pensar-. Te juro que a próxima vez que nos vejamos virtualmente me violará. Quero dizer que tem um talento excepcional para isto.

-Ah, sim?

-É incandescente. -Revolvo o conteúdo da cesta de picnic: vasitos, veio, camisinhas, toallitas-. Há pensando em tudo. -Sirvo um vasito de vinho para cada um-.

Pela virgindade. Se tão solo possuíssemos um mundo suficiente, e o tempo. beba-lhe isso -Esta es una ocasión de gran transcendencia. Hay que entonarse.

Clare bebe, obediente, como uma menina que se toma o remédio. Volto-lhe a encher o vasito, e bebo o conteúdo do meu de um só gole.

-Não disse que não devia beber?

-Esta é uma ocasião de grande transcendencia. Terá que entoar-se.

Clare pesa cinquenta e quatro quilogramas, mas estes vasitos são medida Confederação.

-Um mais.

-Mais? -surpreende-se ela-. Me vou ficar dormida.

-Relaxará-te.

Clare o bebe de um gole. Esmagamos os vasitos e os lançamos à cesta de picnic. Logo me jogo de costas e estendo os braços como alguém que vai bronzear se, ou a ser crucificado. Clare se tende a meu lado. Atraio-a para mim até que ficamos de flanco, o um frente ao outro. O cabelo lhe cai pelos ombros, e lhe cobre os peitos de um modo precioso e comovedor. Por enésima vez desejaria ser pintor.

-Clare.

-Sim?

-Imagina que está aberta; vazia. Alguém se levou seus visceras e só te deixou as terminações nervosas -lhe explico, com a ponta do dedo indicador em seus clitóris.

-Pobrecita Clare. Sem visceras.

-Ah, mas isso é bom, já o verá, porque aí dentro fica um espaço fabuloso. Pensa em todas as coisas que poderia colocar se não tivesse todos esses ríñones, estômagos e pâncreas absurdos, por não falar de outras coisas.

-Que coisas?

Está muito úmida. Aparto minha mão e com cuidado rasgo o pacote de camisinhas com os dentes, algo que não tinha feito há anos.

-Cangurus, torradeiras, pene...

Clare me agarra a camisinha com um desgosto fascinado. Está arremesso de costas, desdobra-o e o cheira.

-Ecs. É necessário?

Apesar de que freqüentemente me nego a contar muitas coisas ao Clare, são poucas as vezes que lhe minto. Por conseguinte, sinto que me reconcome a culpabilidade quando lhe digo:

-Temo-me que sim.

O volto a agarrar, mas em lugar de me pôr isso dito que o mais adequado a esta situação é o cunnilingus. Clare, no futuro, será uma viciada no sexo oral, e saltará edifícios muito altos de um só salto e esfregará os pratos quando não lhe toca para consegui-lo. Se o cunnilingus fora uma prova olímpica, dariam-me uma medalha, sem dúvida alguma. Abro-lhe as pernas e lhe aplico a língua no clitóris.

-OH, Meu deus -exclama Clare baixinho-. Deus do céu...

-Não grite -lhe advirto.

Etta e Nell baixarão ao claro para ver o que ocorre se Clare se entusiasma de verdade. Ao cabo de um quarto de hora a guiei uns quantos estádios por debaixo da cadeia evolutiva, até convertê-la em um núcleo limitado com vários periféricos cerebrais no córtex. Desdobro a camisinha e, devagar e com cuidado, deslizo-me dentro do Clare, imaginando que se rompem tecidos e o sangue emana a meu redor. Tem os olhos fechados e, ao princípio, penso que nem sequer é consciente de que em realidade estou dentro dela, apesar de que me encontro justo em cima, mas então abre os olhos e sorri, triunfante, beatífica.

Consigo me correr bastante rápido; Clare me observa, concentrando-se, e enquanto me corro vejo que seu rosto denota surpresa. Que estranho é tudo! Que coisas mais estranhas fazemos os animais! Caio rendido sobre ela. Estamos banhados em suor. Noto os batimentos do coração de seu coração, ou possivelmente do meu.

Saio com cuidado dela e tiro a camisinha. Permanecemos jogados, de lado, olhando o céu tão azul. O vento se balança sobre a erva e lhe arranca um som marinho.

Miro ao Clare. Diria que a vê atônita.

-Né, Clare.

-Olá -me diz com um sopro de voz.

-Doeu-te?

-Sim.

-Gostou-te?

-OH, sim! -exclama, e fica a chorar.

Incorporamo-nos e a abraço. Está tremendo.

-Clare, Clare, o que ocorre?

Não consigo entender sua resposta, mas então me diz:

-Te vais partir, e não te verei durante muitos anos.

-Só serão dois. Dois anos e uns meses.

Clare fica em silêncio.

-OH, Clare. Sinto muito. Não posso evitá-lo. É curioso, porque eu também estava jogado pensando que o dia de hoje foi uma bênção. Estar aqui contigo fazendo o amor em lugar de açoitado por valentões ou me congelando até os ossos em algum estábulo, ou suportando a estúpida mierda a que tenho que me enfrentar. Além disso, quando retorno, estou contigo. Hoje foi maravilhoso.

Clare sorri, um pouco; e lhe dou um beijo.

-por que sempre me toca ficar a esperar?

-Porque seu DNA é perfeito, e não sai disparada para o tempo como uma batata quente. Por outra parte, não esqueça que a paciência é uma virtude.

Clare me golpeia levemente o peito com os punhos.

-Deve ter em conta que você me conhece de toda a vida, enquanto que eu te conhecerei os vinte e oito. portanto, todos esses anos antes de nos encontrar os passo...

-Follando com outras mulheres.

-Bom, sim; mas ao não ser consciente disso, todo isso se resume em umas quantas práticas para quando te conhecer. Além disso é um jogo muito solitário e estranho.

Se não me crie, tenta-o e verá. Eu jamais me inteirarei. É distinto quando todo te dá igual.

-Eu não quero a ninguém mais.

-Perfeito.

-Henry, solo me dê uma pista. Onde vive? Onde nos conhecemos? Que dia?

-Uma pista: Chicago.

-me diga mais.

-Tenha confiança. Tudo está aí, diante de ti.

-Somos felizes?

-Pelo general, estamos loucos de felicidade; mas também somos muito infelizes por razões que nenhum dos dois pode desculpar. Como, por exemplo, o fato de estar separados.

-Então enquanto está aqui, comigo, resulta que não está comigo no futuro?

-Bom, não exatamente. Pode que ao final tenha estado ausente solo dez minutos, ou dez dias. Não há regras escritas. Isso é o que te resulta tão difícil a ti de aceitar. Além disso, em ocasiões termino metido em situações perigosas, e volto para seus braços fraturado e feito umas raposas; por isso se preocupa tão quando me parto. É como estar casada com um policial.

Estou esgotado. Pergunto-me qual será minha idade real, em tempo real. Segundo o calendário tenho quarenta e um anos, mas com todas estas idas e vindas pode que, em realidade, tenha quarenta e cinco ou quarenta e seis. Ou trinta e nove. Quem sabe? Há algo, entretanto, que quero lhe dizer. O que era exatamente?

-Clare.

-me diga, Henry.

-Quando voltar a ver-me, recorda que eu não te conhecerei; não te entristeça quando, ao te encontrar, trate-te como a uma desconhecida, porque para mim será alguém absolutamente novo em minha vida. Ah, e por favor, não me me envenene contando isso tudo de repente. Tenha piedade, Clare.

-Terei-a! OH, Henry... Fique !-Silêncio. Logo estarei contigo. -Ficamos jogados. Invade-me o esgotamento e sei que desaparecerei em questão de minutos.

-Quero-te, Henry. Obrigado por... o presente de aniversário.

-Quero-te, Clare. te leve bem.

Dito o qual, desvaneço-me.

Secreto

Quinta-feira 10 de fevereiro de 2005

Clare tem 33 anos, e Henry 41

Clare: É quinta-feira pela tarde e estou no estudo, elaborando um papel kozo amarelo pálido. Faz quase vinte e quatro horas que Henry se partiu e, como sempre,

sinto-me cindida entre a obsessão de pensar onde estará ele, e em que época, e o encho o saco de saber que não está aqui e ter que me preocupar com quando retornará.

O tema-me desconcentra e danifico um montão de folhas; extraio-as do suketa e as volto a pôr no tanque. Ao final, tomo uma pausa e me sirvo uma taça de café. Faz

frio no estudo, e a água da tanqueta teria que ser fria, embora a esquentei um pouco para impedir que me esquartejem as mãos. Envolver a taça de cerâmica com as Palmas

de minhas mãos. O vapor nubla minha cara quando me aproximo para inalar a umidade e o aroma de café. Nesse momento, a Deus obrigado, ouço o Henry assobiar enquanto

se aproxima do estudo pelo caminito do jardim. sacode-se a neve das botas e se desprende do casaco com um brusco gesto. Tem um aspecto fantástico, transborda alegria.

Me acelera o coração e aventuro uma conjectura:

-Era 24 de maio de 1989?

-Sim! Certamente que sim! -exclama Henry, me levantando ao vôo, com o avental molhado e as botas de água, e me sacudindo.

Rio a gargalhadas, ambos rimos. Henry está encantado.

-por que não me disse isso? Todos estes anos lhe estive dando voltas ao assunto sem nenhuma necessidade. Zorra! Descarada! -Henry me remói o pescoço e me faz

cócegas.

-Porque se você não sabia... eu não lhe podia dizer isso -Claro que sí.

-É certo. É incrível!

Sentamo-nos no velho e desmantelado sofá do estudo.

-Não podemos subir a calefação?

-claro que sim.

Henry se levanta de um salto e conecta o termostato ao máximo. A caldeira produz um ruído metálico.

-Quanto tempo estive fora?

-Quase todo o dia.

Henry suspira.

-valeu a pena? Um dia de angústia em troca de umas horas realmente formosas?

-Sim. foi um dos melhores dias de minha vida.

Fico calada, recordando. Frequentemente invoco a lembrança da cara do Henry em cima de mim, circundado de um céu azul, e a sensação de me notar impregnada dele.

Penso nisso quando se vai, e então me custa dormir.

-me conte...

-O que?

Fundimo-nos em um abraço, para nos dar calor, para nos dar consolo.

-O que aconteceu depois de que me fora?

-Recolhi-o tudo, arrumei-me até ficar bastante apresentável e voltei para a casa. Subi as escadas sem me tropeçar com ninguém e me dava um banho. Ao cabo de um momento, Etta começou a esmurrar a porta porque queria saber a razão pela que me tinha metido na banheira em pleno dia. Tive que fingir que me encontrava mau.

Em certo modo, não mentia... Passei o verão vagando pela casa, dormindo muito. Lendo. Me replegué em mim mesma. Passava o momento no claro, esperando de algum modo

que aparecesse. Escrevi-te cartas, que logo queimei. Deixei de comer durante algum tempo, e minha mãe arrastou a seu terapeuta até que recuperei o apetite. No fim

de agosto meus pais me anunciaram que se não "me animava", não iria à faculdade esse outono, assim em seguida me animei, porque o único objetivo de minha vida era

partir de casa e ir a Chicago. A faculdade foi algo fantástico, e absolutamente novo para mim. Consegui alugar um apartamento, e eu adorava a cidade. Tinha algo no que pensar, além do fato de não ter nem idéia de onde estava ou como te encontrar. Na época em que te encontrei, as coisas foram bastante bem; estava colocada totalmente em meu trabalho, tinha amigos, pediam-me bastante para sair...

-Ah, sim?

-Claro.

-Saía? Com tios?

-Bom, pois sim... Solo para acumular experiências... e porque de vez em quando me enfurecia pensar que aí fora, em alguma parte, você saía alegremente com outras mulheres. De todos os modos, era como representar uma espécie de comédia negra. Estava acostumado a sair com meninos da faculdade de Belas artes, bonitos e simpáticos, mas me passava toda a velada pensando no aborrecido e absurdo que era todo aquilo, e olhando o relógio. depois de sair com cinco tios, deixei de fazê-lo, porque me dava conta de que em realidade esses meninos me importavam um nada. Alguém da faculdade fez correr o rumor de que eu era lésbica, e então um montão de garotas me pediram para sair.

-Não está nada mal como lésbica.

-Já, pois te comporte ou me converterei em uma delas.

-Eu sempre quis ser lésbica -diz Henry com aspecto sonhador e adormecido.

Não é justo, agora que me sinto inclinada e disposta a saltar sobre ele.

-Enfim... -diz Henry bocejando-. O que sim te asseguro é que não será nesta vida. Muita cirurgia.

Em minha mente ouço a voz do pai Compton, depois da persiana do confessionário, que me pergunta em voz baixa se desejo confessar alguma coisa. "Não -lhe digo com firmeza-. Nada." Foi um engano. Estava bêbada, e isso não conta. O bom pai suspira e corre a cortinilla. Fim da confissão. Minha penitência é mentir ao Henry, por omissão, até que a morte nos separe.

O Miro, feliz depois do banquete, satisfeito dos encantos de meu eu juvenil, e vejo a imagem do Gómez dormindo, o dormitório do Gómez sob a luz matutina relampeja em meu teatro mental. "Foi um engano, Henry", digo para meus adentros. Estava esperando, e chocaram de soslaio contra mim, solo uma vez.

"Diga-lhe diz a voz do pai Compton ou de alguma outra pessoa em minha cabeça. "Não posso -replico eu-. Me odiaria."

-Né! Aonde foste? -pergunta-me ele com doçura.

-Ah, estava pensando.

-Parece triste.

-Alguma vez se preocupa que o melhor de nossas vidas já tenha passado?

-Não, bom, às vezes sim, mas de um modo distinto ao que sugere. Ainda me movo na época que tanto rememora você, assim para mim não transcorreu realmente. Preocupa-me que não emprestemos a máxima atenção à presente. Quer dizer, viajar através do tempo é uma espécie de alteração de minha condição, e me encontro mais... consciente, diria eu, quando estou fora, o qual de algum modo me parece importante, mas às vezes penso que se pudesse ser igual de consciente no presente, tudo seria perfeito. Agora bem, ultimamente aconteceram coisas extraordinárias.

Henry sorri, com esse sorriso torcido tão formosa e encantadora que goteja inocência, e sotaque que a culpa se dissipe e oculte na cajita onde a conservo, apertada

como se de um pára-quedas se tratasse.

-Alvorada.

-Alvorada é perfeita e você também o é. Refiro-me a que por muito que te queira no passado, é a vida que compartilhamos, o muito que nos conhecemos...

-Às duras e às amadurecidas...

-O fato de que passemos maus momentos o converte em um pouco mais real; e é a realidade o que eu desejo.

Diga-lhe diga-lhe A Henry se le paraliza el rostro de incredulidad.

-De todos os modos, inclusive a realidade pode ser do mais irreal... -Se alguma vez dito contar-lhe tem que ser agora. Henry espera a que siga falando. Estou a ponto, mas não posso.

-Clare.

O Miro com ar de tristeza, ao igual a um menino ao que apanharam com uma mentira arrevesada, e então o digo, de um modo quase inaudível:

-Deitei-me com outro.

Ao Henry lhe paralisa o rosto de incredulidade.

-Com quem? -pergunta sem me olhar.

-Com o Gómez.

-por que? -Henry está imóvel, aguardando o golpe.

-Estava bêbada. Fomos a uma festa, e Charisse tinha ido a Boston...

-Espera um momento. Quando foi isso?

-Em 1990.

-Pelo amor de Deus! -exclama Henry, com uma gargalhada-. Clare, mierda!, não me faça isso. Caray! Acreditava que me estava contando algo que aconteceu, por dizer algo, a semana passada.

Sorrio com acanhamento.

-Claro que tampouco vou pôr me a dar saltos de alegria pela notícia, mas precisamente acabo de te dizer que saia a experimentar, e em realidade não posso... Não sei...

Henry está cada vez mais inquieto. levanta-se e começa a caminhar acima e abaixo do estudo. Sou pasto da incredulidade. Durante quinze anos o terror me teve paralisada, assustada por que Gómez pudesse dizer algo, ou atuar acorde com a enorme e torpe insensibilidade que lhe caracteriza, e resulta que ao Henry não importa.

Ou sim?

-Que tal foi? -pergunta, como quem não quer a coisa, de costas a mim, enquanto se correia a desmontar a cafeteira.

Escolho as palavras com cuidado.

-Distinto; e não é que queira me mostrar crítica com o Gómez...

-Ora, venha, continua.

-Era como estar em uma loja de porcelana e tentar ligar com um touro.

-Avulta mais que eu -afirma Henry, dando-o por feito.

-Agora não saberia te dizer, mas então não tinha nenhuma delicadeza. Em realidade, inclusive chegou a fumar um cigarro enquanto follaba comigo.

Ao Henry lhe escapa uma careta. Levanto-me e me aproximo dele.

-Sinto muito. Foi um engano.

Henry me atrai para si, e lhe digo, baixinho, contra o pescoço da camisa:

-Eu esperava com muita paciência... -Não posso seguir falando. Henry me acaricia o cabelo.

-Não passa nada, Clare. Não é tão grave como parece.

Pergunto-me se estará comparando a Clare que acaba de ver, em 1989, com este eu, amigo das duplicidades, que tem entre seus braços e, como se estivesse me lendo o pensamento, pergunta-me:

-Alguma outra surpresa que deva me comunicar?

-Não, isso é tudo.

-Certamente é certo que sabe guardar um segredo.

Miro ao Henry, e ele sustenta meu olhar. Juraria que em certo modo troquei ante seus olhos.

-Isso me fez compreender melhor... Fez-me valorar...

-Tenta me dizer que saio vitorioso da comparação?

-Sim. -Beijo-lhe, titubeando, e depois de um momento de dúvida, Henry me devolve o beijo.

Ao cabo de um momento, tudo se arruma, melhora, de fato. O contei, e não aconteceu nada: ainda me ama. Tirei-me um peso de cima, e suspiro com a beatitude da confissão, finalmente, e pelo fato de não ter sequer que cumprir uma penitência: nem um só Ave Maria, nem Nosso Pai. Sinto como se tivesse saído ilesa de um carro que tivesse ficado totalmente destruído.

Aí fora, em algum lugar, Henry e eu estamos fazendo o amor sobre uma manta verde, em um prado, e Gómez me olhe sonolento e me toca com seus manazas, e tudo, absolutamente tudo, acontece agora, embora seja muito tarde, como sempre, para trocar nada, e Henry e eu nos despimos mutuamente sobre o sofá do estudo, como se desembrulhássemos uma caixa de bombons nuevécita, ainda por abrir; e não é muito tarde, ainda não, ao menos.

Sábado 14 de abril de 1990; 6.43 horas

Clare tem 18 anos

Clare: Abro os olhos e não sei onde estou. Fumaça de cigarro. A sombra de uma persiana de lamas atravessada na parede amarela e descascada. Volto a cabeça e, junto a mim, dormindo, em sua cama, está Gómez. De repente, lembro-me e sucumbo ao pânico.

Henry! Henry me matará. Charisse me odiará. Incorporo-me. O dormitório do Gómez é um naufrágio de cinzeiros transbordantes de bitucas, roupa, manuais de direito, periódicos e pratos sujos. Minha roupa aparece em um montoncito delator no chão, a meu lado.

Gómez dorme profundamente. Seu aspecto transmite serenidade, e em nada se assemelha ao tipo que acaba de enganar a sua noiva com a melhor amiga dela. Leva o cabelo loiro revoltado, não em seu estado acostumado de perfeito controle. Parece um menino crescido, esgotado de tantos jogos infantis.

Me martilleia a cabeça. É como se me tivessem golpeado nas vísceras. Levanto-me, tremente, e atravesso o corredor para ir ao lavabo, que é muito cutre, cheio de verdín e repleto de uma grande parafernália de artigos para o barbeado e toalhas molhadas. Quando entro no banheiro, já não sei o que devia buscar; faço um pis e me lavo a cara com uma parte de sabão muito duro, me miro no espelho para comprovar se meu aspecto é distinto, para ver se Henry será capaz de adivinhá-lo solo me olhando... Minha imagem é a de alguém que sente náuseas mas, pelo resto, meu aspecto é o que estou acostumado a ter às sete da manhã.

A casa está em silêncio. Um relógio anuncia com seu tictac sua presença próxima. Gómez compartilha esta casa com outros dois tipos, que também vão à Faculdade de Direito Northwestern. Não quero me tropeçar com nenhum deles, assim volta ao dormitório do Gómez e me sinto na cama.

-bom dia -me diz Gómez, sonriéndome e aproximando-se de mim. Retrocedo e ponho-se a chorar.

-Uauuu, Gatita! Clare, carinho, né, carinho... -incorpora-se como pode e me encontro chorando, abraçada a ele.

Penso em todas as vezes que chorei no ombro do Henry. "Onde está? -pergunto-me com desespero-. Te necessito, agora mesmo." Gómez não pára de repetir meu nome.

O que faço aqui, sem roupa, chorando e abraçada a um Gómez também nu? Tende-me uma caixa de lenços de celulose, me sonho o nariz, seco-me os olhos e ao final lhe dedico um olhar de desespero absoluto, que ele não sabe como interpretar.

-Já está melhor?

Não, como vou estar melhor?

-Sim.

-O que ocorre?

Encolho-me de ombros. Gómez adota a atitude de que analisa atentamente a uma testemunha frágil.

-Clare, tinha-te deitado antes com alguém?

Assento.

-É pelo Charisse? Sente-se mal por causa do Charisse?

Assento de novo.

-Fiz algo mal?

Nego com a cabeça.

-Clare, quem é Henry?

O Miro boquiaberta, sem poder reprimir minha incredulidade.

-Como te inteiraste? -Já a atei. Filho de puta.

Gómez se inclina, agarra os cigarros da mesita de noite e acende um. Sacode o fósforo para apagá-lo e dá uma profunda imersão. Com um cigarro na mão Gómez parece mais... vestido, de algum modo, apesar de não está-lo. Oferece-me um em silêncio, e aceito, apesar de que não fumo, mas me parece o mais adequado neste momento.

Além disso isso me dá a oportunidade de pensar sobre o que vou dizer. Gómez me acende isso, se levanta, revolve em seu armário, encontra um penhoar azul que não se vê muito limpo e me oferece isso. Ponho-me isso; é enorme. Sinto-me na cama, fumando e observando ao Gómez enquanto se veste com uns nos cubra. Ainda sumida em minha desgraça, advirto que Gómez é belo, alto, largo de costas Y... grande, uma classe de beleza absolutamente distinta da agilidade felina e selvagem do Henry.

Imediatamente me sinto fatal por havê-los comparado. Gómez me aproxima um cinzeiro e se senta na cama. Me olhe.

-Falava em sonhos com alguém chamado Henry.

Maldita seja, maldita seja.

-O que dizia?

-Sobre tudo "Henry", uma e outra vez, como se estivesse chamando a alguém para que viesse a te buscar. Também: "Sinto-o". Em uma ocasião há dito: "Bom, e o que? Você não estava aqui", como se estivesse enfadadíssima. Quem é Henry?

-Henry é meu amante.

-Clare, você não tem amante. Charisse e eu ficamos contigo quase diariamente há seis meses, e nunca te citaste com ninguém. Além disso, nunca lhe chamam por telefone.

-Henry é meu amante. Faz tempo que partiu, mas voltará em outono de 1991.

-Onde está?

Por aqui perto.

-Não sei.

Gómez acredita que me estou inventando isso; e, sem razão aparente, dito lhe obrigar a que me cria. Agarro a bolsa, abro a carteira e lhe mostro a foto do Henry.

Examina-a com atenção.

-Eu vi a este indivíduo, bom, não, a alguém parecido a ele. Este tipo é muito maior para ser o mesmo. Agora bem, seu nome era Henry.

O coração me pulsa amalucado. Intento parecer natural quando lhe pergunto:

-Onde lhe viu?

-Vejo-o em clubes. Sobre tudo no Exit, e no bar Smart. De todos os modos, não posso imaginar que seja seu noivo; é um maníaco. O caos preside sua vida. É um alcoólico, e é... Não sei como lhe dizer isso muito duro com as mulheres. Ao menos, isso é o que me contaram.

-É violento?

Não consigo imaginar ao Henry pegando a uma mulher.

-Não. Não sei.

-Qual é seu sobrenome?

-Nem idéia. Escuta, gatita, este tio te mastigaria inteira e logo te cuspiria... Não te convém absolutamente.

Sorrio. Ele é exatamente o que necessito, mas sei que é absurdo ir caça ao País dos Clubes para encontrá-lo.

-O que é o que necessito eu?

-A mim. Salvo que você não parece acreditá-lo.

-Você tem ao Charisse. Para que vais querer me a mim?

-Pois te quero. Não sei por que.

-É mórmon ou um pouco parecido?

Gómez fica muito sério.

-Clare... Eu... Olhe, Clare...

-Não fale.

-De verdade que eu...

-Não. Não quero sabê-lo.

Levanto-me, apago o cigarro e começo a me pôr a roupa. Gómez fica sentado, completamente imóvel, e me olhe enquanto me visto. Sinto-me viciada, suja e repulsiva me pondo o vestido da festa de ontem à noite diante do Gómez, mas intento que não me note. Não posso me grampear a larga cremalheira que levo na parte de atrás do vestido, e Gómez me ajuda com semblante sério.

-Clare, não esteja furiosa.

-Não estou furiosa contigo, a não ser comigo.

-Esse tipo deve ser algo incrível se pensar que pode deixar a uma garota como você e esperar que logo ela vá buscá-lo ao cabo de dois anos.

-É maravilhoso -digo ao Gómez sonriéndole. Dou-me conta de que feri seus sentimentos-. O sinto, Gómez. Se eu não tivesse a ninguém e você não estivesse comprometido...

Gómez faz um gesto de negação, e, antes de que me dê conta, está-me beijando. Devolvo-lhe o beijo, e só por um instante me pergunto...

-Tenho que partir, Gómez.

Ele assente, e logo vou.

Sexta-feira 27 de abril de 1990

Henry tem 26 anos

Henry: Ingrid e eu estamos no teatro Revisse, dançando e nos queimando os neurônios ao ritmo dos doces sons do Iggy Pop. Ingrid e eu sempre somos felizes quando dançamos juntos, follamos ou dedicamos a qualquer atividade que tenha que ver mais com a parte física que com a intelectual. Agora mesmo estamos no céu. Dirigimos a primeira linha, enquanto o senhor Pop fustiga a todos até nos converter em uma bola compacta de energia maníaca. Uma vez disse ao Ing que dançava como uma alemã, e isso não gostou, mas é certo: dança a sério, como se nossas vidas pendessem de um fio, como se o dançar com precisão pudesse salvar aos meninos famintos da Índia. É fenomenal. O Iggster canta a balada "Calling Sister Midnight": "well, I'm an idiot for you...", e sei exatamente como se sente. É em momentos como estes quando vejo que sentido tem uma relação como a minha com o Ingrid. Fustigamo-nos e queimamos com "o Lust for Life", "China Doi" ou "Funtime". Ingrid e eu tomamos bastante speed para separar em uma missão a Plutão, e me embarga uma sensação estranha e aguda e a profunda convicção de que poderia me dedicar a isto, seguir aqui durante o resto de minha vida e me sentir plenamente satisfeito. Ingrid está suando. Sua camiseta branca lhe pegou ao corpo de um modo interessante e delicioso de um ponto de vista estético, e me proponho arrancar-lhe mas me contenho, porque não leva prendedor e me recordaria isso até não poder mais. Dançamos, Iggy Pop canta e, por desgraça, de modo inevitável e depois de três bise, o concerto termina ao fim. Sinto-me fantasticamente bem. Enquanto desfilamos para a rua com nossos mentalizados e encantados companheiros de concerto, pergunto-me o que poderíamos fazer a seguir. Ingrid se desmarca e se incorpora a larguíssima penetra do serviço de senhoras, e eu a espero fora, na Broadway. Estou contemplando a um yuppie em seu BMW, que discute com o moço aparcacoches sobre um espaço proibido, quando um tio enorme e loiro me sai ao encontro.

-Henry?

Pergunto-me se me ensinará uma citação judicial ou um pouco parecido.

-O que quer?

-Clare me há dito que te saúde.

Quem diabos é Clare?

-Sinto muito, equivoca-te.

Ingrid se aproxima; recuperou já seu aspecto acostumado de garota Bond. Olhe de cima abaixo ao tipo, que é um espécime bastante atrativo, e o passado o braço pelos ombros.

O tipo sorri.

-Sinto muito. Deve ter um dobro por aí.

O coração me contrai; algo se coze que não acabo de compreender, uma parte de meu futuro se imbrica no agora, mas não é o momento de fazer averiguações. O menino parece agradado, e se desculpa antes de afastar-se.

-Do que ia todo isso? -pergunta Ingrid.

-Acredito que me tomou por outro -lhe digo, me encolhendo de ombros.

Ingrid parece preocupada; mas como tudo o que concerne a minha pessoa parece lhe preocupar, dito ignorá-lo.

-Ouça, Ing, o que gosta de fazer agora? -Sinto que poderia atravessar um edifício de um salto.

-Vamos a minha casa?

-Brilhante ideia.

Detemo-nos no Margie's Candies para tomar um sorvete e ao cabo de um momento, estamos no carro entoando: "Gelado, gelado, fiquei-me gelado de gritar: um sorvete!", e rendo como meninos perturbados. Mais tarde, e já na cama do Ingrid, pergunto-me quem será Clare, mas imagino que provavelmente é uma pergunta sem resposta, assim que me esquecimento do tema.

Sexta-feira 18 de fevereiro de 2005

Henry tem 41 anos, e Clare 33

Henry: Hoje levo ao Charisse à ópera. Representam Tristán e Isolda. A razão de que tenha vindo com o Charisse, e não com o Clare, guarda seu correlato com a extrema aversão que esta última sente pelo Wagner. Eu tampouco é que seja um wagneriano contumaz, mas temos entradas para a temporada e prefiro assistir a me perder isso. Esta mesma tarde o discutíamos em casa do Charisse e Gómez, quando ela comentou com nostalgia que jamais tinha ido à ópera. como resultado da conversação, Charisse e eu estamos saindo do táxi que nos deixou frente ao Teatro de Ópera Poesia lírica, e Clare se ficou em casa cuidando de Alvorada e jogando ao Scrabble com a Alicia, que veio a passar a semana conosco.

A verdade é que não gosta de nada. Ao parar em casa de nossos amigos para recolher ao Charisse, Gómez me piscou os olhos um olho me dizendo: "Não retornem a casa muito tarde, filho", em seu melhor tom de pai incompetente. Não consigo recordar quando foi a última vez que Charisse e eu saímos juntos. Eu gosto de Charisse, muito, mas não sei muito bem o que lhe dizer.

Guio-a entre a multidão. Ela caminha devagar, desfrutando com o esplêndido vestíbulo, o mármore e as teatrais e elevadas galerias cheias de ricachones de elegante sobriedade e estudantes com peles falsas e narizes furados. Charisse sorri aos vendedores de libretos, dois cavalheiros vestidos com smoking, que cantam em harmonia situados frente à entrada ao vestíbulo: "Libreto! Libreto! Compre um libreto!". Não veio ninguém que conheça. Os wagnerianos são os Boinas Verdes dos fãs da ópera; são feitos de uma malha mais robusta, e se conhecem entre eles. Há muito beijoca enquanto Charisse e eu subimos pela escalinata até a platéia alta.

Clare e eu temos um camarote particular; é um dos luxos que podemos nos permitir. Retiro a cortina, Charisse entra e exclama:

-OH!

Agarro-lhe o casaco e o coloco com cuidado sobre uma cadeira. Logo também deixo o meu. Acomodamo-nos. Charisse cruza os tornozelos e dobra suas pequenas mãos sobre o regaço. O cabelo negro lhe brilha sob a tênue e suave luz, e com seu pintalábios escuro e seus teatrais olhos, Charisse é como uma menina deliciosa e malévola, vestida de vinte e um botões, a quem deixaram ficar levantada em companhia dos majores. sintase e se empapa da beleza do teatro lírico, dourado-los lavrados e o pano de fundo verde que protege o cenário, as ondas do engessado que descem em cascata e bordean cada arco e cada abóbada, o excitado murmúrio da multidão. As luzes se apagam e Charisse me dedica um sorriso. O pano de fundo se eleva, e nos vemos trasladados a um navio. Isolda canta. Reclino-me na poltrona e me perco na corrente de sua voz.

Depois de quatro horas, uma poção amorosa e uma ovação em pé ao final, volto-me para o Charisse.

-me diga, o que te pareceu?

-Pois um pouco tontorrona, não? -responde-me rendo-. Claro que o canto lhe subtraía qualquer indício de tolice.

Sustento-lhe o casaco e ela avança o braço a provas, procurando a manga; encontra-a e se encolhe dentro do objeto.

-Tontorrona? Suponho que sim. Claro que eu estou disposto a me acreditar que Jane Egland é jovem e bonita, em lugar de uma volumosa de cento e trinta e seis quilogramas, porque tem a voz do Euterpe.

-Do Euterpe?

-A musa da música.

Unimo-nos ao reguero de espectadores satisfeitos que abandonam o teatro. Ao chegar abaixo, saímos à fria noite. Remontamos um pouco Wacker Drive e conseguimos escapulimos em um táxi alcabo de escassos minutos. Estou a ponto de lhe dar ao condutor a direção do Charisse quando ela me diz:

-Henry, vamos tomar um café. Ainda não quero retornar a casa.

Digo-lhe ao taxista que nos leve a Clube do Café de Dom, que está no Jarvis, no extremo norte da cidade. Charisse conversa sobre o canto, que foi sublime; sobre os cenários, também, e ambos coincidimos em que não eram nada acertados; sobre as dificuldades morais de desfrutar do Wagner, quando sabe que foi um bode anti-semita, cujo admirador principal foi Hitler. Quando chegamos ao local de Dom, vemos que está concorridíssimo; Dom recebe a corte com uma camisa hawaiana de cor laranja, e o saúdo com a mão. Encontramos uma mesita na parte de atrás. Charisse pede bolo de cerejas ao gosto do chef e café, e eu peço meu habitual sanduíche de manteiga de amendoim e geléia, e um café também. Perry Como canta no estéreo e uma neblina de fumaça de cigarro se expande pelos jogos de comilão de diariamente e as pinturas compradas nos leilões. Charisse apóia a cabeça entre as mãos e sussurra.

-É tão incrível... Acredito que às vezes esquecimento o que é sentir-se adulto.

-Não saem muito, verdade?

Charisse amassa o sorvete com o garfo e ri.

-Joe faz isto. Diz que sabe melhor se se abrandar. meu deus, sou eu quem imita suas maus maneiras em lugar de que eles sejam quem aprenda meus. -Charisse toma um bocado de bolo-. Se quiser que responda a sua pergunta, sim que saímos, mas quase sempre é para assistir a atos políticos. Gómez está pensando em apresentar-se a regedor.

Engasgo-me com o café e começo a tossir. Quando recupero a fala, digo-lhe:

-Não brinque! Não é isso aventurar-se no lado tenebroso? Gómez sempre está carregando contra a administração da prefeitura.

Charisse me olhe com ironia.

-decidiu trocar o sistema de dentro. Está queimado de tantos casos espantosos de abuso de menores. Acredito que se convenceu de que, no fundo, poderia melhorar as coisas se tivesse um pouco de influência.

-Talvez tem razão.

Charisse nega com gesto terminante.

-Eu gostava mais quando fomos jovens anarquistas revolucionários. Prefiro voar objetos que beijar culos.

-Jamais me tinha dado conta de que é mais radical que Gómez -lhe digo sorrindo.

-OH, sim. O que passa é que não tenho tanta paciência como ele. Quero ação.

-Gómez tem paciência?

-Certamente que sim. Se não, olhe todo o assunto do Clare... -Charisse se cala de repente, e me olhe.

-Que assunto? -Dou-me conta de que estou expondo a pergunta que nos trouxe para este lugar, que Charisse esperou todo este tempo para tirar o tema. Pergunto-me o que saberá ela que eu desconheça. Pergunto-me se quero saber o que ela sabe. Acredito que prefiro ignorá-lo.

Charisse aparta o olhar, e logo fixa seus olhos em mim. Contempla seu café e coloca as mãos ao redor da taça.

-Bom, acreditava que você já sabia, mas é que... Gómez está apaixonado pelo Clare.

-Sim. -Não a ajudo com esta afirmação.

Charisse percorre com o dedo o grão do chapeado da mesa.

-Como te dizia... Clare lhe há dito que vá se fritar aspargos, mas ele pensa que se agüentar o bastante, algo passará, e ele terminará com ela.

-Algo passará...?

-Algo acontecerá com ti -afirma Charisse; seu olhar se cruza com a minha.

Sinto-me enjoado.

-Perdoa -lhe digo.

Levanto-me e me dirijo ao minúsculo banho plastificado com imagens da Marilyn Monroe. Jogo-me água fria na cara e me apóio contra a parede com os olhos fechados.

Quando comprovo que não vou partir me a nenhuma parte, retorno à cafeteria e me sinto.

-Perdoa. O que estava dizendo?

Charisse parece assustada e retraída.

-Henry -me diz em voz fica-, diga-me isso Charisse suspira.

-Que te diga o que, Charisse?

-me diga que não irá a nenhuma parte. me diga que Clare não quer ao Gómez. me diga que todo se solucionará; ou me diga que tudo é uma mierda, não sei... Mas faz o favor de me dizer o que está passando! -exclama com voz trêmula. Põe-me a mão no braço e faço um esforço para não retirá-lo.

-Viverá feliz, Charisse. Tudo irá bem.

Me olhe fixamente, sem me acreditar, mas desejando que minhas palavras sejam certas. Inclino a cadeira para trás.

-Ele não te deixará.

Charisse suspira.

-E quanto a ti?

Não respondo. Charisse segue me olhando, mas logo fica cabisbaixa.

-Vamos a casa -diz finalmente, e saímos do local.

Domingo 12 de junho de 2005

Clare tem 34 anos, e Henry 41

Clare: Uma preciosa tarde de domingo entro na cozinha e vejo o Henry de pé junto à janela, contemplando o pátio traseiro. Faz-me um sinal para que me aproxime.

Quando Miro para fora, vejo que Alvorada está jogando no jardincillo com uma menina maior que ela, de uns sete anos. Tem o cabelo escuro e vai descalça. Leva uma camiseta suja com a insígnia dos Cubs. As duas meninas estão sentadas no chão, a uma frente à outra. A maior nos dá as costas. Alvorada lhe sorri e faz um gesto

com as mãos, como se estivesse voando. A outra menina move a cabeça em sinal de negação e ri.

-Quem é? -pergunto ao Henry.

-É Alvorada.

-Já, mas quem está com ela.

Henry sorri, mas franzido o sobrecenho até que o sorriso adquire uma aparência de preocupação.

-Clare, é Alvorada quando for maior. Está viajando através do tempo.

-Santo Céu! -Fico contemplando à menina, que se gira em redondo e assinala para a casa. Vejo seu breve perfil e então se dá a volta de novo-. Não teríamos que sair?

-Não, ela está bem. Se querem entrar, já o farão.

-eu adoraria conhecê-la...

-Vale mais que não... -começa a dizer Henry, mas nesse preciso instante as duas Alvorada se levantam de um salto e se dirigem à carreira para a porta traseira, da mão. Entram como uma exalação na cozinha, rendo a gargalhadas.

-Mamãe, mamãe -diz minha Alvorada, a Alvorada de três anos, assinalando-. Olhe! Uma Alvorada maior que eu!

A outra Alvorada sorri e me saúda, e eu lhe devolvo a saudação. Entretanto, quando se volta e vá ao Henry, grita:

-Papai!

A menina se equilibra para ele, envolve-o entre seus braços e põe-se a chorar. Henry me olhe de soslaio, inclina-se sobre Alvorada, balança-a e lhe sussurra algo ao ouvido.

Henry: Clare está lívida; observa-nos, de pé, lhe agarrando a manita a Alvorada, a pequenita Alvorada, que permanece imóvel contemplando boquiaberta como seu outro eu se aferra para mim, chorando. Inclino-me sobre Alvorada, e lhe sussurro ao ouvido:

-Não diga a mamãe que morri, de acordo?

A menina levanta os olhos, com lágrimas pendendo de suas largas pestanas, os lábios trêmulos, e assente. Clare lhe tende um lenço de celulose, diz-lhe que se soe o nariz e lhe dá um abraço. Alvorada permite que Clare a leve para lhe lavar a cara. A pequena Alvorada, esta Alvorada do presente, encarapita-se a minha perna.

-por que, papai? por que está triste?

Por sorte não tenho que responder porque Clare e Alvorada já retornam; esta leva uma das camisetas do Clare e um par de calças cortadas que são meus.

-me escutem todos, gosta de ir tomar um sorvete? -propõe Clare.

As duas Alvorada sorriem; a pequena dança a nosso redor chiando:

-Gelado, gelado, fiquei-me gelado...

Apertamo-nos no carro, Clare conduz, a Alvorada de três anos vai no assento dianteiro e a Alvorada de sete, no traseiro, comigo. A menina se apóia em mim, e eu o passado o braço pelo ombro. Ninguém pronuncia nenhuma só palavra, salvo a pequena Alvorada, que vai dizendo: "Olhe, Alvorada, um perrito! Olhe, Alvorada, olhe, Alvorada...!", até que seu outro eu lhe responde:

-Sim, Alvorada, já o vejo.

Clare nos leva ao Zephyr; instalamo-nos em um reservado de vinil azul resplandecente e pedimos duas banana splits, um malte chocolateada e um cartucho de baunilha de textura suave com aparas. As meninas sugam o banana split como dois aspiradoras; Clare e eu brincamos com nosso sorvete, sem nos olhar.

-Alvorada -diz Clare-, o que está passando em sua presente?

Alvorada me dirige um olhar de inteligência.

-Não grande coisa. O avô me está ensinando o Concerto para Violino, número 2, do Saint-Saëns.

-Participa de uma peça de teatro na escola -a interrompo.

-Ah, sim? Ainda não, suponho.

-Ai, sinto muito. Acredito que isso não acontece até o ano seguinte.

A conversa segue por esses roteiros. Mantemos um bate-papo atropelado, dando rodeios para não mencionar o que sabemos, porque temos que impedir que Clare e a pequena Alvorada se inteirem da verdade. Ao cabo de um momento, a Alvorada já enchente recosta a cabeça entre seus braços, sobre a mesa.

-Cansada? -pergunta-lhe Clare.

A menina assente.

-Será melhor que nos partamos -digo ao Clare.

Pagamos e coxo em braços a Alvorada; está exânime, quase dormida em meus braços. Clare levanta a Alvorada, que está hiperglucêmica de tanto açúcar. Instalados já no carro, e enquanto cruzamos pela avenida Lincoln, Alvorada se desvanece.

-Já tornou -digo ao Clare.

Ela me sustenta o olhar do retrovisor durante uns breves instantes.

-tornou onde, papai? -pergunta Alvorada-. Onde tornou?

Mais tarde

Clare: Ao final, consegui que Alvorada durma a sesta. Henry está sentado em nossa cama, bebendo um uísque escocês e olhando pela janela como se perseguem uns esquilos pelo emparrado da pérgola. Sinto a seu lado.

-Olá -lhe digo.

Henry me olhe, passa-me o braço pelo ombro e me atrai para si.

-Olá.

-vais contar me do que ia todo isso?

Henry deixa o copo e começa a me desabotoar os botões da blusa.

-Posso passar sem lhe dizer isso -Ah, sí. -Se quita los calcetines y nos quedamos mirando.

-Não. -Desabotô-lhe o cinturão e logo o botão dos nos cubra.

-Está segura? -pergunta-me, me beijando o pescoço.

-Sim. -O sob a cremalheira e, lhe colocando a mão por debaixo da camisa, acaricio-lhe o estômago.

-A verdade é que não quererá sabê-lo.

Henry deixa escapar seu fôlego em meu ouvido e me lambe a orelha. Tremo. Tira-me a blusa e me desabotoa o fechamento do prendedor. Os peitos cedem e me tombo de costas, contemplando ao Henry enquanto se tira os nos cubra, as cueca e a camisa. Quando se mete na cama, digo-lhe:

-Os meias três-quartos.

-Ah, sim. -tira-se os meias três-quartos e ficamos olhando.

-Está tentando uma manobra de distração -lhe digo.

-Sou eu o que tenta distrair-me diz Henry, me acariciando o estômago-. Se além consigo te distrair a ti, melhor que melhor.

-Tem que me contar isso -¿Por qué?

-Não, não. -Cobre-me os peitos com suas mãos e percorre meus mamilos com os polegares.

-Imaginarei o pior.

-Você mesma.

Levanto os quadris e Henry atira de meus nos cubra e meus braguitas. sinto-se escarranchado sobre mim, inclina-se e me beija. "Do que se trata, Meu deus? -pergunto-me-. O que pode ser tão mau?" Fecho os olhos. Assalta-me uma lembrança: o prado, um frio dia de inverno de minha infância, correndo sobre a erva morta, ouço um ruído, é ele, que me chama...

-Clare? -Henry me remói os lábios, com suavidade-. Onde está?

-Em 1984.

Henry se detém e me pergunta:

-por que?

-Acredito que aí é onde acontece tudo.

-Onde acontece o que?

-O que tem tanto medo de me contar.

Henry se deixa cair a um lado e ficamos jogados, de flanco.

-Conta-me o La tarde sigue luciendo, dorada. En casa, sin embargo, tenemos frío, y nos fundimos en un abrazo para darnos calor. Alba, en su camita, duerme, y sueña con helados, sueña los minúsculos sueños satisfechos de los tres años, mientras que otra Alba, en algún punto del futuro, sueña en poder abrazar a su padre, pero se despierta y descubre... ¿el qué?

-Era cedo. Um dia de outono. Meu pai e Mark saíram a caçar cervos. Despertei; acreditei ouvir que me chamava, e saí correndo para o prado. Aí estava você, junto com meu pai e Mark, olhando algo, mas meu pai me fez retornar a casa, e nunca pude ver o que era o que estavam olhando.

-Ah, não?

-Esse mesmo dia, mais tarde, fui à clareira; e encontrei um lugar na erva completamente empapado de sangue.

Henry não diz nada, mas franzido os lábios. Rodeio-o com meus braços, e o aperto com força.

-O pior...

-Cala, Clare.

-Mas...

-Silêncio.

A tarde segue luzindo, dourada. Em casa, entretanto, temos frio, e nos fundimos em um abraço para nos dar calor. Alvorada, em seu camita, dorme, e sonha com gelados, sonha os minúsculos sonhos satisfeitos dos três anos, enquanto que outra Alvorada, em algum ponto do futuro, sonha em poder abraçar a seu pai, mas se acordada e descobre... o que?

O episódio do estacionamento da rua Monroe

Segunda-feira 7 de janeiro de 2006

Clare tem 34 anos, e Henry 42

Clare: Dormimos profundamente uma madrugada de inverno quando soa o telefone. Me acordado de repente, com o coração em um punho, e me dou conta de que tenho ao Henry a meu lado, quem passa o braço por cima de minha cabeça e responde ao telefone. Jogo uma olhada ao despertador; são as 4.32 horas.

-O que há? -diz Henry.

Durante um comprido minuto permanece à escuta. Por minha parte, estou completamente acordada. Henry se mostra impertérito.

-De acordo. Fique aí. Saímos agora mesmo. -inclina-se para diante e pendura o auricular.

-Quem era?

-Eu. Era eu. Estou no estacionamento da rua Monroe, sem roupa, a nove graus abaixo de zero. Caray, espero que o carro arranque.

Saltamos da cama e nos vestimos de qualquer maneira com a roupa do dia anterior. Henry se põs as botas e o casaco antes de que eu me tenha embainhado os nos cubra, e parte correndo a arrancar o carro. Coloco uma camisa, roupa interior de manga larga, alguém nos cubra, os meias três-quartos e as botas do Henry, junto com um casaco de mais, umas luvas e uma manta, em uma bolsa de plástico, acordado a Alvorada, envolvo-a com seu casaco e calço umas botitas, ponho-me o casaco em um abrir e fechar de olhos e saio pela porta. Movo o carro da garagem antes de que se esquentou de tudo e se impregna. Volto a arrancar, esperamos um minuto e o tento de novo. Ontem caíram quinze centímetros de neve e Ainslie está sulcado de gelo. Alvorada choraminga em seu sillita do carro e Henry tenta acalmá-la. Quando chegamos ao Lawrence, acelero, e ao cabo de dez minutos já chegamos ao passeio; não há ninguém na rua a estas horas. A calefação do Funda ronrona. O céu começa a limpar-se sobre o lago. Tudo adquire um tinteiro azul e alaranjado, frágil sob o frio extremo. Enquanto percorremos o passeio da Ribeira do Lago, invade-me a tremenda sensação de ter vivido antes essa situação: o frio, o lago em um silêncio de sonho, o resplendor sódico das luzes; já estive aqui, estive aqui antes. Estou profundamente imbricada no momento, e a sensação perdura, distancio-me do estranho do caso e começo a tomar consciência da duplicidade do presente; apesar de avançar a toda velocidade por esta invernol paisagem urbana, o tempo permanece imóvel. Passamos pelo Irving, Belmont, Fullerton e LaSalle: saio por Michigan. Voamos pelo comprido trecho deserto de lojas de luxo, a rua do Carvalho, Chicago, Randolph e Monroe, e nos inundamos no mundo subterrâneo de concreto armado do estacionamento. Recolho o bilhete que a fantasmagórica voz feminina da máquina me oferece.

-te dirija ao extremo noroeste -diz Henry-. Ao telefone público que há junto à guarita do vigilante.

Sigo suas instruções. A sensação de déjà vu desaparece. Sinto como se o anjo da guarda me tivesse abandonado. O estacionamento está virtualmente vazio. Acelero para atravessar os metros de linhas amarelas que nos separam do telefone público: o auricular pendura do cordão. Não há nem rastro do Henry.

-Talvez retornaste à presente.

-Pode que não...

Henry está confuso, e eu também. Saímos do carro. Faz muito frio. Meu fôlego se condensa e desaparece. Tenho a sensação de que não deveríamos partir, mas tampouco acerto a adivinhar o que deve ter ocorrido. Caminho até a guarita do vigilante e espionagem pela janela. O vigilante não está. Os monitores de vídeo mostram o concreto vazio.

-Mierda. Aonde me dirigiria eu? Demos uma volta com o carro.

Retornamos ao automóvel e circulamos devagar entre as vastas câmaras de pilares dos espaços livres, os sinais que nos indicam que diminuamos a marcha, que anunciam que existem mais lugares disponíveis e que recordemos a convocação de nosso veículo. Não há sinais do Henry por nenhum lado. Olhamo-nos derrotados.

-De que época vinha?

-Não me há isso dito.

Retornamos a casa em silêncio. Alvorada está dormindo. Henry olhe pela janela. O céu está espaçoso, de uma cor rosada para o este, e há mais carros na estrada, os primeiros viajantes que vão ao trabalho. Enquanto esperamos que troque o semáforo da rua Ohio, ouço grasnar às gaivotas. As ruas estão sombrias pelo sal e a água. A cidade se revela, branda, branca, obscurecida pela neve. É muito formoso. Distancio-me, como se me achasse em um filme. Parece que saímos ilesos, mas cedo ou tarde nos passarão fatura.

Aniversário

Quinta-feira 15 de junho de 2006

Clare tem 35 anos

Clare: Amanhã é o aniversário do Henry. Estou no Vintage Vinyl, tentando encontrar um álbum de música que goste e ainda não tenha. Esperava poder lhe perguntar ao Vaughn, o proprietário da loja, se podia me ajudar, porque Henry faz anos que vem por aqui. Mas depois do mostrador vejo um moço que deve ir ainda ao instituto, leva uma camiseta do Seven Dead Arson, e provavelmente nem sequer tinha nascido quando se gravou a maioria dos discos que vendem na loja. Vou passando os discos que há nas caixas. Sex Pistols, Patti Smith, Supertramp, Matthew Sweet, Phish, Pixies, Pogues, Pretenders, B-52's, Kate Bush, Buzzcocks. Jogo and the Bunnymen. The Art of Noise. The Nails. The Clash, The Cramps, The Cure. Televisão. Detenho-me o encontrar uma escura adaptação do Velvet Underground, tentando recordar se o vi por casa; examinando-o melhor, dou-me conta de que tão solo se trata de um batiburrillo de canções que Henry já tem em outros álbuns. Dazzling Killmen, Dead Kennedys. Vaughn entra com uma caixa enorme em braços, deixa-a cair depois do mostrador e volta a meter-se na trastienda. Entra e sai umas quantas vezes, e logo, junto com o moço, começa a desempacotar as caixas, empilhando vários LP sobre o mostrador e profirindo exclamações sobre temas dos quais jamais ouvi falar. Aproximo-me do Vaughn e lhe ponho diante três LP sem dizer uma palavra.

-Olá, Clare -me diz com um sorriso de orelha a orelha-. Que tal vai tudo?

-Olá, Vaughn. Amanhã é o aniversário do Henry. me ajude, por favor.

Lança um olhar a minha seleção.

-Esses dois já os tem -diz, indicando com um gesto da cabeça os do Lilliput and the Breeders-, e esse outro é horrível -refiriéndose aos Plasmatics-. Boa coberta, de todos os modos, né?

-Sim. Tem algo nessa caixa que pudesse lhe interessar?

-Não. Isto é de finais dos cinquenta. De uma senhora maior que morreu. Igual você gosta deste, recebi-o ontem.

Saca uma recopilação do Golden Filhotes de pomba da caixa de Novidades. Há um par de temas novos, e me fico. De repente Vaughn me sorri:

-Tenho uma autêntica raridade para ti... Estava-a guardando para o Henry -diz, passando depois do mostrador e rebuscando em seu interior durante uns minutos-. Aqui está.

Vaughn me tende um LP com uma coberta em branco e negro. Saco o disco e leio a etiqueta: "Annette Lyn Robinson, Ópera de Paris, 13 de maio de 1968, Lulú". Miro ao Vaughn com expressão interrogativa.

-Sim, já. Não é precisamente ao que nos tem acostumados, verdade? É uma cópia pirata de um concerto; oficialmente, não existe. Pediu-me faz tempo já que estivesse

ao tão se por acaso aparecia algo da cantor, mas como tampouco é exatamente ao que me dedico, encontrei-o e logo esqueci dizer-lhe Escutei-o; é muito bonito. Tem um bom som.

-Obrigado -sussurro.

-De nada. Ouça, do que vai tudo isto?

-É a mãe do Henry.

Vaughn arqueia as sobrancelhas e ruga a frente em um gesto cômico.

-Não chateie! Sim... É verdade que se parece com ela. Vá, que interessante. Pois poderia havê-lo mencionado.

-Não fala muito dela, a verdade. Morreu quando ele era pequeno, em um acidente de carro.

-Ah, sim, é certo. Lembrança ter ouvido algo. Bom, quer algo mais para ti?

-Não, isso é tudo.

Pago ao Vaughn e me parto, abraçando a voz da mãe do Henry contra meu peito, enquanto caminho pela rua Davis desfrutando-a de antemão.

Sexta-feira 16 de junho de 2006

Henry tem 43 anos, e Clare 35

Henry: Hoje faço quarenta e três anos. Abro de repente os olhos às 6.46, apesar de que tenho o dia livre e não devo ir trabalhar, mas não consigo voltar a dormir.

Miro ao Clare e a vejo profundamente abandonada ao torpor, com os braços separados e o cabelo disposto em abano sobre seu travesseiro, de qualquer maneira. Está

preciosa, apesar das marcas que lhe cruzam as bochechas produzidas pela capa do travesseiro.

Levanto-me com cuidado, vou à cozinha e preparo o café. Já no banheiro

deixo correr a água durante um momento para que se quente. Teríamos que chamar o encanador, mas nunca o fazemos. Volto para a cozinha e me sirvo uma taça de café,

que me levo a banho e sotaque em precário equilíbrio sobre o lavabo. Ensabão-me a cara e me disponho a me barbear. Pelo general, sou um perito me barbeando sem ter

que me olhar ao espelho, mas hoje, em honra a meu aniversário, realizo um inventário.

O cabelo me tornou quase branco; ficam umas mechas escuras nas têmporas e minhas sobrancelhas são completamente negras. Me deixei crescer isso um pouco, não

tanto como antes de conhecer o Clare, mas não o levo muito curto. Minha pele está curtida, me marcam rugas de expressão nos olhos e na frente, e tenho umas linhas

muito marcadas que vão dos orifícios do nariz às comissuras dos lábios. Meu rosto é muito magro. Não apresenta uma magreza tipo Auschwitz, mas tampouco é uma magreza

muito normal. Possivelmente a que está acostumado a apresentar-se nos primeiros estádios do câncer, ou a própria dos viciados na heroína. Não quero pensar muito

nisso, assim sigo me barbeando. Esclareço-me, aplico-me loção pós-barba e valoro os resultados.

Ontem, na biblioteca, alguém recordou que hoje era meu aniversário, e Roberto, Isabelle, Matt, Catherine e Amelia vieram a me buscar e me levaram ao Beau Thai

para almoçar. Sei que circulam rumores no trabalho sobre minha saúde, e sobre a razão de que tenha perdido tanto peso em tão pouco tempo, por não falar do fato de

meu prematuro envelhecimento. Todos se mostraram do mais agradável, de um modo parecido a como se trata às vítimas de sida e aos pacientes submetidos a quimioterapia.

Quase desejava que alguém me perguntasse isso, para assim poder lhes mentir e terminar de uma vez. Entretanto, em lugar disso brincamos e comemos macarrão Pad Thai

e porco ao curry Prik King, frango com caju e macarrão Pad Seeuw. Amelia deu de presente uma libra de grãos de café da Colômbia. Catherine, Matt, Roberto e Isabelle,

em um alarde de extrema generosidade, obsequiaram-me com o fac-símile Getty da Olhe Calligraphiae Monumenta, que vendem na loja da Newberry e levo anos cobiçando. Não pude evitar olhá-los fixamente, com o coração em um punho, e foi então quando me dava conta de que meus colegas de trabalho acreditam que me estou morrendo.

-Mas meninos... -pinjente, e não me ocorreu como seguir a frase, assim guardei silêncio. Não está acostumado a ocorrer que fique sem palavras.

Clare se levanta, e Alvorada também. Vestimo-nos e subimos nossas coisas ao carro. Vamos ao zoológico do Brookfield com o Gómez, Charisse e os meninos. Passamos o dia perambulando pelo recinto, olhando os macacos e os flamencos, os ursos polares e as lontras. A Alvorada adora os grandes felinos. Rosa leva a Alvorada agarrada da mão e lhe conta histórias de dinossauros. Gómez faz uma imitação perfeita de um chimpanzé, e Max e Joe vão dando saltos por aí, fingindo que são elefantes e lhe dando a seus videojuegos portáteis. Charisse, Clare e eu passeamos sem rumo fixo, conversando de nimiedades, nos empapando de sol. Às quatro em ponto os meninos estão cansados e enlouquecidos, metemo-los nos carros, prometemos não demorar para repetir a saída e partimos a casa.

A canguru chega pontualmente às sete. Clare suborna e ameaça a Alvorada para que se comporte bem, e nos escapamos. Vestimo-nos que vinte e um botões, ante a insistência do Clare, e enquanto vamos rumo ao sul pelo passeio da Ribeira do Lago, dou-me conta de que não sei aonde nos dirigimos.

-Já o verá -me diz Clare.

-Suponho que não será uma festa surpresa, verdade? -pergunto-lhe com apreensão.

-Não -me assegura ela.

Clare sai do passeio pelo Roosevelt e se mete pelo Pilsen, uma vizinhança hispana se localizado ao sul do centro. Encontramo-nos com diversos grupos de moços que jogam nas ruas, e vamos esquivando-os até que ao final estacionamos perto da Vinte com o Racine. Clare me leva a um edifício de dois pisos muito quebrado e touca o timbre que há na grade. Um zumbido desbloqueia a fechadura e entramos, enfiados o pátio coberto de lixo e subimos umas escadas precárias. Clare chama com os nódulos a uma porta e nos abre Lourdes, uma amiga do Clare da faculdade de Belas artes. Lourdes nos sorri e nos convida a passar com um gesto da mão. Ao entrar, vejo que o apartamento se transfigurou em um restaurante no que há uma única mesa. Uns aromas maravilhosos povoam a estadia, e vestiram a mesa de damasco branco, com porcelana e velas. Um toca-discos repousa sobre um aparador profusamente lavrado. Na sala de estar há jaulas cheias de pássaros: louros, canários e diminutos periquitos. Lourdes me beija na bochecha.

-feliz aniversário, Henry!

Uma voz familiar exclama então:

-Sim, feliz aniversário!

Indício a cabeça na cozinha, e frente a mim vejo o Nell, que remove algo em uma frigideira e, sem deixar de remover, deixa-se abraçar e levantar ligeiramente do chão.

-Uyuyuyuy! Vejo que tomaste cereais para tomar o café da manhã!

Clare abraça ao Nell e as duas mulheres se sorriem com ternura.

-Parece muito surpreso seu Henry -diz Nell, e ao Clare lhe ilumina o rosto-. Venha, ides sentar lhes -ordena isso-. O jantar já está preparado.

Acomodamo-nos na mesa, o um frente ao outro. Lourdes traz uns platitos de antipasti dispostos com aprimoramento: presunto transparente com um melão amarelo pálido, mexilhões tenros e defumados, alguém tirita de cenoura e beterraba açucareiro que têm sabor de erva-doce e azeite de oliva. A luz das velas outorga um halo quente à pele do Clare, ao mesmo tempo que some seus olhos na sombra. As pérolas que leva delineiam suas clavículas e a pálida e suave zona do decote, que se eleva e descende ao compasso de sua respiração. Clare me pilha observando-a, sorri e desvia o olhar. Concentro-me então em meu prato e advirto que terminei que comer os mexilhões e permaneço sentado, agarrando o garfo de entrantes como se fora um idiota. Deixo-o em cima da mesa e Lourdes se leva o serviço para trazer o seguinte prato.

Tomamos o fantástico e excepcional atum do Nell, refogado com um molho de tomate, maçã e manjerição. Comemos uma pequena salada de chicória e pimentão laranja, e umas azeitonas negras e diminutas, que me recordam um almoço que fiz com minha mãe em um hotel de Atenas quando era muito pequeno. Bebemos Sauvignon Blanc, brindando continuamente.

-Pelas azeitonas!

-Pelas cangurus!

-Pelo Nell!

Esta surge da cozinha com um pequeno bolo plano e branco sobre o qual ardem umas velas. Clare, Nell e Lourdes cantam "Aniversários feliz". Formulo um desejo e sopro as velas de uma só vez.

-Isso significa que fará realidade seu desejo -diz Nell, embora o meu não é um desejo fácil de conseguir.

Os pajarillos tagarelam entre eles com voz estranha enquanto comemos o bolo. Logo Lourdes e Nell se esfumam para a cozinha.

-Tenho um presente para ti -anuncia Clare-. Fecha os olhos.

Acato suas ordens, e ouço que Clare retira sua cadeira da mesa e cruzamento a habitação. Logo ouço o ruído de uma agulha sulcando vinil... um vaio... violinos... uma soprano pura, perfurando como a chuva que aumenta o clamor da orquestra..., a voz de minha mãe cantando Lulú. Abro os olhos. Clare está sentada à mesa, frente a mim, sorrindo. Levanto-me e vou para ela para abraçá-la.

-É incrível -lhe digo e, como não posso seguir falando, a beijo.

Muito mais tarde, depois de nos haver despedido do Nell e Lourdes com infinitas amostras de lacrimosa gratidão, depois de ter chegado a casa e pago a canguru, depois de ter feito o amor aturdidos por um prazer exaustivo, ficamos jogados na cama, quase dormidos, e Clare diz:

-foi um bom aniversário?

-Perfeito. O melhor.

-Não desejaria poder deter o tempo? Não me importaria nada eternizar este momento.

-Mmmm -lhe respondo, me pondo de barriga para baixo antes de dormir.

-Sinto como se estivéssemos no alto de uma montanha russa -me diz Clare, mas durmo, e esquecimento lhe perguntar, à manhã seguinte, o que queria dizer exatamente.

Uma cena desagradável

Quarta-feira 28 de junho de 2006

Henry tem 43 e 43 anos

Henry: Apareço na escuridão sobre um frio chão de cimento armado. Intento me incorporar, mas me enjoa e me tendo de novo. Dói-me a cabeça. Meço com as mãos; tenho um enorme inchaço justo atrás do ouvido esquerdo. Enquanto me ajusta a visão, espionagem o débil perfil de umas escadas, diversos sinais de saída e, no alto, um único tubo fluorescente que emite uma luz fria. A meu redor vejo o desenho cruzado de aço da jaula. Encontro-me na biblioteca Newberry, de madrugada, no interior da jaula.

-Não desespere -me digo em voz alta-. Não passa nada. Tranquilo, não passa nada.

Calo ao me dar conta de que não atendo a minhas palavras. Consigo me pôr em pé. Estou tremendo. Pergunto-me quanto momento terei que esperar, o que dirão os colegas do trabalho quando me virem; porque tudo terminou: estou a ponto de me descobrir como o débil prodígio da natureza que em realidade sou. A meu favor só posso dizer que nada mais longe de minha intenção.

Intento caminhar acima e abaixo para entrar em calor, mas o movimento me martillea o crânio. Rendo-me, sinto-me no centro do chão da jaula e me comprimo ao máximo. Transcorrem várias horas. Repasse o incidente inteiro em minha cabeça, ensaiando o guia, valorando todas as possibilidades que tinha de que as coisas saíssem melhor, ou pior inclusive. Ao final, canso-me e rememoro canções mentalmente. That's Entertainment, pelos Jam, Pilis and Soap, pelo Elvis Costello, Perfect Day, pelo Lou Reed. Intento recordar a letra de I Love ao Man in Uniform, do Gang of Four, quando se acende a luz com uma piscada. Era de esperar que fora Kevin, o nazista de segurança, abrindo a biblioteca. É a última pessoa em todo o planeta a que quereria me encontrar, estando nu e apanhado na jaula; por isso, como é natural, vê-me nada mais entrar. Estou acurrucado no chão, imitando às zarigüeyas.

-Quem anda aí? -diz Kevin, com um tom de voz mais alto do estritamente necessário.

Imagino ao Kevin de pé, pastoso e resacoso, iluminado pela luz nauseabunda do oco da escada. Sua voz ricocheteia no recinto, ressonando no cimento armado. Kevin baixa e se planta ao pé das escadas, a uns três metros de mim.

-Como entraste aí? -pergunta-me, dando voltas ao redor da jaula.

Por minha parte, finjo que estou inconsciente. Posto que não posso lhe dar nenhuma explicação, prefiro que não me incomode.

-Santo Céu, é DeTamble! -exclama, e o noto aí perto, de pé, boquiaberto. Ao final, entretanto, lembra-se da rádio-. Ah, dez-e quatro, né, Roy!

Sonha a vibração ininteligível da eletricidade estática.

-Ah, sim. Roy, sou Kevin. Isto... Poderia baixar a A46? Sim, ao pé mesmo. -A rádio emite um gemido-. Você baixa e verá. -Kevin apaga a rádio-. Que forte, DeTamble! Não sei o que crie que vais demonstrar, mas agora sim que a armaste boa.

Ouçoo como se move ao redor da jaula. Rangem-lhe os sapatos e grunhe pelo baixo. Suponho que deve haver-se sentado nas escadas. Ao cabo de uns minutos se abre uma porta no piso de acima e Roy descende os degraus. Roy é meu vigilante jurado preferido. É um enorme cavalheiro afroamericano que sempre leva um sorriso desenhado no rosto. É o rei do mostrador principal, e sempre me alegra chegar ao trabalho e desfrutar com seu magnífico bom humor.

-Uauuu, mas o que temos aqui?

-É DeTamble. Não consigo imaginar como se colocou aí dentro.

-DeTamble? Vá, vá. Esse moço sem dúvida tem predileção por arejar seu pilila. Conte-te alguma vez a ocasião em que o encontrei correndo em couros pelo elo

do terceiro piso?

-Sim, sim me contou isso.

-Bom, suponho que vamos ter que tirar o daí.

-Não se move.

-Bom, mas respira. Crie que estará ferido? Talvez deveríamos chamar uma ambulância.

-vamos necessitar aos bombeiros; terão que tirá-lo cortando essas travessas com essas tenazes que usam nas catástrofes -propõe Kevin, todo excitação.

Não quero que venham nem o departamento de polícia nem os profissionais sanitários; portanto, choramingação e me incorporo.

-bom dia você tenha, senhor DeTamble -então Roy-. chegou um pouco logo, não?

-Só um poquito -lhe concedo, encolhendo os joelhos até me tocar o queixo. Tenho tão frio que me doem os dentes de tanto apertar a mandíbula. Observo ao Kevin e ao Roy, e eles sustentam meu olhar-. Suponho que não aceitariam um suborno por minha parte, verdade, cavalheiros?

Os dois vigilantes intercambiam olhadas.

-Depende -terça Kevin-. Depende do que tenha em mente. Não podemos manter a boca fechada sobre o incidente porque não podemos te tirar sozinho.

-Não, não. Isso já me imagino.

Parecem aliviados.

-Escutem. Darei-lhes a cada um cem dólares se fizerem um par de coisas por mim. A primeira é: eu gostaria que um de vós saísse e fora para me buscar uma taça de café.

A cara do Roy se ilumina e me oferece um dos sorrisos patenteados do rei do mostrador principal.

-Demônios, senhor DeTamble, isso o farei grátis. Claro que não sei como lhe vais beber isso Transcurren unos veinte minutos y al final oigo que abren con llave una puerta y Kevin baja las escaleras, seguido de Matt y Roberto. Kevin me mira a los ojos y se encoge de hombros, como diciendo: "Lo intenté". Me pasa la camisa entre la malla metálica de la jaula y me la pongo mientras Roberto permanece de pie ante mí, mirándome con frialdad y con los brazos cruzados. Los pantalones abultan un poco, y me supone un cierto esfuerzo tirar de ellos para introducirlos en la jaula. Matt está sentado en la escalera con una expresión de duda dibujada en el rostro. Oigo que la puerta vuelve a abrirse. Es Roy, que trae café y un bollo. Coloca una pajita en la taza y la deja en el suelo, junto al bollo. Tengo que apartar los ojos de esa visión y obligarme a mirar a Roberto, quien se vuelve hacia Roy y Kevin y les pregunta:

-me traga uma pajita; e não vá às máquinas do vestíbulo. Sal e vá procurar um café de verdade. Com leite e sem açúcar.

-Dá-o por feito.

-E a seguinte coisa? -pergunta Kevin.

-Quero que suba a Coleções Especiais e agarre minha roupa do despacho. Encontrará-a na gaveta inferior direito. Terá um extra se o conseguir sem que ninguém se dê conta.

-Não sofra -diz Kevin, e me pergunto por que estranha razão jamais me gostou deste homem.

-Será melhor que fechemos a escada com chave -diz Roy ao Kevin, quem assente e se dispõe a passar os ferrolhos. Roy fica junto à jaula e me olhe com lástima-. me Conte, como te colocaste aí dentro?

-A verdade é que minha resposta não te soaria convincente -lhe respondo, me encolhendo de ombros.

Roy sorri com um gesto de incredulidade.

-Bom, enquanto pensa nisso, irei te buscar essa taça de café.

Transcorrem uns vinte minutos e ao final ouço que abrem com chave uma porta e Kevin baixa as escadas, seguido do Matt e Roberto. Kevin me olhe aos olhos e se encolhe de ombros, como dizendo: "Tentei-o". Me passa a camisa entre a malha metálica da jaula e me ponho isso enquanto Roberto permanece de pé ante mim, me olhando com frieza e com os braços cruzados. As calças avultam um pouco, e me supõe um certo esforço atirar deles para introduzi-los na jaula. Matt está sentado na escada com uma expressão de dúvida desenhada no rosto. Ouço que a porta volta a abrir-se. É Roy, que traz café e um pão-doce. Coloca uma pajita na taça e a deixa no chão, junto ao pão-doce. Tenho que apartar os olhos dessa visão e me obrigar a olhar ao Roberto, quem se volta para o Roy e Kevin e lhes pergunta:

-Permitem-nos que conversemos em privado?

-É óbvio, doutor Cale.

Os vigilantes de segurança partem escada acima e saem pela porta do primeiro piso. Agora estou sozinho, apanhado e sem poder oferecer uma explicação convincente, ante o Roberto, a quem reverencio e a quem menti infinidade de vezes. Agora só conto com a verdade, que é mais escandalosa que qualquer de minhas mentiras.

-Muito bem, Henry. Falemos.

Henry: É uma preciosa manhã de junho. Chego algo tarde ao trabalho por causa de Alvorada (negava-se a vestir-se) e do metro (negava-se a vir), mas tampouco é excessivamente tarde, ao menos isso acredito. Quando assino no mostrador principal, não há nem rastro do Roy, em seu lugar vejo a Marsha.

-Né, Marsha, o que há? Onde está Roy?

-OH, foi a arrumar uns assuntos.

-Ah, já.

Coxo o elevador até o quarto piso e ao entrar em Coleções Especiais, Isabelle me diz:

-Chega tarde.

-Não muito.

Entro em meu escritório e vejo o Matt de pé, junto a minha janela, olhando para o parque.

-Olá, Matt.

Matt dá um salto de metro e médio.

-Henry! -exclama, ficando pálido-. Como saíste que a jaula?

Sotaque a mochila sobre meu escritório e fico olhando-o fixamente.

-A jaula, diz?

-Você... Acabo de vir de abaixo... e estava apanhado dentro da jaula. Roberto segue ali... Disse-me que subisse ao despacho para te esperar, mas não me disse por que razão...

-meu deus. -Sinto-me sobre o escritório. Matt se senta a sua vez em minha cadeira e levanta o olhar-. Olhe, lhe posso explicar isso tudo...

-Seriamente?

-Claro. -Reflico durante uns segundos-. Eu... Verá... OH, joder.

-É algo francamente estranho, verdade, Henry?

-Sim, sim é estranho -lhe digo, sustentando seu olhar-. Olhe, Matt... Baixemos e vejamos o que é o que está passando. Explicarei-lhes isso aos dois, a ti e ao Roberto juntos, de acordo?

-De acordo.

Levantamo-nos de nossos assentos e baixamos ao piso inferior. Enquanto enfiamos este corredor, vejo o Roy passeando-se perto do acesso às escadas. sobressalta-se quando me vê, e justo quando está a ponto de me perguntar o que é óbvio, ouço que Catherine diz:

-Olá, meninos. O que há? -Passa junto a nós como uma exalação e tenta abrir a porta que dá às escadas-. Né, Roy, como é que não se abre?

-Hummm, bom, senhora Mijem... -Roy me olhar de esguelha-. Tínhamos um problema com... né...

-Não passa nada, Roy -lhe digo-. Vêem, Catherine. Roy, importa-te ficar aqui acima?

O vigilante assente e nos deixa passar. Quando já descemos pela escada, ouço falar com o Roberto.

-Escuta, não me parece nada bem que esteja convexo aí dentro, me contando histórias de ficção científica. Se me interessasse esse gênero literário, pediria-lhe emprestados alguns livros a Amelia.

Está sentado ao pé das escadas, e para ouvir que alguém baixa, volta-se para ver de quem se trata.

-Olá, Roberto -lhe digo em voz baixa.

-meu deus! Santo céu! -exclama Catherine.

Roberto se levanta e perde o equilíbrio. Matt, entretanto, equilibra-se sobre ele e o agarra a tempo. Miro para a jaula, e me vejo aí dentro. Sentado no chão, com a camisa branca e as calças cáqui, me abraçando os joelhos à altura do peito, claro sintoma de que me estou gelando e tenho fome. Vejo uma taça de café no exterior da jaula. Roberto, Matt e Catherine nos observam em silêncio.

-De que época vem? -pergunto a meu outro eu.

-De agosto de 2006.

Coxo o café, sustento-o à altura de seu queixo e coloco a pajita pelo ralo da jaula. Meu eu sorve o líquido.

-Gosta deste pão-doce? -Ao me dizer que sim, parto-o em três partes e o empurro para dentro. Sinto como se estivesse no zoológico-. Está ferido.

-Golpeei-me a cabeça com algo.

-Quanto momento vais ficar te?

-Uma meia hora mais, aproximadamente. Vê-o? -ameaça ao Roberto, com um gesto.

-O que acontece? -pergunta Catherine.

-Quer explicá-lo você? -digo a meu álter ego.

-Estou cansado. Adiante, você mesmo.

Começo a narrar minha história. Explico-lhes que sou um viajante do tempo, e lhes descrevo os aspectos práticos e genéticos. Confesso-lhes que este assunto, de fato, é uma espécie de enfermidade, que por ende não posso controlar. Falo-lhes do Kendrick, de como nos conhecemos Clare e eu, e logo nos voltamos a conhecer. Falo-lhes dos cachos de cabelo causais, de mecânica quântica, de fótons e da velocidade da luz. Descrevo-lhes o que se sente ao viver fora dos limites temporários a que se vêem constrangidos a maioria dos humanos. Falo-lhes das mentiras, os roubos, o medo. Explico-lhes o que representa para mim tentar levar uma vida normal.

-E, em certos aspectos, levar uma vida normal também consiste em ter um trabalho normal -concluo.

-Homem, eu não chamaria a isto um trabalho normal -intervém Catherine.

-Eu tampouco chamaria a isto uma vida normal -diz meu eu, sentado no interior da jaula.

Miro ao Roberto, que se sentou nas escadas e mantém a cabeça apoiada contra a parede. Parece esgotado e melancólico.

-E bem? vais despedir me?

-Não -diz Roberto em um suspiro-. Não, Henry, não vou despedir te. -levanta-se com cuidado, e se passa a mão pela parte de atrás do casaco para limpar-lhe Mas não compreendo por que não me contou isso tudo faz muito tempo.

-Não me teria acreditado -diz meu eu-. Não me acreditava até agora, até que o viu com seus próprios olhos.

-Bom, sim, é verdade... -começa a dizer Roberto, mas suas palavras se perdem no estranho som vazio que em ocasiões acompanha minhas idas e vindas.

Volto-me e vejo um montão de roupa no chão da jaula. Voltarei logo, pela tarde, para pescá-la com um varal. Volto-me para o Matt, Roberto e Catherine, que parecem perplexos.

-Caray -diz Catherine-. É como trabalhar com o Clark Kent.

-Eu me sinto como Jimmy Olsen -particulariza Matt-. Ecs.

-O qual converte a ti no Lois Lane -intervém Roberto, brincando com o Catherine.

-Não, não. Clare é Lois Lane -protesto ela.

-Mas Lois Lane ignorava a conexão entre o Clark Kent e Superman, enquanto que Clare... -começa a dizer Matt.

-Sem o Clare, me teria rendido faz já muito tempo. Nunca entendi por que Clark Kent se mostrava tão condenadamente empenhado em manter ao Lois Lane à margem de tudo.

-Porque a história funciona melhor assim -observa Matt.

-Ah, sim? O que quer que te diga!

Sexta-feira 7 de julho de 2006

Henry tem 43 anos

Henry: Estou sentado na consulta do Kendrick, escutando a explicação que me dá para justificar que não funcionará. Fora o calor é sufocante, abrasa-te até te mumificar com sua lâ úmida e quente. Não obstante, aqui dentro, o ar condicionado é tão potente que tenho que me encurvar na poltrona para reprimir a sensação de carne de galinha. Estamos o um frente ao outro, nas mesmas poltronas em que sempre nos sentamos. Sobre a mesa há um cinzeiro repleto de filtros de cigarro. Kendrick acende um cigarro atrás de outro com a bituca do anterior. Estamos com a luz apagada, e o ar se condensou pelo efeito da fumaça e o frio. Quero beber algo. Quero gritar. Quero que Kendrick deixe de falar para lhe fazer uma pergunta. Quero me levantar e partir daqui; mas permaneço sentado, escutando.

Quando Kendrick se cala, os ruídos de fundo do edifício se voltam audíveis de repente.

-Henry, estava-me escutando?

Endireito-me no assento e o Miro como um colegial, a quem o pilharam perdido em seus ensonações.

-Hummmm, não.

-Estava-te perguntando se o tinha compreendido. O porquê não vai funcionar.

-Já, sim. -Faço um esforço para recordar suas palavras-. Não funcionará porque meu sistema imunológico está jodido, porque sou velho e porque há muitos gens envoltos.

-Exato. -Kendrick suspira e apaga o cigarro no montão de bitucas. Uns hilillos de fumaça escapam e se extinguem-. O sinto.

recosta-se em sua poltrona e cruzamento com força as mãos suaves e rosadas sobre seu regaço. Penso na primeira vez que o vi, neste mesmo consultório, faz oito anos. Ambos fomos mais jovens e prepotentes; confiávamos na prodigalidade da genética molecular e estávamos dispostos a nos servir da ciência para confundir à natureza.

Lembrança haver sustentado o camundongo viajante do tempo do Kendrick em minhas mãos, o halo de esperança que senti então, ao contemplar a meu diminuto representante branco. Penso no olhar do Clare quando lhe disser que não funcionará. Claro que ela nunca pensou que funcionaria.

-O que ocorre com Alvorada? -pergunto-lhe, pigarreando.

Kendrick cruza os tornozelos e se remove em seu assento.

-O que acontece com Alvorada?

-Funcionaria em seu caso?

-Alguma vez saberemos, não? A menos que Clare troque de idéia e me deixe trabalhar com o DNA de Alvorada. De todos os modos, ambos sabemos perfeitamente que ao Clare aterroriza a terapia genética. Me olhe como se fora Josef Mengele cada vez que intento falar do tema com ela.

-Mas se tivesse o DNA de Alvorada, poderia alterar alguns ratos e trabalhar com esse material em seu benefício, e quando fizesse dezoito anos, se quisesse, poderia provar.

-Sim.

-Quer dizer, que embora eu esteja bem jodido, ao menos Alvorada poderia obter algum benefício de tudo isto algum dia.

-Sim.

-Muito bem. -Levanto-me e me esfrego as mãos, desengancho-me a camisa de algodão do corpo, ao que se aderiu por efeito de um suor que agora já se esfriou-. Pois isso é o que faremos.

Sexta-feira 14 de julho de 2006

Clare tem 35 anos, e Henry 43

Clare: Estou no estudo confeccionando papel de seda gampi. É um papel tão fino e transparente que se pode olhar através dele; inundo o suketa no tanque e o removo, mesclando-o com o delicado composto aquoso até que se distribui por completo. Logo o deixo a um lado da tanqueta para que se escorra, e então ouço alvorada rir, correr pelo jardim e gritar:

-Mamãe! Olhe o que me comprou papai! -A menina irrompe no estudo e vem para mim sapateando. Leva umas sapatilhas de cor rubi-. São iguais que as do Dorothy!

-diz Alvorada, representando uns passos de claque sobre o chão de madeira.

Dá três toques com os talões juntos, mas não desaparece. Claro que já está em casa. Não posso evitar rir a gargalhadas. Henry parece agradado.

-Foi à agência de correios? -pergunto-lhe.

-Mierda! -exclama compungido-. Não, esqueci-me. Sinto muito. Irei amanhã a primeira hora. Alvorada começa a girar sobre si mesmo, mas Henry a detém com um gesto do braço.

-Não faça isso, Alvorada. Enjoará-te.

-Eu gosto de me enjoar.

-Não é uma boa idéia.

Alvorada leva uma camiseta e umas calças curtas. Vejo que se pôs uma tiritinha na cara interna do braço.

-O que te passou no braço? -pergunto-lhe, mas a menina em lugar de responder, olhe ao Henry, e eu também.

-Não é nada -me diz ele-. Se esteve chupando a pele até fazer um moretão.

-O que é um moretão? -pergunta Alvorada.

Henry começa a explicar-lhe mas eu o interrompo.

-por que necessita uma tiritinha se tiver um moretão?

-Não sei -diz Henry-. Queria ficar uma.

Assalta-me uma premonição. lhe chamem, se quiserem, o sexto sentido das mães.

-Vejamos -digo, me aproximando de Alvorada.

A menina repliega o braço contra o corpo, aferrando-o com sua mão livre.

-Não me tire a tiritinha, que me doerá.

-Irei com cuidado -lhe digo, lhe agarrando o braço com força.

Alvorada choraminga, mas estou decidida. Devagarzinho lhe estendo o braço e lhe arranco a vendagem com suavidade. Tem uma espetada pequena e avermelhada no centro de um arroxeadado púrpura.

-Está muito tenro. Não! -diz Alvorada.

A sotaque ir, e ela volta a pegara tiritinha, me observando, à espera de minha reação.

-Alvorada, por que não vais chamar ao Kimy e lhe pergunta se quer dever jantar?

Alvorada sorri e parte correndo do estudo. Ao cabo de um minuto, a porta traseira da casa estala. Henry se sentou frente a minha mesa de desenho, balançando-se ligeiramente adiante e atrás com minha cadeira. Observa-me, esperando que eu comece a falar.

-Não posso lhe acreditá-lo digo ao final-. Como pudeste?

-Tinha que me fazê-lo confessa com voz fica-. Ela... Não podia deixá-la sem ao menos... Queria lhe dar vantagem. Deste modo, Kendrick poderá trabalhar em seu caso, em benefício dela, se por acaso o necessita.

Aproximo-me dele, chiando com as galochas e o avental de borracha, e me apóio na mesa. Henry inclina a cabeça, a luz desenha linhas em seu rosto, e me fixo nas rugas que lhe sulcam a frente, as comissuras dos lábios, os olhos. perdeu mais peso, e os olhos lhe destacam enormes na cara.

-Clare, não lhe disse do que se tratava. Já o dirá você quando... Quando for o momento.

Respondo-lhe rotundamente que não com um gesto.

-Chama o Kendrick e lhe diga que se detenha.

-Não.

-Então o farei eu.

-Clare, por favor, não...

-Você pode fazer o que quiser com seu corpo, Henry, mas...

-Clare! -resmungo Henry meu nome.

-O que passa agora?

-terminou-se, entende-o? Estou acabado. Kendrick diz que não pode fazer nada mais.

-Mas... -Faço uma pausa para assumir o que acaba de me dizer-. Mas, então, o que vai ocorrer?

-Não sei -responde Henry, acompanhando sua negativa com um gesto-. Provavelmente o que pensávamos que ocorreria... ocorrerá; mas se for assim como têm que ir

as coisas... Eu não posso deixar a Alvorada sem tentar ajudá-la... OH, Clare, deixa que o faça por ela! Possivelmente não funcione, pode que ela jamais chegue a usá-lo... Ao melhor adora viajar através do tempo, e não se perderá jamais, nem passará fome, não a prenderão, perseguirão, violarão ou espancarão, mas o que acontecerá se não gosta? O que acontecerá sozinho quer ser uma garota normal? me diga, Clare... OH, Clare, não chore...

Não consigo reprimir o pranto, de pé, com meu avental de borracha amarelo. Henry se levanta e me rodeia com seus braços.

-A verdade é que nós tampouco pudemos evitá-lo, Clare -me diz baixinho-. Só intento tecer para ela uma rede de segurança.

Noto suas costelas através da camiseta que leva posta.

-Permitirá-me ao menos lhe deixar isso?

Assento, e Henry me beija na frente.

-Obrigado -me diz, e começo a chorar de novo.

Sábado 27 de outubro de 1984

Henry tem 43 anos, e Clare 13

Henry: Agora já conheço o final. Estarei sentado no prado, a primeira hora da manhã, em outono. O céu estará encapotado, e fará frio. Irei vestido com um casaco de lã negro, umas botas e umas luvas. Será uma data que não aparece na lista. Clare estará dormida, em uma de suas cálidas camas as gema. Terá treze anos.

ao longe, um disparo rasgará o ar frio e seco. É temporada de caça maior. Em algum ponto distante uns homens com indumentária laranja intenso se acomodarão para esperar, esperar o instante do disparo. Mais tarde beberão cerveja, e comerão os sanduíches que suas almas lhes prepararam.

Levantará-se vento, avançará em fluxo pelo horta, arrancando as folhas mortas das macieiras. A porta traseira de Casa Cotovia do Prado estalará, e duas figuras diminutas vestidas de laranja fluorescente emergirão por ela, levando sendos rifles como fósforos. Caminharão para mim, pelo prado: Philip e Mark. Não me verão, porque estarei escondido entre a erva alta, uma mancha escura e imóvel em um campo de beis e verde murcho. A uns dezoito metros de mim Philip e Mark abandonarão o atalho e entrarão nos bosques.

Deterão-se escutar. Ouvirão-o antes que eu: um roce, um arrastar-se, algo que se move entre a erva, algo grande e torpe, uma chama branca, uma cauda, possivelmente? E todo se cernerá sobre mim, sobre o claro, e Mark levantará seu fuzil, apontará com cuidado e apertará o gatilho.

Soará um disparo, e logo se ouvirá um grito, um grito humano, seguido de uma pausa, e então:

-Clare!, Clare! -E logo nada.

Ficarei sentado durante uns segundos, sem pensar, sem respirar apenas. Philip virá correndo, eu também me porei a correr, ao igual a Mark, e convergiremos os três no mesmo lugar.

Mas não haverá nada. Sangre sobre a terra, reluzente e pegajosa. Erva dobrada e murcha. Ficaremos olhando fixamente sem nos reconhecer, sobre a vácuca sujeira.

Na cama, Clare ouvirá o grito. Ouvirá que alguém a chama pelo nome, e se incorporará, com o coração em um punho. Correrá para baixo, sairá pela porta e entrará no claro com a camisola. Quando vir aos três, deterá-se, confusa. A costas de seu pai e seu irmão, levarei-me um dedo aos lábios. Enquanto Philip caminhe para ela,

eu me voltarei, ficarei em pé ao casaco do horta e observarei como treme, abraçada a seu pai, enquanto Mark permanece imóvel, impaciente e perplexo, com a incipiente barba de quinze anos lhe adornando o queixo, me olhando, como se tentasse recordar algo.

Clare me olhará, e eu a saudarei com a mão, e ela voltará para casa com seu pai, e me devolverá a saudação, delgadita, com a camisola inchada como se fora a roupa de um anjo, e se irá fazendo cada vez mais pequena, irá-se perdendo na distância até desaparecer no interior da casa; e eu ficarei em pé, junto a uma pequena parte de terreno pisoteado e cheio de sangue, e saberei: em algum lugar próximo estou morrendo.

O episódio do estacionamento da rua Monroe
Segunda-feira 7 de janeiro de 2006
Henry tem 43 anos

Henry: Faz frio. Faz muito, muitíssimo frio e estou tendido sobre a neve. Onde me encontro? Intento me incorporar. Tenho os pés dormidos, não os sinto. Estou em um espaço aberto no que não há edifícios nem árvores. Quanto tempo levo aqui? É de noite. Ouço o tráfico. Ponho-me de joelhos e levanto a vista. Encontro-me no parque Grant. O Instituto de Arte se ergue escuro e fechado a vários metros de neve virgem. Os formosos edifícios da avenida Michigan guardam silêncio. Os carros fluem pelo passeio da Ribeira do Lago, e seus faróis cortam a noite. Sobre o lago diviso uma débil linha de luz; aproxima-se a alvorada. Tenho que sair daqui. Tenho que entrar em calor.

Levanto-me. Meus pés estão brancos e rígidos. Não os sinto, nem tampouco posso movê-los, mas começo a caminhar; me cambaleio pela neve, de vez em quando me caio, levanto-me de novo e balanço outra vez, sem parar, até que ao final vou engatinhando. Engatinho para cruzar a rua. Engatinho para trás para baixar uns degraus de concreto armado, me agarrando ao corrimão. O sal vai impregnando nos arranhões que tenho em mãos e joelhos. Engatinho até alcançar um telefone público.

Sete timbres. Oito. Nove.

-O que há? -diz meu outro eu.

-me ajude. Estou no estacionamento da rua Monroe. Faz um frio do carajo. Encontro-me perto da guarita do vigilante. Vêm me buscar.

-De acordo. Fique aí. Saímos agora mesmo.

Intento pendurar o telefone, mas não o consigo. Os dentes me tocam castanholas de forma incontrolada. Arrasto-me até a guarita e murro a porta. Não há ninguém dentro. Vejo uns monitores de vídeo, uma estufa portátil, uma jaqueta, um escritório e uma cadeira. Intento dar a volta ao pomo. Está fechado com chave; e não tenho nada com que abri-lo. A janela vai reforçada com um ralo. Entram-me convulsões de tanto tremer. Não se vêem carros por aqui.

-me ajudem! -chio.

Ninguém vai a minha chamada. Me acurruco frente à porta, replegado sobre mim mesmo, toco-me o queixo com os joelhos e me tampo os pés com as mãos. Não vem ninguém e então, ao final, no último momento, desapareço.

Fragmentos
Segunda-feira 25, terça-feira 26 e quarta-feira 27 de setembro de 2006
Clare tem 35 anos, e Henry 43

Clare: Henry esteve fora todo o dia. Alvorada e eu fomos para jantar a um McDonald'S. jogamos às cartas: ao Go Fish e ao Crazy Eights; Alvorada desenhou o retrato de uma menina com o cabelo comprido que levava um cão voando. Depois de escolher o vestido que levará amanhã à escola, deitou-se, e eu fui ao alpendre dianteiro para tentar ler ao Proust; a leitura em francês me faz cabecear, e quase estou dormida quando um desastre na sala de estar revela que Henry se encontra no chão, tremendo, branco e frio.

-me ajudem! -diz enquanto lhe tocam castanholas os dentes.

Precipito-me para o telefone.

Mais tarde

Urgências. A cena é um limbo fluorescente: anciões com infinidade de achaques, mães com meninos pequenos com febre, adolescentes a cujos amigos lhes extirparam balas de diversas extremidades, e que presumirão logo depois da gesta ante suas admiradoras, mas que agora se mostram apagados e cansados.

Mais tarde

Em uma pequena habitação branca. As enfermeiras encarapitam ao Henry sobre uma cama e lhe tiram a manta. Henry abre os olhos, assegura-se de que estou aí e volta a fechá-los. Uma residente loira o examina. A enfermeira toma a temperatura e o pulso. Henry treme, treme com tanta intensidade que sacode a cama, e o braço da enfermeira vibra como as camas Magic Fingers dos hotéis dos setenta. A residente examina as pupilas, as orelhas, o nariz, os dedos das mãos, os dedos dos pés e os genitálias do Henry. Começam a envolvê-lo com mantas e algo metálico, como se fora papel de prata. Envolvem-lhe os pés com uns protetores frios. A pequena habitação está muito quente. Henry pisca e volta a abrir os olhos. Tenta dizer algo, parecido a meu nome. Coloco a mão sob as mantas e sustento suas mãos geladas entre as minhas. Miro à enfermeira.

-Precisamos esquentá-lo, conseguir que subida sua temperatura corporal. Logo já veremos.

Mais tarde

-Como é possível sofrer uma hipotermia em setembro? -pergunta-me a residente.

-Não sei. Pregúntaselo a ele.

Mais tarde

É pela manhã. Charisse e eu nos encontramos na cafeteria do hospital. Ela come um pudim de chocolate. Henry dorme acima, em sua habitação, e Kimy está com ele. Há duas torradas em meu prato, saturadas de manteiga, que não hei meio doido. Nesse momento alguém se senta junto ao Charisse: é Kendrick.

-Boas notícias -nos anuncia-. Sua temperatura corporal subiu a trinta e seis. Não parecem existir lesões cerebrais.

Não encontro as palavras. "Obrigado, Meu deus", é tudo o que acerto a pensar.

-Bom, pois... irei visitar o logo, quando tiver terminado no Centro Médico Rush Saint Luke - diz Kendrick levantando-se.

-Obrigado, David -lhe digo quando ele está já a ponto de partir.

Kendrick sorri e se afasta.

Mais tarde

A doutora Murray entra com uma enfermeira a Índia, cuja chapa diz que se chama Sue. Esta leva uma bacia bastante grande, um termômetro e um cubo. Seja o que seja o que vai fazer lhe, não guarda muita relação com a alta tecnologia.

-bom dia, senhor DeTamble, senhora DeTamble... vamos esquentar lhe os pés. -Sue deixa a bacia no chão e desaparece em silêncio no banheiro.

ouça-se correr a água. A doutora Murray é muito alta e grande, e leva um precioso penteado em colméia que solo certas mulheres negras, imponentes e formosas, podem permitir-se. Suas dimensões se afinam a partir da prega da bata branca e morrem em dois pés perfeitos, calçados com uns sapatos de salão de pele de crocodilo.

A médica saca uma seringa e uma ampola do bolso e trasvasa o conteúdo desta à seringa.

-O que é isso? -pergunto-lhe.

-Morfina. Doerá-lhe. Tem os pés muito insensíveis.

A doutora agarra com suavidade o braço do Henry, quem o entrega em silêncio, como se o tivesse perdido em uma partida de pôquer. Seus movimentos são delicados.

A agulha se afunda na pele do Henry e ela descongestiona o êmbolo; ao cabo de um instante, Henry emite um ligeiro gemido de gratidão. A doutora Murray lhe está tirando os protetores frios dos pés quando Sue chega com uma terrina de água quente, que coloca no chão, junto à cama. A doutora Murray baixa a cama, e as duas mulheres movem ao Henry até situá-lo em posição lhe sedem. Sue mede a temperatura da água. Verte-a na bacia e inunda nela os pés do Henry, quem emite um grito afogado.

-As malhas que se salvem se voltarão vermelho intenso. No caso de que não adquiram a cor das lagostas, será problemático.

Observo os pés do Henry, flutuando na bacia de plástico amarelo. São brancos como a neve, esbranquiçados como o mármore, blancuzcos como o titânio, perlinos como o papel, lactescentes como o pão, lhes neve como os lençóis, de um branco impossível. Sue troca a água à medida que os pés gelados do Henry a esfriam. O termômetro marca quarenta e um graus. Ao cabo de cinco minutos, está a trinta e dois, e Sue volta a trocá-la. Os pés do Henry flutuam como dois peixes mortos. As lágrimas lhe sulcam as bochechas e desaparecem sob o queixo. Seco-lhe a cara. Acaricio-lhe a cabeça. Observo para ver se seus pés se voltam vermelho intenso. É como esperar a revelação de uma fotografia, contemplar como a imagem lentamente vai tornando-se cinza até voltar-se negra na bandeja dos produtos químicos. Um rubor avermelhado aparece nos tornozelos de ambos os pés e se estende em manchones pelo talão esquerdo, até que finalmente alguns dos dedos adquirem uma tímida tonalidade. O pé direito, entretanto, permanece teimosamente branco. Um matiz rosa aparece, reticente, na parte anterior da planta do pé, mas se detém nesse ponto. Ao cabo de uma hora, a doutora Murray e Sue secam com cuidado os pés do Henry e a enfermeira lhe coloca trocitos de algodão entre os dedos. Devolvem-no à cama e dispõem um marco sobre seus pés para proteger os de qualquer contato.

De noite seguinte

É de noite, e muito tarde. Estou sentada junto à cama do Henry no Hospital da Caridade, observando como dorme. Gómez ocupa uma poltrona ao outro lado da cama, e também está dormido. Gómez dormita com a cabeça arremesso para trás e a boca aberta, e de vez em quando emite um ronquidito e logo se volta.

Henry está imóvel, em silêncio. A máquina que controla seus constantes vitais lança assobios. Aos pés da cama, um artefato em forma de loja de campanha levanta as mantas para as separar do lugar onde estavam acostumados a estar suas extremidades, solo que os pés do Henry desapareceram. O congelamento terminou com eles, e esta manhã lhe amputaram ambas as extremidades até o tornozelo. Não consigo imaginá-lo, intento não imaginar o que há sob as mantas. Suas mãos enfaixadas descansam

em cima da cama, e lhe agarro uma. Que fria e seca! Noto-lhe o pulso na boneca, que tangível é a mão do Henry entre as minhas! Depois da operação a doutora Murray me perguntou o que desejava fazer com os pés do Henry. "Volte-lhe a costurar", parecia-me a resposta mais indicada, embora me limitei a me encolher de ombros e desviar o olhar.

Uma enfermeira entra na habitação, sorri-me e põe uma injeção ao Henry. Ao cabo de uns minutos, ele suspira, enquanto a droga se dilui por seu cérebro, e volta seu rosto para mim. Abre brevemente os olhos, e depois fica de novo dormido.

Quero rezar, mas não recordo nenhuma oração, o único que me vem à mente é: "Um piececito, dois piececitos; ai, que os remói o ratoncito!". Por favor, isso não.

Por favor, Senhor. Não me faça isso. "Mas a serpente era uma saltasustos." Não. Não me vem nada à mente. "Envoyez chercher o médecin. Qu'avez-vous? IL faudra aller

À l'hôpital. Je me suis coupé assez fortement. Ôtez o bandage et laissez-moi voir. Oui, c'est une coupure profonde."

Não sei que horas são. Fora está amanhecendo. Solto a mão do Henry, e ele a leva a peito, com instinto protetor.

Gómez boceja e se despereza fazendo soar os nódulos.

-bom dia, gatita -me diz. levanta-se e parte ao banho com passo cambaleante. Ouço-o mijar quando Henry abre os olhos.

-Onde estou?

-Na Caridade. É 27 de setembro de 2006.

Henry olhe ao teto. Logo, devagar, dá-se impulso para recostar-se melhor contra os travesseiros e contempla fixamente os pés da cama. inclina-se para diante e coloca as mãos sob a manta. Fecho os olhos.

Os gritos do Henry rasgam o ar.

Terça-feira 17 de outubro de 2006

Clare tem 35 anos, e Henry 43

Clare: Faz uma semana que ao Henry deram o alta no hospital. Agora passa os dias em casa, sem mover-se da cama, enroscado, de cara à janela, cedendo e resistindo ao sonho, induzido pela morfina. Intento alimentá-lo com sopa, torradas, macarrão e queijo, mas não come muito. Logo que fala. Alvorada permanece junto a ele, silenciosa e com ânsias de agradá-lo. Leva-lhe a seu papai uma laranja, o periódico, seu osito; mas Henry só sorri com ar ausente e o montoncito de oferendas permanece sem tocar sobre sua mesinha de noite. Uma enfermeira um tanto arruda, chamada Sonia Browne vem uma vez ao dia para lhe trocar as ataduras e lhe dar conselhos, mas tão logo se esfuma em seu escaravelho Volkswagen vermelho Henry se inunda em sua máscara vacante. Ajudo-lhe a utilizar a cunha. Obrigo-lhe a trocar-se de pijama. Pergunto-lhe como se encontra, o que necessita, e ele responde com vaguedades ou não me responde absolutamente. Apesar do ter frente a mim, em realidade Henry desapareceu.

Quando passo frente ao dormitório com um cesto de roupa suja nos braços, vejo alvorada através da porta entreabierta, de pé, junto ao Henry, que está acurrucado na cama. Detenho-me para observá-la. A menina está imóvel, com os braços pendurando, as negras tranças lhe caem pelas costas e o pulôver azul de pescoço alto lhe ficou torcido ao ficar o A luz matutina alaga o quarto, e o tinge tudo de amarelo.

-Papai... -diz Alvorada, baixinho.

Henry não responde, e a menina volta a tentá-lo, agora másalto. Henry a olhe, e se dá a volta. Alvorada se senta na cama. Henry tem os olhos fechados.

-Papai.

-Mmmmm?

-Está-te morrendo?

-Não -responde Henry abrindo os olhos e olhando a sua filha.

-Alvorada me há dito que morria.

-Isso ocorre no futuro, Alvorada. Ainda não. Lhe diga que não deveria te fazer essa classe de comentários. -Henry se passa a mão pela barba, que não parou que crescer desde que deixou o hospital.

Alvorada se senta com as mãos cruzadas no regaço e os joelhos juntos.

-Ficará sempre na cama a partir de agora?

Henry se incorpora e fica recostado sobre o travesseiro.

-Ao melhor, sim -diz ele, revolvendo na gaveta da mesinha de noite, embora os analgésicos estão no banheiro.

-por que?

-Porque me sinto jodidamente mau, vale?

Alvorada dá um coice e se levanta de um salto da cama.

-Vale!

A menina abre a porta, quase choca comigo e se assusta, mas então me passa os braços ao redor da cintura em silêncio, e eu a levanto, apesar do muito que pesa.

Levo-a em braços até seu quarto, sentamo-nos na cadeira de balanço e nos balançamos juntas, enquanto Alvorada oculta sua acalorada carita contra meu pescoço. O que posso te dizer, Alvorada? O que posso dizer?

Quarta-feira 18, quinta-feira 19 e quinta-feira 26 de outubro de 2006

Clare tem 35 anos, e Henry 43

Clare: Estou no estudo, de pé, com um cilindro de arame de armação e um punhado de desenhos. limpei a enorme mesa de trabalho e pareci os desenhos por ordem na parede. Nestes momentos tento sintetizar a peça, visualizando-a em minha mente. Procuro imaginá-la em três dimensões. A tamanho natural. Curto uma certa extensão de arame, que salta como um mole ao desprender do imenso cilindro; começo a lhe dar forma de torso. Disco com arame uns ombros, um costillar e, finalmente, uma pélvis.

Detenho-me. Possivelmente teria que articular braços e pernas. Faço-lhe pés ou não? Começo com a cabeça e me dou conta de que não me convence o resultado. Escondendo-o tudo sob a mesa de um empurrão e volto a começar com arame novo.

Como um anjo. "Todo anjo é terrível. E não obstante, ai de mim!, eu vos canto, quase letais pássaros da alma..." São sozinho as asas o que quero lhe dar. Desenho no ar com o fino metal, formando cachos de cabelo e tecendo-o; tomo a medida de meus braços para construir a extensão da asa, e logo repito a operação, como o reflexo de um espelho, para a segunda asa, comparando a simetria como se estivesse lhe cortando o cabelo a Alvorada, medindo a olho, apalpando o peso, as formas. Uma as asas a uma dobradiça, e logo subo à escada de mão e as penduro do teto. As linhas que abrangem o ar flutuam à altura de meu peito, com uma extensão de dois metros e médio, grácis, decorativas, inúteis.

Ao princípio imaginei brancas, mas agora me dou conta de que não. Abro o armário dos pigmentos e os tinturas. Ultramarino, ocre amarelado, ocre escuro cru, viridiano e laca loira. Não, mas este sim: óxido de ferro avermelhado. A cor do sangue seca. Um anjo terrível não seria branco, ou seria mais branco que qualquer

de quão brancos eu pudesse elaborar. Sotaque o pote sobre a superfície da mesa, junto com o carvão animal. Aproximo-me dos molhos de fibra que guardo, fragrantes, no rincão mais afastado do estudo. Kozo e linho; transparência e maleabilidade, uma fibra que range como o toco castanholas dos dentes combinada com outra que é suave como os lábios. Peso um quilograma de kozo, uma casca dura e elástica que terá que ferver e bater, romper e amassar. Esquento água no grande tanque que ocupa dois queimadores da cocinita. Quando já ferve, coloco o kozo e observo como se obscurece e se empapa de água lentamente. Incluo uma medida de insípida em pó, tampo o tanque e acendo o sino de extração. Troceo meio quilograma de linho branco em pequenos fragmentos, cheio a batedeira de água e a conecto, enquanto divido e rasgo o linho até convertê-lo em uma polpa fina e branca. Logo me preparo um café e me sinto a contemplar o pátio e a casa, que diviso através da janela.

Nesse preciso instante

Henry: Minha mãe está sentada aos pés da cama. Não quero que saiba o que me aconteceu nos pés. Fecho os olhos e finjo que estou dormido.

-Henry? Sei que está acordado. Venha, menino, que a quem madruga, Deus lhe ajuda.

Abro os olhos. É Kimy.

-Hummm. bom dia.

-São dois e meia da tarde. Deveria sair da cama.

-Não posso sair da cama, Kimy. Não tenho pés.

-Mas tem uma cadeira de rodas. Venha, necessita um banho, e deve te barbear e fazer um pis. Cheira como um ancião.

Kimy se levanta com expressão séria. Arranca-me as mantas e fico tendido, como um camarão-rosa cortado, frio e flácido sob a luz solar da tarde. Kimy franze o cenho para me indicar que me acomode na cadeira de rodas, e logo me empurra até a porta do lavabo, que é muito estreita para que possa passar por ela.

-Bom, a ver, como o fazemos, né? -pergunta Kimy, diante de mim e com as mãos nos quadris.

-Não sei, Kimy. Eu sozinho sou um tarao; em realidade não trabalho aqui.

-Que classe de palavra é essa de "tarao"?

-É uma palavra em jargão, do mais pejorativo, que se emprega para descrever aos entrevados.

Kimy me olhe como se eu tivesse oito anos e houvesse dito a palavra "follar" em sua presença. (Não sabia o que significava, solo que estava proibida.)

-Acredito que a isso lhe chama deficiente, Henry -precisa Kimy enquanto se inclina sobre mim e me desabotoa a jaqueta do pijama.

-Já tenho mãos, obrigado -lhe corto, e termino de me desabotoar sozinho.

Kimy se dá a volta, brusca e resmungona, e abre o grifo, ajusta a temperatura e põe o plugue no deságüe. Revolve no estojo de primeiro socorros, saca o barbeador elétrico, o sabão de barbear e a broxa de cabelo de castor. Não consigo imaginar como conseguirei sair da cadeira de rodas. Dito me deixar cair do assento; dou-me impulso, arqueamento as costas e repto para o chão. Ao baixar, dobro-me o ombro esquerdo e me golpeio o culo, mas não me sai mal de tudo. A fisioterapeuta do hospital, uma jovencita corajosa chamada Penny Featherwight, possuía diversas técnicas para entrar e sair da cadeira, mas todas tinham que ver com situações nas que havia uma cadeira e uma cama, ou duas cadeiras. Agora, entretanto, estou jogado no chão, e a banheira se ergue sobre mim como os brancos escarpados do Dover. Levanto a vista e vejo o Kimy, com seus oitenta e dois anos, e me dou conta de que só conto comigo mesmo para resolver esta empresa. Me olhe, com um olhar que transborda piedade;

e então penso: "Joder! Tenho que fazê-lo como é. Não posso permitir que Kimy me olhe deste modo". Me desembaraço da calça de pijama e começo a desembrulhar as ataduras que cobrem os apositos de minhas pernas. Kimy se olhe os dentes no espelho. Coloco o braço na banheira e comprovo a água do banho.

-Se tiras umas ervas, poderá fazer guisado de tarao para jantar.

-Está muito quente?

-Sim.

Kimy reajusta os grifos e logo sai do banho, empurrando a cadeira de rodas para tirar a da entrada. Por minha parte, tiro-me com brio o aposito da perna direita.

As ataduras descobrem uma pele pálida e fria. Coloco a mão na parte dobrada, sobre a carne que protege o osso. Acabo de tomar um Vicodin faz um ratito, e me pergunto se poderia tomar outro sem que Clare se desse conta. O frasco provavelmente se encontre no estojo de primeiro socorros. Kimy retorna então com uma cadeira da cozinha, que solta de repente junto a mim. Tiro-me o aposito da outra perna.

-Fez um bom trabalho -diz Kimy.

-A doutora Murray? Sim, um grande êxito, e muito mais aerodinâmico.

Kimy estala em gargalhadas, e eu a envio à cozinha para que vá procurar uns listines telefônicos, que coloca logo junto à cadeira. Dou-me então impulsione e me sinto em cima. A seguir me encarapito sobre a cadeira e me deixo cair rodando na banheira. Uma imensa onda de água emerge e salpica o ladrilhado, mas já estou dentro. Aleluia. Kimy apaga o grifo e se seca as pernas com uma toalha. Inundo-me na água.

Mais tarde

Clare: depois do ter várias horas em ebulição, escorro o kozo e o coloco também na batedeira. quanto mais momento esteja aí, mais delicado resultará e menos impurezas terá. Ao cabo de quatro horas, acrescento absorvente, argila e pigmento. De repente, a polpa beis se volta de um vermelho terra, escuro e intenso. A transpasse a uns cubos para que se escorra e a verto na cubeta destinada à operação. Quando volto para casa, vejo o Kimy na cozinha, preparando essa panela de atum que leva batatas fritas esmiuçadas por cima.

-Que tal foi? -pergunto-lhe.

-Muito bem, a verdade. Agora está na sala de estar.

Há um reguero de água entre o banho e o salão em forma de pisadas em do tamanho do pé do Kimy. Henry está dormindo no sofá com um livro aberto sobre o peito.

As Ficções, do Borges. barbeou-se, e me inclino sobre ele para cheirá-lo; seu aroma é limpo, e o cabelo molhado e cinza lhe escapa em todas direções. Alvorada conversa com seu osito no dormitório. Durante uns instantes me sinto como se fora eu quem tivesse viajado através do tempo, como se este momento fora um momento isolado do passado, mas então percorro com o olhar o corpo do Henry e percebo o vazio ao final da manta, e sei que me encontro no presente.

À manhã seguinte, chove. Abro a porta do estudo e as asas de arame me aguardam, flutuando sob a luz cinza matutina. Acendo a rádio; dão Chopin, uns estudos que evoluem como as ondas sobre a areia. Ponho-me as botas de borracha, uma cinta para me proteger o cabelo da polpa e um avental de borracha. Limpo com uma mangueira meu molde de teca e latão e minha barba favoritos, desentupo a cubeta e coloco um feltro para tender em cima o papel. Coloco as mãos na tanqueta e agito essa massa viscosa de um avermelhado escuro para que a fibra e a água se meschem. Tudo goteja. Inundo o molde e a bandeja inferior na tanqueta, e o subo com cuidado, nivelado,

para que a água flua. Coloco-o em uma esquina da tina enquanto a água se escorre e deixa uma capa de fibra na superfície; saco a bandeja e pressiono o molde sobre o feltro, fazendo-o oscilar com suavidade, e ao tirá-lo, o papel permanece na superfície, delicado e brilhante. Tampo-o com outro feltro, encharco-o, e volta a começar: inundo o molde e a bandeja inferior, tiro-o, escorro-o e o tendo. Deixo-me ir, saboreando a repetição de movimentos, enquanto a música de piano flutua sobre a água, salpicando, gotejando e chovendo. Quando já tenho um montante de papel e feltro, meto-o na imprensa hidráulica para papel e volta a casa para me comer um sanduíche de presunto. Henry está lendo. Alvorada foi à escola.

depois de almoçar me situo frente às asas com meu montante de papel recém feito, vou cobrir o armação com uma membrana de papel, um papel úmido e escuro, que tende a rasgar-se, mas que também recubre as formas destiladas como se fora pele. Dobro o papel em nervos, em tendões que se dobram e conectam entre si. Agora as asas são asas de morcego, e o rastro do arame se transparenta baixo a descarnada superfície de papel. Seco o papel que ainda não utilizei, esquentando-o sobre umas lâminas de aço. Logo começo a rasgá-lo em tiras, em plumas. Quando as asas estejam secas, costurarei-as, uma a uma. Começo a pintar as tiras: negras, cinzas e vermelhas. Plumagem, para o anjo terrível, o anjo da morte. Uma semana depois, de noite

Henry: Clare me enrolou para que me vista, e encarregou ao Gómez que me tire pela porta traseira, leve-me pelo jardincillo e me deixe em seu estudo. O estudo do Clare está iluminado pela luz das velas; é possível que haja um centenar de velas, possivelmente mais, sobre as mesas e no chão, e também nos batentes. Gómez me instala no sofá do estudo e retorna à casa. Em meio da estadia, suspensa do teto, há um lençol branco, e me volto para localizar o projetor, mas não vejo nenhum. Clare leva um vestido escuro, e enquanto dá voltas pela habitação suas mãos e seu rosto flutuam brancos e imateriais.

-Quer café?

-Claro -lhe respondo. Levo sem tomar café desde antes de ingressar no hospital.

Clare serve duas taças, acrescenta nata de leite e me oferece uma. A taça quente se amolda em um gesto familiar e agradável a minha mão.

-Fiz algo para ti.

-Uns pés? Digo-o porque não me viriam nada mal uns pés.

-Umas asas -me corrige ela, deixando cair o lençol branco ao chão.

As asas são imensas e flutuam no ar, oscilando sob a luz das velas. São mais escuras que as trevas, ameaçadores, mas também acusam o desejo, o anseio de liberdade, as vontades de precipitar-se pelo espaço. A sensação de estar plantado com solidez, de estar em pé, de correr, correr como se voasse. Sonhos que revelam o desejo de planejar, de voar como se a gravidade tivesse deixado de existir e me permitisse me levantar do chão a uma distância prudente; sonhos que rememoro sob a luz vespertina do estudo. Clare se sinte a meu lado. Noto que me olhe. As asas estão sumidas no silêncio, com os borde desfiados. Não posso falar. "Siehe, ich lebe. Woraus? Weder Kindheit noch Zukunft / werden weniger... Überzähliges Dasein / entspringt Mir Herzen." (Olhe, eu vivo. Do que? Nem a infância nem o futuro / minguem... Uma existência que me excede / brota em meu coração.)

-me beije -diz Clare, e me volto para ela, seu rosto lívido e seus lábios escuros flutuam na escuridão, e me inundo, vôo, me Libero: a existência brota em meu

coração.

Sonhos de pés

Outubro e novembro de 2006

Henry tem 43 anos

Henry: Sonho que estou na biblioteca Newberry dando uma exposição a uns licenciados da escola universitária de Columbia. Mostro-lhes incunables, os primeiros livros que se imprimiram. Ensino-lhes o Fragmento do Gutenberg, Game and Play of Chess, do Caxton, e o Eusebio, do Jensen. Tudo sai como foi pedido, e os alunos expõem perguntas inteligentes. Revolvo no carrinho procurando um livro especial que acabo de encontrar nas estanterias, algo que ignorava que tivéssemos. Vai metido em uma caixa vermelha bastante pesada. Não leva título, solo o número de referência: CAIXA ASA f ZX 983.D 453, gravado em dourado sob a insígnia do Newberry. Coloco a caixa sobre a mesa e disponho os feltros de amparo. Abro-a a seguir e, ante meus olhos aparecem meus pés, rosados e perfeitos. É curioso o muito que pesam. Enquanto os sotaque sobre os feltros, os dedos se movem, para me saudar, para me demonstrar que ainda sabem fazê-lo. Começo a centrar o tema, e explico o papel relevante de meus pés nas gravuras venezianas do século xV. Os estudantes tomam notas. Uma das garotas, uma loira preciosa com uma camiseta sem mangas de brilhantes lentejoulas, assinala meus pés e comenta:

-Note, tornaram-se brancos!

É certo. A pele é de um branco sepulcral, e os pés jazem sem vida, pútridos. Tomo nota, a meu pesar, de que terei que enviá-los a Conservação amanhã a primeira hora. En meu sonho estou correndo. Tudo é normal. Corro pelo lago, da praia da rua do Carvalho em direção norte. Noto os batimentos do coração de meu coração, os pulmões que se elevam e descendem com suavidade. Desagrado-me sem problemas. "Que alívio! -penso-. Temia que nunca poderia voltar a correr, mas aqui estou, correndo. É fantástico."

Entretanto, algo começa a sair mau, e diversas partes de meu corpo se desprendem de mim. O primeiro em cair é o braço esquerdo. Detenho-me e o recolho da areia. Depois de limpá-lo um pouco, volto a me pôr isso mas não o ajustei com precisão e volta a cair detrás ter percorrido tão só oitocentos metros. Assim dito levá-lo em cima, pensando que possivelmente quando retornar a casa, poderei ajustá-lo melhor. Entretanto, nesse momento me cai o outro braço, e já não ficam mais extremidades superiores para recolher as que perdi; mas eu sigo caminhando. A fim de contas, não passa nada; tampouco dói. De repente, dou-me conta de que me desprende o sexo e me tem cansado na perna da calça direita da calça de esporte, onde ficou apanhado no fundo do elástico e vai me dando golpecitos de uma maneira muito molesta. Como não posso fazer nada para impedi-lo, dito ignorá-lo. Nesse momento noto os pés quebrados dentro dos sapatos, como se fossem pavimento fragmentado, e logo ambos os pés me fraturam à altura dos tornozelos e caio de bruces no caminho. Sei que se ficar quieto me pisotearão os outros corredores, assim começo a rodar. Arena sem parar até que caio no lago, e as ondas me levam rodando até o fundo, e então me acordado com um grito afogado.

Sonho que estou em um balé, e que sou a bailarina principal. Encontro-me no camarim, com a Barbara, a outrora encarregada de vestuário de minha mãe, que agora

me envolve em tul rosa. Barbara é uma mulher muito duro e, portanto, apesar de que me doem os pés até rabiá-los, não me queixo enquanto ela me encaixa com ternura os cotos em umas largas sapatilhas rosas de cetim. Quando termina, levanto-me com vacilação da cadeira e rompo a chorar.

-Não seja joaninha -me diz Barbara, mas logo se torna atrás e me põe uma injeção de morfina.

O tio Ish aparece pela porta do camarim para me levar pelos inumeráveis corredores que percorrem o teatro. Sei que me doem os pés, embora não possa vê-los nem senti-los. Seguimos correndo a toda velocidade e, de repente, encontro-me entre bastidores, olhando o cenário, e me dou conta de que o balé que se representa é Quebra-nozes, e que eu sou a princesa Pirlipat, o qual, por alguma razão, incomoda-me muitíssimo. Não me esperava isso. Entretanto, alguém me dá um empurrãozinho e saio ao cenário me cambaleando. Danço. As luzes me cegam, e danço sem pensar, sem saber os passos, em um êxtase de dor. Ao final, caio de joelhos, soluçando, e o público fica em pé e aplaude.

Sexta-feira 3 de novembro de 2006

Clare tem 35 anos, e Henry 43

Clare: Henry sustenta uma cebola e me olhe com gravidade.

-Isto é uma cebola.

-Sim. Algo tenho lido.

-Muito bem -diz Henry, arqueando uma sobrancelha-. Vejamos, para cortar uma cebola, tem que agarrar uma faca afiada, pôr de lado a mencionada cebola sobre uma tabela de cozinha e tirar ambos os extremos, assim. Logo pode cortar a cebola deste modo. Bem. Vejamos, agora a cortaremos em seções transversais. Se for fazer aros de cebola, tão solo deve separar as rodela, mas se for fazer sopa, molho para espaguete ou qualquer outra coisa, tem que troceá-la deste modo...

Henry decidiu me ensinar a cozinhar. Os mármore e os armários são muito altos para ele, agora que vai em cadeira de rodas. Sentamo-nos à mesa da cozinha, rodeados de terrinas, facas e latas de molho de tomate. Henry empurra a tabela de cozinha e a faca e os situa frente a mim. Levanto-me e troceio a cebola com pouca manha. Henry me observa com paciência.

-Muito bem, perfeito. Agora passemos aos pimentos verdes. Tem que cortar com a faca em redondo por aqui, e logo arrancar o caule...

Fazemos molho napolitano, pesto, lasaña. Outro dia elaboramos biscoitinhos rangentes de chocolate, brownies e mingau caramelizadas. Alvorada está no paraíso.

-Mais prostre -suplica a menina.

Esquentamos ovos com salmão, fazemos pizza começando pela base. Tenho que admitir que é muito divertido; mas a primeira noite que preparo o jantar sozinho, estou aterrorizada. De pé, na cozinha, rodeada de panelas e frigideiras, os aspargos me saíram muito feitos, e me queimei ao tirar o corte de barba do forno. Disponho-o tudo em pratos e o levo a comilão, onde Henry e Alvorada já ocuparam seus lugares. Henry sorri, e me dedica um olhar corajoso. Sinto-me; Henry levanta seu copo de leite e me dedica um brinde.

-Pela nova cozinheira!

Alvorada entrecoca sua taça com o copo e todos começamos a comer. Miro furtivamente ao Henry enquanto como; e me dou conta de que tudo tem um sabor extraordinário.

-Que bom, mamãe! -exclama Alvorada, e Henry assente.

-É fabuloso, Clare! -apostila Henry.

Olhamo-nos fixamente, e então penso: "Não me deixe".

O que dá voltas acaba por voltar

Segunda-feira 18 de dezembro de 2006; domingo 2 de janeiro de 1994

Henry tem 43 anos

Henry: Me acordado em plena noite com um milhar de insetos me mordendo as pernas com uns dentes afiados como navalhas, e antes de poder sequer tirar um Vicodin do frasco, caio. Endireito-me, estou no chão, mas não é o de nossa casa, a não ser outro chão distinto, em uma noite distinta. Onde estou? A dor provoca que o veja tudo sob um halo de resplendor, mas aqui está escuro, e se adverte um aroma especial... A que me recorda? A leija. A suor. A perfume, um perfume tão familiar... Não, não pode ser.

Ouçõ uns passos subindo a escada, umas vozes, uma chave que desbloqueia várias fechaduras ("Onde posso me esconder?") e a porta que cede. Engatinho pelo chão enquanto a luz se acende com brutalidade e explora em minha cabeça como uma lâmpada de flash. Uma mulher sussurra:

-OH, Meu deus!

"Não, isto não pode estar acontecendo", penso; mas então a porta se fecha e ouço o Ingrid falar.

-Celia, terá que ir.

Celia protesto, e enquanto as duas mulheres permanecem ao outro lado da porta discutindo o tema, Miro a meu redor com desespero, mas não encontro o modo de sair do atoleiro. Este deve ser o apartamento do Ingrid da rua Clark, ao que jamais fui, mas o reconheço porque vejo todas suas coisas, que me trazem lembranças assustadoras: a cadeira Eames, a mesita de centro de mármore em forma de riñon abarrotada de revistas de moda, o espantoso sofá laranja que usávamos para... Miro a meu redor exasperado, procurando algo que me pôr, mas o único objeto que encontro nesta habitação minimalista é uma manta de ponto púrpura e amarelo que desafina com o sofá. Agarro-a e me envolvo nela, dou-me impulso para subir ao sofá e, nesse momento, Ingrid volta a abrir a porta. Permanece em pé e em silêncio durante um bom momento, me olhando, e eu lhe sustento o olhar, e o único no que acerto a pensar é: "OH, Ing, por que cometeu essa atrocidade contigo mesma?".

A Ingrid que pervive em minhas lembranças é o incandescente e loiro anjo da gelidez que conheci na festa de Quatro de Julho de 1988 no Jimbo; Ingrid Carmichel era devastadora e intocável, embainhada em sua armadura reluzente de riqueza, beleza e aborrecimento. A Ingrid que agora me olhe, em troca, é uma mulher pálida e gasta, de olhar duro e cansado; segue de pé, com a cabeça inclinada, me contemplando com surpresa e desprezo. Nenhum dos dois acerta a pronunciar uma só palavra. Ao final, tira-se o casaco, lança-o sobre a poltrona e se apóia sobre o outro extremo do sofá. Leva calças de couro, que rangem um pouco ao sentar-se.

-O que há, Henry?

-Olá, Ingrid.

-O que está fazendo aqui?

-Não sei. Sinto muito. Eu sozinho... Bom, já sabe do que vai -digo, me encolhendo de ombros. As pernas me doem tanto que logo que dou importância ao lugar no que me encontro.

-Te vê jodidísimo.

-Tenho muitíssimo dor.

-Que gracioso. Eu também.

-Refiro-me à dor física.

-por que?

Se do Ingrid dependesse, eu poderia começar a arder por combustão espontânea ante seus mesmos narizes. Retiro a manta de ponto e lhe mostro os cotos. Não retrocede, e tampouco emite um grito afogado. Não aparta a vista, e quando o faz, é para me olhar aos olhos. Então vejo que Ingrid, precisamente Ingrid, compreende-me perfeitamente. Por processos absolutamente distintos chegamos à mesma condição. levanta-se e parte ao outro quarto, e quando retorna, leva o velho mesa de costura na mão. Sinto uma ameaça de esperança, e minhas ilusões se vêem justificadas: Ingrid se senta e abre a tampa. É como nos velhos tempos. No interior uma farmácia completa repousa entre as almofadinhas para os alfinetes e os dedais.

-O que quer?

-Opiáceos.

Revolve uma bolsita de plástico cheia de pílulas e me oferece um sortido; vejo que tem Ultram, e coxo dois. Quando já me traguei isso em seco, Ingrid me oferece um copo de água, que me bebo inteiro.

-Bom -começa a dizer ela, passando-as largas unhas vermelhas pela loira juba-. De que época vem?

-De dezembro de 2006. Que data é hoje?

Ingrid consulta o relógio de pulso.

-Era Ano Novo, mas hoje já é 2 de janeiro de 1994.

OH, não. Por favor, não.

-O que ocorre? -pergunta Ingrid.

-Nada.

Hoje é o dia em que Ingrid se suicidará. O que posso lhe dizer? É possível detê-la? E se chamar a alguém?

-Escuta, Engenheiro Só queria te comentar que... -Duvido. O que posso lhe dizer para não assustá-la? Acaso importa agora, agora que já está morta? Embora esteja sentada em frente de mim?

-O que?

-Só que... -Sua pelo esforço-. Tenta ser pomenorizada contigo mesma. Não... Quero dizer que já sei que não é muito feliz.

-Vá, pois já me dirá de quem é a culpa!

Sua boca grafite de vermelho intenso se franze em uma careta. Não respondo. É minha culpa? A verdade é que não sei. Ingrid me olhe fixamente como se esperasse que lhe respondesse. Desvio o olhar, e fico contemplando o póster do Maholy-Nagy que pendurou na parede oposta.

-me diga, Henry. por que foi tão malvado comigo?

-Tão mau fui? -pergunto-lhe, me forçando a olhá-la-. Não era minha intenção.

-Não te importava se eu vivia ou morria -particulariza ela com um gesto de incredulidade.

OH, Ingrid.

-Claro que me importava. Não queria que morrera.

-Dava-te igual. Abandonou-me, e jamais veio para ver-me ao hospital -me joga em cara Ingrid, como se as palavras a afogassem.

-Sua família não quis que fora a verte. Sua mãe me disse que me mantivera afastado de ti.

-Deveria ter vindo igualmente.

-Ingrid -lhe digo em um suspiro-. Seu médico me proibiu que te visitasse.

-Eu lhes perguntei, e me disseram que jamais te apresentou no hospital.

-Claro que me apresentei. Disseram-me que não queria falar comigo, e que não voltasse.

O analgésico começa a sortir efeito. A dor aguda das pernas se aplaca. Coloco as mãos sob a mantita e coloco as Palmas em meu coto esquerdo, sobre a pele, e logo no direito.

-Estive a ponto de morrer, e você não voltou a me dirigir a palavra.

-Acreditei que não queria voltar a falar comigo. Como ia ou seja que era mentira?

-Casou-te, e não voltou a me chamar jamais. Além disso convidou a Celia à bodas, para te burlar de mim.

Não posso evitar rir.

-Ingrid, foi Clare quem convidou a Celia. São amigas; nunca entendi por que. Suponho que os opostos se atraem. Enfim, nada disso tinha que ver contigo.

Ingrid não diz nada. Está pálida a pesar da maquiagem. Rebusca no bolso do casaco e saca um pacote do English Oval e um acendedor.

-Desde quando fuma?

Ingrid odiava fumar. Gostava da Coca-cola, o álcool de queimar cristalino e as bebidas de nome poético. Extrai um cigarro do pacote com duas largas unhas e o acende. Tremem-lhe as mãos. Dá uma imersão e a fumaça se eleva em volutas de seus lábios.

-Que tal se vive sem pés? Como te aconteceu? Conta-me o -Ah. -Ingrid se recuesta, da una calada a su cigarrillo y extrae una fina voluta de humo de la nariz-.

¡Ojalá hubiera tenido hijos yo!

-Por congelamento. Deprimi-me no parque Grant, em janeiro.

-Como te desagrade?

-Geralmente em cadeira de rodas.

-Já. Miúda mierda.

-Sim. Asseguro-lhe isso.

Ficamos em silencio durante uns minutos.

-Segue casado? -pergunta-me Ingrid.

-Sim.

-Tem filhos?

-Uma menina.

-Ah. -Ingrid se recosta, dá uma imersão a seu cigarro e extrai uma fina voluta de fumaça do nariz-. Oxalá tivesse tido filhos eu!

-Nunca quis ter filhos, Engenheiro

-Sempre quis ter filhos, Henry -me diz, me sustentando o olhar, embora não consigo captar o significado do gesto-. O que ocorre é que pensava que você não queria os ter; por isso nunca te disse nada.

-Ainda poderia ter filhos.

-Ah, sim? -exclama rendo-se-. Acaso tenho filhos, Henry? No ano 2006 tenho marido, uma casa na Winnetka e 2,5 filhos?

-Não exatamente.

Mudança de postura no sofá. A dor minguou, mas persiste uma sombra, um lugar vazio que deveria ocupar a dor mas no que solo se manifesta sua espera

-Como que "não exatamente"? Acaso é como se dissesse: "Não exatamente, Ingrid, porque em realidade é uma vagabunda"?

-Você não é nenhuma vagabunda.

-Vá, assim não sou uma vagabunda. Muito bem, pois perfeito.

Ingrid apaga o cigarro e cruzamento as pernas. Sempre me encantaram suas pernas. Meia umas botas de salto alto. Deve ter ido a uma festa com a Celia.

-Já eliminamos os extremos: não sou uma matrona de classe acomodada e tampouco sou uma vagabunda. Venha, Henry, me dê mais pistas.

Permaneço em silêncio. Não quero jogar.

-Bom, pois exponhamo-lo tipo test. Vejamos... A) Sou uma bailarina de striptease que atua em um clube sórdido da rua Rush. Hummm... B) Estou no cárcere por ter assassinado a Celia a golpes de tocha e alimentada ao Malcolm com seus restos. Né!, não está mau. A ver... C) Vivo no Rio do Sol com um banqueiro especializado em investimentos. O que te parece, Henry? Alguma destas opções te parece convincente?

-Quem é Malcolm?

-O dóberman da Celia.

-Já dizia eu...

Ingrid brinca com o acendedor, acendendo-o e apagando-o.

-Tudo bem: D) Estou morta?

Sobressalto-me.

-Resulta-te uma opção mais válida?

-Não, absolutamente.

-Ah, não? Pois a mim é a que mais eu gosto de -apostila Ingrid sorrindo. Seu sorriso, entretanto, não é bonita, mas bem parece uma careta-. Eu gosto tanto esta última opção que me acaba de ocorrer uma coisa.

Ingrid se levanta, cruzamento a habitação a grandes pernadas e desaparece pelo corredor. Ouço que abre e fecha uma gaveta. Quando retorna, leva-se uma mão à costas. Ingrid se planta frente a mim e exclama:

-Surpresa! -E me aponta com uma arma.

Não é uma pistola muito grande, mas sim mas bem estilizada, negra e reluzente. Ingrid a sustenta à altura da cintura, com toda naturalidade, como se estivesse em um coquetel. Fico olhando a pistola fixamente.

-Poderia te disparar -sugere ela.

-Sim, é certo.

-E logo poderia disparar contra mim.

-Isso também poderia ocorrer.

-Mas é isso em realidade o que ocorre, Henry?

-Não sei, Ingrid. É você quem deve decidi-lo.

-E uma mierda! Faz o favor de me dizer isso ;No, por Dios!

-De acordo. Não. As coisas não acontecem desse modo -lhe digo, tentando soar convincente.

Ingrid esboça uma careta de chateio.

-E o que ocorreria se eu quisesse que as coisas fossem desse modo?

-Ingrid, me dê a pistola.

-Vêem aqui e me tire isso Lunes 18 de diciembre de 2006

Clare tiene 35 años, y Henry 43

-vais disparar me?

Ingrid faz um gesto de negação, sorrindo. Desço do sofá e caio ao chão, arrasto-me para o Ingrid, me levando a manta de ponto, com movimentos lentos devido

à ação do analgésico. Entretanto, Ingrid retrocede, sem deixar de me apontar com a arma. Detenho-me.

-Vamos, Henry, vamos. Perrito bom. Meu perrito de confiança...

Ingrid tira o seguro e dá dois passos em minha direção. Tenso todos os músculos do corpo. Está apontando diretamente a minha cabeça; mas então solta uma gargalhada, e coloca a boca do canhão contra sua têmpora.

-E assim, Henry? Ocorre deste modo?

-Não.

Não, Por Deus!

-Está seguro, Henry? -pergunta, franzindo o cenho e deslocando a arma para seu peito-. Ou é melhor assim? À cabeça ou ao coração, Henry?

Ingrid dá um passo adiante. Poderia tocá-la. Poderia agarrá-la inclusive... Ingrid me dá uma patada no peito, caio para trás e fico tendido no chão, olhando-a, e então ela se inclina sobre mim e me cospe na cara.

-Amou-me?

-Sim -lhe respondo.

-Mentiroso -diz Ingrid, e apura o gatilho.

Segunda-feira 18 de dezembro de 2006

Clare tem 35 anos, e Henry 43

Clare: Me acordado em plena noite e Henry se partiu. Entra-me um ataque de pânico. Incorporo-me na cama. Diversas possibilidades se baralham em minha mente.

Poderiam havê-lo atropelado, possivelmente ficou apanhado em algum edifício abandonado, pode que se encontre à intempérie, a mercê do frio... De repente, ouço um ruído, alguém que chora. Penso que deve ser Alvorada, e que ao melhor Henry foi a ver o que lhe ocorre à menina; assim que me levanto e vou ao dormitório infantil, mas Alvorada está dormida, acurrucada contra seu osito, e as mantas atiradas a um flanco da cama. Percorro o corredor em detrás do som, e no chão da sala de estar, nesse preciso lugar, vejo o Henry cobrindo-a cabeça com as mãos.

-O que te ocorre? -pergunto-lhe me ajoelhando junto a ele.

Henry levanta o rosto e vejo o brilho das lágrimas em suas bochechas obrigado à luz das luzes que entra pelas janelas.

-É pela morte do Ingrid.

Rodeio-o com meus braços.

-Faz muito tempo que Ingrid morreu -digo em voz baixa.

-Anos, minutos... Dá igual -diz Henry, sacudindo a cabeça.

Permanecemos sentados no chão durante um momento, e ao final Henry me pergunta:

-Crie que já é de dia?

-claro que sim.

O céu ainda está escuro. Não canta nem um só pássaro.

-nos levantemos -me propõe.

Trago a cadeira de rodas, ajudo-o a acomodar-se nela e o empurro para a cozinha. Trago-lhe a bata e Henry a põe com dificuldade. Logo se senta à mesa da cozinha e contempla o pátio traseiro talher de neve da janela. ao longe uma máquina máquina de limpar neve avança por uma rua. Acendo a luz. Ponho uma medida de café no filtro, a água na cafeteira e acendo o piloto. vou procurar as taças. Abro a geladeira, mas quando pergunto ao Henry o que gosta de tomar o café da manhã, faz-me

um gesto de negação com a cabeça. Sinto-me à mesa, justo em frente dele, e me olhe. Tem os olhos avermelhados, e o cabelo lhe escapa em todas direções. Tem as mãos magras e a cara pálida.

-Foi por minha culpa. Se não tivesse estado ali...

-Teria podido detê-la?

-Não. Tentei-o.

-Bom, pois já está.

A cafeteira emite umas ligeiras explosões. Henry se passa as mãos pela cara.

-Sempre me perguntei por que não deixou nenhuma nota.

Estou a ponto de lhe perguntar a que se refere quando me dou conta de que Alvorada está na porta da cozinha. Leva a camisola rosa e as sapatilhas verdes do ratoncito. A menina pisca os olhos os olhos e boceja sob a crua luz da cozinha.

-Olá, nenita -lhe diz Henry.

Alvorada se aproxima dele e se abraça a um dos flancos da cadeira de rodas.

-... nossssdíass.

-Em realidade, não é de dia -lhe digo-. De fato, ainda é de noite.

-E vós, por que estão levantados se for de noite? -pergunta Alvorada olisqueando o ar-. Estão preparando café; portanto, é de dia.

-Ah, isto é a velha falácia que determina que o café equivale a que é de dia -precisa Henry-. Sua lógica não se sustenta, colega.

-O que? -pergunta Alvorada, a quem lhe enfurece equivocar-se.

-Apóia sua conclusão em dados equivocados; quer dizer, esqueceste que seus pais são uns demônios do café de primeira categoria, e que é possível que nos tenhamos levantado da cama em plena noite para beber... muitíssimo mais café -grunhe Henry como se fora um monstro, possivelmente um demônio do café.

-Quero café -exige Alvorada-. Eu também sou um demônio do café.

A menina ruge, mas Henry a tira de cima e a deixa no chão. Alvorada dá a volta à mesa e se lança para mim.

-Ruge! -grita-me ao ouvido.

Levanto-me e coxo em braços a Alvorada. Pesa muitíssimo já.

-Ruge você, se quiser.

Levo-a pelo corredor e a sotaque cair sobre sua cama, e ela grita mais que ri. O despertador de seu mesita de noite marca as 4.16 horas.

-Vê-o? -digo-lhe lhe mostrando a hora-. É muito logo para levantar-se.

Depois da obrigada dose de folguedo, Alvorada se mete na cama e eu volto para a cozinha. Henry as arrumou para servir café para os dois. Volto a me sentar. Faz frio.

-Clare.

-me diga.

-Quando tiver morrido... -Henry cala, desvia o olhar, respira fundo e volta a começar-. estive organizando-o tudo, todos os documentos, já sabe: o testamento, cartas dirigidas a outros e coisas para Alvorada... Tudo está em meu escritório.

Não consigo articular palavra. Henry segue me olhando.

-Quando? -pergunto-lhe. Henry move a cabeça de direita a esquerda. -Meses, semanas, dias?

-Não sei, Clare.

Claro que sabe. Sei que sabe.

-Olhou o bilhete, verdade?

Henry titubeia e logo assente. Abro a boca para voltar a lhe formular a mesma pergunta, mas então tenho medo.

Horas, se não dias

Sexta-feira 24 de dezembro de 2006

Henry tem 43 anos, e Clare 35

Henry: Me acordado cedo, tão cedo que o dormitório se vê azulado sob a luz que anuncia a alvorada. Fico tendido na cama; ouço a respiração profunda do Clare, escuto o ruído esporádico do tráfico da avenida Lincoln, os corvos que se chamam entre si, a caldeira que se apaga. Doem-me as pernas. Incorporo-me sobre os travesseiros e localizo o frasco do Vicodin na mesita de noite. Tomo dois pildoras, que trago com ajuda de uma Coca-cola amansada.

Deslizo-me de novo debaixo das mantas e me volto de flanco. Clare dorme de barriga para baixo, com os braços ao redor da cabeça em um gesto protetor. Seu cabelo fica oculto sob a colcha. Clare parece mais miúda sem o volume que lhe confere o cabelo. Recordo a quando era menina, dorme com a simplicidade que a caracterizava quando era pequena. Intento recordar se alguma vez vi ao Clare de pequena dormindo; e me dou conta de que não. É em Alvorada em quem estou pensando. A luz troca. Clare se move, volta-se para mim, de lado. Analiso seu rosto. Tem umas quantas rugas incipientes, a ambos os extremos dos olhos e nas comissuras dos lábios, que insinúan muito levemente o que será seu rosto na maturidade. Jamais verei esse rosto, e o lamento profundamente, o rosto com o que Clare seguirá vivendo sem mim, que jamais beijarei, que pertencerá a um mundo que eu não conhecerei, salvo como uma lembrança do Clare, relegado finalmente a um passado definitivo.

Hoje é o trigesimoséptimo aniversário da morte de minha mãe. pensei nela, desejei estar com ela cada dia ao longo desses trinta e sete anos, e meu pai pensou nela, acredito, constantemente. Se uma fervente memória pudesse ressuscitar aos mortos, ela seria nossa Eurídice, levantaria-se como a senhora Lázaro de sua teimada morte para converter-se em nosso consolo. Entretanto, nenhum de nossos lamentos serviria para lhe outorgar nem um segundo solo de mais a sua vida, nem um batimento do coração mais a seu coração, nem um ápice de fôlego. O único a que me vi impelido por necessidade foi chegar até ela. O que ficará ao Clare quando eu tenha partido? Como posso abandoná-la?

Ouçó alvorada falando na cama.

-Né, né, osito! Silêncio, agora a dormir.

Silêncio.

-Papai?

Observo ao Clare, para ver se se acordada, mas constato que segue ainda dormida.

-Papai!

Volto-me com brio, desembaraço-me das mantas com cuidado e manobro até baixar ao chão. Engatinho até a porta do dormitório, percorro o corredor e entro no quarto de Alvorada. A menina ri brincalhona quando me vê. Dedico-lhe um rugido, e ela me dá golpecitos na cabeça como se eu fora um cão. Está incorporada na cama, em meio de todos os peluches que tem.

-te jogue a um lado, Caperucita Vermelha.

Alvorada se aparta como um raio e me encarapito à cama. A menina dispõe com alvoroço uns quantos brinquedos a meu redor. A rodeio com o braço e me recosto,

e ela me oferece o osito azul.

-Quer comer caramelos brandos.

-É um pouco cedo para comer caramelos, osito azul. Gostam de uns ovos esquentados e uma torrada?

Alvorada esboça uma careta, que forma apertando a boca, as sobrancelhas e o nariz.

-Ao osito não gosta dos ovos.

-Cala. Mamãe está dormindo.

-Vale -sussurra Alvorada, em voz alta-. O osito quer tomar gelatina azul de frutas.

Ouçõ resmungar ao Clare, que começa a levantar-se no outro dormitório.

-Mingau de trigo? -a tato.

Alvorada considera minha oferta.

-Com açúcar moreno?

-De acordo.

-Quer prepará-lo você? -proponho-lhe me deslizando da cama.

-Sim. Posso ir a cavalinho?

Duvido antes de responder. As pernas me doem muitíssimo, e Alvorada já cresceu muito para levá-la nas costas sem que represente um esforço, mas agora já não posso lhe negar nada.

-claro que sim. Salta em cima -lhe digo me pondo a gatas.

Alvorada sobe a minhas costas, e nos encaminhamos à cozinha. Clare está dormitada junto à pia, observando como o café goteja na cafeteira. Subo para ela e lhe dou um cabaçada nos joelhos, e ela agarra à menina pelos braços e a levanta, enquanto Alvorada não deixou nem um minuto de rir como uma louca. Arrasto-me para a cadeira. Clare sorri e pergunta:

-O que há para tomar o café da manhã, cozinheiros?

-Geléia de frutas! -grita Alvorada.

-Mmmm. Como a combinamos? Com pipocas?

-Nooooo!

-Com toucinho defumado?

-Ecs! -exclama Alvorada, abraçando-se ao Clare e lhe atirando do cabelo.

-Auu. Não faça isso, carinho. Bom, pois então o mesclaremos com aveia.

-Com mingau de trigo!

-Geléia de frutas e mingau de trigo, ñam, ñam. -Clare tira o açúcar moreno e o leite, e logo o pacote de mingau de trigo. Deixa-o tudo sobre o mármore e me olhe com ar inquisitivo-. E você, o que tomará? Omelete de geléia?

-Se a preparar você, sim.

Maravilha-me a eficácia do Clare, movendo-se pela cozinha Como se fora Betty Crocker, como se levasse anos dedicada a este tipo de tarefas. "Sobreviverá sem mim", penso enquanto a observo, embora saiba que não é certo. Miro a Alvorada enquanto a menina mescla a água com o trigo, e penso nela aos dez anos, aos quinze, aos vinte. De todos os modos, falta bastante ainda. Ainda não estou acabado. Quero ficar. Quero as ver, quero me abraçar a elas. Quero viver...

-Papai está chorando -sussurra Alvorada ao Clare.

-Isso é porque tem que comer o que eu cozinho -lhe informa Clare, me piscando os olhos o olho, e não fica outro remédio que me jogar a rir.

Véspera de ano novo, dois

Domingo 31 de dezembro de 2006
Clare tem 35 anos, e Henry 43
19.25 horas

Clare: vamos celebrar uma festa! Henry se mostrou um tanto reticente ao princípio, mas agora parece absolutamente satisfeito. Está sentado à mesa da cozinha, ensinando a Alvorada a fazer flores cortando cenouras e rabanetes. Admito que não joguei limpo: o propus diante de Alvorada, e a menina deu tantos saltos de alegria que Henry não pôde suportar a idéia de decepcioná-la.

-Será fantástico, Henry. Convidaremos a todos nossos conhecidos.

-A todos? -questiona-se, sorrindo.

-A todos os que nos caiam bem, claro -apostilo eu.

Essa é a razão de que leve vários dias limpando, e Henry e Alvorada tenham estado assando bolachas (apesar de que a metade da massa fora a parar à boca de Alvorada quando baixávamos o guarda). Ontem Charisse me acompanhou ao loja de comestíveis e compramos molho para os canapés, batatas fritas, apóie cremosas para lubrificar, toda classe de verduras, cerveja, veio, champanha, palillitos de peças de cores, guardanapos com o lema feliz ano novo gravado em dourado, pratos de papel a jogo e Deus sabe quantas coisas mais. Agora a casa inteira cheira a almôndegas e à árvore de Natal, que se seca com rapidez na sala de estar. Alicia também está em casa, está lavando as taças de vinho.

-Ouça, Clare -diz Henry levantando a vista-. Já falta pouco para o espetáculo. Vê te dar uma ducha.

Jogo uma olhada ao relógio e advirto que é certo, já é a hora. Meto-me na ducha, lavo-me o cabelo e me o seco. Ponho-me as braguitas, o prendedor, umas meias e o vestido de coquetel de seda negra, uns bons saltos e uma gotita de perfume, sem me esquecer do pintalábios. O último olhar no espelho (faço uma careta de surpresa) e já estou lista para retornar à cozinha, onde Alvorada, feito muito estranho nela, ainda segue impoluta com seu vestido de veludo azul, e Henry ainda leva posta sua camisa furada de flanela vermelha e alguém nos cubra puídos e destroçados.

-Não vais trocar te?

-Ah, sim. Claro. me ajude, vale?

Empurro a cadeira de rodas para o dormitório.

-O que quer te pôr? -pergunto-lhe, enquanto trato de encontrar umas cueca e uns meias três-quartos em suas gavetas.

-O que mais você goste. Você escolhe. -Henry fecha a porta do dormitório-. Vêem aqui.

Deixo de pinçar no armário e o Miro. Henry aciona o freio da cadeira e manobra para subir à cama.

-Não há tempo -lhe digo.

-Exatamente. portanto, não o desperdicemos falando -me diz com voz fica e mandona.

Fecho a porta com chave.

-É que acabo de me vestir...

-Silêncio. -Agarra-me pelo braço, e eu não resisto, sinto-me junto a ele, e a expressão "por última vez" me vem à mente sem me propor isso Gómez vacía una bolsa llena de discos compactos en el regazo de Henry y sale a limpiar el camino. Charisse ríe y me sigue a la cocina. Saca una botella enorme de vodka ruso y la mete en el congelador. Oímos cantar a Gómez el Let it Snow mientras va abriéndose camino desde uno de los lados de la casa a golpes de pala.

20.05 horas

Henry: O timbre da porta soa justo quando me estou atando a gravata.

-Tenho bom aspecto? -pergunta Clare, nervosa.

Assim é, está rosada e encantadora; e o digo. Saímos do dormitório no preciso instante em que Alvorada põe-se a correr para ir abrir a porta e logo grita:

-Avô, avô! Kimy!

Meu pai golpeia com as botas no chão para desprender-se da neve e se agacha para abraçá-la. Clare o beija em ambas as bochechas. Meu pai o agradece lhe entregando o casaco. Alvorada, por sua parte, leva-se ao Kimy da mão para que veja a árvore de Natal antes inclusive de que se tire o casaco.

-Olá, Henry -diz meu pai sorrindo e inclinando-se sobre mim.

De repente me assalta uma visão: esta noite minha vida inteira desfilará ante meus olhos. convidamos a todos aqueles que mais nos importam: meu pai, Kimy, Alicia, Gómez, Charisse, Philip, Mark, Sharon e os meninos, Gram, Ben, Helen, Ruth, Kendrick, Nancy e seus filhos, Roberto, Catherine, Isabelle, Matt, Amelia, amigos do Clare que são artistas, meus amigos da faculdade de biblioteconomia, os pais dos amigos de Alvorada, a comerciante do Clare e inclusive Celia Attley, ante a insistência do Clare... As únicas ausências se devem a impedimentos de primeira ordem: minha mãe, Lucile, Ingrid... meu deus, me ajude.

20.20 horas

Clare: Gómez e Charisse chegam como uma exalação. Parecem guerreiros kamikazes.

-Né, bibliotecário, estúpido parasita, alguma vez limpa com a pá o caminito?

Henry se aplaude a frente.

-Sabia que tinha esquecido algo!

Gómez vazia uma bolsa cheia de discos compactos no regaço do Henry e sai a limpar o caminho. Charisse ri e me segue à cozinha. Saca uma garrafa enorme de vodca russo e a mete no congelador. Ouvimos cantar ao Gómez o Let it Snow enquanto vai abrindo-se caminho desde um dos lados da casa a golpes de pá.

-Onde estão os meninos? -pergunto ao Charisse.

-Deixamo-los em casa de minha mãe. É Véspera de ano novo; e pensamos que se divertirão mais com a avó. Além disso, decidimos acontecer a ressaca em privado, sabe?

A verdade é que isso é algo que jamais me tinha exposto; não me embebedo desde antes de que Alvorada fora concebida. De repente, a menina entra correndo na cozinha e Charisse lhe dedica um abraço entusiasmado.

-Olá, minha garotinha! Trouxemo-lhe um presente de Natal!

Alvorada me olhe.

-Anda, vá abrir o.

É um diminuto jogo de manicura, que se completa com laca de unhas. Alvorada se ficou com a boca aberta da impressão. Dou-lhe uma cotovelada, e a menina se dá conta.

-Muitíssimas obrigado, tia Charisse.

-De nada, Alvorada.

-vá mostrar se o ao avô -lhe digo, e Alvorada parte correndo para a sala de estar.

Saco a cabeça pelo corredor e vejo alvorada gesticulando nervosa e falando com o Henry, quem lhe tende os dedos como se contemplasse uma uñectomía.

-Fez alvo -digo ao Charisse.

-Esse foi meu grande engano de pequenita. Queria ser esteticista quando fora maior.
-Mas não pôde agüentá-lo e portanto te converteu em artista -lhe digo me renda.
-Conheci o Gómez e me dava conta de que ninguém derrocava o sistema estabelecido, corporativo, misógino, capitalista e burguês fazendo a permanente.
--Claro que tampouco o dobramos vendendo arte.
-Isso o dirá por ti, bonita. O que passa é que você é viciada na beleza, nada mais e nada menos.
-Culpado, culpado, declaro-me culpado.
Caminhamos para a sala de estar e Charisse começa a encher o prato.
-me diga, no que está trabalhando? -pergunto-lhe.
-No vírus informático como expressão artística.
-Vá! -OH, não-. Mas isso, não é ilegal?
-Bom, em realidade, não. Eu sozinho os desenho, e logo Pinto os hTML em um tecido e faço uma exposição. De fato, não sou eu quem os põe em circulação.
-Mas alguém poderia fazê-lo.
-Claro -aponta Charisse com um sorriso malévolos-. E espero que o façam. Gómez se burla, mas alguma destas pinturas poderia causar muitíssimas moléstias ao Banco Mundial, ao Bill Gates e a quão bastardos constróem as caixas automáticas.
-Bom, pois boa sorte. Quando é a inauguração?
-Em maio. Já te enviarei um convite.
-Sim, e quando a receber, converterei nosso ativos em ouro e armazenarei água engarrafada.
Charisse lança uma gargalhada. Nesse momento se unem a nós Catherine e Amelia, e deixamos de falar da arte como médio para conquistar a anarquia mundial e passamos a admirar nossos vestidos de coquetel.

20.50 horas

Henry: A casa está cheia de nossos seres mais queridos, a algum dos quais não tinha visto desde antes da intervenção. Leah Jacobs, a comerciante do Clare, mostra-se diplomática e amável, mas me resulta difícil suportar a piedade que aparece em seu olhar. Celia me surpreende ao dirigir-se diretamente a mim e me oferecer sua mão, que apuro.

-Sinto verte assim.
-Já, você em troca está magnífica -lhe digo, e é certo. Leva o cabelo recolhido muito acima e vai vestida de um azul resplandecente.
-Sim, obrigado -diz Celia com sua fabulosa voz de caramelo de café com leite-. De todos os modos, preferia aquela época em que você foi malvado e eu podia odiar sua pele branco e larguirucho.

-Ah, que aqueles tempos! -o solto me renda.
Celia coloca a mão na bolsa.
-Encontrei isto faz já bastante tempo entre as coisas do Ingrid. pensei que possivelmente ao Clare gostaria de conservá-la.

Celia me mostra uma fotografia. É uma foto instantânea de mim, provavelmente tomada em 1990 mais ou menos. Levo o cabelo comprido e estou rendo, de pé, na praia da rua do Carvalho, e não levo camisa. É uma fotografia fantástica. Não recordo que Ingrid me fizesse isso, mas a verdade é que agora percebo o tempo que passei com o Ing como um grande vazio.

-Sim, arrumado a que gostará. Memento morri -digo a Celia lhe devolvendo a fotografia.
Celia me olhe com traição.

-Não está morto, Henry DeTamble.

-Falta muito pouco, Celia.

-Bom, pois se chegar ao inferno antes que eu -me espeta ela com uma gargalhada-, me guarde um sítio junto ao Ingrid.

dá-se a volta de repente e parte a procurar o Clare.

21.45 horas

Clare: Os meninos brincaram de correr tanto e picaram tantas coisas que agora estão cansados de tanta excitação. Passo junto ao Colín Kendrick na sala de estar e lhe pergunto se quer tornar uma sesta; entretanto, responde-me com grande solenidade que gostaria de ficar acordado com os majores. Comovem-me suas bons maneiras e sua beleza de quatorze anos, o acanhamento que mostra comigo, apesar de que me conhece sempre. Alvorada e Ninguéma Kendrick não se comportam com tanto comedimento.

-Mamáaaa -choringa Alvorada-. Disse que podíamos ficar acordadas!

-Estão seguras de que não querem dormir um ratito? Despertarei justo antes da meia-noite.

-Nooooo.

Kendrick, que está escutando a conversação e é testemunha de meu gesto de impotência, ri.

-O dueto indômito. Muito bem, garotas: por que não ides jogar em silencio ao dormitório de Alvorada durante um momento?

As meninas partem arrastando os pés e resmungando. Entretanto, sabemos que dentro de uns minutos estarão jogando mais felizes que umas páscoas.

-Tinha vontades de verte, Clare -diz Kendrick enquanto Alicia se aproxima de nós.

-Né, Clare. o de papai tem tecido.

Sigo o olhar da Alicia e me dou conta de que nosso pai está paquerando com o Isabelle.

-Quem é essa?

-minha mãe! -exclamo sem poder deixar de rir -.é Isabelle Berk.

Começo a lhe relatar a Alicia as draconianas tendências sexuais do Isabelle, e nos rimos tão forte que quase ficamos sem fôlego.

-Perfeito, perfeito. OH, para já! -queixa-se Alicia.

Richard se aproxima de nós, atraído pela histeria coletiva.

-O que é o que encontram tão divertido, belle donne?

Tentamos despistar com um gesto, mas não podemos reprimir as risitas.

-estão-se burlando dos rituais de emparelhamento da figura que para elas encarna a autoridade paterna -observa Kendrick.

Richard assente, divertido, e pergunta a Alicia qual é o programa de concertos que tem para a primavera. partem juntos para a cozinha, falando do Bucarest e do Bartok. Kendrick segue a meu lado, aguardando o momento de me dizer algo que não quero ouvir. Quando estou a ponto de me desculpar para ir com os outros convidados, põe-me a mão no braço.

-Espera, Clare.

Detenho-me.

-Sinto muito.

-Não passa nada, David.

Ficamos nos olhando fixamente durante uns instantes, e logo Kendrick faz um gesto de desespero e rebusca nos bolsos se por acaso encontra um cigarro.

-Se alguma vez quer te acontecer pelo laboratório, poderia te ensinar o que estive fazendo para Alvorada...

Prego os olhos na concorrência, procurando o Henry. Gómez lhe está ensinando a Sharon a dançar a rumba na sala de estar. Parece que todo mundo se diverte, mas Henry não aparece por nenhum lado. Faz ao menos quarenta e cinco minutos que não o vejo, e sinto uma necessidade imperiosa de encontrá-lo, me assegurar de que se encontra bem, me certificar de que está em casa.

-Perdoa -digo ao Kendrick, quem parece ter vontades de seguir com a conversa-. Em outro momento, quando houver mais tranqüilidade.

Assente. Nancy Kendrick aparece com o Colin pego a suas saias, e sua presença faz inviável que sigamos com o tema. O matrimônio se embarca em uma discussão apaixonada sobre hóquei sobre gelo, e eu me escapulo.

21.48 horas

Henry: Faz muito calor no interior da casa e preciso tomar o ar, por isso estou sentado no alpendre coberto da parte de diante da casa. Ouço às pessoas falar na sala de estar. A neve começa a cair em flocos mais grossos e em maior quantidade; cobre os carros e os arbustos, suaviza suas linhas agressivas e apaga o som do tráfico. É uma noite preciosa. Volto-me e abro a porta que separa o alpendre da sala de estar.

-Né, Gómez.

Gómez vem a passo ligeiro e saca a cabeça pela porta.

-O que?-Saíamos fora.

-Mas se fizer um frio de cojones!

-Vamos, ancião e brando vereador.

Algo em meu tom de voz provoca que minha proposta surta efeito.

-De acordo, de acordo. Espera um minuto.

Gómez desaparece e ao cabo de um momento retorna com seu casaco e o meu. Enquanto me retorço para me pôr isso oferece-me sua cigarreira.

-Não, não, obrigado.

-É vodca. Sairá-te cabelo no peito.

-É incompatível com os opiáceos.

-Ah, claro. Sempre o esquecimento.

Gómez empurra a cadeira pela sala de estar e ao chegar ao alto das escadas me levanta em braços e carga comigo à costas como se eu fora um menino, como se fora um macaco. Saímos pela porta dianteira, ao exterior, e o ar gélido nos adere como um exoesqueleto. Chega-me o aroma de licor que desprende o fôlego do Gómez. Mais à frente do resplendor sódico e vaporoso de Chicago, luzem as estrelas.

-Camarada.

-O que?

-Obrigado por tudo. foste o melhor... -Não lhe vejo o rosto, mas noto que Gómez se há posto rígido atrás de todas essas capas de roupa.

-O que está dizendo?

-Meu gorda particular começou a cantar, Gómez. Me acaba o tempo. Fim da partida.

-Quando?

-Logo.

-Que dia é "logo"?

-Não sei -lhe minto. É muito, muito em breve-. De qualquer modo, solo lhe queria dizer isso Sei que de vez em quando fui um grão no culo -Gómez ri-, mas o passei genial. -Calo uns segundos, porque estou ao bordo das lágrimas-. foi francamente fantástico. - Permanecemos de pé, como os dois machos americanos inarticulados que

somos, com o fôlego que se condensa em forma de nuvem diante de nossos rostos, e com tantas possíveis palavras que ficam sem dizer.

-Entremos -lhe proponho finalmente.

Quando Gómez me deixa com suavidade na cadeira de rodas, abraça-me durante uns instantes, e logo se afasta pesadamente sem olhar atrás.

22.15 horas

Clare: Henry não se encontra na sala, que está tomada por um grupito muito decidido que tenta dançar em uma variedade de estilos farto improváveis a música do Squirrel Nut Zippers. Charisse e Matt marcam uns passos que se parecem com o chachachá, e Roberto dança com considerável soltura com o Kimy, que se move com delicadeza e rapidez, marcando-se uma espécie de foxtrot. Gómez abandonou a Sharon e agora está com o Catherine, que tábua delgada quando lhe faz dar voltas e ri quando ele deixa de dançar para acender um cigarro.

Henry não está na cozinha, que foi ocupada pelo Raoul, James, Lourdes e o resto do grupo de artistas, quem dá de presente os ouvidos com histórias de sucessos terríveis que os comerciantes de arte infligiram aos artistas, e viceversa. Lourdes está contando a anedota do Ed Kienholtz, que criou uma escultura cinética que perfurou o muito caro escritório de seu comerciante e lhe fez um buraco enorme. Todos riem com sadismo, e levanto um dedo em sinal de advertência.

-Que não lhes ouça Leah -lhes digo brincando.

-Onde está Leah? -pergunta James-. Arrumado o que queiram a que ela sim que sabe anedotas suculentas...

James se vai em busca de meu comerciante, que está bebendo conhaque sentada com o Mark nas escadas.

Ben se está preparando um chá. Tem uma bolsita de plástico, com fechamento de cremalheira, cheia de toda sorte de ervas proibidas, que dosa com cuidado com um coador de chá e logo inunda em uma jarra de água fumegante.

-Viu ao Henry? -pergunto-lhe.

-Sim, acabo de falar com ele. Está no alpendre dianteiro. -Ben me espião com a extremidade do olho-. Estou um pouco preocupado por ele. Parece muito triste.

É como se... -Ben cala, e faz um gesto com a mão que significa "Ao melhor equivoco"-. Recordou a alguns pacientes que tive, quando acreditam que já não viverão muito mais...

Dá-me um tombo o coração.

-Está muito deprimido desde o dos pés...

-Já sei; mas falava como se fora a agarrar um trem que estivesse a ponto de sair de um momento a outro, sabe? Há-me dito...

Ben baixa a voz, que de por si está acostumado a ser fica, com o qual apenas o ouço.

-Há-me dito que me queria, e me deu as obrigado... Enfim, a gente, os tios não vão por aí dizendo essas coisas quando acreditam que fica muito tempo por diante, não?

Os óculos do Ben não conseguem ocultar as lágrimas que lhe amontoam nos olhos, fundo-me com ele em um abraço e permanecemos uns minutos nessa posição, meus braços encaixando a esbanjada compleição do Ben. A gente conversa a nosso redor, nos ignorando.

-Não quero sobreviver a ninguém -diz Ben-. Pelo amor de Deus! depois de beber estas beberagens espantosas e me comportar em geral como um maldito mártir durante

quinze anos, acredito que me ganhei o direito a que desfilem todos meus conhecidos ante meu ataúde e digam: "Morreu com as botas postas". Ou um pouco parecido. Conto com que Henry esteja presente e cite ao Donne: "Morte, não mostre seu orgulho, estúpida filha da grande zorra". Será precioso.

-Bom, se Henry não o conseguir, irei eu -lhe digo entre gargalhadas-. Faço uma imitação genial do Henry.

Arqueio uma sobancelha, levanto o queixo e sob o tom de voz.

-"Transcorrido um breve sonho, despertamos eternamente, / e a Morte estará sentada na cozinha, em roupa interior, às três da manhã, resolvendo o palavra cruzada da semana passada..."

Ben solta uma gargalhada. Beijo sua bochecha suave e pálida e vou.

Henry está sentado sozinho, no alpendre dianteiro, às escuras, contemplando como neva. Logo que tive tempo de jogar uma olhada pela janela durante todo o dia, e agora me dou conta de que leva nevando sem parar há horas. As máquinas máquina de limpar neve estralam pela avenida Lincoln, e nossos vizinhos estão fora limpando suas entradas com pás. Apesar de que o alpendre está coberto, segue fazendo frio aqui fora.

-Entra -lhe digo.

Estou junto a ele observando um cão que salta entre a neve ao outro lado da rua. Henry me rodeia a cintura com seu braço e recosta a cabeça em meu quadril.

-Oxalá pudéssemos deter o tempo agora -me diz.

O passado os dedos pelo cabelo. Tem-no mais indomável e grosso do que estava acostumado ao ter antes de que lhe encanecesse.

-Clare.

-me diga, Henry.

-chegou a hora...

-O que?

-Que há... Que eu...

-meu deus. -Sinto-me no divã, de cara ao Henry-, Mas... você não... Fique ! -digo-lhe lhe espremendo as mãos.

-Já aconteceu. Vêem, deixa que me sente junto a ti -diz ele, balançando-se em sua cadeira para subir ao divã.

Ambos nos jogamos sobre o frio tecido. Estou tremendo com este vestido tão leve. Na casa todos riem e dançam. Henry me rodeia com seus braços para me dar calor.

-por que não me disse isso? por que permitiu que convidasse a toda essa gente? Não quero me zangar, mas a verdade é que o estou e muito.

-Não quero que fique sozinho... depois; e queria me despedir de todos. esteve bem, foi nossa última celebração, e foi genial...

Ficamos em silêncio durante um momento. A neve cai em silêncio.

-Que horas são?

-Passam uns minutos das onze -lhe digo consultando o relógio.

meu deus. Henry agarra uma manta da outra cadeira e nos envolvemos com ela. Não posso acreditá-lo. Sabia que não demoraria para chegar o momento, que tinha que ser cedo ou tarde, e aqui está, embora nós sozinho acertemos a seguir jogados, esperando...

-OH! O que poderíamos fazer para impedi-lo? -sussurro ao Henry na nuca.

-Clare...

Sua voz é suave, e levanto o olhar para contemplá-lo. Os olhos lhe brilham pelas lágrimas sob a luz que reflete a neve. Recosto minha bochecha contra o ombro do Henry, e ele me acaricia o cabelo. Ficamos assim durante muito momento. Henry está suando. O passado a mão pela cara e advirto que está quente pela febre.

-Que horas são?

-Quase meia-noite.

-Estou assustada -lhe digo, me agarrando a seus braços e pernas.

É impossível acreditar que Henry, tão sólido, meu amante, este corpo tão real, que agora pressiono contra o minhas com todas minhas forças, vá desaparecer em qualquer momento.

-me beije!

Beijo ao Henry, e logo fico sozinha, sob a manta, no divã, no frio alpendre. Segue nevando. No interior da casa o disco emudece, e ouço que Gómez diz:

-Dez, nove, oito...!

E todos se unem a ele fazendo coro:

-Sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um! Feliz ano novo!

Sonha a explosão de um plugue de champanha e todos começam a falar de uma vez.

-Onde estão Henry e Clare? -pergunta alguém.

Na rua um vizinho lança foguetes. Oculto o rosto entre as mãos e espero.

TERCEIRA PARTE

Tratado sobre o desejo

Quarenta e três anos. O fim de seu insignificante tempo. Seu tempo... que contemplou a Infinitude das inumeráveis gretas da vácuo pele das coisas, e morreu por isso.

A. S. Byatt,

Posse

Ela seguiu devagar, tomando-se muito tempo, como se houvesse algum obstáculo no caminho; e, não obstante, como se, uma vez superado, transcendesse o caminhar, e voasse.

Rainer María Rilke,

Cegada

Final

Sábado 21 de outubro de 1984; segunda-feira 1 de janeiro de 2007

Henry tem 43 anos, e Clare 35

Henry: O céu está espaçoso e caio sobre a alta erva seca ("Que seja rápido"), e apesar de que intento ficar imóvel, sonha o estalar de um fuzil, ao longe, que é obvio não deveria ter nada que ver comigo, embora não é assim: precipito-me ao chão, e Miro meu ventre, que se tem aberto como uma granada, uma sopa de vísceras

e sangue contidas no cálice de meu corpo; não me dói absolutamente ("isso não pode ser bom") mas só acerto a admirar esta versão cubista de minhas vísceras ("alguém corre"). Quão único desejo é ver o Clare antes ("antes"), e grito seu nome ("Clare, Clare").

E Clare se inclina sobre mim, chorando, e Alvorada sussurra:

-Papai...

-Quero-lhes...

-Henry...

-Sempre...

-meu deus, Meu deus, não...

-Por um mundo suficiente...

-Não!

-E o tempo...

-Henry!

Clare: A sala de estar se ficou absolutamente imóvel. Todos permanecem em pé, petrificados, gelados, nos contemplando fixamente. Billie Holiday canta, e alguém apaga o reproduzidor de discos e se faz o silêncio. Sinto-me no chão, sustentando ao Henry. Alvorada está escondida sobre ele, lhe sussurrando ao ouvido, sacudindo-o. Henry tem a pele quente, os olhos abertos, e olhe fixamente algum ponto longínquo. Pesa-me nos braços, pesa tanto... Tem a pálida pele rasgada, tudo está tingido de vermelho, e a carne esquartejada emoldura um mundo secreto de sangue. Embalo ao Henry. Tem sangue nas comissuras dos lábios e se a limpo. Os foguetes seguem explodindo no ar, perto.

-Acredito que será melhor que chamemos à polícia -sugere Gómez.

Dissolução

Sexta-feira, 2 de fevereiro de 2007

Clare tem 35 anos

Clare: Durmo todo o dia. Os sons revoam pela casa: o caminhão do lixo no beco, a chuva, a árvore que repica contra a janela do dormitório. Durmo. Habito no sonho com firmeza, assim o quero, empunhando-o, separando-se de mim os sonhos, negando, negando. O sonho agora é meu amante, meu esquecimento, meu opiáceo, meu desmemória. O telefone não pára de sonar. apaguei a secretária eletrônica, que responde com a voz do Henry. Transcorre a tarde, passa a noite, e também a manhã. Tudo se reduz a esta cama, a este atordoamento infinito que converte os dias em um sozinho, que obriga ao tempo a deter-se, alarga-o e o reduz até que perde seu significado.

Às vezes o sonho me abandona e finjo, como se Etta viesse a despertar para ir à escola. Pausa devagar, profundamente. Mantenho quietos os olhos sob as pálpebras, obrigo à mente a deter-se, e ao cabo de pouco momento o sonho, vendo uma reprodução perfeita de si mesmo, vai para reunir-se com seu fac-símile.

Às vezes me acordado e estiro o braço para tocar ao Henry. O sonho apaga qualquer diferença: entre o passado e o presente; entre os vivos e os mortos. Não me afetam a fome, a vaidade ou as cuidados. Esta manhã vislumbrei minha cara no espelho do banho. Estou gasta, minha pele é como um pergaminho, amarelada, tenho olheiras e o cabelo perdeu seu brilho. Parece que esteja morta. Não desejo nada.

Kimy se sintia aos pés da cama.

-Clare, ouve-me? Alvorada acaba de chegar da escola... Não quer que entre a te saudar?

Finjo estar dormida. As manitas de Alvorada me acariciam o rosto. Me escapam as lágrimas. Alvorada deixa um objeto, possivelmente sua mochila ou a capa do violino, no chão, e Kimy diz:

-te tire os sapatos, Alvorada.

A menina sobe à cama para tornar-se junto a mim. Agarra-me o braço e se acurruca contra meu corpo, colocando a cabeça sob meu queixo. Suspiro e abro os olhos.

Alvorada finge dormir. Fico admirando suas espessas pestanas negras, a boca larga, a pele clara; respira com tino, agarra meu quadril com essa mão forte, cheira a aparas de lápis, colofonia e xampu. A beijo no cocuruto. Alvorada abre os olhos, e então seu parecido com o Henry é mais do que posso suportar. Kimy se levanta e sai do dormitório.

Mais tarde me levanto eu também, dou-me uma ducha e janto sentada à mesa com o Kimy e Alvorada. Quando Alvorada já se deitou, sinto-me ao escritório do Henry, abro as gavetas, saco um montão de cartas e papéis e começo a ler.

Carta para ser aberta no momento de minha morte

10 de dezembro de 2006

Queridíssima Clare:

Escrevo-te sentado a meu escritório, no quarto de atrás; estou olhando para seu estudo, ao outro lado do jardim traseiro, talher de uma azulada neve vespertina.

A paisagem é escorregadia e rangente por efeito do gelo, e tudo permanece imóvel. É uma dessas tardes de inverno em que a frieza de cada um dos objetos parece enlentecer o tempo, como ocorre no estreito centro de um relógio de areia pelo qual o tempo flui, embora com absoluta lentidão. Tenho essa sensação, muito familiar quando me encontro fora do tempo, mas farto improvável em outras ocasiões, de ser miserável como uma bóia pelo tempo, e de que flutuo sem esforço em sua superfície como uma nadadora gorda. Esta noite hei sentido o impulso repentino, agora que me encontro sozinho em casa (partiste-te ao recital que dá Alicia na Santa Luzia), de te escrever uma carta. de repente desejei deixar algo para "depois". Acredito que fica muito pouco tempo. Sinto como se todas minhas reservas de energia, prazer, duração, estivessem-se debilitando, cada vez são mais escassas. Não me sinto capaz de continuar muito mais. Sei que sabe.

Se está lendo esta carta, provavelmente estarei morto. (Digo provavelmente porque nunca se sabe em que circunstâncias podemos chegar a nos encontrar; parece-me amalucado e um tanto soberbo por minha parte anunciar a própria morte como um fato consumado.) Falando do qual... Espero que tudo transcorresse com simplicidade, de maneira limpa e sem ambigüidades. Espero deste modo que a situação não se complicasse muito. Sinto muito. (É como se estivesse escrevendo uma carta de suicídio. Que estranho!) De todos os modos, você sabe: sabe que se pudesse haver ficado, se tivesse podido seguir, sabe que me teria obstinado a cada segundo de minha vida: fora o que fosse esta morte, sabe que me sobreveio e me levou, como um duende se levaria a um menino.

Clare, quero te dizer uma vez mais que te quero. Nosso amor foi o fio que te orienta no labirinto, a rede que se estende sob o funambulista, a única coisa real

nesta vida tão estranha que me há meio doido viver, em que sempre pude confiar. Esta noite sinto que meu amor por ti existe no mundo com maior densidade que minha própria pessoa: como se pudesse subsistir depois de mim e te rodear, te guardar, te sustentar.

Ódio a idéia de te ter esperando. Sei que estiveste me esperando toda a vida, sempre a gastos de quanto durará a última espera. Dez minutos, dez dias acaso. Um mês. Que marido mais incerto fui, Clare! Um marinheiro, Odiseo abandonado e balançado com violência pelas imensas ondas, às vezes artemista, e em ocasiões tão solo um brinquedo dos deuses. Por favor, Clare, quando estiver morto, deixa de esperar e te libere. De mim... me leve no fundo de seu coração e sal ao mundo, vive. Ama este mundo e a ti mesma, te mova nele como se não oferecesse resistência alguma, como se o mundo fora seu elemento natural. Dei-te uma vida de animação interrompida. Não quero dizer com isso que você não tenha feito nada. criaste beleza e sentido com sua arte, e criaste a Alvorada também, que é fabulosa, e para mim... Para mim o foste tudo.

Quando minha mãe morreu, sua figura consumiu a meu pai por completo, e isso é algo que ela teria aborrecido. Cada minuto da vida de meu pai, a partir de então, esteve marcado por sua ausência, cada um de seus atos careceu de dimensão própria porque ela não estava aí para mesurá-los. De jovem não soube compreendê-lo, mas agora sim, agora entendo que a ausência possa estar presente, como um nervo prejudicado, como um ave sombria. Se tivesse que seguir vivendo sem ti, sei que não o conseguiria. Entretanto, espero, conservo uma visão de ti caminhando acalmada, com o brilhante cabelo ao sol. Agora bem, essa visão é algo que não vi com meus olhos, a não ser graças à imaginação, que elabora retratos e sempre quis te pintar radiante; e espero que esta visão se converta em realidade.

Clare, solo fica te dizer uma última coisa, e estive duvidando sobre se lhe deveria contar isso dado que sinto um temor supersticioso de que pelo fato de lhe referir isso não chegue a acontecer (já sei que é uma estupidez, por outra parte), e também porque acabo de te explicar que não deve esperar, e isto poderia converter-se na razão que justificasse uma espera muitíssimo mais larga das que já sofreste. Pois bem, lhe vou contar isso se por acaso mais adiante o necessita.

O verão passado me encontrava na sala de espera do Kendrick quando, de repente, descobri que estava em um corredor escuro de uma casa desconhecida. Tinha-me enredado em um montão de galochas de borracha, e cheirava a chuva. Ao final do corredor distingi um cós de luz que escapava de uma porta e, portanto, dirigi-me devagar e com sigilo para essa porta e espionei no interior do quarto. A habitação era branca, e o sol matutino a iluminava intensamente. Frente à janela, de costas a mim, havia uma mulher sentada, com uma jaqueta de ponto de cor coral e o cabelo comprido e branco que lhe caía pelas costas. Tinha uma taça de chá junto a ela, sobre uma mesa. Devi fazer algum ruído, ou ela notou que tinha a alguém detrás... porque se voltou e me viu, e eu a vi ela, e foi você, Clare. Foi você de anciã, no futuro. Foi muito doce, Clare, foi de uma doçura incomparável, chegar como se viesse da morte para te abraçar, e ver o rastro de todos estes anos em seu rosto. Não te contarei nada mais, e assim poderá deixar voar sua imaginação, disporá dessa cena imaculada até que chegue o momento, que chegará, como deve ser. Voltaremos a nos ver, Clare. Até então, vive de forma plena no mundo, que é tão maravilhoso.

obscureceu já, e estou muito cansado. Quero-te, sempre te querei. O tempo está insignificante.

Henry

Dasein

Sábado 12 de julho de 2008

Clare tem 37 anos

Clare: Charisse se levou a Alvorada, Rosa, Max e Joe a patinar ao Rainbo. Coxo o carro para ir recolher à menina a casa de meus amigos, mas chego antes de hora, e Charisse se atrasa. É Gómez quem me abre a porta vestido com uma toalha.

-Entra -me diz abrindo de par em par-. Quer café?

-Sim.

Sigo-o pela caótica sala de estar até a cozinha. Sinto-me à mesa, que ainda está suja com os pratos do café da manhã, e me faço um pequeno espaço onde poder apoiar os cotovelos. Gómez se move pela cozinha enquanto prepara o café.

-Fazia tempo que não te via.

-estive muito ocupada. Alvorada assiste a várias classes, e me passado o dia levando-a com o carro a todas partes.

-Dedicaste-te à arte? -pergunta Gómez pondo uma taça e um platito diante de mim e vertendo café na taça. O leite e o açúcar estão sobre a mesa, e me sirvo eu mesma.

-Não.

-Já. -Gómez se apóia contra o mármore da cozinha, com as mãos ao redor da taça de café.

A água lhe obscureceu o cabelo, que tem penteado para trás. Nunca me tinha dado conta de que a linha do nascimento do cabelo lhe retrocede.

-E além de fazer de chofer de Sua Alteza, a que te dedica?

"A que me dedico? -penso-. Espero. Reflito. Sinto-me em nossa cama com uma velha camisa de quadros que ainda cheira ao Henry e pausa seu aroma a baforadas.

Dou passeios às duas da manhã, quando Alvorada se encontra sã e salva na cama, passeios larguíssimos para me cansar o suficiente e poder logo dormir. Mantenho conversações com o Henry como se ele ainda estivesse comigo, como se pudesse ver através de meus olhos, pensar com meu cérebro."

-Não faço grande coisa.

-Mmmm.

-E você?

-Bom, o de sempre. A concejalía. Jogo a ser o sofrido paterfamilias. O habitual.

-Sim. -Dou um sorbito de café.

Jogo uma olhada ao relógio que há sobre a pia. Tem forma de gato negro: a cauda oscila para diante e para trás como um pêndulo e os ojazos se movem acordes com cada oscilação, tiquetaqueando de um modo visível. São doze e quarenta e cinco.

-Gosta de comer algo?

-Não, obrigado.

A julgar pelos pratos que há em cima da mesa, Gómez e Charisse comeram melões doces, ovos mexidos e torradas para tomar o café da manhã; e os meninos, Lucky Charms, Cheerios e algo que devia ir lubrificado com manteiga de amendoim. A mesa é como uma reconstrução arqueológica de um café da manhã familiar do século vinte e um.

-Sai com alguém?

Levanto os olhos e Miro ao Gómez-, ainda apoiado no mármore, com a taça de café à altura do queixo.

-Não.

-por que não?

Não é teu assunto, Gómez!

-Não me tinha passado pela cabeça.

-Pois deveria me pensá-lo diz deixando a taça na pia.

-por que?

-Necessita algo novo. Alguém distinto. Não pode ficar sentada durante o resto de sua vida esperando que Henry apareça.

-Claro que posso. Espera e verá.

Gómez dá um par de passos e se coloca a meu lado. inclina-se sobre mim e aproxima sua boca a meu ouvido.

-Acaso não sente falta de... isto? -pergunta-me me lambendo a orelha.

"Sim, sim o sinto falta de."

-te aparte, Gómez -lhe espeto, mas não me movo. Uma idéia me deixa cravada na cadeira.

Gómez me levanta o cabelo e me beija na nuca. "Vêem mim; sim, vêem mim!" Fecho os olhos; e umas mãos me levantam de meu assento, desabotoam-me a blusa. Uma língua no pescoço, nos ombros, os mamilos. Às cegas estendo a mão e noto algodão encaracolado, uma toalha de banho que cai. "Henry". Umas mãos me desabotoam os nos cubra, baixam-me isso e me tendem sobre a mesa da cozinha. Algo cai ao chão, metálico. Comida e faqueiro, a metade de um prato, casca de melão contra minhas costas. Minhas pernas se abrem. Uma língua em meu coão.

-Ohhhh...

"Estamos no prado. É verão. Uma manta verde. Acabamos de comer, o sabor do melão persiste em minha boca." A língua recede e em seu lugar há um espaço vazio, molhado e aberto. Abro os olhos; contemplo um copo de suco de laranja médio cheio. Volto a fechá-los. O firme e regular impulso da verga do Henry dentro de mim.

Sim. "esperei com infinita paciência, Henry. Sabia que voltaria cedo ou tarde." Sim. Pele sobre pele, as mãos nos peitos, empurra, retira-se, ate-se, o ritmo, mais ao fundo, sim, OH...

-Henry...

Tudo se detém. Sonha o tictac de um relógio. Abro os olhos. Gómez me olhe de marco em marco, doído?, zangado? Em um instante se ficou inexpressivo. Estala a portinhola de um carro. Incorporo-me, salto da mesa e roda de pessoas ao banho. Gómez me atira a roupa.

Enquanto me visto ouço que Charisse e os meninos entram rendo pela porta principal.

-Mamãe? -chama Alvorada em voz alta.

-Saio em um minuto! -respondo-lhe chiando.

De pé, sob a tênue luz do banho de ladrilhos rosa e negro, Miro fixamente minha imagem no espelho. Tenho Cheerios no cabelo. Meu reflexo é uma mulher perdida e pálida. Lavo-me as mãos e intento me pentear o cabelo com os dedos. "O que estou fazendo? Como pude me converter em alguém assim?"

Uma resposta me assalta entre todas: "Agora é você a viajante".

Sábado 26 de julho de 2008

Clare tem 37 anos

Clare: A recompensa de Alvorada por ter paciência nas galerias, enquanto Charisse e eu olhamos exposições, é ir ao Ed Debevic's, um falso restaurante que faz um grande negócio com os turistas. Nada mais entrar pela porta captamos uma tremenda carga sensorial que remete a 1964. Os Kinks tocam a todo volume, e há letreiros por toda parte.

se fosse um bom cliente de verdade, pediria mais!
por favor, fala com clareza quando fizer seu pedido.
nosso café é tão bom que nos bebemos isso nós!

Hoje sem dúvida é o dia dos globos de animais; um senhor com um chamativo traje púrpura retorce um cão salsicha para Alvorada, e logo o converte em um chapéu e o estabelece na cabeça. A menina ri envergonhada. Fazemos fila durante meia hora e Alvorada não se queixa; observa, em troca, aos garçons e as garçonetes flertar entre si, e avalia em silêncio os globos de animais que têm outros meninos. Finalmente, um garçom que leva umas grosas óculos de concha e uma etiqueta com o nome do SPAZ acompanha a um reservado. Charisse e eu folheamos nossas cartas para tentar encontrar algo de comer que não sejam batatas fritas com o Cheddar e pão de carne. Alvorada se limita a cantarolar as palavras "vitamina de leite" sem parar. Quando Spaz volta a aparecer, Alvorada sofre um ataque repentino de acanhamento e devemos persuadi-la para que lhe diga ao garçom que gostaria de tomar uma vitamina de manteiga de amendoim (e meia ração de batatas fritas, porque, conforme lhe explico, está muito mal visto tomar tão solo uma vitamina para almoçar). Charisse pede macarrão com queijo, e eu um sanduíche de beicon, alface e tomate. Quando Spaz parte, Charisse fica a cantar.

-Alvorada e Spaz, sentados em uma árvore, be-sán-do-é...

Alvorada fecha os olhos e se leva as mãos aos ouvidos, negando com a cabeça e sorrindo. Um garçom, com uma etiqueta que põe BUZZ, passeia-se ufano pela barra, onde se servem as comidas cantando em karaoke a canção do Bob Seger, I Love That Ouçam Teme Rock and Roll.

-Não suporto ao Bob Seger -diz Charisse-. Crie que demorou mais de trinta segundos em escrever essa canção?

A vitamina chega em um copo alto com uma pajita flexível e uma batedeira de metal, que contém o líquido que não cabia no copo. Alvorada se levanta para beber-lhe e fica nas pontas dos pés para alcançar o melhor ângulo possível do qual sorver sua vitamina de manteiga de amendoim. O chapéu de cão salsicha teima em lhe escorregar pela frente, interferindo em sua concentração. A menina me olhe desde suas espessas pestanas negras e se levanta o chapéu até que fica enganchado à cabeça graças à eletricidade estática.

-Quando vem papai a casa? -pergunta-me.

Charisse emite o ruído que alguém faria quando lhe sobe acidentalmente um gole do Pepsi pelo nariz e começa a tossir, e eu lhe dou uns golpecitos nas costas até que, por meio de sinais, indica-me que me detenha.

-Em 29 de agosto -digo a Alvorada, quem segue sorvendo ruidosamente os restos da vitamina, enquanto Charisse me olhe com ar de recriminação.

Mais tarde, subimos ao carro e conduzo pelo passeio da Ribeira do Lago, enquanto Charisse mede as emissoras da rádio e Alvorada dorme no assento traseiro. Saio

pelo Irving Park e Charisse me diz:

-Alvorada não sabe que Henry está morto?

-claro que sim. Ela o viu -recordo ao Charisse.

-Então, por que lhe contou que iria casa em agosto?

-Porque é certo. Ele mesmo me deu a data.

-Ah. -Apesar de que meus olhos não se apartaram da estrada, noto que Charisse me olhe fixamente-. E isso... não é um tanto estranho?

-A Alvorada adora.

-Mas em seu caso...

-Eu jamais o vejo. -Intento manter um tom de voz animado, como se não me torturasse a injustiça da colocação, como se o ressentimento não se cevasse em mim quando Alvorada me conta suas saídas com o Henry, mesmo que apuro até o fundo cada um dos detalhes.

"por que eu não, Henry?", pergunto-lhe em silêncio enquanto entro no caminito infestado de brinquedos do Charisse e Gómez. "por que só Alvorada?" Entretanto, como é habitual, minha pergunta carece de resposta. como sempre, assim são as coisas. Charisse me beija e sai do carro, caminha pacificamente para a porta principal, que se abre de par em par por arte de magia e revela as figuras do Gómez e Rosa. A menina vai saltitando e mostra algo ao Charisse, que aceita o obséquio e lhe dedica umas palavras antes de lhe dar um tremendo abraço. Gómez não aparta o olhar de mim e, ao final, saúda-me levemente com a mão, saudação que lhe devolvo antes de que ele me dê as costas. Charisse e Rosa já entraram, e a porta se fecha atrás deles.

Fico sentada no caminito de entrada, com Alvorada dormida no assento de atrás. Os corvos caminham pela grama infestada de dentes de leão. "Henry, onde está?" Apoio a cabeça no volante. "me ajude." Ninguém responde a meus rogos. Ao cabo de um minuto, ponho a marcha atrás, saio do caminito e dirijo a nossa casa, que nos aguarda em silêncio.

Sábado 3 de setembro de 1990

Henry tem 21 anos

Henry: Ingrid e eu perdemos o carro e estamos bêbados. Bêbados em plena noite. andamos e retrocedeu a rua, caminhamos em círculo, e nem rastro do carro. Jodido Lincoln Park. Jodidas Gruas Lincoln. Mecagüendiós.

Ingrid está cabreadísima. Caminha diante de mim, e suas costas inteira, inclusive o modo em que move os quadris, anuncia seu encho o saco. De algum modo é minha culpa. Jodido clube noturno de Park West. por que alguém se decidiria a pôr um clube no maldito yupilandia do Lincoln Park, onde não pode deixar o carro mais de dez segundos sem que as Gruas Lincoln o levem a sua guarida para gabar-se da presa?...

-Henry.

-O que?

-Aí está outra vez essa menina.

-Que menina?

-A que vimos antes. -Ingrid se detém, e me fixo no lugar para onde assinala.

A menina está de pé, na entrada de uma floricultura. Leva algo escuro, assim que quão único posso ver é seu branco rosto e seus pés descalços. Possivelmente tenha uns sete ou oito anos; é muito pequena para estar sozinha em plena noite. Ingrid se aproxima da menina, que a observa impassível.

-Está bem? -pergunta-lhe Ingrid-. Te perdeste?

A menina me olhe e diz:

-Tinha-me perdido, mas agora imagino que já sei onde estou. Obrigado -acrescenta, educada.

-Quer que lhe levemos a casa? Poderíamos te levar se finalmente conseguimos encontrar o carro -lhe confia Ingrid, inclinando-se sobre ela até que seu rosto fica a uns trinta centímetros de distância do dele.

Quando me aproximo delas, vejo que a menina leva uma jaqueta de homem que chega aos tornozelos.

-Não, obrigado. De todos os modos vivo muito longe.

A menina tem o cabelo comprido e negro, e uns olhos escuros surpreendentes; sob a luz amarelada da floricultura, poderia passar por uma menina vitoriana, ou pela Ann do DeQuincey'S.

-Onde está sua mãe? -pergunta-lhe Ingrid.

-Em casa. Não sabe que estou aqui -me diz sorrindo.

-Escapaste-te? -digo-lhe.

-Não -responde rendo-. Estava procurando a meu papai, mas suponho que chego muito cedo. Voltarei logo.

escapule-se do Ingrid e me aproxima com estupidez, agarra-me pela jaqueta e tira de mim.

-O carro está ao outro lado da rua -me sussurra.

Miro para onde a menina me indica e aí está: o Porsche vermelho do Ingrid.

-Obrigado... -começo a lhe dizer, e a menina me lança um beijo que aterrissa junto a meu ouvido, e logo parte correndo pela calçada, com os pés mordendo o asfalto enquanto eu sigo olhando-a, sem perder a de vista.

Ingrid está calada quando entramos no carro. Para romper o silêncio, digo-lhe:

-Que estranho.

Ela suspira.

-Henry, para ser uma pessoa lista, às vezes pode ser muito obtuso.

E me deixa diante de meu apartamento sem mediar palavra.

Domingo 29 de julho de 1979

Henry tem 42 anos

Henry: Encontro-me em algum momento do passado, sentado na praia do Farol com Alvorada. Ela tem dez anos, e ambos estamos viajando através do tempo. A tarde é cálida, possivelmente é uma tarde de julho ou agosto. Levo uns nos cubra e uma camiseta branca que roubei que uma mansão muito bonita do North Evanston; Alvorada leva uma camisola rosa que agarrou do varal de uma anciã. Fica muito comprido, e o atamos à altura dos joelhos. A gente não cessou que nos olhar com estranheza durante toda a tarde. Suponho que não respondemos precisamente ao protótipo de pai e filha que vai passar o dia à praia; mas tiramos partido da situação: nadamos e construímos um castelo de areia. Também comemos perritos quentes e batatas fritas que compramos no posto ambulante do estacionamento. Não levamos manta nem toalhas, por isso temos areia úmida pega ao corpo e estamos cansados, embora satisfeitos, e nos sentamos a olhar aos meninos que brincam de correr entre as ondas e aos perrazos tolos que trotam atrás deles. O sol se vai pondo a nossas costas enquanto contemplamos a água.

-me conte uma história -diz Alvorada apertando-se contra mim como a massa cozida quando se esfria.

-Que classe de história? -pergunto-lhe lhe passando um braço pelo ombro.

-Uma boa história. Uma história sobre ti e mamãe, quando mamãe era pequena.

-Hummm. Vale. Havia uma vez...

-Quando acontece?

-Em todo momento e de uma vez. Faz muito tempo e agora mesmo.

-As duas coisas de uma vez?

-Sim, sempre de uma vez.

-Como pode ser que aconteçam de uma vez?

-Quer que te conte esta história ou não?

-Sim...

-Muito bem, pois. Havia uma vez uma mamãe que vivia em uma casa muito grande junto a um prado, e no prado havia um lugar chamado a clareira, onde estava acostumado a ir jogar. Um dia muito bonito sua mãe, que tão solo era uma cosita pequenita com um cabelo que avultava mais que ela, foi ao claro e descobriu que aí havia um homem...

-Sem roupa!

-Sem uma só costura para cobri-lo. depois de que sua mãe lhe desse uma toalha de praia que casualmente levava em cima, para que ele pudesse ficar algo, esse homem lhe explicou que era um viajante do tempo, e por alguma razão lhe acreditou...

-Porque era verdade!

-Bom, sim, mas a menina não tinha modo de sabê-lo. Enfim, lhe acreditou, e mais tarde foi o bastante parva para casar-se com ele, e aqui estamos.

Alvorada me gorjeta um murro no estômago.

-Conta-o bem! -exige-me.

-Uf. Como quer que te explique coisas se me golpear desse modo? Caray!

Alvorada fica calada e logo diz:

-por que alguma vez visita mamãe no futuro?

-Não sei, Alvorada. Se pudesse, iria.

O azul se volta mais intenso no horizonte e a maré retrocede. Levanto-me e ofereço a Alvorada a mão para atirar dela. Enquanto ela se limpa a areia da camisola, dá um tropeções e exclama:

-OH!

Dito o qual, parte. Eu fico na praia, com uma camisola de algodão molhado entre as mãos e contemplando os finos rastros das pegadas de Alvorada sob a luz que morre.

Renascimento

Quinta-feira 4 de dezembro de 2008

Clare tem 37 anos

Clare: A manhã é fria e luminosa. Abro com chave a porta do estudo e me sacudo a neve das botas. Subo as persianas e acendo o aquecedor. Ponho ao fogo a cafeteira, detenho-me no espaço livre que preside o estudo e Miro a meu redor.

O equivalente a dois anos de pó e quietude repousa sobre todas as superfícies. Minha mesa de desenho está limpa. A batedeira se ergue podada e vazia. Os moldes e as barbas estão alinhados à perfeição, e aparas de arame de armação seguem intactas junto à mesa. Pinturas e pigmentos, potes com pincéis, ferramentas e livros; tudo está tal qual o deixei. Os esboços que peguei à parede amarelaram e se dobraram. Os desapego e os tiro ao cesto de papéis.

Sinto-me à mesa de desenho e fecho os olhos.

O vento faz que os ramos das árvores dêem golpecitos à fachada lateral da casa. Um carro salpica de neve lamacenta o beco. A cafeteira assobia e gorgotea enquanto cospe o último jorro de café. Abro os olhos, tremo e me abraço ao pulôver.

Ao despertar esta manhã hei sentido o impulso de vir aqui. Foi como um estalo de luxúria: uma entrevista com meu antigo amante, a arte. Entretanto, agora me encontro sentada, esperando que algo ocorra... e não passa nada. Abro um arquivo plano e saco uma folha de papel tingido de índigo. Pesa e é algo tosco, de um azul intenso e frio ao tato como o metal. Deixo-o sobre a mesa. Levanto-me e fico olhando-o fixamente durante um momento. Saco duas partes de um bolo suave e branco e os sopeso na palma da mão. Logo os devolvo a seu sítio e me sirvo café. Contemplo a parte traseira da casa através da janela. Se Henry não se partiu, talvez estaria sentado a seu escritório, possivelmente me estaria olhando desde sua janela. Embora talvez estaria jogando ao Scrabble com Alvorada, ou lendo gibis, ou preparando sopa para almoçar. Tomo um sorvo de café e intento sentir que o tempo retrocede, procuro anular a diferença que existe entre presente e passado. Solo minha memória me retém aqui. Tempo, deixa que me desvaneça. "O que então separemos por nossa mesma presença, poderá unir-se."

Fico ante a folha de papel sustentando um bolo branco. O papel é imenso, e começo pelo centro, dobrando-o, embora saiba que estaria mais cômoda com o cavalete. Meço a figura, na metade de seu tamanho natural: o cocuruto, os riñones, o talão. Faço um esboço da cabeça. Desenho someramente, de cor: uns olhos vazios a metade do crânio, um nariz largo e uma boca inclinada e ligeiramente aberta. As sobrancelhas se arqueiam pela surpresa: OH, trata-se nada mais e nada menos que de mim. O queixo aquilino e a mandíbula arredondada, a frente alta e as orelhas logo que insinuadas. O pescoço, e os ombros que descendem em pendente para uns braços que cruzam o peito com afã protetor, a base das costelas, o estômago saído, os quadris generosos, as pernas um pouco dobradas, e os pés assinalando para baixo, como se o personagem estivesse suspenso no ar. Os pontos de medição são como estrelas no céu noturno e índigo do papel; e a figura é uma constelação. Marco uns pontos ressaltados e o personagem se volta tridimensional, uma vasilha de cristal. Risco os rasgos com cuidado, acredito a estrutura do rosto, acrescento-lhe os olhos, que me olham, atônitos por sua repentina existência. O cabelo se ondula no papel, flutuando imaterial e imóvel, a seqüência linear que converte o corpo estático em dinâmico. Que mais há neste universo, neste desenho? Mais estrela, longínquas. Rebusco entre minhas ferramentas e encontro uma agulha. Penduro com cinta adesiva o papel sobre a janela e começo a cravá-lo até encher o de agujeritos diminutos, e cada um dos alfilerazos se permuta em um sol de outro sistema planetário. Quando já tenho uma galáxia cheia de estrelas, resigo a figura perfurando-a, em uma rede de lucecitas. Observo minha semelhança, e ela me devolve o olhar. Coloco o dedo em sua frente, e lhe digo:

-te desvaneça.

Entretanto, ela ficará; serei eu a que se desvaneça.

Sempre de novo

Quinta-feira 24 de julho de 2053

Henry tem 43 anos, e Clare 82

Henry: Encontro-me em um corredor escuro, ao final do qual há uma porta ligeiramente entreabrida e uma luz branca que se derrama pelo bordo. Caminho devagar e em silêncio para a porta, e Miro com cautela o interior do quarto. A luz da manhã alaga a habitação e me resulta cegadora ao princípio, mas enquanto me acostuma a vista, vejo que no quarto há uma singela mesa de madeira, junto à janela. Uma mulher está sentada, de cara ao exterior. Vejo uma taça de chá à altura de seu cotovelo. Fora se divisa o lago, as ondas se precipitam para a borda e retrocedem em uma calmosa repetição que se converte em imobilidade ao cabo de uns minutos. A mulher está absolutamente quieta, e algo nela me resulta familiar. É uma anciã; tem o cabelo completamente branco, e lhe cai pelas costas, em um fino reguero, sobre uma ligeira corcunda de matrona. Leva um pulôver da cor do coral. A curva de seus ombros, a rigidez de sua postura indicam que se trata de alguém muito cansado, parecido a mim em meu cansaço. Ao me mover, o estou acostumado a range; a mulher se volta e me vê, e seu rosto se contrai em uma expressão de alegria. De repente fico atônito; trata-se do Clare, Clare já anciã! E ela se aproxima de mim, muito devagar, e eu a tomo entre meus braços.

Segunda-feira 14 de julho de 2053

Clare tem 82 anos

Clare: Esta manhã o céu está espaçoso; a tormenta pulverizou ramos pelo pátio, que agora sairei a recolher. A areia da praia trocou que lugar, e jaz fresca em um manto nivelado e perfurado pelo rastro da chuva. Estou sentada à mesa do comilão com uma taça de chá, olhando a água, escutando. Esperando.

Hoje não é um dia muito distinto de outros. Levanto-me o amanhecer, ponho-me umas calças de moletom e um pulôver, escovo-me o cabelo, faço-me uma torrada, preparo chá e me sinto a contemplar o lago, me perguntando se ele virá hoje. A situação não varia muito de todas essas vezes que ele partiu e eu fiquei esperando, salvo que nesta ocasião tenho instruções: esta vez sei que finalmente Henry virá. Às vezes me pergunto se esta prontidão, esta esperança, impede que aconteça o milagre. Entretanto, não fica alternativa. Ele vai vir, e aqui me encontrará.

Assim disse, e nele foi crescendo um desejo de pranto,
e chorava abraçado a seu fiel e amadíssima algema.
Assim como a terra aparece tão grata aos náufragos
aos que Poseidón no medo do mar jogou a rivalidade
o harmônico casco de navio, a mercê das ondas e o vento,
e uns poucos conseguem sair da espuma nadando
e a borda alcançar, e seus corpos de sal se vestiram
e com júbilo pisam na terra, já a salvo de maus,
assim ver seu marido era doce também para ela
e seus braços nevados seguiam em torno de seu pescoço.

Homero,

Odisséia;

translação em verso do Fernando Gutiérrez